





O ENSINO PUBLICO PRIMARIO

EM

Portugal, Hespanha, França e Belgica

o ENSINO PUBLICO PRIMARIO

EM

Portugal, Hespanha, França e Belgica

Escolas primarias elementares e superiores, maternas,
profissionais, normas, asylos
e jardins infantis, museus pedagogicos, etc.

RELATORIO

APRESENTADO

A' INSPECTORIA GERAL DE INSTRUCCÃO PUBLICA DA CAPITAL FEDERAL

PELO PROFESSOR

Luiz Augusto dos Reis

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1892

V 372
R375
EPP
1892

PARTE PRIMEIRA

PORTUGAL E HESPAÑA

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

com o número 5.545

do ano de 1946

O ENSINO PUBLICO PRIMARIO EM PORTUGAL E HESPAÑA

Sr. Inspector Geral,

Só hoje, infelizmente, posso dar-vos conta do meu trabalho no desempenho da honrosa e ardua commissão que me foi confiada pelo immortal patriarcha e fundador da Republica Brasileira, primeiro ministro da Instrucção Publica em nosso paiz, Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, tão prematuramente roubado á patria, que tanto o estremecia, e que hoje debruça-se saudosa á beira do seu tumulo, rememorando-lhe as virtudes e o patriotismo, que jámais serão excedidos e que nunca serão olvidados.

Como sabeis, Sr. Inspector, na epocha do meu embarque já se dizia nesta Capital que o inverno começava na Europa com um rigor fóra do commum. Estas noticias me forçaram a tomar passagem no paquete *Magdalena* da *Mala Real Ingleza*, com destino a Lisboa, pois é sabido que em Portugal o clima é sempre mais brando que em outros paizes da Europa, e portanto, o mais conveniente para que comece uma viagem quem, como eu, se retirava do Brazil a 30 de Dezembro, já sob a influencia de uma temperatura bastante elevada. Podia, pois, ser prejudicial á minha saude e tambem ao desempenho dos meus deveres uma transição tão brusca.

Infelizmente era uma verdade o que se dizia em relação ao inverno deste anno e que causou pasmo aos proprios europeus. Confesso que em Portugal tive momentos de verdadeiro desespero, porque, mais que tudo, preocupavam-me os comentarios e apreciações, nem sempre justas, dos meus concidadãos, ignorantes das difficuldades que me retinham durante tanto tempo em um mesmo logar, aliás aquelle em que menos havia que ver no tocante aos assumptos da minha commissão.

A baixa da temperatura e as chuvas continuadas privavam-me muitas vezes de sahir á rua. As auctoridades ás quaes me tinha de dirigir não eram, por esse justo motivo, encontradas nas repartições e as proprias escolas eram pouco frequentadas ainda mesmo nos melhores dias.

Neste ponto abstenho-me de fazer mais considerações, visto saber que as noticias de um inverno tão rigoroso chegaram ao Rio de Janeiro bastante minuciosas para assignalarem o extraordinario numero de victimas por elle feitas e que tal facto não vos é extranho. Cumpre-me, porém, falar deste acontecimento que tanto serviu para difficultar o bom desempenho da minha commissão.

Vendo-me forçado a demorar-me em Portugal, tratei de não perder o meu tempo e de ver o que havia de bom nesse paiz relativamente á instrucção publica, e com especialidade sobre ensino primario, museus pedagogicos, etc. Quando me era totalmente impossivel cuidar do que era concernente ao mandato que me foi confiado, tratava de illustrar o meu espirito, vendo obras da arte, bibliothecas, monumentos notaveis, estabelecimentos importantes.

Folgo ter de declarar que são injustas as aprécições que aqui muitos fazem sobre Portugal e especialmente sobre o seu ensino publico. Posso dar por bem empregado o tempo que gastei vendo esse bello paiz, em que peze aos que nunca d'aqui sahiram, que nunca o viram e que delle falam por informações suspeitas ou injustas.

Das escolas que visitei em Lisboa e Porto devo dizer que me deixaram a melhor impressão, maxime quanto ao corpo docente que, na sua quasi totalidade, é competentissimo. Affirmo que é um professorado intelligente, dedicado e illustrado. Lucta com grandes difficuldades para viver, sendo obrigado a descurar muitas vezes, com grande pezar, os deveres officiaes para procurar a manutenção exigida pelas leis imperiosas da natureza. E' que nenhum dos professores portuguezes poderia manter-se e á sua familia se não tivesse muitas licções particulares, de fôrma que vivem esses homens sem um momento de descanso, verdadeiros Ashaverus do ensino, a caminhar de porta em porta, desgostosos, por esse facto, da profissão nobilissima que abraçaram, sem esperanças de melhores dias. E' de notar, não obstante, que as suas condições melhoraram muito, segundo elles mesmos me affirmaram, depois que o ensino primario foi confiado á municipalidade, pois até então a politica influiu sobre o animo do professor e sobre as escolas de uma fôrma altamente perniciosa. Ainda hoje essa influencia se faz sentir, mas por felicidade delles e da escola popular, menos despotica e menos anti-patriotica.

O que seria para nós, brazileiros, uma verdadeira infelicidade, um verdadeiro desastre — a entrega do ensino primario ás municipalidades, — attentas as condições de vida dessas corporações, que todos nós conhecemos, tem sido para os professores de Lisboa um meio de melhoramento á sua posição pecuniaria e á sua importancia social.

E' possivel que eu esteja enganado na apreciação que faço das municipalidades brazileiras sobre um ponto que já tem merecido a attenção de alguns estadistas, que, felizmente, depois de sério estudo, põem de lado a idéa de se entregar o ensino ás camaras municipaes. E', porém, isto uma convicção que nutro e que, julgo, é partilhada por todo o professorado, que não deseja sujeitar-se a tal experiencia, embora seja esta uma das bases do systema democratico, do qual algumas

fórmulas podem perfeitamente continuar a ser sacrificadas em beneficio do paiz.

Como sabeis, Sr. Inspector, a municipalidade desta Capital possúe hoje [algumas escolas boas, funcionando em predios regulares e tendo um pessoal docente distinctissimo. Essa corporação docente é cercada de certas garantias. Para isso concorrem: em 1º logar, o ser diminuto o numero de escolas que possúe, pelo que se tornam alvo de todos os desvelos municipaes, e em 2º logar, uma certa emulação, um certo desejo louvavel e patriotico de tornal-as iguaes ou superiores às do governo. No dia, porém, em que todas as escolas fossem entregues na capital á municipalidade, sem que a essa entrega presidisse uma reforma radicalissima, e que aliás é urgentemente reclamada, nas instituições municipaes; no dia em que não houvesse confronto possivel, em que desapparecesse a emulação, a municipalidade, em vez de possuir 10 ou 12 escolas boas, passaria a possuir 150 ou 200 pessimas.

Não seria, portanto, sem o meu humilde protesto que se tomaria tal deliberação, pois nem tudo do estrangeiro se adapta ao nosso meio.

Si faço aqui estas considerações, que a muitos parecerão descabidas, é porque tenho obrigação de dizer a verdade sobre o que vi nos paizes europeus, e porque sei que ha quem pense em entregar o ensino às municipalidades em meu paiz; é porque sei que ha espiritos de tal fórma atidos ao convencionalismo das fórmulas politicas, que não duvidam sacrificar a essas fórmulas as questões mais sérias e que mais importam ao engrandecimento patrio.

Não podia calar o que vi, não só em Portugal como nos outros paizes, nem deixar tambem de escrever o que me affirmaram aquelles a que tive de recorrer para informar-me no desempenho dos meus deveres.

Folgarei immenso se estiver enganado. O que posso desde já declarar é que vos direi neste relatorio, franca e minu-

ciosamente, tudo quanto vi em Portugal, Hespanha, França e Belgica.

São muitas as pessoas da alta ou da classe média de Lisboa que não mandam os filhos á escola. D'ahi a razão por que os professores, logo que terminam as aulas publicas, vão leccionar particularmente, augmentando assim com umas verdadeiras migalhas pecuniarias os seus rendimentos. O que acontece é que o professor não será muito culpado se algumas vezes não fôr visto á hora regimental na aula, que não raro estará fatigado e que atravessará uma vida cheia de tribulações.

E' essa, pôde-se dizer, a falta mais grave que se encontra no ensino primario em Portugal. Que os professores são dedicados á carreira que abraçaram, vê-se pelo facto de terem muitos delles viajado. Quasi todos os professores com que tive a honra e o prazer de travar relações, já percorreram, estudando minuciosamente e com o maior e mais louvavel interesse, a Hespanha, a França, a Belgica, a Italia, a Suissa, e até a Suecia. Para esse fim obtêm licença por um anno, ou por mais tempo, assim como pequenas gratificações, e porque a distancia de Portugal a esses centros illustrados não é a mesma que do Brazil e são quasi as mesmas as condições climatericas, são muitos os que podem contar as impressões de suas viagens, introduzir melhoramentos nas suas escolas, illustrar o seu espirito.

O ensino primario em Portugal, como já disse, está entregue ás municipalidades, mas sob a direcção geral do Ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes.

A proposito devo dizer que todos os paizes europeus têm um Ministerio da Instrucção Publica.

Nós ha pouco o possuímos, fundado pelo grande espirito apprehendedor de Benjamin Constant ; ha, porém, quem pense já em destruir essa criação do grande patriota brasileiro !

No desempenho da minha commissão em Lisboa fui immensamente auxiliado por um joven e intelligente compatriota que

ahi reside com sua familia, o Sr. João Francisco Lisboa, ex-discipulo do Dr. Menezes Vieira, que para elle me deu uma carta de recommendação. A esse moço brasileiro devi o ser apresentado a varias notabilidades portuguezas, e seria falta imperdoavel o não manifestar-lhe aqui o meu reconhecimento.

Graças á obsequiosidade do nosso distincto consul em Lisboa, o Sr. Commendador João Vieira da Silva, que tudo me facilitou e que me deu uma carta de apresentação para o Sr. Conselheiro Frederico de Abreu Gouvêa, director da secção de Instrucção Publica e graças tambem ao cavalheirismo do vereador incumbido dos negocios do ensino, bem como do Sr. João José de Souza Telles, director geral do serviço da instrucção publica na Camara Municipal, tive entrada franca em todas as escolas publicas e normaes de Lisboa e Porto.

Visitei, pois, muitas escolas portuguezas e darei aqui uma noticia das principaes.

As escolas publicas de Lisboa estão divididas em 3 categorias: *centraes*, *parochiaes* e *especiaes*. Da primeira categoria, segundo o *boletim* que me deram, ha 22 escolas, 36 da segunda e 5 da terceira, contando-se nesta ultima denominação os cursos para o magisterio masculino e feminino que funcionam em predios differentes, sendo o 1º na rua da Inveja e o 2º na rua de S. Paulo. Acredito, porém, que ha mais escolas, pois o boletim pelo qual me guiei é antigo e corresponde ao anno de 1887.

As escolas *centraes*, as mais dignas de ver-se, funcionam, como indica a sua denominação, no centro da cidade; as *parochiaes* nos arrabaldes, e das *especiaes*, umas na cidade e outras pouco afastadas.

Penso ser conveniente dar aqui uns artigos da lei que rege o ensino publico primario em Portugal.

Pela Carta de lei de 2 de Maio de 1882 reorganizando o ensino em Portugal, a instrucção primaria é dividida em 2 graus — *elementar* e *complementar*.

O ensino primario *elementar* para o sexo masculino comprehende: leitura, escripta, quatro operações sobre numeros inteiros e fraccionarios, elementos de grammatica portugueza, principios de systema metrico decimal, principios de desenho e doutrina christã.

O ensino *elementar* para o sexo feminino comprehende as mesmas materias e os trabalhos de agulha necessarios às classes menos abastadas.

São dispensados dos exercicios de doutrina christã aquellos alumnos que pertençam a differentes religiões.

O ensino primario *complementar* para o sexo masculino comprehende: leitura e recitação de prosa e verso; calligraphia e exercicios de escripta; arithmetica e geometria elementar e suas applicações mais usuaes; grammatica e exercicios de lingua portugueza; systema legal de pesos e medidas; elementos de chronologia, geographia e historia portugueza; desenho linear e suas applicações mais communs; moral e historia sagrada; noções elementares de hygiene; noções elementares de agricultura; gymnastica; canto coral; direitos e deveres do cidadão.

O ensino primario *complementar* para o sexo feminino comprehende as mesmas disciplinas, com exclusão das Noções de agricultura, gymnastica, canto coral, e direitos e deveres do cidadão; e com o accrescimento dos Deveres de mãe de familia, e as prendas de bordar a côres, tomar medidas, tirar moldes e fazer rendas e flôres.

O art. 4º da lei, diz: « Passados tres annos depois do estabelecimento das escolas normaes para habilitação dos professores e professoras do ensino primario, e conforme as condições especiaes das localidades, poderá ser ampliado:

I — O primeiro grau da instrucção primaria para o sexo masculino com as seguintes disciplinas: — gymnastica, canto coral e noções elementares de agricultura.

II — O segundo grau, com: — escripturação; principios de economia rural, industrial ou commercial, conforme as

condições especiaes das localidades ; rudimentos de physica, chimica e historia natural.

III — O primeiro grau para o sexo feminino, com : — gymnastica e canto coral.

IV — O segundo grau, com : — economia domestica ; desenho de ornato applicado ás obras proprias do sexo ; escripturação ; rudimentos de sciencias physicas e naturaes.

A instrucção primaria elementar é *obrigatoria* desde a idade de seis até doze annos para todas as creanças de um e outro sexo, cujos paes, tutores ou outras pessoas encarregadas da sua sustentação e educação não provarem legalmente qualquer das circumstancias seguintes :

Que dão ás creanças a seu cargo ensino na propria casa, ou em escola particular ;

Que residem a mais de dois kilometros de distancia de alguma escola gratuita ;

Que seus filhos ou pupillos foram declarados incapazes de receber o ensino em tres exames successivos.

Os que não poderem mandal-os por motivo de extrema pobreza, e que não tenham recebido o beneficio constante das disposições do § unico do art. 7º — O art. 7º diz que — « são responsaveis pela obrigação do ensino os paes, tutores ou pessoas encarregadas da educação das creanças, e bem assim os donos das fabricas, ou empregos agricolas ou industriaes, em cujos serviços as creanças estejam empregadas, que lhes não dispensem o tempo necessario para a frequencia da escola. Aos orphãos, filhos de viuvras pobres ou de paes indigentes, impossibilitados de trabalhar, as juntas de parochia e commissões promotoras ministrarão o vestuario, livros e outros meios indispensaveis para poderem frequentar as escolas.

A lei estabelece multas, precedendo-as de intimação e admoestação para os paes e tutores que relaxarem esse dever, e provê minuciosamente sobre este assumpto.

E' preciso confessar que este capitulo da lei tem sido muito descuidado. Garantiram-me, porém, que se pensa bastante em dar-lhe execução. Em todo o caso, o ensino *obligatorio* já é de lei em Portugal desde 1878.

Os exercicios escolares diarios de instrucção primaria elemental duram de quatro até seis horas, divididos em aulas de manhã e á tarde, menos para as creanças até 8 annos, que não são obrigadas a mais de 2 até 3 horas por dia no maximo.

Entre nós essas creanças conservam-se nas aulas das 9 da manhã até 1 hora da tarde!

No capitulo 3º a lei estabelece que as escolas primarias para um e outro sexo dividam-se em duas classes: — *escola com ensino elemental*, e *escola com ensino elemental e complementar*.

O ensino complementar é feito nas escolas de ensino elemental, em curso separado. Em todas as sédes de conselhos será estabelecido o ensino complementar n'uma das escolas de ensino primario elemental de cada um dos sexos.

Em cada parochia haverá, em regra geral, uma escola primaria elemental para cada sexo.

Nas cidades de Lisboa e Porto e tambem nas outras capitães de districtos administrativos, ou onde por virtude da densidade da população haja mais de uma escola complementar ou elemental, as camaras municipaes com auctorisação do governo, podem estabelecer escolas centraes com tres ou quatro professores ou professoras.

O art. 21 determina que — as escolas primarias *elementares* para o sexo masculino sejam regidas por professores ou professoras; as *complementares* para o sexo masculino por professores; as *elementares e complementares* para o sexo feminino por professoras. As escolas mixtas serão regidas por professoras. Nas escolas mixtas não se podem matricular meninos de 12 annos. Não havendo professora, as escolas mixtas podem ser dirigidas por professor casado, ou que

tenha na sua familia alguma senhora a quem se entregue a educação das meninas e o ensino dos trabalhos de agulha, sendo considerada para todos os effeitos como ajudante da escola.

Nas escolas mixtas, e nas escolas elementares regidas por professoras, não são admittidos meninos de idade superior a 12 annos. (Entre nós têm sido entregues muitas dessas escolas com alumnos de 15 e 16 annos a senhoras, e muitas vezes a professoras solteiras de 18 e 20 annos de idade.)

Pelo art. 24 — são creados cursos *nocturnos* e *dominicaes* (como na Italia as escolas *festivas*) para adultos. Estes cursos podem ser de ensino elementar ou complementar e podem ser regidos por professores de ensino elementar ou complementar mediante gratificação especial.

O art. 25 — estabelece *cursos temporarios* de duração nunca inferior a seis mezes nas localidades onde circumstancias especiaes se opponham á criação immediata das escolas.

A lei declara que são livres tanto o ensino primario elementar como o complementar.

O capitulo 4º — trata das commissões promotoras de beneficencia e ensino. Essas commissões promovem a frequencia das creanças e adultos nas localidades em que houver escolas primarias; tratam da aquisição e distribuição de vestuario, livros e outros objectos de ensino, ás creanças mais necessitadas; da criação de premios para os alumnos distinctos; da prestação de soccorros e subsidios ás familias desvalidas no cumprimento da obrigação do ensino. O parochio fará sempre parte dessas commissões. Essas commissões, por isso que recebem multas, donativos, productos de subscrição, etc., prestam contas annualmente á camara municipal do conselho.

A lei estabelece do seguinte modo o provimento das cadeiras:

« Os professores e professoras das escolas de instrucção primaria são nomeados pelas camaras municipaes precedendo

concurso documental, e sob proposta graduada da junta escolar, de entre os individuos com capacidade legal para exercer as funcções do magisterio.

Constitue capacidade legal para o ensino primario elementar:— diploma de approvaçãõ no ensino normal do 2º grau, diploma de approvaçãõ no ensino normal do 1º grau, diploma para o ensino complementar, diploma de habilitaçãõ para o ensino elementar.

Em igualdade de circumstancias os candidatos serãõ preferidos pela categoria dos seus diplomas mencionada no paragraho antecedente, e em cada categoria pela antiguidade de serviço no magisterio.

Constituem capacidade legal para o ensino complementar o diploma de approvaçãõ no ensino normal do 2º grau e o diploma para o ensino complementar.

Pelo § 4º do art. 30, — o professor é vitalicio no fim de 3 annos de bom e effectivo serviço. (Entre nós exige-se 5 annos.)

Os vencimentos dos professores de ambos os sexos de instrucção primaria elementar, sãõ: — ordenado fixo, gratificaçãõ de frequencia (corresponde entre nós à gratificaçãõ *pro labore*) e gratificaçãõ de exames.

Esta gratificaçãõ de exames é absurda e perniciosa no meu pensar; ella dá occasiãõ a muitos abusos e odiosidades e não é o menor mal o converter as escolas em fabricas de exames.

As penas disciplinares a que estãõ sujeitos os professores, sãõ: — admoestaçãõ, reprehensãõ, suspensãõ com perda parcial ou total dos vencimentos e demissãõ.

A admoestaçãõ, reprehensãõ e suspensãõ até um mez sãõ impostas pelas camaras municipaes, ouvida a junta escolar e admittida a defesa do accusado.

A suspensãõ por mais de um mez e a demissãõ sãõ tambem impostas pelas camaras municipaes, *precedendo audiencia do accusado*, voto *conforme* da junta escolar e parecer affirmativo do inspector da circumscripção.

A demissão dos professores não se tornará exequível *sem prévia auctorisação do governo*.

O capitulo 6º— regula os exames de instrução primaria, o seu *modus faciendi* e determina que os resultados dos exames sejam lançados em livros especiaes que serão conservados nos archivos das camaras municipaes. Desses resultados mandam as camaras passar gratuitamente as certidões que lhes são requeridas.

Os alumnos das escolas e collegios particulares, e os educados na familia, são admittidos a esses exames.

Para a matricula nas escolas primarias complementares é obrigatoria a apresentação de certidão de approvação no exame de ensino primario elementar.

A approvação nas disciplinas do ensino complementar dá direito á admissão nos lyceus nacionaes, sem novo exame perante estes.

O capitulo 7º trata do ensino normal; crêa nas cidades de Lisboa e Porto duas escolas normaes de 1ª classe, uma para habilitação de professores, e outra para habilitação de professoras, de ensino primario *elementar e complementar*; regula as condições do pensionato nas escolas normaes, marcando a pensão mensal de 6\$ nas escolas normaes de 2ª classe.

Nos outros districtos administrativos, afóra os de Lisboa e Porto, são estabelecidas escolas normaes de 2ª classe, cujo numero não será inferior a 10, para habilitação de professores e professoras de *ensino elementar*. A pensão dos pensionistas das escolas normaes de 1ª classe é de 7\$ mensaes.

Para as escolas normaes de 1ª classe são preferidos os professores vitalicios das escolas normaes de 2ª classe que tiverem diploma do curso completo do ensino normal, ou serviço distincto por mais de 5 annos n'uma escola complementar. Para as escolas normaes de 2ª classe são preferidos os professores vitalicios de ensino complementar que se hajam distinguido pelo seu comportamento e serviços no magisterio.

Annexa a cada escola normal haverá uma escola com ensino elementar e cômplementar para os exercicios praticos de pedagogia.

O capitulo 8º — crêa no art. 52 um inspector nomeado e retribuido pelo governo em cada circumscripção escolar. O exercicio das funcções de inspector é incompativel com o de qualquer outro emprego publico.

A nomeação para os logares de inspector só pôde recahir em individuos que tenham habilitações de professor e que hajam servido com distincção pelo menos durante cinco annos n'uma escola publica primaria.

O capitulo 9º — que trata das *conferencias pedagogicas*, dispõe no art. 59 que haja annualmente em cada conselho uma conferencia de professores, presidida pelo professor mais graduado em habilitações, e quando todos tiverem igualdade de habilitações, pelo mais antigo.

As professoras de instrucção primaria podem tomar parte nestas conferencias, e, não comparecendo, devem mandar o relatorio e programma da sua escola, com relação aos pontos sobre que versa a conferencia.

Os professores que comparecem recebem nos dias da sessão a que assistem uma gratificação fixada pela camara.

As conferencias podem durar até 8 dias.

O objecto das conferencias será o aperfeiçoamento dos methodos de ensino, os meios de os levar a effeito e todos os assumptos que dizem respeito ao ensino primario.

O capitulo 10º — trata da dotação do ensino primario e no capitulo 11º, das *Disposições geraes*, pelo art. 63 se declara que o governo, de 5 em 5 annos, abrirá concurso para os livros destinados às escolas e fixará os premios. O preço dos livros preferidos pelo jury será taxado pelo governo.

Pelo art. 64 — o governo é auctorisado a conceder um premio de 200\$ e outro de 100\$ em cada circumscripção escolar, aos alumnos que, em concurso, derem provas de mais

distincta capacidade e aproveitamento. Esse concurso é de 3 em 3 annos.

Pelo art. 68 — cream-se asylos de educação, como auxiliares da escola primaria, para recolherem as creanças de tres a seis annos de idade.

Pelo art. 73 — as juntas de parochia são obrigadas a dar casa para aula e habitação dos professores.

Esta carta de lei foi assignada pelo conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, como ministro.

Por uma outra carta de lei, de 11 de Julho de 1880 e assignada pelo conselheiro José Luciano de Castro, como ministro, os professores de qualquer dos sexos, de ensino elementar ou complementar, que não tiverem soffrido nenhuma pena disciplinar, têm direito a um augmento no ordenado que estiverem percebendo, na razão de 25 por cento, de 6 em 6 annos de serviço bom e effectivo. Este augmento ser-lhes-ha levado em conta para o effecto da aposentação.

Dispõe o art. 4º que os professores que forem multados podem recorrer para os juizes de direito das respectivas comarcas e que para esse recurso têm o prazo de 10 dias, a contar da intimação.

O art. 5º — declara que em cada circulo escolar pôde haver um sub-inspector subordinado ao inspector da circumscripção. Essa nomeação será feita do mesmo modo que a dos inspectores. O logar é de accesso no fim de tres annos.

O art. 18 — determina que no orçamento será creada uma verba para, entre outros fins, auxiliar a iniciativa particular e as associações, para estabelecimentos de jardins de infancia, cursos de adultos, bibliothecas, escolas de desenho e outras instituições; premios em dinheiro ou em livros aos professores primarios que mostrarem zelo e grande aptidão no desempenho das suas funcções; premios em dinheiro ou em livros aos alumnos das escolas primarias; pensões aos alumnos pobres que pela sua distincta applicação e aproveitamento, se

tornem dignos de frequentar as escolas normaes; auxilios para a fundação de museus e exposições escolares.

Pelo art. 19 — o governo é auctorisado a crear uma medalha de ouro para recompensar os benemeritos da instrucção primaria que fundarem ou dotarem escolas, os auctores dos melhores methodos e compendios; ou emfim, os que prestarem relevantes serviços á instrucção primaria.

Por portaria de 27 de Julho de 1882, firmada pelo ministro Thomaz Ribeiro, são fixados os feriados nas aulas de instrucção primaria.

Por ella se determina que sejam feriados todos os domingos e dias santos; as quintas-feiras das semanas em que não houver outro feriado; desde vespera de Natal até o dia de Reis; a segunda e terça-feira depois do domingo da quinquagesima; a quarta-feira de cinza; toda a semana santa até á oitava de Paschoa, e mais quinze até 30 dias, segundo as diversas circumstancias e na estação mais conveniente.

Esse costume de feriar as quintas-feiras é usado em toda a Europa, e na França, onde aliás não ha religião do Estado, porque este subsidia duas ou tres religiões, os dias santos marcados pelo catholicismo, são feriados nas escolas publicas, além dos dias de festa nacional e das grandes fêrias.

Tal é, mais ou menos, o resumo das leis que regem o ensino publico primario em Portugal. Essas leis fazem parte da obra intitulada — *Legislação de instrucção primaria*, — da qual obtive dous exemplares, um dos quaes remetti á Inspectoria Geral com destino ao *Pedagogium*.

Esses volumes me foram dados na camara municipal pelo Sr. Souza Telles, director geral do serviço da instrucção na camara municipal de Lisboa. Não me consta que tenha havido posteriormente outras leis revogando essas, e eu tive occasião de ver em execução muitos dos seus artigos. Nesses volumes encontra-se tambem grande cópia de informações, leis, decretos, avisos e portarias sobre o ensino publico primario.

Em 1866 havia em Portugal perto de 600 cursos nocturnos gratuitos, e em 1879 mais de 600 escolas que funcionavam em edificios proprios, isto sem contar o grande numero de escolas funcionando em predios alugados. D'ahi para cá o ensino em Portugal tem se desenvolvido muito mais, como é facil de acreditar, e não é difficil de averiguar-se.

EXTRACTO

DO

REGULAMENTO PARA AS ESCOLAS CENTRAES DE LISBOA

O ensino primario das escolas centraes é dividido em classes, ficando cada uma a cargo de um professor, e devendo todas ellas funcionar em salas separadas.

O ensino nas escolas centraes divide-se em 3 cursos: *inferior*, *medio* e *superior*, constituindo a instrucção primaria *elementar*, á qual se poderá juntar o curso *complementar*.

Nas escolas de 4 classes, a 1^a e a 2^a constituem subdivisões do *curso inferior*, distinctas quanto ao programma, e portanto, quanto ao grau de adiantamento do alumno; a 3^a classe constitúe o *curso medio* e a 4^a o *curso superior*; nas escolas de 3 classes, cada uma corresponde a um dos cursos.

Além dessas classes principaes poderá haver classes parallelas, sempre que as necessidades da frequencia o exijam; essas classes terão um numero de ordem e uma letra para as designar, havendo assim 1^a classe A, 1^a classe B, etc.

Tive occasião de ver esta classificação em algumas escolas.

A duração do curso inferior será de 2 annos, a do curso medio tambem de 2 annos ; a do curso superior de 1 anno, e a do curso complementar igualmente de 1 anno.

A's classes mencionadas juntar-se-ha nas escolas em que se julgue conveniente fazel-o, uma classe infantil pelo methodo Fröbel.

No fim de cada anno escolar, o visitador das escolas, reunido em conferencia com os regentes das escolas centraes e outros professores, que além desses se entenda deverem tomar parte na conferencia, proporá á Camara as modificações que a pratica ou o progresso da pedagogia mostre ser conveniente introduzir nos programmas e horarios.

A escripturação escolar consta de : — 1 registro de matricula geral ; 1 livro de ponto dos professores ; boletins diarios ; mappas mensaes ; mappas de exames de aproveitamento, de passagem e finaes ; 1 livro de ephemerides (registro dos factos mais interessantes da escola, taes como : — a creação da escola, mudança de local, alterações no professorado, etc.) ; e 1 de registro das caixas economicas escolares.

Os boletins diarios indicam, por cada classe ou subdivisão de classe, o numero de alumnos que comporta, o numero dos matriculados, a totalidade das presenças e faltas, a admissão ou sahida dos alumnos e todas as occurrencias da escola, que mereçam ser mencionadas nas respectivas ephemerides, taes como : — visitas de pessoas revestidas de auctoridade official, ou particulares, faltas de professores, etc. , esse boletim é assignado por todos os professores presentes e enviado á secretaria de instrucção.

Os mappas mensaes e de exames de aproveitamento, de passagem e finaes serão rigorosamente escripturados, segundo os modelos approvados pela camará municipal.

Cada um dos professores terá os seguintes registros relativos á classe ou subdivisão que dirige : — 1º Matricula parcial da classe ; 2º Frequencia ; 3º Applicação e Comporta-

mento ; 4º Aproveitamento ou progresso nos estudos ; 5º Caixa Economica.

De alguns destes mappas obtive exemplares que remetti à Inspectoria com destino ao *Pedagogium*.

Além desses obtive, e tambem remetti, exemplares dos seguintes mappas : — Boletim hebdomadario do curso diurno ; Boletim de faltas dos alumnos ; Nota do serviço dos monitores ; Folha de despezas miudas (mensal) ; Mappa das requisições escolares ; Nota do serviço do pessoal menor ; Guia de matricula, tendo appenso o attestado do regedor parochial e o attestado do facultativo em que se declara se o candidato à matricula tem molestia contagiosa, se foi vacinado ou teve bexigas.

A camara ministra às escolas os livros e impressos para todos esses registros e mappas.

Os professores das escolas centraes dividem-se em duas categorias : *ordinarios* e *auxiliares* ou *especiaes*. Os professores *ordinarios* têm a seu cargo todo o ensino litterario e scientifico. Os *auxiliares* ou *especiaes* são os de gymnastica, exercicios militares, canto coral, desenho, calligraphia e lavo- res. O director ou regente da escola é um dos professores *ordinarios*.

Nas escolas centraes do sexo masculino os professores serão todos deste sexo, excepto nas primeiras classes, em que poderão ser do sexo feminino, — *se a experiencia não demonstrar que ha nisso inconveniente*. Havendo, porém, na escola classe infantil, essa será dirigida por uma professora.

Nas escolas do sexo feminino todo o pessoal docente *ordinario* e de lavo- res será do sexo feminino ; o pessoal auxiliar de gymnastica, desenho, e canto coral, poderá ser do sexo masculino.

Cada um dos professores das escolas centraes é o unico responsavel pela disciplina, boa ordem e educação moral e intellectual dos alumnos dentro da sua respectiva aula. Os profes-

sores não podem patentear as aulas e outras dependencias da escola, sem auctorisação prévia do respectivo regente a quaesquer pessoas extranhas ao serviço escolar.

Os professores devem pelo seu comportamento exemplar, pela doçura do trato ou pela severidade serena e paternal, preparar a formação futura de um bom character moral nos seus alumnos, creando-lhes o respeito pela auctoridade do mestre, o amor da escola, da ordem e do trabalho. Os castigos corporaes serão applicados unicamente pelos proprios professores e com a maior precaução, só nos casos em que os considerem indispensaveis, e no intuito de prevenir futuras consequencias, que prejudiquem a posição social da creança, tendo sempre em attenção a organização physica e a indole de cada alumno.

E' expressamente prohibido aos professores empregarem phrases colericas, termos insultuosos e grosseiros para com os alumnos; as reprehensões devem ser feitas em tom severo, mas dominando-se o professor completamente.

Os professores devem tratar com a maior igualdade os seus alumnos e evitar ferir as susceptibilidades das creanças.

Compete aos professores, entre outras incumbencias, relativas ás aulas que dirigem, communicar ao regente qualquer occurrencia succedida na classe sobre que seja necessario providenciar.

Os professores devem reunir os trabalhos de calligraphia, desenho, cópia, dictado, redacção, cadernos de problemas dos alumnos, feitos por estes nas suas respectivas classes, pô-los em ordem e por numero dos alumnos, para os entregar ao regente afim de serem archivados.

O professor regente é encarregado da direcção e escripturação geral da escola, e *sempre que seja possivel* (sempre que seja possivel) da regencia de uma classe.

O professor regente tem habitação no edificio da escola, podendo aliás ser dispensado desta obrigação quando o ve-

reador da instrução o julgue conveniente ou o entenda de justiça, em virtude de allegações apresentadas pelo professor.

O professor regente é o superior da escola e o representante do vereador respectivo.

A lei estabelece especificadamente as obrigações do professor director no art. 44 e seus 22 paragrafos.

O pagamento dos vencimentos dos professores e mais pessoal das escolas centraes é feito ahi pelo director, e por meio de folhas especiaes, mediante o competente recibo.

O capitulo 6º do Regulamento trata do *conselho escolar* que é constituido pelos *professores ordinarios* de cada escola sob a presidencia do director. No impedimento do director, serve de presidente o professor mais antigo da escola. Sendo necessario, serão ouvidos no Conselho os professores auxiliares, que só têm voto consultivo, salvo se se tratar de recompensas em premios a algum alumno seu.

Os outros artigos deste capitulo tratam dos direitos e deveres do *Conselho escolar*.

O Regulamento explica o que são os museus escolares e recommenda muito a organização desses museus que *serão a honra da escola e um dos mais poderosos meios de progresso do ensino*.

Nesse capitulo allude ás *excursões escolares*, que muito recommenda.

Tratando dos alumnos e da matricula, o Regulamento determina que as creanças devem apresentar-se na escola convenientemente limpas, podendo o regente, avisado pelos professores das classes, recusar a admissão de qualquer alumno que deixe de satisfazer os requisitos que a hygiene e a boa educação recommendam.

O alumno que der oito faltas n'um mez não justificadas, será riscado do livro da matricula.

O capitulo 9º — trata dos *premios* e da *exposição escolar*.

Annualmente, e no ultimo domingo do mez de Agosto, antes de começarem as férias grandes, deve realizar-se a festa escolar da distribuição dos premios aos alumnos das escolas municipaes, apresentação do relatorio por parte do respectivo vereador, exposição de trabalhos de desenho, calligraphia e lavores, bem como exercicios militares executados pelos alumnos sob a direcção dos respectivos professores *especiaes*.

Os regentes remetterão á Secretaria da Instrucção com 30 dias de antecedencia, a lista dos alumnos propostos para premios e os trabalhos escolares do anno respectivo, que devem ser expostos, acompanhados de uma lista e devidamente numerados, tendo cada um o carimbo da escola.

Este regulamento encontra-se no *Relatorio da Instrucção*, à pag. 81 da secção *Notas*, no fim do volume. Desse relatorio enviei tambem exemplares á Inspectoria com destino ao *Pedagogium*.

Programma de cada uma das classes em que se dividem as escolas centraes e municipaes de Lisboa, approvado pelo Inspector da 1^a circumscripção em officio de 15 de Novembro de 1886. (1)

I

Programma de leitura

1^a CLASSE

I — *Leitura auricular* — Divisão da palavra em syllabas, e destas em seus elementos.

II — Vozes, diphthongos e inflexões da lingua portugueza. — Como se representam na escripta.

III — Conhecimento de todas as letras do alphabeto : — minusculas, maiusculas, manuscriptas e de imprensa. — Denominação e valores.

IV — Leituras de syllabas por elementos.

V — Exercicios de leitura por syllabas, recorrendo-se nos casos de erro, quer ao processo das series syllabicas por solettração nominal, quer á dicção dos elementos, e regras dos valores das letras.

OBSERVAÇÃO — Estes exercicios devem ser feitos sobre pequenas phrases, ou trechos de curtos periodos cujo sentido se possa sempre fazer comprehender pelos alumnos, e de algum modo os interesse. Convem que as palavras sejam curtas, e as syllabas separadas por traços, ou destacadas umas das outras por qualquer outro meio. Cada lição será repetida até se chegar a uma quasi leitura por palavras dos periodos estudados, e, quando a brevidade destes o permitta, o alumno poderá fazer por alto a leitura corrente de cada um delles.

(1) Este programma é o que ainda vigora com pequenas modificações.

VI — Leitura por palavras, recorrendo ainda á dicção de cada syllaba isoladamente, e rectificando sempre a leitura destas, nos casos de erro, pelos processos já empregados nos exercicios anteriores.

OBSERVAÇÃO — Para estes exercicios convem trechos nas condições acima ditas, mas sem a separação das syllabas. Cada lição será repetida até se chegar á leitura quasi corrente das phrases ou periodos estudados.

VII — Primeiros exercicios de leitura corrente, preparando-se cada lição pelos processos que ficam indicados.

OBSERVAÇÃO — Não convem ainda que as palavras sejam muito extensas. Os periodos deverão ser curtos, e muito breves as phrases tanto interrogativas como exclamativas.

2ª CLASSE

I — Continuação dos primeiros exercicios de leitura corrente, permittindo já a menor difficuldade na preparação das lições, que estas sejam mais extensas.

OBSERVAÇÃO — Podem ser objecto destas lições: — pequenas historias ou contos moraes accomodados á intelligencia e sentimentalidade das creanças; descripções de jogos que os alumnos possam aprender por estas leituras; historietas ou contos populares que os deleitem; processos de sortes e preparações recreativas que elles possam executar; pequenas composições poeticas proprias para serem decoradas e contendo lição moral ou instructiva, de fórma agradável e interessante, etc., etc.

II — Repetidos exercicios de leitura, até se conseguir que os alumnos adquiram a presteza de percepção necessaria para poderem lêr correntemente á primeira vista.

OBSERVAÇÃO — O bom exito destes exercicios depende em grande parte do interesse que possam despertar na creança as leituras que servirem de objecto ás lições.

A brevidade das composições deverá permittir que os alumnos comprehendam todo o conjuncto de cada uma dellas;

e convem ainda que os periodos sejam curtos, e muito breves tambem as phrases interrogativas e exclamativas.

As longas dissertações, os pensamentos de uma vasta comprehensão, as generalisações sobre conhecimentos que as creanças não podem possuir, etc., levam, em regra, á leitura monotona e sem expressão, que tão frequentemente se nota nas escolas primarias.

Os alumnos deverão exercitar-se em expôr o que tiverem entendido da composição estudada.

3ª CLASSE

I — Exercicios de leitura de manuscripto, convindo que sirvam de objecto destas licções, modelos singelos de cartas familiares e de cortezia, recibos, obrigações, requerimentos, etc., e podendo servir com vantagem os cadernos de cópia e dictado, depois de corrigidos e passados a limpo.

II — Exercicios de leitura nos livros approvados para as escolas primarias, e adoptados para servirem nos exames de instrucção primaria e nos de admissão aos lyceus.

OBSERVAÇÃO — Quando a escola possua livros proprios para emprestar aos alumnos, os professores da 3ª classe, em conformidade com o programma official, promoverão as leituras em domicilio, fazendo com que, em dia determinado, cada alumno faça uma breve exposição, ou dê conta, do que lhe tiver sido dado para essas leituras.

II

Programma de escripta

1ª CLASSE

I — Letras do alphabeto minusculo.— Algarismos.— Primeiros exercicios no quadro preto, nas ardosias ou a lapis.

OBSERVAÇÃO — Todas as letras compostas serão feitas por partes, podendo substituir-se as curvas de ligação por angulos agudos, cuja regularidade de traçado mais facilmente se pôde obter dos alumnos.

Quando estes exercicios forem feitos com pautas auxiliares, o alumno subordinará sempre a lettra a todas as condições da pauta sobre que escrever.

II — Primeiros exercicios de escripta em papel, com tinta e penna.

Posição natural do corpo para escrever, e modo de pegar na penna.— Cópia de exemplares feitos no quadro preto pelo professor.

2ª CLASSE

I — Repetição de todos os exercicios feitos na classe anterior.

II — Lettras do alphabeto maiusculo.— Primeiros exercicios por calque, pontos, curvas ou outros processos auxiliares, em papel ou nas ardosias.

OBSERVAÇÃO — O alumno deverá fazer por partes todas as maiusculas compostas de linhas elementares.

O typo das maiusculas adoptado no ensino desta classe será o mais simples possivel.

III — Exercicios de imitação na ardosia e em papel, sobre pautado auxiliar.— Primeiros exercicios de lettra corrida.

3ª CLASSE

I — Recopilação das regras de calligraphia, e ligação de umas lettras com outras.— Exercicios de applicação nas ardosias e no quadro preto, ou em papel convenientemente pautado para este fim.

II — Calque e imitação de exemplares calligraphicos de bastardinho, cursivo e cursivinho, em papel transparente e sobre pautas auxiliares.

III — Desenho das maiusculas em ponto grande sobre papel quadriculado, ou preparado especialmente para taes exercicios.

IV — Exercicios de lettra corrida.

OBSERVAÇÃO — Estes exercicios convem que sejam feitos por cópia de exemplares variados e elegantes de lettra corrida,

afim de obter de cada alumno a determinação do gosto pelo qual se formará o seu typo especial de letra.

E' tambem conveniente que os assumptos desses modelos sejam cartas familiares, officios, facturas, contas correntes, requerimentos, etc.

III

Programma de arithmetica e systema metrico

1^a CLASSE

I — Contagem de 1 a 1.000.000 por unidades, dezenas e centenas, empregando-se, neste ensino, e dentro dos limites convenientes, qualquer dos processos praticos de que se póde usar para fazer comprehender a creanças o nosso systema de numeração.

Algarismos.

Leitura e escripta de numeros de 1 a 1.000.000.

II — Problemas intuitivos, que se resolvam pela somma de dois numeros digitos.

OBSERVAÇÃO — Estes problemas, a principio, só se poderão resolver pela contagem successiva das unidades; mas é de toda a conveniencia, que já na primeira classe, o alumno chegue a fazer estas sommas sem recorrer a esse processo, para o que será necessario que mnemonise as casas de sommar.

III — Problemas que se resolvam pela somma de tres ou mais numeros digitos.

IV — Problemas que se resolvam por sommas de numeros de dois ou mais algarismos, mas cuja totalidade não exceda 1.000.000.

Pratica destas ultimas sommas, que os alumnos deverão chegar a fazer sem recorrerem à contagem a um e um pelos dedos, ou a qualquer outro processo analogo a este.

V — Problemas intuitivos que se resolvam pela multiplicação de dois numeros digitos.

OBSERVAÇÃO — Estes problemas, a principio, devem ser resolvidos como addições de parcellas iguaes; mas logo que

por este meio se tenha feito comprehender a formação dos productos de dois numeros digitos, far-se-ha que o alumno os mnemonise todos.

VI — Pratica das contas de multiplicar. — Multiplicação de um numero composto de dois ou mais algarismos por um numero digito. — Multiplicação de numeros compostos de tres ou mais algarismos.

VII — Problemas que se resolvam pela diminuição de dois numeros comprehendidos entre 1 e 18, de modo que a differença seja um numero digito, sendo-o tambem um dos dois termos dessas diminuições.

OBSERVAÇÃO — Estes problemas serão a principio postos e resolvidos concretamente por processos intuitivos analogamente ao que se deve ter feito na somma e multiplicação, segundo ficou indicado no programma da 1^a classe; mas para que o alumno chegue a resolvel-os com presteza, convem que se habitue a procurar mentalmente na taboada de sommar, e casa do subtractivo, o numero que com elle perfaz o additivo da diminuição proposta.

VIII — Pratica da prova dos nove nas contas de sommar e nas de multiplicar.

IX — Pratica da diminuição de numeros compostos de tres ou mais algarismos, effectuada pela fórmula que mais se aproxima da que se usa geralmente nas diminuições que se fazem nas contas de dividir. — Prova real e dos nove.

OBSERVAÇÃO — Os numeros dados para estas operações deverão a principio ser taes, que em cada columna o algarismo do additivo seja maior que o subtractivo.

X — Problemas intuitivos que se resolvam pela divisão de dois numeros, e em que o divisor e o quociente sejam digitos.

OBSERVAÇÃO — Estes problemas serão a principio como já se indicou a respeito da somma, diminuição e multiplicação, e isto tanto nos casos em que o quociente seja numero concreto, como naquelles em que elle seja abstracto.

XI — Sempre que seja possivel, pratica das contas de dividir de um numero composto de tres ou mais algarismos por um numero digito.

XII — O que se entende por *metade, um terço, um quarto, um oitavo, etc.*, com applicação a objectos que sejam usual ou facilmente divisíveis nessas fracções.

XIII — Systema metrico. — Conhecimento pratico do metro e suas divisões.

XIV — Conhecimento pratico das seguintes moedas: cinco réis, dez réis, vintem, meio tostão, tostão, dois tostões e cinco tostões.

Contar dinheiro nessas moedas desde dez réis até cinco tostões. — Assentar as importancias contadas. — Assentar dinheiro desde cinco réis até um tostão, dictado por qualquer dos modos usuaes; e dahi até cinco tostões, dictado por vintens ou vintens e meio.

2ª CLASSE

I.— Leitura e escripta de qualquer numero inteiro representado por algarismos. — Revisão do estudo feito na classe anterior.

II — Pratica da divisão por numeros compostos de um, dois, tres, ou mais algarismos. — Prova real e dos nove.

a) Casos em que não appareçam zeros no quociente.

b) Casos em que appareçam zeros no quociente.

III — Como se denominam os numeros que figuram em cada uma das quatro operações.

IV — Continuação do estudo das fracções ordinarias, começado na primeira classe.

Applicação das fracções ordinarias à expressão da relação entre diferentes quantidades conhecidas, taes como: um ou um dado numero de horas e o dia — um ou um dado numero de dias e o anno — um ou um dado numero de minutos e a hora — etc., etc., etc.

Como se acha uma fracção de um numero dado.

OBSERVAÇÃO — Estes ultimos exercicios podem ser feitos a principio concretamente, empregando para isso uma porção de pequenos objectos que se possam amontoar, como que formando o todo ou o numero de que pretendemos tirar a fracção dada.

V — Fracções decimaes. — Ensino analogo ao que fica indicado para as fracções ordinarias. — Fôrma geral e fôrma usual de representar as fracções decimaes.

Pratica das quatro operações sobre fracções e numeros decimaes.

Simplificação da multiplicação e divisão de um numero inteiro ou decimal pela unidade seguida de zeros.

VI — Systema metrico. — Conhecimento pratico das principaes medidas lineares, de capacidade e de peso, que houver na escola, e uso destas mesmas medidas nos limites impostos pela conveniencia do aproveitamento do tempo.

Multiplos e submultiplos do metro, litro e gramma. — Serie e significação das palavras gregas e latinas que entram na composição dos nomes destes multiplos e submultiplos: — Abreviaturas desses mesmos nomes.

Leitura e escripta de numeros representando quantidades expressas nas unidades acima ditas, seus multiplos ou submultiplos. — Reducções. — Pratica das quatro operações sobre estes numeros.

VII — Problemas graduaes e de uso commum em cuja solução se applichem os conhecimentos adquiridos com os exercicios anteriores.

VIII — Conhecimento das moedas correntes nacionaes. — Estudo completo sobre contar e assentar dinheiro.

IX — Estudo completo da conta romana. — Leitura e escripta de datas em conta romana.

3^a CLASSE

I — Revisão do ensino feito nas classes anteriores.

II — Definições de addição, subtracção, multiplicação e divisão — quantidade, unidade e numero.

Numeração — regras applicaveis á numerção falada e escripta de numeros inteiros e decimaes.

III — Systema metrico. — O que se entende por superficie e por volume dos corpos. — Conhecimento pratico e denominação das principaes figuras geometricas: — triangulo, quadrilatero, trapezio, polygonos regulares, circulo, prismas, pyramides, polyedros regulares, esphera, cylindro, cone, tronco do cone, etc.

Metro quadrado — seus multiplos e submultiplos.

Medidas agrarias.

Modo pratico de avaliar a área do rectangulo, do triangulo e do trapezio, bem como a de qualquer polygono regular ou irregular pela sua divisão em triangulos.

Metro cubico — seus multiplos e submultiplos.

Medidas usuaes de volume e modo pratico do seu emprego.
Processo pratico para avaliar o volume de prismas rectos.
Equivalencia entre as medidas de volume e as de capacidade.

Medidas de lenha — Modo pratico de fazer a medição da lenha no stere. — Origem do metro e procedencia das demais medidas do systema metrico. — Balança decimal.

IV — Problemas graduaes e de uso commum, em cuja solução se applicquem os conhecimentos adquiridos com os exercicios anteriores.

V — Moedas correntes nacionaes e moedas estrangeiras que circulam no paiz. — Titulo e toque nas moedas de ouro e nas de prata.

VI — Problemas que se resolvam pelo *methodo de redução à unidade*.

IV

Programma de moral e doutrina christã

MORAL

OBSERVAÇÃO — A moral deve ser ensinada em todas as classes por meio de contos e historias apropriadas, expostas com as cautelas que demandam a idade e o desenvolvimento das creanças que frequentam cada uma dessas classes. Estas historias e contos, tendo por fim formar o coração das creanças para o bem e para o justo, dando-lhes ao mesmo tempo conhecimento dos deveres para com Deus, para com os nossos semelhantes e para conosco, devem ser tirados da historia do antigo e novo testamento, e da historia profana, e tambem dos assumptos das licções de leitura. O professor deve principalmente estudar o character de seus alumnos; e do modo de proceder deste para com os companheiros na escola pôde tirar grandissimo partido para o ensinamento da moral (1).

DOCTRINA CHRISTÃ

1ª CLASSE

Persignar e bénzer; Padre-Nosso; Ave-Maria; Salve-Rainha. Breve explicação.

(1) Vide o programma especial para as escolas de ensino elementar.

2ª CLASSE

Mysterio da Santissima Trindade ; Credo ; Artigos da fé.
Breve explicação. Mandamentos da lei de Deus e da Igreja.

3ª CLASSE

I — Peccados capitaes e virtudes oppostas ; virtudes theologaes ; virtudes cardeaes ; obras de misericordia. Breve explicação. Sacramentos da igreja ; santo sacrificio da missa. Breve explicação. Actos de attricção e contricção ; sua differença.

II — Culto que se deve a Deus, á Virgem Maria e aos Santos ; actos de fé, do amor de Deus e do proximo ; Bemaventuranças ; dons do Espirito Santo ; acatamento com que se deve assistir ao sacrificio da missa, e em geral aos mais actos religiosos.

V

Programma de desenho linear

1ª CLASSE

I — Traçar linhas rectas — applicação pratica destas linhas.

II — Cópia de desenhos simples auxiliada por meio de quadricula, primeiramente nas lousas, depois em papel.

2ª CLASSE

I — Traçar linhas curvas e mixtas ; linhas parallelas ; applicação pratica destas linhas.

II — Desenhos simples de objectos duso commum.

3ª CLASSE

I — Denominação e conhecimento pratico das principaes figuras geometricas, taes como : circulos e linhas que nelle se consideram — angulos e suas especies — avaliação dos angulos pelos arcos descriptos do vertice como centro — construcção de angulos de grandeza dada, ora com o auxilio do transferidor, ora com o compasso.

II — Processos graphicos para tirar perpendiculares a qualquer ponto de uma recta—processos graphicos para traçar linhas rectas parallelas ; divisão da recta e do angulo.

III — Imitar da estampa ou do quadro preto: ornatos utensilios de uso commum em ponto maior e menor ; esboço do mappa de Portugal e suas possessões, servindo-se os alumnos do papel quadriculado, do papel completamente liso, e do quadro preto.

VI

Programma de grammatica

1ª E 2ª CLASSE

OBSERVAÇÃO — O ensino da grammatica nestas classes consistirá no que se acha determinado no programma official pelos seguintes termos: — O professor, interrogando os seus alumnos e dialogando com elles a proposito das licções e de tudo a quanto possa estender-se o exame e observação dos seus discipulós, terá por principal empenho corrigir-lhes os defeitos de pronuncia e exigir-lhes a correccão grammatical, assim na construcção da phrase como no emprego dos termos proprios. Na 2ª classe dar-se-ha mais o conhecimento pratico dos substantivos, adjectivos, pronomes, verbos, verbo transitivo e complemento directo, preposições, adverbios, algumas conjuncções mais usadas, sujeito, predicado e nome predicativo ou sujeito, verbo e attributo, bem como a conjugação dos verbos regulares nos tempos simples.

3ª CLASSE

(Continuação dos exercicios indicados para 1ª e 2ª classe)

I — Denominação dos sons elementares da lingua portugueza. — O que se entende por diphthongo, monosyllabo, polysyllabo, accento tonico, palavras agudas, graves, exdruxulas e encliticas. — Idéa do substantivo e do adjectivo. — Substantivos concretos e abstractos, proprios e appellativos. — Exercicios oraes e por escripto em que os discipulos indiquem os substantivos e adjectivos que houver n'um trecho escolhido. — Exemplos em que a mesma palavra figure n'uns como substantivo e n'outros como adjectivo.

OBSERVAÇÃO — Nos trechos dados para exemplo dos adjectivos deverá haver-los não só empregados como accessorios ou attributos, mas tambem como nomes predicativos e appostos ou circumstanciaes.

Os participios passivos simples poderão ser considerados como adjectivos.

II — Flexões dos nomes — numeros, generos e graus de significação.

Substantivos invariaveis em numero — substantivos que se não usam no singular.

Regras da formação do plural dos nomes. — Applicação destas regras a exercicio de orthographia. — Excepções. — Plural de todos os nomes terminados no singular em *ão*. — Plural de todos os nomes que mudam o *o* — *o* — fechado em *—o* — aberto.

III — Flexões de genero nos substantivos que designam animaes.

Substantivos que não têm flexões de genero.

Casos em que o nome do animal do sexo feminino é uma palavra diversa da que designa o animal do sexo masculino.

Nomes epicenos — Como se suppre a falta de flexão de genero nestes nomes.

Adjectivos uniformes e adjectivos biformes — O que se entende por concordancia do adjectivo com o substantivo.

Genero dos substantivos epicenos e dos nomes de cousas inanimadas.

Substantivos communs de dois, e sobrecommuns.

IV — Principaes regras da concordancia do adjectivo com o substantivo.

Regras da formação do feminino dos nomes terminados em *o*, *ão* e *ôr*. Conhecimento da fôrma feminina dos nomes que tenham outra terminação. — Applicação destes conhecimentos à orthographia das fôrmas femininas dos nomes.

Superlativos absolutos. Regras da sua formação. Principaes excepções. Applicação destes conhecimentos a exercicios especiaes e de orthographia.

V — Palavras derivadas. — Principaes suffixos em substantivos derivados — sua significação n'uma palavra dada. — Augmentativos e diminutivos dos nomes. — Principaes suffixos augmentativos e diminutivos.

Palavras compostas — principaes prefixos; sua significação em palavras dadas.

Exercício de analyse de palavras derivadas e compostas e formação de umas e outras.

OBSERVAÇÃO — Em vez de apresentar abstractamente uma regra qualquer, o professor procurará sempre ensinar praticamente, e conduzir os discipulos pela observação e raciocinio a formularem elles proprios as regras grammaticaes.

VI — Conhecimento dos nomes numeraes, pronomes pessoas, demonstrativos, relativos e indefinidos. Sua orthographia. — Exercicios por escripto. — Artigos.

VII — Idéa do verbo. — Verbos que pedem nome predicativo, verbos transitivos e verbos intransitivos.

Exercicios oraes e por escripto para o alumno distinguir os verbos que houver em pequenas phrases e orações dadas.

Fazer saber quaes são nesses mesmos exemplos os sujeitos, os nomes predicativos e os complementos objectivos.

VIII — Discurso directo e indirecto. — Exercicios de transformação do discurso directo em indirecto e vice-versa.

O que se entende por pessoas grammaticaes. — Conhecimento dos pronomes pessoas. — Seus casos.

Orthographia das differentes fórmulas dos pronomes pessoas. — Exercicios escriptos.

Conhecimento dos pronomes e adverbios interrogativos.

IX — Flexão dos verbos. — Conhecimento de todas as flexões dos verbos regulares de cada uma das tres conjugações, e dos irregulares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Conjugação por escripto desses mesmos verbos nos tempos simples.

Conjugação de verbos regulares e irregulares nos tempos simples e compostos.

Exercicios examinatórios: — dada a flexão, saber dizer a pessoa, numero, tempo e modo correspondentes; — dado o verbo, a pessoa, o numero, o tempo e o modo, saber dizer e escrever a flexão correspondente.

Radical e terminação dos verbos—figurativa e vogal penultima. — Caracteristica.

X — O que se entende por oração grammatical, — sujeito, predicado, nome predicativo, complemento objectivo e complemento circumstancial de lugar, tempo, modo, causa e fim.

XI — Preposições e adverbios. Conhecimento e orthographia de todas as preposições e adverbios — Locuções prepositivas e adverbias. — Conhecimento e orthographia das principaes.

XII — Classificação dos adverbios. Exercicios de analyse de periodos grammaticaes limitados á separação das orações e designação do sujeito, verbo, attributo, complemento objectivo e complemento indirecto.

XIII — Conjuncções e principaes locuções conjunctivas — seu conhecimento e orthographia.

XIV — Interjeições.

XV — Explicações e exercicios sobre o uso e emprego dos signaes de pontuação.

XVI — Divisão do estudo da grammatica e denominações correspondentes. — Definição de grammatica.

XVII — Conjugações periphrasticas, reflexas e passivas. Exercicios por escripto sobre a conjugação reflexa.

XVIII — Conjugação de todos os verbos irregulares ou anomaes. — Verbos defectivos. — Verbos com duplo participio; vozes em que esses participios são empregados.

XIX — Composição da oração. — Como podem ser constituidos o sujeito e o predicado. — Verbos que têm nome predicativo. — Appostos; seu emprego. — Outras determinações dos substantivos.

XX — Como podem ser determinadas as palavras adjectivas e os adverbios.

XXI — Complementos geraes e complementos especiaes. Complementos representados por orações.

Nómes particulares de alguns complementos.

O que pôde haver n'uma oração além do sujeito, do predicado e das determinações do sujeito e do predicado.

XXII — Orações impessoaes.

XXIII — Ellipse e pleonasmos.

XXIV — Estudo completo da concordancia do predicado com o sujeito — observações sobre as particularidades da concordancia do predicado. Exercicios que levem os alumnos a não errar nos casos particulares da concordancia do predicado.

XXV — Complemento directo ou objectivo — outros complementos que não são regidos de preposição.

Nome predicativo do complemento objectivo.

Complementos indirectos — o que designam.

Exercicios praticos sobre o emprego das preposições e em especial das seguintes: — *a, de, em, para* e *com*.

XXVI — Classificação das orações.

Character das orações subordinadas. — Como pôde ser indicada a subordinação. — Classificação das orações subordinadas: — *a*, segundo a fôrma da subordinação, — *b*, segundo a sua significação.

Coordenação das orações principaes.

Fazer notar as particularidades mais frisantes desta parte da syntaxe na substituição de uns tempos por outros.

Principaes observações ácerca da ligação das orações.

Supressão do *que* em orações integrantes.

XXVII — Principaes vicios grammaticaes — vicios de harmonia e construcção.

Principaes regras da collocação, orthoepia e orthographia ; — uso da pontuação. Exercícios de applicação.

Exercícios de analyse syntactica de trechos escolhidos nos livros que servem de texto nos exames de admissão ao Lyceu central de Lisboa.

OBSERVAÇÃO — Além dos exercicios de orthographia que já ficam indicados e que dizem respeito á derivação, composição e flexões das palavras, far-se-hão outros que levem o alumno a fixar a orthographia das palavras primitivas, dos nomes proprios mais vulgares, quer de homens, quer de mulheres, quer ainda de nações, cidades, rios, etc.

XXVIII — Dictados e exercicios de analyse.

VII

Programma de labores

1ª CLASSE

I — Costura : — ponto de bainha, pontinho de luva, ponto adiante, ponto atraz, e ponto de marca.

II — Meia.

2ª CLASSE

I — Costura : — os pontos ensinados na 1ª classe ; posponto ; ponto de chulear, ponto furtado, franzir.

II — Meia, marca e crochet liso.

3ª CLASSE

I — Costura : — continuação dos exercicios da classe anterior ; fazer pregas, perfilar, casear, dar passagens, cerzir,

debruar, pregar botões, fitas, colchetes, fivelas e coser à machina. Concertos diversos, cõrte e feitio de peças de roupa branca.

II — Pontos de marca differentes e crochet em relevo.

VIII

Programma de chorographia

3ª CLASSE

I — Exercicios no mappa. Indicação das provincias, districtos e cidades, portos, rios, montanhas, cabos, praças fortes e lagôas da parte continental de Portugal.

II — Definição de geographia. Principaes termos que se empregam em geographia.

III — Fôrma da terra, divisão do mundo em cinco partes, e suas denominações ; Oceano e suas divisões.

IV — Situação, superficie e limites do reino de Portugal.

V — Clima e producção em geral.

VI — Provincias. Divisão administrativa ; districtos e suas capitaes. Divisão ecclesiastica ; dioceses. Divisão militar ; exercito e marinha. Divisão judicial.

VII — Fôrma de governo. Religião e população.

VIII — Provincias ultramarinas em Africa, Asia e Oceania.

1.º — Suas capitaes.

2.º — Divisão administrativa, ecclesiastica, judicial e militar das possessões ultramarinas.

3.º — Principaes fontes de riqueza colonial.

IX

Elementos da historia de Portugal

3ª CLASSE

I — *Fundação da monarchia*. — D. Henrique e D. The-reza. — D. Affonso Henriques. — Separação de Portugal da corõa de Castella. — Reis da dynastia Affonsina. — Factos mais notaveis de cada reinado. — D. Affonso Henriques. — D. Diniz.

II — *Dynastia de Aviz*. — Reis desta dynastia. — Factos mais notaveis de cada reinado. — O mestre de Aviz. — Guerras

com Castella.— Batalha de Aljubarrota.— D. Nuno Alvares Pereira.— Tomada de Ceuta.— Infante D. Henrique.— Primeiros descobrimentos dos portuguezes.— D. Duarte.— D. Affonso V.— Guerras com Castella.— D. João II.— Conspiração da nobreza.— D. Manoel.— Descobrimientos nauticos.— Vasco da Gama.— Pedro Alvares Cabral.— Descobrimiento do Brazil.— D. João III.— Inquisição em Portugal.— Decadencia da monarchia.— D. Sebastião.— Jornada de Africa.— Cardeal D. Henrique.

III — *Dominação hespanhola.*— Prior do Crato.— Conjuração de 1640.

IV — *Dynastia de Bragança.*— Reis desta dynastia.— Factos mais notaveis de cada reinado— Acclamação de D. João IV.— Guerra com a Hespanha.— D. Affonso VI.— D. Pedro II.— Guerras com a Hespanha.— D. João V.— Principaes monumentos deste reinado.— D. José I.— Marquez de Pombal.— Terremoto.— Conjuração dos Tavoras.— Principaes reformas do Marquez de Pombal.— D. Maria I.— D. João VI.— Invasão franceza.— Guerra da Peninsula.— Revolução de 1820.— Independencia do Brazil.— Regencia de D. Isabel Maria.— D. Pedro IV.— D. Miguel.— Guerras da liberdade.— D. Maria II.— D. Pedro V.

Programma de gymnastica

Exercicios de formatura.— Formatura por fleiras e secções.— Conversões individuaes.— Passo gymnastico e acceelerado.— Diversos modos de os executar.— Mudanças de direcção.

Exercicios livres — 1º, dos braços; 2º, da cabeça; 3º, do tronco; 4º, das pernas; 5º, movimentos compostos, posições diversas para o passo; 6º, saltos que não excedam a um metro de altura; 7º, marchas e contramarchas.

O programma da gymnastica elementar para o sexo feminino não comprehende o 6º exercicio (saltos).

Este ensino é dado por professores especiaes.

Programma para o ensino da instrucção primaria complementar

(E' extenso este programma que se encontra na *Legislação de Instrucção Primaria*, obra a que já me referi. Procurarei dar uma idéa d'elle, resumindo-o o mais possível.)

Ensino complementar para os dois sexos

LEITURA e recitação de prosa e verso.

Exercícios repetidos de leitura esforçando-se o professor para que os alumnos adquiram um modo de lêr correcto, expressivo e com accentuação apropriada.

Os livros devem constar de assumptos uteis e ao alcance da intelligencia dos alumnos: narrações moraes, factos historicos, fabulas apropriadas em prosa e verso, escriptos sobre hygiene, economia, agricultura, sciencias naturaes, etc., etc.

O professor explicará o sentido das palavras e phrases que possam offerecer duvida, interrogando o discipulo para ver se foi bem comprehendido o pensamento do escriptor. O professor exigirá dos alumnos conta oral ou por escripto do assumpto lido. Destinará pelo menos, um dia por semana para exercicios de recitação de prosa e verso.

CALLIGRAPHIA e exercicio de escripta :

Aperfeiçoamento da letra ingleza, especialmente do alphabeto maiusculo.

Exercicios repetidos e alternados da letra franceza ou *ronde*, de letra italica ou aldina.

ARITHMETICA e geometria elementar e suas applicações mais usuaes:

ARITHMETICA

Preliminares. Definição de grandeza, quantidade e numero. Numero inteiro e fraccionario; classificacão deste ultimo em quebrado e decimal. Numeracão fallada e escripta de numeros inteiros, decimaes e quebrados. Pratica das quatro operacões sobre inteiros e decimaes.

Divisibilidade dos numeros; regra pratica para conhecer quando um numero é divisivel por 2, 3, 5, 9, 11 ou por 10, 100, 1000, etc. Provas dos nove e dos onze.

Definição do *maximo divisor commum* de dois ou mais numeros; de *numeros primos* entre si. Regra pratica para achar o maximo divisor commum de dois ou mais numeros.

Numeros primos. Modo de construir uma taboa de numeros primos. Regra pratica para conhecer se um numero dado é ou não primo. Pratica da decomposiçao de um numero em factores primos.

Achar o maximo divisor e o menor multiplo communs de dois ou mais numeros pela decomposição em factores primos.

Quebrados, sua simplificação ou redução á expressão mais simples. Redução de quebrados ao mesmo denominador commum.

Quatro operações sobre quebrados, de quebrados com inteiros ou com decimaes.

Redução de quebrados a dizima e reciprocamente.

Razões e proporções arithmeticas e geometricas.

Numeros complexos e incomplexos, sua definição. Redução de complexos a incomplexos e reciprocamente. Operações sobre numeros complexos.

Moedas. Quantidades proporcionaes, sua definição. Regra de tres simples e composta. Methodo de redução á unidade applicado a esta regra.

Regra conjuncta. Regra de juros simples. Regra de cambio. Regra de companhia. Regra de falsa posição.

GEOMETRIA

Ensino pratico, intuitivo e applicado ás artes e officios. Abstenção, a principio, de definições abstractas e demonstrações scientificas.

Conhecimento intuitivo dos principaes solidos geometricos. Estudo analytico e comparativo dos solidos uns com os outros e com os objectos de uso commum, para d'ahi resultar a idéa abstracta das superficies e suas fórmulas geometricas, e do estudo destas deduzir-se o conhecimento das linhas e dos pontos e suas especies.

Exercicios de medir com exactidão, em calcular approximadamente differentes distancias e as dimensões lineares, quadradas ou cubicas dos objectos á vista, e ainda nas paredes, tecto, sobrado, janellas, portas, etc., as linhas e figuras geometricas.

Extensão, volume, superficie, linha e ponto. Linha recta, quebrada e curva. Superficie plana ou curva (concava ou convexa). Circumferencia. Circumferencias concentricas, excetricas, seccantes, tangentes, interiores e exteriores. Linhas tangente e seccante. Igualdade das circumferencias do mesmo raio; como se traçam. Divisão da circumferencia, divisão sexagesimal e centesimal; o diametro divide a circumferencia em dois arcos iguaes. O diametro é a maior das cordas. Circulo, sector, segmento, corda circular. No mesmo circulo, ou

em círculos de raios iguaes, arcos iguaes subentendem cordas iguaes, arco maior subentende corda maior e vice-versa.

Ângulos. Comparação, por juxtaposição, da grandeza de dois ângulos; bissetriz.

Ângulos adjacentes, verticalmente oppostos. Relação entre a grandeza dos ângulos e seu numero de graus, minutos e segundos. Unidade angular, medição do ângulo pelo arco comprehendido entre os seus lados. Ângulos iguaes abrangem com seus lados arcos iguaes traçados do vertice como centro e com o mesmo raio, e reciprocamente. Construir um ângulo igual a outro ângulo dado; idem igual á somma ou differença de dois ângulos dados.

Linhas perpendiculares. Ângulo recto. A perpendicular ao meio de uma recta tem todos os pontos equidistantes dos extremos dessa recta. Construir a perpendicular ao meio de uma recta; por um ponto dado na recta ou fóra della traçar a perpendicular a essa recta; a perpendicular a uma recta é menor que a obliqua tirada do mesmo ponto para essa recta; distancia de um ponto a uma recta.

Linha vertical, linha horizontal. Linhas obliquas, ângulo agudo, ângulo obtuso.

A somma dos ângulos formados por uma ou mais rectas cahindo sobre outra, e no mesmo ponto, vale dois ângulos rectos; a somma de todos os ângulos formados em torno de um ponto vale quatro ângulos rectos. Ângulos supplementares e complementares; igualdade dos ângulos que têm o mesmo supplemento ou o mesmo complemento; igualdade dos ângulos oppostos verticalmente. Propriedade das obliquas tiradas do mesmo ponto que a perpendicular a uma recta.

Rectas parallelas. Nomenclatura e propriedades dos ângulos formados por duas parallelas cortadas por uma transversal; construcção de uma parallela a uma recta dada. Ângulos de lados parallelos ou perpendiculares; parte de parallelas interceptadas por parallelas são iguaes; equidistancia das parallelas.

O centro de um circulo, o meio de uma corda e o meio de dois arcos que esta corda subentende estão na perpendicular á corda; procurar o centro de um circulo ou de um arco dado; dividir um arco em duas, quatro, oito, etc., partes iguaes; construir a bissetriz de um ângulo. Cordas parallelas interceptam na circumferencia arcos iguaes e reciprocamente.

Polygonos, diagonal, ângulo interno e externo do polygono, ângulo saliente e reentrante; polygono regular e ir-

regular ; numero de diagonaes do polygono convexo ; numero de triangulos em que fica dividido.

Triangulos, base, vertice e altura de um triangulo ; condição necessaria para que tres rectas formem triangulo. Somma dos tres angulos de um triangulo. Triangulo rectangulo, acutangulo, obtusangulo. Em um triangulo a angulos iguaes oppõe-se lados iguaes e reciprocamente ; vice-versa, a angulo maior ou menor oppõe-se lado maior ou menor e reciprocamente. Triangulo equilatero, isosceles e escaleno.

Casos de igualdade de triangulos, construcção de triangulos em cada um dos casos.

Quadrilateros. Parallelogrammos, propriedades dos lados e angulos do mesmo parallelogrammo, propriedade das suas diagonaes ; igualdade de parallelogrammos. Construir um parallelogrammo, sendo dados dois lados e o angulo por elles comprehendido. Trapesios, trapesio isosceles, propriedade dos seus angulos ; trapesio rectangulo. Rectificação da circumferencia ; conhecimento pratico da relação entre a circumferencia e o diametro ; rectificar uma circumferencia dado o seu raio ; resolução graphica do mesmo problema.

Inscrição e circumscrição dos polygonos regulares no e ao circulo. Proporcionalidade entre os segmentos de rectas interceptadas por outras rectas.

Quartas, terceiras e meias proporcionaes : alguns problemas mais simples.

Figuras, equivalentes. A'reas. A'rea do parallelogrammo, do triangulo, do trapesio, de qualquer polygono regular ou irregular. Transformação de um polygono em um triangulo equivalente.

A'rea do circulo, da corôa circular, do segmento e do sector do circulo. Construcção da oval, da ellipse e da espiral.

GRAMMATICA E EXERCICIOS DA LINGUA PORTUGUEZA

Revisão e desenvolvimento da grammatica, insistindo principalmente na conjugação dos verbos regulares e irregulares, tanto na voz activa como na passiva e sobre a formação do plural dos nomes terminados em *ão*, fórma irregular do feminino dos substantivos ; adjectivos numeræes ordinaes menos communs ; adjectivos patrios ; superlativos irregulares.—
Exercicios.

Verbos defectivos. Formação dos tempos dos verbos. Tempos primitivos e derivados. Tempos compostos ; sua

formação. Conjugação periphrastica: sua formação, seu emprego. *Exercícios.*

Formação de palavras de origem portugueza. Suffixos primarios e secundarios. Derivação dos substantivos, substantivos verbaes. Formação dos adjectivos. Derivação dos verbos. Derivação dos adverbios. Principaes prefixos: substantivos, adjectivos e verbos compostos. Alteração das palavras pelas figuras de *dicção*.— *Exercícios.*

Fundamento das leis de syntaxe de concordancia já explicadas no 1º grau.

Ellipses e suas especies. Particularidades da syntaxe de concordancia. Syllepse. Syntaxe de concordancia irregular reduzida a regular pela syllepse. Syntaxe de construcção. Construcção directa e inversa. Hyperbato e suas especies. Qualidades que provêm ao estylo do emprego judicioso das figuras de syntaxe. Solecismo resultante do abuso de transposição.— *Exercícios.*

Orações impessoaes sem sujeito determinado. Ligação das orações. Emprego das preposições e conjuncções. Pratica do emprego dos tempos e modos dos verbos. Emprego do infinito pessoal e impessoal.— *Exercícios.*

Principaes idiotismos da lingua portugueza.— *Exercícios.* Synonymos.— *Exercícios.*

Vícios contra a pureza, correção e clareza da linguagem.— *Exercícios.*

Exercícios de leitura, leitura explicada e significação de palavras e substituição de phrases. Exercícios de analyse em prosa e verso. Exercícios de composição. Cartas familiares. Breves narrações. Descripção de objectos conhecidos. Redacção de attestados, requerimentos, officios, recibos, etc.

Nota.— Os exercicios devem ser feitos nos livros de leitura, no quadro preto e nos cadernos.

SYSTEMA LEGAL DE PESOS E MEDIDAS

Systema metrico decimal. O que é medir uma grandeza. Diferentes especies de medidas.— *Exercícios.*

Medidas de comprimento. Instrumentos e diversos modos de medir. Medidas adoptadas para as distancias itinerarias. Definição da legua geographica e da maritima. Seus valores em metros.— *Exercícios.*

Medidas de superficie. Unidades, multiplos e submultiplos. Medidas agrarias.— *Exercicios*.

Medidas de volume. Suas unidades fundamentaes. Unidades derivadas. Medidas para lenha e madeira. Maneira de usar dellas. Medidas de capacidade. Suas fórmas, construcção e usos mais frequentes.— *Exercicios*.

Medidas de peso.— Unidade principal e usual. Sua derivação. Fórmias diversas das medidas de peso. Sua relação com as unidades de volume.— *Exercicios*.

CHRONOLOGIA

Relações geraes da astronomia com a chronologia. Periodicidade das phases da lua. Circuito regular das estações. O anno lunar. Necessidade da concordancia das phases da lua com as estações por causa das festas religiosas.

O anno solar. Necessidade civil da sua concordancia com o anno lunar. Organização dos calendarios. O aureo numero. Adopção do anno solar. Anno bissexto, annos seculares. As epactas.

E'ras. E'ra de Cesar e era de Christo. Periodos chronologicos. Successos historicos tomados como ponto de partida.

Nota — O ensino da chronologia não deve preceder o da geographia mathematica, mas seguir ou acompanhá-lo.

GEOGRAPHIA

Divisão da geographia. *Geographia mathematica*. — O espaço, astros e sua classificação, as orbitas. A gravitação universal. Classificação das estrellas e dos planetas; satellites. Cometas. Estrellas cadentes. Bolidos. Aerolithos. Nebulosas resoluveis e irresoluveis, a Via Lactea. O sol, orientação. Estrella polar e a bussola.

Fórma da terra, observações que a confirmam. Movimento de rotação e translação; o eixo da terra. O equador, hemisphérios. O dia e a noite. Crepusculos. Diferença da hora nos diversos logares da terra.

Meridianos. Latitude e longitude. Periecos, antiecos e antipodas. A orbita da terra, obliquidade do seu eixo, desigualdade dos dias e das noites. As estações. Solsticios e equi-

noxios. Os tropicos, equador e circulos polares. A ecliptica. Os meridianos e os parallellos. Os colluros. Os habitantes da terra em relação á sombra. A lua e suas phases, eclipses. Systemas astronomicos.

Geographia physica.— O globo, sua formação, e estado actual. Technologia geographica. Os continentes e os mares. Geographia physica da Europa, Asia, Africa, America e Oceania. Distribuição dos vegetaes e dos animaes pelas diversas regiões do globo. As raças humanas, a sua distribuição e o seu *habitat*.

Geographia politica.— O homem considerado individual e socialmente. A familia como fôrma primitiva de agrupamento. A religião, suas divisões e distribuição. Linguas, sua divisão e distribuição. Fôrmas de governo. As fronteiras. Relação da geographia politica com a physica. Geographia politica das diversas partes do mundo.

Geographia economica.— Sua relação com as geographias physica e politica. Influencia das raças e do solo. A administração e divisão da propriedade. Progressos da sciencia e da industria e decadencia do militarismo. Liberdade e dignidade do trabalho. A moderna circulação:— caminhos de ferro, tunnels, canaes e navegação. Redes telegraphicas. Colonias e colonisação. Emigração. Politica colonial.

Geographia historica.— Traços da historia da geographia. Exploração moderna. Colonias portuguezas desde o seu descobrimento até hoje. Exploradores portuguezes.

HISTORIA DE PORTUGAL

Toda a historia de Portugal desenvolvida e minuciosa até 1851.

DESENHO LINEAR E SUAS APPLICAÇÕES MAIS COMMUNS

O estudo do desenho não pôde consistir apenas em um trabalho meramente machinal e inconsciente. No ensino desta disciplina, ainda que se comece por exercicios de cópia, o professor no desenho de objectos simples, deve fazer que o discipulo compare sempre a estampa com o objecto desenhado; e,

fazendo-lhe notar as linhas de perspectiva, levará o alumno a copiar do natural, prescindindo pouco a pouco da estampa, e até a desenhar de memoria objectos previamente estudados ou já desenhados da estampa ou do natural.

DESENHO Á SIMPLES VISTA

Recordação do aprendido no ensino elementar. Traçar sem regua nem compasso, e nos quadros pretos e no papel, linhas rectas, equidistantes, verticaes, horizontaes, obliquas e perpendiculares. Desenho das principaes figuras geometricas. Cópias de desenhos formados de combinações de linhas rectas. Traçado de linhas curvas em differentes sentidos. Cópias de desenhos de combinações. Idem de linhas rectas com curvas. Traçado de linhas symetricas em volta de um ponto. Principios de desenho de ornato. Desenho de objectos simples e communs : 1º — copiando da estampa comparada com o objecto á vista ; 2º — *desenhando* do natural ; 3º — desenhando de memoria. Desenhos de solidos geometricos pelos mesmos processos. Desenho da cabeça humana, suas partes e proporções. Desenho dos elementos do reino vegetal, folhas, fructos e flores. Desenho de ornato copiado de baixos-relevos. Desenho, por cópia, de cartas geographicas.

DESENHO GEOMETRICO

Conhecimento do uso dos principaes instrumentos de desenho geometrico. Regua e esquadro, seu uso e verificação. Transferidor. Fio de prumo e nivel. Compasso simples e de redução. Reguas parallelas. Traçado em papel, e com o auxilio de instrumentos, das principaes figuras geometricas. Execução graphica de todos os problemas geometricos indicados no programma de geometria elementar. Elementos de perspectiva.

MORAL E HISTORIA SAGRADA

Moral

Objecto, divisão e fim da moral. Sentimento moral. Concepção do bem. Consciencia moral. Iniciativa propria. Ordem,

bem moral e lei moral. Dever e suas relações com o direito natural. Sanção da lei moral e seus caracteres. Premio, pena. Remorso. Satisfação da Consciencia. Acções humanas. Imputação. Responsabilidade. Virtude. Merito. Demerito. Existencia de Deus. Atributos divinos. Moral religiosa ou deveres para com Deus. Culto interno e externo. Moral individual ou deveres para conosco, relativos ao espirito e ao corpo. Moral social ou deveres para com os nossos semelhantes. Justiça e caridade.

Nota — O ensino desta disciplina deve ser antes exemplificado do que theorico.

Historia Sagrada

Estudo desenvolvido e minucioso de todo o Velho e Novo Testamento.

NOÇÕES ELEMENTARES DE HYGIENE

Definição e objecto da hygiene. Sua importancia no presente e no futuro da creança. Dever que todos têm de velar pela conservação da saude, e de procurar restaural-a quando perdida. Condições geraes de boa saude.

Da respiração e do ar atmospherico. — Composição do ar, em que condições é saudavel. Consequencias fataes para a saude de respirar o ar viciado. Viciação do ar. Meios que concorrem para sua viciação. Principaes doenças provenientes de respirar um ar impuro. Meios de as prevenir. Indicação de alguns processos expeditos e faceis para conhecer a impureza do ar. Meios prophylacticos de algumas doenças. Importancia da vaccinação e revaccinação.

Da alimentação. — Qualidades dos alimentos. Ração normal conforme a idade, sexo, estação, clima e exercicio. Condições de uma boa digestão. Consequencias perniciosas de uma alimentação insufficiente ou mal combinada, e dos erros quanto á quantidade e qualidade dos alimentos e periodicidade das refeições. Alterações e falsificações mais frequentes dos principaes alimentos. Indicação de alguns meios de facil emprego para as conhecer.

Das bebidas. — Escolha das aguas potaveis. Condições e qualidades de uma boa agua. Prejuizos resultantes do uso de

aguas impuras. Indicação de alguns meios expeditos e faceis para suspeitar ou conhecer a impureza dasaguas. Meios de as purificar. Vantagem do uso e consequencias dos abusos das bebidas acidas, aromaticas e fermentadas.

Do asseio e limpeza.— Sua necessidade. Abluções e banhos geraes. Principaes effeitos do banho segundo a temperatura da agua, precauções que se devem tomar para que não prejudique.

Do vestuario.— Condições a que deve satisfazer conforme as idades, estações e climas.

Habitações.— Escolha do sitio. Cubo de ar que deve ter uma casa habitada. Quantidade de ar fresco que deve ter por hora. Ventilação natural e artificial. Aquecimento. Illuminação. Principaes desinfectantes.

Gymnastica.— Vantagem da hygiene e inconvenientes da acrobatica. Necessidade de exercicios physicos e moderados para conservar a saude.

Do trabalho intellectual.— Regras a seguir segundo as idades. Consequencias do excesso de trabalho intellectual. Condições hygienicas do somno. Influencia que sobre a saude podem exercer o desanimo, a tristeza, a colera e quaesquer paixões que affectem o estado moral do individuo.

Da hygiene escolar.— Cuidados que devem ter os alumnos que se apresentam na escola pelo que toca ao asseio. Meios de evitar o myopismo, os desvios da columna vertebral e outras doenças que se podem contrahir na escola.

Primeiros cuidados a empregar em casos de contusão, ferimento ou asphixia.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO MASCULINO

Noções elementares de agricultura

Introduccão.— Importancia da agricultura pela influencia que exerce na prosperidade nacional e na felicidade das populações.

A terra e a atmospherica, climas, vegetação.— Terra, sua natureza e propriedades physicas. Regiões agricolas. Influencia do clima; agentes atmosphericos.

Operações principaes de agricultura.— Substancias fertilisantes. Adubos. Estrumes, etc. Amanhos do solo. Instrumentos de cultura. *Drenagem.* Afolhamentos ou successão da cultura. Alqueive e pousio. Organização dos trabalhos agricolas. Irrigação e régas. sementeiras e transplantação.

Colheitas. Conservação dos diversos productos. Influencia do calor e da luz nos vegetaes cultivados. Exposição. Abrigos. Surribas. Vallados, sebes, cerrados, caminhos vicinaes, carros.

Vegetaes que interessam á cultura portugueza.—Cereaes. Legumes seccos e verdes. Plantas oleoginosas, textis e tintureiras. Plantas forraginosas. Prados naturaes e artificiaes. Ceifa. Raizes alimenticias ou industriaes. Plantas parasitas e animaes nocivos ás sementeiras. Meios preservativos. Animaes destruidores dos insectos e de outros animaes nocivos: Vegetaes lenhosos, noções geraes. Multiplicação. Viveiro. Enxertos. Plantação e tratamento das arvores. Arvores fructíferas. Direcção e limpeza. Especies e variedades principaes cultivadas no paiz. Arvores de producção industrial. Vinhas e vinho. Pomares. Amoreira. Plantação. Tratamento. Exploração das arvores destinadas a fornecer madeira de construcção e de combustão.

Animaes domesticos uteis á agricultura.—Especies bovina, cavallar, ovina, suina, etc. Aves domesticas. Bichos de seda e abelhas. Industrias ruraes.

Nota — O ensino desta disciplina deve ser pratico, tanto quanto é possivel sê-lo no recinto de uma escola, e para isso as licções serão feitas á vista dos respectivos objectos naturaes ou figurados.

GYMNASTICA

Exercicios repetidos sobre o que é recommendado no ensino elementar.

Exercicios nos aparelhos.—Exercicios simples com:—barras e esferas de madeira, barras e esferas de ferro, maças e *halteres*, cordas lisas e de nós, escadas obliquas e verticaes, parallelas.

Exercicios de formatura.—Marchas e contramarchas em passo ordinario e acelerado. Carreira. Exercicios com os aparelhos. Exercicios com pesos. Exercicios no cavallo.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA OS DOIS SEXOS

Canto coral

O programma dá conselhos sobre o modo por que os professores devem dar este ensino destinado, não a formar musicos

e cantores, mas a melhorar as condições physicas das creanças, robustecer os pulmões e os órgãos da phonação, cultivar e aperfeiçoar o ouvido.

A par dos exercicios e ensino pratico do canto deve o professor ensinar da theoria musical o que for mais necessario para conseguir dos discipulos que entoem alguns cantos escriptos. Conhecimento da pauta musical. Systema de notação. Nome, fórma e valor das figuras e pausas. Claves, signaes, compassos, tons, modos, etc.

(Este ensino, que nas escolas portuguezas é dado por professores especiaes nas escolas de ensino complementar (2º grau), tem-se pretendido dar entre nós nas escolas elementares (1º grau) e pelo mesmo professor que ensina todas as outras materias !)

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO MASCULINO

Direitos e deveres do cidadão

Preliminares. O homem. A familia. A sociedade.

Direitos civis. Capacidade civil, como se adquire. Pessoas que gozam dos direitos civis. Pessoas que não podem exercer os direitos civis. Acquisição dos direitos. Cousas e bens immobiliarios e mobiliarios. Cousas publicas, communs e particulares. Occupação. Posse. Prescripção. Successão testamentaria. Testamento. Inventario. Legitima. Herdeiro e legatario. Contractos em geral e condições essenciaes para a sua validade. Principaes garantias dos contractos. Fiança. Abonações. Penhor. Hypotheca. Responsabilidade civil. Direitos politicos. Constituição do Estado. Carta constitucional da monarchia e actos addicionaes. Divisão dos poderes, e ideia de cada um delles. A quem confiados. Direitos garantidos aos cidadãos.

Administração districtal, municipal e parochial. Responsabilidade criminal.

Nota — O professor deve ter em vista a indole e fins do ensino nas escolas primarias. Tratando-se apenas de enriquecer o espirito dos alumnos com breves e exactas noções elementares sobre os principaes direitos e deveres do cidadão, quer como simples particular, quer como membro da associação politica do Estado, cumpre que o professor torne este ensino utile e pratico, evitando divagações e questões que pertencem a superior classe de estudos.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO FEMININO

Deveres da mãe de família

Educação da mulher. Bases em que deve assentar. Como se divide a educação. Que parte pôde e deve a mãe tomar na educação dos seus filhos. Em que responsabilidade para com os filhos e a sociedade incorrem os pais omisso no cumprimento dos seus deveres para com os filhos. Principaes qualidades moraes que deve ter a mãe de família. Deveres geraes dos pais para com os filhos. Amor maternal, em que consiste, sua benefica influencia quando verdadeiramente comprehendido; consequencias perniciosas quando exagerado e mal comprehendido.

Educação physica. — Cuidados e precauções para facilitar o desenvolvimento physico das creanças. Hygiene da primeira infancia. Como devem ser pensadas e vestidas. Cuidados com o berço, o quarto de dormir, etc. Quando se pôde expol-os ao ar livre. Socorro que a mãe pôde e deve prestar ao filho em casos imprevistos de doença repentina e na ausencia do medico. Meios de evitar abusos. Dentição. Meios de auxiliar-a, etc.

Epocha da desmamação. Regimen e cuidados. Hygiene das creanças nas diversas epochas que se seguem á ablactação. Brinquedos, recreios e jogo das creanças. Brincadeiras perigosas. Maneira de tirar partido dos jogos infantis para aproveitarem como exercicios physicos e intellectuaes.

Educação moral. — Quando começa, meios para bem dirigil-a. Cuidados para melhorar a indole e o character da creança. Qualidades que é preciso despertar e defeitos a corrigir. Bases da boa educação.

Como a auctoridade dos pais e boa educação podem ser prejudicados pela influencia de parentes ou pessoas que vivem ou frequentam a mesma casa. Necessidade de prevenir os effeitos dessa influencia quando perniciosas, de aproveitar e favorecer no caso contrario.

Educação intellectual. — Quando pôde começar sem inconvenientes e como deve ser feita nos primeiros annos. Que parte cabe á mãe de família. Dever que têm os pais de promover e zelar em casa ou na escola a instrução dos filhos.

Deveres dos pais para com a escola e para com os professores de seus filhos. Como pôde a mãe substituir ou auxiliar o trabalho da escola, ensinando ella propria ou explicando e

fazendo estudar as lições. Conveniencia dos exercicios praticos, especialmente de leitura em voz alta, feita pelo discipulo em casa de sua familia.

Prendas proprias do sexo

Costura. — Feitio de roupa branca, para creança, mulher e homem. Concertos.

Bordados. — Ponto de recorte, ponto inglez, de requife real, de sombra, de areia, ou posponto e nosinhos, de cadeia de espinhos, diferentes pontos abertos. Bordado de branco e de matiz.

Tomar medidas, tirar moldes e talhar. Cortar diferentes peças de roupa branca, como : toalhas, lençóes, fronhas, aventaes e toda a roupa de creança, mulher e homem.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA OS DOIS SEXOS

Escripturação

Considerações geraes sobre a utilidade da escripturação commercial, industrial, agricola ou domestica. Leis geraes. Theoria das Transacções commerciaes : comprar, vender, trocar. Termos technicos empregados. Escripturação por partidas singelas. Livros essenciaes : memorial ou borrão, diario, razão, caixa. Como se riscam e escripturam. Sua importancia relativa e absoluta. Disposições da lei a este respeito. Livros auxiliares : copiador da correspondencia, livro dos inventarios, livro das entradas e sahidas, memorial de letras a pagar e a receber. Importancia destes livros e como se escripturam. Documentos commerciaes. Modelos de recibos, de letras, de facturas, de receita e despeza, de contas correntes, etc. Inventarios, arrolamentos, balancetes, balanços. Numerosos exercicios de resolução de problemas applicados ás operações industriaes e commerciaes. Exercicios de redacção sobre estes assumptos, lançamento de contas, etc.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO MASCULINO

Principios de economia rural, industrial ou commercial

Deixo de dar o programma, que é vasto, para não alongar este trabalho.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA OS DOIS SEXOS

(*Rudimentos de Physica e Chimica*)

Preliminares. O cobre e o enxofre. Mistura. Combinação. Distincção entre phenomeno physico e chimico.

PHYSICA

Darei muito resumidamente este programma, que é extenso. Citarei apenas os titulos a que se filiam os seus diversos pontos.

Gravidade. — Quêda dos corpos. Demonstração experimental. Direcção. Gravidade. Equilibrio. Peso dos corpos.

Balança. Descrição. Alavanca. Methodo de pesar. Exactidão da balança. Dupla pesagem. Sensibilidade. Balanças usadas.

Densidade dos corpos. Exemplos: agua, alcool, azeite, mercurio, chumbo, etc.

Propriedades dos corpos no estado liquido. — Mobilidade. Horizontalidade. Superficie do mar. Nivel d'agua. Repuxos. Fontes. Poços ordinarios e artezianos.

Pressões exercidas pelos liquidos sobre as paredes dos vasos. Exemplos mais communs. Pressões pelos liquidos sobre os corpos nelles mergulhados. Veios de agua nos navios a diferentes alturas. Principio de Archimedes. Peso apparente de um corpo mergulhado n'um liquido.

Corpos fluctuantes. Barcos. Cintos de salvação.

Propriedades dos corpos no estado gazo. — Demonstração do peso do ar e dos gazes. Electricidade e compressibilidade. Pressão atmospherica. Barometros. Suas especies. Pipeta, syphão e bombas. Perda do peso dos corpos no ar. Balões.

CALOR. — *Dilatação dos corpos;* thermometro. Graduação e escalas. Temperatura, no verão e inverno. Maximas e minimas. Demonstração de que a densidade dos corpos diminue quando a temperatura se eleva. Maximo da densidade d'agua

Mudança de estado dos corpos. — Fusão e solidificação. Congelamento. Fluctuação de gelo. Crystallisação. Neve. Misturas frigorificas usuaes. Fabricação dos gelados. Vaporisação. Evaporação e ebulição. Força elastica dos vapores.

Arrefecimento. Moringues. Condensação dos vapores. Distillação.

Phenomenos atmosphericos : nevoeiro, orvalho, geadas, chuva, neve, saraiva e nuvens.

Noções sobre as machinas a vapor.— Emprego do vapor como motor. Machina de vapor. Locomotivas e locomoveis.

Conductibilidade.— Nos solidos. Correntes produzidas nos liquidos e gazes aquecidos inferiormente. Movimento do ar nas chaminés. Vento. Bons e maus conductores. Applicação ao vestuario.

Electricidade e magnetismo.— Phenomenos geraes. Fricção. Electricidade positiva e negativa.

Machina electrica e electrophoro.— Faisca electrica. Propriedade das pontas. Efeitos das descargas electricas : mechanicos, calorificos, chimicos, physiologicos.

Raio e para-raios.— Raio, relampago e trovão. Efeitos do raio.

Magnetismo.— Iman. Propriedades. Magnetes naturaes e artificiaes. Polos e linha neutra. Acção da terra sobre os magnetes. Magnetisação do ferro, do aço. Processo de magnetisação. Bussola maritima.

Electricidade voltaica.— Correntes electricas. Pilhas. Efeitos : calorificos, luminosos, chimicos e magneticos. Applicação: luz electrica, galvanoplastia, telegraphia, telephonia, campainhas electricas.

Acustica.— Som. Ruido. Produccão do som. Movimento vibratorio. Qualidades do som. Ondas sonoras. Propagação nos liquidos e solidos. Echos e resonancia.

Optica.— Corpos luminosos, transparentes e opacos. Propagação da luz. Sombras. Reflexões da luz. Generalidades sobre sua reflexão. Espelhos planos. Reflexão diffusa. Refracção. Generalidades. Lentes. Especies de lentes. Applicação. Decomposição da luz solar : côres do espectro. Recomposição da luz branca. Explicação da diversidade de côres dos corpos.

CHIMICA

Agua.— Decomposição pela pilha: analyse. Recomposição: synthese.

Aguas naturaes. Pura. Sua composição. *Hydrogenio.* Propriedade e preparação. *Oxygenio.* Propriedade e preparação. Hydrogenio ardendo no oxygenio.

Ar.— Composição. Azoto. Combustão. Chamma. Combustões vivas e lentas. O homem é séde de combustões lentas. Causas de asphixia. Acção das plantas e animaes sobre o ar.

Corpos simples e compostos. — Metaes e metaloides. Acidos, bases, saes, e corpos neutros.

Principaes metaloides. Metaes mais importantes. Acidos e saes mais importantes. Compostos de carbono. Fermentação. Panificação. — Bebidas fermentadas. Gaz illuminante. Petroleo. Alcool. Assucar. Farinha. Sabões. Velas stearicas. Tinta de escrever. Cortume de pelles. Oleos. Gorduras.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO MASCULINO

Rudimentos de historia natural

Preliminares. — Diferença entre animaes, vegetaes e mineraes. Divisões da historia natural.

BOTANICA

A planta. — Orgãos. Raiz, caule, folhas, flôres e fructos. A raiz. Fórmias. Distincção entre raizes e caules subterraneos. Raizes adventicias. Mergulhia e enxertia. Funcções das raizes.

O caule. — Fórmias e dimensões. Estudo sobre o caule.

As folhas. — Estudo sobre as folhas. *Os gommos. A flôr.* Partes essenciaes e accessorias. Funcções. Estudo minucioso sobre a flôr. Floração. *Disposição das flôres* no caule. *O fructo e a semente.* Fructos carnosos e seccos. Parte comestivel. Disseminação e germinação.

A vida da planta. Variedade dos typos vegetaes. — Clasificação das plantas. Principaes ordens e familias.

Plantas uteis e prejudiciaes. — Alimentares, forraginosas, textis, oleoginosas, tinturiaes, medicinaes e venenosas.

ZOOLOGIA

O animal. — Orgãos de nutrição e relação. Orgãos digestivos, de secreção, de respiração e de circulação. Orgãos nervosos e dos sentidos, musculos e ossos. Apparelhos e funcções. *Digestão e absorpção.* O que é a digestão e onde se opêra. Conselhos hygienicos sobre a alimentação. *Respiração.* Inspiração e expiração. Pulmão. Composição do ar expirado. Conselhos hygienicos.

Circulação.— O sangue e sua utilidade. Impurezas do sangue à saída dos órgãos. Movimento sanguíneo. Causas. Estructura e mechanismo do coração. Arterias e veias. Conselhos hygienicos.

Assimilação, secreção, transpiração e calor animal. — Estudo minucioso.

Ossos, musculos e movimentos. — O esqueleto, os musculos, mechanica dos movimentos. Conselhos para desenvolver e conservar a força muscular.

Systema nervoso.— Seu papel e funcionamento. A vontade. Nervos motores e sensiveis.

Os sentidos.— O tacto, a visão, o ouvido, o cheiro, o gosto.

A voz.— Conselhos sobre a conservação da acuidade dos sentidos, da voz e do systema nervoso em geral.

Diversidade dos animaes.— Typos animaes. Classificação. Principaes classes, ordens e familias. Animaes bravios e domesticos.

MINERALOGIA E GEOLOGIA

Composição do solo.— Variedades das pedras na superficie e na profundidade. Mineraes e rochas. Calcareos. Caracteres. Petrificação. Marmores. Pedras lithographicas. Alabastro. Fabrico da cal. Gesso. Utilidade. Estuque. Moldagem. Alabastro gypsozo. Argila. Margas. Ceramica. Rochas siliciosas. Areia e grès. Rochas crystallinas. Granito, basalto, porphyro. Terra vegetal. Mineraes combustiveis, turfa, linhito, hulha, anthracito, plombagina, diamante. Enxofre. Minerios de chumbo e estanho.

Formação do sólo. Fosseis.— Vulcões. Formação dos terrenos sedimentares e vulcanicôs.

Eras geológicas.— Primaria, secundaria, terciaria e quaternaria.

ENSINO COMPLEMENTAR PARA O SEXO FEMININO

Economia domestica

Objecto e utilidade. Governo da casa. Ordem, asseio, actividade, economia, vigilancia, previdencia. Orçamento. Receita e despesas certas ou provaveis. Despesas necessarias, uteis, superfluas. Escolha da casa. Condições para ser sadia.

Arejo, lavagem, limpeza. Quartos de dormir, salas de trabalho e cozinha.

Mobilia. Escolha. Aquisição. Limpeza e conservação dos moveis. Fatos e roupa branca. Condições hygienicas e de duração. Conservação. Meios de prevenir ou destruir a traça. Limpeza dos fatos e lavagem da roupa. Cinzas, sabão, potassa, soda, chlorato de cal.

Alimentação. Conselhos. Preparação culinaria dos alimentos. Louça e utensilios de cozinha. Combustiveis. Illuminação. Materias empregadas. Quaes as mais convenientes quanto á hygiene e economia.

Precauções para prevenir os incendios, meios de os atalhar. Providencia para os casos de doença, etc. Monte-pios, seguro contra fogo. Vantagem de depositar em caixa economica todo o excesso de receita para quaesquer despezas extraordinarias e inesperadas. Perigos de se proceder levianamente na escolha do banco ou caixa economica para esse fim. Consequencias perniciosas de recorrer ao emprestimo.

Das distracções e recreios. Vantagens e inconvenientes. Quaes os mais aconselhados.

Primeiros cuidados aos doentes. Meios a empregar em casos urgentes antes da chegada do medico. Tratamento nos casos de leve indisposição de saude. Deveres de uma boa enfermeira em caso de doenças agudas.

Desenho de ornato applicado ás obras proprias do sexo

Desenho de exemplares facéis que representem os varios ornatos com que se enfeitam vestidos, camisas e quaesquer peças de fato de ambos os sexos e outros objectos uteis e vantajosos na pratica.

Estes exercicios serão feitos nas lousas, quadro preto, papel ou cartão.

Lista dos livros adoptados nas escolas publicas de Lisboa

LEITURA

Cartilha maternal e Os deveres dos filhos, por João de Deus; *Leitura de manuscrito*, por Antonio Maria de Almeida; *Cartilha Nacional e Selecta Nacional* (1ª parte,

Litteratura), por Caldas Aulete; *Ramalhinho da Puericia e Selecta portugueza*, por Felippe Leite; *Leitura para as escolas primarias*, livro editado pela livraria Ferreira, de Lisboa; *Leituras correntes*, por Adolpho Coelho; *O 1º livro da escola* (1ª e 2ª parte, 2 volumes), por Simões Raposo; *Exemplos de virtudes civicas e domesticas*, por Vilhena Barbosa; *A's mães e às filhas*, por Caïel; *O 1º livro da escola, o 2º livro da escola, o 3º livro da escola e a Selecta da escola*, quatro obras da auctoria de Simões Lopes; *Leituras populares, moraes e instructivas*, por Brito Aranha; *Novo livro de leitura*, por João Diniz; *Leituras escolares em prosa e verso*, por Arlindo Varella e Silva Barreto.

GRAMMATICA

Grammatica elementar, por Santos Martins; *Grammatica elementar*, por Epiphanio Dias; *Grammatica elementar*, por Travassos Lopes; *Grammatica portugueza*, por Claudino Dias; *Grammatica portugueza*, por Caldas Aulete; *Verbos da lingua portugueza*, por Torres Mascarenhas; *Conjugação de verbos e synopse dos nomes, pronomes, artigos, preposições, etc., para as segundas classes*, por **; *Luziadas*, de Camões, para analyse nas turmas adiantadas.

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

Exercicios de arithmetica para as escolas primarias, por Antonio Maria de Almeida; *Arithmetica pratica e arte de contar*, por Augusto José da Cunha; *Taboada para as escolas elementares*; *Arithmetica elementar e systema metrico*, por Silva Dias; *Noções praticas de arithmetica e systema metrico*, por Antonio M. de Freitas; *Systema metrico da infancia*, por Francisco M. H. S. Pereira; *Arithmetica elementar e Systema metrico*, por Travassos Lopes.

GEOMETRIA E DESENHO LINEAR

Noções elementares de geometria e Compendio de desenho linear, por T. da Motta ; *Geometria synthetica*, por Nunes Godinho ; *Compendio de desenho*, por J. Miguel de Abreu ; *Compendio de desenho*, por Simões Lopes ; *Compendio de geometria*, por Travassos Lopes.

MORAL E RELIGIÃO

Compendio de historia sagrada, por Travassos Lopes ; *Compendio de doutrina christã* ; *Mimo à infancia (historia sagrada)* por Monteverde ; *Rudimentos de Moral*, por Santos Martins ; *Rudimentos de Moral*, por Pedro A. Monteiro ; *Elementos de Moral*, por Cunha Seixas ; *Manual dos direitos e deveres*, por Candido de Figueiredo ; *Quadros da historia portugueza*, por Silveira da Motta ; *Portuguezes illustres*, por Pinheiro Chagas.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Novo resumo da historia de Portugal, por Torres Mascarenhas ; *Novo epitome da historia de Portugal*, por Antonio José Viale ; *Resumo da historia moderna de Portugal*, pelo Dr. Motta Veiga ; *Historia de Portugal*, por Candido de Figueiredo ; *Compendio de historia patria*, por Travassos Lopes ; *Noções de chorographia de Portugal*, por E. A. de Bettencourt ; *Primeiras noções de chorographia portugueza*, por Candido de Figueiredo ; *Geographia geral*, por Guilherme de Souza.

LIÇÕES DE COUSAS

Livro de historias (1ª e 2ª parte, dois volumes), por Fabre ; *Sciencia para as escolas*, por E. V. Salgado.

CALLIGRAPHIA E COMPOSIÇÃO

Exercícios graduaes de escripta, por A. M. de Freitas e Eugenio de Castro Rodrigues; *Exercícios de composição*, por Claudino Dias.

Todo o material e livros para uso dos alumnos que frequentam as escolas, são fornecidos pela Municipalidade.

E não só os bancos-carteiras, mesas, quadros, etc., como tambem o papel, pennas, tinta, lapis, ardosias, papel e envelopes para officios, cadernos para exercicios de escripta e contabilidade, emfim, todo o necessario.

O professor requisita os objectos de que precisa e essa requisição, depois de *visada* pela auctoridade competente, é remetida à respectiva repartição. Dous ou tres dias depois, ou mais cedo, segundo a urgencia, o director recebe tudo na sua escola e passa o competente recibo. Para isso o almoxarifado da Instrucção Publica tem uma ou mais carroças empregadas nesse mister e na conducção do mobiliario escolar, quando ha necessidade de ser substituido.

Quem folhear os livros adoptados nas escolas portuguezas notará que a maior parte dos seus auctores não faz obra de fanfaria com o interesse unicamente nos lucros pecuniarios. Para honra dos que trabalham para as escolas, dos que lhes preparam os *manuaes*, nota-se um cuidado escrupuloso na escolha dos assumptos, do papel e na impressão do livro, procurando tornal-o util e attrahente, enchendo-o, quanto possivel, de boas gravuras, etc.

Da lista acima de livros adoptados, pôde citar-se, sem receio, os seguintes como perfeitamente adequados aos fins que visam:

O methodo João de Deos, muito conhecido e apreciado, e que encontra um rival poderoso no methodo do abbade de Arcozello, aquelle muito adoptado em Lisboa e Porto, este adoptado por alguns professores de Lisboa e muitos professores do Porto e aldeias.

O methodo de leitura do Sr. Simões Raposo, professor do 2º grau, inspector de instrucção primaria e antigo encarregado da direcção dos estudos, como sub-director da Casa Pia. O methodo completo consta de tres volumes, o 1º, o 2º e o 3º *livro da escola*, adquirindo o discipulo por elle grande cópia de conhecimentos litterarios e scientificos e salutarissimas licções de moral e hygiene.

No mesmo caso deste methodo estão:—a *Selecta Nacional* de Caldas Aulete, livro muito conhecido entre nós, e as *Leituras escolares em prosa e verso* por Varella e Silva Barreto, professores publicos primarios com exercicio nas escolas centraes de Lisboa. Esta obra é bem feita e é dividida em 7 partes. A 1ª contém *Contos e apologos*; a 2ª *moral e religião*; a 3ª *Poesia*; a 4ª *sciencias physico-naturaes*; a 5ª *geographia*; a 6ª *historia*; a 7ª *instrucção varia*. No fim do volume ha um vocabulario elucidativo das palavras empregadas no texto e que estão menos ao alcance das creanças.

A *Selecta portugueza*, da qual são auctores os Srs. Luiz Felipe Leite, professor do Lyceu Central de Lisboa, e Bernardo Valentim Moreira de Sá, professor da Escola Normal do Porto, impressa em bom papel apropriado e bem cartonada, com 235 paginas, é um bom trabalho.

A *Selecta das escolas*, por Simões Lopes, bem impressa e cartonada, tendo boas gravuras e uma bem feita escolha dos assumptos; as *Leituras para as escolas primarias*, edição da livraria Ferreira; o *novo livro de leitura*, de João Diniz, bem impresso e encadernado; o *Ramalhinho da Puericia*, infelizmente mal impresso e pessimamente brochado; os *Contos às mães e às filhas*, por Caïel, no mesmo caso do precedente; as *Leituras populares, moraes e instructivas* (7ª edição com muitas gravuras), por Brito Aranha; os *Exemplos de virtudes civicas e domesticas colhidos na historia de Portugal*, por Vilhena Barbosa; e a magnifica obra *Sciencia para as escolas*, traducção do *Tresor scientifique par Conan*, pelo

Sr. Vidigal Salgado, bem impressa, bem cartonada e com grande numero de boas gravuras; são obras todas que se recommendam para o ensino.

Os *Exercícios preparatorios de composição* para uso das escolas por Claudino Dias já são usados entre nós por algumas casas de educação, assim como o *Methodo legographico* de Caldas Aulete, a *grammatica* e outras obras do mesmo auctor. E' muito recommendavel a obra do Sr. Pinheiro Chagas—*Portuguezes illustres*.

São tambem dignos da approvação que tiveram: o *Compendio de desenho elementar* de José Miguel de Abreu e o *Compendio de desenho* do Sr. Simões Lopes.

Entre as obras scientificas, dignas da adopção official que obtiveram, notam-se: a *Geometria synthetica* de Nunes Godinho; a *Arithmetica elementar* de Silva Dias; a *Grammatica elementar* de Santos Martins, professor primario nas Escolas Centraes; os livros do Sr. Travassos Lopes, ex-professor publico primario e actualmente inspector districtal de instrucção primaria, destacando-se entre todas pelo seu character eminentemente pratico e intuitivo o seu *Compendio de geometria* para o ensino primario complementar.

Além dos methodos acima muito em uso, existe o do Sr. Alfredo Julio de Brito, professor de grammatica e pedagogia das duas Escolas Normaes de Lisboa, do qual me foi offerecido cavalheirosamente um exemplar pelo seu auctor.

ESCOLA MUNICIPAL CENTRAL N. 1

Foi esta a escola para a qual, em minhas visitas, me dirigi em primeiro logar.

Está collocada na rua da Inveja e funciona em edificio especialmente construido para esse fim. Consegui obter o *alçado e fachada* do edificio, que obsequiosamente me foram dados pelo respectivo director. Remetti-o á Inspectoria Geral.

Na importantissima revista pedagogica—*Frœbel*,—que cessou a sua publicação e da qual foi me dado por um dos seus redactores, o Sr. A. Ferreira Mendes, sub-chefe da Secretaria de Instrucção, um exemplar, que tambem remetti á Inspectoria com destino ao *Pedagogium*, encontra-se minuciosa descripção deste edificio, acompanhada da planta e fachada.

A escola n. 1 é dirigida pelo professor Eugenio de Castro Rodrigues.

Ha na escola quatro professores do sexo masculino e quatro do feminino. A's professoras estão entregues as classes elementares. Tem a escola seis primeiras classes, duas segundas, duas terceiras e uma quarta. As aulas são de manhã, á tarde e á noite. As primeiras começam ás 8 1/2 ou 9 horas da manhã e terminam á 1 da tarde; as segundas começam á 1 1/2 da tarde e terminam ás 6; as terceiras (curso nocturno) começam ás 6 1/2 ou 7 e terminam ás 9 horas da noite. Ha, pois, duas grandes turmas distinctas de alumnos:—a dos que frequentam a escola até 1 hora e a dos que a frequentam á tarde. primeiro tempo, isto é, das 9 da manhã á 1 da tarde, funcio-
No nam seis classes; no segundo tempo, das 11 1/2 ou 2 ás 6 da tarde, funcionam tres classes; no terceiro tempo, isto é, á noite, funcionam duas classes.

A escola tem mais o seguinte pessoal: um porteiro, tres serventes, dois continuos e um empregado para os mictorios e latrinas.

O director reside no predio que tem seis salas occupadas com aulas, além do salão da entrada e do gabinete do director, que é tambem a secretaria da escola. Ha outras divisões destinadas á bibliotheca, gabinete de physica, etc.

A escola possúe, além do gabinete de physica, um Museu de Saffray para as *lições de cousas*, bem como um piano para os exercicios do canto. Os bancos-carteiras usados são do systema Lenoir. Na epocha da minha visita a escola contava 520 alumnos.

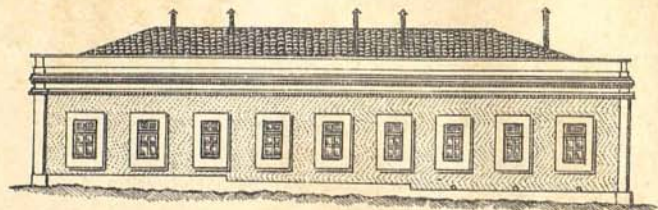
ESCHOLA MUNICIPAL-CENTRAL N.º 1

Fachada principal.



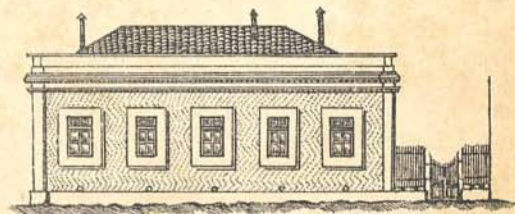
N.º 1.

Fachada lateral para a rua da Inveja (poente)



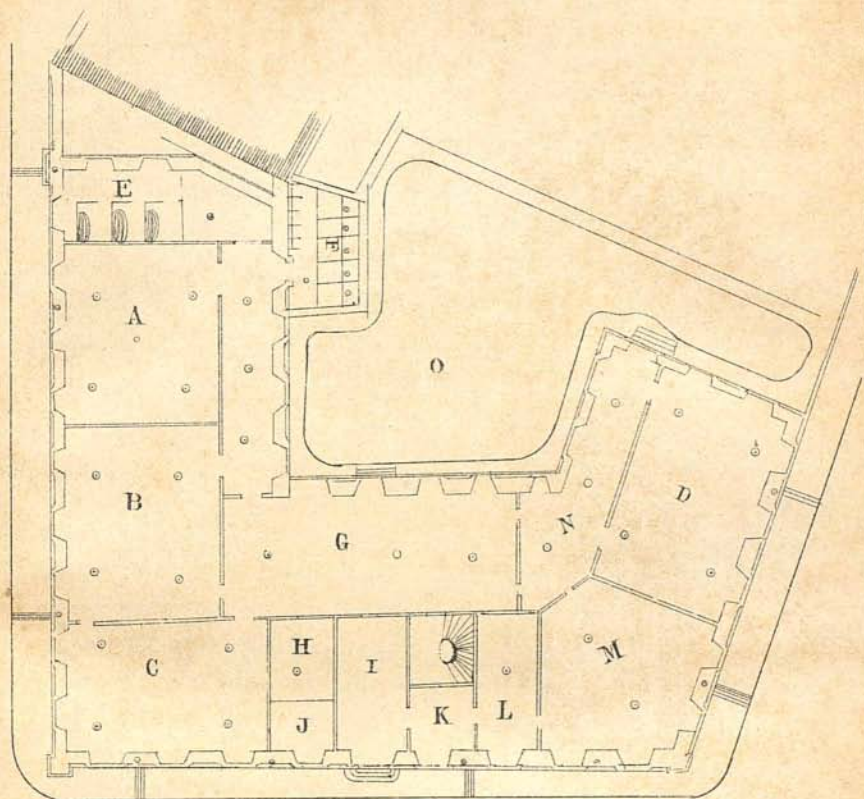
N.º 2.

Fachada lateral para o lado do nascente.



N.º 3.

Planta da Escola Central Municipal n. 1



Escala $\frac{1}{8000}$

A_Primeira classe
 B_Segunda classe
 C_Terceira classe
 D_Quarta classe
 E_Casa de banhos
 F_Latrinas
 G_Sala de passagem

H_Guarda de chapéus e capas
 I_Vestibulo
 J_Casa do porteiro
 K_Casa de espera
 L_Saletta
 M_Secretaria
 N_Bibliotheca escolar

O_Pateo

O ensino da gymnastica, dos exercicios militares e do canto coral é dado por professores especiaes que percorrem as escolas em dias determinados, prodigalizando aos alumnos o ensino de sua especialidade.

Em uma sala destinada à *Arrecadação* ha 40 espingardas com as competentes baionetas, tudo muito limpo e asseiado; e no *pateo de gymnastica*, preparado convenientemente, encontra-se *trapezios, barras, parallelas* e outros utensis para o ensino dessa disciplina, hoje introduzida em todas as escolas européas.

Ahi fui informado de que existem em Lisboa dois

BATALHÕES ESCOLARES

que contam 600 praças. Para esses batalhões cada escola concorre com um contingente. A escola n. 1, de que trato, dá um contingente de 40 praças. Informaram-me tambem que esses batalhões escolares foram o *grande successo* nos festejos da inauguração da *Avenida da Liberdade*, pelo garbo com que se apresentaram, pelas suas marchas e evoluções.

Annexa à escola e em uma das suas salas ha uma bibliotheca publica que tinha na occasião da minha visita à escola perto de 4.000 volumes. Pertence essa a uma serie de bibliothecas populares distribuidas por varias ruas de Lisboa. Existiam nesse tempo cinco bibliothecas desse genero funcionando, estando mais uma ou duas em preparos para serem em breve franqueadas ao publico.

Até essa epocha o total dos volumes das cinco bibliothecas francas ao publico, era de 15.000 volumes, pouco mais ou menos.

Nas classes elementares dessa escola, leccionadas por senhoras, está adoptado o methodo de leitura de João de Deos.

Informaram-me tambem, e eu tive occasião de verificar, que nas escolas centraes do sexo feminino, além do pessoal

docente necessario, ha sempre um porteiro, as serventes e vigilantes precisas, e um empregado para cuidar das latrinas.

Assisti a algumas licções e demorei-me mais, assistindo á de leitura de uma das classes elementares e á de grammatica adiantada.

O ensino é o mesmo em todas as escolas.

ESCOLA CENTRAL N. 2

Bonito edificio na rua da Boa Vista, mas um pouco aca-nhado para o numero de alumnos que tem a escola. Asseio interno irreprehensivel. A escola, que tem 300 alumnos, é dirigida pelo professor João Francisco Barroso e tem quatro professoras e tres professores, além do director e dos profes-sores especiaes de canto, gymnastica e exercicios militares. Para estes exercicios ha um magnifico pateo. A escola tem tambem uma bibliotheca e um gabinete de physica. Além do pessoal docente tem porteiro, serventes e continuos.

ESCOLA CENTRAL N. 5

Visitei esta escola do sexo feminino a instancias do Sr. Dr. Theophilo Ferreira, deputado geral, director e professor vitalicio da Escola Normal e inspector de uma circumscripção escolar. Com esse cavalheiro visitei ainda uma outra escola importante nesse mesmo dia. Infelizmente os muitos trabalhos do Sr. Dr. Theophilo Ferreira, a quem muito devem o ensino e o professorado em Portugal, já como medico de grande clinica, já como professor, impediram-n'o de ser muitas vezes meu *ciceroni*, como tão desejoso se mos-trava. Para se avaliar a somma de serviços e de beneficios prestados por este homem benemerito á instrucção publica e especialmente á instrucção popular em Portugal, fazendo-se uma pallida idéa do seu trabalho e da sua tenacidade, é pre-

ciso ler-se o volumoso *Relatorio* por elle escripto e relativo ao anno de 1882.

A escola n. 5, como todas as de Lisboa, quer de um, quer de outro sexo, funciona de manhã e á tarde.

Tinha matriculadas no curso da manhã 341 alumnas e no curso da tarde 239, o que dava um total de 580 alumnas.

A escola está dividida em cinco classes.

A 1ª classe está dividida em cinco turmas com as denominações A, B, C, D, E.

A 2ª classe está dividida em tres turmas com as denominações A, B, C.

A 3ª classe está dividida em tres outras classes. As classes A e B preparam alumnas para o exame elementar.

A classe C prepara para admissão ao Lyceu.

Cada classe ou turma tem 60 alumnas e é dirigida por uma professora e uma ou duas auxiliares.

As aulas funcionam das 9 horas da manhã á 1 hora da tarde e das 2 da tarde ás 6 ou 7.

A escola tem porteiro, serventes e vigilantes necessarios.

O asseio é tambem irreprehensivel.

E' dirigida pela Sra. professora D. Lodumilla Matta Porto-Carreiro, que é quem tambem dirige a

ESCOLA MARIA PIA

collocada no 2º andar do mesmo edificio que, como se vê, é bastante vasto.

Esta *Escola Maria Pia* tem, porém, um director especial dos estudos, o Sr. Dr. Antonio da Cunha Belem.

Havia frequentando as aulas, por occasião da minha visita, 112 alumnas. Leccionam nesta escola constantemente sete professoras e tres professores, além de um certo numero de professores especiaes.

A *Escola Maria Pia*, creada e mantida tambem pela Camara Municipal, tem um regulamento especial.

Os fins a que visa este estabelecimento estão definidos nos seguintes trechos que precedem á sua lei organica justamente publicada e posta em execução neste anno de 1891.

« A remodelação proposta dos estudos da *Escola Maria Pia* não prejudica nenhuma das applicações que esses estudos tem tido de facto até agora e augmenta-as consideravelmente.

Assim se mantém a habilitação geral para as alumnas serem medianamente instruidas e boas donas de casa, e neste ultimo sentido ha aperfeiçoamento resultante da organização da cadeira n. 10, assim como se mantém a habilitação especial para caixeiras, modistas, professoras particulares, guarda-livros, etc.

Com a nova organização, porém, as alumnas podem, além disso fazer nos lyceus os exames dos quatro primeiros annos destes institutos, adquirindo assim um curso de instrucção secundaria com garantias officiaes; e com esta acquisição podem conseguir o magisterio primario official, independentemente de concurso, completando na escola esta habilitação com a aula de pedagogia.

Podem tambem, com a faculdade de fazer exame nos lyceus, obter os preparatorios que a lei exige para a profissão de pharmacia; a maior parte dos preparatorios inclusivamente para o curso de medicina; exames com mais garantia official para o exercicio da profissão de guarda-livros; e finalmente, habilitação para profissões, para as quaes se exigem alguns exames feitos nos lyceus, taes como emprego nas estações telegrapho-postaes, etc.»

Pelo regulamento em vigor, que foi approved em sessão de 7 de agosto de 1890, foi introduzida a cadeira de musica de canto no quadro dos estudos e supprimida a cadeira de allemão.

Os estudos da *Escola Maria Pia* abrangem:

- 1.º Lingua portugueza,
- 2.º Litteratura portugueza.
- 3.º Lingua franceza.
- 4.º Lingua ingleza.
- 5.º Geographia geral e especialmente a de Portugal.
- 6.º Historia geral e especialmente a de Portugal.
- 7.º Principios de physica, chimica e historia natural ; noções de hygiene.
- 8.º Mathematica elementar.
- 9.º Desenho (geometrico e de ornato) e calligraphia.
- 10.º Elementos de moral ; deveres da mulher na familia e na sociedade ; direito usual, economia domestica e culinaria.
- 11.º Pedagogia.
- 12.º Contabilidade.
- 13.º Musica (canto).
- 14.º Trabalhos manuaes (costuras e labores).

Com estas disciplinas estão constituídos os seguintes cursos:

1.º O curso geral que comprehende as disciplinas de ns. 1 a 10 e 14.

2.º O curso para o magisterio primario que comprehende as disciplinas de ns. 1 a 11 e 14.

3.º O curso commercial que comprehende as disciplinas de ns. 1 a 10 e 14.

O estudo da musica é facultativo para os cursos *geral* ou *commercial* ; é obrigatorio, porém, para o curso do magisterio primario.

A escola tem:— uma bibliotheca, um gabinete de physica, um laboratorio de chimica, um museu de historia natural e um museu escolar.

Quadro da distribuição annual das disciplinas

1º anno

	<i>Lições semanaes</i>	<i>Hora</i>
Lingua portugueza.....	4	4
» franceza.....	4	4
Principios de physica, etc.....	2	2
Mathematicas elementares.....	2	2
Elementos de moral, etc.....	1	1
	<hr/>	<hr/>
	13	13

2º anno

Lingua portugueza.....	3	3
» franceza.....	3	3
» ingleza.....	2	2
Geographia.....	2	2
Historia.....	2	2
Principios de physica, etc.....	2	2
Mathematicas elementares.....	2	2
Elementos de moral, etc.....	1	1
	<hr/>	<hr/>
	17	17

3º anno

Lingua ingleza.....	4	4
Geographia.....	3	3
Historia.....	3	3
Litteratura portugueza.....	2	2
Principios de Physica, etc.....	2	2
Mathematicas elementares.....	2	2
Elementos de moral, etc.....	1	1
	<hr/>	<hr/>
	17	17

4^o anno

	<i>Lições semanaes</i>	<i>Horas</i>
Litteratura portugueza.....	3	3
Principios de Physica, etc.....	3	3
Mathematicas elementares.....	3	3
Contabilidade.....	4	4
Elementos de Moral, etc.....	2	2
Pedagogia.....	2	2
	<hr/>	<hr/>
	17	17

FÓRA DAS HORAS DE CLASSE, FAR-SE-HA O ENSINO DAS SEGUINTES

<i>Disciplinas</i>	<i>Horas por semana em cada anno do curso</i>
Desenho.....	Tres no 1 ^o anno e no 2 ^o ; duas no 3 ^o e 4. ^o
Trabalhos manuaes..	Idem.
Musica.....	Tres horas por semana nos 4 annos.

Nesta escola tive ensejo de ver magnificos trabalhos de desenho e bordados.

ESCOLA CENTRAL N. 6

Funciona n'um magnifico e grande predio alugado da rua Saraiva de Carvalho.

E' dirigida pelo professor Luiz Porfirio da Silva Sampaio, que reside com sua familia no edificio escolar. Como em todas ou quasi todas as escolas de Lisboa, nota-se nesta muita ordem e muito asseio. A isso se presta o edificio que me pareceu ser moderno, tal é a sua architectura e estado de conservação.

A escola tem 12 professores, além do director, 6 que trabalham de manhã e 6 à tarde.

As aulas são das 8 1/2 da manhã à 1 da tarde e das 2 às 6.

Ha cinco primeiras classes, quatro segundas, tres terceiras e uma complementar.

A classe complementar funciona das 6 às 10 horas da noite e é pouco frequentada.

As classes elementares são dirigidas por professoras.

O ensino da leitura nas quatro primeiras classes é dado pelo methodo do Sr. Simões Raposo.

A 5ª turma da 1ª classe é leccionada pelo methodo de João de Deos.

Em geral, o methodo empregado nas escolas portuguezas e, portanto nesta, é o *simultaneo*; não é, porém, usado nas classes mais elementares.

O systema dos bancos-carteiras é o de Lenoir modificado.

Por ocasião da minha visita havia 570 alumnos.

Assisti á execução de varios hymnos cantados pelos alumnos. Os que me deixaram mais agradável impressão foram o *Hymno escolar* e o *Rataplan*.

Em uma vasta sala do edificio vi grande porção de instrumentos musicaes, pequenas peças de artilheria com as respectivas carretas, balas de ferro, cornetas, espingardas, baionetas, etc.

Ahi ensaiam as peças musicaes os alumnos de uma das bandas de musica dos batalhões escolares.

Possue tambem essa escola um grande pateo onde, além de exercicios gymnasticos, faz exercicios de marcha e manobras um dos batalhões escolares.

Confesso que tive grande satisfação em ver esta escola, que me deixou as mais agradaveis impressões.

ESCOLA CENTRAL N. 19

Esta escola, que visitei, funciona em um grande e bom predio, e é dirigida pelo professor Alvaro Teixeira de Carvalho.

Tinha 455 alumnos. As classes eram 12, sendo seis primeiras classes, tres segundas e tres terceiras. Os professores eram nove.

Como todas as outras, possui gabinete do director, pateo de gymnastica e exercicios militares e o numero de empregados necessarios para a limpeza e serviço.

ESCOLA PAROCHIAL

Esta escola parochial da rua Direita da Junqueira n. 43, em Belém, outr'ora dirigida pelo professor Alfredo Augusto José Xavier, está hoje sob a direcção do professor Eloy José de Carvalho.

E' uma escola de arrabalde e funciona n'um edificio acanhadissimo. O portão e o pateo grande que servem de entrada, pateo que é o logar de recreio dos alumnos, illudem à pessoa que penetra nessa escola e que julga entrar n'um vastissimo edificio. Nesse mesmo predio, ao lado da escola para meninos, funciona a escola do sexo feminino, dirigida pela professora D. Maria da Luz.

O programma dessa, como de todas as escolas parochiaes, é o mesmo das escolas centraes.

Ha tres grandes classes. A 1^a (elementar) dirigida por uma professora, funciona em uma boa sala; a 2^a classe, junta à 3^a, funciona n'uma pequena sala immediata, sob a regencia do director e professor Eloy de Carvalho.

Ambas essas salas têm janellas e portas para o pateo da entrada. A mobilia tinha algum uso, mas notava-se asseio em tudo. Perto das salas de aula havia uma saleta onde estavam os cabides para os chapéos e capas dos alumnos, bacia para lavar as mãos, talha com agua, copos e, pouco distantes, latrina e mictorio. Nesse mesmo logar eram guardados os objectos que serviam para a limpeza da escola: vassouras, espanadores, pannos, etc.

Frequentavam a escola 96 alumnos que se agglomeravam nas duas salas com grande desgosto do director que se mostrava muito contrariado pela falta de espaço para os alumnos,

especialmente das suas classes, e que me perguntou se eu já havia visitado as escolas centraes, pois nessas é que havia alguma cousa que ver. Tendo eu respondido pela affirmativa, citou-me ainda algumas outras dignas de attenção. Tanto esse professor, como a professora, são muito intelligentes e amaveis e tudo me mostraram com a melhor boa vontade, fazendo, como os directores e professores das outras escolas, indagações sobre o ensino publico no Brazil, mostrando-se maravilhados pelo que eu lhes dizia relativamente ás ultimas reformas da nossa instrucção primaria e da crença que eu tinha de que se pretendia cuidar sèriamente do ensino em meu paiz, à vista dos actos do governo provisorio.

Não só a esse como a todos os professores com que conversei, tive de satisfazer na justa curiosidade de saber das cousas do Brazil, do seu progresso em varios ramos, da sua industria, do seu commercio, da instrucção publica, dos methodos seguidos nas escolas, dos recursos do professorado brasileiro, das vantagens e regalias do mesmo, das causas da revolução que extinguiu a monarchia, de mil cousas, emfim.

Tive ensejo de ver chegar a carroça da Camara Municipal que trazia objectos pedidos por esse professor para a sua escola: — livros, pennas, canetas, papel para officios e para trabalhos dos alumnos, papel para desenhos, tinta, lapis, etc., etc.

Essa escola fez-me lembrar as nossas collocadas em casas sem as condições necessarias, anti-hygienicas, alugadas por preços exorbitantes e onde se agglomera um numero consideravel de creanças para serem leccionadas n'um sem numero de disciplinas por um professor e um ou dois adjunctos, quando os ha.

Esse professor e a professora que dirige a escola de meninas no mesmo edificio, não moram na escola por falta de accommodações. A Camara dá-lhes eutão uma gratificação para o custeio do aluguel da casa em que residem.

ESCOLA RODRIGUES SAMPAIO E MUSEU PEDAGOGICO

Funciona em um grande predio alugado na rua do Sacramento, á Lapa, e é dirigida pelo notavel professor e distincto escriptor e philologo Dr. Adolpho Coelho.

E' uma escola primaria superior e tem, além do director geral, Sr. Adolpho Coelho, um director tecnico.

Quando a visitei tinha 50 alumnos de frequencia, numero pequeno relativamente ao das outras escolas. Disse-me o director que estava mal collocada a escola, retirada assim do centro da cidade e em sitio onde, em geral, as familias que nelle moram têm recursos para mandar seus filhos a outros collegios, que não os publicos.

Se bem que as escolas do Reino sejam divididas em 2 cursos: — *elementar e complementar* — (lei de 2 de Maio de 1878, organisadora do ensino primario em Portugal), a escola Rodrigues Sampaio está fóra dessas categorias. É uma escola especial e foi creada pela Camara Municipal em 1883.

Quanto ao methodo seguido, como ha varios professores, cada um delles segue o seu methodo na classe que rege, subordinando-o a um programma geral e a certos principios estabelecidos.

Quanto á educação physica, tem aulas de trabalhos manuaes, exercicios militares e exercicios gymnasticos sem aparelhos.

Quanto á educação intellectual, o ensino é intuitivo, e á excepção dos livros de leitura, os outros que estão em uso são meros guias, pois, segundo as informações do director, não ha licções decoradas. O alumno aprende pelas prelecções do professor, prelecções essas acompanhadas de exercicios no quadro preto ou em papel.

Quanto á educação moral, não ha curso especial.

Entre os livros escolares adoptados, encontra-se a *Selecta franceza* de Moreira de Sá e a *Grammatica Portugueza* de Epiphanyo Dias.

A escola possui bem montadas officinas de trabalhos manuaes nas quaes trabalham 44 alumnos. Essas officinas são de *carpinteria* e *serralheria*, incluindo nesta trabalhos de *lima*, de *torno* e de *forja*.

Assisti ao trabalho nas officinas e devo declarar que sahi satisfeitissimo pelo que vi. A escola já possui collecções de bons trabalhos de carpinteiro e ferreiro feitos pelos alumnos.

Estas officinas merecem muito o desvelo do director e são dirigidas por mestres habilitados.

Tive promessa do Dr. Adolpho Coelho de que me seria enviada uma collecção de trabalhos de alumnos, quer das officinas, quer das outras classes, por intermedio do Consulado Brasileiro. Quando estava em Paris recebi do Dr. Adolpho Coelho uma carta communicando-me a breve remessa desses objectos, retardados por motivos para S. Ex. luctuosos.

Penso que taes objectos, bem como informações minuciosas sobre a escola, não se farão demorar.

A mobilia em uso na Escola Rodrigues Sampaio não era uniforme.

Annexo a esta escola, do qual faz parte integrante, está o *Museu Pedagogico* de Lisboa, aliás bom, mas pequeno, muito pequeno, por emquanto. Disse-me o director que ha pouco começara elle a funcionar e que podia considerar-se apenas como um — *ensaio*. Entretanto, tem algumas collecções boas e são regularmente providos os gabinetes de physica e chimica.

A escola primaria superior *Rodrigues Sampaio*, antes de occupar o actual edificio, funcionava no edificio da Escola Central n. 6 (rua de Santa Isabel, 25) tendo sido inaugurada em 16 de outubro de 1884. Os exercicios das officinas para obras de ferro (forja, serralheria e torno mechanico) inauguraram-se a 28 de Fevereiro de 1883, e os das officinas para obras de madeira (carpinteria) inauguraram-se a 31 de Março do mesmo anno.

No dia 20 de Outubro desse anno passou a escola a funcionar na casa n. 25 da rua do Sacramento, à Lapa.

A *Escola primaria superior Rodrigues Sampaio*, estabelecida em Lisboa, à rua do Sacramento, à Lapa, ns. 25 e 27, da qual é director geral o Sr. F. Adolpho Coelho e director tecnico o Sr. C. A. Pinto Ferreira, fundada em 1883, é destinada a dar instrucção primaria complementar desenvolvida aos alumnos que, tendo completado os estudos elementares, desejem entrar com mais desenvolvida educação nas carreiras industriaes e commerciaes; esta escola offerece por isso, ao lado de um quadro de ensino geral assaz completo, a iniciação nos trabalhos manuaes, verdadeira preparação para a aprendizagem.

O curso completo da Escola é de 3 annos e consta das linguas portugueza, franceza e ingleza; historia e geographia; elementos de historia natural, physica, chimica e physiologia, principalmente consideradas sob o ponto de vista das suas applicações à industria e à hygiene; mathematicas elementares estudadas principalmente sob o ponto de vista das suas applicações à industria e à contabilidade commercial; desenho e calligraphia; technologia; trabalhos de carpinteria e torno para obras de madeira; trabalhos de forja, torno de bancada e torno mechanico para obras de ferro; modelação em gesso e barro; gymnastica e exercicios militares.

Os alumnos de cada anno têm por semana 10 1/2 horas de instrucção nos trabalhos manuaes, 8 horas de ensino de desenho, 2 de calligraphia, 2 de technologia e cerca de 20 de ensino geral.

Os exercicios escolares que formam o curso, começam em cada anno lectivo no principio de Outubro e terminam pelo meiado de Agosto. Ha os mesmos dias feriados ordinarios que nas escolas centraes, com excepção da quinta-feira, quando não é dia santificado.

Os alumnos do 1º anno executam em dias alternados exercicios em madeira e em ferro. Os do 2º e 3º anno seguem a

officina que preferem, tendo todavia cada semana 1 dia de exercicio na outra. A média total de licções nas officinas durante o anno é de 208 com 364 horas de trabalho util, sendo a média total no fim de 3 annos de 1.092 horas, o que reduzido a dias de 8 horas uteis de trabalho dá 136 dias, dos quaes approximadamente 103 n'uma officina e 33 na outra.

Eis o programma adoptado nas officinas de trabalhos manuaes:

Officina para trabalhos de ferro

1º ANNO

FORJADOR:— Fazer o fogo; cortar ferro em frio; idem em quente; tornar redondo um pedaço de ferro quadrado; idem de quadrado para redondo; fazer um bico em ferro quadrado; idem em ferro redondo; encalçar um extremo em ferro redondo; idem em ferro quadrado; oitavar um pedaço de ferro; tornar em barra um pedaço de ferro quadrado; idem de ferro redondo; furar barra a ponção redondo; idem quadrado; idem a rompedeira; alargar furos a broca; idem a tufo; virar ferro redondo, quadrado e barra em fórma de anel; tornar um pedaço de ferro quadrado em duas grossuras; idem de ferro redondo; cortar aço em quente; temperar ferramentas ordinarias; exercicios de malho e de martello.

SERRALHEIRO:— Cortar e limar chapa de ferro, dando-lhe a fórma indicada; cortar e limar os tôpos a ferro redondo; idem a ferro quadrado; fazer furos com brocas de diversas dimensões em ferro forjado e ferro fundido; atarrachar os ditos; atarrachar pedaços de ferro, ajuntando-lhes a rosca; cortar e limar em fórma oitavada um boccado de ferro quadrado; novos exercicios em chapa de ferro; cortar e limar uma pequena superficie plana em ferro fundido; idem em bronze; aguçar e temperar ferramentas ordinarias.

TORNEIRO MECHANICO:— Endireitar o torno para trabalhar entre pontos; descoser e coser as correias; apertar o ferro na respectiva posição; desempenar ferro redondo; idem quadrado; torneiar ferro redondo; torneiar uma parte do ferro quadrado; desarmar e armar todas as peças que montam sobre o carro; sangrar ferro redondo; desempenar peças no prato de grampos; torneiar furos cylindricos em ferro fundido; idem em bronze; desarmar e armar o cabeçote pequeno; torneiar faces

a peças apertadas no prato de grampos ; idem a peças montadas no mandril ; desarmar e armar o cabeçote grande ; tempera das ferramentas ordinarias . Em todos os trabalhos deve haver a maior exactidão nas medidas .

2º ANNO

FORJADOR: — Virar diversos ferros dando-lhe a fôrma circular e angular ; puxar e encalçar ferro e aço ; furar ferro em quente dando aos furos diversas fôrmas ; desempenar ferro em frio ; virar e caldear mordentes ; escarvar ferro redondo, quadrado e barra ; construcção, aguço e tempera de algumas ferramentas ; caldear ferro redondo e quadrado de pequenas dimensões .

SERRALHEIRO: — Lavrar e limar superficies em ferro forjado, fundido, latão e bronze ; cortar, cercear e virar chapa de ferro dando-lhe a fôrma angular, cylindrica e pyramidal ; ligar diversos ferros, taes como : chapas de ferro com costura sobreposta, empregando rebites com a cravação saliente, chapas de ferro a tópo com fita sobreposta e rebites cravados à face, ferros quadrados a meia grossura, idem por meio de respigamento, chapas de ferro a cantoneira com cravação saliente, ferros redondos a barra e a ferro quadrado por meio de respigamento com cravação saliente e a face ; exercicios de atarrachamento ; construcção, aguço e tempera de diversas ferramentas ; novos trabalhos de ligações de : chapa a ferro quadrado por meio de pernes, ferros quadrados e barras por malhete, ferros T por meio de respigamento, vedar duas pequenas superficies planas .

TORNEIRO MECHANICO: — Renovar todos os exercicios de armar e desarmar o torno ; desempenar entre pontos, empregando a alavanca ; exercicios no prato de grampos e em mandril, torneando ferro forjado, fundido, latão e bronze ; emprego de alguns ferros de punho ; processos ordinarios de polir metaes ; tempera e aguço de diversas ferramentas . Tornar quanto possivel applicavel a objectos uteis alguns destes exercicios .

3º ANNO

FORJADOR: — Emprego dos exercicios dos annos anteriores na construcção de alguns objectos uteis, principalmente ferramentas ; puxar aço dando-lhe diversas fôrmas ; caldear ferro de diferentes secções pelos processos : escava, dente de lobo e a tópo ; tempera de ferramentas .

SERRALHEIRO: — Construção de diversos modelos e de ferramentas brancas, taes como compassos, esquadros, etc.; exercicios de cinzelamento em superficies planas e curvas, e seu acabamento à lima; tempera do ferro por diversos processos; exercicios de soldagem a estanho e a solda forte ou de latão; processos de amaciar o aço; tempera de ferramentas.

TORNEIRO MECHANICO: — Construção de ferramentas e outros objectos; emprego dos ferros de punho, incluindo os pentes; alguns exercicios de mandrilagem; processo de abrir diversas roscas e fórma de usar as rodas que lhes correspondem.

Officina para trabalhos de madeira

1º ANNO

Explicação das diferentes ferramentas, nomes e peças de que se compõem; afiar e assentar o fio aos ferros; travar e apontar (limar) serras e serrotes; serrar em linha recta (mandar e puxar a serra); serrar em linha curva; serrar à inglaterra; tirar de linha com a enxó; correr a junteira; desbastar com a enxó; idem com o desbastador; aplainar com a plaina de um ferro (es'oladeira); idem com a de dous ferros (ferro de capa); apparellhar a madeira; processos de verificar o empeno; cabedaes, seu uso; fazer uma face desempenada com a garlopa; fazer a junta (canto) em esquadria com a face; desengrossar; fazer os tôpos em esquadria; modo de cortar a tôpo, posição da capa do ferro; galgar; fazer juntas ao alto e ao baixo, em tâboas compridas; juntas chanfradas; apparellhar um pau em quadrado com diferente numero de faces; idem em redondo; furar com verrumas; idem com trados (de espiga ou rosca e de colher); alargar um furo de trado quando este não tem as dimensões necessarias; modo de destorcer o trado para dar um furo comprido; furar com ferros de púa; modo de os afiar; furar com ferros de navalha; idem de goiva; idem de verruma; furar a bedame; picar a formão ou trincha; ligar a madeira com juntas (grudadas); idem com meio fio; ligar a madeira com macho e femea; idem de macho postico; idem com ponta de diamante; idem com travessa a colla; idem com travessa pregada ou a parafuso; idem com orelha derrabada e dente; idem com entalhe a meia madeira; idem com furo e respiga; modos de pregar e malhetar a madeira para armar caixotes, gavetas, etc.; grude, suas qualidades, maneira de o preparar; apparelhos para apertar a madeira, quando se gruda; gastalho, — cingente (sargento), grampos.

2º ANNO

Continuação dos exercicios do 1º anno e suas applicações : ligações de madeira empregada nas construcções : cruzeta de quatro raios ao baixo ; idem a cutello ; idem de seis raios ao baixo ; idem a cutello ; prensas rasgadas de diferentes diametros ; respiga ordinaria ; idem com murtagem e maciamento ; idem com murtagem e meias esquadrias ; idem dupla com furo e ganzepe ; idem armilhada ; idem postixa ; orelha derrabada com ganzepe furtado ; encabeço com macho e femea ; idem com malhete ; idem com o tópo sutado ; engasgo em esquadria (respiga galgada) ; engasgo de respiga conica ; malhete ordinario à carpinteira ; idem à marceneira ; idem furtado ; idem perdido ; idem sutado ; escarva lisa ; idem com dente ao meio ; idem com dente e chaveta ; nomenclatura e uso dos cepos de moldar.

TORNO DE MARCHA : — Descripção do torno, ferramentas e accessorios ; processo de fixar a madeira no prato e na buxa ; centrar a madeira, regras a seguir ; centragem natural e metallica ; tornear em pontos ; idem em buxa ; furar ao torno ; fazer um tópo recto, concavo ou convexo. Applicação destes exercicios a objectos uteis. Construcção de ferramentas e utensilios para uso das officinas e da escola, taes como : armas de serra, cabos de enxó, cabedaes, esquadros, ferramentas, bancos, estiradores para desenho, caixas, cabides, etc.

3º ANNO

Continuação dos exercicios do 2º anno ; construcção de ferramentas ; applicação das ligações a objectos uteis ; exercicios no torno de marcha ; perfilar curvas concavas e convexas ; moldar curvas (à mão) ; fazer os exercicios seguintes em tamanho natural ou do modelo : — engradar grades, idem aros, idem caixilhos, portas de uma face, ditas de duas faces de almofada replainada, portas entaleiradas ; noções geraes sobre o elegimento na construcção de edificios, fazendo modelos de : — tabiques ordinarios, ditos aspados, frontaes para encher, frontaes ôcos (à franceza), asnas e madeiramentos para diversas coberturas ; explicações das differentes fórmulas de assoalhar, forrar, guarnecer, fasquiar, e assentar ferragens ; construcção de mobilia escolar ; reparação das ferramentas usadas nas officinas.

Quando ia entrar para o prelo este trabalho, chegaram-me às mãos, por intermedio do Sr. Dr. Salvador de Mendonça, que cavalheirosamente se prestou a trazel-os, e graças tambem à boa vontade, mais uma vez manifestada, do Sr. Vieira da Silva, nosso consul em Lisboa, os objectos e collecções que me foram promettidos pelo Sr. Dr. Adolpho Coelho.

E' magnifica a collecção de trabalhos manuaes feitos pelos alumnos dessa escola e que remetti ao nosso *Pedagogium*.

Nessa collecção encontram-se *exercicios da officina de obras de ferro, figuras de chapa do mesmo metal, peças polidas de ferro e de aço, ligações de chapas de ferro, exercicios da officina de madeira, objectos de uso commum, exercicios preliminares de torno de madeira, ferramentas e objectos de uso commum feitos ao torno.*

Alguns desses trabalhos são feitos com o maior cuidado, revelando grande habilidade nas creanças que nelles trabalharam, e fazem muita honra à utilissima e bem dirigida *Escola Rodrigues Sampaio*.

ESCOLA FRÆBEL

Visitei esta escola dirigida pela Sra. professora D. Carlota Sophia de Brito Freire.

A idade das creanças que a frequentam é de 3 a 7 annos.

A escola é mixta e tinha ao tempo de minha visita 218 alumnos de frequencia, sendo 139 do sexo masculino e 79 do feminino.

O ensino está dividido em 4 classes.

A 1ª classe tem alumnos de 3 a 4 annos de idade.

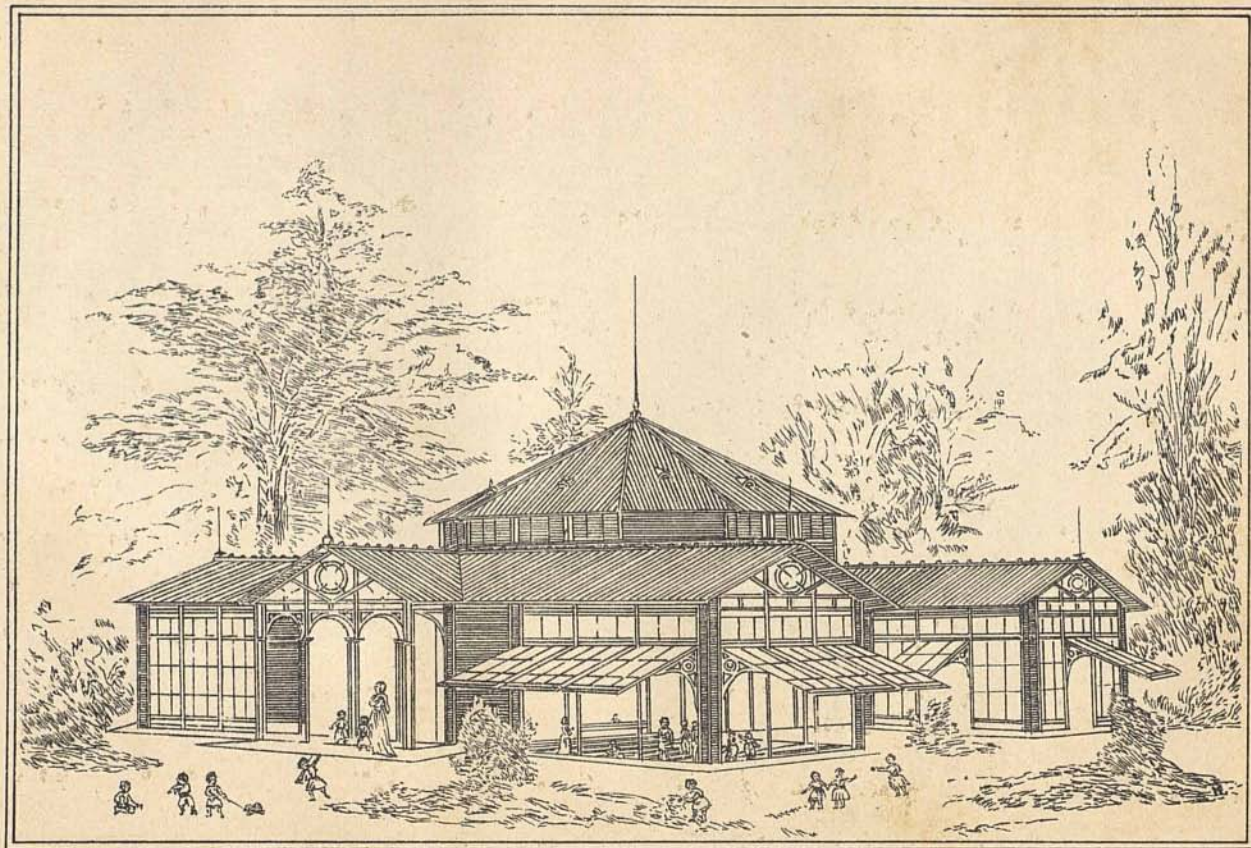
A 2ª » » 4 a 5 »

A 3ª » » 5 a 6 »

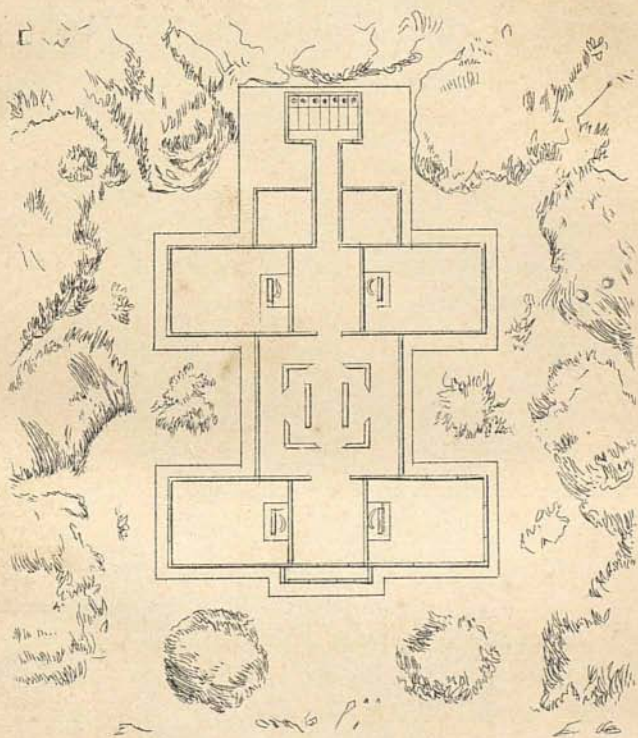
A 4ª » » 6 a 7 »

Além da directora, têm exercicio nesta escola: quatro professoras, uma professora substituta, um professor de canto

Escola Infantil pelo systema de Froebel, estabelecida no Passeio da Estrella



Plano da Escola Infantil pelo systema Froebel, estabelecida
no Jardim da Estrella



coral e quatro jardineiras, que são as ajudantes das professoras. O pessoal docente é, portanto, de dez professores.

A escola tem mais uma senhora vigilante, incumbida de inspecionar as aulas e as creanças, um porteiro e um servente.

Ha quatro salas de aula, um salão para exercicios de pequenas marchas e contramarchas, sendo que nesse salão fazem tambem *lunch* as creanças em mesas apropriadas.

Após cada aula (e as aulas duram pouco, para que se não fiquem as creanças), estas dão um pequeno passeio pelo salão, marchando e cantando. Terminado o descanso, voltam cantando para as aulas.

Achei bonito isso. Penetravam por varios pontos na grande sala as classes, umas após outras, e voltavam do mesmo modo para as aulas, afim de serem leccionadas em uma outra disciplina differente da primeira. O espectáculo era encantador.

Quando as creanças completam 8 annos seguem para a escola primaria, pois não são mais ahi admittiâdas.

Assisti a varias lições, à confecção de diversos trabalhos em papel pelos alumnos e à execução de alguns cantos com acompanhamento de harmonium, cantos interessantissimos e apropriados, que me deixaram agradabilissima impressão.

Como nas escolas, que depois vi na França e na Belgica, todas as creanças usam um avental.

O livro que serve de guia para o ensino e que me foi mostrado pela Directora é o *Manuel pratique des jardins d'enfants* de *Fred. Frœbel*, por J. F. Jacobs, edição de Bruxellas.

As salas são muito alegres e de um asseio admiravel, extraordinario. São bastante arejadas. A casa, pôde dizer-se, é toda de vidro, tal é a abundancia de portas e janellas rasgadas até quasi ao solo, que nella existem.

Collocada como está a escola, dentro de um dos mais bellos jardins de Lisboa, o *Jardim da Estrella*, rodeada de arvores, clara e elegante, conhece-se que as creanças sentem-se

bem alli e são felizes quando, sob a vigilancia das inspectoras, passam suavemente das aulas para o jardim exterior.

E digo suavemente, quasi insensivelmente, visto que sendo essas salas rodeadas de vidraças de alto a baixo, as creanças gozam constantemente da vista das arvores, das flôres, do sol, dos passaros que voam, etc., etc.

Todas as vidraças têm cortinas brancas de linho que se correm facilmente quando por ventura alguns raios de sol, coando-se por entre as arvores, vêm importunar as creanças.

No salão central que, como já disse, é destinado ás refeições das creanças, vêm-se duas longas mesas muito baixas para este mister. As creanças trazem a comida de casa e a entregam á pessoa disso incumbida. A' hora apropriada, essa comida é entregue ao seu dono. Na mesma sala ha um chafariz para as creanças lavarem-se após a refeição.

Ha muita uniformidade na mobilia escolar. Todos os bancos-carteiras são do systema Frœbel, baixos e apropriados á idade dos alumnos.

A este relatorio acompanha, com destino ao *Pedagogium*, o Alçado e Planta (escala de 1/1000) do chalet da escola Frœbel.

Eis alguns artigos do *Regulamento* para os jardins de infancia de Lisboa:

Art. 1º — Os *Jardins de Infancia*, creados e mantidos pela Camara Municipal de Lisboa, são destinados á educação physica, moral e intellectual das creanças de tres a seis annos.

Art. 2º — O ensino poderá comprehender: — 1º Movimentos e exercicios physicos aconselhados pela hygiene e apropriados á idade das creanças. 2º Exercicios de canto coral, especialmente destinados á educação dos orgãos vocaes e ao desenvolvimento da caixa thoraxica e orgãos alli contidos. 3º Exercicios e trabalhos manuaes apropriados. 4º Exercicios de lingua materna. 5º Principios de educação moral. 6º Noções geraes de historia natural, hygiene e geo-

graphia. 7º Conhecimentos acerca dos objectos de uso commum. 8º Contos e narrações de utilidade pratica e ao alcance da intelligencia das creanças. 9º Exercicios de contar e calculo mental. 10º Primeiros elementos de desenho. 11º Primeiros elementos de leitura e escripta.

Art. 5º — O pessoal de cada jardim constará de : — uma directora, quatro professoras, um professor de musica, um professor de gymnastica, uma conservadora de todas as alfaias e objectos destinados aos exercicios das creanças, uma vigilante das jardineiras, quatro jardineiras, dois serventes e um porteiro.

O art. 10 menciona os deveres da directora, e o art. 11 os das professoras, o 12 o da vigilante das jardineiras, e o 13 os da conservadora.

O art. 16 marca o vencimento das professoras e garante a todas um subsidio para aluguel da casa em que residirem.

Na minha visita, que foi bastante demorada, tudo vi e examinei. As paredes da sala central são adornadas de mappas e objectos necessarios ao ensino. Vi as varias classes funcionando, assistindo aos trabalhos e assisti á aula de canto e musica, dirigida por um velho professor cheio de meiguice e paciencia.

A directora disse-me que lucta com grandes difficuldades para conseguir bom pessoal docente. E' que o ensino no *Jardim Infantil* requer qualidades excepçionaes difficeis de encontrar mesmo nas professoras.

Esta observação me foi feita por termos encontrado, ao abrir a porta de uma das aulas, a professora sem nada fazer, o que contrariou muito á distinctissima directora.

Em resumo: Não vi na Hespanha, na França e na Belgica um jardim infantil superior ao jardim Frœbel da *Estrella* em Lisboa, quer pelo predio, quer pelo asseio, quer pela ordem e regularidade nos trabalhos. E' o que se póde desejar de util, de elegante e de bello. E' isto o que francamente me compete dizer.

Remetti para o *Pedagogium* alguns trabalhos das creanças, os quaes me foram offerecidos pela directora desta escola.

ESCOLA MODELO MIXTA

E' uma escola central que está em construcção na Avenida da Liberdade, em Lisboa. A sua pedra fundamental foi collocada em 8 de Maio de 1882. As obras dessa escola estão ha muito tempo paradas por falta de verba, uma das nossas peiores desgraças e que accommette tambem de vez em quando a municipalidade lisbonense.

O edificio está sendo construido n'uma área de mais de 3.200 metros, entre as ruas Castilho, Barata Salgueiro, Mousinho da Silveira e uma outra, que não tinha nome ao tempo da inauguração das obras do edificio.

Falo aqui dessa escola porque remetto ao *Pedagogium* o desenho da sua fachada e respectiva planta, pontos esses que faziam parte dos meus deveres de commissionado.

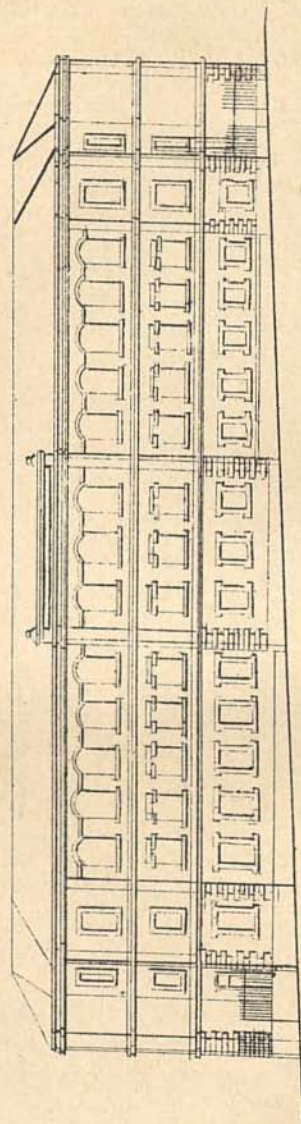
A edificação consta de 3 andares. O pavimento térreo, que fica abaixo do nivel da rua, é destinado a duas ou tres classes, ao gymnasio, casa de porteiro, vestiarios, cozinha e despensa, duas grandes salas para recreio dos alumnos em tempo chuvoso e dois grandes pateos. A parte que fica soterrada é para arrecadações.

Os dois pavimentos superiores são iguaes e têm: o 1º, tres classes para cada sexo, uma grande sala para sessões solemnes, duas aulas de musica, duas salas para recreio, uma classe para o ensino fröebeliano, com um pequeno jardim, vestiarios, secretaria e sala do Conselho escolar, retrete, etc. O 2º pavimento: tres classes para cada sexo, uma sala para museu pedagogico, dois refeitórios para creanças, um para os professores, uma sala reservada, vestiarios, retretes, etc.

Cada aula deve comportar, pelo menos, 50 creanças, e todas juntas, 300 de cada sexo.

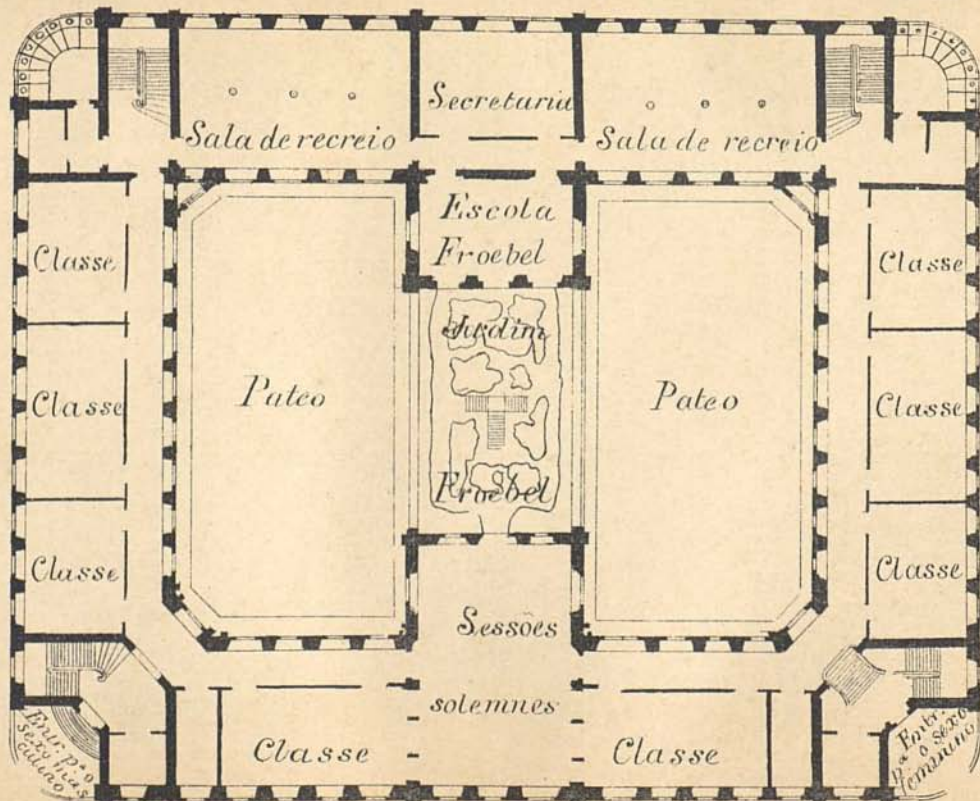
Em todos os pavimentos ha uma vasta galeria que dá ingresso para todas as salas e suas dependencias.

Escola. Modelo Mixta, em edificação na Avenida da Liberdade



Fachada principal sobre a rua Mousinho da Silveira

Planta da Escola Modelo Mixta, em edificação na Avenida da Liberdade



A parte occupada pelo ultimo pavimento está dividida em duas habitações com os sufficientes compartimentos para uma familia pouco numerosa.

Um terraço commum entre ellas, occupa a parte central sobre a rua Castilho.

Em cada angulo do edificio existe uma escada ampla e clara.

Essas informações são ministradas pelo relatorio sobre instrucção publica elaborado pelo Dr. Theophilo Ferreira.

MOBILIA ESCOLAR

A revista *Frabel*, da qual offereci um exemplar ao *Pedagogium*, na sua pagina 15 dá o desenho do banco inglez adoptado nos asylos e escolas centraes municipaes de Lisboa.

A primeira figura representa o *Banco inglez na posição de servir a exercicios oraes* e a segunda o *Córte perpendicular do banco inglez na posição de servir para exercicios escriptos*, acompanhado tudo da seguinte noticia :

« O modelo que apresentamos (banco inglez) é adoptado nos asylos e escolas centraes municipaes de Lisboa. E' construido de casquinha ou mogno e ferro fundido e formado por uma caixa rectangular do comprimento de 1^m,46, largura 0^m,30, altura 0^m,07, que forma o assento. Este banco comporta tres logares e tem na caixa tres gavetas correspondentes a cada logar, para o serviço dos alumnos. O banco inglez tem costas, formadas por uma tábua do mesmo comprimento da caixa e com a largura de 0^m,37. Esta tábua roda em movimento de charneira sobre dois eixos de ferro e toma a posição da figura n. 2, que representa um córte perpendicular. Nesta posição serve de mesa onde os alumnos fazem os exercicios de escripta, de contabilidade e desenho. Em frente de cada alumno

na tábua citada, ha um orificio para o tinteiro e entre um e outro orificio, uma *canelura* para a deposição de pennas, canetas, etc.

Assim o banco inglez, modificado pelo Sr. Antonio Luiz Ignacio, constructor de mobílias escolares, como o apresentamos nas nossas gravuras, serve ao duplo fim de estudos escriptos e oraes e facilita a melhor lotação das escolas por occupar um espaço menor do que seria necessario para comportar mesas e bancos.

Os pés deste banco são de ferro fundido e assentam em barras do mesmo metal; a sua altura do chão ao assento é de 0^m,35; do chão à tábua na posição da mesa, de 0^m,60; do assento à mesma tábua na mesma posição, de 0^m,30. »

Na mesma revista, à pag. 21, encontra-se o desenho da Carteira *Lenoir*. A 1^a figura representa a *Carteira do systema Lenoir para as escolas do sexo masculino*; a figura n. 2 representa essa mesma carteira de perfil.

Segue-se a seguinte noticia :

« A mobilia escolar tem prendido as atenções dos sabios, dos hygienistas e das nações. Sobre o assumpto tem-se publicado muitas theorias e adoptado variadissimos modelos de carteiras, bancos, mesas, etc.

Entre as carteiras acceitas pela medicina e pelos pedagogistas figura a que hoje damos em gravura.

A carteira do systema *Lenoir* é a applicada nas escolas centraes do sexo masculino de Lisboa.

E' uma modificação das carteiras isoladas do mesmo systema, construida como satisfação à opinião dos pedagogistas que não vêm obstaculo na reunião de dois alumnos.

Consta de duas partes — banco e carteira — ligados n'um pé commum. A distancia de uma à outra está adaptada às condições hygienicas. Comprehende dois logares, pertencendo a cada um uma caixa de arrecadação collocada no intervallo das duas táboas que a formam. »

Vi esses bancos e alguns professores me mostraram a inconveniencia de uma modificação que foi feita. Essa modificação consistia em mover-se o assento do banco, de fórma que, ao levantar-se o alumno, levanta-se o assento do banco.

Quando penetrei n'algumas escolas, notei que, ao levantarem-se os alumnos, havia grande bulha. Esta era occasionada pelo bater dos assentos dos bancos nas respectiyas costas.

Alguns professores, para evitar esse inconveniente, têm feito parafusar os assentos; não raro, porém, os alumnos arrancam os parafusos. A pratica demonstrou, pois, a inconveniencia de tal modificação.

ESCOLA PRIMARIA NA FREGUEZIA DE S. PEDRO DE MAXIMINOS, EM BRAGA

Esta escola foi aberta em 8 de Janeiro de 1882 e teve como seu primeiro professor o Sr. José Antonio da Cruz.

O edificio foi doado à cidade por um benemerito cidadão, o Sr. Joaquim Machado Cayres. A sala da escola comporta 100 alumnos, numero que às vezes tem sido excedido, por necessidade.

A escola tem uma sala de aula na qual se encontram as carteiras necessarias, sendo que cada carteira comporta cinco alumnos, estrado, mesa do professor e cadeiras; uma sala para a guarda de chapéos, retrete e habitação do professor no pavimento superior. Em uma das salas desse pavimento ha uma bibliotheca.

O doador do edificio estabeleceu tambem uma quantia de dotação annual e os alumnos pobres têm tinta, papel, livros, pennas, etc., gratuitamente.

Na revista *Frœbel*, à pag. 93, encontra-se o alçado e a planta do edificio.

BATALHÕES ESCOLARES

Foi no orçamento municipal de 1875 a 76 que se incluiu a primeira verba destinada ao ensino da gymnastica e exercicios militares para os alumnos da escola central n. 1.

Abstenho-me de fazer o historico da origem e creação desses batalhões, limitando-me a descrever os primeiros fardamentos.

O uniforme constava de blusa e calça de flanela azul escuro, polaina de brim branco e *bonet* com borlas e fitas pendentes. Nesta fita está inscripto — *Escola n. . . Central.*

As blusas têm a gola abatida e são avivadas, bem como as calças, com panno encarnado.

Os botões de metal branco têm as armas do municipio, e estão dispostos em peitilho. As borlas dos *bonets* variam de côr, segundo a escola a que pertence o batalhão.

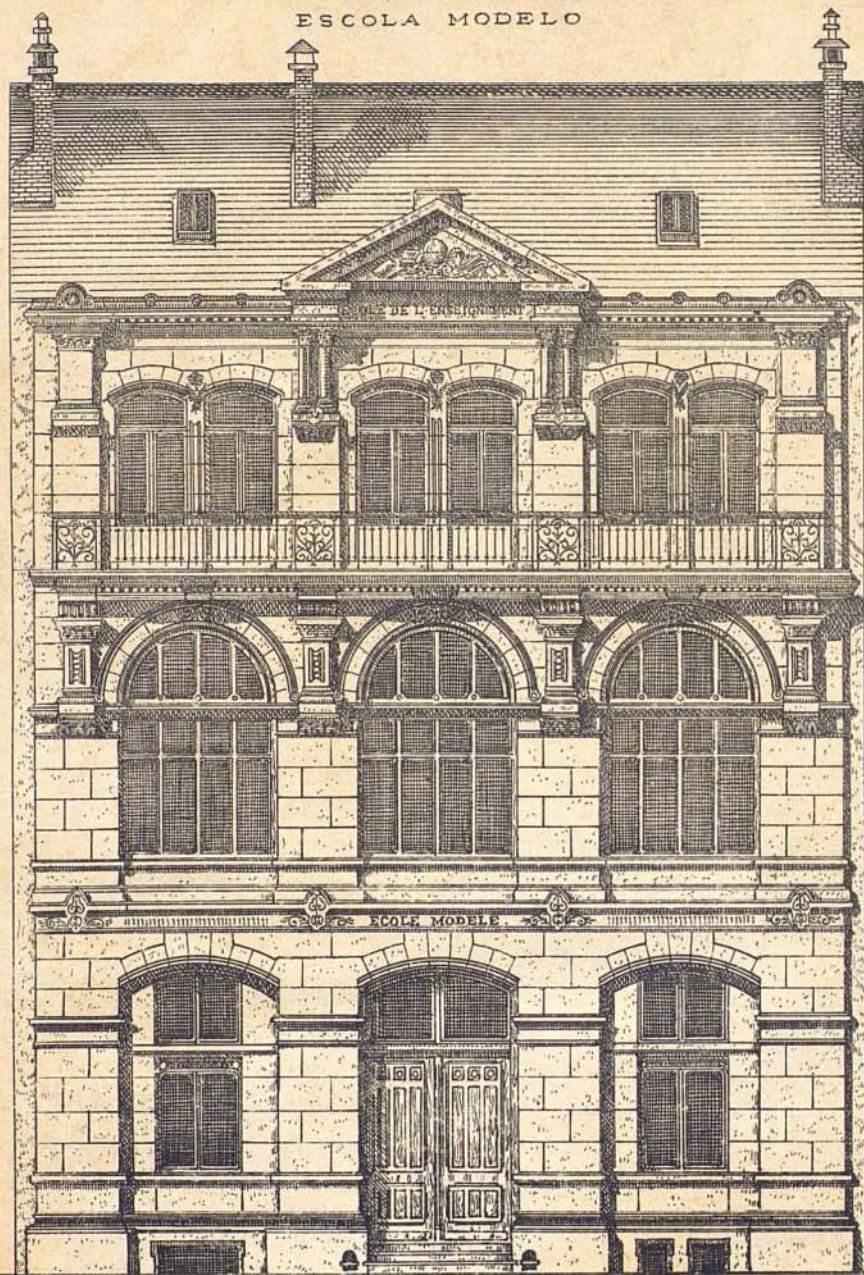
As armas são do systema *Gras*, pequeno modelo, adoptadas nas escolas de Paris e pesam 2^{kil.}, 100, têm espada-baioneta e esta, bainha de ferro. O correame comprehende um cinturão preto polido, com pala e patrona igual.

Ao *Pedagogium* offereço uma gravura que representa um grupo de officiaes, sargentos, porta-estandarte e corneteiro da escola n. 6. Os differentes graus distinguem-se por estrelas de metal branco, na gola para os sargentos, no canhão para os officiaes. Os cabos têm por divisa um galão encarnado, posto em diagonal, nas mangas.

Tive occasião de ver muitas destas armas, cornetas e tambores. Veja-se o que digo a respeito das escolas ns. 1, 6 e outras.

A camara municipal tem ainda em Lisboa duas escolas normaes, que funcionam em predios differentes. A do sexo masculino funciona, na rua da Inveja e a do sexo feminino na rua de S. Paulo.

BRUXELLAS
ESCOLA MODELO

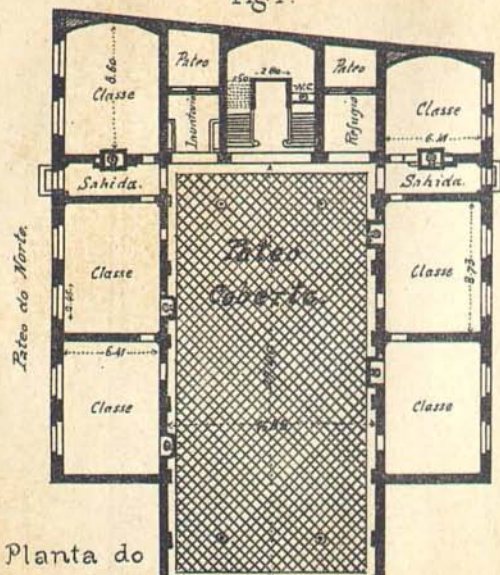


FACHADA

Escala



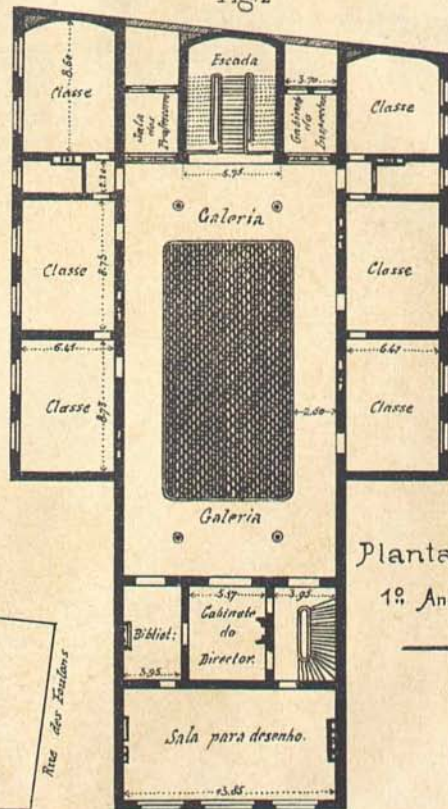
Fig.1.



Planta do Andar Terreo

Boulevard du Hainaut

Fig.2.



Planta do 1º Andar.

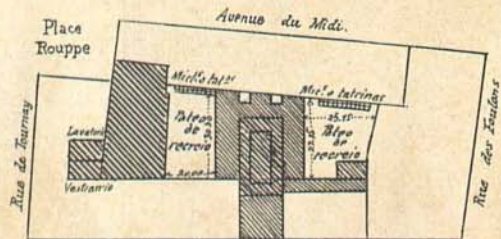
ESCOLA MODELO
para 400 alumnos.

Escala das plantas
- 0.002 p.m. -



Fig.3.

Planta do conjunto.



Boulevard du Hainaut

Ha tambem Lyceus de ensino superior tanto para o sexo masculino como para o feminino, e nos quaes são admittidos os alumnos que tenham exame nas escolas complementares de instrucção primaria. Em quasi todas as escolas publicas ha cursos nocturnos.

Ao *Pedagogium* enviei tambem exemplares impressos concernentes à escripturação escolar.

Não farei, por julgar desnecessario, uma descripção aqui do systema dessa escripturação. Pelo simples manusear dos documentos que enviei se pôde ver o modo por que é ella feita.

Creio ter dito o sufficiente para se aquilatar do que é o ensino publico em Lisboa, deixando mesmo de mencionar as visitas que fiz a algumas outras escolas, o que só serviria para tornar enfadonho este trabalho.

Devo declarar que visitei tambem a Academia Real das Sciencias de Lisboa e a Sociedade de Geographia, além de outros estabelecimentos importantissimos, tendo o prazer de receber em todos as maiores provas de distincção e apreço. Entre os mais importantes nota-se a *Casa Pia*, no convento dos Jeronymos, em Belem. Ahi vi as salas de aula, refeitório, dormitórios, a egreja, tudo emfim, e admirei a ordem, o asseio que reinam por toda a parte.

Entre os livros que mandei existem catalogos da Sociedade de Geographia, obras importantes do illustrado e eminente professor de sanscripto da Academia Real das Sciencias, Dr. Vasconcellos Abreu, e que S. Ex. se dignou de offerecer-me. Tambem remetti alguns trabalhos do illustrado professor de philosophia da Academia Real das Sciencias, Conselheiro Dr. Jayme Muniz, que já occupou com brilhantismo o elevado cargo de ministro de Estado, e que tambem me obsequiou com esses trabalhos.

Eis o que vi em Lisboa no desempenho da minha commissão.

PORTO

Apezar de ser pequena a minha demora na cidade do Porto, tive ensejo de visitar algumas das suas escolas e apreciar ligeiramente o estado do ensino primario.

Como em Lisboa e em todas as demais cidades do reino de Portugal, o ensino primario estava entregue à municipalidade e sujeito às leis geraes emanadas do Ministerio da Instrucção Publica e Bellas-Artes. Ultimamente tive noticia de que as escolas de Portugal não são mais dirigidas pelas municipalidades. Passaram outra vez para o governo. ⁽¹⁾

Os methodos empregados no ensino da leitura são, mais ou menos, os adoptados em Lisboa : — o de João de Deus, o de Simões Raposo e especialmente o de que é auctor o Sr. Abbade de Arcozello, e outros.

De todos esses methodos, assim como do methodo de que é auctor o professor Alfredo Julio de Brito, remetti exemplares à Inspectoria de Instrucção Publica.

Todos elles são dignos da attenção da Inspectoria e eu proponho que sejam entregues a uma commissão, tirada de entre os membros do Conselho de Instrucção, para que sejam estudados e dado sobre elles um parecer.

(1) Ao entrarem para o prelo estas paginas, um telegramma de Lisboa annunciava-nos a extincção do Ministerio da Instrucção Publica e Bellas-Artes em Portugal. O ensino primario que estava entregue às municipalidades quando estive nesse paiz, passou depois para o Ministerio da Instrucção Publica. Agora com a extincção desse Ministerio ou passará para o Ministerio do Reino ou outra vez às Municipalidades. Decididamente não ha paiz na Europa que se pareça mais com o Brazil que Portugal. Como aqui, não ha nada lá que dure muito tempo. Não está longe talvez o dia em que tornem a crear o Ministerio da Instrucção Publica.

O methodo do Sr. Julio de Brito, professor da antiga escola de ensino mutuo em Belem e actual professor de grammatica e pedagogia nas duas escolas normaes de Lisboa, é dividido em 16 licções e 65 exercicios.

A 1^a licção versa sobre as seis vogaes oraes abertas e as consoantes simples com um só valor—b, d, f, j, l,—segundo-se um exercicio em que todas essas vogaes e consoantes são apresentadas englobadamente para que o alumno as distinga, seguindo-se mais um exercicio de syllabação dessas vogaes e consoantes e após palavras e phrases formadas com essas letras.

A 2^a licção trata de outras consoantes com um só valor: m, n, p, t, v, exercicios e phrases como na licção antecedente.

A 3^a licção trata das varias vozes representadas pelas letras a, e, o; a primeira que se lê de dous modos — á — ã; a segunda, de quatro — é, ê, e e (i); a terceira, de tres — ó, ô, o (u), exercicios, syllabario e palavras.

A 4^a licção trata das letras maiusculas; a 5^a, de vogaes nasaes; a 6^a, de caracteres manuscriptos; seguindo-se depois nas outras licções os *diphthongos oraes*, *diphthongos nasaes*, *consoantes com mais de um valor*, etc. Seguem-se exercicios de leitura com pequeninas explicações sobre as *vantagens de saber ler*, *os dias da semana*, *mezes do anno*, *hygiene*, *civilidade*, *conselhos e pensamentos*, *pequenos contos*, etc., etc.

O methodo do Sr. Simões Raposo, professor de 2^o grau pela Escola Normal de Lisboa, antigo sub-director da Casa Pia, e actual Inspector de Instrucção Primaria, methodo ao qual já me referi, é, como já disse, o 1^o volume da série que tem por titulo — *Instrucção popular*, 1^o, 2^o e 3^o *livros da escola*.

O methodo está no 1^o volume — *Cartilha de leitura preliminar e elementar* —, pois que os outros volumes são destinados ás creanças que já sabem ler. Este methodo, bem como o de João de Deus, é approved pelo Conselho Superior de Instrucção Publica para uso das escolas.

A 1ª lição trata das letras—à, a, b, p, m, n—seguido-se um exercicio de syllabação e outro de palavras formadas com essas letras. A 2ª lição trata das letras — é, ê, e, i, — com exercicios identicos. A 3ª lição trata das letras — ó, ô, o, u,— igualmente.

Segue-se uma recapitulação, e após, as letras — d, t, v, f,— recapitulação, e assim por diante com as outras letras. Constituem outras lições as *consoantes dobradas*, as *consoantes seguidas*, as *consoantes nullas*, tudo acompanhado de exercicios de palavras, etc., etc.

Do methodo João de Deus julgo desnecessario dar aqui se-quer uma ligeirissima noticia, pois é muito conhecido.

O methodo legographico pelo alphabeto natural (systema organo-phonetico e physiologico) organizado pelo abbade de Arcozello, é digno de sério e meditado estudo. Elle deu origem a uma grande polemica na imprensa portugueza, e na sua defesa, o Sr. Abbade teve de escrever, além de varios artigos, dois livros, um intitulado — *Historia dos methodos de ensino da linguagem em Portugal desde Castilho e confronto destes com o Alphabeto Natural*, e outro intitulado — *Methodos e Pedagogistas encartados, commentarios ás conclusões da commissão nomeada pelo governo para estudar o Alphabeto Natural*.

O methodo mereceu os mais calorosos elogios dos senhores Dr. Urbino de Freitas, professor da escola medico-cirurgica do Porto ; Dr. Augusto da Rocha, redactor da *Coimbra Medica* ; Dr. Felipe de Quental ; Dr. Mello Cabral ; Dr. Ribeiro de Vasconcellos ; Dr. Paulino de Oliveira e Dr. Meirelles Garrido ; todos lentes da Universidade ; Dr. Daniel de Mattos, professor da Faculdade de Medicina, e outros ; assim como elogios de folhas notaveis e criteriosas de Portugal.

O methodo mereceu tambem os mais calorosos encomios de Mr. Hugo Wernekke, philologo e pedagogo muito conhecido e conceituado na Allemanha, onde é reitor do Lyceu de Weimar.

Ao methodo acompanha uma collecção de *quadros parietales* destinados a auxiliar o ensino e a tornal-o o mais pratico possivel.

Não farei delle aqui uma ligeira descripção que não o tornaria comprehendido. Vi-o praticar no Porto, assistindo a uma aula na *Officina de S. José*, onde é elle adoptado e ensinado por um discipulo do Abbade e assisti tambem a uma licção de duas interessantes e gentis creancinhas, filhas de uma senhora brasileira que, com seu esposo, reside nessa cidade. Destas creancinhas, uma tinha seis annos e outra menos de cinco. Confesso que fiquei encantado pelo adiantamento que mostravam, lendo e escrevendo, com poucas licções aliás, e estas muito curtas em attenção á sua idade infantil. O professor destas duas meninas é o proprio Abbade de Arcozello.

O methodo merece, quanto a mim, aprofundado estudo de um especialista ou de uma commissão competente e insuspeita.

Penso ser util dar a transcripção do prospecto impresso, que ha dias recebi do auctor aqui no Rio, pois teve elle conhecimento, com grande surpresa, segundo me manifestou por carta, do meu regresso á patria. Nesta carta o estudioso Abbade pede-me que lhe communique se encontrei no pouco tempo que me demorei na Europa algum methodo superior ao seu, e diz: «Em presença do que ha já em Portugal, traduzido do francez e allemão, nada ha que prove vantagem ao processo *organo-phonetico e physiologico* contido no *Alphabeto Natural*; e assim, antes que veja cousa melhor, vou proseguindo na pratica do meu methodo, sem receio de contestação ás vantagens que offerece aos que estão em uso.»

Mostra-se muito desejoso de vir ao Brazil fazer a propaganda do seu methodo, e diz: «Suppondo a possibilidade de eu ir ahi, ou por intervenção do governo, ou mesmo de qualquer proposta particular, fiz o prospecto que lhe envio. Se em presença deste me fosse garantida a passagem de uma edição de 40 a 50 mil exemplares, iria sem hesitar a explicar

e dar provas; de outra fôrma não irei, porque a minha idade o não permite já.»

Declara tambem estar prompto a remetter gratuitamente um bom numero de exemplares para que seja o methodo convenientemente estudado e ensaiado por algum professor que porventura o deseje.

Eis o prospecto, que transcrevo integralmente, omittindo apenas um periodo, que se refere lisongeiamente á minha pessoa e que nada adiantaria ao leitor:

« Na doutrina do ALPHABETO NATURAL ninguem encontrará a pretensão, que eu tenha, de fazer subir ao espirito dos homens cultos, conhecimentos que lhes faltem para o ensino da lingua-mãe; neste campo todos têm muito que offercer-me e eu muito que aprender ainda. Pretendo, sim, dar-lhe a mais larga propaganda, já que a isto me animam os excellentes resultados, que tenho colhido em sua pratica; e me auctorisam as apreciações de distinctos homens de letras, a cujo juizo critico o tenho submettido.

Mr. Hugo Wernekke, meritissimo reitor do Lyceu de Weimar (Allemanha), distincto philologo e muito considerado pedagogo, considerou-o *superior* aos outros methodos mais conhecidos e empregados, e deu-lhe inteira approvação, dizendo: « que progride do simples ao mais composto, passa dos elementos da linguagem ás palavras della, dá desses elementos uma enumeração systematica e scientifica, ao alcance dos principiantes, fazendo-os conhecer clara e distinctamente os valores phoneticos, a reproduzil-os correctamente, a analysal-os e a combinal-os; e emfim, que rompe com o methodo vagaroso e irracional da solettração.»

Os lentes de Coimbra e Porto approvaram-no tambem, considerando-o o mais proprio para conseguir a objectivação da palavra, fazendo assentar em bases solidas as regras d'uma pedagogia facil, intuitiva, racional e fecunda, podendo considerar-se um complemento *indispensavel* a satisfazer-se á grandiosa intuição de Fröbel.

Contêm uma nova fôrma de applicação dos principios da linguagem, que, por nova, poderá fazer reparo; mas devo prevenir que ainda não foi possivel encontrar outra mais adequada, e de preferencia applicavel para evitar a solettração, já agora condemnada, por se conhecer inconsequente na somma da palavra: para justifical-a appello ainda para os

resultados praticos, accessivel e assimilavel ás creanças ; para auctorisal-a lembro-me d'uma insinuação de Mr. l'Abbé Chavée na sua grammatica comparativa, onde diz: « ar, ir, ur, comme al, il, ul, expriment un mouvement rapide et léger dans toutes les directions ; mais *al* vole, lorsque *ar* ne fait que courir ». Quem não verá aqui uma indicação para a fórmula de applicação ? Observando como os órgãos se movem na sua direcção physiologica até ao completo arranjo da palavra, estudei a fórmula para a insinuação dos sons, que me pareceu mais adequada.

Na disposição methodica, que dei aos principios da linguagem, poderá alguém qualificar-me de *caprichoso* ; devo, porém, declarar que o fiz assim muito intencionalmente: durante a analyse pareceu-me passar assim do mais facil para o mais difficil, do mais simples para o mais complexo, levando por este modo a creança a realizar sem custo uma synthese completa : ainda para isto me não falta auctoridade ; os distinctos philologos Max Muller, Amédée de Saint-Aymour, Benloevv e ainda Chavée indicam a classificação dos principios da linguagem, classificando-os assim : *p, t, h*.

A denominação do processo *organo-phonetico e physiologico* parecerá *única* ; mas é, sem questão, este o que se realiza na expressão de todas as linguas ; não entram nelle convenções ; é natural, porque depende da natureza ; é racional e logico, porque os principios dados não divergem da somma que naturalmente se lhes segue. Podemos prescindir do *systema idiographico*, em que se desenha um objecto para recordar a palavra que o significa ; do *systema hieroglyphico*, em que se desenha um objecto para indicar a letra por que principia o nome desse objecto ; pois que nem as idéas nem os nomes das letras têm que ver para o ensino da palavra, em quanto esta consta de sons. As idéas dar-se-hão gradualmente, ensinando primeiro as palavras que têm de dal-as a conhecer.

Caracterizo este meu humilde trabalho com o invento da objectivação da palavra ; pois que em nenhum philologo, em nenhum methodo dos que li, pude descobrir a base da linguagem ; na investigação desta, só nelles encontrei indicações subjectivas ; ao passo que para chegarmos a estas, devemos de ter partido da real objectivação, a sentida no organismo, onde os sons da linguagem se realizam.

Se o ensino pelo ALPHABETO NATURAL é intelligente, consciencioso, claro, accessivel, por fórmula breve, mnemonico, o que só pôde resultar depois de comprehendida a objectivação real da palavra, a que sentimos em nós mesmos, proseguindo d'articulação em articulação, em ordem crescente de

sua complexidade, em harmonia com as disposições physicas, moraes e estheticas das creanças, aqui temos o ensino intuitivo, aconselhado com insistencia pelas leis da moderna pedagogia.

Ha quem aconselhe o ensino da palavra primeiro por completo, em seguida por syllabas e por ultimo por cada um de seus elementos, partindo assim do todo—*palavra*—para cada uma de suas partes, do composto para o componente: não nos parece realizado assim o ensino intuitivo; embora se diga que assim se parte, ou se caminha do conhecido para o desconhecido em obediencia ao methodo; mas eu nunca pude comprehender que o todo—*palavra*—possa comprehender-se intuitivamente sem o conhecimento de cada uma de suas partes; e estas, sendo, como são, *sons*, não podem comprehender-se sem que se haja attingido a sua real objectivação: só depois de darmos perfeita consciencia della á creança, a podemos guiar com *intuição* desde o antecedente ao consequente, conhecendo bem de onde parte, por onde passa, e aonde conclue — principio, meio e fim; — principio: *objectivação*; meio: *movimentos organicos*; e fim: o todo *palavra*. Se me disserem que não é por este systema que se realiza o ensino intuitivo, confessarei que não o pude attingir ainda.

Toda a doutrina que offereço no ALPHABETO NATURAL vai acompanhada d'uma série de regras e preceitos a prevenir equívocos na leitura e erros na escripta; se puder merecer acolhimento nos Estados do Brazil, justifico-a-hei nas conferencias que prometto dar ahi; e n'uma prova practica, ensinando uma duzia de meninos que ahi me apresentem, a quem ensinarei em dois mezes a ler e escrever com uma só licção por dia; e se virem que esta minha humilde collaboração pôde ter logar ao lado do muito que ahi possuem já para o ensino da lingua, pedirei para que seja acceita como fructo singelo e desprezencioso de quem com o maior empenho tem trabalhado para a instrucção do povo, para que ao lado de quem mira á civilisação das nações, da sua riqueza e independencia, possa, assim instruido, servir de poderosa alavanca na exploração do que pôde produzir uma nação, que aos olhos de quem vê, promette ser a mais poderosa nação do mundo: — os Estados Unidos do Brazil.

O ensino pelo ALPHABETO NATURAL é praticado simultaneamente em presença de quadros parietaes com todo o *texto*.

Por este methodo ensina-se ao mesmo tempo a ler e escrever, porque, sendo elle analytic, comprehendem-se desde logo os elementos da palavra. »

O *Regulamento* das escolas municipaes do Porto consigna em seu art. 1º que nas escolas primarias officiaes de ensino *elementar* e de ensino *elementar e complementar* de ambos os sexos, seguir-se-hão os programmas officiaes consignados nas leis de 2 de Maio de 1878 e 11 de Junho de 1880.

Dessas leis já apresentei alguns extractos ao tratar do ensino primario em Lisboa.

O art. 2º preceitua que nas escolas de ensino elementar a Camara Municipal, ouvida a Junta escolar e o Inspector, e tendo em attenção as habilitações dos professores e ajudantes, poderá introduzir todas ou algumas das disciplinas do programma complementar nos termos do art. 21 da lei de 11 de Junho de 1880.

O Regulamento determina que nenhum exercicio escolar deve durar mais de uma hora e que no fim de cada exercicio haja uma pausa de dez minutos, sendo preferivel que os alumnos saiam da sala para haver renovação de ar e preparo dos exercicios seguintes.

Haverá em todas as escolas nos mezes de Janeiro e Maio de cada anno, exames de passagem destinados a conhecer o grau de adiantamento dos alumnos de cada classe, e a determinar aquelles que estiverem nos casos de passar a frequentar as classes immediatamente superiores. O exame de frequencia do mez de Maio tambem é destinado á escolha dos alumnos da 3ª classe, que devem fazer exame final de ensino elementar na Camara.

O jury dos exames de passagem é formado pelo inspector ou seu representante, pelo visitador das escolas ou por um representante da Camara legalmente habilitado para este serviço profissional e pelo professor da respectiva escola ou classe.

O resultado destes exames é lançado em livro proprio, fornecido á escola, devidamente numerado e rubricado.

De todos estes exames se remetterá á Camara Municipal um mappa demonstrativo, que seja cópia fiel do resultado dos

exames, assignado pelos membros do jury e mais professores e ajudantes de cada escola.

Nas escolas centraes de um e outro sexo, elementares ou complementares, haverá *tantos* professores *quantas* forem as aulas ou classes em que estiver subdividido o ensino.

O *Conselho escolar* é a reunião de todos os professores e ajudantes de todas as escolas e compete-lhe a distribuição das classes, a escolha dos livros e compendios para cada classe. Este Conselho reúne-se no principio de cada anno lectivo nos paços da Camara.

O Regulamento preceitua que haverá uniformidade nos livros e compendios adoptados para cada classe em todas as escolas.

Quando o Conselho não puder chegar a um accordo sobre a escolha dos compendios, haverá votação por escrutinio secreto; se a votação se dispersar e não houver maioria absoluta, os membros do Conselho nomearão d'entre si uma commissão de tres professores cathedraticos que resolverá em ultima instancia a referida escolha.

A escripturação escolar consta de: — um livro de matricula geral, um de frequencia para cada classe ou aula em que estiver dividida a escola, um dos exames de passagem, um de correspondencia official, um de inventario, e mappas mensaes e trimensaes de frequencia, aproveitamento e estatistica.

O art. 24 estatue que para tornar real a inspecção das escolas, tanto no que respeita ao pessoal docente, como à frequencia e material das mesmas, é creado um logar de visitador das escolas do municipio do Porto.

O logar será de *commissão* e exercido por um *professor primario*, que se tenha distinguido no ensino. Este professor receberá, além do seu ordenado de categoria, uma gratificação marcada por lei. As obrigações deste visitador constam de um regulamento especial.

O regulamento das escolas municipaes do Porto, approvado em 27 de Outubro de 1887, vigora desde essa data até hoje.

Eis, resumidamente, o

Programma para as escolas officiaes do Porto

1^a CLASSE

LINGUA MATERNA

Leitura auricular, composição e decomposição da palavra falada, elementos simples, vozes e inflexões, sua articulação e valor phonico, *classes e familias*, *alphabeto* natural ou physiologico, formando o catalogo geral dos sons elementares da lingua portugueza.

Combinação das vozes e das inflexões para formar as syllabas, as palavras e as phrases, seguindo a ordem gradual das difficuldades a partir das vozes para as inflexões; e nestas subindo das labiaes puras até ás linguaes palataes e gutturaes, isto é, seguindo a ordem natural do methodo do facil para o difficil, do simples para o composto.

Solettração phonica, ou por emissão de sons; rithmo; composição e decomposição da phrase em seus elementos constituendos, isto é, por elementos, *syllabas* e palavras até chegar á leitura elementar.

Todos estes exercicios são acompanhados de *explicações ideologicas e phoneticas* de modo a fazer conhecer bem os elementos da palavra e a idéa que ella representa.

Leitura de palavras e phrases em tabellas parietaes ou em livros e tambem no quadro preto.

Leitura explicada nos livros elementares, seguindo sempre essa ordem, até chegar á leitura accentuada, livre, corrente e pausada.

ESCRIPTA E CALLIGRAPHIA

Copiar nas ardosias as letras simples, explicando-se ao mesmo tempo a relação que têm entre si.

Imitar exemplares graduaes de letras, palavras e phrases já explicadas. Bastardo, bastardinho e cursivo.

Exercícios de cópia e imitação de palavras e phrases.

Exercícios livres de cópias.

Exercícios de dictados (orthographia oral e pratica) nas pedras e nos cadernos, de palavras, phrases e pensamentos.

ARITHMETICA

Sommar intuitiva e mentalmente, diminuir e multiplicar do mesmo modo. Exercícios estes feitos com um contador mechanico ou objectos de facil contagem, subindo até 100, primeiro na ordem successiva, depois salteado.

Exercícios combinados de calculo intuitivo e mental sobre somma, diminuição e multiplicação.

Resolução de pequenos problemas simples e graduaes sobre essas tres operações.

2ª CLASSE

LINGUA MATERNA

Exercícios amiudados de leitura corrente com pausa e accentuação.

Exercícios de interpretação, fazendo com que os alumnos, findo o exercício da leitura, expliquem o que acabaram de ler.

GRAMMATICA

Exercícios praticos, dando idéas de substantivos, qualidades e acções; formar pequenas phrases com as qualidades essenciaes e accidentaes.

Decompor nas suas partes componentes objectos apresentados pelo professor e formar pequenas phrases, indicando as qualidades e o modo de ser, de estar e de obrar desses objectos.

Formar pequenas phrases, juntando a acção ao sujeito, que as possa praticar ou soffrer; indicando as variações de numero, de pessoa, etc.

Formar pequenas phrases ou juizos com sujeito, verbo e predicado ou complemento.

Exercícios para conhecimento das relações de modo, tempo, lugar, etc.

Exercícios em que os elementos da oração venham acompanhados de circumstancias e fazer notar essas diversas modificações.

Estes exercícios devem ser intuitivos, de fôrma que as creanças, sem pensar que estudam grammatica, adquiram conhecimentos sobre substantivos, adjectivos, verbos, complementos, syntaxe de concordancia, de regencia e conjugações de verbos.

ARITHMETICA

Recapitulação e desenvolvimento gradual da 1ª classe.

Calculo mental e pratico sobre as quatro operações. Algarismos ; valor absoluto e relativo ; lei da formação das dezenas, centenas, milhares, etc., demonstrada intuitiva e praticamente ; ler e escrever numeros inteiros, concretos e abstractos ; sommar, diminuir, multiplicar e dividir. Signaes algebricos dessas operações.

Nomenclatura dos diferentes numeros que entram nas 4 operações fundamentaes e suas relações. Leis geraes da numeração falada e escripta, pratica e intuitivamente.

Divisão e redução de moedas, conhecimento pratico e experimental ; comprar, vender, trocar ; redução e divisão de tempo : segundo, minuto, hora, dia, mez, anno, etc. Quantidade e unidade. Ensino intuitivo. Demonstração por meio de objectos. Porções menores que a unidade, fracções. Suas denominações e representação.

ESCRIPTA, CALLIGRAPHIA E ORTHOGRAPHIA

Copiar palavras e phrases. Copiar diariamente 10 linhas. Dictado de 10 linhas.

Exercícios emendados pelos alumnos, trocando os cadernos e correctos após pelo professor.

DESENHO LINEAR

Cópia nas pedras, pautadas quadricularmente, das diversas linhas. Sua nomenclatura. Explicação das linhas intuitivamente com os varios objectos da aula.

Circulo e linhas nelle comprehendidas. Angulos e suas especies. Figuras geometricas simples. Superficies que limitam um corpo. Linhas formadas pelas arestas.

3ª CLASSE

LINGUA MATERNA

Leitura corrente interpretativa ; tom, gesto e pausa. Leitura sustentada, artistica ; principios de recitação de prosa e verso.

GRAMMATICA

Recapitulação do que foi aprendido na 2ª classe. Leis fundamentaes da classificação grammatical. Palavras. Decomposição das palavras. Palavras variaveis e invariaveis. Partes da oração, suas especies e accidentes.

Conjugações de verbos regulares e irregulares, de còr e por escripto. Oração, periodo e discurso. Elementos principaes da oração : sujeito, verbo e attributo ; nome predicativo, complementos e circumstancias.

Regras e principios geraes de concordancia e régencia. Nomenclatura das orações, proposições simples, compostas, etc.

ORTHOGRAPHIA

Exercicios oraes e praticos. Repetidos exercicios de dictado por trechos estudados.

CALLIGRAPHIA

Imitação de exemplares de cursivo em letra franceza e ingleza.

LICÇÕES EDUCATIVAS

Ensino intuitivo sobre conhecimentos reaes da natureza, da hygiene, etc.

Elementos de topographia e chorographia physica do terreno ; mappas topographicos ; tudo por processos praticos e intuitivos.

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

Recapitulação dos pontos estudados. Conhecimento pratico e theorico do uso e applicação de todas as medidas metricas e das suas mutuas relações.

Exercicios sobre a leitura de inteiros e decimaes, concretos e abstractos, e redução de umas a outras unidades. Relação de algumas medidas antigas comparadas com as do systema-metrico. Resolução de problemas sobre inteiros e decimaes; sobre assumptos de economia individual e domestica, de commercio a retalho, das artes e officios, sempre pela redução á unidade.

DESENHO LINEAR

Recapitulação das materias estudadas na 2^a classe. Polygonos; cópias dessas e outras figuras em ardosias quadriculadas. Ornatos simples e graduaes.

Objectos de uso commum e de facil execução. Applicação de curvas.

Pequenos ornatos. Objectos de uso. Mappas chorographicos.

4^a CLASSE

LINGUA MATERNA

Recapitulação das materias estudadas na 3^a classe.

GRAMMATICA

Recapitulação.

ARITHMETICA

Recapitulação. Regra de tres simples pelo processo da redução á unidade. Regra de juros simples. Regra de companhia.

HISTORIA PATRIA

A Historia de Portugal até á epocha contemporanea.

GEOGRAPHIA E CHOROGRAPHIA

Definição da geographia. Principaes termos. Fôrma da terra. Divisão do mundo. Oceano e suas divisões. Situação, superficie e limites de Portugal. Principaes portos, rios, montanhas, cabos, lagôas, ilhas. Provincias. Divisão administrativa, districtos e suas capitaes. Divisão ecclesiastica: dioceses. Divisão militar : forças de mar e terra. Divisão judicial. Fôrmas de governo, religião e população. Provincias ultramarinas em Africa, Asia e Oceania. Divisão administrativa, ecclesiastica e judicial das provincias ultramarinas. Principaes productos das colonias portuguezas.

MORAL

Objecto da divisão da moral. Moral geral. Intelligencia, vontade; responsabilidade, acções humanas. Lei moral; bem; dever. Prazer e utilidade. Bondade das acções. Sancções da lei moral. Sancção natural: remorso e satisfação íntima, saúde e doenças, resultantes das acções dos homens. Sancção social; a estima e o desprezo da parte dos nossos semelhantes; premios e castigos, segundo se cumprem ou transgridem as leis sociaes.

Moral especial. Deveres do homem para consigo relativamente à alma e ao corpo; virtudes que lhe dizem respeito. O trabalho e a economia. Deveres do homem nas suas relações com a natureza animada e inanimada. Deveres do homem para com seus semelhantes; justiça e caridade. Respeito da vida do proximo, dos seus bens, da sua reputação, da sua liberdade e da sua religião. Benevolencia; beneficencia. Veracidade. Deveres do cidadão para com o Estado e vice-versa; dos filhos para com os pais e vice-versa; dos irmãos entre si. Deveres para com os superiores em geral.

Deveres para com Deus. Culto interno e externo. Obediencia às leis de Deus.

GYMNASTICA

Exercicios de formatura : formatura por fileiras e secções. Passo gymnastico, ordinario e accelerado. Diversos modos de os executar. Mudanças de direcção.

Estes exercicios serão feitos conforme a tactica usada no exercito.

Exercícios livres. Dos braços, da cabeça, do tronco, das pernas, movimentos compostos; posições diversas para o passo, saltos que não excedam a um metro de altura, marchas e contra-marchas.

O programma para o sexo feminino não comprehende os saltos.

● TRABALHOS DE AGULHA

Costura, ponto de bainha, pontinho de luva, ponto atraz, ponto de chulear, posponto, ponto furtado, ponto de casear, ponto de marca, ponto de cerzadura, etc. Fazer pregas, franzir, perfilar, fazer ilhós, debruar, pregar botões, fitas, colchêtes e fivelas. Fazer meia, crochet liso e de relevo. Coser á machina. Concertos diversos e feitio de peças mais simples de roupa branca.

DOUTRINA CHRISTÃ

Oração dominical, saudação angelica, symbolo dos Apostolos, preceitos do Decalogo, sacramentos, idéa summaria do mysterio da Trindade, e, além disto, toda doutrina moral, devidamente explicada.

Observação — As materias da 4ª classe são facultativas, excepto os trabalhos de agulha e o ensino da doutrina christã,

OFFICINA DE S. JOSÉ

A *Officina de S. José* é uma escola de artes e officios para as creanças pobres e abandonadas, fundada pelo padre Sebastião Leite de Vasconcellos. A sua fundação data de 18 de Abril de 1880, a abertura de 4 de Outubro de 1883, sendo os Estatutos approvados mais tarde, em 8 de Setembro de 1887.

A *Officina de S. José* tem por fim principal dar o ensino profissional de artes e officios de par com a educação moral e religiosa, a expostos e menores abandonados; e quando haja logar, a filhos menores de pessoas miseraveis, precedendo auctorisação de seus legitimos representantes.

A *Officina* terá as artes e officios que os seus recursos pecuniarios permittirem. Todos os alumnos, além de uma arte

ou officio, aprendem a instrucção primaria elementar e desenho, especialmente o que fôr apropriado á arte ou officio que seguirem.

O estabelecimento é um internato ; poderá, porém, haver externos se houver accomodações que cheguem no predio, de modo que os externos fiquem completamente separados dos internos.

Sómente são admittidos como internos os expostos e menores abandonados, que não tenham familia nem protecção nenhuma ; e, se houver logar, os filhos de pessoas miseraveis.

Quando concorrem dois pretendentes á matricula, um *pervertido* e totalmente abandonado e outro filho de familia muito pobre, o *primeiro* tem preferencia para a matricula. Pela mesma razão, os rapazes de mau proceder, que já tenham estado na cadeia, são *preferidos* para a admissão a outros quaesquer.

A admissão é feita mediante requerimento em papel não sellado, dirigido ao Presidente, ouvido o parecer e informação por escripto do Visitador. Para a admissão, porém, de algum que tenha estado preso na cadeia, bastará simples proposta apresentada ao Presidente e informada pelo Visitador.

A idade para a admissão é dos 12 aos 17 annos ; e a sahida não deverá nunca ser, em regra, antes dos 21, guardadas as prescripções leaes, e salvo o caso de despedida por incorrigibilidade, ou de emancipação legal.

Quando a administração julgar um educando já habilitado antes da maioridade ou emancipação legal, poderá collocar-o em casas onde exerça a sua arte ou officio, sem prejuizo dos direitos de seus legitimos representantes.

O numero de educandos não é fixo ; mas será regulado segundo os recursos da *Officina*, a qual poderá no districto do Porto abrir casas succursaes regidas pelos mesmos Estatutos e com igual disciplina.

A dotação do estabelecimento consiste : — nos parcos proventos de que o seu fundador possa dispor, no obulo da caridade christã voluntariamente offertado, nos legados com que seus bemfeitores em testamento ou por outra qualquer fórma contemplarem esta obra de regeneração social, e no producto dos artefactos provenientes do trabalho dos educandos.

O estabelecimento é administrado por uma commissão que serve durante dois annos e que é composta de cinco vogaes nomeados pelo prelado diocesano, seu presidente honorario perpetuo. No caso de recusa ou falta de nomeação por parte do prelado, esta faculdade é conferida ao governador civil do districto.

O director será sempre um presbytero e terá a seu cargo a superintendencia de tudo quanto concerne ao estabelecimento, quer interna, quer externamente.

Se n'algum tempo, por falta de recursos ou outra qualquer circumstancia, esta pia instituição se não puder sustentar, passarão todos os seus haveres e legados, salvos os direitos de terceiro, para o Asylo de Villar, na cidade do Porto, outra benemerita instituição fundada pelo arcediago Ricardo Van-Zeller, com os encargos pios a elle annexos.

E' grande o numero de rapazes que tem sahido da officina para suas familias regenerados e trabalhadores. Alguns têm mesmo seguido outros estudos, e poucos, muito poucos a abandonaram para reincidir no vicio, continuando por sua incorrigibilidade, na vida de vagabundos e na frequencia assidua das cadeias.

A *Officina de S. José* tem : — um professor de instrucção primaria, um professor de desenho, um de gymnastica e um de musica, um mestre de sapateiro, um de marceneiro, um de alfaiate, um de encadernador e um medico, um escripturario vigilante, um roupeiro vigilante, um cozinheiro, um porteiro e quatro serventes.

Alguns dos alumnos que se distinguem por seu amor ao trabalho e que pelo seu adiantamento se tornam dignos de auxiliar o mestre da sua officina como primeiros ou segundos contramestres, têm pequenos vencimentos mensaes. Os professores, mestres e outros empregados têm todos vencimentos e alguns, além desses vencimentos, cama e mesa.

O *Regulamento interno* estabelece as obrigações dos educandos, bem como de todo o pessoal docente e outros empregados, designa as especies de comidas para as tres refeições diarias e para cada dia da semana. Annexo a este Regulamento ha o *Horario* para os dias de trabalho e para os domingos e dias santificados.

EISA DESIGNAÇÃO DAS CLASSES DE ESTUDO:

Curso [de primeiras lettras. Segundas, quartas e sextas-feiras, das 8 1/2 às 9 1/2 da manhã.

Curso de leitura, escripta, doutrina e taboada. Terças, quintas e sabbados, das 8 1/2 às 9 1/2 da manhã.

Curso elementar. Segundas-feiras, das 5 às 7; quartas e sextas, das 6 às 8 da tarde.

Curso complementar. Terças e sabbados, das 6 às 8 da tarde.

Repetentes de instrucção primaria, e que já fizeram exame no Lyceu. Quintas-feiras, das 5 às 7 da tarde. Problemas, escripta, leitura, historia sagrada, etc.

Curso musical. Todos os dias, das 9 1/2 às 10 da manhã. Solfejo.

Todos os dias, das 10 às 10 1/2 da manhã. Aprendiz de instrumentos.

Segundas, quartas e sextas-feiras, das 10 às 11 1/2 da manhã. Ensaio da banda.

Terças, quintas e sabbados, das 10 1/2 às 11 1/2 da manhã. Ensaio de orchestra.

Domingos, às 2 horas da tarde. Benção do SS. a orgão e vozes.

No verão, aos domingos, das 3 às 4 horas da tarde, musica pela banda no pateo, com entrada livre para o publico.

Curso de desenho. Segundas e quintas-feiras, das 7 às 8 1/2 horas.

Curso de gymnastica. Domingos, das 11 1/2 da manhã até 1 hora da tarde.

A *Officina de S. José*, que demoradamente visitei, acompanhado pelo Exm. Sr. Abbade de Arcozello, cujo methodo legographico é ahi adoptado e do qual assisti a alguns exercicios, é uma instituição eminentemente sympathica, uma verdadeira escola de regeneração social e que faz a maior gloria ao humanitarismo do seu fundador, verdadeiro ministro da religião do Christo, cujos ensinamentos de caridade põe em pratica, tornando-se um benemerito pelo trabalho e pelo sacrificio.

Não têm faltado encorajamentos e animações ao digno e virtuoso sacerdote. O fallecido rei D. Luiz e sua esposa deram à *Officina de S. José* as maiores demonstrações de sympathia e dispensaram-lhe a sua protecção. A imprensa e todos os que sabem fazer bom usó do dinheiro têm protegido igualmente tão bella instituição, destinada a prestar os mais relevantes serviços à segunda cidade portugueza.

Foi um dia de verdadeira satisfação para mim o dia em que visitei este asylo. Sahi delle tão satisfeito por ter escripto no livro, que me foi obsequiosamente apresentado, e no qual escrevem as suas impressões todas as pessoas distinctas que alli entram, algumas palavras de admiração, como se tivesse praticado uma das maiores obras de caridade, porque acredito que é nas palavras contidas nesse volume que o director, em vez de viver em plena ociosidade, como muitos dos seus collegas, encontra alento para dedicar-se sempre cheio de abnegação a uma obra tão piedosa e tão santa.

O padre Sebastião de Vasconcellos, moço e pauperrimo, gasta naquelle asylo, onde vive, tudo quanto ganha. Bom e

piedoso padre, como tu és grande e benemerito e como é grande e bella a tua obra ! D'aqui, deste Brazil, que eu tanto amo, separado pelo oceano e por tantas leguas da formosa cidade á qual dedicaste todos os teus affectos, envio-te as minhas saudações mais sinceras, verdadeiro apostolo da religião do Nazareno !

O edificio da *Officina de S. José*, elegante e vasto, impressiona pelo asseio meticuloso, pela ordem e pela modestia que nelle existe em tudo. As salas de aula, as officinas, o refeitório, as *toilettes* de marmore, as latrinas, os mictorios, os quartos de dormir dos asylados, a cozinha, os pateos de gymnastica e recreio, os quartos dos criados, o dormitório e o gabinete do director, a capella vasta e bonita, tudo, tudo é de uma simplicidade, uma modestia sem par. Respira-se em toda aquella casa um ambiente oxigenado, pleno de bondade. . .

As roupas e o calçado dos asylados são feitos por elles mesmos nas officinas de alfaiate e sapateiro, e officinas ha que, feitas todas as despezas com a materia prima, com os instrumentos de trabalho e com os mestres, deixam um saldo animador e que não raro contrabalança o *deficit* de outras officinas. Tudo se aproveita, tudo se concerta: as roupas estragadas e rotas pelo uso, as botas rasgadas e sem sola, que voltam de novo a prestar serviços por algum tempo.

E' realmente commovedor o ver todos esses ex-viciosos e vagabundos, futuros criminosos, rodearem o padre-director quando chega da rua e beijarem-lhe respeitosos a mão bem-fazeja que elle lhes estende.

O corredor da entrada do edificio tem presos ás paredes os retratos dos bemfeitores da instituição, que contava, na epocha da minha visita, mais de 70 alumnos.

Se ha paiz no mundo que precise, que exija mesmo asylos como a *Officina de S. José*, é o nosso. Oxalá sejam elles creados para livrar as ruas de tantos infelizes que, recebendo por toda a parte as lições do vicio, se preparam para povoar tambem as nossas cadeias.

ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

E' esta escola mantida por uma associação e funciona na sacristia de uma antiga egreja, na qual não mais se celebram os officios divinos. Uma questão de capricho da parte de um dos homens que mais serviços tem prestado ao ensino no Porto, deu origem a esta escola. Alguem oppunha-se a que ella funcionasse nêsse edificio, mas a tenacidade de um homem que, não achava outra casa e patrioticamente entendia ser melhor que o edificio prestasse um bom serviço, a estar fechado, tudo conseguiu.

Infelizmente, esse edificio não merecia tal tenacidade, pois é quasi um pardieiro e só se desculpa o estar funcionando alli uma escola numerosa, em falta absoluta de cousa melhor, ou na impossibilidade de haver meios pecuniarios para a aquisição de uma boa casa.

A associação que custeia essa escola incumbe-se da propagação do ensino pelas camadas populares e o regulamento que a esta preside é igual ao que preside aos trabalhos de todas as outras.

Nessa escola são admittidos todos os filhos de um e outro sexo, dos socios, logo que forem maiores de seis e menores de 13 annos de idade, e não soffrerem molestias contagiosas e repugnantes. Precede á matricula do alumno um requerimento do pai ao presidente da Direcção.

As aulas principiam ás 9 horas da manhã e terminam ás 4 da tarde, desde o mez de Outubro até o mez de Março; do mez de Abril até ao fim de Agosto começam ás 8 horas da manhã, terminando tambem ás 4 da tarde.

A chamada dos alumnos é feita meia hora depois da marcada para a entrada e o alumno que comparecer depois de feita a chamada, perde a licção do dia, salvo se trouxer justificação.

O alumno que der seis faltas consecutivas durante um mez, sem motivo justificado, é riscado da matricula durante todo o anno lectivo.

Quanto ás penas disciplinares dos alumnos, são :— admoestação e correccão. A especie desta correccão é que não é marcada pelo regulamento, mas, no caso de reincidencia, o alumno é expulso temporaria ou perpetuamente, conforme a gravidade da falta.

Os feriados são, como nas escolas officiaes, as quintas-feiras, os domingos, os dias de gala e os santificados; os dias 23 de Dezembro a 7 de Janeiro; os dias do carnaval, a quarta-feira de cinza, toda a semana santa e todo o mez de Setembro.

O dia da inauguração das escolas da sociedade tambem é feriado.

Nas semanas, porém, em que houver dia santificado haverá aula na quinta-feira.

Quanto à hygiene, os alumnos são obrigados a ir à escola decentemente vestidos e calçados, lavados e penteados, sob pena de serem reprehendidos na 1ª vez, levarem a seus pais uma advertencia escripta na 2ª vez, e na 3ª expulsos da escola.

Ha na escola exames trimestraes para se avaliar o grau de aproveitamento dos alumnos, e quanto ao exame final *elementar* ou *complementar*, na Camara Municipal ou no Lyceu para admissão neste, não póde o alumno fazel-o sem auctorisação do respectivo professor e presidente da Direcção.

No fim do anno lectivo ha solemne distribuição de premios, e além desses premios, ha a inscripção no *Quadro de Honra*.

As escolas da Associação têm todas um professor e uma professora, auxiliados por tantos ajudantes quantos a Direcção julga necessarios. Os professores são nomeados pela Direcção e têm o ordenado que lhes é estipulado; os ajudantes são nomeados apenas pelo presidente da Direcção e é este quem lhes marca o vencimento.

Os professores ensinam pelo methodo que lhes parece mais proveitoso, sujeitando-o á approvação prévia da Direcção. Os mesmos professores são obrigados a abster-se de todo o castigo corporal, exceptuando as palmatoadas, que ainda assim devem ser applicadas com a maxima moderação. Tambem não podem receber dos pais, nem mesmo a titulo de gratificação, qualquer quantia.

E' sob a guarda dos professores que estão todos os haveres das escolas; elles os recebem e entregam por inventario.

Aos pais dos alumnos é enviada mensalmente uma nota das faltas, aproveitamento e procedimento dos filhos.

Nas horas de refeição e descanso dos alumnos ha sempre um professor presente, auxiliado por um empregado, na vigilancia das creanças.

A *Escola Marquez de Pombal*, quando a visitei, era frequentada por grande numero de creanças e estava regularmente provida de mesas, bancos-carteiras e objectos de ensino.

ESCOLA PAROCHIAL E MUNICIPAL DE SANTO ILDEFONSO

Visitei esta escola, estabelecida em um bom predio e destinada a ambos os sexos. A escola de meninas funciona separadamente em outra ala do edificio.

A do sexo masculino é dirigida pelo professor Antonio Ferreira de Jesus, o qual tem exercicio não só na aula diurna, como no curso nocturno, que tambem funciona nessa escola.

Causou-me impressão o ver uma férula sobre a mesa. Mostrando-me admirado por esse facto, o professor procurou justificar-se dizendo-me ser isso necessario, por não ser boa a indole dos meninos, que precisam ser tratados com certo rigor, e que aquillo servia mais para causar-lhes receio que para castigal-os propriamente.

A escola está provida do necessario: — mesas, bancos-car-teiras, pedras, objectos de ensino, etc., e os rapazes, realmente, apezar dos ralhos amiudados do professor, pareceram-me mal educados e turbulentos. O que é verdade é que o professor pareceu-me tambem muito aspero, e penso que não conhece o segredo de temperar a brandura com a severidade, de modo a tornar-se respeitado e estimado sem ser temido. Ora, este segredo, que não é muito commum, é a base primordial e unica da auctoridade de um bom mestre.

A escola do sexo masculino tinha 383 alumnos; a do sexo feminino, que tem uma directora, tinha 252 alumnas.

O professor Ferreira de Jesus mostrou-me alguns trabalhos, reveladores de adiantamento, feitos por seus discipulos e interrompendo a conversação mais vezes do que era necessario para exigir silencio, obsequiou-me com exemplares de dois livrinhos didacticos, de que é auctor.

Um desses livros é um compendio de desenho e o outro é um catalogo de palavras que se escrevem com consoantes dobradas, apontamentos para analyse de palavras e orações, elementos de moral e religião e um hymno escolar.

ESCOLA PARÓCHIAL DA CEDOFEITA

Esta escola, fundada em 1885, tinha, quando a visitei, 350 alumnos. Tem um director, que tambem lecciona uma das classes adiantadas, e quatro professores, além do porteiro e serventes precisos. Ha tambem um professor da aula nocturna. No dia em que nella compareçi não estava presente o director.

A impressão que tive foi a melhor possivel. O predio não comporta o numero de alumnos que estão matriculados nessa escola, e vai ser augmentado, pois o edificio é proprio do municipio.

Ha na escola uma pequena bibliotheca, que tende a augmentar muito, segundo as informações obtidas.

O methodo adoptado é o de Simões Raposo.

O conjuncto das salas de aula é agradável, já pela conservação da mobilia, já pelo modo por que estão abundantemente ornadas as paredes com quadros, mappas e objectos de ensino. E' magnifico e bem provido o museu escolar, são muitas as suas collecções, sacrificadas aliás à falta de espaço.

A parte do edificio destinada às aulas do sexo feminino tambem não comporta o elevado numero de perto de 200 alumnas matriculadas.

Com os augmentos projectados, o edificio tornar-se-ha um dos mais importantes da cidade; mesmo assim elle é um bonito predio. A sala de entrada, onde se acha a secretaria da escola, é vasta, tendo tudo muito bem arranjado, e quer ahi, quer nas outras dependencias do edificio, nota-se bastante asseio.

Nas visitas que fiz a esta escola, á de *Santo Idefonso* e á *Marquez de Pombal*, fui sempre acompanhado pelo compatriota Antonio Tavares Bastos, que ha muitos annos reside no Porto e ahi occupa agora o logar de vice-consul brasileiro. A esse cavalheiro, bem como ao nosso consul, Dr. José Fortunato da Silveira Bulcão, sou devedor das maiores finezas e grato às altas provas de sympathia que sempre me dispensaram.

ESCOLA NORMAL

Entre as valiosas cartas de recommendação que me foram dadas pelo illustrado Sr. Dr. Menezes Vieira, que actualmente dirige o nosso *Pedagogium*, ao qual está prestando relevantissimos serviços, tornando-o digno émulo dos mais adiantados museus pedagogicos da Europa, eu tinha uma dirigida ao professor da Escola Normal do Porto, o Sr. José Maria Guedes de Azevedo.

Não me foi facil encontrar de prompto a residencia desse cavalheiro. Conseguido, porém, esse intento, tive dia e hora marcados para uma visita à Escola Normal. Nessa visita fui acompanhado pelo Dr. Silveira Bulcão, nosso consul, que ainda não conhecia e desejou conhecer a referida escola.

Foi demorada a minha visita e tudo pude ver, graças ao desejo que animava o professor Guedes de Azevedo, de tudo me mostrar e explicar.

A escola normal do sexo masculino, na cidade do Porto, funciona em um vasto palacete recentemente construido e muito elegante. Só visitando-o se pôde ver o que vai de ordem, de asseio, de um verdadeiro luxo mesmo naquelle edificio.

Quer na planta que deu origem ao levantamento do predio, quer na construcção, mobiliamento, distribuição das salas, aquisição e disposição das colleccões, nota-se que a tudo presidiram o gosto, o capricho, a competencia. E de facto, tive noticia de que foram professores, de accordo com o engenheiro incumbido das obras, que deram o risco do edificio, que foram professores que acompanharam sempre desveladamente os trabalhos de toda especie, que foram professores que designaram as salas para as aulas, para gabinetes, que, emfim, aquillo que alli está imponente e bello é obra de professores.

Não andou por alli a fazer exigencias e imposições a engenharia official pedantesca, julgando-se em tudo sabida e competente, como acontece entre nós, enchendo a cidade de aleijões architectonicos, que não se prestam aos fins a que se destinam, porque a pratica e o tempo vêm mais tarde pôr a descoberto os innumerados defeitos. Não, alli andaram de par a pedagogia representada pelos profissionaes e a engenharia complacente e cheia de boa vontade de agradar. O resultado foi que a Escola Normal do Porto é uma cousa que é apresentada com certo louvavel e justo orgulho aos que a ella se dirigem.

O visitante não sabe o que mais admirar, se as salas limpas e arejadas com mobílias novas e modernas, de accordo com as ultimas exigencias pedagogicas, se os gabinetes de physica, chimica e historia natural, se o pateo de gymnastica com bons aparelhos, se a escola annexa habilmente dirigida por um joven professor intelligente e competentissimo, se os jardins com suas estufas, nas quaes encontram-se plantas até do nosso paiz, se o jardim botanico, a bibliotheca, a sala dos exames, a sala da secretaria, a sala da directoria, a magnifica sala de recepção, a sala dos professores do estabelecimento, a bella e luxuosa sala ornamentada com muito gosto e destinada ás solemnidades, a bella escadaria que conduz ao pavimento superior, as latrinas, os mictorios, as *toilettes*, a sala de entrada bem mobiliada, etc., etc.

No que diz respeito á conservação de tudo, ao asseio e boa ordem, o regulamento interno é de una exigencia extraordinaria para com todos: criados, serventes, empregados, porteiro, professores e alumnos.

O regulamento interno em vigor foi approved em Março de 1887 e quem o folhear verá que não sou exagerado no que affirmo.

A escola tem, além do pessoal docente e de administração necessarios, mais: um porteiro, um guarda e conservador dos gabinetes de physica, chimica e historia natural, dois serventes, sendo um para a escola normal e outro para a escola annexa, um jardineiro, um ajudante do jardineiro e um servente dos jardins.

Quanto aos alumnos, entre os varios deveres que lhes são affectos, o regulamento estatue que os que derem vinte faltas, justificadas, ou não justificadas, perdem o anno. Corresponde a falta a uma das aulas á falta em todas as outras.

As penas disciplinares, applicadas segundo a gravidade das circumstancias são: — admoestação nas aulas pelos professores; reprehensão pelo Conselho, lida nas aulas pelo porteiro; expulsão.

Os alumnos do 2º e 3º anno são obrigados a exercicios praticos na escola annexa respectiva. Estes exercicios são de tres ordens:— exercicios de ensino, exercicios de exames e exercicios de escripturação escolar.

A respeito de exercicios de ensino, observa-se o seguinte:

Um alumno do 2º anno, em dois dias consecutivos, regerá a 1ª e 2ª classe, auxiliado por um ou mais ajudantes, conforme o entender o professor da escola annexa. Um alumno do 3º anno regerá a 3ª classe.

Para esse fim observar-se-ha a ordem da matricula da Escola Normal.

Durante as horas do seu exercicio, os alumnos-mestres são completamente responsaveis pelo andamento da Escola.

O professor da escola annexa superintenderá em todos os trabalhos do alumno; classificar-o-ha em livro especial, que, por intermedio do director da Escola Normal, será todos os mezes presente ao Conselho Escolar. Ao terminarem os trabalhos de cada dia fará ao alumno-mestre, em particular, as observações que julgar convenientes, sobre os processos e metodos por elle empregados no ensino.

A respeito dos exercicios de exame, observa-se o seguinte:

Os alumnos examinadores, nos exames de passagem serão escolhidos, para cada dia, e pela ordem da matricula, entre os alumnos do 2º e 3º anno da Escola Normal, presidindo o alumno do 3º.

O professor da escola annexa superintenderá na maneira como elles procedem, podendo interrogar, quando o julgue necessario, e lançará no respectivo livro a competente nota, devendo em particular fazer as observações que entender.

A respeito dos exercicios de escripturação escolar:

Em cada dia os alumnos do 2º anno, em serviço, farão a escripturação que lhes fôr indicada pelo professor da escola annexa.

Em cada dia de exames um dos vogaes, nomeado pelo professor da escola annexa, desempenhará as funcções de secretario do jury.

A respeito das observações que o director da escola annexa fará em particular a cada um dos normalistas, é de notar :

Que o professor da escola annexa as deverá fazer no seu gabinete, a sós com o alumno, e no fim de cada dia de trabalho.

Que nellas deverá fazer avultar os erros de Pedagogia pratica pelo alumno-mestre commettidos e os meios de os obviar.

Que o professor da escola annexa confeccionará um livro, onde esteja inscripto o nome de cada alumno-mestre, a indicação — dia a dia de trabalho — dos erros mais salientes praticados pelo alumno-mestre, e bem assim os progressos por elle feitos para ir eliminando esses erros. Este livro será presente ao Conselho pelo Director da escola annexa no fim de cada mez.

Não sei se é assim mais ou menos que se tem praticado na nossa Escola Normal relativamente aos exercicios praticos a que são obrigados na escola annexa os normalistas.

Pareceu-me, porém, util dar aqui o modo por que se pratica na Escola Normal do Porto.

O *jardim botanico* dessa escola normal, comprehendendo o jardim botanico propriamente dito, isto é, o agrupamento methodico de plantas, a estufa, o campo experimental com o seu pomar, os jardins ornamentaes da escola e o laboratorio de histologia vegetal e chimica agricola, é destinado a exercicios praticos dos alumnos sob a inspecção dos respectivos professores.

O jardim serve para uso não só dos alumnos da escola normal do sexo masculino, como tambem das alumnas da escola normal do sexo feminino.

O regulamento interno da escola normal do sexo masculino, que possúe o jardim, determina que:

As duas escolas normaes e respectivas escolas annexas poderão utilizar-se do jardim botanico e campo experimental,

quer visitando-o com os alumnos e nelles realizando trabalhos experimentaes, quer obtendo exemplares para estudo e para os museus escolares.

E' de notar que a escola nacional de que trato é a do sexo masculino; a do sexo feminino funciona em outro edificio muito distante deste e tem uma directora. O mesmo facto de funcionar a escola normal do sexo masculino em edificio distante da do sexo feminino se dá em Lisboa, como já fiz ver.

Quando qualquer professora da escola normal do sexo feminino deseje visitar o jardim e suas dependencias com as alumnas, avisará de vespera o director do jardim, indicando-lhe ao mesmo tempo os apparatus, preparações e qualquer outro material que deseje ter à sua disposição.

Quando qualquer dos professores das escolas annexas deseje visitar o jardim com seus alumnos fará identico aviso.

Os professores deverão acompanhar cuidadosamente os alumnos, afim de que estes não damnifiquem os objectos, e são responsaveis por qualquer prejuizo.

Tambem avisarão o director do jardim quando quizerem realizar qualquer experiencia no campo experimental, afim de que o director do jardim diga se ha terreno disponivel para os trabalhos indicados.

Quando os professores desejarem obter exemplares para mostrarem na aula a seus alumnos, requisital-os-hão pessoalmente ao director do jardim, ou farão essa requisição por escripto.

O director do jardim não é obrigado a fornecer exemplares que entenda fazerem falta no jardim ou no campo experimental.

Os trabalhos de analyse chimica no laboratorio annexo ao jardim só poderão ser realizados sob a immediata inspecção do director do jardim. Os trabalhos de microscopia, no mesmo laboratorio, poderão ser feitos sob a direcção dos professores da escola normal do sexo feminino e dos das escolas annexas, e

quando o director do jardim entender que não ha inconveniente em se realizarem.

A visita à estufa só poderá ser feita com a auctorisação expressa do director do jardim, quando não resulte d'ahi prejuizo algum.

Penso que não ha nada disso na nossa Escola Normal.

ESCOLA ANNEXA

A escola annexa à Escola Normal do sexo masculino, no Porto, é dirigida pelo intelligente e habil professor João Clemente de Carvalho Saavedra. Este professor já visitou com sua esposa, D. Carlota A. de Carvalho Saavedra, como elle professora official de ensino complementar, varios paizes europeus e com especialidade a Hespanha, a França e a Suissa, escrevendo ambos sobre esta viagem uma boa memoria.

O professor Saavedra é tambem auctor de dous bons livros didacticos — *Physica experimental* e *Chimica experimental*, ambos escriptos com muito methodo e cuidado, o que abona bastante seu criterio pedagogico e aptidão profissional.

Não podia, pois, estar em melhores mãos a direcção da escola annexa à Escola Normal do Porto, que eu tive o prazer de visitar.

A escola annexa, creada por lei de 2 de Maio de 1878, é uma escola de ensino elementar e complementar, destinada aos exercicios praticos dos alumnos do 2º e 3º anno da Escola Normal.

O ensino na escola annexa consta de :

Noções geraes sobre sciencias concretas, abstracto-concretas e abstractas ; trabalhos technicos, indispensaveis à educação de todo o homem ; e francez, leccionado na 3ª classe.

Como elemento de educação moral será estabelecida nesta escola uma *Caixa Economica escolar*.

A escola primaria annexa à Escola Normal do sexo masculino é destinada apenas a creanças do sexo masculino.

A escola divide-se em dous graus : — *elementar* e *complementar*.

Ao grau elementar pertencem a 1^a e 2^a classe, ao grau complementar pertence a 3^a classe.

A matricula tem o numero fixo de 60 alumnos, sendo que cada uma das tres classes tem 15 alumnos, mas ha uma classe preparatoria tambem de 15 alumnos.

Os tres primeiros grupos de 15 alumnos são constituídos : o primeiro por alumnos menos adiantados, o segundo por alumnos mais adiantados, o terceiro por alumnos que já tenham obtido approvação no *ensino elementar*.

O director da escola annexa, entre outros deveres, tem o de acompanhar sempre os alumnos normalistas e os da escola annexa nos *passeios escolares*, devendo ter em vista :

Que estes exercicios de pedagogia pratica devem realizar-se, sendo possivel, pelo menos uma vez por mez.

Que estes *passeios* serão realizados sem prejuizo das aulas da escola annexa, cuja direcção ficará entregue durante a sua ausencia, a um alumno normalista do terceiro anno.

Como se vê, trata-se de *excursões escolares* que ainda não são postas em pratica entre nós, mas que se realisam em toda a Europa.

Os trabalhos da escola annexa começam ás 9 1/2 da manhã e terminam ás 3 horas da tarde, havendo um intervalo de meia hora, depois do meio-dia.

A chamada dos alumnos da escola annexa todos os dias, ao começarem os trabalhos, é feita pelos alumnos normalistas em serviço nessa escola.

A's familias das creanças é enviado um boletim bi-semanal, contendo as notas de procedimento, applicação, faltas, etc.

A 2^a classe da escola annexa é considerada como preparação geral para o *exame elementar* de instrucção primaria ; a 3^a classe é considerada como preparação especial para o *exame complementar* de instrucção primaria, e como pre-

paração geral para o exame de admissão aos Lyceus e Escolas Normaes.

A Escola Normal do Porto rege-se pelas leis de 2 de Maio de 1878 e 11 de Junho de 1880 e Regulamento e Providencias para a execução das referidas leis. Fazem parte da obra *Legislação de Instrucção primaria*, a que já me tenho referido.

A Camara Municipal do Porto, á qual está entregue o ensino publico primario da cidade, mantém, além das escolas normaes para cada sexo, 24 escolas *elementares*, sendo 12 de cada sexo, e duas escolas *complementares*, uma tambem para cada sexo.

Ha um imposto de 2 %o destinado ao ensino popular por cada habitante sobre as contribuições geraes do Estado.

Eis, Sr. Inspector Geral, o que vi em Portugal sobre o ensino publico e no desempenho da commissão que me foi confiada.

Pelo que tenho escripto se conclúe que Portugal, se não occupa o primeiro logar em questões de ensino primario, se o ensino popular não disse ainda nelle a ultima palavra, se elle ainda está longe de hobrear nesse assumpto com paizes adiantadissimos como a Belgica e a Suissa, por exemplo, não é tambem o paiz atrazadissimo que em geral se julga e não occupa mesmo os ultimos logares.

Pelos documentos officiaes se vê, é verdade, que não está longe o tempo do seu atrazo; que em épochas não muito remotas, a instrucção popular não era nesse paiz uma cousa séria; mas por esses mesmos documentos se vê que elle deu um verdadeiro salto e que quem fôr estudal-o com animo desprevenido se convencerá do que affirmo, sem receio de contestação digna.

No relatorio que tenho a honra de apresentar-vos, procurei ser minucioso e deixar bases seguras para se aquilatar

o que é o ensino publico nesse paiz. Nelle vereis as leis que regem esse ramo da publica administração ; o modo por que as escolas estão divididas e classificadas, o numero e especie de disciplinas leccionadas nas escolas e, tanto quanto possivel, o modo por que são leccionadas ; o programma minucioso, classe por classe, das escolas elementares e complementares ; os livros adoptados com uma ligeira apreciação minha ; descripção das principaes escolas que visitei ; o estado de asseio ; o adiantamento dos alumnos, muitos dos quaes interroguei assistindo ás licções ; o que são os batalhões escolares ; considerações sobre o ensino physico, moral e intellectual ; os gymnasios ; os jardins infantis ; os edificios ; uma idéa geral sobre os regulamentos e programmas de algumas escolas especiaes ; museus escolares e pedagogicos ; descripções de varios e bons edificios occupados por escolas, acompanhando algumas de plantas, fachadas, etc., cujos desenhos vos enviei ; mobilia escolar adoptada ; methodos de ensino, especialmente de leitura, etc., etc.

Não dou por mal empregado o tempo que passei em Portugal, forçado por um inverno terrivel e que não tive coragem para affrontar, dirigindo-me immediatamente para Pariz, onde o thermometro chegou a marcar mais de 15 graus abaixo de zero, como aqui mesmo os jornaes noticiaram.

E não só tive occasião de ver muito do que era especialmente da minha commissão, como tive ensejo de visitar associações litterarias e scientificas importantes, como a *Academia Real das Sciencias*, assistindo a algumas aulas para acceder a convites cavalheirosos de homens do mais alto merecimento intellectual, como o Dr. Vasconcellos Abreu, eminente orientalista e mathematico, lente de lingua e litteratura sanskritica no Curso Superior de Lettras e o Conselheiro Jayme Muniz, distinctissimo professor de philosophia no mesmo Curso ; a *Sociedade de Geographia* com a sua importantissima bibliotheca e as suas valiosissimas collecções de physica, de chimica, de historia natural e especialmente de geographia ; o *Museu*

geologico e anthropologico, a cargo do Ministerio das Obras Publicas ; diversas bibliothecas ; a Universidade de Coimbra, da qual tudo vi minuciosamente, por instancias do meu bom e querido amigo, o eminente escriptor D. Antonio da Costa, ex-ministro da Instrucção Publica, e cujos trabalhos de grande valor litterario são muito conhecidos entre nós e que é um dos benemeritos da instrucção popular.

E por toda a parte recebi as maiores demonstrações de apreço e sympathia, de homens da estatura intellectual de Theophilo Braga, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Luciano Cordeiro, Gonçalves Vianna, distincto romanista, Dr. Bernardino Machado, par do reino, e outros, como da imprensa e do professorado. Da imprensa consta-me que foram transcriptas aqui em varios jornaes, durante a minha ausencia, as noticias com que fui recebido em Portugal, e do professorado publico primario guardo com desvanecimento as provas mais inequivocas de affecto, de solidariedade e de colleguismo.

Assisti, por convite de uma commissão de professores que me procurou, á 1^a de uma série de conferencias, realisada no salão da *Associação dos Professores* pelo Dr. Adolpho Coelho, sendo ahi recebido com as maiores distincções, e onde me foi offerecido um exemplar especialmente preparado dos Estatutos.

Nas vespas de minha partida de Lisboa fui novamente procurado por uma commissão de professores que me fez entrega do diploma de socio correspondente da *Associação dos Professores Publicos de Lisboa* e seu representante na Republica dos Estados Unidos do Brazil. Tanto esse diploma como o officio que o acompanhava, são redigidos de uma fôrma muito lisongeira e honrosa para mim.

Em Coimbra recebi as maiores demonstrações de apreço do Dr. Seabra de Albuquerque, escriptor distincto e thescureiro da Universidade, a quem levei uma carta que me foi gentilmente dada por D. Antonio da Costa, e no Porto não foram menores essas demonstrações, especialmente da im-

prensa, dos professores e do Revm. Sr. Abbade de Arcozello, para cujo methodo de leitura já tive a honra de chamar a vossa attenção, não sendo poucas as obras literarias e scientificas que me offereceram alguns homens de letras, escrevendo nos exemplares que me deram lisongeiras dedicatorias.

E' o que me cumpre dizer-vos ao encerrar o meu despreten-
cioso relatorio sobre o ensino primario em Portugal.

HESPAÑHA

Deixando o Porto e seguindo para a Hespanha, tive grandes difficuldades em encontrar em Madrid a Legação Brasileira. Ahi não ha consulado nosso, sendo o logar de vice-consul occupado por um moço hespanhol, Pedro Gordon y Davila, que só mais tarde vim a conhecer. O principal consulado brasileiro é em Barcellona.

Cada ministro plenipotenciario, ao tomar conta do cargo, muda a legação para a casa da sua residencia, quasi sempre em um arrabalde e raro no centro da cidade, de fôrma que ninguem sabe informar em que rua funciona a legação do Brazil, e os *guias* e *almanaks* da cidade dão errada a indicação pela falta de permanencia da legação em um mesmo predio. Pêrdi cinco ou seis dias a procural-a, isto quando o tempo permittia que eu sahisse á rua.

Demais eu chegava em pessima occasião a Madrid. Os preparativos para a festa de S. José, o santo mais festejado em toda a Hespanha, absorviam todas as attenções. Dous ou tres dias depois desse grande dia popular, começavam as férias da Semana Santa, guardada nesse paiz com as maiores demonstrações de respeito, a ponto de estar fechado todo o commercio durante seis ou sete dias e não rodarem carros na rua durante a quinta, a sexta-feira e a manhã de sabbado.

Não sendo meu intuito demorar-me na Hespanha, pois tinha pressa de chegar a Pariz e para isso esperava apenas que a temperatura melhorasse, chegando ahi, como cheguei, em época de tantos feriados, pouco pude ver no desempenho do meu mandato.

Ainda assim, pude falar com o Inspector Geral do Ensino Publico, cavalheiro quasi inaccessible pelos muitos trabalhos que tem, e visitar alguns poucos estabelecimentos de instrucção.

Na minha entrevista com o Sr. Robledo, inspector geral, tive ensejo de saber que o Estado não fornece livros ás escolas. Os professores publicos primarios têm nesse ponto completa independencia e mandam comprar pelos alumnos os livros que lhes agradam dentre os que estão approvados como mais dignos de serem adoptados nas escolas. Este cavalheiro prometteu-me remetter alguns dados sobre o ensino primario; sobre os edificios escolares, dos quaes aliás não possui a Inspectoria plantas ou desenhos; sobre os programas em vigor, etc.

Em uma segunda entrevista, que a muito custo obtive, nova promessa da remessa desses apontamentos me foi feita, tendo eu mesmo entregue ao Sr. Robledo uma nota do que precisava. Não solicitei auctorisação para visitar as escolas, porque pouco pretendia demorar-me no paiz. Conforme os dados que me fossem fornecidos, eu resolveria.

Até hoje e apezar das cartas que tenho enviado a um empregado da legação brazileira, o Sr. Eduardo Maulaz, cavalheiro a quem sou devedor das maiores finezas e que, acredito, tem procurado o Sr. Robledo, nada me tem sido enviado.

JARDIM INFANTIL

O asylo infantil funciona em um magnifico edificio na Calle Daoiz y Velarde n. 19, ao lado da Escola Normal, que é, por sua vez, outro bello edificio.

E' linda a fachada do jardim infantil que foi feito sob a protecção do fallecido rei D. Affonso XII. O edificio tem 4 boas salas para aulas; uma grande sala para as solemidades; uma sala para recreio dos alumnos, quando chove, e tambem

destinada a varios jogos infantis ; uma grande sala que serve de refeitório e tem grande numero de pequenas mesas de marmore e ao lado da qual existe uma saleta com lavatorios de marmore ; duas bellas galerias cobertas e envidraçadas ; cosinha onde é aquecido o *lunch* das creanças ; gabinete do director ; casa para residencia do mesmo director ; um jardim e uma grande área de terreno bem plantada de copadas arvores e destinada ao recreio das creanças em tempo bom. O predio, que é novo, foi expressamente construido para este fim.

Uma das galerias tem ao longo das paredes, entre outros quadros, mappas e trabalhos dos alumnos, uma esplendida collecção de retratos de todos os homens mais notaveis da Hespanha. Em apropriadas *vitrines* e estantes encontra-se uma variedade innumeravel de trabalhos feitos pelos alumnos, assim como cadernos de deveres escolares, etc.

As latrinas são baixas, muito baixas mesmo e apropriadas ás creanças. Notei que não eram envernizadas e que, quer nellas, quer nos mictorios, tambem baixos e apropriados, não havia o asseio que seria para desejar.

A escola é dirigida pelo Sr. professor Eugenio B. Mingo e tinha, quando a visitei, 240 alumnos entre um e outro sexo. O sexo masculino era ahi mais representado, pois que eram delle 130 as creanças.

Além do director, tem o Jardim cinco mestras e um mestre de musica.

Tudo na escola pertence ao systema froebeliano :— as mesas dos professores, os bancos-carteiras dos alumnos, os objectos necessarios para o ensino. Além disso, encontrei um apparelho para a demonstração dos eclipses, collecções de historia natural, quadros de historia natural e de historia sagrada, espheras terrestres e celestes, mappas geographicos, etc., etc.

Os fins do Jardim são :— ministrar ás creanças de ambos os sexos de 3 a 8 annos, a educação physica, intellectual, moral e religiosa propria de sua idade pelo methodo de

Fröbel, e servir de aula pratica aos alumnos das escolas normaes de ambos os sexos.

Os exercicios constam de :—orações, conversações e canticos religiosos, apropriados á idade; jogos gymnasticos e marchas accommodadas; cantos apropriados a estas marchas e jogos; jogos e trabalhos manuaes; licções de floricultura, agricultura e botanica praticas; ensino de leitura; doutrina christã; escripta; calculo e outras disciplinas proprias do ensino elemental, sendo tudo accommodado á idade dos alumnos. Os exercicios para as primeiras idades são feitos pelo systema Fröbel; os dos alumnos mais crescidos o são pelo programma das escolas elementares.

No mez de Maio de cada anno ha exames publicos de todos estes exercicios.

A matricula é gratuita para as creanças do ambos os sexos, de 3 a 8 annos de idade, que não tiverem enfermidade contagiosa e tenham sido vaccinadas.

Os alumnos da escola estão divididos em quatro grupos, segundo as idades e cada grupo correspondendo a uma sala. Assim a sala n. 1 tem as creanças de tres a quatro annos de idade; a sala n. 2, as de quatro a cinco; a de n. 3, as de cinco a seis; a de n. 4, as de seis a oito annos de idade.

A entrada para as aulas é ás 9 $\frac{1}{2}$ da manhã e a sahida ás 4 horas da tarde, isto durante os mezes de Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Nos demais mezes do anno, a entrada é das 7 $\frac{1}{2}$ ás 9 da manhã e a sahida das 5 ás 6 da tarde. Os pais que não quizerem ter seus filhos por muito tempo retidos na escola, podem mandar buscal-os todos os dias, em qualquer época do anno, entre o meio-dia e as 2 horas da tarde.

O Jardim Infantil é visitado diariamente por um medico para esse fim retribuido e que tem por dever velar pela conservação da saude das creanças, medicando-as logo que se faça mister e fazendo-as retirar da escola sempre que julgar

necessario. Esse medico tem outros deveres estipulados em um regulamento.

O pessoal do asylo era o seguinte na época da minha visita :— o director, cinco mestras, um medico, um porteiro e um jardineiro, além dos serventes necessarios.

Do director dessa escola em cujo livro de visitas tive tambem de deixar as minhas impressões, a seu pedido, espero até hoje uma collecção de trabalhos dos alumnos e documentos sobre os programmas, horarios, etc., collecção que me foi promettida.

O ASYLO DEL PARDO

O lugar denominado *El Pardo* é um dos arredores de Madrid á distancia de 12 kilometros, onde fui visitar o notavel *Asylo* que nesse lugar existe e que é uma das suas curiosidades.

Ahi fui a instantes convites do digno secretario da Legação Brazileira em Madrid, e nessa occasião Encarregado de Negocios, por não ter sido ainda nomeado o respectivo ministro plenipotenciario, o Dr. Luiz Ferreira de Abreu, que não podendo acompanhar-me por ter de fazer uma viagem rapida a Pariz, fez-se substituir pelo empregado da legação o Sr. Eduardo Maulaz.

Ao Dr. Ferreira de Abreu sou tambem devedor das mais significativas provas de apreço, pois tudo fez para facilitar o desempenho da minha commissão em Hespanha.

A visita ao *Asylo del Pardo* deixou-me agradavel impressão. Aquillo já é mais que um asylo, é uma verdadeira povoação, pois os asylados entre homens, mulheres e creanças, são mais de 700.

E' director espirital do asylo e seu capellão o padre Eduardo Sanchez. E' elle quem tudo dirige e quem de tudo tem as chaves.

Abstrahindo a grandeza do edificio, dividido em tres ou quatro corpos, a abundancia dos bons generos de manutenção, as varias officinas que nelle se encontram, quer para homens, quer para mulheres ou creanças, ha nelle uma escola magnifica, perfeitamente mobiliada, cujas paredes estão revestidas de bellos quadros para ensino, mappas geographicos, etc. Os livros de escripturação da escola estão bem organizados e um *Quadro de Honra* assignala ao visitante os nomes dos alumnos que se distinguem.

A capella do Asylo é um verdadeiro primor. Muito vasta e bonita, tratada com um desvelo especial, mereceu sempre de Affonso XII, bem como todo o Asylo, a mais decidida protecção.

Nessa capella celebra-se missa todos os domingos e dias santos.

O asylo é custeado por um pequeno patrimonio formado pelo rendimento de donativos e heranças, por outros donativos que constantemente recebe e pelo obulo da caridade christã, depositado em caixas que por toda a parte se encontram em Madrid, já nas igrejas, já nas festas de toda a especie e junto às quaes senhoras distinctas pedem auxilio para essa e para outras obras pias.

COLLEGIO DE SURDOS-MUDOS

O *Collegio Nacional de Surdos-Mudos e Cegos*, dirigido por D. Manuel Blasco y Urgel foi outro estabelecimento que visitei, entregando uma carta de recommendação que, a meu respeito, dirigiu ao seu director o Dr. Menezes Vieira.

Desse instituto, um dos mais notaveis de Hespanha, visitei minuciosamente todas as dependencias, assisti a muitas aulas e sahi surprehendido do quanto podem o esforço de bons professores, a paciencia e a tenacidade.

As salas de aula são magnificas, providas de todo o neces-

sario e é assombroso o grau de adiantamento não só dos surdos-mudos como também dos cegos que ahí se encontram.

Arguidos sobre grammatica, sobre arithmetica, systema metrico, historia e geographia, assim como sobre outras disciplinas, a tudo respondem admiravel e promptamente.

Um cego, que a tal desgraça irreparavel, reúne a de ser surdo-mudo, conhece o globo geographico como não é commum entre pessoas perfectas e instruidas e não só mostra o seu grande adiantamento nessa como em outras materias, escrevendo também de um modo bastante intelligivel.

Ha moças cegas que tocam e cantam admiravelmente, com uma certeza, uma precisão, um sentimento encantadores.

Mas o que mais me surpreendeu foi ver tanto cegos como surdos-mudos fazendo gymnastica, subindo e descendo cordas e escadas, trabalhando nas barras fixas e nos trapezios como gymnastas perfectos.

Vi nas salas de costura, nas de bordados a linha, a seda frouxa, a ouro, nas de roupas brancas de todo o genero, etc., trabalhos riquissimos, de luxo, de bom gosto, de perfeição extrema. São admiraveis os trabalhos que ahí se fazem.

Quando visitei este estabelecimento estavam funcionando todas as aulas e officinas. Assisti aos trabalhos de todas, demorando-me bastante tempo em cada uma e sahindo dellas profundamente maravilhado.

Não acredito que haja estabelecimentos no genero que a esse de Madrid levem grandes vantagens.

Tambem o gabinete do director ostenta, em quadros suspensos das paredes, diplomas honrosissimos de prêmios ganhos em exposições, de louvores de toda a especie.

ESCOLA PRIMARIA MODELO

E' uma escola que contém todos os graus de ensino. Ahí se pratica o ensino fröbeliano, o ensino elementar do 1º grau e o

complementar do mesmo grau. Os alumnos estão divididos em seis classes, das quaes as duas primeiras, destinadas ás creancinhas da mais tenra idade, são mixtas. São essas as classes infantis. Em todas as outras classes os sexos são separados.

A escola tem bom material e a mobilia está bem conservada. Ha tambem boas collecções de historia natural, especialmente de mineralogia, botanica e geologia, bons desenhos, collecções de mappas geographicos, de physica, etc.

As salas de aula são espaçosas e bem illuminadas e a escola possue uma boa bibliotheca, um salão para gymnastica e outro para desenho.

O jardim infantil é bem frequentado e cada uma das classes superiores tem uma professora e uma adjuncta.

MUSEU PEDAGOGICO

O Museu Pedagogico de Madrid, que, sob a direcção de D. Manoel B. Cossio, funciona no pavimento terreo do predio em que funciona a Inspectoria de Instrucção Publica, á Calle Daoiz y Velarde, recommenda o zelo do seu director, tal é a fôrma por que foi aproveitada a parte do edificio que lhe destinaram.

Pela planta que junto vos remetto vereis a disposição em que estão os objectos nelle expostos.

Visitando-o minuciosamente tive ensejo de apreciar um bom banco-escolar. Dos desenhos desse banco, acompanhados de todas as explicações precisas, assim como de photographias das salas do mesmo Museu, que é intento do illustre director publicar brevemente, tive promessa de que me seriam remettidos exemplares, que até hoje espero ancioso.

O Museu Pedagogico de Madrid é digno de ver-se. São importantes as suas collecções e entre ellas sobresaem as das

escolas do Japão, de trabalhos manuaes em madeira e ferro, vindos de varias escolas do mundo, a sua bibliotheca, etc.

O director teve a bondade de offerecer-me, entre outros, os seguintes livros, que vos remetti com destino ao nosso *Pedagogium* :

Los Pedagogos del Renacimiento. (Erasmus, Rabelais, Montaigne) conferencia por Doña Emilia Pardo Bazan; *La segunda colonia escolar de Madrid* (1888); *Documentos para su historia* (*Legislación, organización, memoria sobre sus trabajos*); *Biblioteca pedagogica circulante* (*Reglamento y Catálogo*), e *Catálogo provisional*.

Todos esses livros são publicações do proprio Museu Pedagogico de Madrid.

PARTE SEGUNDA

FRANÇA

PARIS

Para se poder bem avaliar o que é o ensino publico em Paris, é necessario proceder-se a um estudo acurado e minucioso. Ora, um estudo assim exige que se disponha de muito tempo e que se esteja com o espirito sem preoccupações de outro genero. Isso justamente não se deu commigo.

Logo que a temperatura melhorou e me deixou seguir viagem, parti para esta cidade, á qual cheguei no dia 4 de Abril.

Os primeiros dias foram destinados á minha installação e orientação na cidade. Valeram-me, no primeiro caso, o Dr. Gabriel de Piza, nosso digno ministro plenipotenciario, e no segundo, o pranteado Dr. Silva Jardim, que, com sua Exma. senhora, residia na *Pensão de familia* em que tomei aposentos. Com este notavel e mallogrado patriota convivi todo o pouco tempo de minha estada em Paris e a elle devi muitas informações e o conhecimento de varios monumentos da capital franceza.

Tendo chegado a Lisboa em meados de Janeiro, eu só deveria escrever o meu primeiro relatorio trimensal em fins de Abril. Para ganhar tempo, livrando-me do primeiro desses relatorios parciaes, verdadeiro incommodo para quem está em viagem, sem o socego preciso nem accommodações proprias para o preparo de um trabalho capaz, eu resolvera desempenhar-me desse compromisso mesmo antes da época fixada, ficando completamente apto para fazer um estudo demorado e reflectido sobre as escolas publicas da grande capital. Durante esses dias, iria nas horas de lazer, orientando-me na cidade, sobre os seus meios de conducção, indagando quaes as escolas mais

dignas de uma visita e esperando das auctoridades do ensino a permissão necessaria ao desempenho do meu mandato, para cujo fim já me tinha entendido com o Dr. Gabriel de Piza.

Começara então o meu relatorio, e delle já tinha escripto algumas linhas, quando a 9 do mesmo mez de Abril fui surpreendido por um telegramma official, que declarava extinctas todas as commissões de professores brazileiros, quer primarios, quer secundarios e superiores, que estavam na Europa. O primeiro nome citado no telegramma era o meu, sendo-me só permittido ficar, si entendesse que os meus vencimentos proprios eram sufficientes, pois que a gratificação mensal extraordinaria, que me fôra marcada, cessava d'ahi em deante. A' cessação da gratificação, cessação brusca e inesperada, não antecederá nem sequer uma prevenção, um aviso.

Vós, Sr. Inspector, podeis comprehender o desgosto e o desanimo que de mim se apoderaram durante alguns dias ao ler um telegramma que ordenava o meu regresso, quando, apenas livre dos incommodos de uma viagem penosissima e dos rigores de uma estação invernosa, pouco commum mesmo na Europa, eu me preparava com todo o enthusiasmo para trabalhar no que era verdadeiramente da minha commissão:— o estudo e conhecimento minucioso das escolas da França, Belgica, Suissa, Italia, Inglaterra e Suecia, paizes da Europa designados nas *Instrucções* que acompanharam a minha nomeação, para depois seguir a visitar as escolas de quatro cidades dos Estados-Unidos da America do Norte.

A minha pensão estava paga adiantadamente até 4 de Maio seguinte, como me fôra exigido. Tinha, pois, que demorar-me durante esse tempo em Paris. Alguns jornaes, e notavelmente o *Brésil*, que, aliás, noticiaram lisongeiramente, por um requinte de cavalheirismo, a minha chegada a Paris e os fins da minha commissão, que, seja dito de passagem, mereceu de muitos distinctos europeus encomios ao governo do meu paiz, não pela minha individualidade, mas pela importancia do *mandatum*

que me fôra confiado, noticiaram tambem a cessação das commissões brasileiras na Europa, citando os nomes dos commissionados.

Confesso que não tive mais coragem de dirigir-me officialmente ás auctoridades do ensino. Demais, a obtenção da licença para as minhas visitas escolares e a obtenção de boas informações, julgava eu e m'o affirmára o Dr. Piza, exigiria alguns dias e eu estava condemnado a demorar-me pouco. Não obstante, passada a primeira impressão desagradavel, após alguns dias, por amor ao meu proprio nome, e à minha dignidade profissional, dirigi-me a diversas escolas, que visitei, apresentando o meu cartão de professor commissionado, sendo recebido, pela muita gentileza dos directores, visto que é absolutamente prohibida a entrada nas escolas europeas, como si se tratara de um alto segredo de Estado, sem a competente auctorização official. Devo declarar, por honra dos professores francezes, que só um me negou entrada na escola sob sua direcção, apesar de mostrar-lhe o meu decreto de nomeação. Não lhe cito o nome e a escola por elle dirigida, por achar desnecessario. Extranei o facto e fiz-lhe ver com energia a differença que havia nesse seu procedimento e o que se faz no meu paiz. Esse director, que talvez não seja em outros assumptos escolares tão escrupuloso observador das leis vigentes, dessa vez foi um fiel guarda dos regulamentos.

Para as minhas visitas escolares, bem como em outros assumptos tendentes ao bom desempenho da minha commissão, muito me auxiliou o Dr. Manoel José Barboza, digno consul brasileiro em Paris, que me facilitou os meios de receber meus vencimentos e deu-me como guia na cidade e nessas visitas um distincto moço, nosso compatriota, que ha muitos annos reside em Paris, o Sr. José Alfredo dos Santos Xavier, actualmente de passagem nesta capital.

Visitadas algumas escolas, recebi a 4 do mez seguinte (Maio), um officio do então ministro da Instrucção Publica, Dr. João

Barbalho Uchôa Cavalcanti, confirmando o telegramma. Nesse officio ordenava-se positivamente o meu regresso, salvo si, como já disse, eu quizesse ficar com os meus proprios vencimentos, mas naturalmente com as mesmas obrigações impostas na minha nomeação. Identicos officios receberam os outros professores.

Demais, a delegacia do Thesouro Nacional em Londres, para a qual escrevera, communicara-me a cessação completa da gratificação mensal extraordinaria, ficando eu, como estava, sem o augmento de vencimentos, que já então percebiam os meus collegas da Capital Federal, pois não tinha ido aviso nesse sentido, nem estava decidida tambem, segundo eu pensava, a obtenção da minha gratificação adicional correspondente a 15 annos de serviço e que tinha requerido muito antes de partir. Eu ficaria percebendo os parcos vencimentos da antiga tabella, que não davam para a minha manutenção e de minha familia, quer esta estivesse lá commigo, como estava, quer tivesse ficado aqui na capital e com ella tivesse de despender metade dos vencimentos para mantel-a. Nessas condições era impossivel permanecer em paiz europeu estudando e muito menos viajar.

Factos identicos sei que se deram com as outras commissões e especialmente com a presidida pelo eminente compatriota Dr. Domingos Freire, incumbido de estudar o processo e as vantagens da limpha do Dr. Koch. Tanto a meu respeito como dessa commissão, a imprensa brazileira manifestou-se contraria ás deliberações do governo suspendendo os auxilios que nos dava.

Tratei de preparar-me para voltar: comprei passagem e com os meus poucos recursos, alguns livros e objectos para offerecer ao *Pedagogium*, de cujo illustrado e distincto director, o Dr. Menezes Vieira, eu tinha obtido, aliás espontaneamente, um pequeno credito sobre Londres, para a compra de objectos que julgasse uteis a esse estabelecimento, credito que lhe restitui intacto, logo que regressei, e só estava á espera da partida do paquete que me devia conduzir ao Rio.

Nesse intervallo, a 22 de Maio, me chegou ás mãos uma carta vossa, aconselhando-me a demorar-me, a requerer permissão para continuar os estudos encetados com a mesma gratificação cassada e lembrando-me a conveniencia de visitar, com a maior brevidade possivel, as escolas da França, da Belgica e da Suissa. Já então eu estava de posse da *Guia*, que a delegacia do Thesouro em Londres me remettera, satisfazendo o meu pedido, para mostrar ao Thesouro Nacional que estava pago dos meus vencimentos até fins e da gratificação extraordinaria até 8 de Abril, época em que essa gratificação cessara, segundo as deliberações tomadas em Londres. Eu não podia, portanto, sacar mais vencimentos sobre essa delegacia, e tanto assim, que os dos mezes de Maio e Junho recebi-os nesta capital.

Accresce que de um requerimento enviado de lá a 5 ou 6 de Junho, época da partida de um paquete (e estavamos em Maio), só chegaria solução talvez em fins de Julho, ou quem sabe si mais tarde, attenta a morosidade dos papeis nas nossas secretarias de Estado. E não poderia outro qualquer ministro indeferir a minha pretensão, deixando-me em sérios embaraços, ou obrigando-me em paiz estrangeiro a uma posição menos digna? De facto, ao tempo em que devia estar sendo entregue o requerimento, já não era ministro da Instrucção Publica o Dr. João Barbalho. Ajunte-se a tudo isto as noticias aterradoras que sobre o nosso paiz chegam sempre ao estrangeiro e que só pôde avaliar quem lá se acha, noticias que fazem desanimar a quem está dependendo do governo em qualquer pretensão. Estas ponderações tive ensejo de vos apresentar por um officio, que vos dirigi de Paris.

Deixando de parte outras razões não menos valiosas, que não julgo necessario aqui apresentar, o tempo preciso para a solução do requerimento era muito para quem estava longe da patria, sem recursos, com o espirito acabrunhado por esses factos, e, o que é mais, cheio de justificadas apprehensões.

Deliberei-então fazer um sacrificio para corresponder, Sr. Inspector, ao vosso desejo, e fui à Belgica, n'uma viagem rapida de poucos dias, comprando bilhetes de ida e volta, por serem menos custosos. Para isso, obtive da Companhia da *Mala Real Ingleza* a transferencia da minha viagem para o paquete seguinte, que partia a 4 de Junho de Southampton, para onde ainda tinha de dirigir-me, pelo Havre, afim de regressar.

Pouco vi, portanto, quer em Paris, quer em Bruxellas, relativamente ao que me sentia com animo de ver e examinar logo que cheguei à primeira dessas cidades.

Quanto à minha ida à Suissa, foi totalmente impossivel satisfazer aos vossos desejos, que tambem eram meus.

Em todo o caso, com o que vi, com as informações, documentos e objectos escolares que obtive, as leis e regulamentos que compulsei, pude escrever o presente relatorio, que deposito em vossas mãos, fructo de muito boa vontade e de muito amor ao trabalho, desculpando-me por estas explicações, que julguei necessarias, embora pareçam longas e dispensaveis.

As escolas de Paris dividem-se em :—*escolas maternas e classes infantis, escolas primarias elementares, escolas primarias superiores, escolas profissionaes, escolas nocturnas para adultos e escolas normaes.*

As escolas *maternas* são frequentadas por alumnos dos dous sexos, recebendo creanças dos 2 aos 7 annos de idade e cuja direcção é exclusivamente confiada a professoras.

As escolas *primarias elementares* são frequentadas por alumnos de 6 a 14 annos de idade. Dessa especie ha escolas para meninos e escolas para meninas, havendo, pois, completa separação dos sexos. As escolas do sexo masculino são dirigidas por professores e as do sexo feminino por professoras.

As escolas *primarias superiores* são destinadas à revisão e desenvolvimento das materias aprendidas nas elementares e ao

estudo de uma lingua estrangeira. Não podem ser admittidos nestas escolas alumnos de menos de 12, nem de mais de 18 annos de idade.

As escolas *professionaes* são destinadas a desenvolver nos rapazes que se destinam às profissões manuaes a dextreza necessaria e os conhecimentos technicos.

As escolas *nocturnas* para adultos e aprendizes dos dous sexos têm o mesmo programma das escolas elementares. Essas escolas, ou antes, cursos nocturnos, funcionam nos edificios das escolas primarias.

As escolas *normaes* primarias destinam-se a preparar professores de ambos os sexos que reuam à aptidão e conhecimentos precisos, a muita moralidade exigida para o bom e perfeito exercicio do magisterio. Das escolas normaes do sexo feminino sahe o pessoal docente necessario às escolas *materiaes*, primarias *elementares*, primarias e primarias *superiores* do sexo feminino.

Além dessas escolas, existem em Paris cursos de desenho, modelação, canto, especiaes de desenho para meninas, lyceus, etc.

São tambem notaveis os cursos especiaes de ensino commercial para o sexo masculino e para o feminino, os estabelecimentos de ensino profissional para o sexo feminino, e outros.

Varias associações destinadas à propagação do ensino sustentam escolas e cursos. Entre estas sobresahe a Associação Polytechnica, que mantem diversos cursos nocturnos de adultos.

Nos cursos nocturnos estabelecidos nas escolas commerciaes lecciona-se inglez, allemão, hespanhol, tachygraphia (materia esta que tem tido muito desenvolvimento em França nos ultimos tempos), topographia, contabilidade, escripturação mercantil, etc., etc.

Durante as grandes fèrias de Agosto e Setembro ha cursos diurnos especiaes para os filhos dos operarios que os não podem ter em casa por causa dos seus trabalhos.

Em muitos dos cursos, mantidos por associações particulares, de desenho, geometria, etc., que funcçionam à noite, o ensino é commum para ambos os sexos.

O governo nada tem que ver com as escolas em toda a França, apenas sujeitas às leis geraes emanadas do Ministerio da Instrucção Publica e Bellas-Artes. As escolas são mantidas pelas municipalidades, por votação dos meios necessarios, feita em cada anno. O governo só intervem directamente nos cursos superiores e nos lyceus, sem que a municipalidade deixe de intervir. Ha lyceus para os quaes a municipalidade fornece os meios e o governo fornece o predio em que devem funcçionar, e vice-versa.

O governo e a municipalidade dispõem de uma verba especial destinada a custear o ensino de certos individuos que se distinguem nas escolas e que, desejando seguir um curso superior, não têm recursos para isso. E' o que se denomina a *bolsa*. Ha tambem as *meias-bolsas* e até o *quarto de bolsa*, quando o alumno tem alguem que deseja concorrer para a sua carreira litteraria ou scientifica, concorrendo o governo ou a municipalidade com o que falta.

As escolas communaes funcçionam das 8 horas da manhã às 4 da tarde, havendo uma grande pausa do meio-dia à 1 hora e durante a qual os alumnos vão almoçar às suas casas para voltar à escola.

Os livros adoptados nas escolas communaes são os approvados pelo Conselho municipal. E' grande, é mesmo extraordinariamente grande a lista da qual os professores escolhem os que lhes agradam.

A instrucção primaria mereceu mais attenção da municipalidade de Paris depois de 1871 e após o desastre de Sédan. Até alli as verbas destinadas aos meios de reprimir os crimes e com a policia eram muito maiores que as destinadas ao ensino popular. O que se dava em Paris, dava-se em toda a França. A derrota da grande nação teve como consequencia uma séria e

tenaz propaganda em favor do desenvolvimento da instrução pelas camadas populares. As desgraças da França foram attribuidas pelos homens mais eminentes e pelos mais ardentes e sinceros patriotas á falta de cultivo no povo. Era preciso encher o paiz de escolas e dar ao povo uma educação sã e democratica. O advento da republica exigia, na opinião dos estadistas e homens mais notaveis, para a consolidação da nova fôrma de governo, que cada cidadão, além dos conhecimentos da instrução primaria indispensaveis, conhecesse perfeitamente todos os seus deveres e todos os seus direitos. E quem compulsar as leis francezas sobre instrução publica, ultimamente decretadas, reconhecerá que todas obedecem aos principios democraticos. E' sempre o suffragio popular ou a municipalidade, orgão genuino da soberania popular, quem tudo dirige.

Neste assumpto, mais que em qualquer outro, é preciso que o Brazil imite a França. Emquanto forem regateados os meios para a mais ampla diffusão do ensino primario pelas camadas populares, não existirá de facto a republica em nossa patria. Não se pôde comprehender uma republica democratica n'um paiz de analphabetos, como o nosso.

E' urgente e indispensavel que a verba destinada ao ensino popular sobrepuje á destinada ao exercito e á marinha.

O ensino da geographia, que constava apenas de noções geraes, mesmo da geographia da França, passou a ser mais cuidadosa e desenvolvidamente ministrado, com especialidade na parte que se refere á Europa e aos *paizes limitrophes*. Da America, é preciso confessar, pouco cuidam ainda hoje, como tive occasião de verificar.

D'ahi em diante, pois, foi extraordinario o incremento dado á instrução popular. O infortunio que teve o seu epilogo em Shdan como que marcou uma época de renascimento para o ensino publico francez e notavelmente para a instrução primaria.

Em 1883 as verbas destinadas ao ensino publico primario attingiam á importante somma de perto de 24 milhões de francos, quando em 1871 eram de pouco mais de 7 milhões, isto sem contar perto de 1 milhão e meio de francos com o ensino professional e as classes de desenho.

Dessas verbas, 1 milhão e 300 mil francos eram gastos com o pessoal das escolas maternas. O pessoal das escolas primarias custava mais de 8 milhões e 500 mil francos. O ensino do canto absorvia 300 mil francos e o da gymnastica mais de 300 mil. O de desenho orçava em perto de 1 milhão. Para os batalhões escolares foram destinados 300 mil francos e para outras despezas mais de 1.300.000 francos.

De 1871 a 1882 foram gastos, além das quantias já expostas, 60 milhões de francos para a creação de estabelecimentos escolares na aquisição de terrenos ou immoveis e construcções.

Em Paris havia no anno de 1871, entre escolas de ambos os sexos e escolas maternas,— 337 para 90.000 alumnos. Em 1882 havia 462 escolas para 134.000 alumnos. Houve, pois, em 10 annos um accrescimento de 125 escolas perfeitamente montadas e com um grande e bom pessoal.

Em toda a França existiam em 1883 — 62.000 escolas publicas primarias com um pessoal de 93.000 professores, não entrando os praticantes, e isto sem contar os cursos superiores, os lyceus, os cursos nocturnos e os mantidos por associações particulares, etc.

Entretanto, o Sr. Paul Bert propunha á camara dos deputados de então a creação de mais 4.500 escolas, além da creação de uma escola primaria superior em cada cantão.

Em 1887 o numero total das escolas primarias em França era de 81.130, das quaes 67.517 eram publicas e 13.613 particulares. O numero de predios proprios das communas era de 47.823 e o de casas emprestadas e alugadas era de 13.452.

Não entram no numero de 81.130 escolas — as *escolas maternas*. Estas eram em 1886 em numero de 6.090, sendo

3.597 publicas e 2.493 particulares. Se incluirmos, pois, ao numero de 81.130 escolas primarias, o de 6.090 maternas e 1.825 escolas de aldeia, teremos um total de 89.045 escolas primarias em toda a França.

O pessoal de directoras e sub-directoras das escolas maternas em 1887 era de 9.219, sendo 6.000 o numero dessas professoras empregadas nas escolas maternas publicas e 3.219 nas escolas maternas particulares.

Nas outras escolas primarias o pessoal era, nessa época, de 138.655, sendo 98.770 nas escolas publicas e 39.885 nas particulares. O pessoal, portanto, do governo entre escolas primarias e maternas, era de 104.770 professores.

Se a isso ajuntarmos o pessoal de um e outro sexo das escolas primarias superiores, que era de 3.338 professores, temos: $104.770 + 3.338 = 108.108$ professores; e se a esse numero ajuntarmos os das 1.825 escolas denominadas de *aldeia*, que deviam ter pelo menos 1 professor, teremos um total de quasi 110.000 professores, sem contar os professores especiaes e mestres auxiliares, tanto das escolas do sexo masculino como do feminino. Um verdadeiro exercito!

Em 1888, nas escolas normaes primarias o numero de alumnos-mestres que as frequentavam, elevava-se a 8.987, dos quaes — 5.443 pertenciam ao sexo masculino e 3.544 ao feminino.

Nota-se que em França, ao contrario do que se dá no Brazil, as escolas normaes são mais frequentadas, pelos rapazes que pelas raparigas. E' que entre nós as mulheres só podem ser professoras ou parteiras. São muito poucas as outras profissões que lhes são franqueadas. Para os homens, porém, são francas todas as carreiras que exigem menos sacrificios e dão melhores resultados. O remedio para este mal está, parece-me, em cercar de muitas vantagens e garantias o sacerdocio do ensino, tornando-o attrahente, mesmo porque não havemos de ser educados e preparados só por mulheres, sob pena de deixarmos ao

futuro uma geração de individuos effeminados e sem as grandes qualidades e aptidões de um espirito verdadeiramente varonil. Precisamos preparar cidadãos na verdadeira accepção desta palavra.

A cidade de Paris possui actualmente, pelas informações que obtive, perto de 200 escolas communaes, ou por outra, 200 predios escolares, pois em quasi todos esses predios funcçionam separadamente duas, tres e mais escolas. Ha escolas communaes em que funcçionam:— de um lado a escola publica primaria do sexo masculino; do outro a do feminino; ao fundo, a escola maternal; em algumas, escolas de *menagère*; e em todas ou quasi todas, cursos nocturnos, de ambos os sexos, separadamente.

E' de crer que esses dados estatisticos não falem absolutamente a verdade, pois o que acima apresento em relação a toda a França são dados obtidos até 1886 ou 1887, e o povo francez não é estacionario. Nestes ultimos cinco annos, o ensino tem naturalmente se desenvolvido ainda mais, e é provavel que sejam maiores, tanto o numero de escolas como o de professores.

Em todo o caso, pelo que ahi fica exposto, se pôde avaliar o progresso da instrucção popular da França nos ultimos tempos.

Em Paris as escolas communaes funcçionam, como já disse, em grandes predios, antes verdadeiros palacios, que contêm um numero extraordinario de creanças, divididas pelos varios cursos que funcçionam no predio ao mesmo tempo.

Em uma escola communal ha dous ou tres directores, correspondendo cada um a um dos cursos que nella funcçionam.

Assim, por exemplo e para não citar outras, na escola da rua Tanger, é dirigida a escola do sexo masculino por um professor, a do sexo feminino por uma professora, esposa do primeiro. Esta senhora dirige tambem a escola de *menagère*, que aliás, tem uma professora especial dessa materia. Aos fundos desse edificio ha a escola maternal, dirigida por uma professora.

Em geral, os edificios têm entradas independentes para cada um dos sexos, sendo mantida sempre a mais severa vigilancia. Entre nós já houve quem quizesse entregar a senhoras *escolas mixtas*, havendo de um e outro sexo alumnos crescidos ! Tambem já houve, mas os resultados não se fizeram esperar, quem entregasse a senhoras, e algumas até bem jovens, escolas onde se matriculavam rapazes de 15 annos ! Felizmente, creio que isso está hoje abolido e oxalá que tão pernicioso costume, que encontrou adeptos, pois ha gostos e caprichos auctoritarios bem extravagantes, não volte de novamente.

Os directores das escolas de Paris não têm a seu cargo classe alguma : elles incumbem-se da escripturação escolar, que ainda é maior e mais complicada do que a nossa ; inspecionam as classes, animando, aconselhando, admoestando, premiando ou punindo ; recebem e conduzem os visitantes, prodigalizando-lhes as informações pedidas ; entendem-se com os paes e tutores dos alumnos ; com as auctoridades superiores de ensino ou de hygiene, e isto de hygiene das escolas da Europa é uma cousa real ; visam e assignam os boletins diarios, semanaes, mensaes, trimensaes, semestraes e annuaes das classes ; etc., etc. São, emfim, verdadeiramente directores e não poderiam, ainda que o quizessem, dirigir uma classe, onerados de encargos, como se acham.

Todas as escolas que visitei têm magnificas salas de desenho com todo o necessario, desde as mesas e carteiras especiaes exigidas para um tal ensino até a boa collecção de modelos e os lampeões de gaz tambem collocados como é mister. Em todas, ha tambem officinas de trabalhos manuaes, sendo que em umas o ensino é mais desenvolvido do que em outras, magnificos pateos de gymnastica, apparatus dessa disciplina, emfim, tudo quanto exige a moderna pedagogia.

Em algumas escolas um observador attento não encontrará talvez bastante asseio, o asseio que eu encontrei, por exemplo, nas escolas de Portugal e da Belgica. Para isso concorrem,

acredito, o extraordinario numero de alumnos que as frequentam, o facto de serem as entradas, vestibulos e mesmo algumas salas do pavimento terreo não assoalhadas, mas cimentadas ou asphaltadas, e serem os muros e paredes construidos com pedra escura, a pedra propria do paiz, sem um revestimento de cal ou barro, o que tudo dá ás escolas um aspecto sombrio. E' de notar, porém, que muitas vezes se reconhece que ha um pouco de indolencia na limpeza dos predios, das classes, dos jardins e mais dependencias, talvez porque não é bastante energica, neste ponto, a fiscalisação dos directores.

Não raro se vê uma nódoa de tinta no soalho ou na carteira, que, por sua vez, está propositalmente arranhada, suja, riscada ou roida em varios pontos. Isso, porém, diga-se a verdade, não é geral em todas as escolas. O que é certo, é que nellas se trabalha muito, como tive occasião de verificar e que lhes não faltam os elementos precisos para que esse trabalho seja productivo.

Esta questão do asseio nas escolas é uma questão importante. As nossas escolas são em geral limpas, muito limpas mesmo e muito asseidadas, si as compararmos com algumas das escolas francezas e si attendermos a que grande numero dellas funciona em predios velhos, esburacados, sem as condições exigidas, mal pintados e mal forrados.

Uma escola pouco limpa e de paredes núas, sem quadros, sem mappas, sem objectos de ensino, sem paineis, onde a creança repouse a vista e que lhe provoque a curiosidade, obrigando-a a indagar, para saber, o que isto ou aquillo representa, é uma cousa tristissima, insipida, monótona, enervadora até das faculdades da creança.

Isto mesmo já eu tive occasião de dizer na conferencia pedagogica que fiz em Março de 1886 e para a qual ousei chamar a attenção da administração actual, pois tive ensejo de ver em pratica na Europa muitas das idéas nella apresentadas, sobre o ponto — *Influencia que é chamada a escola a exercer sobre*

a educação dos alumnos, — e que faz parte do volume — *Trabalhos da 9ª conferencia pedagogica.*

Ahi dizia eu: « Excepção feita da mobilia indispensavel, como sejam bancos e carteiras, algumas mesas, um ou dous armarios e umas poucas cadeiras, não temos nenhum desses mil objectos de ensino que tornam attrahente a escola e que são o enlevo dos alumnos. Para o ensino da geographia, por exemplo, possuímos um mappa que não se presta ás licções dessa disciplina. Não temos nem sequer um outro completo dos accidentes do globo terraqueo. Para o *ensino de cousas* não temos nada, á excepção das oito gravuras offerecidas pelo Sr. Dr. Menezes Vieira, as quaes tivemos (o prelector) o trabalho de colorir. Para a historia patria nada tambem. Para a gymnastica, tambem nada. Para o desenho, ainda nada. Onde os quadros de historia natural? Confessemos, as nossas escolas estão vazias, nûas, tristes, mas sómente cheias de muito trabalho, que, por falta de elementos e com um horario impossivel, deve necessariamente ser improductivo, por maiores que sejam o esforço e gosto do professor, esforço e gosto que por sua vez devem diminuir, por se verem desconhecidos e por se regatear ao professor toda a animação a que elle tem direito. Entretanto, estão reconhecidas pelos modernos pedagogistas as vantagens do ensino intuitivo, que não é outra cousa mais do que o ensino pelo aspectó. »

A construcção de predios para as escolas, com todas as regras de hygiene e com todas as accomodações precisas, quer para o ensino, quer para o director ou professor, o bom mobiliamento e os meios de conservar esses predios no maior asseio possivel, são necessidades inadiaveis e urgentissimas.

As escolas de toda a França, bem como todos os edificios do Estado, reconhece-as logo de longe qualquer estrangeiro, por terem sempre, além do lettreiro, quer em dias de trabalho, quer em dias festivos, o pavilhão nacional.

Nas noites dos dias de gala são os edificios bem illuminados, ostentando na sua fachada as letras — R. F. — (Republica Franceza) de illuminação a gaz.

E' realmente admiravel pela disposição das aulas em edificios apropriados o movimento que se nota nas escolas de qualquer paiz europeu, percorrendo as salas, os *ateliers*, os *gymnasios*, conduzido o visitante de aula em aula e apresentado a cada professor, que se empenha por demonstrar o adiantamento dos seus discipulos nas materias que estão a seu cargo, mostrando os cadernos de deveres escolares, os desenhos, os trabalhos manuaes feitos ou ainda em mãos do pequeno operario, arguindo os seus alumnos, etc.

Lamento sincera e profundamente ter sido coagido a voltar tão depressa da Europa, pois o ardor e boa vontade com que me dedicara ao trabalho (e essas cousas do ensino eu tomo sempre a sério), proporcionar-me-hiam occasião de trazer grande cópia de dados que confirmassem estas minhas asserções. Infelizmente em meu paiz os assumptos mais graves e que mais importam á grandeza da patria são tratados com a mesma solicitude que se liga ás ninharias. Talvez em futuro não muito remoto outro seja mais feliz do que eu, no que terei grande satisfação e sincero contentamento.

A média do numero de professores para cada escola de Paris em 1888 era de oito professores, segundo os dados estatisticos.

HYGIENE ESCOLAR

E' exercida a maior vigilancia na capital franceza no que concerne á hygiene das escolas e para isso ha uma inspecção medica. Os medicos disso incumbidos são nomeados pelo Prefeito e recebem vencimentos. Cada um desses medicos tem a seu cargo a inspecção de duas, tres ou mais escolas, conforme o numero de alumnos que as frequentam. Em geral nunca são em

numero superior a tres as escolas que pertencem a cada circumscripção medica.

Essas visitas são feitas quinzenalmente, pelo menos, e o medico remette um relatorio da sua inspecção, apontando as necessidades urgentes ás quaes se trata de prover immediatamente. Tudo quanto concerne á desinfectão, saneamento, conselhos, afim de que sejam observadas as prescripções ordenadas pela hygiene, indicação dos remedios precisos a remover qualquer causa de insalubridade ou que obste á propagação de epidemias e a que não frequente a escola qualquer creança que tenha molestia contagiosa, etc., é obrigação do medico contractado.

Além dessas obrigações, o medico deve, sempre que puder, proceder a um exame sanitario minucioso em todos os alumnos, arredando da escola os que não convem que nella fiquem, receitando e exigindo a medicação dos que entende della precisarem, e no caso de qualquer epidemia ou de accidentes, vai á escola tantas vezes quantas forem requisitados os seus prestimos professionaes.

Aqui, entre nós, já um ministro pretendeu fazer alguma cousa nesse sentido. Para tal, obrigou os medicos da Junta de Hygiene a andarem pelas escolas medindo as salas e converteu-os mais em censores dos professores do que em inspectores de hygiene escolar. Converteu-os em empregados da Estatistica, dando-lhes entre as obrigações a de contar o numero de alumnos que encontravam em cada escola nas visitas medicas, e obrigou até os professores a assignarem um boletim do medico para assim saber si o professor era encontrado na aula! O resultado de taes visitas foi nullo, como era de esperar, e os proprios medicos lá iam ás escolas mais por satisfazer ao capricho ministerial, afim de não perder o emprego, que por outra cousa.

Entretanto, nas escolas francezas ha até — *caixas medicas* —, isto é, caixas com medicamentos, ataduras, pontos falsos, etc., para o caso de qualquer accidente: — uma quêda no

recreio, uma luxação, um desses accidentes a que estão expostas especialmente as creanças travessas. Entre nós, uma queda de uma creança, uma cabeça quebrada, etc., daria logò occasião a uns artigos nos jornaes, reclamando contra o pouco zelo do professor, a uns tantos officios das auctoridades, para que o professor respondesse immediatamente sobre o caso e sem duvida a alguma censura, se a resposta não fosse julgada como bastante satisfactoria. O caso seria explorado em todas as suas minudencias. Em França esses factos são considerados como accidentes que ninguem deseja e muito menos o professor ou director e de que ninguem tem culpa. O curativo está á mão e trata-se da victima, sem alardes, sem artigos e sem officios. Se o caso é mais grave, dão-se as providencias que elle reclama, todos o lamentam, mas cada um volta á sua faina, ao seu trabalho quotidiano.

E' possivel que de hoje em diante não sejam assim as cousas desse genero em meu paiz; até aqui, porém, affirmo que o eram.

Em Paris ha mesmo em algumas escolas pequenos *cursos de enfermeiro*. Ha uma turma de alumnos adiantados, quer de um sexo, quer de outro, que recebem licções sobre isso, habilitando-se a, na propria familia, no caso de um accidente, de uma queda, de uma hemorrhagia, não perder tempo em lamurias e lamentações descabidas e inconvenientes, mas com o sangue frio de quem sabe a que ha de recorrer, tratar immediatamente do doente ou da victima, dando-lhe os primeiros e mais promptos soccorros.

AS CANTINAS ESCOLARES

Em todas as escolas maternas e elementares de Paris existem, organizadas pela municipalidade, *cantinas escolares*, destinadas a aquecer as comidas levadas para a escola pelas creanças, ou mesmo para o preparo de outras que são fornecidas

gratuitamente aos alumnos pobres e mediante uma pequena retribuição aos que podem pagar.

Cada uma dessas rações, que consistem em caldo ou sopa, carne, legumes, etc., é geralmente de 10 centimos, ou sejam 40 réis da nossa moeda. Os porteiros das escolas ou um servente é que são encarregados do preparo ou aquecimento dessas comidas, e não podem receber das creanças quantia alguma por esse serviço. Também nada pagam as creanças que levam seus alimentos, pelo serviço de aquecel-os.

Os pagamentos são feitos por meio de bilhetes comprados pelos paes ou tutores dos alumnos. Verificado que ha alumnos cujos paes não compraram esses bilhetes por absoluta e provada falta de meios pecuniarios, são fornecidos gratuitamente bilhetes a esses alumnos. Isto faz-se para cortar abusos, pois só por excepção se admitte neste caso a gratuidade completa.

CAIXAS ESCOLARES

As Caixas escolares, estabelecidas nas escolas primarias, são destinadas ao custeio de recompensas para os alumnos pobres, que são desta fôrma animados à frequental-as.

Estas caixas existem em todas as communas e as suas receitas provêm de donativos, legados, subscripções, cotisações voluntarias e subsidios da propria communa, do departamento ou do Estado. A cidade de Paris conta grande numero dessas caixas escolares.

LEGISLAÇÃO

A lei de 16 de Junho de 1881 estabelece a gratuidade absoluta do ensino primario nas escolas publicas e salas de asylo, declarando tambem supprimido o preço da pensão nas escolas normaes. A mesma lei trata dos impostos a cobrar para a sustentação do ensino primario.

A lei de 28 de Março de 1882 torna o ensino primario obrigatorio. Por esta ultima, o ensino primario comprehende: — instrucção moral e civica, leitura, escripta, lingua e elementos de litteratura franceza, geographia e com especialidade a da França, historia e com especialidade a da França até os nossos dias, algumas noções usuaves de direito e economia politica, elementos de sciencias naturaes, physicas e mathematicas com suas applicações á agricultura, á hygiene e ás artes industriaes, trabalhos manuaes e uso das ferramentas dos principaes officios, elementos de desenho, de modelação e de musica, e gymnastica. Para os meninos ha exercicios militares e para as meninas trabalhos de agulha.

Pelo art. 2º ha um dia feriado nas escolas publicas, além do domingo, afim de facilitar aos paes, que o desejem, o acompanharem seus filhos á instrucção religiosa, fóra dos edificios escolares. Por este mesmo artigo a lei torna facultativo o ensino religioso nas escolas particulares.

Pelo art. 3º são derogadas as disposições dos arts. 18 e 44 da lei de 15 de Março de 1850 que permitem aos ministros dos cultos o direito de inspecção, de vigilancia e direcção, tanto nos asylos e escolas publicas como nos asylos e escolas particulares; assim como é derogado o § 2º do art. 31 da mesma lei, que dá aos consistorios o direito de apresentação aos professores pertencentes aos cultos não catholicos.

O art. 4º declara a — *instrucção primaria obrigatoria* — para todas as creanças dos dous sexos, dos 6 aos 13 annos de idade. A instrucção primaria póde ser dada nas escolas publicas ou particulares e nas familias pelo proprio pae ou pessoa que elle escolher. Um regulamento determinará os meios de ministrar-se a instrucção primaria ás creanças cegas e aos surdos-mudos.

O art. 5º institue uma — *commissão municipal escolar* — em cada communa para auxiliar e animar a frequencia das escolas. Essa commissão se comporá do *maire*, que será o pre-

sidente, de um dos delegados do cantão, e nas communas que comprehenderem muitos cantões, de tantos delegados quantos forem os cantões, designados pelo inspector da Academia, de membros designados pelo Conselho Municipal, em numero igual, no maximo, ao terço dos membros desse conselho. O mandato dos membros da commissão escolar, designados pelo Conselho Municipal, durará até a eleição de um novo Conselho Municipal. O inspector primario faz parte, por direito, de todas as commissões escolares instituidas na sua circumscripção.

O art. 6º institue um — *certificado de estudos primarios*, — que será entregue depois de um exame publico ao qual poderão concorrer todas as creanças, desde a idade de 11 annos. Aquelles que, a partir desta idade, tiverem obtido o certificado de estudos primarios, serão dispensados do tempo de escola que ainda lhes faltar.

Pelo art. 7º, o pae, tutor ou a pessoa a cujo cargo estiver a creança, deverá quinze dias, pelo menos, antes da época da entrada para as escolas, declarar se prefere dar instrucção á creança na familia, ou em uma escola publica ou particular; neste ultimo caso, indicará qual foi a escola escolhida.

As familias domiciliadas nas proximidades de varias escolas publicas têm a faculdade de fazer inscrever seus filhos em qualquer dessas escolas, quer esteja ou não no territorio de sua communa, salvo se essa escola já tiver inscripto o numero maximo de alumnos auctorizado pelos regulamentos. Em caso de contestação e por proposta do *maire* ou dos paes, o Conselho departamental deliberará em ultimo recurso.

Todos os annos o *maire* envia, de accordo com a Commissão municipal escolar, a lista de todas as creanças de 6 a 13 annos de idade, e avisa ás pessoas que estão encarregadas dessas creanças, da época da entrada para as escolas. No caso de não haver declaração, quinze dias antes da época da entrada, da parte dos paes ou responsaveis, elle inscreve a creança n'uma das escolas publicas, communicando á pessoa responsavel.

Oito dias antes da abertura das escolas publicas ou particulares, envia aos directores das mesmas a lista das creanças que devem frequentar as suas escolas. Uma cópia dessas listas é por elle enviada ao inspector primario.

Quando uma creança abandonar a escola, os paes ou responsaveis devem avisar immediatamente o *maire*, indicando de que maneira a creança receberá a instrucção d'ahi por diante.

Quando a creança faltar algum tempo á escola, os paes ou responsaveis devem participar ao director ou directora da escola os motivos de sua ausencia. Os directores e directoras terão um *registro diario* que prove para cada classe a ausencia dos alumnos inscriptos. No fim de cada mez enviarão ao *maire* e ao inspector primario um extracto desse registro, com a indicação do numero de ausencias de cada alumno e das razões que as motivaram. Os motivos de ausencia serão apresentados á commissão escolar. Os unicos motivos reputados legitimos são: — doença da creança, morte de uma pessoa da familia, impedimento resultante da difficuldade accidental das communicações. As outras circumstancias, excepcionalmente apresentadas, serão igualmente apreciadas pela commissão.

Todo o director de escola particular que se não conformar com as prescripções precedentes, será no relatorio da Commissão escolar e da instrucção primaria denunciado ao Conselho departamental. O Conselho departamental poderá pronunciar as penas seguintes: — 1º, aviso; 2º, censura; 3º, suspensão por 1 mez ou mais; em caso de reincidencia no anno escolar, a suspensão pôde prolongar-se por 3 mezes.

Se uma creança faltar á escola quatro vezes no mez ás aulas da manhã ou da tarde, sem justificação admittida pela Commissão municipal escolar, o pae, tutor ou responsavel será convidado, com tres dias, pelo menos, de antecipação, a comparecer na sala dos actos da *mairie*, perante a dita commissão que lhe lembrará o texto da lei e lhe explicará o seu

dever. No caso de não comparecimento sem justificação plausível, a comissão pronunciará a pena enunciada no artigo 13, que estabelece que em caso de reincidência nos 12 mezes que se seguirem á primeira infracção, a Comissão municipal escolar inscreverá, durante 15 dias ou um mez, á porta da *mairie*, os nomes, appellidos e qualidades da pessoa responsável, com indicação do facto impugnado. A mesma pena será applicada ás pessoas que se não tiverem submittido ás prescripções do art. 9º, que trata do abandono da escola pela creança.

No caso de uma nova reincidencia, a Comissão escolar, ou, na sua falta, o inspector primario, deverá dirigir uma queixa ao juiz de paz. A infracção será considerada como contravenção, e poderá trazer condemnações de penas de policia, conforme aos arts. 479, 488 e seguintes do Codigo Penal. E' applicavel tambem o art. 463 do mesmo Codigo.

A Comissão escolar poderá conceder ás creanças que habitam em casa de seus paes ou tutores, quando estes o pedirem e justificarem, dispensas da frequencia escolar, não podendo exceder de tres mezes por anno, além das férias. Estas dispensas deverão, se excederem 15 dias, ser submittidas á approvação do inspector primario.

Estas disposições não são applicaveis ás creanças que seguirem seus paes ou tutores quando estes se ausentarem temporariamente da communa.

Neste caso bastará um aviso verbal ou por escripto ao *maire* ou ao professor. A comissão pôde tambem, com approvação do Conselho departamental, dispensar as creanças empregadas na industria e que tenham a idade de aprendizagem, de uma das duas classes do dia; igual faculdade será concedida a todas as creanças empregadas, fóra de sua familia, na agricultura.

As creanças que recebem a instrucção na familia devem cada anno, a partir do fim do 2º anno de instrucção obri-

gatoria, passar por um exame sobre as materias de ensino correspondentes á sua idade nas escolas publicas, segundo os programmas, que serão determinados por decreto.

O jury de exame será composto de : — um inspector primario ou seu delegado, na qualidade de presidente ; um delegado cantonal, ou uma pessoa munida de um diploma universitario ou de um titulo de capacidade. Os jurys serão escolhidos pelo inspector da Academia. Para os exames das meninas, um dos vogaes deverá ser uma senhora, competente-mente habilitada.

Se o exame fôr julgado insufficiente e não fôr admittida pelo jury nenhuma excusa, os paes serão obrigados a mandar seus filhos a uma escola publica ou particular, durante o prazo de oito dias depois do aviso, e de participar ao *maire* a escola que escolheram.

No caso de não haver declaração, a inscripção far-se-ha n'uma escola, como preceitúa o art. 8º da lei.

Será estabelecida em todas as communes a — *Caixa das escolas*,— instituida pelo art. 15 da lei de 10 de Abril de 1867. A divisão dos soccorros ficará aos cuidados da commissão escolar.

Decretos promulgados a pedido dos inspectores da Academia e dos Conselhos departamentaes determinarão cada anno as communes onde, por falta de locaes escolares, não poderão ser applicadas as prescripções dos arts. 4º e seguintes sobre a obrigatoriedade do ensino.

Um relatorio annual, dirigido ás Camaras pelo ministro da Instrucção Publica, dará a lista das communes ás quaes tiver sido applicado o precedente artigo.

Tanto a presente lei sobre a obrigatoriedade do ensino como a de 16 de Junho de 1881, estabelecendo a *gratuidade absoluta* da instrucção primaria, promulgadas sob a presidencia de Jules Grevy, estão assignadas por Jules Ferry, ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes.

Eis, resumidamente, a lei de 30 de Outubro de 1886, assignada tambem sob a presidencia de Jules Grevy, pelo Sr. Goblet, ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes.

O capitulo 1º, que trata dos estabelecimentos de ensino primario, estatue o seguinte :

O ensino primario é dado :

I. Nas escolas maternas e classes infantis ;

II. Nas escolas primarias elementares ;

III. Nas escolas primarias superiores e nas classes de ensino primario superior annexas ás escolas elementares e denominadas *cursos complementares* ;

IV. Nas escolas manuaes de aprendizagem, taes como as define a lei de 11 de Dezembro de 1880.

Os estabelecimentos de ensino primario de toda a especie podem ser publicos, isto é, fundados e mantidos pelo Estado, pelos departamentos ou pelas communas, e particulares, isto é, fundados e mantidos por particulares ou associações.

Regulamentos especiaes, votados em Conselho superior de instrucção publica, determinarão as regras segundo as quaes serão divididas, entre as diversas especies de escolas enumeradas no artigo 1º, as materias de ensino primario, como as fixou a lei de 28 de Março de 1882, assim como as condições de admissão e sahida dos alumnos em cada uma dessas escolas.

Ninguem poderá ser director ou adjuncto encarregado de classe em uma escola publica primaria ou particular se não fôr francez e se não tiver as condições de capacidade fixadas pela lei de 16 de Junho de 1881 e as condições de idade estabelecidas pela presente lei.

Entretanto os estrangeiros possuindo as duas ordens de condições precitadas e admittidos ao gozo dos direitos civis em França, podem ensinar nas escolas particulares, mediante auctorização dada pelo ministro e precedendo aviso do Conselho departamental.

Os estrangeiros munidos sómente de titulos de capacidade estrangeira deverão obter préviamente a declaração de equivalencia desses titulos com os diplomas francezes.

Um regulamento votado em Conselho superior de instrucção publica determinará as condições em que esta equivalencia póde ter logar.

No caso particular de escolas exclusivamente destinadas a creanças estrangeiras residentes em França, dispensas de diplomas de capacidade poderão ser dadas pelo ministro, mediante aviso do Conselho superior, aos estrangeiros que estiverem no gozo dos direitos civis em França, e que pedirem para dirigil-as ou para nellas ensinar.

São considerados pela lei incapazes de dirigir uma escola publica ou particular ou de ser nellas empregados aquelles que soffreram uma condemnação judiciaria por crime ou delicto contrario á probidade e aos costumes ; bem assim aquelles que estão privados, por julgamento, de todos ou parte dos direitos mencionados no art. 42 do Codigo Penal, e aquelles que estão sob interdicção absoluta, em virtude dos arts. 32 e 41 da presente lei.

O ensino é dado por professores nas escolas de meninos, por professoras nas de meninas, nas maternas, nas escolas ou classes infantis e nas escolas mixtas.

Nas escolas de meninos, as mulheres podem ser admittidas a ensinar, a titulo de adjunctas, — *com a condição de ser esposa, irmã ou parenta em linha directa do director da escola.*

Entretanto o Conselho departamental póde, *provisoriamente*, e por uma decisão — *sempre revogavel* : — 1º, permittir a um professor dirigir uma escola mixta, sob condição de ter por adjuncta uma professora de trabalhos de costura ; 2º, auctorizar derogações ás restricções do 2º § do artigo que disso trata.

Ninguém póde ensinar em uma escola primaria de qualquer grau sem que tenha, pelo menos, 18 annos de idade para os professores e 17 para as professoras.

Ninguém pôde dirigir uma escola sem ter 21 annos de idade.

Ninguém pôde dirigir uma escola primaria superior ou uma escola que receba internos sem ter 25 annos de idade completos.

Podem ser creadas classes primarias e para aprendizes tendo satisfeito ás obrigações das leis de 19 de Maio de 1874 e 28 de Março de 1882.

Não podem ser recebidos nessas classes alumnos dos dois sexos.

Um regulamento determinará as condições de estabelecimento destas classes e as condições pelas quaes estes cursos publicos e gratuitos de adultos ou de aprendizes poderão receber uma subvenção do Estado.

A abertura de um curso particular para adultos e aprendizes está submettida ás mesmas condições exigidas para a abertura de uma escola particular, salvo dispensa de todas ou parte destas condições pelo Conselho departamental.

Pelo capitulo 2º, a inspecção dos estabelecimentos de instrucção primaria publicos ou particulares é exercida:— pelos inspectores geraes de instrucção publica; pelos reitores e inspectores geraes da Academia; pelos inspectores de ensino primario; pelos membros do Conselho departamental, designados para esse fim, conforme o art. 50; pelo *maire* e delegados cantonaes; pelos medicos-inspectores communaes ou departamentaes, e, nas escolas maternas, concurrentemente com as auctoridades precitadas, pelas inspectoras geraes e pelas inspectoras departamentaes de escolas maternas.

Entretanto, as escolas particulares não poderão ser inspecionadas pelos professores e professoras publicas que fazem parte do Conselho departamental.

A inspecção das escolas particulares é feita sómente quanto á moralidade, hygiene, salubridade e execução das obrigações impostas a estas escolas pela lei de 28 de março de 1882.

Ella não será feita, quanto ao ensino, senão para verificar se este não é contrario á moral, á Constituição e ás leis.

Todas as classes de meninas, nos internatos, como nos externatos primarios publicos e particulares, mantidos quer por professores leigos, quer por associações religiosas, claustraes ou não claustraes, são submettidas, quanto á inspecção e vigilancia do ensino, ás auctoridades instituidas pela lei. Nos internatos de meninas, da mesma especie, a inspecção dos locaes pertencentes ás pensionistas e do regimen interior do pensionato, está confiada a senhoras delegadas pelo ministro.

Ninguem poderá ser nomeado inspector primario se não possuir certificado de aptidão, para esse fim obtido nas condições determinadas pelos regulamentos adoptados pelo Conselho superior.

No Brazil não é assim. No proprio Portugal o logar de *visitador* das escolas, que corresponde aos nossos inspectores districtaes, como já fiz ver, é de *comissão* e exercido por um *professor primario* que se tenha distinguido no ensino, e as suas obrigações constam de um regulamento especial. Isto na cidade do Porto que, nesse ponto, pratica o mesmo que se pratica em Lisboa, pois a lei de 2 de Maio de 1882 determina no capitulo 8º que crêa no art. 52 um inspector nomeado e retribuido pelo governo para cada circumscripção escolar, que a — *nomeação para os logares de inspector só pôde recahir em individuos que tenham habilitações de professor e que hajam servido pelo menos durante cinco annos n'uma escola publica primaria.*

Na França, na Belgica e em todos os outros paizes pratica-se da mesma fórma. No Brazil pratica-se o contrario. Para ser professor exige-se um concurso ou o diploma da Escola Normal, conquistado após muitos annos de estudos, o que nos honra e eleva bastante, mas para ser inspector districtal, isto é, chefe dos professores n'uma circumscripção escolar, não é preciso nada, nem habilitações, nem aptidões profissionaes, nem pratica

de ensino. Todos servem, qualquer que seja a sua profissão, sendo sufficiente apenas ter bons empenhos. Parece-me ser isto injustificavel.

Decretos determinarão o numero e extensão das circumscripções de instrucção primaria em cada departamento, assim como as attribuições, classificação, gastos de viagem, etc., dos inspectores primarios.

Pelo Cap. 1º do Tit. 2º, que trata do estabelecimento das escolas publicas, a lei exige que toda a communa tenha, pelo menos, uma escola publica primaria. O Conselho departamental, com auctorisação do ministro, pôde auctorizar uma communa a reunir-se a outra ou outras vizinhas para o estabelecimento e custeio de uma escola. Uma ou varias aldeias que dependam de uma communa podem ter por escola a de uma communa vizinha. Esta medida só é tomada por deliberação dos Conselhos municipaes das communas interessadas. Em caso de divergencia, isso pôde cessar por decisão do Conselho departamental.

Logo que a communa ou reunião de communas conte 500 habitantes ou mais, terá, ao menos, uma escola especial para as meninas, salvo se o Conselho departamental preferir uma escola mixta.

O Conselho departamental de instrucção publica, precedendo aviso dos Conselhos municipaes, determina, com approvação do ministro, o numero, a natureza e a séde das escolas publicas primarias de todos os graus que se tiverem de estabelecer em cada communa, assim como o numero de mestres de cada uma.

O Conselho departamental pôde, precedendo aviso do Conselho municipal, auctorisar um professor ou professora a receber alumnos internos em numero e condições determinadas.

Pelo art. 14 o estabelecimento de escolas primarias elementares publicas creadas pelos arts. 11, 12 e 13 da presente lei, é uma despeza obrigatoria para as communas.

São igualmente despesas obrigatorias em toda a escola : o alojamento de cada um dos membros do pessoal docente das escolas, o aluguel e limpeza da casa da escola e suas dependencias, a aquisição e conservação dos moveis e utensis escolares, iluminação e aquecimento das aulas e remuneração do pessoal de serviço, se houver.

São consideradas escolas publicas primarias, tornando-se despesa obrigatoria para a communa, sob condição de que sejam creadas de accordo com as prescripções desta lei :

1.º— As escolas publicas do sexo feminino já estabelecidas nas communas de mais de 400 almas ;

2.º— As escolas maternas publicas que existirem ou forem estabelecidas nas communas de mais de 2.000 almas e que tenham pelo menos 1.200 almas de população agglomerada ;

3.º— As classes infantis publicas comprehendendo creanças dos dois sexos e confiadas a professoras.

Em todas as escolas publicas o ensino é exclusivamente confiado a um pessoal leigo.

Os professores e professoras são divididos em *praticantes* e *titulares*.

Ninguem póde ser professor *titular* se não tiver uma pratica de dois annos, pelo menos, em uma escola publica ou particular ; se não tiver o certificado de aptidão pedagogica, e se não estiver inscripto na lista de admissibilidade ás funcções de professor, organizada pelo Conselho departamental, de accordo com o art. 27.

O tempo gasto na Escola Normal é contado como de praticante para os alumnos-mestres desde 18 annos e para as alumnas-mestras desde 17 annos de idade.

Os titulares encarregados da direcção de uma escola contendo mais de duas classes tomam o nome de *director* ou *directora* de escola primaria elementar.

Os professores e professoras são auxiliados, nas escolas de muitas classes, por adjunctos em numero determinado pelo.

Conselho departamental. Esses adjunctos podem ser *praticantes* ou *titulares*. Os professores-adjunctos nas escolas primarias superiores devem ter 21 annos e possuir o diploma superior. Tomam o titulo de professor, se possuem o certificado de aptidão ao professorado, dado pelas Escolas Normaes.

São interdictas aos professores publicos de toda a ordem as profissões commerciaes, industriaes, administrativas e empregos religiosos. Os professores communaes podem ser secretarios da *mairie*, com auctorização do Conselho departamental.

Pelo art. 26 do cap. 3º os *praticantes* são passíveis das mesmas penas disciplinares applicaveis aos *titulares*.

As penas disciplinares applicaveis ao pessoal do ensino primario, são : — a admoestação, a reprehensão, a demissão, a interdicção por espaço de tempo nunca maior de cinco annos, a interdicção absoluta.

A admoestação é pronunciada pelo inspector da Academia.

A reprehensão é pronunciada pelo mesmo, precedendo aviso motivado do Conselho departamental. Essa reprehensão pôde ser pronunciada com inserção no *Boletim dos actos administrativos*.

A demissão é dada pelo Prefeito, sob proposta do inspector da Academia, precedendo aviso motivado do Conselho departamental.

No caso de demissão, o funcionario tem o direito de comparecer ante o Conselho e obter previamente comunicação das peças do processo. O funcionario demittido pôde appellar da sentença do prefeito para o ministro, a partir da recepção da sentença, no prazo de 20 dias.

A appellação não tem effeito suspensivo da sentença.

Os directores e directoras das escolas primarias superiores e manuaes de aprendizagem, assim como os professores titulares, são removidos ou demittidos pelo Ministro nas fórmas determinadas pela lei.

A interdicção temporaria e a absoluta são pronunciadas por julgamento do Conselho departamental. O funcionario culpado será citado para comparecer pessoalmente. Poderá fazer-se acompanhar por um defensor e tomar conhecimento do processo. O funcionario interdicto pôde appellar para o Conselho superior da instrucção publica. A appellação não tem effeito suspensivo. Um decreto determinará as regras de proceder no julgamento e appellação.

Nos casos graves e urgentes, o inspector da Academia, se assim o exigirem os interesses da escola, tem o direito de pronunciar a suspensão provisoria de um professor, dando conta do facto immediatamente na proxima sessão do Conselho departamental. Esta suspensão não acarreta a privação de vencimentos.

Pelo art. 34, os funcionarios do ensino primario publico têm direito a recompensas consistentes em — *menções honrosas, medalhas de bronze e medalhas de prata*.

Um decreto determinará as condições em que podem ser dadas essas recompensas.

Os professores jubilados podem ser nomeados *professores honorarios*, segundo um regulamento, que será deliberado pelo Conselho superior.

O Tit. 3º da lei occupa-se com as escolas particulares e estatúe que os directores e directoras dessas escolas primarias são inteiramente livres na escolha dos methodos, programmas e livros, exceptuando destes os que tenham sido prohibidos pelo Conselho superior, conforme o preceituado no art. 5º da lei de 27 de Fevereiro de 1880.

Nenhuma escola particular pôde usar do titulo de escola primaria superior, se o director ou directora não tiver os diplomas exigidos para os directores e directoras das escolas primarias publicas superiores.

Nenhuma escola particular pôde, sem auctorização do Conselho departamental, receber creanças dos dois sexos, se

houver no mesmo logar uma escola publica ou particular de meninas.

Nenhuma escola particular pôde receber creanças de menos de 6 annos, se existir na communa uma escola maternal ou uma classe infantil publica, salvo se ella possuir uma classe propriamente infantil.

Todo professor que quizer abrir uma escola particular deve previamente declarar sua intenção ao *mair*e da communa onde se vai estabelecer, designando a localidade.

O *mair*e remette immediatamente um recibo dessa declaração e fal-a affixar durante um mez á porta da *mairie*.

Se o *mair*e julgar que não é conveniente á localidade no interesse dos bons costumes e da hygiene, declara, no prazo de oito dias, que se oppõe á abertura da escola, communicando a sua deliberação ao pretendente.

As mesmas declarações devem ser feitas, no caso de mudar a escola de local, ou no caso de admissão de internos.

O pretendente dirigirá identica communicação ao Prefeito, ao inspector da Academia e ao procurador da Republica, ajuntando á do inspector da Academia certidão de nascimento, seus diplomas, folha corrida, indicação dos logares onde residiu e as profissões que exerceu durante os ultimos 10 annos, a planta do local escolhido, e, se o estabelecimento pertence a uma associação, os respectivos estatutos.

O inspector da Academia, por motivos justos, taes como os que interessam aos bons costumes e á hygiene, pôde oppor-se á abertura da escola. O pretendente pôde appellar dessa decisão.

No caso de infracção destas disposições, o director ou directora será conduzido ao tribunal correccional do logar e condemnado a uma multa de 100 a 1000 francos, sendo a escola fechada.

No caso de reincidencia, o delinquente será condemnado de seis dias a um mez de prisão e a uma multa de 500 a 2000 francos. O art. 463 do Codigo Penal poderá tambem ser applicado.

A lei estabelece pena para casos de immoralidade por parte dos directores ou professores dessas escolas, assim como estabelece uma multa de 50 a 500 francos, de 100 a 1000 no caso de reincidencia e até a applicação do art. 463 do Codigo aos directores de escolas particulares que recusarem submeter-se à vigilancia e inspecção das auctoridades escolares.

São sujeitas ás mesmas condições as escolas abertas nos hospitaes, hospicios, colonias agricolas, fabricas, orphalinos, casas de correccão, de refugio ou outros estabelecimentos analogos administrados por particulares.

O Titulo 4º da lei trata dos Conselhos de ensino primario.

O Conselho departamental instituido em cada departamento consta de: — o prefeito, presidente; o inspector da Academia, vice-presidente; quatro conselheiros geraes, eleitos por seus collegas; o director da escola normal de professores e a directora da escola normal de professoras; dois professores e duas professoras, eleitos pelos professores e professoras publicas titulares do departamento; dois inspectores de ensino primario designados pelo ministro.

Nenhum membro do Conselho pôde fazer-se substituir.

Para os encargos contenciosos e disciplinares que interessem aos membros do ensino particular, dois membros desse ensino, sendo um leigo e outro congreganista, eleitos pelos seus respectivos collegas, serão adjunctos ao Conselho departamental.

Os membros do Conselho departamental têm um mandato por tres annos e podem ser reeleitos.

No departamento do Sena o numero de conselheiros geraes será de 8, o de inspectores primarios será de 4 e o de membros eleitos, metade pelos professores e metade pelas professoras, será de 14, á razão de 2 por 4 districtos (*arrondissements*) municipaes e de 2 por cada um dos districtos de Saint-Denis e de Sceaux.

As funcções de membro do Conselho departamental são gratuitas. Entretanto deverá haver uma indemnisação aos

inspectores primarios e delegados dos professores e professoras que residirem longe.

Um regulamento determinará a fôrma da eleição e a base da indemnisação.

O Conselho reúne-se regularmente de tres em tres mezes ; o prefeito, porém, poderá convocal-o extraordinariamente, sempre que julgar necessario.

A lei consigna os deveres do Conselho departamental e que versam sobre a applicação de programmas, methodos e regulamentos, regimen interno dos estabelecimentos de ensino, numero dos alumnos nas escolas, necessidade das mesmas, etc., etc.

O capitulo 2º trata das — *Commissões escolares*.

A *Commissão municipal escolar*, instituida pelo art. 5º da lei de 28 de Março de 1882, é composta do *maire* ou de um ajudante por elle delegado, presidente ; de um dos delegados do cantão, e nas communas comprehendendo muitos cantões, de tantos delegados quantos forem os cantões, designados pelo inspector da Academia, de membros designados pelo Conselho municipal em numero igual, no maximo, ao terço dos membros desse Conselho.

No caso em que o Conselho municipal se recuse á nomeação destes membros, o prefeito os designará.

Em Paris e em Lyon ha uma *Commissão escolar* por cada districto municipal e presidida pelo *maire* ou um ajudante por elle designado.

Esta *commissão* se compõe de um dos delegados cantonaes designados pelo inspector da Academia e membros designados pelo Conselho municipal em numero de 3 a 7 por districto.

O mandato dos membros da *Commissão escolar* designados pelo Conselho municipal durará até á eleição do novo Conselho municipal. O inspector primario faz parte, por direito, de todas as *commissões escolares* instituidas na sua circumscripção.

A Comissão escolar se reúne ao menos, uma vez por trimestre, sob convocação do seu presidente, e, na sua falta, do inspector primario. Suas deliberações são válidas sómente quando a maioria dos membros estiver presente.

A lei prevê o caso de haver difficuldades de estar presente a maioria.

O inspector primario, os paes, tutores, etc., podem appellar das decisões da commissão, no prazo de 10 dias, por simples carta ao prefeito e ás pessoas interessadas.

O Conselho departamental resolverá em ultimo recurso.

Esta appellação é suspensiva.

Os paes, mães, tutores ou encarregados podem assistir ou fazer-se representar ante o Conselho departamental.

Pelo art. 6º — as sessões dos Conselhos departamentaes e das Commissões municipaes não são publicas.

Ficam derogados os titulos I e II da lei de 15 de Março de 1830, a lei de 10 de Abril de 1867 e todas as disposições contrarias á presente lei.

Os titulos V e VI da lei,— Disposições transitorias e disposições especiaes para a Algeria e as colonias,— nada têm que nos possa interessar.

ESCOLAS MATERNAES

O decreto de 2 de agosto de 1881, sendo presidente da Republica Franceza o Sr. Jules Grevy, e que está assignado pelo Sr. Jules Ferry, trata da organização, vigilancia e inspecção das escolas maternas,

As escolas maternas (salas de asylo) publicas e particulares são estabelecimentos de educação em que as creanças de ambos os sexos recebem os cuidados que reclamam o seu desenvolvimento physico, intellectual e moral.

As creanças podem ser admittidas desde a idade de dous annos completos e nellas só podem estar até á idade de sete annos.

O ensino nessas escolas comprehende : — os primeiros principios de educação moral ; conhecimento sobre os objectos usuaes ; primeiros elementos de desenho, de escripta e de leitura ; exercicios de linguagem ; noções de historia natural e de geographia ; contos, narrações, fabulas e pequenas historias apropriadas á idade das creanças ; exercicios manuaes, canto e movimentos gymnasticos graduados e apropriados.

As escolas maternas são exclusivamente dirigidas por senhoras e nenhuma senhora póde dirigir uma dessas escolas sem ter 21 annos de idade completos e sem ter o certificado de aptidão á direcção de escolas maternas, assim como nenhuma senhora póde dirigir uma escola maternal annexa a um curso normal sem ter a idade de 25 annos e sem ter dirigido durante cinco annos escolas maternas publicas ou particulares.

Nenhuma senhora póde occupar o logar de sub-directora antes da idade de 18 annos e sem o certificado de aptidão á direcção de escolas maternas.

Independentemente das auctoridades instituidas pela lei para a vigilancia e inspecção das escolas, a inspecção das escolas maternas é tambem exercida por : — inspectoras geraes e inspectoras departamentaes nomeadas pelo ministro.

Nenhuma senhora póde ser nomeada inspectora geral sem ter, pelo menos, 35 annos de idade e cinco annos de serviço no ensino publico ou particular e sem possuir o diploma superior e o certificado de aptidão á direcção das escolas maternas. Uma inspectora geral faz parte da commissão consultiva de ensino primario do Ministerio da instrucção publica.

Nenhuma senhora póde ser nomeada inspectora departamental sem ter 30 annos de idade e tres annos de serviço no ensino publico ou particular e sem ter o diploma superior, ou na sua falta, o diploma elementar completado pelo certificado de aptidão á direcção de escolas maternas ou certificado de aptidão á inspecção dessas escolas.

O exame para obtenção do certificado de aptidão á inspecção das escolas maternas, comprehende as seguintes provas: — prova escripta:— um assumpto pedagogico applicado ás escolas maternas; prova oral:— questões de legislação e administração concernentes ás escolas maternas; prova pratica:— inspecção de uma escola maternal e relatorio em seguida a essa inspecção.

Podem ser estabelecidas, em cada communa onde haja uma ou mais escolas maternas, uma ou mais commissões de senhoras patrocinadoras presididas pelo *maire*. Os membros dessas commissões são nomeados pelo prefeito, sob proposta do inspector da Academia e consulta ao *maire*.

A' commissão compete velar pela observancia das prescripções de hygiene, pela manutenção do estabelecimento e pelo bom emprego dos fundos ou donativos que existem em caixa e em beneficio das creanças.

A inspecção das escolas maternas livres é unicamente quanto á moral, á hygiene e á salubridade. Compete á inspecção observar se nesses estabelecimentos o ensino não é contrario á moral, á constituição e ás leis.

Nas escolas maternas publicas as creanças serão divididas em duas secções, segundo a sua idade e desenvolvimento de sua intelligencia.

Os primeiros principios de educação moral serão dados nas escolas maternas publicas, não sob a fôrma de licções distinctas e seguidas, mas por meio de conversações familiares; de recitações, de historietas e cantos destinados a inspirar ás creanças o sentimento de seus deveres para com a familia e a patria.

Os conhecimentos sobre os objectos usuaes comportam explicações muito elementares sobre a vestimenta, a habitação e a alimentação, as côres e as fôrmas, a divisão do tempo, estações, etc.

Os exercicios de linguagem têm por fim habituar as creanças a fallar e a explicar o que viram e comprehenderam.

Os trechos de poesia, que se farão decorar, serão curtos e simples.

O ensino de desenho comprehende:— combinações de linhas por meio de pausinhos, pequenas reguas, etc.; apresentação na ardosia ou em papel quadriculado dessas combinações e de desenhos facéis com lapis de côr; reproducção na ardosia dos objectos usuaes mais simples.

A leitura e a escripta serão, tanto quanto possivel, ensinadas simultaneamente, sendo os exercicios sempre collectivos. Lettras, syllabas, palavras.

O ensino de calculo comprehende:— o estudo da formação dos numeros de 1 a 10; o estudo da formação das dezenas de 10 a 100; as quatro operações, sob a fórmula a mais elementar, applicadas em primeiro logar á primeira dezena; a representação de numeros pelos algarismos; applicações muito simples do systema metrico (metro, litro, moeda, — o franco). Este ensino será dado por meio de objectos, taes como: pausinhos, regras, cubos, etc. As creanças serão exercitadas no calculo mental sobre todas as combinações de numeros que houverem feito.

Os elementos de historia natural comprehendem:— a designação das partes principaes do corpo humano; noções sobre os animaes mais conhecidos; os vegetaes e mineraes communs.

Este ensino é dado á vista de objectos reaes e collecções formadas, tanto quanto possivel, pelas creanças e pelas professoras.

O ensino da geographia é descriptivo e baseia-se na observação dos logares onde reside a creança. Comprehende:— Orientação (pontos cardeaes); noções sobre a terra e as aguas; algumas indicações sobre os rios, as montanhas e as principaes cidades da França.

As recitações, contos, etc., versarão principalmente sobre os grandes factos da historia nacional e sobre licções de cousas.

Os exercicios manuaes consistirão em: — trançado, tecidos, dobradura, pequenos trabalhos de *tricot*. São prohibidos os trabalhos de costura e todos os que possam fatigar a creança.

O ensino de canto comprehende: — exercicios de entoação e de compasso, os mais simples, os cantos em côro e a duas partes, que acompanham os jogos gymnasticos e as evoluções. Os cantos são apropriados à extensão da voz das creanças.

Os exercicios gymnasticos serão graduados de maneira a facilitar o desenvolvimento physico. Elles se comporão de movimentos, marchas, evoluções e jogos dirigidos pela professora.

As licções de qualquer especie não durarão mais de um quarto de hora ou vinte minutos e serão sempre separadas por cantos, exercicios gymnasticos, marchas ou evoluções.

O material de ensino da escola maternal comprehende necessariamente os objectos seguintes: — uma matraca (*claquoir*); um apito; um ou mais quadros negros, dos quaes um ao menos, será quadriculado; um methodo de leitura em quadros e varias collecções de figuras coloridas; uma caixa metrica; um globo terrestre e uma carta mural da França; um bolario; collecções de pausinhos, de reguasinhas de madeira, cubos, etc; uma collecção de brinquedos; ardosias quadriculadas de um lado; um diapasão.

Nenhuma creança é recebida na escola maternal sem um bilhete de admissão assignado pelo *mair*e e uma certidão do medico, devidamente legalisada, provando que é vaccinada e não padece molestia contagiosa. Logo que a creança é apresentada na escola, a directora faz conhecer aos paes as condições regulamentares às quaes se deverão conformar.

As directoras e sub-directoras têm successivamente um mez de férias.

As creanças serão reprehendidas com brandura, e nunca maltratadas.

Um medico nomeado pelo *maire* visita uma vez por semana cada escola maternal, e escreve n'um registro particular suas observações.

As directoras e sub-directoras destas escolas são nomeadas como os directores e vice-directores das outras escolas e estão sujeitas ás mesmas penas disciplinares.

As professoras são escolhidas, quanto possivel, pelas sub-directoras e cada anno a directora envia á inspectora departamental um relatorio minucioso sobre o estabelecimento que dirige.

Com data de 2 de Agosto de 1881 foi expedido pelo ministro da Instrucção publica, Jules Ferry, um Aviso contendo um regulamento escolar modelo para servir de norma aos regulamentos departamentais relativos á organização das escolas maternas publicas.

Por elle, as escolas maternas publicas estão abertas de 1º de Março a 1º de Novembro, desde as 7 horas da manhã ás 7 da noite; do 1º de Novembro a 1º de Março, das 8 da manhã ás 6 da tarde.

As horas de entrada e sahida das creanças podem ser modificadas para cada communa, segundo as conveniencias locais.

As directoras de escolas maternas publicas têm:—1 registro no qual são escriptos, por extenso, os nomes das creanças, a data do seu nascimento, a da certidão do medico, a de admissão, a de sahida, os nomes, residencia e profissão dos paes ou tutores, havendo uma columna para as observações. Um indice em ordem alphabetica facilita a procura de qualquer nome.

Possuem tambem seu registro para as observações do medico, e um outro para as presenças mensaes, assim como um catalogo da mobilia e material de ensino, com indicação das entradas e sahidias.

Estes registros serão visados pelos inspectores e inspectoras em cada uma das suas visitas.

E' prohibido ás directoras e sub-directoras acceitar dos paes qualquer presente, e não podem introduzir na escola nenhum livro, brochura ou manuscrito extranho ao ensino. São prohibidas as subscripções, loterias, etc., nas escolas maternas.

A escola maternal estará sempre em constante estado de salubridade e limpeza, sendo varrida, regada todos os dias e o ar frequentemente renovado. Não são tolerados animaes domesticos nas salas destinadas ás creanças.

O regulamento geral e o regulamento especial estão affixados em todas as escolas maternas e na *mairie* de todas as communes que possúam uma dessas escolas.

O decreto de 10 de Outubro de 1881 marca os vencimentos das directoras e sub-directoras das escolas maternas; o decreto de 27 de Julho de 1882 trata da reorganização da *Escola Pape-Carpentier*, destinada a formar professoras e directoras para essas escolas, e trata da organização de cursos normaes para o mesmo fim; e um *Aviso* de igual data determina as condições do exame para a obtenção do certificado de aptidão á inspecção departamental das escolas maternas. Todas essas leis são do ministro Jules Ferry, o reorganizador do ensino em França.

O mesmo ministro expediu um *Aviso* com data de 28 de Julho de 1882, relativo á organização pedagogica das escolas maternas publicas, fixando o programma a seguir.

Tratando dos programmas, diz o seguinte :

1.º— OBJECTO DA ESCOLA MATERNAL

A escola maternal tem por fim dar ás creanças abaixo da idade escolar os cuidados que reclama seu desenvolvimento *physico, intellectual e moral* (decreto de 2 de Agosto de 1881) e preparal-as assim para receber com proveito a instrucção primaria.

A escola maternal não é uma escola no sentido commum e usual da palavra; ella forma a passagem da familia para a escola; conserva a doçura affectuosa e indulgente da familia, ao mesmo tempo que inicia no trabalho e na regularidade da escola.

A aptidão da directora da escola maternal não se julga, pois, essencialmente pela somma dos conhecimentos communicados, pelo nivel que attinge o ensino, pelo numero e duração das lições; e sim pelo conjuncto das boas influencias a que a creança está submettida, pelo prazer que se lhe faz ter na escola, pelos habitos de ordem, limpeza, polidez, attenção, obediencia e actividade intellectual que ahi deve adquirir, por assim dizer, brincando.

Por consequencia, as directoras deverão preoccupar-se muito menos em entregar á escola primaria alumnos já bastante adiantados do que em entregar-lhe alumnos bem preparados para instruir-se. Todos os exercicios da escola maternal serão regulados por este principio geral: — devem contribuir para o desenvolvimento das diversas faculdades da creança, sem fadiga, sem constrangimento, sem excesso de applicação; elles são destinados a fazel-a gostar da escola e a dar-lhe cede-gosto pelo trabalho, não lhe impondo nunca qualquer especie de trabalho incompativel com a fraqueza e mobilidade da infancia.

O fim a desejar, tendo em conta as diversidades de temperamento, a precocidade de uns e a lentidão de outros, não é fazer chegar a creança a tal ou tal grau de saber em leitura, escripta ou calculo; é que saiba bem o pouco que souber, que gôste de seus exercicios, seus jogos, todas as suas lições; é, sobretudo, que se não desgoste com os primeiros exercicios escolares, que a desanimariam bem depressa, si a paciencia, a jovialidade, a graça e a affeição engenhosa da professora não achassem meio de os variar, de os ordenar, de tornal-os divertidos, e de tirar delles, emfim, algum prazer para a creança.

Uma boa saude ; o ouvido, a vista, o tacto já exercitados por uma série graduada desses pequenos jogos e dessas pequenas experiencias proprias á educação dos sentidos ; idéas infantis, mas nitidas e claras, sobre os primeiros elementos do que será mais tarde a instrucção primaria ; um principio de habitos e disposições sobre as quaes a escola possa apoiar-se para dar mais tarde um ensino regular ; o gosto da gymnastica, do canto, do desenho, das imagens, das narrações ; o empenho em escutar, ver, observar, imitar, perguntar, responder ; uma certa faculdade de attenção, entretida pela docilidade, a confiança e o bom humor ; a intelligencia despertada, emfim, e a alma aberta a todas as boas impressões moraes ; taes devem ser os effeitos e os resultados desses primeiros annos passados na escola maternal, e, si a creança chegar á escola primaria com uma tal preparação, pouco importa que ahi aprenda algumas paginas de mais ou de menos do syllabario.

SEGUNDO METHODO

Por estes principios, qual é o methodo que convirá applicar ás escolas maternas? E' evidentemente o que se inspira no proprio nome do estabelecimento, isto é, o que consiste em imitar o mais possivel os processos de educação de uma mãe intelligente e dedicada. Como o fim a que se propõem as escolas maternas não é formar ou exercitar uma ordem de faculdades em detrimento das outras, e sim desenvolver-as todas harmonicamente, não se deverá seguir rigorosamente qualquer dos methodos especiaes que se fundam n'um systema exclusivo e artificial.

Applicar-se-hão, pelo contrario, tomando de todos os methodos particulares, os exercicios mais simples para formar, com o auxilio desses diversos elementos, um curso de instrucção e educação que corresponda ás diversas necessidades da creança e ponha em jogo todas as suas faculdades. Os exer-

cicios devem ser muito variados :— a lição de cousas, a conversação familiar, o canto, os primeiros ensaios de desenho, de leitura, de calculo, de recitação, dividem o tempo com os exercicios corporaes; os jogos e brinquedos de todas as especies e os movimentos gymnasticos. E' um methodo essencialmente natural, familiar, sempre aberto a novos progressos, sempre susceptivel de se completar e de se reformar.

3.º — PLANO E DIVISÃO DO CURSO

O programma está dividido pelas duas secções de alumnos : a das creancinhas de 2 a 5 annos, e a classe infantil, creanças de 5 a 7 annos. O programma das lições de cousas vem designando a ordem dos assumptos a ensinar em cada mez do anno escolar e acompanhando, tanto quanto possivel, o que se nota em cada uma das estações do anno, de fórma a tornar o ensino mais intuitivo.

Acho desnecessario transcrevel-o, por já ter dado o seu resumo.

O livro — *Ecoles primaires et salles d'asyles (construction et installation)*, — do qual é auctor M. Félix Narjoux, architecto da cidade de Paris, é um trabalho precioso e bem feito. Offereci dessa obra um exemplar ao *Pedagogium*.

Ahi podereis ver, Sr. Inspector, ás paginas 136 e 137, a vista interior de uma sala de asylo e a sua planta ; á pagina 145 a planta de um jardim de infancia e á pagina 149 a planta do novo typo de salas de asylo, assim como ás paginas 182, 183 e 184 a vista de um estrado de sala de asylo e respectiva planta, e o desenho de um lavatorio apropriado a essas escolas.

No mesmo livro encontrareis : — fachadas e plantas de escolas, vistas de fontes, galerias, gymnasios, gabinetes reservados, laboratorios, pateos, vestiarios, cabides para chapéos e guardas-chuva, cozinhas, refeitorios, salas de desenho, de tra-

balho profissional, de exame, de aulas, de solemnidades, museus escolares, janellas, systema de ventilação, mobiliario antigô e moderno, mesas, mesas de desenho, bancos simples e bancos-carteiras e destes os modelos suecos, allemães, inglezes, belgas, suissos, americanos e francezes, entre os quaes os systemas Lenoir e Lemel, mesas e cadeiras para o professor, quadros negros, portas-mappas, armarios, etc., etc., tudo de accordo com as mais modernas exigencias pedagogicas e segundo as exigencias das ultimas leis francezas. Aos desenhos de todos esses objectos acompanham plantas, planos e descripções minuciosas.

ESCOLAS INFANTIS

Segundo as instrucções de 25 de Janeiro de 1882, dadas pelo ministro da Instrucção Publica, Paul Berth, estabelecendo a distincção que existe entre as especies de escolas primarias, as *escolas infantis*, menos conhecidas e que até então não tinham sido objecto de uma regulamentação propria, são de duas especies: umas, em pequeno numero, são estabelecidas nas cidades importantes e formam a transição entre a escola maternal e a escola publica; outras, mais espalhadas, substituem, nas communas ruraes, as escolas maternas e preparam as creanças para seguir o curso das escolas especiaes de meninas e as especiaes de meninos.

As escolas infantis das cidades são verdadeiras escolas intermediarias: são, ordinariamente, estabelecimentos especiaes, independentes dos outros estabelecimentos escolares, tendo sua existencia propria e recebendo simultanea ou separadamente creanças dos dous sexos, quer venham da familia, quer venham da escola maternal. Estas escolas devem ser dirigidas por senhoras que tenham, pelo menos, o certificado de aptidão à direcção das escolas maternas e, se fôr possivel, o diploma elementar. O ensino deve ser a continuação do da escola ma-

ternal e o começo do que é dado na escola primaria ; o methodo a seguir é o das salas de asylo, unido ao do curso elementar das escolas primarias. Um regulamento fixará bem, sem duvida, o programma deste ensino e as condições de idade que devem ter as creanças que quizerem ser recebidas nestas escolas. Entretanto, sem prejudicar a este respeito as decisões do Conselho Superior, pôde-se dizer, geralmente, que a idade regular para a frequencia das escolas infantis é de 6 a 8 annos. O cuidado de fixar esses limites pertence aos Conselhos departamentaes, melhores juizes que qualquer outra auctoridade, das conveniencias locaes e dos meios de satisfazel-as.

Quanto á organização material das escolas infantis, é isso tambem uma questão que não pôde ser regrada ; mas a natureza mesmo destas escolas indica assás claramente como será resolvida. Collocadas entre a escola maternal e a escola primaria, devem reunir as condições de installação recommendadas pela divisão superior de uma e a divisão inferior de outra. Demais, a regra a seguir nisso, como em toda a questão de installação escolar, é traçada pelo bom senso e pelo sentimento exacto das necessidades da creança :— que as escolas sejam absolutamente salubres, é esse o primeiro ponto a obter ; que sejam alegres, em seguida, e, o quanto possivel, confortaveis, para que as creanças façam nella uma facil aprendizagem da vida escolar, é o segundo ponto a attender ; e quando uma escola, de qualquer natureza que seja, reúna essas condições, o Conselho departamental pôde, com toda a segurança, decidir a sua creação : minha approvação não se fará esperar.

A escola infantil, tal como acabo de descrever, tem o seu logar marcado em uma organização habilmente hierarchisada, e, sempre que seja possivel fundal-a, convem animar a sua creação.

Ha uma outra especie de escola infantil que pôde ser organizada, muito utilmente e com pouca despeza, na maior parte

das communas ruraes de alguma importancia e das quaes é necessario ainda favorecer a creação.

Esta classe infantil, de ordem menos elevada, está destinada a substituir, em parte, ao menos, a escola maternal, nas localidades em que um estabelecimento deste genero não seria possivel relativamente á cifra da população e á importancia dos recursos communaes. Já se começa a reconhecer os grandes serviços que estas classes podem produzir e seu numero cresce rapidamente. Constitúe, commummente, e com razão, um anexo da escola primaria, de preferencia nas escolas de meninas. Assim, essas creanças estarão reunidas, tanto no interesse das familias como no interesse de sua propria educação, entretanto que a sua presença na escola seria uma causa de embaraço para os mestres e uma especie de aborrecimento para essas mesmas creanças. Em uma classe infantil as creanças são collocadas sob a direcção de uma professora possuindo necessariamente um titulo de capacidade. Se as necessidades fizerem annexar essa escola infantil á escola de meninos, esta professora deve ser a esposa, a filha ou parenta em grau approximado do professor. Se, o que é preferivel, ella for annexada a uma escola de meninas, a directora pôde ser uma adjuncta dessa escola. Para a installação de uma classe infantil é sufficiente uma sala bastante espaçosa, com um pateo separado e salubre, um mobiliário escolar e um material de ensino em relação com a idade das creanças.

A organização destas pequenas escolas offerece a consideravel vantagem de exigir uma despeza de installação facil de supportar, dispensar escolas especiaes, e exigir de mais apenas adjunctos.

O Sr. Paul Bert recommenda instantemente a creação das especies já apontadas, mas que sejam estabelecidas em boas condições de hygiene e de instrucção e declara que — todo o futuro do ensino primario depende, em grande parte, do desenvolvimento que tomarem e a direcção que receberem as escolas

maternaes e infantis de toda a especie, — e conta com o concurso devotado do prefeito, a cuja consulta responde, para que se multipliquem essas escolas.

ESCOLAS PRIMARIAS

Para que uma creança seja admittida na escola primaria elementar deve ter mais de 6 e menos de 13 annos de idade. Fóra desses limites, nenhuma poderá ser admittida sem auctorisção especial do inspector da Academia. Nas communas em que não houver escolas maternaes, a idade de admissão é abaixada a cinco annos.

As creanças matriculadas, após dous annos de estada na escola, para nella continuarem, serão revaccinadas pelo medico da escola ou delegado para esse fim nomeado pela administração.

As aulas durarão tres horas durante a manhã e tres á tarde. As primeiras começarão ás 8 1/2 horas e as segundas á 1 hora da tarde. Entretanto, segundo as necessidades das localidades, as horas de entrada e sahida poderão ser modificadas pelo inspector da Academia, a pedido das auctoridades locaes, ouvido o inspector primario.

O Conselho departamental pôde, ouvido o Conselho municipal e sob proposta do inspector da Academia, em uma communa ou secção de communa, estabelecer — *escolas de meio-tempo*. Neste caso, o director da escola dividirá por cursos os alumnos em dois grupos. As aulas terão logar, para um dos grupos das 8 ás 11 horas da manhã e para outro, de 1 ás 4 horas da tarde. Entretanto, os paes que o pedirem, poderão fazer que os seus filhos frequentem as duas aulas do dia.

Nas escolas de muitas classes, os exercicios serão separados, para os alumnos do curso elementar e do curso médio por um recreio de 5 minutos de hora em hora, e para os alumnos do curso superior por um só recreio de um quarto de hora.

Os alumnos que não vão para a casa de suas famílias, durante o intervallo, ficarão na escola sob a vigilancia do professor até á hora em que terminam definitivamente os trabalhos do dia na escola.

A casa da escola será pintada e limpa todos os annos e conservada sempre em um estado constante de asseio e salubridade. Para este effeito será varrida e regada todos os dias ; o ar será frequentemente renovado ; mesmo no inverno, as janellas serão abertas durante o intervallo das aulas.

A lingua franceza será a usada na escola. Toda a representação theatral é prohibida nas escolas publicas. Nenhum livro ou brochura, impresso ou manuscripto, extranho ao ensino, pôde ser introduzido na escola sem a auctorisação do inspector da Academia.

As unicas punições admittidas são : — os maus pontos ; a reprehensão ; a privação parcial do recreio ; a retenção depois da aula, sob a vigilancia do professor ; a exclusão temporaria. Esta ultima pena não excederá de tres dias, sendo avisado immediatamente o pae ou tutor do alumno, as auctoridades locaes e o inspector primario. Uma exclusão mais longa só poderá ser pronunciada pelo inspector primario.

Todo o castigo corporal é absolutamente prohibido, assim como é prohibido aos professores tratarem por—*tu*—aos seus alumnos.

O ensino nas escolas primarias elementares é dividido em tres cursos: *elementar*, *médio* e *superior*. Estes tres cursos são obrigatorios em todas as escolas, qualquer que seja o numero de classes e de alumnos.

A duração dos estudos se divide da seguinte maneira :

Secção infantil: — 1 ou 2 annos, conforme os alumnos se matriculem com 6 ou 5 annos de idade.

Curso elementar: — 2 annos, de 7 a 9 annos de idade.

Curso médio: — 2 annos, de 9 a 11 annos.

Curso superior: — 2 annos, de 11 a 13 annos.

Cada anno, á reentrada, os alumnos, conforme o seu grau de instrucção, são divididos pelo director nas diversas classes dos tres cursos. A certidão de estudos dá direito á entrada no curso superior.

Cada alumno, á sua entrada na escola, receberá um caderno especial, que deverá conservar durante todo o tempo escolar. O primeiro *dever* de cada mez, em cada ordem de estudos, será escripto nesse caderno pelo alumno, em classe, e sem recurso extranho, de modo que o conjuncto desses *deveres* permita conhecer seguidamente a série de exercicios e apreciar os progressos do alumno de anno em anno. *Esse caderno ficará depositado na escola.*

A nossa administração de ensino foi mais generosa, concedendo que os alumnos levem no fim do anno para suas casas esses cadernos de *deveres escolares*, afim de que os possam conservar toda a vida e lembrar saudosos os annos infantis.

O ensino dado nas escolas publicas primarias se refere a um triplice objectivo:— *educação physica, educação intellectual e educação moral.*

No começo de cada anno escolar o — *Horario*, — preparado pelo director da escola e approved pelo inspector primario, é affixado nas salas da Escola.

A divisão dos exercicios deve satisfazer ás condições geraes abaixo determinadas :

1.º Cada sessão deve ser dividida em varios exercicios differentes, separando-os recreios regulados.

2.º Os exercicios que exigirem maior attenção, como os de arithmetica, grammatica, redacção, etc., serão collocados de preferencia durante a manhã e nas escolas de — *meio tempo* — no começo da classe.

3.º Toda a lição, toda a leitura, todo o *dever* será acompanhado de explicações oraes e interrogatorio.

4.º A correcção dos *deveres* e a recitação das lições têm logar durante as horas de classe a que se referem esses *deveres*

e lições. Geralmente, os *deveres* são corrigidos no quadro negro ao mesmo tempo que são vistos os cadernos. Os exercicios de redacção são corrigidos pelo professor fóra da classe.

5.º As 30 horas de classe por semana (não comprehendido o tempo que os alumnos podem consagrar, seja no domicilio, seja nos estudos inspeccionados, á preparacção dos deveres e das lições) deverão ser divididas da seguinte fórma:

a) Terá, cada dia, nos dois primeiros cursos, ao menos, uma lição que, sob a fórma de conversação familiar, ou por meio de uma leitura apropriada, seja consagrada á instrucção moral ; no curso superior esta lição será, tanto quanto possivel, o desenvolvimento methodico do programma de moral.

b) O ensino do francez (exercicio de leitura, leitura explicada, lições de grammatica, exercicios orthographicos, dictados, analyses, exercicios de composicção, etc.) occupará todos os dias cerca de duas horas.

c) O ensino scientifico occupará no médio, e segundo o curso, de uma a uma hora e meia por dia, a saber : tres quartos de hora ou uma hora para arithmetica e os exercicios que se lhe prendem, o resto para *licção de cousas* e primeiras noções scientificas.

d) O ensino de historia e geographia, ao qual se prende a instrucção civica, comportará cerca de uma hora de lição todos os dias.

e) O tempo consagrado aos exercicios de escripta propriamente dita será, pelo menos, de uma hora por dia no curso elementar e se reduzirá gradualmente á medida que os diversos *deveres* dictados possam substituil-os.

f) O ensino de desenho, começado por lições muito curtas, desde o curso elementar, occupará nos outros cursos duas ou tres lições cada semana.

g) As lições de canto occuparão de uma a duas horas por semana, independentemente dos exercicios de canto, que se realizarão todos os dias á entrada e sahida das aulas.

h) A gymnastica, sem contar os exercicios que podem acompanhar os movimentos da classe, occupará todos os dias ou, ao menos, um dia sim e outro não, uma sessão depois do meio-dia.

Nas communas onde os batalhões escolares estão constituidos, os exercicios de batalhão não poderão ter logar senão ás quintas e domingos; o tempo para isso consagrado será marcado pelo instructor militar, de accordo com o director da escola.

i) Finalmente, para os meninos como para as meninas, duas ou tres horas por semana serão consagradas aos trabalhos manuaes.

PROGRAMMA RESUMIDO DOS TRES CURSOS DA ESCOLA
PRIMARIA

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

CURSO ELEMENTAR (7 a 9 annos)

I. — *Leitura* — Leitura corrente com explicação das palavras. (Os alumnos já aprenderam na escola maternal ou na classe infantil, dos 5 aos 7 annos de idade, os primeiros exercicios de leitura, isto é, as lettras, syllabas e palavras. O programma é, pois, para alumnos que já entram preparados para a escola primaria, mesmo porque não são admittidos em outras condições, como acabamos de ver.)

II. — *Escripta* — Elementos. Formação de lettras.

III. — *Lingua franceza* — Noções dadas verbalmente sobre o substantivo (o numero, o genero), o adjectivo, o pronome, o verbo (primeiros elementos de conjugação). Idéa da formação do plural e do feminino, concordancia do adjectivo com o substantivo, do verbo com o sujeito. Idéa da proposição simples.

1.º Exercicios oraes — Questões e explicações, especialmente no correr da licção de leitura, ou da correcção dos *deveres*. Interrogações sobre o sentido, o emprego, a orthographia das palavras do texto lido. Solettração das palavras difficeis. Reprodução oral de pequenas phrases lidas e explicadas; depois, de narrações ou fragmentos de narrações feitas pelo professor.

2.º Exercicios de memoria. Recitação de poesias muito simples.

3.º Exercícios escriptos — Dictados graduados de orthographia usual. Pequenos exercicios grammaticaes muito variados. Reprodução escripta (no quadro negro, na ardósia ou no caderno) de alguma phrase já explicada. Composição de pequenas phrases com elementos dados.

4.º Exercícios de analyse. Analyse grammatical, mais communmente oral, algumas vezes escripta.

Decomposição da proposição em seus termos essenciaes.

5.º Leitura, em voz alta, pelo professor, duas vezes por semana, de um trecho proprio a interessar as creanças.

IV.— *Historia* — Narrações e conversações familiares sobre os maiores personagens e os factos principaes da historia nacional até ao principio da guerra dos *Cem annos*.

V.— *Geographia* — Continuação e desenvolvimento do que foi aprendido na escola maternal ou classe infantil.

Os pontos cardeaes, não decorados, mas descobertos no terreno, no pateo, nos passeios, conforme a posição do sol.

Exercícios de observação: as estações, os principaes phenomenos atmosphericos, o horizonte, os accidentes da terra, etc.

Explicação dos termos geographicos (montanhas, rios, mares, golfos, isthmos, estreitos, etc.), partindo sempre de objectos vistos pelos alumnos e procedendo por analogia.

Preparação para o estudo da geographia pelo methodo intuitivo e descriptivo.

1.º A geographia local (casa, rua, aldeia, communa, cantão, etc.)

2.º A geographia geral (a terra, sua fôrma, sua extensão, suas grandes divisões e subdivisões).

Idéa da representação cartographica: elementos de leitura de planos e cartas.

Globo terrestre, continentes e oceanos.

Conversações sobre o logar natal.

VI.— *Instrução civica* — Explicações muito familiares, a proposito da leitura, das palavras que possam despertar uma idéa nacional, taes como: cidadão, soldado, exercito, patria; — communa, cantão, departamento, nação; — lei, justiça, força publica, etc.

VII.— *Calculo arithmetico* — Principios de numeração fálada e escripta. Calculo mental. As quatro regras applicadas intuitivamente: primeiro aos numeros de 1 a 10; depois de 1 a 20; depois de 1 a 100.

Estudo da taboada de addição e multiplicação. Calculo escripto.

A addição, a subtracção, a multiplicação. Regras geraes das

tres operações, sobre numeros inteiros. A divisão limitada aos numeros de dois algarismos no divisor. Pequenos problemas oraes ou escriptos sobre assumptos usuaes; exercicios de raciocinio sobre os problemas e operações executadas.

Noções do metro, do litro, do franco, do grammo, dos seus multiplos e submultiplos.

VIII.— *Geometria* — Simples exercicios para fazer reconhecer e designar as figuras regulares mais elementares: quadrado, rectangulo, triangulo, circulo. Diferentes especies de angulo. Idéa das tres dimensões. Noções sobre os solidos por meio de modelos em revelo. Exercicios frequentes de medida e de comparação das grandezas á simples vista; apreciação approximativa das distancias e sua avaliação em medidas metricas.

IX.— *Desenho de ornamento*. — Traçado das linhas rectas e sua divisão em partes iguaes. Avaliação das relações das linhas entre si. Reprodução e avaliação dos angulos. Primeiros principios do desenho de ornamento. Circumferencias, polygonos regulares. Florões estrellados.

X.— *Elementos de sciencias physicas e naturaes*. — Licções de cousas graduadas (o homem, os animaes, os vegetaes, os mineraes); observação de objectos e phenomenos usuaes com explicações simples.

Noções summarias sobre a transformação das materias primas em materias fabricadas para uso corrente (alimentos, tecidos, papeis, madeiras, pedras, metaes).

Pequenas colleções feitas pelos alumnos, especialmente nos passeios escolares.

XI.— *Agricultura e horticultura* (art. 10 da lei de 15 de Junho de 1879). Primeiras licções no jardim da escola.

XII.— *Canto*. — Cantos aprendidos em primeiro logar exclusivamente por audição. Leitura das notas musicaes.

CURSO MÉDIO (9 a 11 annos)

I.— *Leitura*. — Leitura corrente com explicações.

II.— *Escripta*. — Cursivo.

III.— *Lingua franceza*. — Grammatica elementar. As dez partes do discurso. Conjugações. Noções de syntaxe. Regras geraes do participio passado. Noções sobre as familias de palavras, as palavras derivadas e compostas. Principios da pontuação.

1.º Exercícios oraes. Elocução e pronuniação. Interrogações grammaticaes. Reprodução de narração feita de viva voz; resumo do trecho lido.

2.º Exercícios de memoria: recitação de fabulas, pequenas poesias, alguns pedaços de prosa.

3.º Exercícios escriptos. Dictados dos classicos que não tenham difficuldades grammaticaes. Exercícios de invenção e construcção de phrase. Homonymos e synonymos. Correção mutua dos dictados e exercicios pelos alumnos. Reprodução escripta e não litteral de trechos lidos em classe ou no domicilio, e de narrações feitas de viva voz pelo professor. Primeiros exercicios de redacção sobre assumptos simples.

4.º Exercícios de analyse: analyse grammatical, sobretudo oral. Analyse logica, limitada às distincções fundamentaes.

5.º Leitura, em voz alta, pelo mestre, duas vezes por semana de bons trechos classicos.

IV.— *Historia*. — Curso elementar de historia de França, insistindo exclusivamente nos factos essenciaes depois da guerra dos *Cem annos*.

V.— *Geographia*. — Geographia da França e suas colonias. Geographia physica. Geographia politica com estudo mais aprofundado do cantão, do departamento, da região. Exercícios de cartographia no quadro negro e no caderno.

VI.— *Instrucção civica*. — Noções muito summarias sobre a organização da França. O cidadão, seus direitos e deveres; a obrigação escolar, o serviço militar, o imposto, o suffragio universal. A communa, o *maire* e o conselho municipal. O departamento, o prefeito e o conselho geral. O Estado, o poder legislativo, o poder executivo, a justiça.

VII.— *Calculo arithmetico*. — Revisão do curso precedente. Divisão dos numeros inteiros. Idéa geral das fracções. Fracções decimaes. Quatro operações sobre decimaes. Regra de tres. Regras de juros simples. Systema legal de pesos e medidas. Problemas — exercicios. Continuação e desenvolvimento dos exercicios de calculo mental applicado a todas as operações.

VIII.— *Geometria*. — Estudo e representação graphica, no quadro negro, das figuras de geometria plana e suas combinações mais simples. Noções praticas sobre o cubo, o cylindro, a esphera, sobre suas propriedades fundamentaes; applicações ao systema metrico.

IX.— *Desenho de ornamento*. — Desenho a mão levantada. Curvas geometricas communs: ellipses, spiraes, etc. Curvas tomadas ao reino vegetal: hastes, folhas e flôres. Cópia de gesso apresentando ornamentos planos de fraco relevo. Pri-

meiras noções de desenho geometral e elementos de perspectiva. Representação geometral por traços e representação da perspectiva, depois com sombra, solidos geometricos e objectos usuaes simples. Desenho geometrico: — emprego, no quadro, dos instrumentos que servem ao traçado de linhas rectas e circumferencias: régua, compasso, esquadro e transferidor.

X. — *Elementos de sciencias physicas e naturaes.* (Licções de cousas) — Noções elementarissimas de sciencias naturaes. O homem: descripção summaria do corpo humano e idéa das principaes funcções da vida. Os animaes: noções das grandes ramificações e divisão das vértebras em classes, com o auxilio de um animal, tomado por typo, de cada classe. Os vegetaes: estudos sobre alguns typos escolhidos, dos principaes orgãos da planta; noção das grandes divisões do reino vegetal, indicando plantas uteis e nocivas (sobretudo nos passeios escolares). Os tres estados dos corpos. Noções sobre o ar, a agua e a combustão; pequenas demonstrações experimentaes.

XI. — *Agricultura e horticultura.* — Noções, a proposito das leituras, das licções de cousas e dos passeios escolares, sobre as principaes especies de terras, adubos, estrumes, os trabalhos e os instrumentos communs da cultura (pá, enxada, charrua, etc.)

XII. — *Canto.* — Cantos a uma e duas vozes aprendidos por audição. Conhecimento das notas. Pauta musical. Clave de Sol: — leitura, primeiros exercicios de entoação; duração, semibreve, minima, seminima, pausas. Compassos — binario, ternario e quaternario; leitura das notas acompanhando o compasso. Exercicios simples de solfejo.

CURSO SUPERIOR (11 a 13 annos)

I. — *Leitura.* — Leitura expressiva.

II. — *Escripta.* — Cursivo, ronde e bastardo.

III. — *Lingua franceza.* — Revisão da grammatica e da syntaxe. Estudo da proposição e das suas principaes especies. Funcções das palavras na phrase. Principaes regras relativas ao emprego das palavras e á concordancia dos tempos. Casos difficeis que apresenta a orthographia de certos nomes, pronomes, adjectivos, verbos irregulares. Noções de etymologia commun e de derivações.

1.º Exercicios oraes. — Continuação e desenvolvimento dos exercicios de elocução. Descripção de leituras, de licções, de passeios, de experiencias, etc. Exposição oral, pelo alumno, de

um trecho historico ou litterario que tenha sido encarregado de ler ou analysar.

2.º Exercicios de memoria: — Recitação expressiva de trechos escolhidos em prosa e verso, dialogos e scenas tiradas dos classicos.

3.º Exercicios escriptos: — Dictados tirados dos auctores classicos sem procurar difficuldades grammaticaes. Exercicios sobre a derivação e a composição das palavras, sobre a etymologia, sobre applicação das regras mais importantes da syntaxe. Redacção sobre assumptos simples.

4.º Exercicios de analyse: — Questões de analyse grammatical a proposito de casos difficeis encontrados na leitura. Exercicios oraes de analyse logica.

5.º Leituras pelo professor, com o concurso dos alumnos, de assumptos litterarios, dramaticos e historicos.

IV. — *Historia*. — Revisão methodica da historia de França; estudo mais aprofundado do periodo moderno.

Noções muito summarias de historia geral: — pela antiguidade, o Egypto, os Juizes, a Grecia, Roma; — pela idade média e os tempos modernos, grandes acontecimentos estudados, sobretudo nas suas relações com a historia da França.

V. — *Geographia*. — Revisão e desenvolvimento da geographia da França, geographia physica e politica da Europa. Geographia mais summaria das outras partes do mundo. As colonias francezas. Exercicios cartographicos de memoria.

VI. — *Instrucção civica*. — Noções mais aprofundadas sobre a organização politica, administrativa e judiciaria da França. A Constituição, o presidente da Republica, o Senado, a Camara dos Deputados, a Lei; a administração central, departamental e communal, as diversas auctoridades; a justiça civil e penal; o ensino, seus diversos graus; a força publica, o exercito.

VII. — *Calculo arithmetico*. — Revisão, com desenvolvimento theorico e pratico, de calculo mental e escripto.

Numeros primos. Caracteres de divisibilidade mais importantes. Decomposição de um numero em seus factores primos. Maximo-commum divisor. Methodo de redução á unidade applicado á resolução de problemas de interesse, de desconto, de quinhões, etc.

Systema metrico, applicações á medida de volumes e ás suas relações com os pesos. Primeiras noções de contabilidade.

VIII. — *Geometria*. — Noções summarias sobre a geometria plana e a medida dos volumes.

Para os meninos: — Applicação ás operações mais simples de agrimensura. Idéas do nivelamento.

IX.— *Desenho de ornamento.* — Primeiras noções de desenho geometral e elementos de perspectiva. Desenho a mão levantada: — Desenho conforme a estampa e o relevo, de ornamentos puramente geometricos: moldura, ornatos ovados, ditos em fôrma de coração, perolas, denticulos (renda do friso da columna jonica), etc.

Desenho, conforme a estampa e o relevo, de ornamentos tomando os elementos no reino vegetal: folhas, flôres e fructos, palmas, folhagem, etc.

Noções elementares sobre as ordens de architectura dadas no quadro pelo professor.

Desenho da cabeça humana: suas partes e proporções.

Desenho geometrico: — Execução no papel, com o auxilio dos instrumentos, de traçados geometricos que no curso médio tenham sido feitos no quadro preto. Principios de desenho com tintas de côr.

Desenho reproduzindo motivos de decorações de superficies planas ou de um baixo-relevo: ladrilhado, vidraças, almofadas de porta, caixilhos, estuque. Pinturas a tinta da China e a côres.

Representação geometral, por traçado, de solidos geometricos e objectos simples, taes como: carpinteria, marceneria, disposições exteriores de aparelhos de pedra de talhe, grossas peças de serralheria, moveis communs, etc. Emprego de tintas aguadas para exprimir a natureza dos materiaes. Emprego das tintas aguadas em planos e cartas.

X.— *Elementos de sciencias physicas e naturaes.* — Noções de sciencias naturaes, revisão, com extensão, do curso médio.

O homem: — Noções sobre a digestão, a circulação, a respiração, o systema nervoso, os orgãos dos sentidos. Conselhos praticos de hygiene. Abuso do alcool, do fumo, etc.

Os animaes: — Grandes traços de classificação. Animaes uteis e nocivos.

Os vegetaes: — Partes essenciaes da planta; principaes grupos. Herborisações.

Os mineraes: — Noções sobre o sólo, as rochas, os fosseis, os terrenos; exemplos tirados do local. Excursões e pequenas collecções.

Primeiras noções de physica: Gravidade. Peso dos corpos. Alavanca. Primeiros principios de equilibrio dos liquidos. Pressão atmospherica: barometro.

Noções muito elementares e experiencias facéis sobre o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo (thermometro, machina a vapor, pára-raios, telegrapho, bussola).

Primeiras noções de chimica:— Idéa dos corpos simples e compostos. Metaes e seus usos.

XI.— *Agricultura e horticultura*.— Noções mais methodicas sobre os trabalhos agricolas, os utensis aratorios. Drenagem. Os adubos e estrumes naturaes e artificiaes. Semeadura e colheita.

Noções sobre os animaes domesticos e contabilidade agricola.

Noções de horticultura:— Principaes processos de multiplicação dos vegetaes mais uteis do local.

Noções de arboricultura:— Enxertos mais importantes.

XII.— *Canto*.— Continuação do curso médio. Exercicios de entoação. Clave de *Sol* e clave de *Fa*. Gamma diatonica maior, intervallos naturaes. Signaes que alteram. Principaes tons maiores e menores. Duração. Exercicios de solfejo, dictados, execução de trechos a uma e a duas partes.

EDUCAÇÃO MORAL

Resumo do programma dos tres cursos da escola primaria

CURSO ELEMENTAR (7 a 9 annos)

Conversações familiares. Leitura com explicações (narracões, exemplos, maximas, parabolae e fabulas). Ensino pelo coração.

Exercicios praticos tendentes a collocar a moral em acção na propria classe:

1º, pela observação individual dos caracteres (tendo em conta as predisposições das creanças para corrigir seus defeitos com doçura e desenvolver as boas qualidades);

2º, pela applicação intelligente da disciplina escolar, como meio de educação (distinguir cuidadosamente a falta do cumprimento do dever da simples infracção do regulamento; dar, na direcção da classe, exemplo de um escrupuloso espirito de equidade, inspirar o horror da delação, da dissimulação, da hypocrisia, collocar acima de tudo a franqueza, a inteireza, a rectidão, não desanimando as creanças no seu modo de falar franco, de pedir ou reclamar, etc.);

3º, pelo appello incessante ao sentimento e á consciencia da propria creança (fazer sómente os alumnos juizes da sua propria conducta, fazel-os estimar, sobretudo, o esforço moral

e intellectual, saber deixal-os dizer e fazer, conduzindo-os habilmente a que elles descubram por si mesmos seus erros aggravos e injustiças);

4º, pela emenda de noções grosseiras (preconceitos e superstições populares, crenças em feiticeiros, lobishomens, almas do outro mundo, na influencia de certos numeros, terrores loucos e extravagantes, etc.);

5º, pelo ensino tirado dos factos observados pela propria creança: fazel-a sentir as tristes consequencias do vicio de que ella tem por vezes o exemplo diante dos olhos: da embriaguez, da preguiça, das rixas, da maldade, dos appetites brutae, inspirando-lhe tanta compaixão pelas victimas do mal quanto horror por esse mesmo mal; proceder pelo caminho dos exemplos concretos e appellar para a experiencia immediata das creanças, afim de inicial-as nas emoções moraes: leval-as, por exemplo, ao sentimento de admiração pela ordem universal e ao sentimento religioso, fazendo-as contemplar algumas grandes scenas da natureza; ao sentimento da caridade, mostrando-lhes uma miseria a alliviar, dando-lhes occasião de realizar um acto de caridade, acompanhando-a de discreção; aos sentimentos de reconhecimento e sympathia pela narração de um acto de coragem, pela visita a um estabelecimento de beneficencia, etc.)

CURSO MÉDIO (9 a 11 annos)

Conversações familiares, leituras com explicações, exercicios piaticos.

Mesmo modo e mesmos meios de ensino que no curso elementar, com um pouco mais de methodo e de precisão. Coordenar as licções e as leituras de fórma a não omittir nenhum ponto importante do seguinte programma:

I.— *A creança na familia.* Deveres para com os paes e os avós.— Obediencia, respeito, amor, reconhecimento.— Ajudar os paes nos seus trabalhos; allivial-os nas suas molestias; auxilial-os na velhice.

Deveres dos irmãos e irmãs.— Amarem-se uns aos outros; protecção dos mais velhos aos mais moços; acção do exemplo.

Deveres para com os servidores.— Tratal-os com polidez e bondade.

II.— *A creança na escola.*— Assiduidade, docilidade, trabalho, conveniencia, decencia.— Deveres para com os professores.— Deveres para com os camaradas e os collegas.

A patria.— A França, suas grandezas e suas desgraças. Deveres para com a patria e a sociedade.

III.— *Deveres para consigo mesmo.*— O corpo: asseio, sobriedade e temperança; perigos da embriaguez; gymnastica.

Os bens exteriores.— Economia; evitar as dividas; fustos efeitos da paixão do jogo; não gostar demasiadamente do dinheiro e do ganho; prodigalidade, avareza. O trabalho (não perder tempo, obrigação do trabalho para todos os homens, nobreza do trabalho manual).

A alma.— Verdade e sinceridade; nunca mentir. Dignidade pessoal, respeito de si mesmo — Modestia: não fechar os olhos aos seus defeitos — Evitar o orgulho, a vaidade, a garridice, a frivolidade. Ter vergonha da ignorancia e da preguiça. Coragem no perigo e na desgraça; paciencia, espirito de iniciativa — Perigos da colera.

Tratar os animaes com doçura, não fazel-os soffrer inutilmente. Lei Grammont. Sociedades protectoras dos animaes.

IV.— *Deveres para com os outros homens.*— Justiça e caridade (não façais aos outros aquillo que não querieis que vos fizessem, fazei aos outros o que quereis que vos façam). Não offendais a vida, a pessoa, os bens e a reputação de outrem. Bondade. Fraternidade. Tolerancia. Respeito às crenças alheias.

(*N. B.*)—Em todo este curso, o professor tomará por ponto de partida a existencia da consciencia, da lei moral e da obrigação. Appellará para a idéa e o sentimento do dever, da responsabilidade, e não demonstrará pela theoria.

V.— *Deveres para com Deus.*— O professor não está encarregado de fazer um curso *ex-professo* sobre a natureza e os attributos de Deus. O ensino que deve dar a todos indistinctamente se limita a dous pontos:— primeiramente, ensinará a não pronunciar com leviandade o nome de Deus; associará profundamente no espirito dos seus alumnos, à idéa da causa primaria e do Ser perfeito, um sentimento de respeito e de veneração; habituará a envolver com o mesmo respeito esta noção de Deus, embora mesmo se trate de fórma diferente da sua propria religião.

Em seguida, e sem se preoccupar com as prescripções especiaes às diversas communhões, o professor empregará esforços para fazer comprehender e sentir à creança que a primeira homenagem que ella deve à divindade é a obediencia às leis de Deus, taes quaes lhe aconselham a consciencia e a razão.

CURSO SUPERIOR (11 a 13 annos)

Conversações familiares, leituras, exercicios praticos como nos cursos elementar e médio. Este comprehende a mais, em uma série regular de licções, cujo numero e ordem poderão variar, um ensino elementar da moral em geral e, mais particularmente, da —*moral social*—, conforme o programma abaixo :

1.º *A familia*.— Deveres dos paes e dos filhos; deveres reciprocos dos professores e servidores; o espirito de familia.

2.º *A sociedade*.— Necessidade e utilidade da sociedade. A justiça, condição de toda a sociedade. A solidariedade, a fraternidade humana.

Aplicações e desenvolvimento da idéa da justiça; respeito da vida e liberdade humana, respeito da propriedade, respeito da palavra dada, da honra e da reputação de outrem. A probidade, a equidade, a lealdade, a delicadeza. Respeito ás opiniões e crenças.

Aplicações e desenvolvimento da idéa de caridade, de fraternidade. Seus diversos graus, deveres de benevolencia, de reconhecimento, de tolerancia, de clemencia, etc. A abnegação, fôrma suprema da caridade: mostrar que ella pôde achar logar na vida quotidiana.

3.º *A patria*.— O que o homem deve á sua patria (a obediencia ás leis, o serviço militar, disciplina, abnegação, fidelidade á bandeira).— O imposto (condemnação de toda a fraude contra o Estado).— O voto (é moralmente obrigatorio, deve ser livre, consciencioso, desinteressado e franco).

Direitos que correspondem a esses deveres:— liberdade individual, liberdade de consciencia, liberdade de trabalho, liberdade de associação. Garantia da segurança da vida e dos bens de todos. A soberania nacional. Explicação da divisa republicana:— *liberdade, igualdade e fraternidade*.

Em cada um desses capitulos do curso de Moral Social, far-se-ha notar aos alumnos, sem entrar em discussões metaphysicas :

1.º A differença entre o dever e o interesse, mesmo quando parecem confundir-se, isto é, o character imperativo e desinteressado do dever;

2.º Distincção entre a lei escripta e a lei moral: uma fixa o minimo de prescrições que a sociedade impõe a todos os seus membros, sob penas determinadas; a outra impõe a cada um, no segredo de sua consciencia, um dever que ninguem o força a cumprir, porém ao qual não pôde faltar sem se sentir culpado para comsigo mesmo e para com Deus.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Resumo do programma dos tres cursos da escola primaria

CURSO ELEMENTAR (7 a 9 annos)

1. *Cuidados de hygiene e de limpeza.*— Inspecção das creanças á sua chegada e entrada na aula.— Exigir limpeza absoluta.— Velar sobre os brinquedos e jogos.— Conselhos praticos e dados, quer em commum, quer em particular, sobre a alimentação, vestuario, limpeza do corpo e das roupas.

2. *Gymnastica.*— (Seguir os *Manuaes* distinctos para os meninos e para as meninas, publicados pelo Ministerio). Exercicios preparatorios.— Movimentos, flexões de braços e de pernas.— Exercicios de *halteres e da barra.*— Corrida cadenciada.— Evoluções.

3. *Exercicios militares.*— Para os meninos.

4. *Trabalhos manuaes.*— Para os meninos.— Exercicios manuaes destinados a desenvolver a dextreza das mãos.— Córte de papel-cartão em fórma de solidos geometricos.— Trançado: ajustamento das palhinhas ou varinhas de côres diversas.— Modelação: reproducção de solidos geometricos e de objectos muito simples.

5. *Trabalhos manuaes* para as meninas.— Tricot e estudo do ponto; malha á direita e á esquerda; linhagem; augmento e diminuição. Ponto de marca na talagarça. Elementos de costura: embainhar. Cirzir.— Exercicios manuaes destinados a adextrar a mão, córte e applicação de pedaços de papel de côr.— Pequenos ensaios de modelação.

CURSO MÉDIO (9 a 11 annos)

1. *Cuidados de hygiene e limpeza.*— Continuação dos meios adoptados no curso elementar.

2. *Gymnastica.*— Continuação dos exercicios de extensão e flexão dos braços e pernas.— Exercicios com as *halteres.*— Exercicios da *barra*, das *argolas*, da *escada*, da *escada de corda*, das *barras de suspensão*, das *barras parallelas fixas*, do *mastro horizontal*, das *pêrchas*, do *trapezio.*— Evoluções.

3. *Exercícios militares* para os meninos.— Exercícios de marchas, de alinhamento, de formatura por pelotões, etc.— Preparação para o exercício militar.

4. *Trabalhos manuaes* para os meninos.— Construcção de objectos de papelão revestidos de desenhos coloridos e de papel de côr.— Pequenos trabalhos de arame e grade.— Ajustagem de arame e de pão; gaiolas.— Modelação: ornamentos simples de architectura. Noções sobre as ferramentas mais usadas.

5. *Trabalhos manuaes* para as meninas.— Tricot e concerto de malha. Marca sobre talagarça. Elementos de costura: ponto de frente, ponto de lado e ponto atraz. Ponto de cirzir.— Costura simples, embainhar, costura dupla. Bainhas de orla e de dobra. Confeção de trabalhos de costuras simples e faceis (toalhas de mão, de rosto, lenços, aventaes, camisas) remendos.

CURSO SUPERIOR (11 a 13 annos)

1. *Cuidados de hygiene e limpeza*.— Continuação dos meios adoptados nos cursos elementar e médio.

2. *Gymnastica*.— Continuação dos exercicios dos cursos elementar e médio.— Exercícios de equilibrio sobre um pé.— Movimentos dos braços, de combinação com a marcha.— Exercícios a dous com a barra.— Corridas.— Saltos; exercicio do pão (para os meninos).

3. *Exercícios militares* para meninos.— Escola do soldado sem armas.— Principios dos differentes passos de marchas.— Alinhamento.— Marchas, contramarchas. Mudanças de direcção.

4. *Trabalhos manuaes* para meninos.— Exercícios combinados de desenho e de modelação: *croquis* tirados de objectos a executar e construcção desses objectos pelo *croquis*, ou vice-versa.— Estudo das principaes ferramentas empregadas nos trabalhos de madeira.— Exercícios praticos graduados.— Aplinar. Côte de pão. Ajustagens simples. Caixas pregadas ou ajustadas. Torno para madeira, torneagem de objectos simples.— Estudos das principaes ferramentas empregadas nos trabalhos de ferro, exercicios da lima. Aparar objectos brutos de forja ou sahidos da fundição.

5. *Trabalhos manuaes* para meninas.— Tricot de saias, espartilhos, colletes, luvas. Marca sobre panno. Posponto. Prégas. Casas para botões.— Concertos em roupas. Cerzi-

duras.—Noções do côrte e confecção das vestimentas mais facéis.—Noções muito simples de economia domestica e applicação à cozinha, lavagem e cuidados da roupa. Cuidados com a casa, com o jardim, com o gallinheiro.— Exercicios praticos na escola e no domicilio.

Tratando do objecto da educação intellectual, dizem os Srs. Brouard, inspector geral honorario da instrucção primaria, antigo membro do Conselho Superior e C. Defondon, redactor-chefe do *Manual Geral de Instrucção Primaria*, inspector primario do Sena, o seguinte :

A educação intellectual, tal como a pôde dar a escola primaria publica, é facil de caracterisar. Ella não dá senão um numero limitado de conhecimentos, mas esses conhecimentos são escolhidos de tal maneira que, não sómente asseguram à creança todo o saber pratico de que terá necessidade na vida, como tambem operam nas faculdades, formando o seu espirito, cultivando-o, desenvolvendo-o e constituindo verdadeiramente uma educação.

O ideal da escola primaria não é ensinar muito, mas ensinar bem. A creança que della sahe sabe pouco, mas sabe bem; a instrucção que recebeu é restricta, mas não é superficial.

Não é uma meia instrucção, e aquelle que a possuir não será um meio sabio; visto que o que faz que uma instrucção seja no seu genero completa ou incompleta, não é a extensão mais ou menos vasta do dominio que cultiva, mas a maneira porque é cultivada.

A instrucção primaria, em razão da idade dos alumnos e das carreiras a que elles se destinam, não tem nem o tempo nem os meios de fazel-os percorrer um cyclo de estudos igual ao do ensino secundario; o que ella pôde fazer por elles é que os seus estudos lhes aproveitem tanto e lhes prestem, em uma esphera mais humilde, os mesmos serviços que os estudos secundarios aos alumnos dos lyceus: é que uns, como outros, alcancem do

ensino publico, primeiro que tudo, uma somma de conhecimentos apropriados ás suas futuras necessidades, depois e especialmente bons habitos de espirito, uma intelligencia aberta e perspicaz, idéas claras, reflexão, ordem e precisão no pensamento e na linguagem. « O objecto do ensino primario, como muito bem o disse Greard, não é recolher das diversas materias, em que toca, tudo o que é possível saber, e sim aprender bem de cada uma aquillo que a ninguem é permittido ignorar.»

Tratando do objecto da educação physica, dizem :

A educação physica tem um duplo fim:—Por um lado, fortificar o corpo, firmar o temperamento da creança, collocal-a nas condições hygienicas mais favoraveis ao seu desenvolvimento physico em geral. Por outro lado, dar-lhe cedo essas qualidades de geito e de agilidade, essa destreza de mão, essa promptidão e segurança de movimentos que, preciosos para todos, são mais particularmente necessarios aos alumnos das escolas primarias, destinados na maior parte ás profissões manuaes.

Sem perder seu character essencial de estabelecimento de educação, e sem se trocar em officina, a escola primaria pôde e deve proporcionar aos exercicios do corpo uma parte sufficiente para preparar e predispor, de alguma fôrma, os meninos aos futuros trabalhos do operario e do soldado, as meninas aos cuidados do governo da casa e aos trabalhos proprios da mulher.

E tratando do methodo empregado nas escolas francezas :

Os exercicios do corpo, fazendo diversão ao conjuncto dos trabalhos escolares e das licções propriamente ditas, será geralmente facil de obter que os alumnos empreguem boa vontade e espontaneidade e os considerem como um verdadeiro recreio. A marcha do ensino é regulada com a maior minudencia pela gymnastica e exercicios militares, pelos manuaes publicados sob os auspicios do Ministerio, assim como pelas direcções dadas pelos professores e instructores especiaes.

Para o trabalho manual dos meninos os exercicios se dividem em dois grupos:— um, comprehende os diversos exercicios destinados de um modo geral a desprender os dedos e a fazer adquirir a destreza, a flexibilidade, a rapidez e justeza dos movimentos; o outro grupo comprehende os exercicios graduados de modelação que servem de complemento ao estudo correspondente do desenho, e particularmente do desenho industrial.

O trabalho manual das meninas, além das obras de costura e cõrte, comporta um certo numero de licções, de conselhos, de exercicios por meio dos quaes a professora se proporá, não a fazer um curso regular de economia domestica, mas a inspirar ás meninas, por um grande numero de exemplos praticos, o amor da ordem, fazendo-as adquirir as qualidades sérias, sisudas da mulher dona de casa, e de resguardal-as contra os gostos frivolos ou perigosos.»

Julgo que presto um serviço tornando bem conhecidos os programmas adoptados nas escolas francezas e que este é o escopo principal a que visam os deveres da commissão que me foi confiada.

Neste presupposto e após os programmas, penso ser conveniente dar aqui o modo, aconselhado officialmente aos professores francezes, de pôr em execução os programmas, resumidos, que acabei de apresentar.

Eis os conselhos e direcções que são dados a esses professores para a execução dos programmas :

LEITURA CORRENTE COM EXPLICAÇÃO DAS PALAVRAS (Vid. o programma)

Curso elementar

O ensino deve ser collectivo e dirigido pelo professor.

A licção de leitura consiste, para os principiantes, no estudo dos sons e das articulações e nas suas principaes combinações.

Ella se faz com o auxilio de um grande quadro comprehendendo os principaes elementos de leitura e tambem por meio desses mesmos elementos traçados pelo professor no quadro negro.

Os alumnos se servirão utilmente da ardosia para reproduzir os elementos da leitura ; poderão desta maneira ter bem à vista o estudo da leitura e da escripta, iniciando-se ao mesmo tempo com a orthographia.

Logo que os alumnos estão sufficientemente preparados, são admittidos à leitura corrente e collocados entre os collegas que podem contribuir para dirigil-os.

Para os alumnos mais adiantados, a leitura no livro é logo collectiva, lenta e syllabada. Os mesmos trechos são lidos uma segunda vez correntemente por todos os alumnos juntos e depois individualmente.

Todo o trecho é lido previamente pelo professor, que chama a attenção dos alumnos para as pausas, as entonações, o sentido das phrases e significação das palavras.

E' na licção de leitura, e a proposito das palavras lidas e explicadas, que o professor achará sempre occasião de dar algumas noções interessantes e uteis sobre os objectos communs, e sobretudo alguns conselhos moraes.

LEITURA CORRENTE COM EXPLICAÇÕES

Curso médio

O professor deve sempre ler, todo ou em parte, o pedaço que escolheu e preparou para servir de texto à licção de leitura. Fará notar a entoação geral que convém dar e chamará a attenção para as pausas e ligações. Explicará o sentido do trecho e fará que os alumnos o resumam verbalmente ou por escripto. Procederá depois à leitura propriamente dita, collectiva ou individual.

ESCRIPTA — PRIMEIROS ELEMENTOS

Curso elementar

O professor lembrará no começo de cada classe os preceitos relativos à posição do corpo, do caderno e da penna.

O objecto da licção é sempre exposto no quadro negro. O professor procede depois à correccção individual dos cadernos.

Os defeitos que se reproduzirem em muitos cadernos fazem o assumpto de uma observação geral acompanhada de demonstração no quadro negro.

Está auctorizado o uso dos cadernos preparados, mas o emprego destes cadernos não dispensa nunca o professor de expor a lição e indicar as correções no quadro negro. Elle vigiará que os preceitos relativos à posição do corpo, do caderno e da penna sejam sempre observados quando o alumno escreve.

LINGUA FRANCEZA (Ensino grammatical propriamente dito)

Curso elementar

Toda a lição é explicada pelo professor antes de ser dada para estudar ao alumno. A exposição da lição é feita no quadro negro com exemplos escolhidos pelo professor. As definições e regras são tiradas da explicação destes exemplos. Os exercicios de applicação comprehendem primeiramente palavras representando seres ou cousas que a creança conhece, depois pequenas phrases sobre noções communs. Estas palavras e phrases são escriptas por todos os alumnos nos seus cadernos, logo que um delles ou o proprio mestre as escreveu no quadro negro.

Para os exercicios de conjugação, o verbo deve sempre fazer parte de uma phrase simples e curta. O professor aproveita os exercicios de applicação para corrigir as expressões e o modo de dizer incorrectos, empregados pelas creanças nas suas conversações quotidianas.

LINGUA FRANCEZA

Curso médio

O ensino do francez tem por fim não só o conhecimento da lingua franceza, como tambem a cultura da intelligencia e o desenvolvimento do senso moral. Todos os exemplos devem ser, portanto, explicados sob esse triplice ponto de vista.

O objecto da lição é, primeiro que tudo, exposto no quadro negro. O professor parte dos exemplos para levar os alumnos a deduzir as definições e as regras. Todo o exemplo, todo o

exercício, por elementar que seja, deve comprehender o enunciado de uma proposição completa. Os deveres de applicação serão curtos e corrigidos com cuidado. Os dictados, igualmente curtos, serão tirados de auctores classicos; tratarão de questões moraes, historicas, geographicas, agricolas, commerciaes, etc.

Os exercicios de redacção têm logar todo o anno. Simples e graduados, têm logo por objecto a composição de pequenas phrases sobre assumptos conhecidos das creanças; comprehendem depois a narração de uma passagem historica, o resumo de uma leitura, cartas familiares, etc.

HISTORIA (Principios e processos geraes)

Curso elementar

Objecto e divisões do ensino historico. As licções consistem em narrações e conversações sobre os principaes personagens.

O professor, depois de ter recordado summariamente o assumpto da licção anterior, fará conhecer o assumpto da nova licção. Depois começará esta licção a isso fazendo concorrer os proprios alumnos por questões bem conduzidas que provoquem e mantenham a attenção, despertem a curiosidade, exercitem seu julgamento, desenvolvam entre elles o senso moral e os sentimentos patrioticos. Cada licção é depois resumida em algumas palavras claras e facéis de reter, que os alumnos mais adiantados poderão encontrar facilmente e decorar em uma obra apropriada à sua idade.

Todas as vezes que se encontre na licção de historia um nome de logar geographico, o professor o fará procurar ou mostrará immediatamente na carta.

Durante o primeiro anno ou na divisão que pertence à classe infantil, o professor colherá seus assumptos em toda a historia da França. No segundo anno ou para a divisão verdadeiramente elementar, que deve estar proxima do curso médio, insistirá particularmente sobre « — os maiores personagens e feitos principaes da historia nacional até ao começo da guerra dos *Cem annos* ».

Curso médio

Cada licção é exposta primeiramente pelo mestre. Nesta exposição, logo que se trate de factos importantes, esforçar-

se-ha para que os alumnos descubram as causas ; e tratará de fazer buscar e apreciar as consequencias.

Afim de habitual-os a exprimir e encadear as idéas, elle fará reproduzir os resumos de viva voz. Os acontecimentos memoraveis e as biographias interessantes são objecto de trabalhos escriptos.

Traçará no quadro negro e fará traçar pelos alumnos no mesmo quadro ou em papel, as cartas da França nas principaes épochas de sua historia. Os paizes, cidades e logares diversos de que tiver falado nas licções, são sempre apontados nas cartas.

Curso superior

Segundo o disposto no programma official, o ensino de historia no curso superior comprehende:— 1º, noções muito succintas sobre a historia antiga ; 2º, noções muito succintas sobre os grandes factos da idade média e dos tempos modernos ; 3º, a revisão da historia de França.

O caminho a seguir para este ensino deve variar, conforme se trate da historia antiga ou dos periodos posteriores. A historia antiga fórma necessariamente um todo á parte ; convém esgotal-a seguidamente, reservando-se a faculdade de a recordar, sempre que as leituras, os dictados, as conversações fornecerem occasião. Poderá mesmo consagrar-se-lhe o primeiro mez do anno.

Os grandes factos da historia da idade média e dos tempos modernos poderão, sem duvida, ser objecto de um curso especial. Mas é mais conforme ao espirito do programma official mistural-os na historia da França. Este procedimento é aliás o unico que está de accordo com o pouco tempo e os recursos de que dispõe a escola primaria.

Depois de algumas conversações sobre o mundo antigo, o professor proseguirá então na historia da França, estendendo-se e insistindo sobre os factos notaveis e exteriores nos quaes a França tomou parte e que espiritos um pouco cultivados não devem ignorar. Si alguns de seus factos notaveis não se ligam directa ou indirectamente á historia da França, elle os introduzirá no seu quadro por meio de digressões habilmente preparadas e procedendo por meio de synchronismos. Porém não perderá de vista que seu fim é especialmente firmar o ensino da historia nacional, dado nos annos anteriores e ajuntar á *revisão methodica*, que fará, dos desenvolvimentos que a idade

dos alumnos não pôde comportar até então ; por necessidade, para economisar tempo, se restringirá aos pontos sufficientemente conhecidos e que nada têm que ver com o conjuncto.

GEOGRAPHIA

Curso elementar

O professor terá o maximo cuidado, primeiramente em fazer comprehender ás creanças, — pela observação attenta, — os accidentes geographicos que ellas têm á vista, ao redor da escola, na communa, no cantão, no departamento, — a significação exacta dos differentes termos da nomenclatura geographica. Não será senão depois destas demonstrações preliminares, muito simples, que passará á demonstração, muito simples tambem, dos pontos geographicos essenciaes do *mappa-mundi*, da Europa e da França.

Curso médio

Este curso é precedido de algumas noções muito simples de cosmographia elementar. A lição de geographia é sempre exposta pelo professor sobre a carta, antes de ser dada a estudar. Os alumnos serão frequentemente exercitados no traçado de cartas sobre o quadro negro e sobre o papel. Viagens em linha recta por agua, em caminhos de ferro, etc., serão tambem objecto de frequentes exercicios escriptos ou oraes.

CALCULO E SYSTEMA-METRICO

Curso elementar

A numeração e as primeiras operações da arithmetica são ensinadas com o auxilio do bolario-contador ou por meio de objectos communs ; as addições, subtracções, multiplicações e divisões se farão sempre sobre numeros concretos. Cada lição é precedida ou seguida de exercicios de calculo mental.

Para a exposição do systema metrico, o professor mostra as medidas, ou os pesos, indica-lhes o uso de cada um e habitúa as creanças a servirem-se delles.

Os problemas ou exercicios de applicação devem ter por objecto questões muito simples, relativas á contabilidade de uma casa de familia, ás profissões e industrias locais, aos trabalhos agricolas, etc.

Curso médio

Como no curso elementar, auxilia-se, para as demonstrações, por objectos que attraiam a attenção.

As operações realizam-se sobre numeros concretos, e os problemas são exclusivamente tirados ás circumstancias da vida real, aos factos da economia domestica, rural e industrial.

As applicações do systema metrico tratam especialmente das medidas de superficie e de volume ; ellas têm por objecto exercicios de extensão e cubagem e algumas operações muito simples de agrimensura.

GEOMETRIA E DESENHO

Curso elementar

No curso elementar, o ensino do desenho tem por objecto exercitar a vista e a mão da creança, preparando-a para distinguir e traçar as figuras geometricas mais elementares. As licções, que não devem durar mais que um quarto de hora, começam com as licções de systema metrico. O professor traça primeiramente a figura no quadro negro, diz-lhes o nome, explica os caracteres e fal-a reproduzir pelos alumnos sobre a ardosia. Exercita-os depois em compor desenhos formados de partes dispostas symetricamente em volta de um ponto. Em seguida, fará desenhar figuras a um simples enunciado e de tamanho dado. Emfim, ensinará a traçar, a mão levantada, a fôrma dos objectos communs e de contorno regular.

(Não se deve fazer neste curso uso algum de qualquer instrumento.)

Curso médio

No curso médio os alumnos desenham sobre papel e a lapis Conté. Terão um duplo decimetro, mas não devem servir-se delle senão como um instrumento de verificação.

As definições das linhas e figuras geometricas, e os meios de que se usa para traçal-as, lhes são ensinadas, mas sem demonstração. Os alumnos são depois exercitados no desenho de objectos que apresentam fôrmas geometricas regulares.

Curso superior

No curso superior os alumnos aprendem a desenhar com os instrumentos e são exercitados em construcções geometricas, fazem esboços, debuxos e desenhos com a escala.

Eis a cópia integral do Regulamento para as escolas publicas de Paris, do qual me foi offerecido um exemplar por Mr. Paul Vignon, director da escola communal da rua Ampère, exemplar esse que remetti para o *Pedagogium*.

REPUBLICA FRANCEZA

Liberdade, igualdade e fraternidade.

Regulamento para as escolas publicas, deliberado pelo Conselho departamental da instrucção publica nas sessões de 23 de Junho de 1888 e 9 de Novembro de 1889.

PREFEITURA DO DEPARTAMENTO DO SENA

A educação das creanças sendo um dos primeiros deveres dos paes para com a sociedade,

E a Republica provendo largamente as despezas desta educação,

Esta escola está aberta para distribuir esse beneficio e é administrada conforme o regulamento abaixo:

REGULAMENTO

Art. 1. As creanças são admittidas desde a idade de 6 até à de 14 annos. Fóra desses limites sua admissão está subordinada à auctorização do inspector da Academia.

Nas communas em que não houver escola maternal, a idade de admissão baixará a 5 annos.

O director da escola póde, com a approvação do inspector da Academia, despedir, por insubordinação ou falta grave, os alumnos de 13 annos de idade completos.

Art. 2. Toda a creança cuja admissão é pedida, deve apresentar ao professor uma certidão de nascimento e um attestado medico, declarando si foi vaccinada ou teve variola e se não soffre molestia de natureza a prejudicar a saude dos outros alumnos. Logo que a creança attinge aos 10 annos de idade, deve, para ser admittida ou continuar na escola, ser revaccinada pelo medico da escola ou o delegado para este fim nomeado pela administração escolar.

Da data dos attestados de vacinação e revaccinação se fará menção no registro da inscripção.

A conducta e os costumes da creança não devem nunca ser um perigo para a moralidade dos seus condiscipulos.

Art. 3. Na escola as creanças não podem ser desviadas de seus estudos, nem mesmo para os exercicios religiosos.

Não se admittie excepção senão para a semana que precede ás primeiras communhões e a pedido escripto dos paes.

Art. 4. O professor não poderá ser distrahido de suas funcções profissionaes durante o tempo da aula.

Art. 5. A guarda da escola está confiada ao professor; elle não permittirá que se faça della uso extranho ao seu destino, sem uma auctorização especial do prefeito.

Art. 6. O porteiro e todas as mais pessoas de serviço da escola estão collocados sob a auctoridade immediata do director ou da directora. Podem ser mudados ou demittidos sob informação destes ultimos.

Art. 7. A escola, pintada e limpa todos os annos pela communa, é conservada, sob a responsabilidade do director, em estado constante de asseio e de salubridade. Para esse fim, será regada e varrida todos os dias, sendo o ar frequentemente renovado. As janellas serão abertas durante o intervallo das aulas, mesmo no inverno.

Art. 8. E' absolutamente prohibida a entrada na escola a todas as pessoas que não áquellas a quem incumbe a vigilancia e inspecção das escolas pelo art. 9º da lei de 30 de outubro de 1886.

Art. 9. Quando o professor tomar a direcção da escola deverá, de accordo com o *mair*e ou seu delegado, fazer o inventario do mobiliario escolar, da bibliotheca, dos archivos, e, se fôr possivel, de sua mobilia pessoal e da de seu adjuncto.

Em Paris este inventario será feito com o concurso dos agentes do armazem escolar.

Art. 10. Toda a representação theatral é prohibida nas escolas publicas.

Art. 11. Toda a subscrição, collecta ou loteria é igualmente prohibida.

Art. 12. Nenhum livro, brochura, impresso ou manuscrito pôde ser introduzido na escola sem auctorização do inspector da Academia.

Art. 13. Nas escolas em que os fornecimentos escolares não são gratuitos, o professor poderá fornecer os objectos necessarios aos seus alumnos. O inspector primario determinará o nome e o preço dos objectos a fornecer. Um quadro assim preparado e visado pelo inspector primario será affixado na escola.

Art. 14. As classes durarão tres horas durante a manhã e tres horas durante a tarde. As da manhã começarão ás 8 1/2; as da tarde á 1 hora, e serão divididas por um recreio de quarto de hora. As portas da escola são abertas ás 8 horas e fechadas ás 8 1/2 da manhã; á tarde, serão fechadas á 1 hora em ponto.

Art. 15. O quadro do emprego do tempo por dia e por hora (horario), é redigido pelo director da escola de accordo com as prescrições do art. 19 da portaria de 18 de Janeiro de 1887. Depois da approvação do inspector primario este *Horario* será affixado nas salas de aula.

Art. 16. As creanças se apresentarão na escola em estado conveniente de asseio. A revista de asseio será feita pelo professor antes de entrarem na classe. Os alumnos que não se apresentarem em estado de asseio poderão ser reenviados ás suas familias, com uma communicação do director.

(Este artigo da lei franceza é muitissimo conveniente. Quem escreve estas linhas sempre assim praticou e folga de encontrar identica recommendação no § 1º do art. 29 do actual Regimento interno das escolas desta Capital, que, nesse ponto, é, com toda a razão, mais exigente que o antigo Regimento ao impôr tal revista sómente uma vez por semana.)

Art. 17. Em compensação a todas as vantagens que a lei lhes confere para a instrucção de seus filhos e sobretudo no proprio interesse dessas creanças, os paes devem auxiliar o professor na sua tarefa quotidiana, prestando-lhe o apoio de

sua auctoridade nas questões de disciplina, comparecendo na escola quando forem chamados e dando as informações que lhe forem pedidas.

Art. 18. As punições admittidas nas escolas publicas, são: 1.º Os maus pontos; 2.º A reprehensão; 3.º A privação parcial do recreio; 4.º A retenção depois da aula, 5.º A imposição de um curto trabalho suplementar na familia; 6.º A exclusão, durante um ou dois dias, sob a responsabilidade do director, communicada á familia, ao inspector primario e á *mairie*.

No caso de incorrigibilidade notoria, esta pena poderá ser augmentada de dois a oito dias com o assentimento do inspector primario, sendo communicada á *mairie* e aos paes.

Esta punição poderá acarretar com urgencia para o alumno a troca de escola.

Uma exclusão de mais longa duração não poderá ser dada senão pelo inspector da Academia.

Art. 19. Não haverá aulas nas quintas-feiras e domingos de cada semana e nos dias feriados.

Art. 20. No dia do funeral de um professor fallecido no exercicio de suas funcções, não haverá aulas na escola a que elle pertence.

Art. 21. Os dias de feriado extraordinario, são:— 1º, o dia da commemoração dos mortos; 2º, os de 31 de Dezembro, 1 e 2 de Janeiro; 3º, a terça-feira de Carnaval; 4º, os dias de festas communaes; 5º, o dia e o dia seguinte da festa nacional. Haverá tambem 10 dias de férias na Paschoa, desde a quinta-feira que a precede até ao domingo seguinte.

Art. 22. A época e duração das férias são fixadas cada anno pelo prefeito em Conselho departamental.

Nenhuma modificação nessa duração poderá ser empregada, salvo em caso particular, communicada pelo prefeito ao Conselho departamental antes de 1º de Agosto (ou 15 dias antes da data geral da abertura das férias).

Art. 23. As auctoridades encarregadas pela lei da vigilancia da instrucção primaria são encarregadas da execução do presente regulamento, que vigorará em todas as escolas de meninos e de meninas do departamento do Sena.

Art. 24. O presente regulamento será affixado nos logares mais visiveis da escola e nas salas de aula.

Art. 25. E' derogado o Regulamento de 8 de Maio de 1886.

Indicações para o emprego do tempo durante uma semana

Curso elementar

MATERIAS DE ENSINO — EXERCICIOS DIVERSOS — RECREIOS	MENINOS E MENINAS	
	Numero de licções	Tempo por semana
Instrucção moral e civica.....	2	1 hora
Leitura.....	10	5 »
Escripta.....	10	5 »
Calculo.....	5	2h 1/2
Calculo mental ou systema metrico.....		
Grammatica.....	5	2h 1/2
Dictado, exercicios francezes.....		
Recitação.....	2	1
Historia.....	4	2
Geographia.....		
Licções de cousas.....	2	1
Canto.....	2	1
Desenho.....	4	2
Trabalho manual ou costura.....	4	2
Gymnastica.....	5	2h 1/2
Recreios.....	10	2h 1/2
		30 horas

Curso médio

MATERIAS DE ENSINO — EXERCICIOS DIVERSOS — RECREIOS	MENINOS		MENINAS	
	Numero de licções	Tempo por semana	Numero de licções	Tempo por semana
Instrucção moral e civica.....	2	1 hora	2	1 hora
Leitura e recitação.....	4	3h 1/2	4	3h 1/2
Escripta.....	4	2 horas	5	2h 1/2
Desenho linear.....	2	2 »	2	2 horas
Arithmica e systema metrico...	5	4 »	5	4 »
Sciencias physicas e naturaes, licções de cousas.....	2	1h 1/2	2	1h 1/2
Lingua franceza.....	5	4 horas	5	4 horas
Historia.....	2	1h 1/2	2	1h 1/2
Geographia.....	2	1h 1/2	2	1h 1/2
Trabalhos manuaes.....	2	3 horas	—	—
Costura.....	—	—	2	2h 1/2
Gymnastica.....	5	2h 1/2	5	2h 1/2
Canto.....	2	1 hora	2	1 hora
Recreios.....	10	2h 1/2	10	2h 1/2
		30 horas		30 horas

Curso superior

MATERIAS DE ENSINO — EXERCÍCIOS DIVERSOS — RECREIOS	MENINOS		MENINAS	
	Numero de lições	Tempo por semana	Numero de lições	Tempo por semana
Instrução moral e civica.....	1	Horas $\frac{3}{4}$	1	Horas $\frac{3}{4}$
Leitura e recitação.....	2	1 hora	2	1 hora
Escripta.....	1	Horas $\frac{3}{4}$	1	Horas $\frac{3}{4}$
Desenho linear.....	1	1 hora	1	1 hora
Arithmetica e systema metrico..	5	4 horas	5	4 horas
Sciencias physicas e naturaes...	1	1 hora	1	1 hora
Historia, geographia e ensino civico.....	4	3 horas	4	3 horas
Lingua franceza e recitação....	5	4h $\frac{1}{2}$	5	4h $\frac{1}{2}$
Hygiene e economia domestica..	—	—	1	Horas $\frac{3}{4}$
Desenho de arte.....	2	3 horas	2	3 horas
Canto.....	2	1h $\frac{1}{2}$	2	1h $\frac{1}{2}$
Trabalho manual e modelação...	2	3h $\frac{1}{2}$	—	—
Gymnastica.....	2	1h $\frac{1}{2}$	5	2h $\frac{1}{2}$
Exercicios militares.....	3	2 horas	—	—
Côrte e confecção.....	—	—	1	2h $\frac{1}{4}$
Costura.....	—	—	1	1h $\frac{1}{4}$
Recreios.....	10	2h $\frac{1}{2}$	10	2h $\frac{1}{2}$
		30 horas		30 horas

ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

Pelo decreto e portaria de 27 de Julho de 1885, as communas que solicitarem o auxilio do ministerio da Instrucção publica para a fundação ou manutenção de um estabelecimento de ensino primario superior, quer por meio de uma subvenção, quer sob a fôrma de concessão de pensões nacionais, devem :

1.º Ser providas de escolas primarias elementares publicas, cujo numero esteja em relação com as prescrições da lei, e cuja installação satisfaça as condições regulamentares.

2.º Obrigar-se a comprehender durante cinco annos, pelo menos, o estabelecimento primario superior no numero dos que dão logar a uma despeza obrigatoria.

3.º Assegurar a gratuidade absoluta do ensino, nas condições previstas pela lei de 16 de Junho de 1881, e não deixar

a cargo da familia senão as despesas da pensão, si houver internato.

4.º Conformar-se, para a organização da escola, ás regras prescriptas pelos decretos e portarias de 2 e 3 de Janeiro de 1882 e de 23 de Dezembro de 1882, e ás disposições seguintes:

TITULO E ORGANIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO

O estabelecimento toma o nome de—*curso complementar*— si fôr annexado a uma escola primaria elemental e collocado sob a mesma direcção; chamar-se-ha—*escola primaria superior*—si fôr installado em um local distincto e sob uma direcção differente da da escola elemental. Entretanto, a reunião sob a mesma direcção de uma escola primaria superior e de uma escola primaria elemental em um mesmo grupo escolar, pôde ser auctorizada pelo ministro, ouvida a opinião justificada do Conselho departamental.

DURAÇÃO DOS ESTUDOS E NUMERO DE CLASSES

A duração dos estudos nos *curso complementares* é, no maximo, de dois annos.

Os *curso complementares* comprehendem a mais, seja qual fôr o numero de alumnos, duas divisões, que podem ser regidas por um professor.

A *escola primaria superior* comprehende, pelo menos, dois annos de estudos; chama-se de — *pleno exercicio* —, si comprehende tres ou mais. Deve conter, pelo menos, tantas classes distinctas quantos são os annos de estudos.

DIRECÇÃO

O diploma superior e a certidão de aptidão pedagogica são exigidos para a direcção de um *curso complementar* ou de uma *escola primaria superior*.

PESSOAL DOCENTE

Os professores encarregados do ensino nos cursos complementares e nas escolas primarias superiores devem possuir o diploma superior. Entretanto, os professores auxiliares podem ser aggregados quer aos cursos, quer ás escolas e encarregados de ensinos especiaes, quando não chegue o corpo docente, a saber:— o desenho e a modelagem, o trabalho manual para os meninos, as linguas vivas, o canto, a agricultura, a gymnastica e os exercicios militares.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO E NUMERO DE ALUNNOS

Nenhum alumno pôde ser admittido em um curso complementar ou em uma escola primaria superior, *se não apresentar certidão dos estudos primarios elementares.*

Não podem ser creados cursos complementares senão nas escolas em que o curso primario elementar estiver organizado de accôrdo com o decreto e os programmas de 27 de Julho de 1882.

A *escola primaria superior* deve contar 20 alumnos, pelo menos, e o *curso complementar* 10 para cada anno de estudos.

O curso complementar será supprimido, se durante todo um anno escolar o effectivo fôr inferior a 10 alumnos.

Em cada estabelecimento os programmas circunstanciados e o horario são fixados, no limite das prescripções ministeriaes, pelo director e professores com a approvação do inspector da Academia para as escolas publicas.

LOCAL

O *curso complementar* deve sempre ser feito em uma sala distincta. A *escola primaria superior* deve dispôr de tantas salas distinctas quantos forem os annos de estudos, e, além disso, de uma sala de desenho que possa receber, em falta de outro

local, as collecções e o material de ensino. A escola de *pleno exercicio* deve ter, tambem, um gymnasio.

Todos os estabelecimentos destinados aos meninos devem ser providos de uma officina em que se possa dar o ensino do trabalho de ferro ou de madeira. Elles devem ter, além disso, as dependencias exigidas pelas escolas primarias ordinarias.

EXTENSÃO E LIMITES DO ENSINO

O ensino nos estabelecimentos publicos de ensino primario superior subvencionados pelo Estado, comprehende a revisão e desenvolvimento de todas as materias enumeradas no art. 1º da lei de 28 de Março de 1882 e definidas pelos programmas annexos ao regulamento de organização pedagogica das escolas primarias de 27 de Julho de 1882. Demais, o ensino de uma lingua viva é *obligatorio* nas *escolas primarias superiores*; os *cursos complementares* podem disso ser *dispensados*.

A extensão e limites do ensino primario superior nas escolas publicas são determinados por cada uma das materias obligatorias pelos programmas prescriptos por decreto de 27 de Julho de 1885. Estes programmas servem ao mesmo tempo de programmas de exames para a obtenção da certidão de estudos primarios superiores.

Cursos accessorios interessando mais particularmente á industria da região podem ser auctorizados pelo ministro, a pedido da Commissão de patronato, approved pelo Conselho municipal, ouvida a opinião do Conselho departamental.

DIVISÃO E EMPREGO DO TEMPO

Nos tres primeiros annos de ensino primario superior, haverá, na média, seis horas de aula por dia (exceptuados os domingos e quintas-feiras). A divisão do tempo deve ser feita

de maneira que cada disciplina tenha por semana, approximadamente, o seguinte numero de horas :

Nove horas para o ensino litterario (moral e instrucção civica, lingua franceza, historia e geographia).

Nove horas para o ensino scientifico (mathematicas, sciencias phisicas e naturaes, passeios escolares).

Quatro horas para as linguas vivas.

Tres horas para o desenho.

Quatro horas para os trabalhos manuaes.

Uma hora para a musica.

Os exercicios gymnasticos e militares far-se-hão fóra das horas ordinarias de aula.

No quarto anno poder-se-ha augmentar o tempo destinado aos trabalhos manuaes e ao ensino profissional, reservando-se, entretanto, 10 horas, pelo menos, por semana, para as outras materias de ensino.

Todos os annos cada director de escola primaria superior, de accôrdo com os professores, fará a divisão das horas de classe entre os differentes professores aggregados á escola. Este regulamento só é executado depois da approvaçãõ do inspector da Academia.

O ensino de desenho, de canto, das linguas vivas, da gymnastica, dos trabalhos manuaes, é, tanto quanto fôr possivel, confiado a professores aggregados á escola.

ADMISSÃO ÀS ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

Qualquer alumno, sem distincção de origem, para entrar em uma escola primaria superior, será obrigado a fazer um exame, presidido pelo director e tendo por examinadores um dos professores da ordem das lettras e outro da das sciencias. Desse exame depende a sua classificacão em um dos annos do curso de estudos do estabelecimento.

EXAMES FINAES

A certidão dos estudos primarios superiores é obtida por um exame final. Para isso ha exames no fim de cada anno escolar, nos logares para esse fim designados por decisão ministerial.

Programma

CURSOS COMPLEMENTARES

EDUCAÇÃO PHYSICA E PREPARAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM
PROFISSIONAL

1. *Gymnastica*— Continuação dos exames do curso superior das escolas primarias, seguindo os Manuaes especiaes para cada sexo, publicados pelo Ministerio.

2. *Exercicios militares* (para os meninos). Continuação dos exercicios do curso superior da escola primaria.

3. *Trabalhos manuaes* (para os meninos). O mesmo programma que nas escolas primarias superiores. (Ver o programma das escolas primarias superiores, que eu apresento em seguida a este.)

4. *Trabalhos manuaes* (para as meninas). Os mesmos trabalhos que para as escolas primarias superiores com menos desenvolvimento. (Ver o programma em seguida ao dos cursos complementares.)

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

1. *Leitura* — Exercicios de leitura em voz alta com explicação ; exercicios de elocução e de pronunciação.

2. *Escrepta* — Cursivo, ronde, bastardo, escripta commercial.

3. *Lingua franceza e elementos de litteratura* — Revisão do curso superior das escolas primarias e continuação com um pouco mais de desenvolvimento. Exercicios oraes e exposições oraes e por escripto, dictados, exercicios sobre syntaxe, leitura com explicações.

4. *Historia* — Revisão methodica da historia da França,

formação de territorio, progresso das instituições nacionaes, grandes acontecimentos dos tempos modernos.

5. *Geographia* — *Geographia physica e politica da Europa e summaria das outras partes do mundo, geographia aprofundada da França, da Algeria e das colonias francezas; traçado, por memoria, de cartas.*

6. *Instrucção civica, direito usual, noções de economia politica* — Revisão do curso superior das escolas primarias.

7. *Arithmetica, geometria, agrimensura e contabilidade* — Revisão e desenvolvimento do curso das escolas primarias.

8. *Elementos das sciencias physicas* — Primeiras noções de physica e chimica por meio de experiencias e explicações simples. Alavanca. Gravidade. Peso dos corpos. Pressões exercidas pelos liquidos. Pressão atmospherica, barometro. Experiencias facéis sobre o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo (thermometro, machina a vapor, para-raios, telegraphos, bússola). Idéa dos corpos simples e compostos. Metaes e seus usos.

9. *Elementos usuaes de sciencias naturaes* — Revisão com extensão, das materias do curso superior das escolas primarias.

10. *Agricultura e horticultura* — Mesmo programma que na escola primaria superior. (Vide o programma em seguida.)

11. *Desenho* — Continuação dos exercicios da instrucção primaria. Desenho a mão levantada, segundo a estampa e o relevo, de ornamentos geometricos, do reino vegetal e noções sobre as ordens de architectura. Desenho da cabeça humana. Desenho geometrico com auxilio dos instrumentos, de traçados geometricos, decorações, solidos e objectos simples. Aquarela a tinta da China e a côr. Aquarelar planos e cartas.

12. *Canto* — Continuação dos exercicios da escola primaria.

13. *Linguas vivas* — Como na escola primaria superior. (Vide o programma.)

EDUCAÇÃO MORAL

O ensino tem o mesmo caracter que na escola primaria; essencialmente pratico e experimental, tem, sobretudo, por fim formar o senso moral do alumno e nelle exercital-o.

Os meios de educação a empregar são tambem as conversações, as leituras, os exercicios praticos da moral em acção por exemplos colhidos na propria vida do alumno. O ensino comprehende, além disso, uma série regular de lições formando a revisão methodica dos estudos do curso médio e do curso superior das escolas primarias, segundo o programma seguinte:

1.º *A familia*: — Deveres dos paes e dos filhos. Deveres reciprocos dos professores e dos servidores; espirito de familia.

2.º *A sociedade*: — Necessidade e beneficios da sociedade. A justiça, condição de toda a sociedade. A solidariedade e fraternidade humanas. Applicações e desenvolvimento da idéa de justiça; respeito da vida e liberdade humanas; respeito da propriedade; da palavra dada; da honra e da reputação alheias. A probidade, a equidade, a lealdade, a delicadeza. Respeito das opiniões e das crenças.

Applicação e desenvolvimento da idéa de *caridade* ou de *fraternidade*. Seus graus, deveres de benevolencia, tolerancia, clemencia, etc. A dedicação,— forma suprema da caridade: mostrar que ella póde achar em que exercitar-se na vida quotidiana.

3.º *A patria*: — O que o homem deve á patria (obediencia ás leis, serviço militar, disciplina, dedicação, fidelidade á bandeira). O imposto (condemnação de toda a fraude contra o Estado). O voto (elle é moralmente obrigatorio e deve ser livre, consciencioso, desinteressado e esclarecido). Direitos que correspondem a esses deveres. Liberdade individual, de consciencia, de trabalho, de associação. Garantia da segurança da vida e dos bens de todos. A soberania nacional. Explicação da divisa republicana:— liberdade, igualdade e fraternidade. Em cada um desses capitulos do curso de moral social far-se-ha ver aos alumnos, sem entrar em discussões metaphysicas: 1º — a differença entre o dever e o interesse mesmo, quando elles parecem confundir-se, isto é, o character imperativo e desinteressado do dever; 2º — a distincção entre a lei escripta e a lei moral: uma fixa um minimo de prescripções que a sociedade impõe a todos os seus membros sob penas determinadas; a outra impõe a cada um, no segredo de sua consciencia, que ninguem o obriga a cumprir, mas ao qual ninguem falta sem se sentir culpado para comsigo mesmo, para com a sociedade e para com Deus.

ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

EDUCAÇÃO PHYSICA E PREPARAÇÃO PARA O APRENDIZADO PROFISSIONAL

1. *Gymnastica* — Movimentos de conjuncto. Exercicios com apparelhos, seguindo a segunda parte dos *Manuaes* publicados pelo Ministerio.

2. *Exercícios militares* — Revisão da escola do soldado sem armas; mechanismo dos movimentos em ordem dispersa. Marchas militares e topographicas. Exercícios preparatorios para o tiro. Noções sobre as linhas de tiro. Estudo pratico sobre o mechanismo da espingarda. (Conformar-se com o Manual especial publicado pelos Ministerios da instrucção publica e da guerra.)

3. *Trabalhos manuaes* (para meninos) — Principaes madeiras empregadas nas construcções ou nas machinas. Suas qualidades e usos. Principaes ferramentas empregadas no trabalho de madeira. Diversos trabalhos sobre madeira: serradura, furar, torneiar, trabalhos de plaina, rebote, etc., conjunctos diversos.

Trabalho de ferro. — Propriedades, variedades, qualidades e uso do ferro. Principaes ferramentas empregadas commumente no trabalho do ferro.

Trabalho á lima, a martello, a forja, soldadura, gravar, ferrar, torneiar, conjunctos diversos, ajustagem. Construcção e execução de objectos simples em madeira ou ferro, conforme o desenho.

4. *Trabalhos manuaes* (para meninas) — Programma desenvolvido sobre trabalhos proprios a uma dona de casa. Trabalhos de jardim (noções de agricultura e floricultura). Trabalhos de costura.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

1. *Leitura* — Leitura com explicações e analyses. Recitação. Exercícios de dicção.

2. *Escrepta* — Cursivo, ronde, bastardo, escripta commercial, calligraphia.

3. *Lingua franceza e elementos de litteratura*. — Revisão e desenvolvimento do curso superior das escolas primarias. Revisão da syntaxe. Formação e familias de palavras. Synonymos. Exercícios sobre a proposição. Coordenação e subordinação dos membros da phrase.

Principios de composição. Noções sobre a historia da litteratura franceza. Exercícios de composição, descrevendo objectos, pensamentos moraes, etc. Narrações, cartas.

4. *Historia* — Noções sobre os grandes acontecimentos dos tempos antigos e da idade média. As grandes invenções: a descoberta da bussola, da polvora, do papel, da imprensa. Descoberta do Novo Mundo. Historia da França. Historia universal.

5. *Geographia* — Geographia geral.

6. *Instrucção cívica, direito usual, noções de economia politica* — Desenvolvimento do curso primario. Noções mais aprofundadas sobre a organização politica, financeira, administrativa e judiciaria da França.

Noções elementares de direito civil. Noções de economia politica e direito commercial.

7. *Arithmetica, geometria, agrimensura e contabilidade*. — Revisão e desenvolvimento do curso primario. Operações sobre inteiros, sobre fracções ordinarias e decimaes. Raiz quadrada. Regra de tres. Razões e proporções. Grandezas proporcionaes. Systema metrico. Applicações numerosas e especialmente sobre as medidas de superficie e de volume.

Algebra. Elementos de calculo algebrico. Equações do 1º e do 2º grau. Principaes propriedades das progressões arithmeticas e geometricas. Idéa geral sobre logarithmos.

Uso das taboas de logarithmos a 4 ou 5 decimaes. Applicações aos interesses compostos e ás annuidades.

Geometria plana e levantamento de planos. Problemas topographicos simples. Noções de geometria no espaço e applicações. Linhas trigonometricas. Exercicios sobre a resolução do triangulo rectangulo.

Agrimensura — Operações feitas directamente sobre o terreno. Avaliação das superficies sobre os planos desconhecidos. Problemas de agrimensura. Planta cadastral. Nivelamento. Emprego do nivel d'agua. Mira. Leitura das cartas topographicas.

Primeiras noções de commercio e contabilidade.

8. *Elementos de sciencias physicas* — Noções sobre os tres estados dos corpos; propriedades dos liquidos e dos gazes, pressão atmospherica, o barometro.

Noções experimentaes sobre os efeitos do calor, o thermometro, o vento, a chuva, a neve, os principaes phenomenos electricos, o para-raios.

Equilibrio dos liquidos, vasos communicantes. Prensa hydraulica, corpos fluctuantes. Areometros e seu uso.

Lei de Mariotte. Manometros. Bombas. Syphão.

Dilatação dos corpos pelo calor. Applicações. Conductibilidade e applicações.

Origens do calor. Aquecimento.

Mudança de estado: fusão, evaporação, ebullicão, distillação. Emprego do vapor como força motriz.

Phenomenos electricos. Pilhas. Applicações da electricidade, galvanoplastia, luz electrica.

Iman. Emprego da bussola. Electro-imans. Telegrapho. Producção dos sons. Echo.

Reflexão da luz, espelhos planos e concavos. Imagens dos objectos pelas lentes ; uso da lente, do microscopio, dos oculos. Noções de mechanica physica. Movimentos. Forças. Idéa do trabalho das forças motoras a vapor. Applicações industriaes.

Chimica — Introducção ao estudo da chimica por exercicios de observação. Agua. Ar. Experiencias. Propriedades da agua e do ar. Analyse e synthese da agua. Metalloides e metaes mais uteis. Oxigenio, Hydrogenio. Azoto. Enxofre. Chloro. Phosphoro. Carvão. Ferro. Zinco. Estanho. Cobre. Mercurio. Prata. Ouro. Platina, etc. Noções sobre acidos, oxidos e saes. Noções de chimica organica:— 1º, sob o ponto de vista da industria: Gaz de illuminação. Benzina. essencia de therebentina. Petroleo. Sabão. Velas. Polvilho. Assucar. Fabricação de alcool. Papel. Materias colorantes naturaes e artificiaes. Tintura. Conservação da madeira, etc.; 2º, sob o ponto de vista agricola: Fabricação do pão. Licores fermentados (vinho, cerveja, cidra). Queijos. Composição dos alimentos. Ovos. Leite. Sanguie. Carne dos animaes. Conservação das materias alimentares. Leis da chimica. Noções sobre os equivalentes, a composição dos corpos em peso e em volume. Principaes applicações industriaes.

9. *Elementos de sciencias naturaes* — Noções sobre a organização do homem. Seus orgãos e funcções. Funcção de nutrição. Funcção de relação. Noções sobre os animaes domesticos e plantas cultivadas. Animaes e plantas uteis e nocivas. Mineraes mais empregados. Classificação dos animaes. Estudo dos vertebrados, especialmente domesticos. Mamiferos e suas principaes ordens. Passaros. Batracios. Metamorphoses. Peixes. Invertebrados. Insectos. Metamorphoses. Os uteis e os nocivos. Os parasitas do homem e dos animaes domesticos. Molluscos. Funcções dos vegetaes e sua qualificação. Vegetaes mais importantes.

Noções de geologia — Tratar principalmente da geologia da região. Phenomenos actuaes. Indicação succinta sobre as rochas eruptivas, os terrenos primitivos. Terrenos sedimentares, fosseis, divisão dos terrenos sedimentares em primarios, secundaros, terciarios e quaternarios.

Hygiene — Conselhos sobre os cuidados do corpo. Alimentos, vestimentas, aquecimento, illuminação. Conselhos sobre as melhores condições de salubridade em uma casa de habitação e alojamento de animaes domesticos. Hygiene publica: saneamento dos campos, irrigações, drenagem, dessecamento

dos pantanos. Salubridade das cidades, esgotos e latrinas; fabricas, officinas, estaleiros. Primeiros cuidados a empregar em caso de accidentes até à chegada do medico. Precauções a tomar em caso de epidemias.

10. *Agricultura e horticultura* — Noções praticas sobre a vegetação, duração dos vegetaes e modos de sua reproducção, a natureza das terras, etc.

Conhecimento e uso dos instrumentos de cultura. Principaes machinas agricolas.

Principaes operações de agricultura. Principaes culturas da França e particularmente da região. Molestias das plantas e meios preservativos. Legumes, fructos e flôres. Arvores fructíferas. Cuidados que exigem. Cuidados necessarios com os animaes domesticos. Creação de abelhas.

11. *Desenho* — O mesmo programma que para os cursos complementares. Desenho geometrico:—1.º Traçado de geometria plana. Executar em uma escala determinada, e conforme um desenho á vista, um motivo de decoração, de superficie plana; 2.º Projecção. Penetração. Traçados perspectivos. Machinas. Construcções de casas, navios, etc. Desenhos de ornamento.

12. *Canto*. — Exercicios de dicção, entonação e compasso; canto de uma melodia com palavras; execução de córos; estudo do solfejo; leitura, á primeira vista, de uma licção de solfejo em qualquer das claves; dictado musical com transposição das claves. Principios geraes de musica.

13. *Linguas vivas*. — Leitura e escripta. Traducções e explicações. Noções praticas de grammatica. Conversações sobre um assumpto tirado da vida commum, do trabalho manual, do calculo, da vida das plantas e dos animaes, das viagens, etc. Traducção instantanea, por escripto, de phrases muito simples. Interrogações sobre as palavras ou construcções empregadas nos exercicios. Thema oral e escripto. Redacções do genero mais simples.

EDUCAÇÃO MORAL

Noções preliminares. — A responsabilidade moral. A liberdade. O bem. O dever. O direito. A virtude.

Moral pratica. — Deveres domesticos. Deveres das creanças, dos paes, dos irmãos e irmãs entre si, dos esposos entre si, dos paes com os filhos, dos mestres e servidores. O espirito de familia. Deveres civicos: a patria, o Estado e os cidadãos.

A auctoridade publica. A constituição e as leis. Deveres dos cidadãos: obediencia às leis, serviço militar, imposto, voto. Deveres dos governantes; os grandes poderes publicos. O patriotismo. Deveres das nações entre si. Noções sobre o direito das gentes. Deveres geraes da vida social: 1^o — A *Justiça*. Respeito aos outros. Respeito aos outros na vida, na liberdade, na honra e na reputação, nas crenças e opiniões, nos bens, etc. Respeito aos contractos e promessas. Justiça distributiva e remunerativa. Equidade. 2^o — A *Caridade*. Benevolencia e beneficencia. Esmola, bondade, solidariedade. A polidez. Deveres a respeito dos animaes. Deveres pessoases: respeito de si mesmo, verdade, modestia, previdencia, coragem, imperio sobre si mesmo. Desenvolvimento de todas as nossas faculdades: — o trabalho. Deveres religiosos e direitos correspondentes. Papel do sentimento religioso na moral. Liberdade dos cultos. As sancções da moral: relações da virtude e da felicidade. A vida futura e Deus.

O TRABALHO MANUAL NAS ESCOLAS PRIMARIAS

As vantagens dos exercicios dos trabalhos manuaes estão de tal fôrma arraigadas no espirito da administração e da opinião publica que todas ou quasi todas as escolas possuem officinas para estes exercicios. Estes exercicios são destinados a habituar as creanças no manejo das ferramentas, desenvolvendo-lhes a agilidade da mão e a precisão da vista. Elles são uma preparação para a aprendizagem dos officios ou artes a que se destinarem. Demais, têm tambem um grande alcance educativo e moral: — a nobilitação do trabalho, qualquer que seja a sua esphera. A creança habitua-se a respeitar o trabalho em todas as suas manifestações e os preconceitos proprios da gente mal educada ou sem os sentimentos bem formados, que fazem acreditar que um operario, um agricultor, um artista ou um industrial vale menos que um bacharel, um homem de letras ou um diplomata, tendem a desaparecer. Cada individuo, na sua esphera de acção, concorre para o progresso, o desenvolvimento e civilização de sua patria. Só a ociosidade, com

todo o seu cortejo de consequencias funestas e por vezes fataes, pôde fazer o homem desmerecer perante os seus cidadãos.

Ha ainda um ponto de vista importantissimo a attender — o da hygiene, — e os trabalhos manuaes, com criterio e não exagerados, constituem magnificos exercicios hygienicos, eminentemente salutaes. Nas grandes cidades, mais ainda que nos campos, em razão do estiolamento a que estão sujeitos os cidadãos e especialmente as creanças, elles, servindo para despertar o gosto e o amor do trabalho, restauram ou fortalecem as forças depauperadas.

Tambem em Paris só depois dos 10 annos é que as creanças são admittidas a esses trabalhos, attendidas convenientemente as condições physicas de cada uma.

Todas as escolas têm officinas de carpinteria, marceneria e algumas, officinas de ferreiro. As primeiras são as mais communs. Para esses trabalhos ha mestres especiaes que reúnem á competencia profissional e á aptidão propria para lidar com creanças, a moralidade precisa.

Ha tambem um inspector especial encarregado da vigilancia e direcção deste serviço.

Os exercicios de trabalhos manuaes nas officinas são feitos fóra da hora de aula, de modo a não causar prejuizo á educação intellectual, propriamente dita, dos alumnos.

ESCOLAS PROFISSIONAES

Tendo sido nomeada pelo prefeito do Sena uma commissão incumbida do estudo das questões relativas ao ensino profissional, em nome dessa commissão foram apresentados por Mr. Tolain os seguintes principios que presidem á organização dos *cursos* ou *escolas profissionaes*:

« Os estabelecimentos de ensino profissional da cidade de Paris são destinados, não a preparar contra-mestres, mas

operarios escolhidos que possuam os conhecimentos theoricos e technicos precisos para o exercicio intelligente da profissao a que se destinam e na qual deverao continuar as tradições de engenho e bom gosto proprios dos productos da industria franceza.

Estes estabelecimentos devem ser, de algum modo, as escolas normaes das profissões manuaes. O seu fim não é substituirem-se pela aprendizagem particular, nem applicarem-se a todas as especialidades industriaes.

Devem especialmente consagrar-se ás industrias que se podem chamar — *industrias mães*, — industrias que abrangem muitas profissões ou muitas especialidades, que têm numerosos pontos de contacto e que empregam quasi sempre analogos processos de trabalho e tambem quasi sempre igual ferramenta.

A preparação dada nas escolas profissionaes, conservando-se essencialmente technica, tem, portanto, um caracter geral que permite aos alumnos que frequentam estas escolas escolher entre muitas especialidades e empregarem na especialidade que preferirem, os conhecimentos que adquiriram e os processos methodicos cujo ensino se torna cada vez mais difficil na aprendizagem particular, pela divisao das industrias em especialidades que crescem de dia a dia.

Demais, ao passo que adquirem os conhecimentos precisos para uma profissao, os alumnos das escolas municipaes devem, não sómente conservar, como tambem completar, a educaçao geral adquirida na escola primaria.

O programma, portanto, deve, ao lado dos estudos technicos, dar um logar aos estudos classicos, que, desenvolvendo a intelligencia do alumno, contribuem para tornar mais faceis os estudos especiaes exigidos pela sua profissao. »

O decreto de 17 de Março de 1888 fixou o regulamento de administração publica para as escolas manuaes de apren-

dizagem, e a circular ministerial de 30 de Junho de 1888 considera essas escolas semelhantes ás escolas primarias superiores profissionaes, tendo, portanto, identica legislação e identicos programmas.

A lei de 11 de Dezembro de 1880, assignada pelo Sr. Jules Ferry, como ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes, diz que :

As escolas de aprendizagem fundadas pelas communas ou pelos departamentos para desenvolver nos rapazes que se destinam ás profissões manuaes a destreza necessaria e os conhecimentos technicos, entram no numero dos estabelecimentos de ensino publico primario. As escolas publicas de ensino primario complementar, cujo programma comprehende cursos ou classes de ensino profissional, são assimiladas ás escolas manuaes de aprendizagem.

As escolas manuaes de aprendizagem e outras escolas que forem primarias e profissionaes, fundadas e mantidas por associações particulares, entram no numero dos estabelecimentos designados pelo art. 56 da lei de 15 de Março de 1850, como podendo participar de uma subvenção.

O programma de ensino de cada um desses estabelecimentos é decretado segundo um plano elaborado pelos fundadores e approvedo pelos ministros da Instrucção e da Agricultura e Commercio.

O decreto de 17 de Março de 1888, assignado pelo ministro da Instrucção, Leopold Faye, declara que :—as escolas manuaes de aprendizagem e as escolas de ensino primario superior ou complementar, que tenham cursos ou classes de ensino profissional, são collocadas sob a dupla auctoridade do ministro da Instrucção Publica e do ministro do Commercio e da Industria, desde que são fundadas e mantidas pelo Estado, pelos departamentos ou pelas communas.

As escolas nacionaes são creadas por decreto dos dois ministros.

Esses decretos determinam o emprego das subvenções que podem ser abonadas pelos departamentos ou pelas communes. Determinam também para cada escola a composição do Conselho administrativo, cujos membros são nomeados por decretos do ministro da Instrução e parecer conforme do ministro do Commercio e Industria.

As nomeações do director e de todo o pessoal docente são feitas por decretos dos dois ministros de commum accordo. Isto para as escolas nacionaes. Quanto ás outras escolas publicas identicas, o director è nomeado pelo ministro da Instrução, ouvido o parecer do ministro do Commercio.

O decreto de 28 de Julho de 1888, assignado pelos Srs. Lockroy, ministro da Instrução, e Legrand, ministro do Commercio e da Industria, determina os programmas geraes das *escolas manuaes de aprendizagem* e *escolas primarias superiores preparatorias para o commercio ou a industria*.

Ninguem pôde matricular-se nestas escolas antes de 12 annos de idade completos.

Todo o candidato deve, ao inscrever-se, apresentar certidão dos estudos primarios. Na falta deste titulo, passará por um exame de admissão.

Caso o numero de candidatos á matricula seja superior ao de logares disponiveis na Escola, haverá entre os candidatos um cõcurso, que versará sobre as materias da certidão de estudos primarios e um outro sobre o trabalho manual.

Estas escolas asseguram aos alumnos:— 1º, um complemento de instrucção primaria; 2º, uma instrucção profissional, preparando-os para a industria ou para o commercio, sendo que uma mesma escola pôde comprehender estes dois generos de ensino profissional.

O emprego do tempo nestas escolas será dividido conforme as prescripções das tabellas seguintes:

I

Disposições especiaes para as escolas ou classes industriaes

MATERIAS OBRIGATORIAS DO PROGRAMMA GERAL DE ENSINO	DESIGNAÇÃO DOS ANNOS		
	1º ANNO	2º ANNO	3º ANNO
	Horas por dia	Horas por dia	Horas por dia
Ensino primario.....	2 horas	2 horas	2 horas
Trabalhos manuaes.....	3 horas	4 horas	5 horas
Desenho.....	1 hora	1 hora	1 hora
Ensino scientifico e technologico com suas applicações industriaes.....	1 hora	1 hora	1 hora
TOTAL das horas de trabalho.....	7 horas	8 horas	9 horas
Repouso, refeição e recreio.....	2 horas	2 horas	2 horas
DURAÇÃO TOTAL do dia escolar.....	9 horas	10 horas	11 horas

II

Disposições especiaes para as escolas ou classes commerciaes

MATERIAS OBRIGATORIAS DO PROGRAMMA GERAL DE ENSINO	DESIGNAÇÃO DOS ANNOS		
	1º ANNO	2º ANNO	3º ANNO
	Horas por dia	Horas por dia	Horas por dia
Ensino primario.....	1 hora	1 hora	1 hora
Escriptorio commercial.....	2 horas	3 horas	3 horas
Geographia commercial.....	1 hora	1 hora	1 hora
Linguas vivas.....	2 horas	1 hora	2 horas
Desenho.....	1 hora	1 hora	1 hora
TOTAL das horas de trabalho.....	7 horas	7 horas	8 horas
Repouso, refeição e recreio.....	2 horas	3 horas	3 horas
DURAÇÃO total do dia escolar.....	9 horas	10 horas	11 horas

O tempo apresentado nas tabellas acima comprehende as horas de classe e as horas de estudo. A divisão por dia poderá ser modificada em cada escola pelo programma especial, tendo-se cuidado em que o total das horas da semana para cada materia não seja excedido. Nenhuma hora suplementar poderá ser accrescentada nas escolas submettidas quer ao presente programma geral, quer a programmas especiaes, sem uma decisão dos dois ministros, tomada por proposta da Inspeção, ouvida a commissão de vigilancia.

Nas escolas de meninas o total das horas de trabalho será reduzido a 6 horas para o 1º anno, 7 para o 2º e 8 para o 3.º No caso de ser preciso um 4º anno, o programma do tempo será determinado por programmas especiaes.

Os exercicios gymnasticos e militares far-se-hão ás quintas-feiras ou em outros dias fóra das horas de classe.

O pessoal docente de cada escola comprehende no minimo um professor ou um professor adjuncto encarregado do ensino das materias do programma geral, que receberá os vencimentos marcados pelas leis e regulamentos vigentes, e um chefe de officina ou um contra-mestre nomeado e retribuido.

O ensino scientifico e technologico poderá ser confiado quer ao director, quer ao pessoal docente já designado, quer a professores ou mestres auxiliares nomeados para isso. O numero e remuneração dos auxiliares serão fixados para cada escola por decisão dos dois ministros, sob proposta do Conselho municipal.

O numero maximo de horas exigivel dos professores ou adjunctos encarregados do ensino das materias do programma, está fixado em 18 horas por semana. Cada hora de ensino a mais dá-lhes direito a um supplemento nos vencimentos.

O prefeito, si o estabelecimento é departamental; o *maire*, si o estabelecimento é municipal; fixam, sob proposta do director, o numero dos empregos de contra-mestre, chefes e sub-chefes da officina, operarios-instructores e outros individuos

necessarios à aula profissional que se pretende crear na escola. O prefeito ou o *maire* determinam o modo de retribuição deste pessoal.

A França deve o progresso maravilhoso de sua industria às escolas profissionaes. São ellas as fontes, as origens do adiantamento, da perfeição e do bom gosto artistico que presidem a tudo quanto produzem a industria e a manufactura francezas.

O governo e as municipalidades desse paiz, que não regateiam despezas quando se trata do ensino popular em qualquer das suas manifestações, como o provam os dados estatísticos officiaes que apresento, porque comprehenderam pela austera licção da experiencia, que elle é a base do engrandecimento de um povo nos tempos modernos, introduziram em todas as escolas publicas primarias o trabalho manual, proveitosa e utilissima iniciação em alguns dos principaes officios, intelligente preparo para os futuros operarios das grandes fabricas manufactureiras ou para as verdadeiras escolas profissionaes, como as denominadas *Diderot*, *J. B. Say*, *Turgot*, etc., das quaes sahem, ainda em juvenil idade, os perfeitos operarios, instruidos e completos não só na parte pratica do officio, como ainda na parte propriamente technologica e scientifica.

Nas escolas publicas, as creanças de 6 annos (trabalhos nos jardins infantis) aos 15 annos de idade têm todas, salvo unicamente aquellas cuja compleição o não permitta, um certo numero de horas por semana para se dedicarem a esses trabalhos.

Si nem em todas as escolas essas officinas estão perfeitamente preparadas, é comtudo muito grande o numero das que as têm magnificamente montadas e com um pessoal de mestres escolhido e competentissimo, que reúnem às aptidões profissionaes do officio que ensinam, a paciencia, a doçura, a solicidade, a dedicação e outras qualidades que se não podem dispensar nos

que são preceptores da infancia, nos que têm a seu cargo creanças das quaes muitas vão seguir carreiras menos penosas que as que podem proporcionar os officios ou as artes industriaes.

Não raros são os rapazes que, sahindo da escola primaria, dedicam-se a estudos superiores ou a outras profissões, mas que assim sahem da escola conhecendo os elementos de varios officios, sabendo tratar, preparar e manejar as ferramentas de qualquer delles, com aptidões para julgar do valor real de um objecto fabricado no seu paiz ou no estrangeiro, com a competencia precisa para se não deixar illudir facilmente com as exterioridades do mesmo objecto.

Do modo por que trabalham as creanças, da perfeição mesmo dos objectos que sahem das escolas municipaes francezas, destacando-se notavelmente dentre ellas, a escola municipal primaria da rua Tournefort, pôde avaliar-se examinando-se as collecções que nesse genero eu trouxe e que remetti ao *Pedagogium*. Os objectos que fazem parte das collecções por mim trazidas não foram escolhidos para armar ao effeito, foram apanhados nas varias secções, ao acaso, á proporção que os meus olhos ou os do director da escola fixavam-se sobre elles e no meio da infinita variedade e do numero extraordinario, verdadeiramente assombroso que havia, especialmente na referida escola da rua Tournefort. E por honra da verdade mesmo e gloria das officinas de trabalhos manuaes de algumas escolas municipaes de Paris, devo declarar que muitos dos objectos por mim trazidos não representam o que de melhor produzem os alumnos dessas escolas. Depois de formulado o meu desejo de trazer alguns specimens, só trouxe aquillo que me offereceram. Si o dar não é apanagio dos europeus, o pedir tambem não é um dos meus defeitos. Jamais gostei de ser importuno.

A deliberação da municipalidade de Paris, estabelecendo officinas de trabalhos manuaes nas escolas publicas primarias, foi seguida quasi por toda a França, de fórma que esse paiz

conta hoje um grande numero de escolas profissionaes e em quasi todas as escolas primarias de quasi todos os departamentos é professado esse ensino.

Nesse sentido fez aqui entre nós alguma cousa o finado ex-imperador, creando uma escola semi-modelo, mantida pelo seu bolso particular na Quinta da Bôa-Vista, escola em que foram introduzidas algumas officinas, que, seja dito de passagem, poderiam ter dado melhores resultados.

Entretanto, é certo que trabalhos feitos nessas officinas figuraram em uma ou duas das nossas exposições pedagogicas annuaes, attrahindo grandes louvores e conquistando honrosos diplomas.

Acredito tambem que a creação dessa escola e dessas officinas foi inspirada ao ex-monarcha pela visita que fez a algumas das escolas de Paris, por mim citadas, pois que ahi tive occasião de ver o seu nome firmando phrases conceituosas e de applauso no registro dos visitantes.

Como em França, sei que existem na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, na Italia, na Hollanda, na Russia, na Belgica (e em Portugal a *Escola Rodrigues Sampaio*), escolas profissionaes ou officinas de trabalho manual nas escolas publicas, produzindo os mais bellos resultados.

Assim é que na Allemanha, sem contar o ensino technico dado nas escolas primarias, ha perto de 300 escolas de ensino profissional que preparam annualmente milhares de bons operarios.

A Italia possui perto de 80 com uma frequencia de 12.000 alumnos. A Belgica possui perto de 40 com uma frequencia tambem de 12.000 alumnos, e a Hollanda tem 80 escolas frequentadas por 9 a 10.000 aprendizes. Na Allemanha, além das escolas já citadas, ha grandes estabelecimentos especiaes com uma frequencia annual de 10.000 alumnos.

A isso se deve, em grande parte, o progresso da industria ne sses paizes, a barateza dos objectos necessarios á vida, pela

abundancia de fabricas bem montadas e com bons operarios, o papel invejavel que assumem nas exposições internacionaes, a gloria e as vantagens incalculaveis que disso lhes resulta.

Entre nós, nesse ponto, está tudo por fazer. Nada temos, absolutamente nada. Entretanto, é urgente que tratemos da criação das escolas profissionaes e que dotemos as nossas escolas publicas com officinas de trabalhos manuaes. Que, porém, não queiram transformar os professores de nossas escolas, que já são musicos e gymnastas á força, em mestres das officinas de carpinteria, marceneria, serralheria, modelação, etc., que porventura forem creadas.

E' tempo de cuidarmos disso. Exige-o o nosso progresso, exigem-n'ó os impostos pesadissimos com que foram onerados os objectos de primeira necessidade importados do estrangeiro, impostos absurdos que não deveriam ser creados emquanto não tivessemos officinas que fabricassem abundantemente esses objectos, de fôrma que não precisassemos recorrer á importação.

Penso que um povo que sabe ler e que tem o maior numero possivel de escolas profissionaes é o povo mais civilizado. E' na maior abundancia de escolas primarias e de cursos profissionaes, concorrendo para a disseminação do ensino publico, intellectual e materialmente, que se firma o engrandecimento de uma nação. O povo que possuir o maior numero de escolas primarias bem organisadas e, portanto, o menor numero de analfabetos e possuir tambem o maior numero de escolas profissionaes, é para mim o povo mais adiantado.

Cuidemos, pois, quanto antes, de preparar bons operarios; acostumemos o povo ao trabalho, começando pela escola publica primaria. Instituamos ahi desde já o trabalho manual. Introduzamos, quanto antes, a officina na escola popular.

Será essa a maior prova de patriotismo que poderemos dar ao nosso tão querido paiz.

As escolas primarias superiores mais notaveis em Paris, são: as escolas *Turgot*, *Colbert*, *Lavoisier*, *Arago* e *J. B. Say*, São todas gratuitas, excepto o collegio *Chaptal* e *J. B. Say* que admittem internos, semi-internos e externos. No collegio municipal de *Chaptal* o ensino primario superior é mais desenvolvido.

No mesmo genero destas ha escolas do sexo feminino .

COMISSÃO DE VIGILANCIA PARA AS ESCOLAS DO SEXO FEMININO

Nas escolas de meninas, os 3 membros designados quer pelo Conselho geral, quer pelo municipal, para fazerem parte da *comissão de vigilancia e aperfeiçoamento*, comprehenderão uma ou mais senhoras. A comissão reunir-se-ha, ao menos, duas vezes por anno, sob convocação do presidente, podendo ser convocada extraordinariamente.

A comissão é encarregada de velar em geral pelos interesses materiaes do estabelecimento. A comissão nomeará, dentre si, um dos seus membros para se assegurar, por visitas mensaes, do bom estado da escola, assim como designará tambem o medico. Preparará tambem, de accordo com o director, o orçamento da escola.

Cada anno, no mez de Julho, a comissão ouvirá a leitura do relatorio do director sobre a situação moral e material do estabelecimento, e após deliberar, dirigirá aos dois ministros suas observações e propostas.

CURSOS NOCTURNOS

E' grande o numero de *cursos nocturnos para adultos e aprendizes*, com distincção de sexos, que funcionam nas escolas primarias. O ensino nestas escolas, como já disse, comprehende o programma das escolas primarias elementares.

Os cursos nocturnos para adultos, quer os de um, quer os de outro sexo, comprehendem : 1º, *cursos de ensino primario*; 2º, *de canto*; 3º, *de desenho*; 4º, *de ensino profissional*; 5º, *de ensino commercial*.

Os *cursos de instrucção primaria* são destinados ás pessoas que não completaram a instrucção primaria.

Os *cursos de canto* são tambem muito frequentados e no mesmo caso estão os *cursos commerciaes*.

Os *cursos de desenho e modelação*, destinados tambem aos adultos e aprendizes e que funcionam em muitas das escolas communaes, são em grande numero.

O ensino do desenho comprehende: desenho geometrico com todas as applicações, desenho de machinas e de architectura, aquarellas, desenho de ornatos e figuras, cópia de modelos vivos ou em relevo, a modelação e a esculptura.

Estes cursos, que funcionam todas as noites, são dirigidos por professores especiaes com diplomas obtidos por exame.

Além destes cursos, que são todos para o sexo masculino, ha *escolas especiaes de desenho para o sexo feminino*. O ensino nestas escolas é completo na especialidade e suas applicações.

Notam-se ainda:— a *escola das bellas-artes e industrias*, isto é, de *ceramica, vidraria, esmalte, esculptura em madeira, marmore, marfim, metaes, desenho de estofos e pintura decorativa*.

ESCOLAS PROFISSIONAES NOTAVEIS

As escolas nacionaes profissionaes mais notaveis são: a de *Vierzon* (departamento do Cher), destinada a servir de typo para estabelecimentos do mesmo genero e creada por decreto de 9 de Julho de 1881; a de *Armentières* (departamento Nord), creada por decreto de 10 de Março de 1882; e a de *Voiron*

(departamento do Isère), creada por decreto de 26 de Julho de 1882. Todas ellas foram creadas, sendo presidente da Republica, Jules Grévy: pelos Srs. J. Ferry, como ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes, e P. Tirard, como ministro da Agricultura e do Commercio, e são todas escolas primarias superiores e de ensino profissional.

ESCOLAS PROFISSIONAES PARA O SEXO FEMININO

Em Paris tambem existem *escolas profissionaes para o sexo feminino*. Nellas recebem as meninas, que pretendem seguir uma profissão manual, o preparo tecnico apropriado á profissão que vão seguir e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do ensino primario e economia domestica.

Qualquer que seja a profissão que pretendam seguir, ellas têm o curso geral de ensino e o de economia domestica.

O curso de instrucção geral comprehende—as materias do curso superior de ensino primario, escripturação, noções de legislação e desenho com applicações. O curso de economia domestica comprehende os cuidados domesticos, a cozinha, a lavagem de roupa, o engommado, feitiço de roupa, colletes de senhora, flôres artificiaes e bordados.

A idade para a matricula é dos 13 aos 15 annos, sujeitando-se as candidatas a um exame de admissão, quando não possam apresentar a certidão do exame de instrucção primaria.

A duração do curso profissional é de dois annos. Ao ensino primario são destinadas tres horas e ao de trabalhos manuaes quatro horas por dia.

Em muitos desses cursos profissionaes do sexo feminino ha cursos commerciaes para as alumnas que pretendem seguir a carreira do commercio, uma das mais estimadas pela mulher em França, e officinas para o ensino da pintura em porcellana, trabalhos de cabelo, pennas artificiaes, etc.

CURSOS COMMERCIAES

Os *curros commerciaes*, com distincção de sexos, são destinados aos individuos que completarem os estudos primarios e desejem seguir a carreira commercial.

Estes cursos são nocturnos e o ensino é dividido em grau *elementar* e grau *superior*. O grau elementar dura dois annos e um o superior. O programma comprehende, para qualquer dos sexos:—calligraphia, escripturação, arithmetica, francez, correspondencia commercial, geographia, technologia industrial e commercial, linguas vivas (uma das seguintes: inglez, allemão, italiano e hespanhol), legislação, economia politica e economia domestica (para o sexo feminino).

Depois do respectivo exame, os alumnos recebem um diploma.

Estes são de duas especies:—diploma de *estudos commerciaes elementares* e diploma de *estudos commerciaes superiores*.

Após os exames, é enviada uma lista dos alumnos approvados á Camara, ao Tribunal do Commercio e ás principaes casas bancarias e commerciaes de Paris.

Estes cursos são muitissimo frequentados e são, talvez, em numero de 20 para cada sexo na cidade de Paris.

BOLSAS

O Estado fundou e mantem *bolsas nacionaes* (logar gratuito de pensionistas) nos estabelecimentos publicos de ensino primario superior, de meninos e de meninas.

Essas bolsas são de tres especies:—*bolsas de internato*, de *semi-internato* e *familiares* (pensões ás familias de grandes servidores da patria).

As bolsas nacionaes são empregadas quer nas escolas primarias superiores, que reúnem as condições prescriptas pelo

decreto de 27 de Julho de 1885, quer nas familias acolhidas pela auctoridade universitaria.

As bolsas nacionaes são obtidas em concurso, tendo-se em conta a posição de fortuna da familia ou os serviços publicos prestados por seus paes.

Os estabelecimentos particulares de ensino primario superior, designados pelo ministro, podem receber pensionistas do governo nas mesmas condições dos estabelecimentos publicos. Podem receber tambem como externos pensionistas das bolsas.

O ministro determina cada anno e para cada departamento o numero de bolsas, isto é, de pensões.

As bolsas ou pensões nacionaes são concedidas por dois annos, podendo haver prolongação de estudos.

Todos os annos, no lugar principal de cada departamento será aberto um concurso de aptidão ás bolsas fundadas pelo Estado. Esse concurso tem sempre lugar entre 15 e 30 de Abril, sendo a data fixada pelo ministro a mesma para todos os departamentos, annunciada com um mez, pelo menos, de anticipação.

A commissão examinadora é nomeada, em cada departamento, pelo reitor da Academia e compõe-se do :— inspector da Academia, presidente; um inspector de ensino primario, secretario; um director ou uma directora de escola primaria superior, e de dois professores de ensino publico secundario.

Os candidatos ás bolsas fazem sua inscripção de 20 de Março a 10 de Abril, e cada um delles junta ao seu pedido de inscripção:— certidão de nascimento, certidão de estudos primarios, certidão de vaccina e certidão de bom procedimento, assignada pelo chefe do estabelecimento em que estudou.

Os candidatos são divididos em duas séries e passam por um exame correspondente á série a que pertencem. A primeira série comprehende os candidatos de 12 a 14 annos de idade, a segunda os de 14 a 16 annos.

As provas são escriptas e oraes. Os Regulamentos de 3 de Janeiro de 1882 e 18 de Janeiro de 1887, determinam o programma e as materias desse concurso.

Tambem existem as bolsas de estada em outro paiz (pensão no estrangeiro), concedidas aos alumnos das escolas primarias superiores, mediante um concurso.

As condições a cumprir para concorrer a uma dessas bolsas, são:

1.^a — Ter no momento do concurso mais de 16 e menos de 19 annos de idade (entretanto, pôde haver dispensas de idade, concedidas pelo ministro);

2.^a — Possuir a certidão de estudos primarios superiores;

3.^a — Dirigir ao ministro, por intermedio do inspector da Academia, uma petição escripta ou assignada pelo pae ou tutor.

Esta petição deve indicar exactamente o nome, sobrenome, data e logar do nascimento do candidato, assim como a data em que obteve a certidão de estudos primarios superiores. Os directores das escolas ajuntarão a cada petição nesse sentido a data da entrada do alumno na escola e notas minuciosas sobre o seu procedimento, saúde, character, aptidões, applicação e progressos.

As provas do concurso são escriptas: — consistem em uma composição franceza, um thema e uma versão, cujo texto é enviado pelo Ministro. Para a confecção da composição franceza têm tres horas, e tres horas para os outros dois trabalhos reunidos.

As composições, enviadas ao Ministro pelo inspector da Academia, são corrigidas em Paris por uma commissão especial que convida os candidatos admissiveis para um exame oral ante ella e que, após, dirige por ordem de merecimento, comprovado nesses exames, a lista dos candidatos mais dignos de merecer a bolsa no estrangeiro, ao Ministro, que nomeia os que devem tel-a.

ESCOLAS NORMAES PRIMARIAS

As Escolas normaes primarias têm por fim formar professores e professoras competentes e com a aptidão e moralidade necessaria e indispensavel para o bom desempenho das arduas funcções do magisterio. As escolas normaes primarias do sexo feminino fornecem o pessoal docente das escolas maternas infantis e primarias de ambos os graus do sexo feminino. A lei de 1879 creou em todos os departamentos duas escolas normaes, uma para cada sexo, de modo que cada communa tenha os professores precisos. Entretanto, dois ou mais departamentos podem associar-se para a fundação dessas duas escolas, que nesse caso lhes ficarão sendo communs.

A fundação e manutenção dessas escolas normaes pertencem aos departamentos que, se estiverem em precarias condições, terão um subsidio para esse fim, dado pelo ministro da Instrucção publica. Os departamentos que tiverem necessidade desse auxilio, remetterão as plantas dos edificios, que pretenderem construir, ao mesmo ministro.

As escolas normaes primarias são internatos gratuitos e dependem do reitor sob a auctoridade do ministro da Instrucção publica. As escolas normaes podem receber, sob proposta do reitor e approvação do ministro, alumnos semi-internos e externos, nas mesmas condições de gratuidade.

A duração do curso de estudos é de tres annos. Depois de completos os 18 annos de idade, se o alumno já possuir o diploma elementar, os annos que passar na escola normal lhe serão contados para a jubilação e para todas as mais vantagens concedidas ao professor e que exigem tempo de pratica no magisterio.

(A idéa de ser contado o tempo de estudos na Escola Normal para a jubilação e todas as mais vantagens concedidas ao professor, como gratificações addicionaes, etc., me parece utilissima, especialmente quando esses normalistas, como acon-

tece entre nós, prestam serviços relevantes nas escolas, servindo como professores adjunctos. E' esta mais uma vantagem para attrahir ao magisterio algumas vocações.)

A cada escola normal ha uma escola primaria annexa para que os normalistas se exercitem na pratica do ensino; ás escolas normaes primarias do sexo feminino ha uma escola maternal tambem annexa, sendo que, tanto essa escola annexa como a da escola normal do sexo masculino, têm um director.

O programma das escolas normaes comprehende: — instrucção moral e civica; calligraphia; lingua e elementos de litteratura franceza; historia e particularmente a da França; geographia e particularmente a da França; arithmetica; noções de calculo algebrico e escripturação; geometria com agrimensura e nivelamentos (para o sexo masculino); sciencias physicas e naturaes com applicações á agricultura e horticultura (para o sexo masculino); economia domestica (para o sexo feminino); desenho; canto; gymnastica e exercicios militares (para o sexo masculino); trabalhos manuaes (para o sexo masculino); trabalhos de agulha e lavoura (para o sexo feminino); pedagogia; o estudo (facultativo) de uma ou mais linguas vivas, e musica instrumental (sob proposta do director e approvação do reitor). Póde tambem haver outros cursos accessorios com auctorisação do reitor.

Independentemente da direcção material e moral do estabelecimento e da vigilancia do ensino, o director é encarregado de conferencias pedagogicas e dos cursos de pedagogia e moral. Tanto o director como o ecónomo (e a lei de 18 de Janeiro de 1887 determina os deveres de cada um desses funcionarios) residem no estabelecimento. Nas escolas normaes do sexo masculino todos os outros funcionarios são externos. Nas escolas normaes do sexo feminino, os professores e professoras não podem residir fóra do estabelecimento sem auctorização do reitor.

No fim de cada anno escolar é aberto em todos os departamentos da França e Algeria um concurso de admissão ás escolas

normaes, sendo a data fixada pelo ministro. No caso de insufficiencia do numero de candidatos declarados admissiveis, um segundo concurso é aberto antes de funcionarem as aulas.

A inscripção dos candidatos realiza-se de 1º de Março a 30 de Abril. Nenhuma inscripção é feita sem que o candidato apresente os seguintes documentos : — Certidão designando a escola ou escolas que frequentou depois da idade de 12 annos ; certidão de idade ; certidão de estudos primarios ; declaração de que se obriga a servir durante 10 annos no magisterio publico. Este ultimo documento é acompanhado de um outro, em que o pae ou tutor do candidato declare que o auctorizou a contrahir tal obrigação, compromettendo-se a reembolsar o Estado das despezas feitas com seu filho ou pupilo, se este deixar voluntariamente a escola ou o magisterio antes dos dez annos a que se comprometteu. Estes documentos são feitos em papel sellado e devidamente legalizados.

Os candidatos são submettidos, antes do exame, á visita do medico da escola e não podem prestar provas de exame sem que apresentem a certidão de que foram vaccinados e revaccinados ou que tiveram variola, de que não têm nenhuma enfermidade, molestia ou vicio de constituição, que os torne improprios para a funcção do ensino.

Os exames de admissão constam de provas escriptas e oraes, sendo que nas primeiras, ao tratar-se de algum trecho dictado, a pontuação não será dictada. Entre as provas figuram exercicios de gymnastica e exercicios militares (para os rapazes), trabalhos de costura para as meninas, conforme o programma da classe adiantada das escolas primarias. Os resultados do concurso de admissão são proclamados pelo presidente da mesa examinadora, logo que termina o referido concurso.

A não ser nas férias, os dias regulamentares de sahida são os domingos e dias de festa ; nas escolas normaes femininas, as alumnas que não vão para a casa dos seus parentes, sahem a passeio com as professoras.

Todos os alumnos têm um uniforme para os dias de sahida e de passeio collectivo. Nas escolas femininas, as directoras obtêm dos paes ou tutores, no principio de cada anno escolar, uma lista das pessoas com as quaes suas filhas ou pupillas se podem corresponder. As cartas escriptas ás alumnas normalistas devem trazer no *enveloppe* a assignatura da pessoa que as manda. As que não tiverem essa assignatura serão reenviadas aos paes ou tutores.

Quanto aos rapazes, a correspondencia é livre, salvo se houver ordem em contrario de suas familias.

ESCOLAS NORMAES PRIMARIAS SUPERIORES

O ensino nas escolas normaes primarias superiores comprehende o estudo aprofundado das materias ensinadas nas escolas normaes primarias. Além dessas, podem ser ensinadas outras materias, com auctorização do ministro. O 3º anno destas escolas é mais particularmente consagrado á preparação profissional dos alumnos.

Estas escolas podem receber internos e externos. Cada alumno interno tem tambem uma pensão (bolsa), fixada pelo ministro.

Os alumnos são divididos em duas secções, a secção de sciencias e a secção de letras. O numero de alumnos admittido em cada secção é fixado, cada anno, por decisão ministerial. Poderão ser instituidos cursos communs ás duas secções.

Para ser admittido nestas escolas é preciso que o candidato, além de satisfazer as condições de admissão para as escolas normaes primarias, possua mais o diploma superior, ou o dos estudos de ensino secundario ou o do bacharelado, ter mais de 19 e menos de 25 annos de idade. O exame de admissão comprehende provas escriptas, oraes e praticas.

As provas escriptas comprehendem, para os candidatos da secção de letras: 1º, uma composição sobre um ponto de lit-

teratura ou de grammatica; 2º, uma composição sobre um ponto de pedagogia ou de moral; 3º, uma composição sobre um ponto de historia e outro de geographia; 4º, uma composição sobre linguas vivas (versão e thema allemão ou inglez).

Para os candidatos da secção de sciencia: 1º, uma composição sobre um ponto de mathematicas; 2º, uma composição sobre um ponto de physica ou chimica e sobre um ponto de historia natural; 3º, uma composição de desenho geometrico e de ornamento; 4º, uma composição de linguas vivas (versão e thema allemão ou inglez); 5º, uma composição sobre um ponto de pedagogia ou moral. A composição de pedagogia ou moral e a de linguas vivas poderão ser communs aos candidatos das duas secções.

As provas oraes, que podem ser seguidas de interrogatorio, consistem, para os candidatos da secção de lettras: 1º, em uma exposição sobre uma questão de grammatica, ou litteratura, ou historia, ou geographia; 2º, na leitura explicada de um trecho, de bons auctores; 3º, na explicação de um texto inglez ou allemão.

Para os candidatos da ordem de sciencias: 1º, em uma exposição sobre uma questão de mathematicas; 2º, em uma exposição sobre uma questão de physica, chimica ou historia natural; 3º, na explicação de um texto inglez ou allemão.

A prova pratica consiste: para o sexo feminino, em uma prova de trabalho de agulha, e para o sexo masculino, na execução de um trabalho de modelação, sobre madeira ou sobre ferro.

O regimen adoptado nas escolas normaes francezas é o internato.

RECOMPENSAS HONORIFICAS

As medalhas e as menções honrosas de que trata o art. 34 da lei de 30 de Outubro de 1886, são conferidas pelo ministro, no

dia 14 de Julho de cada anno, aos professores e professoras de cada departamento, sob proposta, em commum accordo, do Prefeito e do inspector da Academia, ouvido o Conselho departamental.

As recompensas honorificas constam de :—menção honrosa, medalha de bronze e medalha de prata.

Além destas, ha as medalhas de ouro, o titulo de official da Academia e o de official da Instrucção Publica. Estes ultimos titulos dão direito ao uso de um distinctivo, que eu tive occasião de ver no peito dos directores da escola communal da rua Tanger, Mr. Fabre e sua esposa Mme. Fabre, que já obtiveram a mais alta distincção que podem merecer os professores francezes.

Nenhum professor pôde obter a *menção honrosa* sem contar, pelo menos, cinco annos de serviço como titular.

Nenhum professor pôde obter a medalha de bronze sem ter obtido duas vezes a menção honrosa.

Ninguem pôde obter a medalha de prata sem ter obtido duas vezes a medalha de bronze.

Para obter o titulo de *professor honorario* é preciso contar 25 annos de serviço e ter obtido, pelo menos, uma vez a medalha de bronze.

Os *professores honorarios* são admittidos a tomar parte, tendo voto deliberativo, nas conferencias pedagogicas que se realizarem no cantão em que residam.

Os agraciados têm o seu nome publicado no *Boletim Administrativo* do Ministerio.

DIPLOMAS

O decreto de 18 de Janeiro de 1887, com suas disposições addicionaes, na parte que trata dos titulos de capacidade, fixa os meios de obtenção dos diplomas: *elementar, superior, aptidão pedagogica, aptidão ao professorado nas escolas prima-*

rias superiores e normaes, inspecção das escolas primarias e direcção de escolas normaes, aptidão á inspecção das escolas maternas, aptidão para o ensino das linguas vivas, ensino de trabalho manual, ensino do desenho, ensino do canto, ensino da gymnastica, ensino elementar de trabalhos de costura, de exercicios militares, dando o modo de se effectuarem os exames, quaes as materias do exame, duração dos mesmos, especie das provas, etc.

Por essa mesma lei, as creanças que recebem a instrucção na familia tambem são obrigadas a exame. Esses exames, até aos 13 annos de idade das creanças, têm logar todos os annos, na sala da escola communal ou outro local designado.

Os exames são de accordo com a idade da creança; mais faceis para as creanças de 8 annos de idade e augmentando de difficuldades d'ahi por diante, annualmente.

PASSEIOS ESCOLARES

Por vezes eu vi em Paris, e tive conhecimento de que o mesmo se pratica na Belgica, grande numero de creanças uniformisadas seguindo para um determinado local, sob a direcção de professores. Ora eram escolas publicas, ora escolas particulares.

Soube então que se tratava de passeios escolares e que não raro esses passeios vão até longe, até aos arrabaldes de Paris ou ainda a pontos mais distantes. Para isso ha o auxilio da passagem gratis nas estradas de ferro, com bilhetes fornecidos ao director da escola pela administração da estrada, com a antecedencia precisa.

Não me deterei, Sr. Inspector Geral, em fazer-vos a apologia dos *passeios escolares*, porque vai longo este relatorio. E' mesmo com grande pezar que deixo de transcrever aqui alguns trechos das magnificas paginas de um pequeno e interessante livro publicado em Paris pelo Sr. Paul Berton,

professor nessa cidade, intitulado — *Ensino pelo aspecto na escola primaria* — e no qual se demonstrem cabalmente as vantagens desses passeios, como as dos — *museus escolares*. E' um assumpto muito conhecido e que, penso, dispensa-me de longos commentarios. Entretanto, pretendo traduzir para o nosso idioma não só esse bello e util livrinho do Sr. Berton, como alguns outros bons trabalhos pedagogicos de que fiz aquisição.

NOMEAÇÕES DE PROFESSORES

Parecendo-me curioso o conhecimento da historia dos systemas de nomeação dos professores publicos em França, julgo conveniente dar aqui algumas informações colhidas em um interessante livro, publicado em 1781, por Mr. A. Pinet, inspector do ensino primario do Sena, e relativas a este assumpto.

Diz Mr. Pinet que « os governos que se têm succedido em França desde 1789 têm tido cada um uma lei sobre instrucção primaria, e o modo de nomeação dos professores, que sempre teve consideravel importancia no espirito dos governantes, passou por varias modificações, segundo os regimens. »

Na época da publicação do trabalho de Mr. Pinet, alguns projectos sobre ensino publico eram submittidos à Assembléa Nacional, e como a questão do modo por que deveriam ser feitas as nomeações dos professores, parecia preoccupar a opinião publica, julgou elle de utilidade reunir as legislações successivas que regeram a materia.

Nesse sentido apresenta a legislação relativa à nomeação dos professores primarios desde 1789 até 1871, dividindo-a em sete partes ou periodos, do seguinte modo :

1º	periodo	de	1789	a	1802
2º	»	»	1802	»	1816
3º	»	»	1816	»	1830

4º	periodo	de	1830	a	1833 e 1850
5º	»	»	1850	»	1852
6º	»	»	1852	»	1854
7º	»	»	1854	»	1871

No 1º periodo (1789 a 1802), que comprehende a *Republica*, os professores são nomeados, primeiro que tudo, *pelas familias* e escolhidos n'uma lista de elegibilidade, preparada por um jury especial; mas, desde 1794, são *examinados, eleitos e inspeccionados* pelo jury de instrucção. A nomeação deve ser *submettida á administração do districto*.

No 2º periodo, o *Imperio* (1802 a 1816), os professores são escolhidos pelos *maires* e os *Conselhos municipaes*; mas, a partir de 1808, a *auctorisação de praticar* lhes é entregue pelo Grão-Mestre da Universidade; esta auctorisação é dada ou negada sobre proposta do reitor da Academia.

No 3º periodo, a *Restauração* (1816 a 1830), os professores são *apresentados pelos maires, parochos ou serventuarios á Commissão cantonal*. A *auctorisação de praticar é entregue pelo reitor*. Esta auctorisação é submettida á approvação do Prefeito. De 1824 a 1828, a auctorisação é entregue *pelo bispo diocesano* para as escolas catholicas. Em 1828, volta ao systema estabelecido em 1816; mas já então a approvação do prefeito não é mais necessaria.

No 4º periodo, o *Governo de Julho* (1830 a 1833 e 1850), a nomeação é feita *pela Commissão districtal (arrondissement)* sobre apresentação do Conselho municipal e o *Parecer da Commissão local*. Instituição ministerial.

No 5º periodo, a *Republica* (1850 a 1852), os professores são nomeados pelos *Conselhos municipaes* e escolhidos sobre uma *dupla lista de admissibilidade*, preparada pelo Conselho academico.

Auctorisação provisoria pelo reitor. Instituição ministerial.

Sob o Imperio, a legislação comprehende duas phases distinctas, designadas sob os titulos de 6º e 7º periodos, de 1852 a 1854 e de 1854 a 1871.

No 6º periodo (1852 a 1854), os professores são nomeados pelo reitor departamental, ouvidos os Conselhos municipaes.

No 7º periodo (de 1854 a 1871), a nomeação é feita pelo Prefeito, de accordo com o Parecer do inspector da Academia, ouvidos os Conselhos municipaes.

Actualmente, pela lei de 30 de Outubro de 1886, assignada Mr. René Goblet, como ministro da Instrucção Publica, Bellas-Artes e Cultos, sendo presidente da Republica Jules Grévy, a nomeação dos professores titulares é feita pelo Prefeito, em nome do ministro da Instrucção Publica e sobre proposta do inspector da Academia.

Pelo art. 28 da mesma lei, os directores, directoras e professores das escolas primarias superiores, são nomeados pelo ministro da Instrucção Publica, e devem possuir o certificado de aptidão ao professorado das escolas normaes.

Os professores adjunctos possuidores do diploma superior e os mestres auxiliares para os ensinos accessorios, são nomeados ou delegados nos estabelecimentos pelo Prefeito, sobre proposta do inspector da Academia.

Os directores e directoras de escolas manuaes de aprendizagem são nomeados pelo ministro da Instrucção nas condições previstas pela lei de 11 de Dezembro de 1880. O modo de nomeação, a organização da inspecção, as garantias de capacidade exigidas no pessoal, assim como todas as questões que interessam concurrentemente ao Ministerio da Instrucção e ao Ministerio do Commercio e da Industria, são determinadas por um regulamento de administração publica.

Pelo art. 29, a troca de residencia de uma communa por outra, por necessidades do serviço, é pronunciada pelo Prefeito, sobre proposta do inspector da Academia.

EXAME DAS CRIANÇAS QUE RECEBEM A INSTRUÇÃO NA FAMÍLIA

Para que o ensino obrigatorio seja uma realidade, estão em vigor em França os exames prescriptos por lei para as crianças que recebem a instrução primaria na familia.

Apezar de ser quasi impossivel illudir-se nesse paiz a vigilancia das auctoridades de ensino, a administração dos estudos, se por um lado permite que cada um dê aos seus filhos e tutelados a instrução primaria como julgar conveniente, na escola ou na familia, não impondo ao povo os professores e as escolas officiaes; por outro lado não se dispensa de verificar se a instrução primaria é realmente dada ás crianças que não frequentam as escolas publicas, e para isso instituiu os exames a que são obrigadas as crianças educadas e instruidas no lar domestico.

Como se sabe, as leis francezas, que aliás se cumprem e não figuram apenas nos papeis sellados, são severas para com todos os cidadãos no que diz respeito á educação das crianças, não admittindo por fórma alguma o menor descuido, nesse ponto, por parte dos paes ou tutores, aos quaes são impostas penas rigorosas, se tentam subtrahir-se ás disposições legaes.

Eis o modo pelo qual se realizam os exames :

Os exames effectuam-se na Camara communal ou em uma sala da escola official.

A lista dos alumnos sujeitos ao exame é preparada pelo *maire* e enviada ao inspector da Academia antes do dia 1 de Maio.

O exame realiza-se no principio ou no fim do anno escolar. A data é fixada, para cada localidade, pelo inspector da Academia.

A convocação, tanto do jury de exame como das crianças, se faz com antecedencia, pelo menos, de quinze dias, e isso está entregue aos cuidados e ao zelo do inspector primario.

O exame consiste em provas escriptas; não ha provas oraes senão quando as primeiras são julgadas insufficientes. Neste caso, as duas séries de provas realizam-se no mesmo dia.

As provas escriptas consistem quer nos *deveres* escriptos, dictados e verificados pela mesa examinadora, quer nos *deveres* feitos no domicilio e communicados com um attestado de authenticidade, firmado pelo pae de familia, conforme a fórmula seguinte:

Modelo da fórmula de authenticidade dos deveres produzidos para justificar a instrução dada no domicilio

Eu, abaixo assignado, (*nome por extenso*), pae (ou tutor) de (*nome por extenso da creança*), nascida a _____ e que me obriguei, por minha declaração em data de _____, a fazer instruir no domicilio, conforme as prescrições da lei de 28 de Março de 1882, attesto que os cadernos a esta juntos, são os cadernos dessa creança e contêm os deveres escriptos só por ella no curso do presente anno. Em fé do que, ella assigna commig a presente declaração.

Feita em _____, a _____ de 188 .

(*Assignatura da creança.*)

(*Assignatura do pae ou tutor.*)

O jury de exame tem sempre o direito de exigir novas provas em sua presença.

No caso das provas escriptas se realizarem em presença do jury de exame, versarão sobre as seguintes materias:

De oito a nove annos, — escripta ;

De nove a dez annos, — escripta ; primeiros elementos de arithmetica (adição, subtracção) ;

De dez a onze annos, — dictado de orthographia usual e elementos de arithmetica (as quatro regras, operações sobre os numeros inteiros) ;

De onze a doze annos, — dictado de orthographia usual, noções de systema metrico, a geographia da França ;

De doze a treze annos,— dictado de orthographia usual, elementos de arithmetica e de systema metrico, os grandes factos e os grandes homens da historia da França.

As provas oraes comprehendem uma prova de *leitura* e curtos interrogatorios sobre todas ou parte das materias já enumeradas acima.

A prova de leitura se faz nos livros de trechos escolhidos em uso nas escolas publicas ou nas classes elementares dos lyceus.

As creanças, cujos paes o pedirem, podem ser examinadas em todas as outras partes do programma das escolas primarias, conforme o regulamento de organização pedagogica.

BANHOS QUENTES E NATAÇÃO

Uma das medidas hygienicas em uso ha pouco tempo nas escolas communaes de Paris e para a qual chamaram a minha attenção, é a dos banhos quentes fornecidos ás creanças. A esse respeito e quando já eu tinha bastante adiantado este relatorio, chegaram-me novas informações.

A direcção do ensino pediu ultimamente aos *maires* dos 20 districtos de Paris um relatorio minucioso sobre o modo por que foi organizada nos seus districtos a distribuição de bilhetes para banhos quentes aos alumnos das escolas municipaes e sobre os resultados obtidos.

Graças á iniciativa das escolas, é que esta importante medida de hygiene e de asseio foi tomada, primeiro em alguns districtos e mais tarde em quasi todos.

O processo é identico ao que foi instituido para as viagens ou passeios escolares e as *cantinas*, de que já tratei.

Para a distribuição dos bilhetes, a *caixa* das escolas procede da fôrma que lhe parece mais conveniente; esses processos, porém, resumem-se em dois principaes: — ou as creanças são conduzidas aos estabelecimentos balnearios pelas professoras e professores em certos districtos, ou, como se faz em outros,

os bilhetes de banhos são remetidos aos alumnos sob a vigilancia e responsabilidade dos paes ou tutores.

A palma no assumpto deveria ser dada incontestavelmente ao 2º districto, pois nelle os alumnos são conduzidos duas vezes por semana á piscina da rua Montmartre.

Entretanto, apezar dessas facilidades, o *maire* no seu relatorio queixa-se de que poucas familias fazem que as creanças aproveitem desse beneficio, e propõe que esses bilhetes sejam distribuidos gratuitamente ás creanças por intermedio dos paes e tutores.

No 4º districto, a *Caixa* das escolas propunha-se mandar as creanças aos banhos frios. Essa idéa naturalmente não encontrará adeptos, pois os invernos em Paris não só são muito rigorosos, como muito prolongados.

A esse respeito tambem o 5º districto introduziu uma utilissima innovação : a *Caixa* das escolas propoz-se fornecer aos alumnos adiantados banhos especiaes, unindo deste modo a therapeutica ao asseio e á hygiene.

O systema de mandar os alumnos ás piscinas com os professores tem o seu lado bom, mas houve queixas por serem os alumnos levados ao banho nas horas de aula. A' vista disto, o 9º districto pede uma subvenção para gratificar os professores que tiverem de conduzir os alumnos ao banho fóra das horas da aula.

Esta liberdade deixada aos districtos tem dado excellentes resultados, porque ha uma especie de emulação e d'ahi innovações e melhoramentos.

No 13º districto, por exemplo, onde 12.000 bilhetes foram distribuidos no anno de 1890, ás quintas-feiras são conduzidos os alumnos maiores á piscina e ahi têm licções de natação, sendo até instituido um concurso no fim do anno escolar. Os resultados foram excellentes.

Entretanto, isso não é dispendioso. Para o anno de 1892 as caixas das escolas não pedem á cidade de Paris senão 4.800

francos sobre os 5.000 votados por deliberação de 27 de Março do corrente anno. O resto, 3.400 francos, é fornecido por essas mesmas caixas das escolas.

Vê-se, pois, que se trata de dar incremento a uma idéa utilissima e o melhoramento quanto á natação, introduzido pelo 13º districto, tem merecido e merece francos applausos, sendo até provavel que em *breve* seja seguido por muitos outros districtos.

CONVENÇÃO FRANCO-SUISSA

A convenção franco-suiça, concluida em Paris a 14 de Dezembro de 1887, tem por fim assegurar a frequencia das escolas primarias pelas creanças dos dois paizes residentes no territorio do outro paiz. Essa convenção foi approvada por decreto firmado pelo actual presidente da Republica Franceza, Mr. Carnot, sendo ministro dos Estrangeiros o Sr. Goblet, pela lei de 12 de Junho de 1887.

Pela convenção, as creanças de nacionalidade suiça domiciliadas em França e vice-versa, estão sujeitas ás leis do ensino publico e obrigatorio, e os respectivos paes e tutores sujeitos ás penas que recahem sobre os cidadãos de qualquer dessas nações que negligenciam os deveres que perante a lei têm para com seus filhos ou tutelados.

As creanças suissas de mais de 13 annos de idade, residentes em cantões francezes, são admittidas a seguir em França, nas mesmas condições que as francezas que habitam a communa, as escolas e os cursos de ensino complementar profissional ou primario superior.

Para a execução da convenção, as auctoridades escolares dos dois paizes são auctorisadas a se corresponderem directamente. Para esse fim, será preparada todos os annos, em cada um dos dois Estados, uma lista dos funcionarios francezes e suissos auctorisados a se corresponderem directamente; esta

lista será respectivamente communicada, por via diplomatica, ao outro governo durante o mez de Julho.

Toda a lei de ensino obrigatorio em França, promulgada em 28 de Março de 1882, bem como os arts. 54 a 60 da lei de 30 de Outubro de 1886, são applicaveis ás creanças suissas que residem em França.

LIVROS ADOPTADOS

A escolha dos livros escolares das escolas primarias publicas é regulamentada pelos arts. 20 a 22 do decreto organico de 18 de Janeiro de 1887, da seguinte fôrma:

Art. 20. E' formada cada anno em cada departamento uma lista dos livros reconhecidos como proprios a serem utilizados nas escolas primarias publicas.

Art. 21. Para este fim, os professores e professoras titulares de cada cantão, reunidos em conferencia especial, estabelecem, o mais tardar, na primeira quinzena de Julho, uma lista dos livros que julgam proprios a serem utilizados nas escolas primarias publicas.

Art. 22. Todas as listas assim feitas são enviadas ao inspector da Academia. Uma commissão com sua sêde na capital do departamento e composta de inspectores primarios, do director e directora das escolas normaes e dos professores e mestres desses estabelecimentos, reunidos sob a presidencia do inspector da Academia, revê as listas cantonaes e indica, para o departamento, o catalogo, que depois é submettido á approvação do reitor da Academia.

Eleva-se a 2.000 o numero de livros, mappas e outras obras didacticas adoptadas nas escolas publicas primarias da França. Seria impossivel adquirir e remetter-vos, Sr. Inspector, sequer, uma parte de tão alto numero de obras, muitas das quaes, felizmente, já são conhecidas em nosso paiz.

O fasciculo n. 66 da importantissima collecção intitulada — *Memorias e documentos escolares publicados pelo Museu Pedagógico de Paris* — traz o catalogo de todas essas obras, com o nome dos auctores, dos editores e o numero de departamentos que adoptam cada uma dellas. Nesse catalogo e por séries se encontram todas as obras sobre instrucção moral e civica, leitura e recitação, escripta, lingua franceza, linguas vivas, arithmetica, historia, geographia, sciencias physicas, historia natural e hygiene, agricultura, canto, desenho, gymnastica, educação, pedagogia, cartas, globos, atlas, e outras obras diversas adoptadas nas escolas primarias francezas.

METHODOS

Dentre os muitos e varios methodos, especialmente de leitura e escripta, em uso nas escolas francezas, fiz aquisição de alguns que offereci ao *Pedagogium*, com o intuito de tornal-os conhecidos por todos os meus collegas e pessoas que se dedicam ao ensino.

Desses methodos darei aqui uma pequena descripção.

LA CITOLÉGIE

La Citologie é um novo methodo de leitura pratica, organizado por Mr. H. A. Dupont, cavalleiro da Legião de Honra. Está approvedo pelo Conselho Superior de Instrucção Publica e inscripto na lista das obras didacticas fornecidas gratuitamente pela cidade de Paris às suas communas.

No methodo de Mr. Dupont, a 1^a e a 2^a licção são preparadas de modo que o alumno comece por conhecer os accentos agudo, grave e circumflexo, as vogaes simples representadas por uma só lettra, vogaes longas e as diferentes especies de *E*, havendo um exercicio em que essas lettras apparecem misturadas.

Desde o primeiro exercicio que, como já disse, trata apenas dos accentos e das vogaes, o auctor recommenda que se empregue « uma parte da licção a ensinar o effeito das consoantes sobre as vogaes, sem mostrar o livro ». Entretanto, taes consoantes não apparecem, ellas não estão nos exercicios, nem se sabe como é que o alumno pôde conhecê-las, visto que sómente na terceira licção é que começam a apparecer.

Neste exercicio surgem as consoantes simples, representadas por uma só lettra, tendo cada uma destas o seu nome escripto por baixo, isto é, pela sua junção com a vogal *E*. A quarta licção trata de outras consoantes simples, e, após um exercicio dessas consoantes misturadas, segue-se o alphabeto manuscripto em letras maiusculas e minusculas.

A quinta licção e as que se lhe seguem tratam da syllabação, sendo cada licção acompanhada de um exercicio de pequenas phrases. Nestas outras licções vêm então as vogaes compostas, syllabação, syllabas inversas, consoantes compostas, etc. O livro tem grande numero de boas gravuras para amenisar o estudo.

Do mesmo auctor ha as seguintes obras: — *Leituras graduadas*, *Conversações infantis*, e *Primeiros conhecimentos usuaes*, adoptadas em muitos departamentos.

Eis, em poucas palavras, o que é o methodo de leitura intitulado *La Citologie*. Os grandes quadros *citologicos*, do mesmo auctor, editados por Ducrocq, são adoptados para o ensino de leitura em perto de 40 departamentos.

METHODO DE TOUSSAINT

O methodo de leitura de E. Toussaint, inspector de instrucção primaria em Paris, consta de 12 grandes quadros parietaes, medindo cada um 0^m,80 de altura sobre 0^m,62 de largura.

O 1^o quadro trata das vogaes — *i, u, o, e*, — e das consoantes *t, n, m, v*; e em uma sub-divisão das vogaes — *é, ê,*

ê, a, y, e das consoantes — d, r, c, s. Abaixo de cada uma dessas letras, em typo redondo, ha a mesma letra em manuscripto ; seguindo-se syllabas formadas com essas consoantes e vogaes. Na parte inferior do quadro ha tambem um exercicio de syllabas em manuscripto.

O 2º quadro trata, da mesma fôrma, das consoantes — l, b, p, j, f, z, g, x,— dos accentos e do apostrophe e das letras mudas, isto é, que não se pronunciam na leitura. Estas letras são collocadas nas syllabas em caracteres italicos, para que o alumno as distinga perfeitamente.

O 3º quadro trata das letras — c, k — e os seus equivalentes — qu e h.

O 4º quadro traz os alphabetos maiusculo e minusculo, quer em redondo, quer em manuscripto, seguindo-se os algarismos tambem em redondo e manuscripto, e um exercicio de syllabas com as letras aprendidas.

O 5º, 6º, 7º e 8º são destinados aos diphtongos e ao exercicio de palavras com as syllabas aprendidas, assim como aquellas em que entram as articulações—ch, gn, ill e ph.

E assim prosegue o methodo até o seu ultimo quadro, dando a conhecer letras, articulações, syllabas e palavras. A estes quadros acompanha um pequeno livro. Desse mesmo auctor ha um *Pequeno livro de leituras graduadas*, tudo editado pela casa Delagrave.

METHODO DE NEEL

O methodo Neel, de leitura, que vi no Museu Pedagogico de Paris, em um grande numero de quadros parietaes, é adoptado em todas ou quasi todas as escolas dessa cidade, segundo as informações que me foram dadas.

Para facilitar, porém, a sua aquisição, consta elle de tres livros e dois grandes quadros. No museu, penso que estava todo em quadros, tal era a quantidade destes, talvez para

ser melhor observado e analysado pelos visitantes desse estabelecimento.

Pelo que affirma o fasciculo n. 66 das « Memorias e documentos escolares » a que já me tenho referido, era o Methodo Neel, em 1889, adoptado em 65 departamentos francezes.

Infelizmente, por um verdadeiro esquecimento, que me não posso perdoar, deixei de adquirir um exemplar desse methodo, afim de lhe dar o mesmo destino que dei aos outros que commigo trouxe. Entendo que o *Pedagogium* deve adquirir-o, pois pareceu-me importante e digno de estudo.

METHODO DE SARRADON

O methodo de leitura de Sarradon, professor, foi introduzido nas escolas publicas por decisão do ministro da Instrucção publica, com data de 5 de Agosto de 1862.

O methodo é dividido em 3 partes e contém 56 licções, que estão distribuidas por 18 quadros parietaes de 0^m,45 de altura por 0^m,35 de largura cada um.

A 1^a licção trata do conhecimento das vogaes e consoantes simples com um exercicio em que apparecem essas letras sem ordem para que sejam distinguidas pelo alumno, e a 2^a e 3^a licção trazem syllabas formadas com essas letras, para que o alumno as leia e decomponha.

A 4^a, 5^a e 6^a licção são do mesmo genero, sendo que da 7^a em diante começam a apparecer palavras e pequenas phrases. Depois vêm as consoantes compostas, palavras decompostas em syllabas e não decompostas, vogaes compostas, terminando a primeira parte do methodo na licção 21^a com phrases escolhidas e destacadas.

A segunda parte, depois de apresentar todo o alphabeto minusculo e maiusculo e um exercicio de consoantes e vogaes compostas, trata na 22^a licção das vogaes nasaladas e de um exercicio destas vogaes.

As lições seguintes são de vogaes nasaladas e exercicios de letras, palavras e phrases, syllabas terminadas em consoantes mudas, etc.

Na terceira parte, a 42^a lição trata das consoantes dobradas, algumas letras que têm valor excepcional, como :—*c* (se); *c* (se); *y* (ii); *sc* (ze); *g* (je); *er* (é); *ez* (è); a 45^a lição, letras mudas, as quaes nos exercicios de palavras são impressas em typo differente para serem distinguidas facilmente, começando então as phrases a se tornarem mais extensas. Da 48^a lição em diante, tudo o mais são exercicios de phrases, contendo maximas, pensamentos, conselhos, etc. etc. O methodo Sarradon é adoptado em 10 ou 12 departamentos.

METHODO MICHEL

O *methodo de leitura e pronunciação* de Mr. L. C. Michel e que foi approved pela Universidade de Paris, consta de 20 quadros parietaes, de 0^m,50 de altura sobre 0^m,33 de largura cada um.

O methodo está preparado para 4 classes, sendo esta a dos alumnos mais adiantados. Para a 1^a classe ha 12 lições e um grande exercicio final; para a 2^a, 11 lições; para a 3^a, 14 lições; e para a 4^a, 12 lições que terminam com elementos de leitura e pronunciação do latim. O methodo tem, pois, ao todo 49 lições, além dos muitos exercicios.

Cada lição é dividida em duas partes: uma que trata das letras componentes da palavra, e outra que dá immediatamente palavras com as syllabas destacadas.

A 1^a lição consiste no conhecimento das vogaes — *a*, *i*, *e* — e da consoante *p*, com a qual já essas vogaes formam syllabas e após palavras com as syllabas destacadas; a 2^a lição no conhecimento das mesmas vogaes e mais do — *e* e *o*, — com a mesma consoante — *p*; na 3^a e 4^a o — *p* — e o — *r*; na 5^a o — *p*, o *r* e o *m* — com o accrescimo tanto nesta como na anterior da

vogal — *u*. As palavras que no primeiro exercicio eram de duas syllabas, nos outros são de tres syllabas. Na 6^a, 7^a, 8^a, 9^a, 10^a e 11^a licção vão apparecendo gradualmente outras consoantes e os exercicios vão sendo de pequenas phrases. A 2^a licção trata das lettras maiusculas e exercicios de nomes proprios, phrases e exercicios de recapitulação.

A 1^a classe termina por 2 quadros de « figuras mnemonicas para recordar o som e o valor das lettras. » O 1^o quadro dessas figuras pertence ás vogaes e o 2^o ás consoantes. Assim, o rato (*a*), o elephante (*an*), a pipa (*p*), o urso (*s*), o barco (*c*), o anjo (*j*), o figo (*g*), etc.; seguindo-se um syllabario geral, no qual entram todas as vogaes e consoantes.

As duas primeiras licções da 2^a classe tratam das consoantes compostas — *ch*, *gn*, *ill*, — palavras e phrases com as syllabas destacadas; a terceira das vogaes compostas — *eu*, *ou*; a quarta das vogaes nasaladas; a 5^a, a 6^a e a 7^a diphtongos, seguindo-se, por meio de phrases com syllabas destacadas, um exercicio de recapitulação sobre consoantes, vogaes compostas e diphtongos; a 8^a e 9^a licção, das syllabas consonantes, e a 10^a das vogaes longas e consoantes duplas, seguindo-se vogaes simples, compostas e nasaes, consoantes simples e compostas, sendo todas essas lettras representadas por typo italico. Esta ultima licção é um grande exercicio de recapitulação.

As licções da 3^a classe começam pelas consoantes equivalentes: *C* que equivale a *qu* — *k* — *ch* —; *G* a — *gu*; *I* *U* a — *il* — *ll* — *l*; *J* a *g* — *ge*; *S* a *ss* — *ç* — *c* — *t*; *Z* a *s*; tudo acompanhado de palavras e phrases com syllabas destacadas e uma recapitulação do mesmo genero. Seguem-se, nas outras licções, vogaes equivalentes: *O* equivalente a *au* — *eau*; *E* a *és* — *et* — *est* — *ai* — *ei*; etc., etc.

As ultimas licções são destinadas ao conhecimento e exercicios das lettras nullas ou mudas, pequenos exercicios sobre pessoas e tempos dos verbos, signaes orthographicos e exercicios de phrases, sobre lettras mudas, signaes orthographicos e pon-

tução, terminando o ensino nesta classe por uma recapitulação geral em que o abecedario apparece em ordem alphabetica, depois em ordem methodica diphtongos, consoantes simples e compostas, consoantes duplas, diphtongos consonantae, equivalentes das consoantes e das vogaes, letras mudas, signaes orthographicos e de pontuação.

Na 4ª classe as duas primeiras licções tratam dos principios e exercicios sobre a formação das syllabas, tratando das syllabas terminadas por uma vogal e das terminadas por uma consoante com exercicios; a 5ª e 6ª licção têm exercicios de recapitulação sobre a formação das syllabas. Aqui já as palavras que constituem as phrases não têm as syllabas destacadas.

Na parte inferior deste quadro parietal (o 16º) vem a primeira leitura, que é um pequenino conto. A 8ª e 9ª licção tratam da ligação das palavras na leitura e modo de pronunciar. A 10ª licção é destinada a exercicios sobre a ligação das palavras, syllabas nasaes que se lêm e que não se lêm, etc. A 12ª licção é um trecho sobre a *leitura*.

O 19º e o 20º quadro parietal tratam de principios de leitura e pronunciação do latim: — principios geraes, character e pronunciação de cada letra, observações sobre algumas vogaes e consoantes e exercicios, terminando o methodo por algumas orações em latim: o Symbolo dos Apostolos (Credo), Oração dominical, Saudação Angelica, Confissão, Orações para antes e depois do trabalho, para antes e depois das refeições, etc., etc.

O methodo de leitura Michel, editado pela casa Delagrave, é adoptado por 50 departamentos.

METHODO REGIMBEAU

O methodo de escripta e orthographia de Mr. P. Regimbeau, antigo professor primario, inspector principal do material das escolas communaes da cidade de Paris, cavalleiro da Legião

de Honra e Official da Instrucção Publica, constitúe um livrinho de 48 paginas.

Os « Primeiros exercicios de escripta e orthographia », e é este o titulo do livro, são exercicios adaptados ao ensino da leitura, antes um livrinho especial contendo os modelos que o alumno deve copiar e que são sempre uma repetição das licções de leitura precedentemente estudadas no

SYLLABARIO

que trata de leitura, escripta e orthographia. Diz o auctor que o seu novo methodo simplifica o ensino da leitura pela decomposição da linguagem em sons puros e sons articulados. Este syllabario divide-se em 3 livrinhos, que se podem adquirir separadamente. O 1.^o livrinho trata de vogaes e consoantes monogrammas, o 2.^o de vogaes e consoantes polygrammas, e o 3.^o de letras mudas e irregularidades de pronunciação.

Antes desse syllabario podem os principiantes fazer uso do « Pequeno syllabario », no qual encontram licções simultaneas de leitura, escripta e orthographia.

Do mesmo auctor ha o Syllabario-Atlas ou Livro-Quadro, volume in-folio contendo o methodo impresso em grandes caracteres e por meio do qual o professor pôde dar licção a um grande numero de alumnos ao mesmo tempo.

Pelas instrucções do auctor, na hora da licção colloca-se o Syllabario-Atlas sobre um banco-carteira, um cavallette, um estrado ou qualquer logar em que todos os alumnos o possam ver, e o professor mostra nelle, apontando com uma flecha ou ponteiro, a letra, a syllaba, a palavra, a phrase ou a parte de phrase que os alumnos têm que pronunciar individual ou simultaneamente, tendo o cuidado de graduar os exercicios conforme o grau de adiantamento dos mesmos alumnos. O Syllabario-Atlas dispensa o professor de improvisar os exercicios e de os escrever no quadro preto, e torna igualmente inutil o

emprego de letras moveis ou deapparehos especiaes que, segundo a opinião do auctor, são sempre mais ou menos complicados e difficultosos, mais ou menos frageis e dispendiosos.

O Syllabario-Atlas consta de 72 folhas com exercicios. Do professor Regimbeau ha tambem os *Quadros de leitura* extrahidos do seu Syllabario e dispostos por grupos para o ensino. São 38 quadros contendo numerosos exercicios, mais variados que os do Syllabario-Atlas e impressos em caracteres menores do que os deste.

O *Grande quadro mural methodico*, do mesmo professor, facilita pelo aspecto o ensino da leitura e presta-se a exercicios especiaes para as licções collectivas. A altura é de 1 metro e 60 centimetros e a largura de 2 metros e 40. Ha tambem o mesmo quadro em dimensões menores: 1 metro e 20 de altura sobre 1 metro e 80 de largura.

De todos esses trabalhos do professor Regimbeau, editados pela casa Hachette, de Paris, o que tem merecido melhor acolhimento é o Methodo de leitura (syllabario), que está adoptado em mais de 60 departamentos, o que quer dizer em quasi toda a França que, como se sabe, consta de 87 departamentos.

QUADROS DE LEITURA POR VARIOS PROFESSORES

Os *Quadros de leitura por varios professores* são em numero de 18 e medem cada um meio metro de altura sobre 0^m,33 de largura.

Neste methodo, em uma advertencia que o precede, os auctores, que aliás acham preferivel a tudo quanto se tem inventado no genero, o methodo de solettração, entendendo, porém, desvantajosa a maneira de solettrar a palavra, letra por letra, dando a essas letras nomes que ellas verdadeiramente não têm, aconselham que se faça solettrar cada palavra pronunciando syllaba por syllaba em uma só emissão de voz.

Entretanto, o methodo não é muito adoptado, sendo em compensação procuradas por muitos departamentos outras obras dos mesmos auctores, e delles ha mais as seguintes obras :—Primeiro e Segundo Alphabeto; Modelos de escripta; Primeiros exercicios de Orthographia e Grammatica; Grammatica das creanças com exercicios de Orthographia e modelos de Analyse; a mesma obra com exercicios analyticos; Questionario sobre a 1ª parte da Grammatica das creanças; Curso de dictados; Collecção completa de palavras usuaes; Grammatica franceza completa em continuação á Grammatica das creanças; Exercicios de lingua franceza; Exercicios de calculo oral e escripto; Arithmetica das creanças; Arithmetica elementar (continuação da precedente); Quadros de Arithmetica para leitura e escripta dos numeros (8 quadros); Pequeno quadro de pesos e medidas metricas; Pequena Historia Santa e outras.

Precedendo ao methodo, propriamente dito, ha um quadro auxiliar da memoria, que trata das vogaes e consoantes simples por meio de figuras representando animaes, frutas e objectos communs. Assim, o *A* é representado por um GATO; o *I* por um NINHO; o *O* por um POTE; o *U* por uma CHARRUA; o *P* por um CANAPÉ; o *Z* por uma ZEBRA, etc.

As creanças que começam o estudo não aprenderão mais que 3, 4 ou no maximo 5 letras em cada licção.

O 1º quadro do methodo trata das vogaes e consoantes, primeiro das vogaes *a, e, i* e suas combinações *ai, ei, ea*, etc., e depois das outras vogaes e suas combinações.

Seguem-se os accents e vogaes longas, tendo-se o cuidado de mostrar, até que a creança comprehenda, a differença entre os accents agudo, grave e circumflexo, isto é, que o agudo é feito de cima para baixo e da direita para a esquerda; o grave da esquerda para a direita, e que o circumflexo é a reunião dos dois.

Para o ensino faz-se uso do seguinte processo:—1º, o monitor mostra a letra e dá-lhe o nome, que o alumno repete; 2º,

o monitor mostra uma letra e o alumno dá-lhe o nome; 3º, o monitor pede uma letra e o alumno aponta-a. Em todo este quadro o alumno deve ter por lição apenas meia linha.

O 2º quadro tem o alphabeto em letras minusculas redondas e italicas, seguindo-se as maiusculas em typo redondo, collocadas de modo que os exercicios possam ser feitos lendo-as o alumno por columnas e depois por linhas. Abaixo deste exercicio ha uma recapitulação sobre as letras minusculas (redondo), collocadas misturadamente para que o alumno as distinga, e outra sobre as maiusculas, no mesmo sentido, seguindo-se os signaes de pontuação e outros. O processo a seguir no ensino é o mesmo que no quadro anterior.

No 3º quadro vem as syllabas de 1 ou 2 letras, formadas com as vogaes — *a-e-i-o-u*, — seguindo-se um exercicio. O monitor mostra e pronuncia a syllaba, que o alumno repete; em 2º logar, o monitor mostra a syllaba que o alumno solettra alto e n'uma emissão de voz; 3º, o monitor mostra a syllaba e o alumno a solettra sem precisar que o faça em voz alta; 4º, o monitor vira o quadro e manda que cada alumno solettre uma syllaba. Estes exercicios fazem-se tambem por columnas, por linhas e por qualquer outra maneira.

O 4º quadro trata de palavras formadas de syllabas de 1 e de 2 letras, estando as syllabas destacadas, de accordo com o processo empregado nos quadros anteriores. O quadro seguinte é de phrases formadas com as palavras estudadas no quadro anterior, fazendo-se que o alumno distinga bem as maiusculas das minusculas, as virgulas e pontos.

O 6º, 7º e 8º quadro tratam de syllabas de 2 ou de 3 letras, exercicios, palavras formadas dessas syllabas destacadas e phrases formadas com essas palavras.

O 9º quadro tem as « vogaes compostas e diptongos » com exercicio; o 10º consoantes simples e vogaes compostas; o 11º palavras formadas dessas syllabas; o 12º phrases compostas das palavras precedentes.

O 13º quadro occupa-se das consoantes compostas seguidas de uma vogal simples ou composta e nos 2 quadros seguintes vêm palavras e phrases formadas com o que se aprendeu nesse quadro.

O 16º e o 17º quadro occupam-se das letras « nullas » e « equivalentes », mostrando as letras que se não pronunciam em typo differente e exercicios sobre essas letras.

O ultimo quadro (18º) tem a « Oração Dominical » e a « Saudação Angelica », tendo as palavras cada syllaba destacada. A ultima licção é destinada ao conhecimento dos algarismos.

METHODO INTUITIVO DE MME. MONTERNAULT

Este methodo é muito adoptado nas escolas maternas de Paris. Vi-o praticar na escola maternal da rua Ampère.

E' uma pequena caixa de madeira contendo 12 cubos tambem de madeira. Cada um desses cubos tem em cada uma das faces uma letra ou um algarismo. Estes e a pontuação são em tinta vermelha ; as letras são em tinta preta, para que o alumno encontre facilidade em distinguir bem as letras dos algarismos.

Acompanha a caixa uma lista de 300 palavras que se podem formar com as letras pintadas nos cubos. Com essas palavras e explicações a creança adquire alguns pequenos conhecimentos sobre o mundo physico e moral, formando phrases, etc.

As primeiras licções de calculo são feitas tambem com os cubos por meio de combinações.

Tudo isso é acompanhado por uma descripção impressa do methodo, contendo o modo de usal-o.

O principio pedagogico em que se baseia o methodo é partir do concreto para o abstracto, tomando para ponto de partida para a educação as cousas que nos cercam, a propria realidade. Seu fim é desenvolver o espirito de observação da creança, provocar-lhe a attenção, etc.

OUTRO METHODO DE MME. MONTERNAULT

Este methodo, tambem muito usado para as classes elementares, em Paris, vi-o praticar na mesma escola maternal da rua Ampère.

Intitula-se — « Petites plaquettes métriques en quatre couleurs ».

Trata-se de pequenos quadrados de madeira, cada qual pintado de uma côr differente, tanto de um como de outro lado.

São 48 esses quadradinhos de madeira pintados de ambos os lados, formando, portanto, 96 quadradinhos, sendo 24 brancos e outros tantos encarnados, azues e pretos, para familiarisar as creanças de 2 a 6 annos :

1º, com o conhecimento geral dos numeros ;

2º, com os exercicios de comparação e apreciação das dimensões e das fôrmas iguaes ;

3º, com o desenho, fazendo-as comprehender pela differença accentuada das côres: — a symetria, a representação dos contrastes, o plano, a direcção das linhas, as figuras, etc., etc.

A côr negra serve para limitar os numeros, as linhas, as figuras, os desenhos. Serve igualmente para os desenhos de quadrados, mosaicos, etc.

Para uso das « Petites plaquettes métriques » a livraria Hachette fornece ardosias enquadradadas e quadriculadas de encarnado de 0^m,02. Isso evita a quêda das taboinhas.

No lado quadriculado a creança forma linhas e desenhos, podendo imitar modelos de tecidos sobre quadrados e outros exercicios intuitivos que exigem observação.

O lado não pautado da ardosia pôde ser utilizado para desenhos, exercicios de escripta e contabilidade.

As placasinhas metricas são, emfim, um meio de exercitar a mão, desenvolver a percepção, os instinctos de observação e imitação e as faculdades inventivas das creanças.

Tanto esse methodo como o anterior e outros não são novidade entre nós. Com as relações que mantemos com a Europa e especialmente com a França e outros paizes da raça latina, raras são as cousas lá usadas verdadeiramente nunca vistas nesta capital. Entretanto, cumprindo o meu dever, tudo quanto vi adoptado nas escolas que percorri e de que pude obter um exemplar, trouxe e dou a descripção, embora rapida e incompleta, mas que penso ser bastante para que os poucos que não conhecem, façam uma simples idéa.

Das escolas que visitei em Paris, uma das mais notaveis é a

ESCOLA DA RUA TANGER N. 41

Esta escola communal funciona em um vasto e magnifico edificio expressamente construido para esse fim.

Nesse edificio funcionam: — a escola publica do sexo masculino, dirigida por Mr. Fabre; a do sexo feminino por Mme. Fabre, esposa do primeiro; o curso complementar feminino, e o curso *menagère*, dirigidos pela mesma senhora; e a escola maternal ou asylo infantil, dirigido por Mme. Montier, cursos nocturnos, etc. Essas diversas escolas são completamente separadas e com portas de entrada e sahida perfeitamente distinctas. O edificio foi inaugurado em 1878.

ESCOLA DO SEXO MASCULINO

Logo á entrada, o visitante encontra no gabinete do director um magnifico museu, onde ha exemplares prehistoricos de pedras, metaes, pedaços anatomicos de animaes antiquissimos, algumas armas dos romanos, etc., sendo que a maior parte desses objectos são de propriedade particular do director, que é homem versado nos estudos de archeologia e grande colleccionador de objectos antigos e raros. Ha tambem um bom gabinete de physica, chimica e historia na-

tural, no qual se encontram varios apparatus de physica, alguns construidos nas officinas da propria escola. Para o ensino da historia natural ha exemplares zoologicos, mineralogicos e geologicos. A mobilia escolar é regular, e os alumnos estão divididos por 11 classes ou cursos:— 4 elementares, 4 médias e 3 superiores. Os alumnos de cada uma dessas classes ou cursos distinguem-se pela côr de uma fitinha de seda, que trazem na lapella do casaco.

O director mora no edificio e além das vantagens de casa, luz, creados, etc., tem o ordenado aannual de 8.000 francos.

Esse ordenado é igual ao de qualquer dos directores das escolas communaes de Paris, o que equivale a talvez o triplo do ordenado dos nossos professores, dadas as condições do nosso viver e as da Europa.

A França e a Belgica pagam generosamente os seus professores. Delles mesmos tive conhecimento dessa minha affirmativa, quando lhes pedi que me dissessem com franqueza se eram bem pagos. Responderam-me que sim e que nesse ponto estavam perfeitamente satisfeitos.

Na época da minha visita, a escola do sexo masculino tinha 560 alumnos.

A escola tem 2 bibliothecas circulantes:— uma para o publico e outra para as creanças, com livros apropriados. A officina de trabalhos manuaes é magnifica e dirigida, como é, por um mestre habilissimo, della têm sahido alguns instrumentos bem preparados, sendo que tambem nella são feitos os concertos e reparos que ás vezes exige a mobilia escolar. A officina tem todo o material preciso para o aprendizado de carpinteria e torneiro.

E' digna tambem da maior attenção e offerece o mais agradavel aspecto, quando a aula está funcionando, a sala especial para desenho, com boas collecções de modelos em gesso e bom material para o ensino de modelação. Os exem-

plares dos modelos em gesso para o desenho são ahí mesmo preparados.

Tanto as officinas como a sala de desenho me mereceram especial e acurada attenção. Durante muito tempo assisti ás aulas nessas duas salas, retirando-me dellas sob a mais agradavel impressão.

Nas mesmas condições de boa organização está o gymnasio da escola, perfeitamente munido de bons apparatus, escadas, cordas lisas e de nós, trapesios, varas, barras, etc., tudo collocado em uma sala bem arejada e de grandes dimensões.

Nesta sala assisti á aula de musica vocal dirigida por um joven e habil professor. Os alumnos, além de outros cantos, entoaram a *Marselheza* e dous outros hymnos francezes. Tendo visto um pequeno harmonium, de que ás vezes fazia uso o professor, tratei de indagar o nome e informar-me do lugar onde se vendia.

Soube então que o harmonium intitula-se «Guide-chant», de Picard. Antes de retirar-me de Paris, adquiri um, completo, com pedal e caixa, acompanhado das instrucções impressas necessarias para se aprender a usal-o, e trouxe-o commigo. Offereci-o ao *Pedagogium*.

Visitando outras salas de aulas adquiri, graças á obsequiosidade de Mr. Fabre, cadernos de deveres escolares desenhos, cópias, dictados, escriptas, calculos, etc. Nesses cadernos nota-se muito asseio, cuidado e adiantamento nas creanças.

Obtive tambem photographias (grupos de alumnos e de professores), bons trabalhos em madeira, lindissimos desenhos em ponto grande, feitos pelos alumnos, e 2 estampas, cópia do busto da Republica, lindo e expressivo trabalho em marmore, que o visitante, ao entrar em qualquer das escolas de Paris, encontra logo na principal sala de entrada. Em quasi todas as salas de aula encontra-se em um quadro um exemplar dessa photographia.

Tambem em todas as escolas publicas de Paris, logo na sala principal e em algumas tambem nas salas de aula, em lugar bem visivel, ha um grande quadro, tendo impresso em typo grande e bem legivel, a côres, e em 17 artigos, a—« Declaração dos direitos do homem e do cidadão », — taes quaes foram proclamados pela Assembléa Nacional de 1789.

O quadro é encimado por um escudo com as iniciaes R. F. (Republica Franceza) e a legenda — « Liberdade, Igualdade e Fraternidade » — e circumdado por allegorias impressas, representando as artes, as sciencias, o commercio, a industria, a agricultura, etc.

Todas as semanas ha um concurso entre os alumnos da escola da rua Tanger. Os que commettem menos de 3 erros na composição que fazem, têm direito a um premio e para recebê-lo se dirigem todos incorporados, com o respectivo professor, ao gabinete do director. Para obsequiar-me, o director quiz que fosse eu quem os distribuisse. Accedi gostosamente ás instancias de Mr. Fabre, não sem ter pedido a Mme. Fabre, então presente, que me auxiliasse, e a quem entreguei, por essa razão, grande numero dos referidos premios, só fazendo a distribuição dos meus, depois que ella esgotara os que lhe couberam. Os alumnos mostravam-se muito satisfeitos por terem merecido taes recompensas.

O director offereceu-me exemplares desses premios (retratos de homens notaveis, com as respectivas biographias, e chromos representando trabalhos agricolas, industriaes, etc.), aos quaes dei o mesmo destino que a todos os outros objectos que commigo trouxe.

Em uma das classes elementares da escola de meninos assisti a exercicios de pronuncia de lettras e syllabação por meio de mimica e achei nisso uma certa originalidade.

A escola do sexo masculino da rua Tanger tem, além do director: — um inspector geral, 11 professores, 2 professores de musica, 1 professor de desenho para 3 cursos distinctos, com

seus auxiliares, 2 mestres de officina com seus auxiliares, 1 porteiro e mais pessoal de serviço e limpeza do estabelecimento.

A mobilia da sala de desenho é, como a de quasi todas as escolas communaes de Paris, muito simples, mas muito commoda.

A mobilia é constituida apenas por uma grade de ferro fixa ao soalho ou a um estrado de madeira, e de bancos que são movidos à vontade pelo alumno.

Para o trabalho do desenho, o alumno assenta a pasta ou a taboa, com o desenho nella pregado, sobre os joelhos e apoia-se contra a grade de ferro. Fixa à grade, cada alumno tem uma pequena caixa com os objectos necessarios. Dessa fórma, é facil a quem desenha dar à pasta ou à taboa a inclinação que deseja e approximal-a ou afastal-a como lhe convier. O desenho é copiado dos gessos, de que a escola possui uma boa collecção e o exemplar destinado para cada dia é collocado em frente dos alumnos, de modo a poder ser bem visto por todos. A luz da sala é fornecida por largas janellas collocadas ao lado esquerdo dos alumnos.

Na officina de carpinteiro e torneiro, os alumnos, divididos em duas turmas, trabalham simultaneamente, ora no torno, ora no banco de carpinteria, trocando-os depois entre si, para que todos conheçam ambas as especies de trabalho e se familiarisem com as ferramentas de ambos os officios.

Vi, feitos pelos alumnos, bons trabalhos de torno e de carpinteria : solidos geometricos, curvas, ellipses, espiraes, hyperboles, etc., assim como varios objectos de uso commum.

Em uma sala estão guardados os objectos necessarios para os exercicios militares e o armamento do contingente que dá essa escola para os

Batalhões escolares

que são muito conhecidos em Paris, tendo já feito em publico varias manobras. Todos os annos, nas esplendidas festas de 14

de Julho, formam os batalhões escolares em grande parada. Para isso partem os contingentes de varias escolas a reunir-se em um local determinado, e d'ahi seguem para o espaço que fica em frente ao *Hotel de Ville* (Camara Municipal). Logo que ahi chegam e onde são esperados pelos membros da Municipalidade e pelo general Jeanningros, antigo general reformado e ha muito tempo commandante em chefe das forças escolares, fazem evoluções, marchas, contramarchas, seguindo depois formados, em passeio, ao rufo dos tambores e toques de flautim. Muitas vezes tomam parte nessa parada mais de 8.000 creanças, victoriadas e applaudidas pelo povo, que lhes admira o garbo, antevendo em cada um daquelles pequenos soldados, um futuro e bravo defensor da honra e do pavilhão nacionaes.

ESCOLA DO SEXO FEMININO

Ao delicado convite de Mr. Fabre devo o ter visitado a escola do sexo feminino que funciona no mesmo edificio e que está sob a direcção da esposa desse professor, Mme. Fabre.

Como acontece à escola do sexo masculino, nesta distingue-se nas alumnas a classe a que pertencem por fitas de côres que trazem como fachtas cruzadas sobre o peito.

São admiraveis de ordem, de asseio e denotando um grande adiantamento os cadernos de deveres escolares que eu vi e de que pude trazer alguns, que me foram offerecidos. Não se nota um borrão, uma entrelinha, uma emenda, a não ser as que são feitas pela professora; e no emtanto, nesses cadernos ha exercicios de calligraphia, systema metrico, calculos arithmeticos, magnificos desenhos representando objectos e animaes communs, mappas geographicos, algumas partes do corpo humano, caveiras, ossos, etc.

Tambem ahi me foram dadas varias photographias (grupos

de professoras e de alumnas) da escola, trabalhos de agulha e de marca.

Nesse mesmo edificio visitei o

CURSO COMPLEMENTAR

dirigido tambem por Mme. Fabre, estando presentes nesse dia 30 alumnas de 14 a 16 annos. Para que eu visse o adiantamento, uma das professoras arguiu as alumnas sobre alguns factos da historia da França e mais minuciosamente sobre a Guerra dos 30 annos. Em seguida, foram interrogadas sobre a geographia physica, politica e economica do Brazil. Nesse ponto, devo dizer a verdade, não me satisfizeram, se bem que disso não sejam culpadas as professoras e a directora da escola. O facto é que em França não se conhece o Brazil. O mappa que então foi desenrolado, após o mappa mudo da America, sobre o qual as alumnas responderam alguma cousa, e que tratava só do Brazil, tinha apenas marcados:— como rios, o Amazonas, creio que o unico rio brasileiro conhecido na França; a Capital Federal; e como estados, Bahia e Pernambuco, mais conhecidos, sem duvida, dos francezes, porque tocam nesses portos os paquetes transatlanticos.

Entendi dever dizer ás alumnas que o Brazil não era só isso e citei-lhes alguns rios notaveis, os nomes dos Estados da actual Confederação brasileira com suas capitaes, e outros esclarecimentos. Tratando dos productos brasileiros, uma das alumnas respondeu que a principal exportação era de madeira e gado. Fiz-lhe notar que, se bem que a madeira fosse uma das maiores riquezas do Brazil, nem por isso exportavamos muito gado, e que ella tinha esquecido os principaes productos, como o café, exportado mais do que o de nenhum outro lugar, para a Europa, e que não tem rival, como tambem o fumo, nas mesmas condições do café, o algodão, a borracha, o cacáu, os mineraes, etc. etc.

A escola do sexo feminino tem tambem grande numero de professoras, mestres especiaes, serventes, etc.

Após visitar outras salas de aulas, passei a ver a sala de engommado e de cozinha, dependencias do

CURSO DE MENAGÈRE

ou de dona de casa. Para o curso de cozinha, a direcção dá á alumna uma certa quantia pequena, com a qual ella é obrigada a preparar um almoço de 2 pratos para cinco pessoas. Servida a refeição, a mesma alumna dirige a limpeza de todo o material: cassarolas, panellas, pratos, talheres, etc. O trabalho de cozinha e limpeza é feito por creadas, sob a direcção da alumna.

O asseio de todos os utensilios de cozinha era irreprehensivel.

Na sala de engommado, a alumna aprende a engommar e passar a ferro toda a qualidade de roupa, pregando os botões que lhe faltam, concertando o que fôr necessario, e tudo o mais que é proprio da engommadeira. A directora deu-me a lista do almoço que tinha sido preparado por uma alumna no dia da minha visita.

Eis o *menu* desse almoço para cinco meninas, á razão de 60 centimos por cabeça: — « Soupe aux choux; Restes froids de bœuf à la mode; Rognon de bœuf sauté aux champignons; Omelette aux crêtons; Une 'salade » —; não tendo havido *dessert* nesse dia.

Para as meninas ha tambem, como na escola de meninos, um gabinete de physica e chimica, e tive occasião de visital-o, bem como as salas de costura.

Tanto a directora, Mme. Fabre, como seu marido, o professor e director da escola de meninos, são Officiaes da Instrucção Publica e ostentavam o respectivo distinctivo. Para chegarem a obter essa prova de apreço do governo, mereceram e recebe-

ram todas as outras distincções que a essa precedem : — menções honrosas, medalhas de prata e de ouro e o titulo de Official da Academia.

Retirei-me encantado da visita que fiz a essa escola, à qual voltei ainda uma ou duas vezes, e especialmente da gentileza dos directores, que me cumularam de attentões e obsequios, e que fazem honra ao magisterio publico da França.

Visitei em seguida no mesmo edificio o

ASYLO INFANTIL

dirigido por Mme. Montier. Se estivesse funcionando em predio proprio, denominar-se-hia este asylo — Escola Maternal.

As leis francezas determinam, porém, que, quando funcționarem annexos a outra escola, estes estabelecimentos se denominem — « Classes infantis ».

Esta escola funciona no mesmo edificio da rua Tanger e recebe alumnos de ambos os sexos, desde 2 e meio até 6 annos de idade.

Frequentavam a escola 220 alumnos. Além da directora, ha 4 professoras, 2 creadas e uma cozinheira incumbida da cantina escolar, isto é, de aquecer as comidas das creanças que as trazem, e de as fazer para as que as não trazem.

Uma das salas está preparada para o ensino fröebeliano.

Todo o material, quer de ensino propriamente, quer de bancos-carteiras, ardosias e outros objectos exigidos por esse systema, ahi estava. As paredes estavam bem adornadas de quadros, mappas, assim como de trabalhos já feitos pelas creanças, sendo desses trabalhos alguns verdadeiramente notaveis.

As creancinhas revelavam muito adiantamento. Uma interessante menina de menos de 5 annos escreveu no quadro negro, com uma letra magnifica para a sua idade, pequenas phrases dictadas pela professora. E não só essa, como outras creanças vieram à pedra e escreveram phrases, fizeram peque-

nos calculos, etc. Uma outra creança de tres annos mostrou conhecer muito bem o relógio, sabendo distinguir perfeitamente as horas, meias-horas, quartos de hora, minutos e segundos.

Entoaram em côro à minha vista e de uma fôrma bem regular, marchando sempre, a *Marselheza* e um outro canticó patriotico.

Em uma sala de entrada, de chão cimentado, ha no centro um grande lavatorio com muitas bacias moveis e ácima de cada bacia uma torneira, toalhas, etc. As creanças, ao entrarem para a aula e á sahida, são lavadas e têm a roupa e os sapatos escovados pelas creadas.

Os bancos de uma das salas são dispostos em fôrma de amphitheatro, de modo que às professoras nada escapa do que fazem as creanças.

As aulas, que começam ás 8 horas da manhã, terminam ás 5 da tarde, havendo entre as diversas classes, grandes pausas, recreios e canticos, para amenisal-as.

Ahi obtive cadernos de deveres escolares, desenhos e trabalhos dos alumnos sobre tapeçaria e trançado de papel. Desses trabalhos de trançado de papel, xadrezes e outros desenhos, ha alguns muito bons, attendendo-se à idade das creanças. No mesmo caso ha escriptas de creanças de 3 e 4 annos bem regulares.

A frequencia diaria dos cinco estabelecimentos de ensino que funcçionam na escola communal da rua Tanager, é de 1.500 alumnos, isto sem contar a dos cursos nocturnos.

ESCOLA DIDEROT

A escola municipal Diderot, funcçionando no Boulevard de la Villette n. 60, dirigida pelo engenheiro M. J. Bocquet, official da instrucção publica, é uma escola especial de aprendizagem e foi aberta em Janeiro de 1873.

Funciona em um vastissimo predio nacional e tinha na epocha em que a visitei, 317 alumnos, entre 13 e 19 annos de idade, pois é essa a idade exigida para a matricula.

Como esta escola, ha mais duas em Paris, uma que se destina a preparar operarios de encadernação e outra para o fabrico de moveis. A escola Diderot tem officinas para trabalhos em madeira, ferro e metaes. O local destinado ás officinas occupa um espaço de 300 metros de circuito.

Das outras escolas communaes os alumnos sahem aprendizes; desta, sahem operarios feitos e instruidos. Os alumnos usam todos uma blusa azul e calças da mesma côr, acompanhados de um bonet de seda preta, a vestimenta, emfim, do operario francez. Esta escola já mereceu uma visita demorada do finado ex-imperador do Brazil, que deixou inscripto o seu nome no livro dos visitantes illustres.

As condições de admissão são as seguintes :

Os alumnos são externos. O ensino é gratuito. Aos alumnos são fornecidos gratuitamente todos os meios de estudo e de trabalho.

Nenhum alumno é admittido antes dos 13, nem depois dos 16 annos de idade, e só se matricula após ums exame que se realiza na propria escola. O exame consta de: — um dictado; um problema de arithmetica sobre a regra de tres; um problema sobre fracções; um calculo de superficie ou de volume com applicação do systema metrico; e um desenho.

Esses exames de admissão realizam-se todos os annos no fim do mez de Julho, sendo annunciada a data com antecedencia.

São exigidos para a admissão os seguintes documentos: certidão de revaccinação; certidão de isenção do serviço militar, a caderneta militar; certidão de inscrição na lista do recrutamento; documento de opção ou carta de naturalisação ou qualquer outra peça official, declarando que o pae do candidato

satisfez à lei do recrutamento ; certidão de estudos primarios, si a possúe ; certidão de nascimento.

Depois do exame, é affixada dentro e fóra da escola a lista dos alumnos admittidos.

Aos paes e tutores compete fornecer durante os tres annos de estudos dos seus filhos ou tutelados:— o fardamento do batalhão escolar, o bonet do uniforme da escola, a roupa de trabalho composta de blusa e calça azues. A's quintas-feiras, obrigatoriamente, o alumno deve comparecer com o fardamento do batalhão escolar.

O regulamento escolar determina que :

A entrada para a escola é ás 7 ³/₄ horas da manhã para os alumnos do 1º e do 2º anno, e ás 6 ³/₄ para os do 3º anno. A sahida para todos é ás 6 horas da tarde, não podendo sahir durante o dia, sob pretexto algum. Podem tomar alimentos na escola ao meio-dia por 50 centimos por dia de presença, comprando e trazendo à sua custa a bebida. São, porém, conferidas em grande numero aos alumnos estudiosos de 2º e 3º anno, bolsas (pensões) de almoço.

O alumno que não comparecer às aulas da manhã não é admittido às da tarde. Toda a ausencia será auctorizada pelo director ; as ausencias não auctorizadas e não justificadas, são puniveis ; se forem frequentes darão logar à expulsão, e quando justificadas, mas frequentes, podem trazer como castigo a repetição do anno de estudos.

O character geral dos estudos e o objectivo da escola é formar operarios instruidos e habeis e para isso recebe aprendizes para o trabalho de madeiras e de metaes. As officinas são destinadas ao trabalho de forja, *ajustage*, trabalhos de torno sobre metaes e madeiras, serralheria, modelação, marceneria, carpinteria e instrumentos de precisão.

A duração da aprendizagem é de tres annos. Durante o primeiro anno, os alumnos passam successivamente das officinas de madeira às de ferro, afim de escolher praticamente o officio que

pretendem seguir, pondo assim em prova as suas aptidões ou vocação. Ao entrarem para o segundo anno dirão a especialidade que pretendem seguir.

D'ahi por diante começa verdadeiramente o apprendizado no officio. Nesse apprendizado não se liga importancia sómente à pratica e sim tambem à theoria. Nenhuma peça, machina ou trabalho de qualquer especie, é feito sem ter sido feito primeiro o seu desenho ou a sua planta.

O trabalho diario comprehende 4 1/2 horas de officina para os dois primeiros annos, 6 1/2 horas para o terceiro, além de 4 horas de classe para os dois primeiros annos e 3 para o terceiro, isto é, para o ensino intellectual.

Esses dois generos de exercicios são separados por descansos destinados ao recreio e alimentação.

Os exercicios militares realizam-se às quintas-feiras, de 1 às 3 1/2 ou de 3 1/2 às 6 horas da tarde, conforme a época.

Além dos estudos technicos, os alumnos têm educação intellectual obrigatoria sobre lingua franceza, mathematicas, chimica, physica, technologia, mecanica, historia, geographia, desenho de ornamento, desenho industrial e contabilidade.

Eis, resumidamente, o programma do ensino :

Lingua franceza

- 1º ANNO — Grammatica, orthographia, redacções.
- 2º ANNO — Estudo mais desenvolvido da grammatica, exercicios de redacção.
- 3º ANNO — Narrações sobre visitas a officinas ou a usinas.

Mathematicas

- 1º ANNO — Arithmetica. Traçados geometricos. Geometria plana. Exercicios numericos.
- 2º ANNO — Estudo mais desenvolvido da arithmetica. Geometria — medidas de superficie, traçados geometricos. Exercicios numericos.

- 3º ANNO — Emprego das expressões litteraes e applicação das fórmulas algebraicas. Medidas de volume. Curvas usuaes. Traçados geometricos.

Chimica

- 1º ANNO — Elementos de chimica geral.
2º ANNO — Chimica industrial. Metallurgia.
3º ANNO — Complementos de physica e chimica. Applicações industriaes.

Physica

- 1º ANNO — Elementos de physica, propriedades geraes dos corpos.
2º ANNO — Physica industrial. Applicações industriaes.
3º ANNO — Applicações industriaes de physica e chimica.

Technologia

- 1º ANNO — Materiaes. Sua proveniencia, suas propriedades e usos. Ferramentas.
2º ANNO — Orgãos elementares das machinas. Processos de fabricação.
3º ANNO — Descripção de machinas e ferramentas. Motores a vapor. Pequenos motores.

Mechanica

- 2º ANNO — Mechanica elementar. Applicações numericas.
3º ANNO — Complementos da mechanica; resistencia das materias. Applicações numericas.

Historia

- 1º ANNO — Historia do trabalho e da industria em França, desde os tempos prehistoricos até os nossos dias: vida, vestimentas, habitação, ferramentas, industria, commercio, armas, nas diversas épochas. (O mesmo programma para o 2º e 3º anno.)

Geographia

- 1º ANNO — Geographia da Asia, Africa, America e Oceania.
(Commercio e Industria.)
2º ANNO — Geographia da Europa e particularmente da
França. (Commercio e Industria.)

Desenho de ornamento

- 1º ANNO — Desenho a mão levantada, segundo o modelo
em gesso, ferro, metal ou madeira.
2º ANNO — Programma do 1º anno. Principios geraes de
composição ornamental.

Desenho industrial

- 1º ANNO — *Croquis* a mão levantada.
2º ANNO — *Croquis*, segundo o modelo. Passado a limpo
a lapis.
3º ANNO — Alçados de ferramentas e machinas. Passar a
limpo a lapis.

Contabilidade

- 3º ANNO — Noções de contabilidade e de economia in-
dustrial.

No fim dos tres annos de estudos os alumnos recebem um diploma de aprendizagem. Nenhum diploma é dado antes desse tempo, embora o alumno frequente o 1º e o 2º anno.

Na época da minha visita, segundo as informações que me deu o director, além do porteiro e empregados inferiores precisos, cada classe de ensino intellectual tinha um professor e havia 12 mestres de officina.

ESCOLA COMMUNAL DA RUA AMPÈRE N. 18

Esta escola é dirigida por Mr. Vignon e tinha, quando a visitei, uma frequencia de 400 alumnos. As aulas começam

às 8 $\frac{1}{2}$ da manhã e terminam às 11 $\frac{1}{2}$, para de novo começarem à 1 e terminarem às 4 horas da tarde. Os alumnos são de 6 a 14 annos de idade.

E' um edificio proprio nacional e construido especialmente para escola. De um lado funciona a escola do sexo masculino e do outro a do feminino. A parte pertencente ao sexo masculino contém, além da sala de entrada, gabinete do director, boa sala de bibliotheca, gabinete de physica, chimica, etc., uma esplendida sala para desenho, montada a capricho, com bancos e mesas apropriadas, e oito boas salas para as classes.

Esta parte do predio tem, além do pavimento térreo, mais 2 pavimentos. A sala de desenho ostenta magnificas collecções de modelos, especialmente em gesso. Nas escolas de Paris, além dos trabalhos manuaes, que merecem muito desvelo, cuida-se tambem muito desveladamente do desenho. Em geral, é agradabilissima a visita à sala especial de desenho das escolas communaes. O gosto por esse ensino revela-se em tudo: na importancia e variedade das collecções de modelos, na mobilia especial e commoda, na abundancia de lampeões apropriados e bem dispostos para o ensino dessa disciplina nos cursos nocturnos, no papel empregado; em tudo, finalmente, vê-se que o desenho é o escopo principal a que visam os cuidados da administração. E' que a França não cuida só em preparar bachareis e doutores, mas operarios instruidos e aptos, que não deixem descer no conceito universal as tradições de bom gosto dos productos industriaes francezes.

A bibliotheca circulante é dividida em duas partes: — uma de livros proprios para serem emprestados a creanças e outra para adultos.

O director mostrou-me um methodo progressivo de calligraphia, de que é auctor. A collecção é de muitos cadernos, e para demonstrar-me cabalmente o progresso que pelo seu methodo têm feito os alumnos da sua escola, apresentou-me cadernos de deveres escolares, realmente dignos de ser

vistos, já pelo asseio, já pela belleza do typo calligraphico, já pelo adiantamento revelado pelos alumnos em poucas licções. Ha mesmo cadernos de diversos alumnos que parecem ter sido escriptos por um só, tal é a semelhança da lettra. Por elle me foi offerecida uma boa collecção de desenhos *d'après nature* e dois cadernos de deveres escolares.

Na escola ha uma caixa de medicamentos, completa, para o caso de qualquer accidente e enquanto não vem o medico.

Ha, além dessa, uma outra caixa no mesmo sentido e ainda mais completa que a primeira, fornecida pela Associação da Cruz Vermelha, que mantém nessa escola, como em algumas outras, um curso especial de enfermeiro. Neste curso supplementar só são admittidos rapazes de 14 annos de idade.

O medico da escola visita-a duas vezes por semana.

Em uma das salas, a de gymnastica, provida com todos os apparelhos deste ensino, como escadas, cordas, halteres, etc., o director mostrou-me um grande sortimento de espingardas do systema Chassepot, baionetas, cornetins, flautins e caixas de rufo, pertencente ao contingente de alumnos que a escola fornece para o batalhão escolar.

A escola, além do director, do porteiro e dos empregados inferiores de serviço, tem 8 professores para o ensino intellectual, 2 para o desenho e 1 de musica e solfejo.

Aos domingos funciona nessa escola um curso para operarios.

Nesta, como em todas as escolas francezas, quando o director entra na sala de uma classe, todos os alumnos se levantam e o saúdam com uma continencia militar.

O mesmo se dá quando entra qualquer visitante. Se o visitante está em um corredor, escada ou qualquer outro local por onde passam os alumnos de uma ou mais classes para se dirigirem ao recreio ou a outras salas especiaes de classe, os professores que dirigem a turma o saúdam com uma inclinação de cabeça e os alumnos todos, á proporção que passam, fazem a

continencia militar, levantando a mão direita aberta á altura da frente. E' agradavel ver o respeito e delicadeza com que fazem essa saudação.

Nessa, como na escola da rua Tanger, e em outras, vi grande numero de alumnos tendo ao peito medalhas ganhas pelo seu esforço e merecimento. Ordinariamente essas distincções lhes são conferidas todos os mezes, segundo o grau de aproveitamento ou procedimento. Todas têm no centro um — R — e um — F —, as iniciaes da nacionalidade franceza.

Não vi a escola do sexo feminino, que funciona no mesmo edificio, mas o director, para obsequiar-me, conduziu-me e apresentou-me á directora da

ESCOLA INFANTIL

que tambem nelle funciona, acompanhando-me em toda a visita que fiz a esta escola.

Esta escola é dirigida por Mme. Coulon e recebe creanças de dois a seis annos. A frequencia era de 200 alumnos. Além da directora e do pessoal inferior de serviço, havia quatro professoras, bem como professoras e professores especiaes.

Assisti á aula de licção de cousas, dirigida por Mme. Cuillait, e na qual havia 35 alumnos. A licção era sobre passaros e servia para a explicação uma das paginas de um grande livro de historia natural, que era occupada por passaros coloridos. A professora fazia a descripção dos passaros, salientando a differença das côres das pennas de cada um. Em seguida, fazia a descripção anatomica do passaro, etc.

Em uma outra sala, as creanças, sob a direcção da professora Mme. Mailly, trabalhavam com as — « Petites plaquettes métriques de Mme. Monternault. E' tambem ahi adoptado o — Alfabeto Grosselin — ou antes — « Methodo phonomimico de Grosselin — ». Este methodo, editado pelo Sr. Pigoreau, é usado em 39 departamentos.

E' um methodo muito curioso e interessante que devia ser adquirido e ensaiado em alguma ou algumas das nossas escolas publicas primarias.

Assisti tambem à aula de trabalhos de tecelagem em papel, confecção de bateis, caixinhas, cestinhas e outros objectos de papel, dirigida por Mme. Pfeiffer.

Seguiram-se exercicios de recitação e canticos, que me agradaram immensamente.

A distincta directora teve a gentileza de enviar à Pensão de familia em que eu residia, uma photographia (grupo de professoras e alumnos) da escola, uma caixa do « Methodo intuitivo francez de Mme. de Monternault », uma caixa das « Petites plaquettes métriques » da mesma auctora, cadernos de deveres escolares e uma caixa com uma grande collecção de trabalhos manuaes feitos pelos alumnos, objectos esses que remetti para o *Pedagogium*.

ESCOLA MATERNAL DO BOULEVARD MALHESHERBES

A convite do mesmo director da escola do sexo masculino da rua Ampère, Mr. Vignon, a quem sou devedor das maiores attenções e provas de sympathia, fui, no dia seguinte, procural-o para irmos juntos á escola maternal do Boulevard de Malhesherbès, n. 112. Ahi fui apresentado á directora, Mme. Vivier.

A casa é alugada, e como quasi sempre acontece com as casas que não são construidas especialmente para escola, esta não se presta muito aos fins desejados. E' acanhada para o numero de alumnos e o pateo de recreio deixa muito a desejar.

A entrada é por uma acanhadissima sala que serve de gabinete da directora, que, aliás, se mostra muito contrariada pelas pequenas dimensões do edificio. E' com difficuldade que se passa por entre os moveis que estão nessa sala.

A frequencia era de 200 alumnos de 6 a 9 annos de idade.

Além da directora, da porteira e do pessoal inferior de serviço, ha cinco professoras, as adjunctas necessarias e professoras especiaes.

O systema de ensino adoptado é o systema frœbeliano, para o que a escola tem todo o material necessario.

Nas paredes ha quadros, mappas geographicos, trabalhos dos alumnos, etc. E' grande e linda a collecção de trabalhos manuaes. A directora teve a gentileza de remetter-me uma grande e linda collecção de trabalhos de trançado em papel, flôres de lã, feitas por meninos, trabalhos de desenho (cópias), de bordados a lã sobre papel, tambem feitos por meninos e uma photographia (grupo de alumnos) da escola.

A escola está dividida em cinco classes, que todas trabalham em salas differentes. Eis os nomes das respectivas professoras:

1^a classe — Mlle. Gardi ; 2^a classe — Mme. Delvallée ; 3^a classe — Mlle. Jules ; 4^a classe — Mme. Rouelle ; 5^a classe — Mme. Pornin.

Assisti a uma magnifica lição de gymnastica semapparelhos, dirigida por Mme. Vamnarck, professora especial de gymnastica, lição na qual tomavam parte alumnos só de 6 annos de idade, e após a uma aula de calligraphia. Pouco depois dava-se o signal para o recreio, que se realiza nos pateos que ficam em frente e ao lado do edificio.

ESCOLA COMMUNAL DA RUA DO GENERAL FOY

A escola da rua do General Foy funciona em um grande predio alugado. A parte destinada ao sexo masculino é dirigida por Mr. Lacroix. Quando a visitei era a época dos exames e o director não estava presente. E' que, segundo fui informado, tinha ido presidir aos exames em outra escola, emquanto que o director de uma outra, presidia aos exames desta. E' essa a

pratica adoptada. Substituia ao director o professor Maillet, a quem devo a fineza de permittir-me a visita.

Notei que o homem não me podia prestar muita attenção, embaraçado, como estava, a providenciar sobre os exames.

O numero total de alumnos que frequentavam a escola era de 200, divididos por cinco classes de 40 alumnos.

A casa é simplesmente detestavel, apesar de grande.

Além dos professores de cada classe, ha um professor de desenho, dois mestres de carpinteria e um professor de musica.

A sala de desenho, aliás bem preparada com mobilia adequada, muitos modelos e uma grande collecção de esculpturas, está no 3º andar. A officina de trabalhos manuaes está no 4º andar, e tanto para ella, como para a de desenho, no 3º andar, sobe-se por uma escada bem pouco agradavel.

Na officina de trabalhos manuaes, que funciona em uma sala acanhada, baixa e de pouca ventilação, vi 12 bancos de carpinteria, quatro bancos para trabalhos de torno em madeira, ferramentas e mais utensis necessarios.

Não era grande a collecção de trabalhos feitos pelos alumnos, e nessa collecção, a maior parte era de principiantes. Dessa escola me foram offerecidos alguns poucos trabalhos em madeira, desenhos de alumnos e um caderno de deveres escolares.

Não trouxe dessa escola a mesma impressão que recebi nas outras, já porque não havia quem me mostrasse minuciosamente tudo quanto eu desejava ver, embaraçados, como estavam, os professores e o substituto do director com os exames, já porque o individuo que foi encarregado pelo professor Maillet de mostrar-me algumas dependencias do edificio, era um sujeito boçal e ignorante das cousas escolares, já porque o edificio, talvez por ser velho e precisar de reparos, não tinha as condições de hygiene e asseio que seriam para desejar. Aquella officina de trabalhos manuaes n'uma pequena e baixa sala de um

4º andar, com 16 bancos de carpintaria e torno, uma porção de ferramentas e uma collecção de trabalhos muito pequena em relação ao que eu já havia visto em outras escolas; e aquelle *atelier* de desenho em uma sala acanhada, e n'um 3º andar, com pouca luz e pouca ventilação, causaram-me a impressão não muito lisongeira, que me causam agora que vi algumas boas escolas na Europa, certas escolas nossas que funcionam em predios alugados.

Tambem não me pareceu muito gentil o procedimento do professor Maillet, não convidando um professor estrangeiro, que visitava um estabelecimento de ensino francez, para assistir aos exames que nesse momento e nesse estabelecimento se realizavam. Attribúo, porém, tudo isso aos embaraços proprios da occasião ou á falta de pratica de quem substituiu o director. Nestas condições e pelo que vi, não podia trazer boa impressão da escola da rua do General Foy.

ESCOLA COMMUNAL DA RUA THANDOU N. 3

Funciona esta escola em um magnifico edificio e é dirigida a parte destinada ao sexo masculino pelo professor Mr. Juncker. E' uma das mais bem organisadas de Paris e o seu director um dos professores mais amaveis e obsequiosos que encontrei nessa cidade. A' maior parte das aulas, funcionando ao mesmo tempo em salas completamente distinctas e cada uma dirigida por um professor e seus adjunctos, dá accessu um extenso e largo corredor com janellas, ou antes uma galeria cheia de ar e de luz, assejada e hygienica.

Cada uma dessas salas de aula tem duas ou tres janellas e para que não se estabeleçam correntes de ar entre essas janellas e as do corredor que lhes ficam em frente, muitas vezes, quando as aulas estão funcionando, as portas que dão para o corredor ficam fechadas. Ao fundo do corredor fica a sala de desenho,

vasta, alegre e arejada, magnificamente mobilhada para o ensino dessa disciplina. Ha grande abundancia de lampeões apropriados e collocados segundo as exigencias. Na sala existem excellentes collecções completas de modelos de todo o genero e com especialidade em gesso.

Assisti a varias aulas nesta escola, demorando-me bastante em cada uma dellas.

Não menos notavel é o salão destinado aos exercicios de gymnastica, provido de todos os apparatus: barras esphericas, halteres, escadas, cordas lisas e de nós, trapesios, etc. Esta sala está collocada no pavimento terreo e nella assisti a uma esplendida licção de gymnastica sem apparatus (exercicios de corpo livre, marchas e contramarchas), dada pelo professor especial dessa materia, Mr. Dumontier.

Confesso que poucas vezes na Europa assisti a uma aula desse genero que tanto me agradasse. O professor é um moço forte, robusto, dispondo de uma voz energica e fazendo exercicios rapidos, certos, promptos, que eram immediatamente imitados pelos discipulos em formatura. A sua voz vibrante incutia energia e promptidão nos discipulos. Após os exercicios, que tinham por fim desenvolver os musculos dos braços, das pernas, da cabeça, do peito, do tronco, seguiram-se as marchas, contramarchas, formaturas, tudo admiravelmente bem executado. Ao terminar, cumprimentei-o pelo adiantamento dos alumnos, perguntei-lhe o nome, que aqui deixo especificado, e qual o manual que lhe servia de guia. O livro é o « Manual de Gymnastica do Ministerio da Instrucção Publica », anno de 1891.

Contigua a esta sala está a officina de trabalhos manuaes. Os trabalhos feitos ahi são todos em madeira e nesse genero é na officina dessa escola que se trabalha melhor, depois da grande escola especial da rua Tournefort. Essa officina está bem montada e ostenta uma grande e bonita collecção de trabalhos feitos pelos alumnos.

Além da grande sala de desenho a que já me referi, ha uma outra em ponto menor. Ahi vi trabalhar uma turma. Os desenhos são feitos *d'après nature* com o objecto á vista de todos os alumnos, que o desenhavam conforme a posição em que ficam em relação ao modelo. Nessa occasião desenhava-se um regador. Os que ficavam bem em frente copiavam-no de frente, e os que lhe ficavam ao lado copiavam-no de lado ou a 3/4 de lado, conforme a posição.

Dessa escola trouxe, além de uma photographia (grupo do director e professores) e cadernos de deveres escolares, uma boa collecção de desenhos e alguns exemplares bem executados de objectos de madeira, feitos pelos alumnos.

A escola foi inaugurada em Outubro de 1882 sob a direcção de Mr. Juncker e o edificio foi construido especialmente. Além da grande sala de desenho, do pateo de gymnastica, do salão da officina, do gabinete do director, da sala de arrecadação, ha mais 11 salas de aula com bancos para 2 alumnos e todo o material necessario: quadros negros, mesas, mappas geographicos e de licções de cousas, etc.

A escola fornece um grande contingente de alumnos para os batalhões escolares. Esses batalhões, segundo me informou o director, além das grandes paradas, fazem exercicios publicos talvez umas vinte vezes por anno.

Na occasião da minha visita, a frequencia era de 600 alumnos e, além do director, do porteiro e do pessoal inferior de serviço, ha 12 professores, 2 professores especiaes de gymnastica, 2 de desenho e 1 de musica. O director reside na escola com sua familia. D'alli, a convite do mesmo director e por elle acompanhado, fui ver o

STAND COMMUNAL

mantido pela municipalidade e situado na rua da Allemanha n. 87, perto da rua Thandou.

E' um grande salão preparado para exercicios gymnasticos. De todos os aparelhos usados, quer na gymnastica elementar, quer na alta gymnastica, ha muitas colleccões.

Ahi vão, em turmas, fazer exercicios ás 4^{as}, 5^{as}, 6^{as} feiras e domingos os alumnos das escolas communaes das immediações, sendo que á noite turmas de adultos, que pertencem a associações ou grupos gymnasticos, tambem para ahi se dirigem, afim de exercitar-se, tudo e para todos gratuitamente. Como accessorio ao salão de gymnastica, ha um outro de tiro ao alvo, muito bem organizado. Esse tiro ao alvo é preparado de maneira a servir tanto para creanças, como para adultos. Um systema de corredeiras de barbante permite collocar mais perto ou mais longe o alvo, marcando-se assim os graus até aos quaes póde o individuo atirar certo no referido alvo. Um quadro, exposto no salão de gymnastica, indica os nomes das pessoas que mais longe e com mais certeza atiram ; nelle vi os nomes de alguns alumnos da escola de Mr. Juncker, que se têm distinguido no tiro ao alvo e merecido premios, já constituidos por apostas, já fornecidos por associações ou grupos gymnasticos. Regulamentos affixados estabelecem as condições de taes divertimentoos^s utilissimos e não só a guarda e execução desses regulamentos' como tambem do predio, estão confiados a um invalido da patria, que accumula as funcções de porteiro. As creanças das escolas communaes não só têm direito aos exercicios gymnasticos, como tambem ao tiro ao alvo.

As visitas demoradas que fiz á escola communal da rua Thandou e ao *Stand communal* deixaram-me satisfeitissimo.

ESCOLA COMMUNAL DA RUA TOURNEFORT (ESCOLA SALICIS)

Uma outra escola que, por infelicidade, não pude voltar para ver ainda mais minuciosamente do que da primeira e unica vez

que a visitei, foi a escola communal da rua Tournefort, verdadeiro templo do estudo e do trabalho, que merecidamente goza de uma reputação universal.

Em Portugal, na Hespanha, na Belgica (neste paiz já depois de a haver visto), falaram-me della com grande elogio e creio que em toda a Europa, como na America, em todo o lugar em que se pensa no ensino, echoou a fama do seu nome, das suas officinas e do seu ensino technico e litterario. E' realmente digna de ser vista e tem sido visitada por grande numero de homens illustres, não só da França, como do estrangeiro. Nenhum homem notavel de qualquer paiz, nenhuma commissão destinada a ver o estado do ensino publico, que percorra a Europa e que vá à França, nenhum homem que se interesse pela causa da instrucção e que passe por Paris, deixa de ver com a attenção e cuidado, que exigem, essa escola, que tem prestado os mais notaveis serviços à nação franceza. Da França, como da Inglaterra, da Dinamarca, como da Russia, da Suissa, da Italia, do Japão, dos Estados Unidos, de Nicaragua, do Brazil, de toda a parte, ella tem tido visitantes illustres, que lhe fazem justiça, elevando o seu merito, o valor do ensino que ella prodigalisa, a sua missão utilissima. Do nosso paiz recebeu ella, entre outras, a visita do ex-imperador, que a viu cuidadosamente, como viu tambem a Escola Diderot, e que escreveu no livro competente as suas impressões, resumindo-as nesta phrase: — « Tudo aqui é logico. » — O livro dos visitantes notaveis que por ella têm passado, conta um numero extraordinariamente grande de assignaturas illustres. Della têm sido enviadas, para muitos logares do mundo, caixas contendo toda a especie de trabalhos dos alumnos, quer em madeira, ferro, metaes, gesso, quer desenhos, escriptas, cadernos de deveres escolares, etc.

Tambem nunca lhe faltaram as mais altas recompensas nas exposições a que tem concorrido, os maiores louvores e distincções.

Em 28 de Abril de 1880, o director dessa escola recebia do Ministro da Instrucção Publica e Bellas-Artes, Jules Ferry, o seguinte officio:

« Ministerio da Instrucção Publica e Bellas-Artes.

« Senhor.

« A Cidade de Paris obteve as mais altas recompensas na Exposição Universal de 1878. Contribuistes largamente para os bons resultados de minha administração e sou feliz por ter de testemunhar-vos todo o meu reconhecimento.

« Os trabalhos que expuzestes justificam, aliás, por sua parte, a posição elevada que o Jury signalou ao magisterio francez. Orgulho-me por vos consagrar, por minha vez, felicitações pessoaes. Aceitai, senhor, a segurança de meus mais distinctos sentimentos.

« O ministro da Instrucção Publica e Bellas-Artes, *Jules Ferry*.

« Ao Sr. director da escola da rua Tournefort. »

Além disso, na exposição universal de 1878, Mr. Salicis obteve uma medalha de ouro e em todas as exposições escolares o estabelecimento dirigido por Mr. Laubier, e o proprio Mr. Laubier, foram recompensados sempre da fórmula a mais honrosa.

Devido em grande parte ao exito dessa escola, já em 1882 o trabalho manual estava organizado em 90 escolas communaes, sendo que o custeio dessas officinas creadas attingia a uma somma superior a 450.000 francos.

Estas demonstrações de apreço ao trabalho do director da escola da rua Tournefort estão mesmo a pedir uma pequena nota sobre o que até ha bem pouco tempo se fazia entre nós. Por aqui, quando uma escola se distinguia, não se fazia nada, nem mesmo se enviava um louvorzinho em mau almasso e em má calligraphia. Lembro-me bem que o Brazil concorreu a uma Exposição Universal estrangeira com trabalhos das escolas

publicas desta capital, a convite e instantes pedidos da administração, trabalhos que custaram grandes sacrificios, não só de esforços proprios como pecuniarios, dos professores, e... foi muito elogiado, ganhando mesmo muitos e bonitos diplomas, medalhas, etc. Isso, porém, passou tudo despercebido, e penso, embora não affirme positivamente, que os professores não tiveram um muito obrigado, nem mesmo do Inspector ou do Conselho Director, quanto mais do Ministro. Os ministros do Brazil não cuidam dessas *ninharias!* Isso é proprio dos ministros francezes, que têm pouco que fazer !

A prosperidade da escola da rua Tournefort começou, pôde-se dizer, logo desde a data de sua fundação em 1870, por ter sido em boa hora entregue a sua direcção a Mr. Laubier.

Concorreu mais que tudo para isso o impulso que lhe deu, auxiliando os esforços herculeos de Mr. Laubier e as suas aptidões especialissimas, a boa vontade de Mr. Salicis, que tão bem o comprehendeu e animou. Mr. Salicis obteve que se installassem todas as peças necessarias nas officinas de carpinteria, de forja, de modelação e de limador, de modo a constituir um verdadeiro —« ensino manual primario. »

O Conselho Municipal de Paris, satisfeito por associar-se a uma obra essencialmente democratica, votou primeiramente uma subvenção de 5.000 francos, que foi elevada em 1875 a 8.000 francos e que em 1886 era de 16.000 francos, destinada sómente aos trabalhos manuaes dessa escola. Nessa data, porém, as despezas não passavam de 15.000 francos, havendo, portanto, uma boa sobra.

Para apreciar-se devidamente esta escola, é preciso visitá-la muitas vezes. A escola não é grande relativamente ao numero de cousas que nella se contém. Quando se entra, vê-se logo uma infinidade de objectos feitos ao torno ou esculpturados, pregados aos muros. O seu numero é de milhares. Ao entrar nos grandes depositos e vendo pelas paredes, pelas prateleiras, dentro de caixas e de innumeradas gavetas a infinidade

de objectos de toda a especie que se possa imaginar, tanto objectos de enfeite, como de uso commum, de ferro, de metal, de madeira ou de gesso, feitos pelos alumnos, fica-se deslumbrado. A maior parte desses trabalhos são finissimos, delicadissimos, de um acabamento perfeito, admiravel. Duvida-se mesmo que creanças os tenham feito e parece impossivel tanta pericia em tão tenra idade. Entretanto, são creanças que os fazem. Affirmo-o, porque o vi.

Em uma importante obra, que trata especialmente dessa escola, cuja 2ª edição foi impressa em 1888, e da qual offereci um exemplar ao *Pedagogium*, além de alguns quadros soltos da mesma, leem-se os seguintes trechos, que são a exposição fidelissima da verdade :

A escola é alegre, embora situada n'um quarteirão triste.

Os jogos no recreio, como tudo o mais, estão organizados ahi de um modo intelligente e criterioso. Os alumnos brincam com os jogos de bola, de tonel, aneis, tiro de bodoque, etc., emquanto que outros distrahem-se a lavar areia com o arado. Em tudo revela-se o espirito engenhoso e pratico do director. De distancia em distancia estão fincadas no chão cavilhas cobertas de rodas metallicas fixas com parafusos. O conjuncto representa um *are* e suas principaes subdivisões.

Pondo as estacas sobre as cavilhas, é facil de figurar-se polygonos de todos os systemas, regulares ou irregulares, de onde podem-se calcular as dimensões e a superficie. O pateo coberto é pequeno, assim como o do recreio e a escola. Serve, entretanto, de museu escolar, de refeitorio, de sala para conferencias, etc. O museu possui collecções de mineraes, de plantas, de animaes, de solidos geometricos, de productos industriaes, de figuras proprias para o ensino do cõrte das pedras; todos os objectos são rotulados e classificados com grande cuidado. Os bancos em que se sentam os alumnos, n'um instante, por meio de taboas e de supportes, podem-se transformar em mesas para o almoço. No muro e em toda a sua

extensão brilham as espingardas do batalhão escolar. Uma escova circular, collocada sobre o eixo de um torno, pôde limpar, em alguns minutos, todas as armas da escola. Essa machina foi inventada por Mr. Laubier. Uma outra invenção do mesmo é um banco-carteira com diferentes compartimentos, que servem não só para guarda dos livros, como para guardar toda uma collecção de ferramentas, servindo tanto para trabalhos manuaes, como para escrever. O pateo coberto fica no fundo do recreio. Acima deste, ficam as officinas de carpinteria, de torno e fundição, e ainda ahi se soube supprir a falta de logar. Graças a uma certa disposição de prensas moveis, 4 ou 6 alumnos podem trabalhar, ao mesmo tempo, no mesmo banco de carpinteiro.

Os muros que limitam as escadas e os corredores desaparecem sob centenas de objectos de gesso, de madeira ou de pedra, fabricados pelos alumnos. A parte da casa que dá sobre a rua contém a officina de modelação. A' esquerda ha dois andares com aulas. N'uma das salas reservadas ao ensino intellectual, um metro quadrado está desenhado n'um quadro negro. Nos quatro cumes do quadrado estão fixados cordões reunidos por varões de ferro. Tirando-se os varões, estendendo-se os cordões, tem-se a figura de um metro cubico, do qual uma das faces (a que está representada no quadro preto) fica dividida em decimetros quadrados. O estabelecimento não possui sala especial de desenho; nas mesas communs, que são inclinadas, collocam-se travessas e sobre ellas taboas largas, transformando-as assim em mesas horisontaes, sobre as quaes se desenha á vontade. Nada falta á escola da rua Tournefort:— é uma escola completa. A creança recebe ahi todos os cuidados exigidos pela sua idade, tanto no que concerne ao seu physico, como á sua intelligencia. Graças a um forno economico estabelecido pela municipalidade do districto muito antes da instituição das *cantinas escolares*, são ahi fornecidos aos alumnos alimentos

aquecidos a 5 e a 10 centimos (20 e 40 réis da nossa moeda).

Mr. Burosse, de Bordeaux, auxiliado pelas informações colhidas em um livro de Mr. Salicis: « Ensino primario e aprendizagem », resume deste modo o programma de estudos seguidos nesta escola :

« 1.º Continuação e extensão do ensino escolar ; continuação dos exames que por seu *satisfecit* dão direito ao certificado de estudos ;

2.º Estudo e manejo da materia prima ;

3.º Desenho copiado de relevos, modelação, moldes, escultura sobre pedra tenra e sobre madeira, desenho geometrico e colorido ;

4.º Pratica dos processos e ferramentas em geral, trabalho no banco de carpinteiro, na fundição, no torno e no tornilho ;

5.º Ensino technico, de escripturação mercantil, geographia industrial e commercial. Primeiros elementos de economia ;

6.º Traçado a régua, com o esquadro, e a compasso, de uma peça executada ou de uma machina simples ; traçado aperfeiçoado em uma dada escala, *croquis* feitos com o transferidor. Reciprocamente: execução de desenhos feitos sobre uma escala conhecida ou um *croquis* determinado ;

7.º Invenção, traçado, execução de projectos simples. »

Eis agora minuciosamente a classificação dos alumnos e organização do trabalho :

« Esta escola comprehende duas categorias de alumnos: as creanças da escola primaria propriamente dita, formando, conforme a idade e adiantamento, quatro aulas de 50 alumnos, e os alumnos da classe chamada especial ou complementar, que são em numero de 50, o que quer dizer que o total é de 250 alumnos.

Os alumnos conservam-se na escola oito horas e meia por dia, das 7 $\frac{1}{2}$ da manhã ás 11 $\frac{1}{2}$, e de meia hora depois de meio-

dia ás 5 da tarde. Os alumnos da classe complementar ficam na escola até ás 6 $\frac{1}{2}$ no verão e até ás 6 horas no inverno. O tempo empregado na gymnastica é fóra das horas das aulas. Os alumnos vão ás officinas manuaes desde o principio dos seus estudos.

São consagradas aos trabalhos manuaes um certo numero de horas por semana, sem prejuizo dos estudos primarios.

A prova é que a escola obteve tanto successo, senão mais que as outras, nos exames finaes de estudos e no concurso de admisión ás escolas primarias superiores.

No 1º anno, os alumnos têm 3 horas por semana de technologia, 2 de modelação, 1 de carpinteria e fundição e 1 de lição de cousas na officina. No 2º anno, 2 horas de technologia, 2 de modelação, 2 de carpinteria e de fundição. No 3º anno, 2 horas e meia de technologia, 2 de modelação, 3 de carpinteria, torno e fundição. Emfim, no 4º anno, 1 $\frac{1}{2}$ hora de technologia, 2 de modelação e 3 de carpinteria, torno e fundição.

Quanto á classe complementar, comprehende duas categorias de alumnos: os que possuem a certidão de estudos ou que se preparam para obtel-a, e os que estão atrazados nos estudos primarios, porém tendo, pelo menos, 12 annos de idade. Essas duas categorias formam na classe duas secções differentes, que fazem os mesmos trabalhos manuaes afim de chegarem ao mesmo resultado de aprendizagem, mas que constituem duas divisões distinctas para os estudos escolares.

Os alumnos desta classe têm 19 horas por semana destinadas a trabalhos manuaes. O resto do tempo é empregado nos outros estudos, entre os quaes dá-se, com muita razão, uma importancia especial ao desenho e ás noções de sciencias phisicas e naturaes.

Os alumnos chegam a passar tres annos na classe complementar. No 1º e 2º anno não ha nenhuma especialidade. Elles vão dois dias por semana á modelação, um dia á fundição e dois dias á carpinteria. No 3º anno dividem-se em quatro

categorias : modelação e esculptura, carpinteria e envernizamento, fundição e limador, torno.

Ainda assim, nessas categorias elles não estão absolutamente especializados, visto que os de modelação vão uma vez por semana ao torno e à fundição, e os de carpinteria e de torno vão tambem uma vez à fundição e à modelação, e finalmente os da fundição — uma vez à modelação e à carpinteria.

Ha na escola 7 mestres de trabalhos manuaes: — 2 para a carpinteria, 2 para o torno, 2 para a fundição e o tornilho e 1 para a modelação. Além destes mestres, ha na aula complementar, para cada systema de trabalho, 1 monitor tirado d'entre os alumnos. Este monitor tem um caderno, onde estão indicados, com os *croquis*, os trabalhos feitos por cada alumno e em cada secção. Cada alumno possui um caderno — jornal dos seus trabalhos manuaes, tambem com os *croquis*. Possui um outro caderno hebdomadario, no qual ajunta á enumeração dos trabalhos e estudos da semana, todas as notas que pôde tomar, todas as observações que pôde fazer, quer na aula, quer na officina, sobre as cousas que escapam ao ensino commum. Estes cadernos são vistos regularmente pelos mestres.

Nas officinas ha : — bancos de carpinteria, tornos para madeira e ferro, tornilhos, forja e machinas de furar.

Uma das cousas que mais attrahem a attenção é a grande economia que reina nas officinas, pois utiliza-se o menor pedaço de madeira para os exercicios elementares. Deste modo se tem chegado a obter resultados muito vantajosos, sem grandes despezas.»

« Os muros da officina de carpinteria e marceneria, marcheteria e torno de madeira e ferro são cobertos de specimens de trabalhos de alumnos, representados por pequenas peças dispostas gradualmente, desde o trabalho de estréa até os trabalhos difficultosos, executados pelos maiores e pelos mais habeis alumnos.

A 2ª officina, onde estão installados a forja e diferentes tornilhos, tem tambem os muros guarnecidos de peças ajustadas, ao lado das quaes veem-se outras indicando as diferentes phases pelas quaes o ferro em folha ou em barra passou antes de ser ferramenta, instrumento ou outra qualquer peça; as partes que devem ser esquentadas são pintadas de encarnado e as que devem ser soldadas são unidas. Este processo é o adoptado em uma escola profissional de Moscow, d'onde foi copiado. E' verdadeiramente o ensino pelo aspecto, o mais proprio a penetrar no espirito infantil.

Estas duas officinas funcionam simultaneamente sob a direcção de um chefe operario especial para cada uma e para cada systema de trabalho, e sob a vigilancia de um mestre.

Os alumnos aqui são exercitados cada um de per si nos diferentes trabalhos de que já fallei, durante um numero de horas que varia segundo a idade ou, melhor, segundo a classe a que pertencem; mas todos tomam parte.»

Nenhum trabalho é feito sem primeiro ter sido desenhado.

Entre a multidão de objectos notam-se capiteis bem esculpidos, folhas de acantho, e até mesmo medalhões e bustos de real valor.

Isto faz com que os alumnos sahidos desta escola achem facil collocação, e muitas vezes os grandes proprietarios de officinas importantes, empenham-se para obter operarios ahi preparados.

O intuito dos methodos adoptados é ter sempre prompta a intelligencia, emquanto os braços funcionam; subordinar a ferramenta ao pensamento, de modo que o trabalho manual, longe de entorpecer o desenvolvimento intellectual, contribue em grande parte, para tornar-se um recreio, uma recompensa em vez de uma obrigação; finalmente, tem por objecto excitar e utilizar todas as aptidões da creança, determinando-lhe no espirito uma vocação firme e inabalavel.

« Em logar de lhe impor, como outr'ora, uma attenção passiva e um exercicio machinal de memoria, dizia, em 1880,

Mr. Tolain, relator da commissão senatorial encarregada de examinar o projecto de lei sobre as escolas manuaes, substitue agora a observação das cousas ao estudo das palavras, o julgamento á memoria, a espontaneidade á passividade. A creança tem constantemente necessidade de agir e de crear; dar um objecto á sua actividade, é o principio do novo methodo. Despertar primeiramente os sentidos da vista e do tacto, familiarisar a vista com a regularidade das fórmas, a harmonia das côres, exercitar a mão, desde a mais tenra idade para dar-lhe certa destreza, facilidade, certeza no movimento; fazer remontar o alumno de uma a outra idéa, do exemplo á theoria, para voltar da regra á applicação; taes são os meios de execução». Esses meios são os empregados na escola da rua Tournefort.

Além dos sete mestres de officina, de que já fallei, ha mais o director das officinas, dois professores-adjunctos para o curso superior, dois para o curso médio e dois para o curso elementar.

Os cursos professados na escola são, além dos cinco cursos praticos de modelação e esculptura, carpinteria, tornos de ferro e madeira, serralheria e forjas, mais os 16 cursos theoreticos seguintes:— lingua franceza; moral; leitura; escripta; historia de França; geographia; calculo; geometria; desenho linear; desenho artistico; physica; chimica, mechanica; mineralogia e botanica; gymnastica; canto; licções de cousas na officina, e technologia.

A escola comprehende cinco classes, nas quaes os cursos praticos estão divididos pelo seguinte numero de horas:

2 horas por semana para a 4 ^a classe	(6 annos, 7 annos)
4 » » » » » 3 ^a »	(8 » 9 »)
5 » » » » » 2 ^a »	(10 » 11 »)
7 » » » » » 1 ^a »	(12 » 13 »)
16 » » » » » classe especial	(14 » 15 »)

Methodo seguido no ensino do trabalho manual.— O principio deste methodo está baseado na diversidade das occupações.

Cada alumno, matriculando-se na Escola, é designado para tal ou tal officina e vai todos os dias ou pelo menos de dois em dois dias a uma officina differente. Habitua-se assim aos trabalhos de todos os systemas de que a Escola se occupa. Sua attenção está constantemente despertada e a sua habilidade manual nada perde com isso.

Antes de executar o objecto indicado faz um desenho exacto desse objecto (carpinteria ou forja), ou um *croquis* rapido (modelação ou esculptura). Este methodo o leva a comprehender o que deve fazer e deixa uma idéa perfeita no seu espirito, ao mesmo tempo que, no caderno de redacções diarias, elle registra cuidadosamente o que viu executar. De mais, a ordem que é obrigado a guardar no seu caderno de notas e outros cadernos reina igualmente na officina, onde o trabalho diario, uma vez terminado, tudo fica limpo e exactamente no seu lugar. O methodo, finalmente, resume-se nas palavras: — diversidade, facilidade e attracção para o trabalho.

Essas tres condições são garantias certas de successo, que ainda é mais certo com o systema de recompensas usadas, entre as quaes figuram a de merecer o emprestimo de um livro da bibliotheca e a inscripção no — Quadro de Honra.

Quando visitei a Escola da rua Tournefort já não era seu director Mr. Laubier, aposentado havia quatro annos.

O seu actual director é Mr. Baudrier, engenheiro, que segue as honrosas tradições de seus antecessores. Na Escola havia 250 alumnos de 6 a 14 annos de idade, e, visitando todas as suas dependencias, assisti ás diversas aulas.

Dessa Escola e devido á muita obsequiosidade e cavalheirismo de Mr. Baudrier, fiz acquisição de photographias, uma grande collecção de trabalhos em gesso, em madeira e ferro, cadernos de desenho, etc., que remetti para o *Pedagogium*. Por essas photographias se pôde avaliar o que é a Escola da rua Tournefort.

Outra escola em que o trabalho manual é tratado com grande desenvolvimento e cuidado é a

ESCOLA COMMUNAL DO BOULEVARD DU MONT-PARNASE

e d'uma officina dessa escola enviei tambem ao *Pedagogium* uma boa photographia.

E' uma escola digna de demorada visita. As suas officinas são importantissimas e os trabalhos nellas feitos pelos alumnos, rivalisam com os da escola da rua Tournefort. No mais, o ensino intellectual e moral é como o de todas as outras escolas communaes de Paris.

A photographia que obtive é tirada de um quadro de A. Truphême, conhecido pintor francez, e foi um dos successos do *Salon* de 1883.

MUSEU PEDAGOGICO

Durante a minha curta viagem, procurei ver todos os museus pedagogicos das cidades por que passei. Era meu intuito, si a minha commissão continuasse, poder ajuizar *de visu* qual das nações europeas possuia melhores estabelecimentos desse genero, estabelecimentos que são destinados a prestar e prestam, quando bem organizados, relevantissimos serviços ao ensino publico. Demais, porque não hei de confessal-o, eu gosto das bibliothecas e dos museus. As boas disposições de collecções importantes, verdadeiro e fertil manancial de grandes ensinamentos, e a placidez e a calma com que todos aquelles mestres mudos e silenciosos que estão pelas paredes, pelas prateleiras e nas *vitruines* nos dizem tantas cousas, nos revelam tantos segredos, nos ensinam tantas maravilhas da natureza ou da arte, causam-me uma satisfação illimitada.

Tanto, pois, como as escolas bem organizadas, provocavam a minha attenção os bons museus e as escolhidas bibliothecas, e para mim, eu não teria bem desempenhado a minha commissão, se não fizesse uma visita demorada aos estabelecimentos desse genero, pertencentes ás cidades em que estive, infelizmente tão pouco tempo, que não pude ir visital-os demoradamente, como desejara, para bem apreciar tudo quanto possuem.

Não deixei Paris, portanto, sem ver por duas vezes o museu pedagogico, vasto repositorio de muitas e importantes colleções, por desgraça guardadas em uma casa sem as condições requeridas para que se ostentem em todo o seu valor, sacrificadas pelo pessimo edificio em que estão, e ainda mais tão retiradas dos centros populosos da grande cidade.

O Museu Pedagogico de Paris funciona na rua Gay Lussac n. 41, em um antigo convento sem salas que prestem, sem bastante ventilação e com pouca luz. E' uma série de escadas e saletas, de corredores e alcovas, onde não raro se vê objectos estragados pela humidade e que não attrahe maior numero de visitantes pela distancia a que se acha. Demais, o pessoal é pequeno para acudir, já á conservação dos livros e objectos, já ao movimento da bibliotheca fixa e circulante, já aos muitos trabalhos que exigem a promptificação, impressão e distribuição dos seus catalogos, da sua importantissima revista e dos trabalhos valiosos que d'elle sahem para todo o mundo.

E' assim que vi uma ou duas salas tendo no chão uma alluvião de livros que, segundo me informou um empregado, iam ser queimados, por desnecessarios, e por não haver logar para a sua collocação. Entretanto, muitos desses livros podiam ainda prestar bem bons serviços. Custou-me realmente a acreditar que taes livros fossem destinados ao fogo, attendendo-se ao espirito economico, caracteristico do povo francez. Foi, porém, essa a informação que me deram, e aqui a deixo consignada por conta de quem m'a forneceu.

Tendo percorrido todo o estabelecimento, antes todos aquelles escaninhos, para alguns dos quaes se sobe por escadas velhas e escuras, e examinado todos aquelles cubiculos, pude ver que, naturalmente por deficiencia de pessoal, muita cousa não estava convenientemente classificada e arrumada, o que é verdadeiramente lamentavel. Nesse ponto, não está o Museu na altura dos seus creditos universaes, nem dos trabalhos que, honra lhe seja feita, produz e que tanto o recommendam. Tive uma decepção, porque julgava encontrar um palacio luxuoso e digno de Paris, e encontrei um velho convento arruinado, poeirento e maltratado e, o que é mais, situado em uma rua escusa do velho quarteirão latino.

O estabelecimento é dirigido por Mr. Jules Steeg, tendo por conservador Mr. Charles Dupuy e por bibliothecario Mr. Wissemans.

Devo declarar que, dos museus pedagogicos que vi na Europa, o actual *Pedagogium* desta capital, apesar de não estar ainda em um predio apropriado, só encontra rival no de Bruxellas.

O catalogo das obras e documentos que possui o Museu Pedagogico de Paris está contido em dois grandes volumes impressos em 1886, de mais de 500 paginas cada um e de typo miudo, sendo que em 1889 se adicionou a esses dois volumes um outro de mais de 300 paginas como supplemento.

E' enorme já a collecção da sua revista intitulada — « Memorias e documentos escolares publicados pelo Museu Pedagogico » — e que apparece com toda a regularidade, em fasciculos de maior ou menor numero de paginas, segundo as necessidades.

Tudo quanto póde interessar ao ensino se encontra nessa collecção: regulamentação, programmas, catalogos parciaes, etc. O Museu tem publicado, além disso, muitas outras obras importantes, taes como memorias, monographias, discursos pedagogicos, etc.

A bibliotheca do Museu é importantissima, pois conta mais de 50.000 volumes. Entre esses, ha uma grande collecção de livros raros, de muito valor. Ahi vi livros do 16^o seculo, avaliados em 1.500 francos cada um.

A bibliotheca circulante consta de perto de 4.000 volumes.

No fasciculo n. 31 das « Memorias e documentos escolares » encontra-se o catalogo dos livros que pertencem á bibliotheca circulante, isto é, que podem ser emprestados pela direcção do Museu, assim como as instrucções que regulam o modo desse emprestimo.

Leiamos o que ahi se encontra a esse respeito :

« Desde o principio do anno de 1882, uma bibliotheca circulante, destinada a facilitar a preparação para os diversos exames profissionaes do ensino primario, foi annexada ao Museu Pedagogico. »

O seguinte aviso, publicado pelo ministro da Instrucção Publica, dá a conhecer o modo de funcionamento dessa bibliotheca e as condições do emprestimo dos livros :

« AVISO.— Afim de auxiliar a preparação dos candidatos ao professorado nas escolas normaes de professores e professoras, á inspecção do ensino primario e á das escolas maternas, fica instituida no Museu Pedagogico de Paris uma bibliotheca circulante, que é dividida em tres secções :

1.^a — Secção de letras (grammatica, critica e historia litteraria; historia geral e geographia);

2.^a — Secção de sciencias (arithmetica, geometria e algebra elementares; physica e chimica; historia natural, agricultura e hygiene);

3.^a — Secção de pedagogia (psychologia, moral, instrucção civica; educação geral; methodos de ensino; legislação escolar).

O catalogo desta bibliotheca será enviado a toda pessoa que o pedir por carta dirigida ao director do Museu Pedagogico.

Os pedidos de livros deverão ser dirigidos ao ministro da Instrucção Publica, e trarão a epigraphe: « Bibliotheca circulante do Museu Pedagogico.— Pedido de livros. » Delles constará :

- a) O titulo exacto das obras pedidas;
- b) O tempo durante o qual se deseja conserval-as, sendo que esse tempo não póde exceder, em caso algum, a dois mezes;

c) A residencia da pessoa que faz o pedido, com indicação da linha de caminho de ferro e da estação de que se serve para transportar-se á sua residencia.

O primeiro pedido de livros deverá ser submittido, pelo pretendente, ao — *Visto* — do inspector da Academia ou do inspector primario.

A remessa dos livros pedidos fica aos cuidados do director do Museu Pedagogico e esses livros deverão ser restituídos logo que termine o prazo indicado no boletim da expedição. O porte do correio, na volta, fica a cargo da pessoa que os pediu emprestados.

Não poderá ser enviado por cada vez numero de volumes que exceda o peso de 5 kilos.

Os livros emprestados deverão ser restituídos ao Museu Pedagogico para que se tenha o direito de pedir outros. Não serão attendidos os pedidos de pessoas que, tendo obtido livros por duas vezes consecutivas, não tenham reenviado as obras pedidas nessas duas vezes e no tempo fixado, ou das pessoas que os tenham sujado ou estragado de qualquer fórma.

No caso de perda ou deterioração grave dos livros emprestados, a pessoa que os pediu emprestados tem de pagal-os, segundo o preço do catalogo ou substituil-os por outros iguaes.

As obras que constam do catalogo da bibliotheca circulante não são obras elementares, mas obras de estudo destinadas a completar as licções da escola primaria superior ou da escola normal primaria. Ellas não podem aproveitar senão ás pessoas que tenham já o habito de estudos sérios.

E' preciso fazer uma escolha criteriosa e intelligente nas obras que tratam de uma mesma sciencia e não procurar primeiramente as obras mais completas. Deve-se começar pelas obras que expoem os factos ou as doutrinas ; as generalisações não devem vir senão mais tarde, quando se esteja familiarisado com a linguagem ou com os assumptos proprios da sciencia de que se trata.

Não é conveniente pedir muitos livros de uma só vez, 6 ou 8 volumes, por exemplo, a pretexto de economia e para se aproveitar por uma só vez do maximo limite do peso de 5 kilos. E' preferivel limitar-se ao que se pôde ler e estudar seriamente em dois mezes, sem precipitação, lendo mais de uma vez e tomando notas. A prolongação do emprestimo não deverá ser pedida senão, quando por um motivo involuntario, não se pôde dar ao estudo das obras todo o tempo desejado. Demais, esta medida tem o inconveniente de immobilisar as obras nas mesmas mãos; restringindo assim o numero de leitores.

A direcção do Museu Pedagógico já tem sido, se bem que muito raramente, obrigada a recusar a continuação de empréstimos a leitores que, nas obras emprestadas, marcaram a lapis certos trechos ou fizeram annotações diversas. A esse respeito não pôde deixar de exercer a maior severidade, e lembra aos leitores que se trata de conservar uma propriedade do Estado, e que os habitos de ordem occupam o primeiro logar entre as qualidades de um bom professor.

A bibliotheca circulante do Museu Pedagógico começou a funcionar com toda a regularidade em 16 de Fevereiro de 1882. A's quintas-feiras de cada semana partem os pacotes, que são expedidos conforme os pedidos feitos.

E' grande o movimento da bibliotheca circulante do Museu, que tem emprestado grande quantidade de obras a professores e professoras, adjunctos e adjunctas, quer das escolas publicas, quer das escolas normaes, professores de lyceus e collegios, inspectores de ensino primario, etc. »

As mais preciosas collecções do Museu são incontestavelmente as de livros e documentos escolares, que, sob o nome de —« Bibliotheca central de ensino primario »— constituem nove bibliothecas distinctas:— a bibliotheca Rapet, a bibliotheca geral, a reserva, a bibliotheca circulante, a bibliotheca recreativa, a collecção de documentos administrativos francezes, a de documentos administrativos estrangeiros, a das cópias, e a dos cadernos de alumnos.

A bibliotheca Rapet e a bibliotheca geral formam actualmente uma só, se bem que a primeira occupe sempre uma sala especial:— ellas constam de obras de pedagogia, livros classicos, obras litterarias, scientificas e artisticas de todas as épochas e de todos os paizes, sem contar preciosos manuscritos, e entre esses os de Mr. Rapet, tudo classificado por ordem de entrada no Museu. E' difficil encontrar uma collecção mais variada e mais interessante de documentos de todas as épochas e de todas as proveniencias offerecidas ao estudo dos professores.

Merecem citação especial os numerosos documentos originaes relativos á historia da instrucção publica em França,

de 1789 a 1808, á qual se devem ajuntar 203 peças manuscriptas relativas á instrucção publica em Lorena, na época da Revolução. Demais, o Museu possui muitas monographias, a maior parte manuscriptas, sobre as escolas de todas as partes da França, desde a sua criação até nossos dias. Nesta bibliotheca geral occupa logar de honra uma infinidade de periodicos escolares francezes e estrangeiros, dos quaes muitos cessaram a publicação e são rarissimos: — é esta uma das riquezas do Museu.

A bibliotheca recreativa é de fundação muito recente e compõe-se de livros para a leitura em familia; conta perto de 1.500 obras.

A reserva é a mais preciosa das bibliothecas do Museu e consta de perto de 700 obras rarissimas, e é entreessas, constituindo mesmo a sua maior parte, que se encontram as do seculo XVI, a que já me referi.

E' consideravel o numero de atlas e de livros de geographia. O Museu tem perto de 20 aparelhos cosmographicos, 135 cartas planas de grandes dimensões, 35 cartas em relevo, perto de 50 cartas especiaes (departamentaes, locaes ou estatisticas), 35 espheras diversas, mais de 60 vistas geographicas ou historicas. Será difficil achar uma collecção geographica tão completa para as necessidades do ensino primario.

A arte, que tantas relações tem com as lettras como com as sciencias, está alli bem representada: o Museu possui perto de 300 modelos em gesso, de desenho de imitação representando as collecções officiaes dos modelos destinados ás escolas normaes e aos lyceus de rapazes e 250 modelos em gesso, madeira ou ferro, para o desenho geometrico e architectural, sem contar uma centena de methodos sobre o mesmo assumpto.

E' importante a collecção de modelos e ferramentas para trabalhos manuaes. Os trabalhos de agulha formam uma secção distincta.

São, pouco mais ou menos, em numero de 100 os instrumentos de physica, de 250 os productos chimicos, de 200 as peças de material do laboratorio de chimica, 700 as peças de vidro, 100 de vertebrados e invertebrados, mais de 100 quadros de zoologia, mais de 100 quadros de botanica e uma quantidade extraordinaria de outros objectos.

Além do grande numero de photographias enquadradas ou em albuns e uma collecção japoneza interessantissima, ha mais uma collecção notavel de mesas, estrados, quadros de leitura, de escripta, de canto, assim como jogos, mobílias escolares e apparatus gymnasticos. Emfim, as collecções, salvo as bibliothecas, elevam-se a milhares de objectos diversos.

Percorrendo as varias secções do Museu tive occasião de ver os gabinetes destinados ás preparações de physica e chimica, contendo os mais modernos e melhores apparatus. Para as preparações chimicas ha dois gabinetes, sendo um delles destinado ás preparações que exigem ingredientes desagradaveis ao olfacto e onde se trabalha com as portas fechadas. Esse gabinete dá janellas para uma área. As mesas destinadas ás preparações nos gabinetes de physica e chimica estão bastante usadas, e bem assim os frascos, o que denota que nesses gabinetes se trabalha e estuda muito.

Ahi pude ver magnificas e modernissimas machinas, e entre essas a — machina Wimshurst —, a — Table Fèret —, de elevação facultativa, e outros objectos.

Quando passei pelas tres salas destinadas ao desenho, em uma dellas varias alumnas normalistas desenhavam copiando gessos. Na sala da bibliotheca destinada á leitura, havia alguns professores e normalistas estudando e consultando obras.

O conservador do Museu offereceu-me exemplares do catalogo do Museu e algumas outras obras.

No mais, o Museu tem em suas prateleiras e *vitrines* uma infinidade de trabalhos escolares de alumnos, não só das escolas da França, como de outros paizes.

O Museu contém não menos de 30 salas, das quaes 16 são occupadas com os livros, documentos impressos e manuscriptos, e as outras pelos laboratorios e collecções scientificas, desenho, geographia, trabalho manual e mobílias escolares.

Eis o que é o Museu Pedagógico de Paris.

BIBLIOTHECA MUNICIPAL DE ARTE INDUSTRIAL

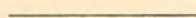
E' digna de ser vista esta bibliotheca, que funciona no edificio da escola communal da rua Ampère n. 18.

Ahi encontram-se obras que tratam de questões concernentes á arte ou á industria em todas as suas manifestações.

Para o ensino encontram-se obras sobre desenho de ornamento, flôres, passaros, etc. Para a arte decorativa outras sobre pannos ornamentaes; sobre trophéos de guerra, caça, pesca, musica, etc.; decorações interiores; pinturas; typographia; papelaria; architectura; esculptura; marmores; carpinteria; marceneria, trabalhos em ferro, em bronze, ouro e prata; ditos sobre argilla, vidro, tecidos, tapeçaria, rendas, bordados, vestimentas antigas, desde o anno de 493 até o seculo XIX, etc. etc.

Julgo ter escripto o sufficiente para se avaliar o que é o ensino publico primario em Paris. Apresentando aqui resumidamente a legislação em vigor, os methodos e programmas, a descripção, tanto quanto possivel, minuciosa, de tudo que pude ver e examinar no pouco tempo que alli me demorei e nas condições que, no principio deste relatorio, vos apresentei, e tendo trazido e offerecido ao *Pedagogium* objectos, regulamentos, catalogos, methodos impressos, trabalhos dos alumnos de todas as escolas que pude visitar, julgo ter correspondido á vossa confiança e á do governo que me nomeou para tão honrosa quanto árdua commissão.

PARTE TERCEIRA



BELGICA

BRUXELLAS

Nada ou quasi nada poderia eu dizer-vos sobre o ensino publico na Belgica, em cuja capital tão pouco me demorei, se não fôra a grande cópia de informações e documentos que obtive.

Em alguns dias (e foi esse o espaço de tempo que ahi permaneci), poucas escolas pude visitar. Esse tempo, garanto-vos, foi bem aproveitado. O meu fito era poder fazer simplesmente uma idéa do que é ahi o ensino, e creio ter conseguido, embora talvez imperfeitamente, esse *desideratum*. Isso, porém, só serviu para me despertar o desejo, que hoje, mais do que nunca, mantenho, de lá voltar, afim de admirar, com a maior minuciosidade possivel, a magnifica organização das escolas belgas, a julgar por aquellas que me foi dado visitar e pelos dados que pude colher.

Attenta a escassez de tempo, concentrei toda a minha attenção na escola annexa à escola normal, que é a escola modelo, e como tal não encontrando rival em todas as outras. Mereceu-me tambem demorada visita o Museu Pedagogico.

Ha muitos pontos de semelhança entre as leis que regem o ensino publico primario belga e as leis que regem o ensino publico primario francez. Entretanto, as escolas belgas são preparadas com um desvelo mais accentuado, com um cuidado mais meticoloso, já no que diz respeito à construcção, conforto e elegancia dos predios escolares, já no que diz respeito ao seu mobilamento. As escolas belgas, affirmo-o sem receio de contestação, são um verdadeiro primor, qualquer que seja o ponto de vista pedagogico por que se as encare.

Logo que cheguei a Bruxellas, não podendo perder tempo em dirigir-me á legação brasileira, tratei de indagar qual a escola que ficaria mais perto do hotel em que me hospedei. Eu sabia que sem auctorisação official não seria recebido. A recusa, porém, me proporcionaria ensejo de indagar qual a auctoridade a que me deveria dirigir, o local de sua residencia ou em que seria encontrada e a hora em que poderia procural-a. Como previra, assim aconteceu, tendo eu me dirigido á Escola Communal n. 6, no Boulevard du Midi.

Obtidas as informações que desejava, dirigi-me á 6ª Divisão, por onde correm os negocios da Instrucção Publica e Bellas-Artes, rue du Lombard, 24, sendo cavalheiramente recebido e tratado pelo Inspector de Instrucção Publica, Mr. Mabile.

Feita a minha apresentação e o meu pedido e tendo declarado que não podia demorar-me na cidade, o distincto funcionario deu-me uma lista de 4 escolas, que visitei, as melhores, na sua opinião, assim como a promessa de que me enviaria, antes da minha partida, alguns documentos importantes sobre o ensino, promessa que teve a gentileza de cumprir. Do mesmo cavalheiro tive indicação do estabelecimento photographico em que poderia encontrar photographias das escolas belgas :— Mr. Alexandre, rue Haute, 268 (antigo).

A essa mesma photographia fui depois conduzido por um empregado da Escola Normal, a mandado do director. Tendo feito ahi encommendas de varias photographias, ficaram de remetter-m'as para Paris, o que não fizeram. Quando estava para seguir viagem com destino a esta Capital, enviei uma carta a Mr. Sluys, da Escola Normal, pedindo-lhe que obtivesse a remessa dessas photographias. Tive em resposta, por carta, recebida nesta Capital, que ellas viriam brevemente. A essa carta acompanhavam outros documentos, de que tratarei mais adiante.

As photographias, porém, até á hora em que escrevo estas linhas, não me chegaram ás mãos.

As escolas que constam da lista fornecida por Mr. Mabile, são as seguintes : — Escola normal e escola de applicação e annexos, boulevard du Hainaut, 98 ; Escola primaria n. 3 (sexo masculino), rue Nouveau Marché aux Grains ; jardim de infancia n. 7, rue de la Roue ; e jardim de infancia n. 5, rue des Fleuristes.

Ao distincto director da Escola Normal de Bruxellas, Mr. A. Sluys, talvez o homem mais eminente em assumptos pedagogicos na Belgica e a quem o ensino publico mais deve modernamente nesse paiz, talento e illustração fóra do commum, qualidades estas auxiliadas por uma tenacidade sem fraquejamentos, uma vocação e aptidão especialissimas e uma actividade sem competidora, tudo reunido a uma delicadeza extremada, que o torna um dos homens mais populares e estimados e que lhe tem conquistado um nome universal, devo eu, por minha parte, a maior porção de informações necessarias para a confecção deste trabalho.

Como se sabe, só a esforços heroicos e tenazes se deve o progresso do ensino na Belgica, por causa da nefasta influencia da politica sobre a instrucção popular e sobre as escolas. Para se avaliar do valor desse trabalho herculeo, que creou para as escolas belgas a mais alta reputação em todo o mundo civilisado, basta pensar-se que, quando alguém pronuncia o nome desse paiz, a idéa que acode immediatamente a todos os espiritos esclarecidos é a de que se vai fallar do paiz das boas escolas, do paiz em que o ensino popular é a causa de todos os cidadãos, é a grande causa nacional. A reputação das suas escolas enraizou-se na consciencia de todos os outros povos. O mesmo acontece com a Suissa. As idéas que acodem a qualquer, ouvindo fallar desse paiz, são as das suas montanhas cobertas de gelo, dos seus lagos, das suas leis e costumes que a tornam uma republica modelo e que, apesar de tão pequena e tão fragil, relativamente ás nações que a rodeiam, soube crear para si uma atmosphera de admiração e de respeito universaes,

alliendo a isso a excellencia das suas escolas, em tão grande numero e tão bem organisadas que não ha, talvez, um unico cidadão analphabeto ou que ignore os seus direitos e os seus deveres. Quem lembra a França, lembra a coragem e o amor da patria, o enthusiasmo pelos grandes principios e as grandes revoluções que tornaram a sua capital o cerebro do mundo. Quem lembra a Allemanha, lembra a disciplina rigorosa, a terra dos exercitos, das baionetas, do ferro, dos canhões e a paciencia, a tenacidade fria e esmagadora, propria do temperamento germanico, a meditar sobre os livros e a perscrutar os mais reconditos segredos das sciencias metaphysicas. Se nos acode á mente o nome da Russia, acode-nos tambem, como uma successão immediata de idéas, o cesarismo auctoritario e despotico, os odios concentrados e envoltos tambem n'um circulo de canhões e baionetas, e assim com os outros paizes. São os distinctivos de cada um, o seu caracteristico, as qualidades que lhes são inherentes e pelas quaes são conhecidos, como acontece com o individuo na sociedade.

Pois bem, se essas nações são isso que se acaba de ver; se a Italia é a terra da arte, como a França, que é, nesse ponto, a sua poderosa rival; se a Inglaterra é o paiz das poderosas esquadras e do ouro, que nunca é bastante para ser capaz de saciar-lhe as ambições desmedidas; a Belgica é... a terra da instrucção popular, o paiz da manufactura e das escolas bem organisadas, um dos paizes europeus em que mais e melhor se cultiva a sciencia pedagogica.

Mas na Belgica ha uma lucta sem trêguas entre os partidos liberal e clerical, lucta que se reflecte de uma fôrma extraordinaria e, por vezes, perniciosissima sobre a escola popular. E' um combate entre o progresso e o obscurantismo, entre as idéas novas e as velhas usanças, combate colossal, que se reproduz periodicamente, pois de cada vez que sobe ao poder um dos partidos militantes, destróe tudo quanto encontrou feito pelo outro.

Para demonstrar até que ponto chega o encarniçamento dessa batalha, essa pugna constante, basta citar um facto. Ha na fachada da Academia de Bellas-Artes duas estatuas, que alli foram collocadas como a Arte, a verdadeira Arte Moderna, sem convenções e prejuizos, as admite em toda a parte e com especialidade na França; isto é, em completa nudez. O estrangeiro, ou mesmo o nacional ignorante das cousas politicas, sabe na Belgica, ao chegar á sua capital, qual é o partido que está no poder. Basta para isso passar pela Academia: se as estatuas têm folha de parreira, é o partido clerical que está no poder; se não têm, é o partido liberal. E' um dos cuidados dos partidos, logo que sobem, o demonstrar ao povo que não lê, ou ao estrangeiro que não sabe qual a politica então dominante, quem está de cima. Aquillo tornou-se um thermometro politico, uma curiosa e original representação do poder. Na época da minha visita a Bruxellas, as estatuas da Academia tinham folha de parreira. O ensino publico estava, pois, em uma das suas más épochas, estava na decadencia. Felizmente, é provisoria essa decadencia, e me affirmaram mesmo que não estava longe o alvorecer do dia do progresso, isto é, da subida do partido liberal.

Com os liberaes belgas e a respeito da instrucção publica reproduz-se a eterna lenda do rochedo de Sysipho, que rola constantemente para o abysmo. E' um trabalho que não cessa, porque não podem conseguir o seu alvo e descansar após sobre os louros colhidos na lucta, os louros da victoria.

Penso prestar maior serviço dando ao meu relatorio a orientação que tenho dado, do que limitando-me ás minhas impressões pessoaes, por vezes rapidas, como se deu em Bruxellas, onde não tive tempo de fazer um estudo minucioso das suas escolas. Antes de passar propriamente ao que vi, ás leis, aos programmas e á descripção das escolas visitadas, será com o auxilio de Mr. Sluys, que farei um apanhamento historico do ensino publico na Belgica. Demais, a palavra do eminente professor tem o cunho official que lhe empresta a sua alta posição.

Para isso bastaria que transcrevesse um bello trabalho sobre o movimento das idéas pedagogicas na Belgica, que, em fórma de carta, dirigiu esse professor ao Sr. Pablo Pizzurno, director e redactor da *Revista do Ensino* de Buenos-Aires, e nessa revista publicado. Delle, como de um outro artigo sobre as escolas belgas, publicado na mesma revista pelo Sr. Pizzurno, me deu Mr. Sluys exemplares, chamando para elles a minha attenção.

A carta a que me refiro, escripta pelo director da Escola Normal, não é um trabalho commum, é antes um grito de guerra impregnado de justos e energicos lamentos; é um queixume, mas é tambem um brado de revolta; o brado angustioso, mas cheio de patriotismo, de uma alma indignada; nella se revela todo o seu amor, toda a sua dedicação pelo ensino, de que elle fez um apostolado profundamente sincero, que não receia a lucta, nem o trabalho, nem o sacrificio. Por ella se pôde bem ajuizar do movimento pedagogico na Belgica, cousa que nem todos conhecem entre nós, e que nos pôde trazer grandes ensinamentos. Por isso, transcreverei, resumindo-os, alguns dos seus trechos:

« Eis aqui a largos traços a historia do movimento das idéas pedagogicas na Belgica.

A revolução de 1830 separou a Belgica da Hollanda. A Constituição belga proclamou a liberdade do ensino:—todo aquelle que quizer pôde abrir uma escola sem ter que sujeitar-se a nenhuma garantia de moralidade e de capacidade; os paes têm a liberdade de enviar seus filhos á escola, de ensinal-os em casa ou de deixal-os na ignorancia. E' a liberdade mais absoluta, sem garantia alguma para a conservação social, sem defesa dos interesses da creança contra a ignorancia ou a avareza e negligencia dos paes.

De 1830 a 1842 o governo abandonou completamente a instrucção publica. Quasi todas as escolas, que eram boas em geral, fundadas de 1815 a 1830, sob o regimen hollandez,

cahiram ; os mestres e professores que se julgava professarem as idéas do liberalismo, foram arrancados dos seus logares: uns abraçaram outras carreiras, outros se expatriaram, abandonando um paiz entregue á reacção ultramontana.

A liberdade absoluta e o completo desinteresse do Estado haviam em doze annos atirado o paiz á ignorancia e ao fanatismo. Já não tinhamos senão escolas fundadas pelo clero catholico, nas quaes centenas de creanças eram amontoadas em qualquer parte aos cuidados de um sachristão quasi analfabeto e não raro aos cuidados tambem de um criminoso reincidente. O ensino quasi que se limitava á recitação machinal de rezas e ás praticas da devoção. O povo, inconsciente dos seus direitos e dos seus deveres, confiava seus filhos ás escolas do clero. Estes eram educados de um modo que os não arrancava do embotamento intellectual e os sujeitava á Igreja. Um povo submettido a tal regimen pôde ser livre sem perigo para a Igreja, mas é incapaz de servir-se da liberdade para emancipar-se.

Os municipios liberaes e alguns publicistas, notavelmente Monsenhor Bommel, bispo de Liège, protestaram energicamente contra esta degradante situação que arrastava a grandes passos o paiz para a barbaria. O parlamento em 1842 votou a primeira lei organica do ensino publico. Esta lei foi uma transacção entre os liberaes e os clericos. Os liberaes para obter escolas publicas deveriam fazer enormes concessões ao clero. Cada municipio tinha que abrir uma escola e dar instrucção gratuita ás creanças indigentes, de accordo com um programma que comprehendia :— a lingua materna (francez nas localidades valonas, neerlandez nas localidades flamengas), a leitura, a escripta, o calculo, o conhecimento dos pesos e medidas, os elementos da historia e da geographia. O ensino da religião catholica era obrigatorio para todas as escolas, sem excepção.

Inspectores ecclesiasticos nomeados pelos bispos, sem nenhuma intervenção ou verificação do Estado, que, não obstante, devia

pagal-os, tinham o direito absoluto de visitar as escolas, quando lhes agradasse, interrogar os alumnos, interromper os cursos, fazer observações aos professores, propor penas disciplinares contra elles, etc. etc. O clero de cada parochia tinha os mesmos direitos. Em uma palavra, as escolas publicas fundadas pelos municipios, sustentadas às expensas dos municipios, das provincias e do Estado, estavam completamente submittidas ao clero catholico, o qual, porém, não dependia em nada do Estado. Nenhum livro podia empregar-se nas escolas se não tivesse a approvação ecclesiastica e a de uma commissão governamental.

Os professores deviam ser diplomados pelas duas escolas normaes do Estado, a de Lierre (lingua flamenga) e a de Nivelles (lingua franceza). A' frente dessas escolas o Estado punha sacerdotes catholicos. Outro sacerdote era encarregado do ensino religioso. O internato era de rigor. As praticas da devoção faziam-se em grande escala. Durante as fêrias os normalistas não escapavam à inquisição moral: deviam na volta entregar ao director um bilhete de confissão e boa conducta, dado pelo cura da parochia que habitavam seus paes. A cadeira de pedagogia foi confiada em Lierre ao abbade De Coster; em Nivelles a M. Braun, professor allemão. O primeiro, De Coster, era um homem intelligente, um sacerdote com idéas liberaes, tolerante. Mas o episcopado tremeu ante as consequencias que poderiam resultar para a religião. Accusado, em um folheto anonymo, de corromper o espirito dos futuros professores, de preparar atheus, materialistas e positivistas, foi obrigado a demittir-se, deixando vivas recordações. O Sr. Braun occupou mais de 30 annos a cadeira de pedagogia, que abandonou para occupar a inspecção das escolas, até obter, ha poucos tempos, a sua jubilação. Foi um bom mestre, que fez-se amar pelos discipulos, mas das suas doutrinas pedagogicas não deixou traço algum. Deve-lhe muito, porém, a introduccão das — « licções de cousas » — e a reintroduccão do methodo de

leitura sem solettração, o methodo chamado — por uma só emissão de voz ou methodo phonico.

Inspectores leigos eram nomeados pelo ministro do Interior. Os inspectores cantonaes deviam visitar as escolas, aconselhar os professores e reunil-os trimestralmente em uma escola municipal. Um professor, previamente designado, dava algumas licções aos alumnos em presença dos seus collegas ; em seguida se discutiam essas licções sob o ponto de vista do methodo. Trabalhos escriptos sobre uma questão pedagogica, determinada pelo inspector, deviam ser dirigidos a este ultimo, que os examinava e fazia ler o melhor. Algumas vezes encarregava-se um professor de fazer, perante os seus collegas, uma conferencia sobre qualquer assumpto. Não nos esqueçamos de dizer que uma das licções era obrigatoriamente de religião (cathecismo ou historia sagrada), que o inspector ecclesiastico era o unico que tinha direito de julgal-a, que durante o tempo consagrado a essa licção e á sua critica era elle quem presidia e não o representante leigo, o representante do Estado.

Este systema de conferencias pedagogicas tem sido conservado até hoje, excepto no que concerne ao ensino religioso e á intervenção do inspector ecclesiastico, que desapareceram em 1879. As conferencias têm dado bons resultados ; têm estabelecido o espirito de união entre os professores (aqui, no Brazil, o resultado foi bem diverso) ; têm ajudado a propagar os bons methodos (aqui, no Brazil, ou não se fazia caso das idéas apresentadas, que annos depois eram postas em pratica como originadas da administração, ou, em vez de premios de animação aos professores, tempo houve em que se mandava que individuos escrevessem sobre ellas, e a pedido da propria administração, criticas capazes de desanimarem completamente o professor que empregara tempo, estudo e trabalho para preparar a sua conferencia) ; têm, emfim, contribuido para o aperfeiçoamento do ensino.

Durante os primeiros annos, os inspectores leigos eram escolhidos pelo ministro entre pessoas que não pertenciam ao corpo docente primario: eram advogados, medicos, antigos funcionarios, etc. Esses homens, por bem dotados que fossem, não tinham nenhuma idéa de pedagogia e sua influencia foi nulla ou pouco menos.

Mais tarde, esse systema foi abolido e os inspectores *foram escolhidos sómente entre os professores*. Mas a miudo, muito a miudo, influencias estranhas á pedagogia determinaram a escolha dos ministros.

A politica estragou completamente mais de uma vez uma boa organização. Os professores foram nomeados inspectores, mais que por seus meritos proprios, pelos serviços eleitoraes prestados. Esse mal continúa, exercendo-se ainda hoje.

De 1842 a 1878, o ensino publico fez sérios progressos em todo o paiz. As escolas se multiplicaram. O numero de analphabetos diminuiu. Mas os abusos da Igreja se multiplicaram tambem.

Em geral, havia um numero exagerado de alumnos nas classes: de 50 a 100 e até a 150 para um só professor. O professor era mal retribuido em muitas localidades. Se mostrava alguma independencia de character, nas communas clericas, se não se mostrava em tudo, tanto na vida privada como publica, o servidor do cura, soffria a todos os instantes uma perseguição encarnçada.

O partido liberal belga não tardou em ver que a lei de 1842 era um laço, em que o episcopado o fizera cahir. Este, do pulpito, condemnava todas as liberdades, estygmatisava a Constituição de 1831, proclamando que os fieis deviam obedecer á Igreja, ao Papa e não ao poder civil, affirmando que a unica Constituição era o Syllabus, lançando o anathema contra os que admittiam a liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento e de sua expressão, a independencia da sciencia, a soberania da razão. E isto fazia o clero nas escolas normaes, nas

conferencias pedagogicas, em toda a parte, sem que fosse permitido discutir ou protestar.

A « Liga belga do ensino » foi fundada em 1865 por um grupo de liberaes resolvidos a opporem-se, pela propaganda e pela acção, á influencia ultramontana, que penetrava por toda a parte nas escolas. Seu fim era trabalhar na propaganda e aperfeiçoamento da educação e da instrucção pelo estudo e discussão das questões relativas ao ensino e pelos meios legaes proprios a provocar a revisão das leis. Propunha-se tambem a elevar a posição social dos professores, favorecer o estabelecimento das bibliothecas populares, cursos publicos, escolas de adultos, escolas-modelos e escolas normaes, espalhar publicações sobre educação e instrucção, etc. etc.

A Liga luctou com energia de 1875 a 1878 para preparar a opinião publica e obter: a instrucção obrigatoria leiga e gratuita; o melhoramento dos methodos de ensino; a supressão da lei escolar de 1842. Ella estabeleceu um numero consideravel de bibliothecas publicas nas cidades e aldeias; encarregou-se de defender os professores victimas da intolerancia do clero; agitou por toda a parte a questão das reformas escolares; interessou a maioria do publico nessas questões; publicou boletins de propaganda; produziu uma agitação incessante pela penna, pela palavra, pela acção. Por isso tambem foi alvo dos ataques mais violentos por parte do clero. A lucta retemperou as energias, alentou ainda mais os animos, activou a propaganda.

A Liga, para vencer todas as preocupações e afirmar brilhantemente os seus principios, creou por subscrição, em 1875, a Escola-modelo, em Bruxellas. Mr. Ch. Buls foi o seu director de 1875 a 1878; Mr. Sluys tomou-lhe a direcção, quando Mr. Buls foi eleito conselheiro communal e nomeado director da Instrucção Publica em Bruxellas.»

E' assim que o actual director da Escola Normal da capital da Belgica conta a origem da instituição da —« Liga do

Ensino»—, sem cujo conhecimento ninguém pôde saber o que é e o que tem sido o ensino publico nesse paiz, tal tem sido a sua influencia benefica. E' a essa associação, pôde-se dizer, que a Belgica deve tudo quanto vale nesse assumpto. Eu não podia escolher quem melhor explicasse, com o cunho official de sua palavra auctorisada, semelhante ponto, sem mesmo indagar das suas opiniões politicas ou philosophicas, porque isso me não compete.

A carta continúa affirmando que a Escola-modelo rompeu francamente com a velha rotina e levantou diante do clero a bandeira do progresso ; que a Escola-modelo realizou a reforma pedagogica, cuja necessidade havia sido affirmada por Mr. Tempels, presidente da commissão escolar, em um livro que em 1875 fez grande sensação ; que ella foi essencialmente leiga, porque o ensino religioso é tarefa que incumbe ao pae de familia, mas que guardou absoluto respeito a todas as convicções religiosas ; que o ensino foi integral e baseado na sciencia. As creanças foram divididas em grupos de 33, no maximo, sob a direcção de professores, cuja missão era, antes de tudo, ensinar a pensar, a julgar, a raciocinar, provocar a iniciativa pessoal, formar caracteres energicos e rectos.

Depois, faz a descripção do edificio preparado com todas as regras de hygiene, os methodos adoptados, a organização das classes, o modo por que eram feitos os passeios escolares, etc., apesar da lucta que foi preciso continuar a manter, porque a escola foi ainda por muito tempo violentamente atacada pelos reaccionarios e até pelo corpo docente de todos os graus, com poucas excepções, vendo mesmo a sua propria organização official ameaçada.

Tres annos depois da fundação da Escola cahiu o partido clerical, batido nas eleições geraes de 1878. Fundou-se um Ministerio da Instrucção Publica, que foi confiado a Mr. P. Van Humbeeck. A lei de 1842 foi derogada e substituida pela de 1879, que declarou leigo o ensino publico. O numero de

escolas normaes foi augmentado a 18, o clero nada mais teve que fazer nas escolas publicas, e o professor foi emancipado da tutela do sacerdote.

A escola-modelo teve, além de salas bem illuminadas, ventiladas e alegres, innumerables collecções mineralogicas e geologicas, um laboratorio de physica e chimica muito bem montado, collecções de historia natural, de animaes dissecados, esqueletos, reproducções em cartão-pedra de todos os orgãos do corpo, herbarios, quadros com os orgãos dos animaes e das plantas, mappas geographicos, globos, todo o necessario para o ensino do movimento dos astros, da historia, da geographia, etc., um magnifico e abundante museu escolar, emfim, tudo quanto era util a um ensino que fallasse aos sentidos, a um ensino que tinha por base a *percepção sensivel*. Outra base do ensino foi o *principio de acção*, abandonando-se o costume de decorar o texto dos livros, a sciencia de palavras, a sciencia livresca : a creança deve ver, examinar, julgar por si mesma ; não é um recipiente, é um germen que deve desenvolver-se livremente, em um meio favoravel á expansão de todas as suas faculdades.

Diante dos objectos a creança era quem interrogava e o professor quem explicava, a creança expunha suas idéas, suas duvidas, que o professor rectificava. A escola deixou de ser o templo do silencio, o pelotão da disciplina, onde nada póde mover-se, o carcere em que as creanças não se atrevem a mostrar que são seres vivos, pelo temor do castigo. Quando na escola não havia o que era preciso que os alumnos vissem, passeava-se com elles pela cidade, mostrando-se-lhes os museus de pintura, de historia natural, o jardim botanico, os monumentos, ou eram levados ao campo, ás montanhas, para que conhecessem os phenomenos da natureza, as plantas, os passaros, os insectos, que eram explicados claramente, e nesses logares faziam colheita de objectos para o museu escolar. Eram levados ás chacaras, ás quintas, para estudarem e verem os trabalhos

de floricultura e agricultura, o modo de preparar e enfeitar os canteiros, as hortas, tornando-os entusiastas da natureza, da industria, da arte, ensinando-se-lhes, emfim, a viver a vida completa.

Eram em grande numero durante cada anno as excursões escolares, já na cidade, já nos arredores. A's vezes essas excursões iam mais longe, até à beira do mar, a Antuerpia, o grande porto de commercio belga, às montanhas mais longinquas. Quando vinha estabelecer-se em Bruxellas um panorama interessante, como a batalha de Waterloo, o Rio de Janeiro, etc., ou uma exhibição de raças estrangeiras: negros, hottentotes, indios, esquimaus, lá iam immediatamente os alumnos, conduzidos pelos professores.

O programma dessa escola foi a base da reorganisação de todo o ensino. No programma official de todas as escolas foi introduzido o ensino do desenho, dos elementos das sciencias naturaes, da musica e da gymnastica e abolido o da religião. A's escolas foram fornecidos museus escolares e todo o material preciso para o ensino intuitivo. A organisação pedagogica da Escola-modelo penetrou em todos os outres estabelecimentos publicos de ensino.

« Desgraçadamente, diz Mr. Sluys, conservou-se nas escolas normaes, excepto na de Bruxellas, o internato. O internato é em geral um mau systema e especialmente para formar professores; não é encerrando os jovens durante tres annos em uma especie de carcere, ainda que este seja dourado, conservando-os fóra da vida de familia, privando-os do contacto da sociedade, que se pôde formar caracteres. O internato é o systema que fórma espiritos estreitos, que fecha os corações, desenvolve o egoismo, impede a livre expansão dos sentimentos mais nobres, não habituando o individuo à responsabilidade dos seus actos.

O clero, despojado de auctoridade sobre as escolas publicas, lançou o interdicto contra ellas. Uma guerra encarnçada, selva-

gem, escandalosa, foi feita às escolas officiaes. Os sacerdotes recusaram os sacramentos aos paes, aos avós, aos irmãos, às irmãs, aos parentes das creanças que frequentavam as escolas publicas. Os professores que permaneceram fieis aos seus deveres foram excommungados, insultados até do alto do pulpito; excitou-se as creanças contra elles; fez-se-lhes soffrerem todos os vexames. Rico e poderoso, o clero catholico não recuou diante de cousa nenhuma: elle dominava pelo interesse material dos commerciantes, dos industriaes, dos cultivadores, pelo interesse eleitoral dos conselheiros communaes, provinciaes e dos membros da direita parlamentar. Poz em acção todas essas influencias para tornar desertas as escolas. E teve exito em um grande numero de communas submittidas ao clericalismo.

Viu-se até (cousa monstruosa!) conselheiros municipaes de localidades ruraes, que haviam sido todos discipulos do velho professor da aldeia, recusar-se, sob a pressão do clero, a pagar a seu antigo mestre os seus vencimentos. Houve localidades em que o professor não encontrava pessoa alguma que lhe vendesse viveres: o padeiro, o carnicheiro, o tendeiro se recusavam a vender-lhe os seus generos, temendo ser excommungados e arruinados!

A Camara fez proceder de 1881 a 1883 a um inquerito sobre a situação. Provou-se por milhares de testemunhos que o clero havia feito um abuso espantoso de sua auctoridade moral e de suas influencias materiaes para arruinar as escolas; que não havia recuado diante de cousa alguma para chegar aos seus fins; que havia calumniado os professores, as professoras, insultado o chefe do Estado, os ministros, os deputados, arruinado os colonos, os commerciantes que lhe resistiam, introduzido a dissensão, a intriga e a sizania em varios logares, rebellado o filho contra o pae, a esposa contra o esposo, em uma palavra, que havia desmoralizado o povo em toda a parte em que o pôde fazer.

O clero, contando com o apoio da nobreza reaccionaria, dos burguezes e dos aldeões, aos quaes dominava com o dinheiro das caixas episcopaes e dos conventos, destinado às obras de beneficencia, havia tambem aberto numerosas escolas publicas, à frente das quaes collocou irmãos ignorantes, capuchinhos, monjas, professores demittidos, sachristães sem instrucção e até pessoas condemnadas pela justiça !

A lucta entre a escola leiga official e a escola publica clerical devia terminar necessariamente com vantagem para a primeira, melhor, sem comparação, e porque a massa dos catholicos, que havia soffrido pressão, havia chegado a sacudir o jugo ; o numero consideravel de pessoas honradas, de crentes sinceros, que haviam sido excommungados, porque enviavam seus filhos à escola, e que, apezar disso, gozavam de boa saude, era para o povo um exemplo vivo da impotencia do clero, da sua injustiça, do seu odio à liberdade e ao progresso, e este exemplo havia sido sufficiente para desenganar a todos e a todos afastar definitivamente do clericalismo.

Porém para isso era necessario que os liberaes continuassem donos do poder. Desgraçadamente, assim não aconteceu.

A maioria liberal dividiu-se em dois grupos ; os moderados (doutrinarios) e os radicaes. Estes pediam a revisão do artigo constitucional que não dava o direito eleitoral senão aos belgas que pagassem 20 florins de contribuição directa. Queriam que o direito eleitoral se estendesse a todos os cidadãos que soubessem ler e escrever. Como para rever a Constituição era necessario dissolver as camaras e obter nas novas camaras dois terços dos votos, o ministerio Frère-Orban não queria entrar nesse caminho, temendo que em plena guerra escolar os clericaes obtivessem o triumpho. D'ahi a guerra no seio do parlamento entre as duas facções.

Em 1884, nas eleições geraes, a guerra chegou até à imprensa e aos *meetings* populares. Em presença do inimigo clerical, que velava, os liberaes adiantados e moderados se

destroçavam mutuamente, se despupularisavam, e o resultado final foi... a mais terrivel, a mais humilhante derrota que jámais soffreu o liberalismo na Belgica depois de 1830. Bruxellas viu cahirem por terra os seus 16 deputados. Só a Wallonia resistiu. Todo o paiz flamengo elegeu clericaes. O inimigo das escolas estava na praça. Mr. Jacobs, chefe do gabinete clerical, declarou que o proposito do Estado era preparar a sua propria destituição em materia de instrucção publica.

A lei de 1884 derogou a lei escolar de 1879. As communes tiveram a liberdade de supprimir todas as escolas publicas, de adoptar escolas clericaes e até não creal-as, conserval-as e adoptal-as, conforme entendessem. As escolas normaes do Estado, na sua maior parte, foram supprimidas. Já não existem mais que 9. O Estado adoptou umas 40 escolas normaes fundadas pelo clero. Commissões espeziaes declararam válidos os diplomas dados de 1879 a 1884 nas escolas normaes não sujeitas á inspecção official. O clero trabalhou em todo o sentido para arrastar os conselhos municipaes a supprimir as escolas publicas. Mais de 1.500 professores officiaes foram postos em disponibilidade, em consequencia da suppressão das escolas. Os subsidios do Estado para o ensino passaram de preferencia para as escolas dos conventos e do clero. As communes liberaes que mantiveram suas escolas leigas viram-se privadas de uma parte consideravel dos subsidios do Estado. A inspecção escolar foi conservada, mas a sua acção util foi debilitada.

Desde 1884, os tres ministros do interior que se succederam, Mrs. Jacobs, D. Thonissen e Devolder, firmaram numerosos decretos supprimindo escolas.

A destruição tem sido feita de um modo violento, encarniçado; não se tem tido em conta consideração alguma fóra dos interesses da Igreja.

A maior parte das escolas publicas fundadas pelo clero (de 1879 a 1884) tem sido adoptada.

Os programmas têm sido conservados *pro formula*; o Estado publica, deixa figurar nelles todas as conquistas pedagogicas dos liberaes da antiga Escola - Modelo, confôrma-se com declarar que as sciencias naturaes são um ramo facultativo, porém deixa aos municipios a liberdade de ensinar tão pouco quanto lhes pareça.

Assim, o programma official não deve já ser considerado senão como um elemento decorativo... para o estrangeiro.

As communas liberaes, na sua maior parte, fizeram sacrificios consideraveis para manter as escolas na altura em que se achavam. E' facil, porém, comprehender que, á vista da má vontade, da hostilidade do governo, da diminuição dos recursos, a situação é penosa e a miudo ameaçada.

Ajuntai a isto o descredito que a batalha do clero contra a escola official tem atirado necessariamente sobre esta em certas camadas sociaes e comprehendereis quão difficil é hoje a lucta.

Mas os animos não têm decahido; existem, todavia, apesar da perseguição aberta e occulta que se faz, centros nos quaes não sómente se resiste ao inimigo, mas em que se affirma e realiza o progresso. »

Como se viu do que acima transcrevo do trabalho de Mrs. Sluys, não se pôde ser mais franco na enunciação do pensamento. Ninguem diria a verdade com mais clareza, nem se mostraria publicamente mais indignado. A penna do illustre professor foi um escalpello a abrir o cadaver apodrecido e verminoso de uma instituição anti-patriotica, como é a do ensino publico clericalista na Belgica, segundo a sua opinião, corajosamente apresentada a todo mundo.

Agora acompanhemos, resumindo tambem, a questão do ensino na Belgica, tratada mais serenamente por um professor tambem illustre, imparcial e sem os enthusiasmos de quem está empenhado na lucta. Por ahi se verá quanto foi verdadeiro em sua exposição Mr. Sluys.

O Sr. M. B. Cossio, distincto director do Museu Pedagogico de Madrid, em um trabalho seu, publicado em 1836, sobre a situação da instrucção publica na Belgica, diz o seguinte :

« A organização do ensino e com especialidade do ensino primario, chegou a ser na Belgica, mais do que em nenhum outro paiz, uma questão politica. Ha quem pense que isto é em geral uma necessidade de nossa época e uma necessidade vantajosa ; porque sómente revestindo um caracter politico é como logram hoje quasi todos os assumptos interessar vivamente á maioria das forças sociaes. Mas tambem é certo que o interesse dos partidos sóe corromper a pureza de todas as questões ; conseguir com violencia o que só ordenadamente e por passos contados póde alcançar-se, e não crear de tal sorte, no caminho, senão obstaculos e difficuldades á marcha progressiva dos ideaes, pois que confunde a maior parte das vezes o que é só aspecto politico do ideal com o proprio ideal, e no seu empenho para conseguir aquelle, mallogra este, levantando odios e inimizades onde, sem isto, talvez houvera encontrado sympathia e apoio.

A historia da instrucção publica na Belgica, sobretudo nos ultimos annos, é um exemplo claro e bem triste de tudo isto. A lucta foi tão encarniçada, que o partido catholico, após quatro mezes de governo, perdeu as eleições municipaes por causa do extremado espirito reaccionario impresso em sua ultima lei escolar, cujos representantes mais caracterisados, M. Jacobs e M. Woeste, ministros do interior e da justiça, e com elles o proprio chefe do Gabinete, M. Malou, tiveram que abandonar as pastas. »

Pelo trabalho do Sr. Cossio se vê que a lei de 1814 abandonava o ensino da religião aos sacerdotes, o professor não intervinha nesse ensino e o clero tambem não tinha auctoridade alguma nas escolas. O art. 23 dizia : « Procurar-se-ha que os meninos que frequentam a escola não sejam privados do ensino dogmatico da religião que professam, mas este não será dado

pelo professor. » O ensino da religião foi dado nas escolas pelo cura da parochia. O clero acceitou o facto sem protestar até 1830. Triunphante, porém, a revolução, o governo provisório decretou a liberdade do ensino consignada no art. 17 da Constituição desse anno, e no qual se declarava que o ensino dado pelo Estado seria regulado por lei. A lei, porém, fez-se esperar, os projectos de 1832 e 1834, deixando o Estado inteiramente alheio ao ensino religioso, que ficaria pertencendo aos padres, não prevaleceram, e até 1842 não teve o Estado mais intervenção alguma na instrucção primaria, senão unicamente nas subvenções dadas ás escolas. Ao passo que a inspecção do governo era feita desordenada e arbitrariamente nas escolas subvencionadas pelo Estado, as localidades ricas que não necessitavam esses auxilios gozavam de plena liberdade de ensino. Umam, admittiam o sacerdote na escola e a elle se submettiam; outras, abandonavam aos ministros dos differentes cultos o cuidado de dar esse ensino nas suas igrejas. Esta pratica generalisava-se e os padres se resignavam, preferindo-a ao projecto de 1834, pelo qual elles deviam a tudo renunciar.

A opposição liberal pedia continuamente que se organisasse o ensino primario, porque lhe desagradava o facto de ver o dominio do clero, que se havia apoderado de quasi todas as escolas, exercendo nellas extraordinaria influencia.

Em 1840 voltou ao poder M. Rogier, auctor do projecto de 1834. Este projecto começou então a ser discutido. O projecto reconhecia que em tudo o que se referisse ao ensino religioso devia dar-se ao clero uma certa intervenção, mas que os estabelecimentos nacionaes deviam estar em tudo sob a inspecção do Estado. Começaram então os protestos dos bispos contra o projecto, pretendendo elles que á Igreja cabe a missão principal na escola, assim como a formação dos professores.

Os animos começavam a apaixonar-se, quando cahiu o ministerio e o seu successor apresentou outro projecto, que conseguiu ser promulgado em 23 de Setembro de 1842.

Este projecto só teve 3 votos contra no Congresso e no Senado foi approved unanimemente, não porque todos ficassem com elle satisfeitos, mas porque a politica era de transacções. As promessas que então foram feitas aos liberaes não foram cumpridas e a 14 de Junho de 1846, menos de quatro annos depois da publicação da lei, uma multidão de cidadãos, reunidos em Bruxellas, declarava ser preciso conseguir a organização de um ensino publico em todos os graus sob a direcção exclusiva da auctoridade civil, rechaçando a intervenção dos sacerdotes, a titulo de auctoridade no ensino organizado pelo poder civil.

A idéa de reformar a lei de 1842 viu o numero dos seus partidarios crescer de anno para anno. O partido liberal a inscreveu no seu programma de governo, e logo que subiu ao poder em 1878 tratou della, apresentando uma reforma em Janeiro de 1879. O alcance politico desta reforma era, conforme declaração terminante do seu auctor, affirmar a mais sincera e completa neutralidade religiosa da escola.

A lei de 1842 impunha ao Estado a obrigação de comprehender na instrucção primaria official um ensino religioso dogmatico, sob a direcção dos ministros do culto professado pela maioria dos alumnos da escola, sendo os outros dispensados deste ensino: privilegio concedido a uma igreja contra a Constituição, que a todas assegurava a mesma liberdade e as mesmas garantias, estabelecendo entre todas a mais completa igualdade. Firmada na Constituição, a lei de 1879 declara no art. 4º, « o ensino religioso fica aos cuidados das familias e dos sacerdotes », affirmando assim a separação da Igreja e do Estado e ao mesmo tempo a intenção deste de não se immiscuir no dominio d'aquella. Para facilitar ás Igrejas o cumprimento de sua missão, declara que « haverá nas escolas um local á disposição dos ministros dos diversos cultos, para darem alli, antes ou depois das aulas, o ensino religioso aos meninos de sua communhão, que as frequentam ».

Com esta neutralidade perdiam os padres ou seus delegados o direito, que tinham pela lei de 1842, de inspecção as escolas, approvar os livros de ensino, e ensinar religião e moral nas escolas normaes.

Para a realização completa dos intuitos da lei de 1879, era necessario que ella eliminasse, como de facto o fez, os arts. 2º e 3º da lei de 1842, assim concebidos : « Quando uma localidade puder prover sufficientemente ás necessidades do ensino primario por meio das escolas particulares, a Communa póde dispensar-se da obrigação de estabelecer uma escola publica » e « a Communa poderá ser auctorizada para adoptar uma ou muitas escolas particulares que reünam as condições legais e venham supprir a escola publica ».

Ora, esses artigos aproveitavam sómente ás comunidades religiosas, pois que por elle as communes quasi em geral lhes tinham deixado entregue o ensino primario. Dessa fórma, a Igreja catholica tinha feito do ensino um verdadeiro monopolio, pelo qual pleiteia, na opinião dos liberaes belgas, sempre que procura reivindicar o ensino.

A lei de 1879 não extinguiu, nem guerreava as escolas congreganistas, apenas reclamava para o ensino publico uma existencia independente e separada. A escola congreganista podia ficar, vivendo dos seus proprios meios ou com os recursos dos que a preferissem, mas a seu ladô o Estado levantava a escola communal para todos os que quizessem outros mestres para seus filhos. Não podia haver mais lisura nem resolução mais digna e sensata.

Ambas as leis determinavam que « as creanças pobres receberiam instrucção gratuitamente », mas emquanto que pela de 1842 a Communa deveria enviar as creanças á escola publica ou qualquer outra subvencionada quando os seus paes o pedissem, pela de 1879 não havia necessidade de petição por parte dos paes, nem podiam essas creanças receber instrucção em outra escola que não a communal.

E' justo que a Communa possa regulamentar o gozo de um favor que faz ; enviar as creanças a uma escola particular seria concorrer contra a escola communal, e desconheitar o seu proprio ensino.

Finalmente, pela lei de 1879 não ha escolas normaes senão do Estado ; as escolas normaes particulares — todas religiosas —, adoptadas pela lei de 1842, desapparecem. E' esse, resumidamente, o alcance politico da lei de 1879.

Contra as disposições dessa lei revoltou-se, indignado, o partido catholico ; essa revolta tinha só por fim atacar os pontos que affectavam à questão religiosa. Com todas as outras disposições da lei não se importou o partido catholico, apesar de importantes. Toda a grande lucta da instrucção publica na Belgica firma-se no ponto religioso.

Entretanto, a lei de 1879 modificou profundamente a de 1842 em beneficio do ensino. Vejamos algumas dessas modificações : A lei « reclamava para o Estado o poder obrigar as communas a crear escolas de adultos ; deixava às communas o direito de nomear os professores, procurando, porém, garantil-os das perseguições e animosidades locais ; melhorava a inspecção civil ; consagrava legalmente as commissões escolares, que algumas grandes cidades haviam já organizado ; regulava o regimen financeiro e modificava o programma, tornando obrigatorias as disciplinas que, desde a lei de 1842 (na qual se exigia sómente a religião, a moral, leitura, escripta, systema legal de pesos e medidas, elementos de calculo e lingua franceza, flamenga ou allemã, conforme as localidades), eram facultativas. Collocando à frente do programma o ensino da Moral, proclamou que, se o Estado não tem mais que um ensino para todos, sem distincção de cultos, reivindica a missão e se reconhece capaz de formar bons cidadãos, sem intervenção nem inspecção das Igrejas ; completava o antigo programma com a geographia, a historia da Belgica, os elementos de desenho e conhecimento das fórmulas geometricas, as noções

elementares de sciencias naturaes, a gymnastica, o canto, e, para as meninas, os trabalhos de agulha ; reservando o Governo o direito de augmentar novos estudos, de accordo com os progressos da pedagogia ».

Tanto no Senado como na Camara dos Deputados, e ainda na imprensa, por occasião da discussão da lei de 1879, a lucta foi renhida, preoccupando, porém, os membros do partido catholico que tinham assento em qualquer das casas do parlamento, com a questão religiosa, a da liberdade de ensino e as relações do Estado com as communas, isto é, tudo aquillo que tinha character politico.

« Excitaram-se os animos de tal sorte no parlamento, que em Novembro do mesmo anno de 1879, o chefe dos catholicos, M. Malou, propunha que se nomeasse uma commissão parlamentar, como se faz frequentemente na Camara dos Com-muns, nã Inglaterra, para comprovar a deploravel situação em que, por causa da nova lei, se achava o ensino official em todo o paiz. Os membros mais auctorizados de ambos os partidos con-vieram em que isso seria um meio leal e decisivo de resolver a lucta. A opposição accusava o Governo liberal de haver arran-cado Deus das escolas, convertendo estas em focos de propa-ganda anti-religiosa ; de haver tornado o ensino official inacces-sivel aos catholicos, porque os paes que professavam estas crenças não podiam enviar seus filhos á escola publica ; de recorrer á perseguição administrativa para reter as creanças nas escolas publicas.

Os liberaes, rechaçando estas censuras, accusavam, por sua vez, o clero e o partido catholico de haver calumniado o ensino official para tornal-o odioso ; de haver trabalhado para a deserção nas escolas por meios inauditos, como o abuso da auctoridade espiritual e a oppressão das consciencias ; de haver enganado o povo, fanatisando-o ; de haver semeado por todo o paiz germens de odio, perigosos para a paz publica ; de haver systema-ticamente enfraquecido o respeito á lei ; de haver desmoralisado

o espirito dos funcionarios ; de haver trabalhado para a desorganisação do ensino official ; de haver animado, dirigido e organizado a resistencia á lei até nas auctoridades encarregadas da sua applicação ; de haver, em uma palavra, sacrificado, nesta questão do ensino, o interesse geral a um interesse de partido. »

O partido catholico, porém, reconhecendo o erro em que cahira, propondo a nomeação de semelhante commissão de inquerito, que só lhe poderia ser prejudicial, recuou, retrahindo-se ao silencio ; mas em Janeiro de 1880, o partido liberal instou então, por sua vez, para que se nomeasse a commissão. Chegou a vez de a isso se oppor o partido catholico, que pela bocca de seu chefe, M. Malou, o mesmo que um mez antes havia provocado esse inquerito, contrariou a proposta, dizendo que um inquerito nesses termos não podia produzir senão dissensões, cada vez mais profundas, na patria.

Pela proposta liberal o inquerito devia versar, para ser completo, sobre o estado geral do ensino primario e normal, tanto official como particular ; sobre o pessoal e suas garantias de capacidade e moralidade ; sobre o regimen interno das escolas normaes, methodos, livros e tendencias ; sobre a população escolar primaria ; sobre a installação das escolas, o ensino da religião antes e depois da lei de 1879 ; sobre os meios de todo o genero empregados para tornar desertos alguns estabelecimentos em proveito de outros afim de obrigar os professores a abandonar o ensino do Estado e diffcultar a lei de 1879 ; sobre o concurso prestado pelas communas ao Governo para a applicação da lei.

Esta proposta foi rejeitada na commissão especial do parlamento, pois nella estava em maioria o partido catholico. A commissão apresentou informação contraria, sendo redactor Mr. Jacobs, firmando-se nas seguintes bases: — A proposta é contraria ao espirito da Constituição, porque tende a que um dos poderes publicos exerça inspecção no ensino particular ; é

contraria ao interesse do paiz, porque sem motivo plausivel produzirá funda perturbação, investigando a vida de quasi todos os belgas durante os oito ultimos mezes, e finalmente, contraria á sinceridade do escrutinio eleitoral de Junho de 1880, devendo considerar-se como um meio para intimidar os eleitores hostis á lei de 1879. Propunha então a commissão que o inquerito se reduzisse ao seguinte:— Que a Camara nomeasse uma commissão encarregada de investigar o numero de alumnos que frequentam as escolas publicas do reino e o numero de alumnos que frequentam as escolas não officiaes ; não podendo, porém, essa commissão de inquerito penetrar nas escolas não officiaes sem permissão dos respectivos directores. A commissão de inquerito marcaria quantos os alumnos que tinham a idade escolar e quantos os que a não tinham.

Aberta a discussão sobre a proposta liberal e a de Mr. Jacobs, foi a proposta liberal approvada por 56 votos contra 50. Os pontos principaes do inquerito seriam:— 1º, situação moral e material do ensino primario, resultados da lei de 1879 e meios empregados para difficultar a sua execução ; 2º, a Mesa da Camara nomeará uma commissão de 25 membros para esse inquerito ; 3º, a commissão parlamentar de inquerito procederá ao exame das testemunhas, quando estejam presentes, pelo menos, cinco dos seus membros ; 4º, quando tenham de visitar estabelecimentos particulares, a visita não passará das aulas e aposentos escolares ; 5º, a correspondencia e papeis particulares não serão examinados.

A commissão foi nomeada, apezar de se recusarem a fazer parte della todos os membros do partido catholico que foram indigitados, e entre elles Mrs. Jacobs, Beernaert e Woeste.

A commissão de inquerito, que teve por presidente Mr. Couvreur, subdividiu-se em commissões parciaes e encetou os seus trabalhos.

As declarações das testemunhas que compareceram ante a commissão de inquerito parlamentar, publicadas nos —«Do-

cumentos officiaes das Camaras » —, demonstraram que o clero e o partido catholico faziam uma guerra de exterminio, por todos os meios ao seu alcance — muitos delles reprovados e illegitimos — á lei de 1879; ao que os liberaes retorquiam com identicas represalias.

A immensa maioria das testemunhas depoz contra os ultramontanos, allegando inauditos abusos commettidos pelo clero, o qual, por sua vez, fazia garbo de haver cumprido com seus strictos deveres de consciencia. E' possivel que as informações prestadas ao parlamento posteriormente pela commissão de inquerito tivessem certo character exclusivo, sendo disso, porém, culpados sómente os catholicos que, nomeados para ella, se recusaram todos, maxime tendo sido provocada por elles a nomeação dessa commissão.

Verificou-se do inquerito que, para afastar as creanças das escolas communaes, os sacerdotes negavam-se a dar-lhes a primeira communhão; negavam os sacramentos aos paes que não mandavam os filhos ás escolas catholicas, o mesmo praticando com os professores, professoras e vereadores da Camara communal, que se collocaram do lado do Governo. Não havia um cantão em que se não houvessem repetido estes factos, cercados ás vezes de um fanatismo e de uma série de crueldades atterradoras, sendo de notar que, como sempre acontece, nas regiões mais apartadas dos grandes centros a lucta tomou um character mais encarniçado.

As Juntas de Beneficencia, segundo as suas opiniões no assumpto, concediam ou negavam soccorros a catholicos e liberaes; e os particulares faziam o mesmo, dando trabalho em suas industrias ou despedindo das fabricas os operarios, conforme estes se amoldavam ou não ás opiniões dos patrões. Nasceram discordias em povos antes pacificos, produzindo-se continuos disturbios entre os alumnos das escolas officiaes e os das escolas catholicas, sem que fosse possivel saber, o que é natural, quem os provocava.

Entretanto o Governo attendia com a maxima sollicitude á melhora do ensino ; prestava todo o seu apoio á Liga do Ensino para a celebração do Congresso internacional pedagogico de 1880, que tanto e tão benefica troca de idéas produziu em todos os paizes ; creava o Museu Escolar do Estado ; adoptava como escola primaria superior a Escola-Modelo, juntando a esta uma secção normal, á cuja frente era collocado o mesmo director da Escola-Modelo ; organisava cursos temporarios para completar o ensino dos professores já formados, especialmente no que se referia ás sciencias naturaes, e estabelecia a inspecção sobre bases verdadeiramente pedagogicas.

Dados todos estes antecedentes, comprehende-se o furor com que o partido catholico, subindo ao poder em Junho de 1884, se apressou em destruir a lei de 1879 e o desconsolo e indignação com que os liberaes viram interrompida a sua obra, no momento mesmo em que começavam a colher os seus primeiros fructos ; e d'ahi os violentos protestos com que acolheram a ultima lei sobre o ensino com data de 20 de Setembro de 1884.

O Gabinete catholico tomou francamente o caminho da reacção ; supprimiu o Ministerio da Instrucção Publica, que representava, por assim dizer, todo o espirito da reforma liberal (como entre nós se pretende fazer com a obra ingente de Benjamin Constant) e a 23 de Julho levava ás camaras um projecto de lei destinado a anniquilar a lei de 1879. O projecto de Julho de 1884 era firmado por todos os membros do Gabinete, com o fim de assignalar a importancia que a elle dava o partido catholico dominante.

Para fundamentar a necessidade dessa lei, o gabinete catholico affirmava que a lei de 1879 era uma lei de centralisação tão exaggerada, pois que deixava ao Estado o poder absoluto em tudo quanto se referia á escola, ao professor, ao alumno e ao ensino que, dizia elle, — « tem-se produzido um movimento de reacção na opinião publica » —, á qual é preciso satisfazer com um novo regimen. Entendia que o melhor era emancipar-se a

communa, encarregando-a, sob a inspecção *restricta* e com o apoio do Estado, de velar pela instrucção primaria, —« alli onde a liberdade não haja provido sobre ella sufficientemente». — Em these, a communa deve crear uma escola publica, mas, como pôde succeder frequentemente *que uma só escola* official ou *particular* chegue para as necessidades da localidade, não seria justo, em tal caso, —« obrigar a communa a estabelecer uma escola publica ao lado da particular, que pôde *adoptar* e *subvencionar*, se o entender que merece, ficando assim dispensada da obrigação de estabelecer ou de conservar uma escola official. »

« Como se vê, para os clericaes já está resolvido o primeiro ponto da lucta. A escola particular adoptada será a escola congreganista, porque a immensa maioria dos Conselhos ruraes e muitas das grandes cidades optarão pela adopção, que lhes reduz consideravelmente as despezas, e o ensino primario volverá ás mãos do clero.

Conforme com o espirito descentralizador, a inspecção que a lei de 1879 havia organizado mui efficazmente, e que em 1882 havia adquirido um character inteiramente pedagogico, cahe por terra. O Inspector não pôde dar ordens nem ao professor nem às communas; elle não é mais do que o representante do governo para o emprego das subvenções. Naturalmente, as commissões escolares são uma roda inutil que desaparece.

O segundo ponto é a questão do ensino religioso, que a lei de 1879 deixava completamente aos cuidados das familias e dos sacerdotes, e que a de 1884 restabelece de certo modo no art. 4º, confundindo, em primeiro logar, o ensino da religião com o da moral e dando às communas a faculdade de inscrevel-o nos programmas das escolas. E' verdade que os paes ficam livres para que seus filhos assistam ou não a esses cursos, e que 20 paes de familia têm o direito de pedir uma aula especial em que não se ensine religião, e então o *Rei poderá* auctorisar a sua creação; mas a distancia que na pratica existe entre esta facul-

dade e a escola neutra é immensa. Na maior parte das pequenas communas e em muitas das grandes, o ensino terá de ser exclusivamente catholico. Se o professor ensina a religião de modo que não convenha ao clero, a escola adoptada será subvencionada officialmente, e as consequencias de tal medida, na apparencia inoffensivas, são transcendentaes; porque é seguramente nas communas liberaes onde o clero se mostrará descontente, afim de provocar a adopção de escolas particulares, nas quaes seja omnipotente a sua influencia.»

Assim discorriam os membros da *Liga do Ensino* no energico protesto que contra o projecto de lei dirigiram às camaras legislativas. A lei era contraria á Constituição, que impunha ao Estado a obrigação de organizar o ensino publico. O unico fim do projecto era entregar a escola e o ensino primario ao clero romano, pois que seria muito difficil achar uma communa na qual houvessem 20 paes de familia que se atrevessem a pedir a continuação da escola official. As escolas de pobres e de adultos estavam ameaçadas de morte, visto que as communas tinham o direito de supprimil-as e o Governo não se achava disposto em seu favor, conforme o declarava no parlamento o principal auctor da lei, Mr. Jacobs. As escolas normaes estavam tambem ameaçadas, embora os professores pudessem ser escolhidos d'entre os que tinham feito exame perante um jury nomeado pelo Governo, de cujo espirito e competencia, dadas as circumstancias, pouco favoravelmente podia julgar-se. A condição de nacionalidade desaparecia, e os professores de escolas adoptadas podiam ser religiosos estrangeiros que não necessitavam dar provas de sua capacidade pedagogica. A auctorisação às communas para reduzir o minimum dos vencimentos dos professores a 1.000 e 1.200 francos e para deixar em disponibilidade com a metade dos vencimentos aquelles cujas escolas se supprimissem, era uma iniquidade, contra a qual protestavam com indignação. O programma se reduzia a proporções insufficientes, a moral ficava

confundida com a religião ; o desenho e o canto — supprimidos no projecto ! — se restabeleram na lei ; mas não aconteceu assim com as sciencias naturaes, sem duvida porque o pessoal das escolas adoptadas era incapaz de ensinar taes materias, ou talvez para supprimir, levando o espirito de reacção até ao ultimo extremo, tudo o que vivifica o ensino e prepara a creança para uma vida mais ampla. A inspecção, pelo que temos visto, não era mais que uma formalidade quasi illusoria. Em taes condições, a autonomia municipal tão invocada era apenas uma hypocrisia e uma mentira, porque só podia gozal-a a communa clerical, e uma grande parte dos impostos das municipalidades liberaes, — as dos grandes centros em geral, que recebem menos subvenção do que aquella a que têm direito — serviria para pagar o ensino dado nos Conselhos ruraes pelas congregações religiosas, hostis ás idéas do progresso. Pretextando, portanto, dar liberdade ás communas, se as submettia ao despotismo clerical e se punha o ensino nas mãos do clero, favorecendo assim o Estado uma industria particular, — a das corporações religiosas dedicadas ao ensino.

Estas consequencias eram annunciadas pela *Liga* em seu protesto e, com effeito, não tem deixado de cumprir-se. Verdade é que as declarações do ministro do Interior, Mr. Jacobs, ao examinar-se o projecto de lei nas secções da Camara, não deixavam esperar outra cousa senão que o ministerio catholico estava decidido a destruir por todos os meios ao seu alcance a escola official leiga. « A Communa, dizia elle, poderá subvencionar a escola adoptada, não sómente com dinheiro, mas com outros auxilios e sobretudo installal-a nos edificios das escolas publicas. O Governo tem a intenção decidida de reduzir consideravelmente as subvenções do Estado em favor do ensino primario (talqual como no Brazil, onde as economias são sempre feitas com a instrucção publica). A Communa não deve gastar em instrucção primaria mais do que os dois centesimos (!) additionaes á massa principal das contribuições directas.

Se esta somma, unida aos subsidios da provincia e do Estado, não basta para cobrir as despesas, a escola deve fechar-se. (E ha um governo que na Europa e neste seculo avança uma proposição desta ordem ! E' o que pôde haver de mais ignominiosamente atrasado e retrogrado !) A Communa é absolutamente livre para supprimir as escolas dos pobres e de adultos, não tendo o Governo o direito de oppor-se a isso, assim como não lhes concederá subvenção alguma para mantel-as. O Governo não se propõe, tampouco, inspecionar nem envolver-se nas decisões dos Conselhos municipaes que reduzam o vencimento dos seus professores. Finalmente, será limitado e muito o numero de escolas normas do Estado.» (E' até onde pôde chegar o descaro governamental e o despotismo retrogrado do poder !)

« E' certo, continúa o Sr. Cossio, que os periodicos liberaes desataram-se em furiosas imprecações ; que chamaram á lei de — audaz, desorganizadora, insolente, infame e maldita e a Mr. Jacobs, o ministro da ignorancia publica ; mas outras manifestações de fundo e transcendencia, ao lado do protesto da Liga do Ensino, appareceram, demonstrando até que ponto se interessou o espirito geral do paiz nesta lucta. Os burgo-mestres e vereadores de grande numero de communas belgas reuniram-se na Camara Municipal de Bruxellas, sob a presidencia do alcaide desta cidade, Mr. Buls, tão conhecido por sua participação em todas as reformas pedagogicas e declararam que « protestavam solemnemente e com toda a energia contra o projecto de lei escolar ; pediam ás Camaras e ao Rei que o repellissem e declararam que usariam de todos os meios legais para impedir sua adopção. Compenetrados dos seus deveres perante a nação, compromettiam-se por juramento inviolavel a reivindicar sem treguas os direitos do povo á instrucção publica, dada a expensas do Estado, cumprindo leal e honradamente o art. 17 da Constituição. »

« Não bastou isto para deter o golpe. Escolas de pobres e de adultos têm desaparecido em grande numero ; uma multidão

de escolas primarias têm sido supprimidas ; na Flandres occidental, por exemplo, de 271 escolas primarias em 163 communas, têm sido supprimidas 181 ; de 41 de pobres, 38, e de 75 de adultos, 67. Centenas de professores e professoras, que tinham 20, 25, 30 e 35 annos de serviço, foram declarados em disponibilidade : de 387, 286 na provincia já citada ; no Luxemburgo, 62 ; mais de 200 em Anvers e em Limburgo, e assim, pouco mais ou menos, nas outras regiões do paiz. Em um só dia foram postos em disponibilidade 89 professores de escolas normaes e destas escolas, com uma só pennada, foram supprimidos 9. Mais de 1.500 aspirantes ao logar de interinos se têm apresentado com certificados das escolas clericas, expedidos desde 1879. Vinte escolas normaes episcopaes, com mais de 2.000 alumnos, pedem aggregação official. Fez-se uma economia de 6 milhões no ensino, e as grandes communas liberaes, ás quaes se dá muito menos do que se dava, são obrigadas, para manter suas escolas, a estabelecer novos impostos.

O effeito destas medidas fez-se promptamente sentir. O partido catholico, com cinco mezes de poder, foi derrotado nas eleições municipaes, que foram, na realidade, uma verdadeira manifestação contra a lei escolar. O Gabinete teve que modificar-se, sahindo o presidente, Mr. Malou, com os dois membros mais conhecidos por sua intransigencia e como auctores da lei, Mr. Jacobs e Mr. Woeste. As communas liberaes procuraram conservar o que a lei destruiu : a Escola Normal de Bruxellas, por exemplo, uma das supprimidas e que hoje é sustentada pela municipalidade. A Liga Belga redobra de esforços e volta de novo á lucta. Todos os esforços se unem para auxiliar principalmente os professores em disponibilidade a supportarem sua triste sorte, organisando subscrições e creando sociedades, como a — *Obra nacional da defesa escolar*, — o — *Dinheiro dos professores*, — etc., a cuja frente estão os homens mais distinctos do partido liberal e da reforma pedagogica.

Tal é hoje (1886) a situação do ensino primario na Belgica, diz o Sr. Cossio. Mal fizeram os liberaes em não terem adoptado bondade e prudencia para não ferir tão de frente as paixões politicas de seus adversarios, ao estabelecer a lei de 1879, prevenindo de antemão a violenta reacção que agora surgisse ; tambem fizeram mal os catholicos, certamente, fechando os olhos aos ensinamentos do passado e abandonando-se ao fanatismo, ao despeito e à vingança ; mas a torpeza e o crime dos partidos será ainda maior si não souberem de hoje em diante esperar com calma, trabalhar sem paixão e esquecendo os atropellamentos commettidos, deixar para o lado, quanto possivel, o aspecto politico das questões, affirmando o que fôr essencialmente pedagogico e em que se possa achar certa base commum e ponto de conciliação para que catholicos e liberaes trabalhem juntos em beneficio do ensino e da educação da infancia, de que depende em primeiro logar o futuro da patria. »

Com o resumo dos trabalhos dos dois eminentes professores citados, creio ter dado o sufficiente para se avaliar do movimento pedagogico da Belgica nos ultimos annos, o que me pareceu indispensavel.

Julgo conveniente dar aqui alguns artigos dos

ESTATUTOS DA LIGA DO ENSINO

associação que tem prestado os mais relevantes serviços à instrução publica na Belgica.

TITULO I

DOS FINS DA SOCIEDADE

Art. 1.º A *Liga do Ensino* tem por fim a propagação e o aperfeiçoamento da educação e da instrução na Belgica.

Art. 2.º A *Liga* procurará conseguir os seus fins por todos os meios legais, especialmente:

Estudando e discutindo as questões que se prendem à educação e à instrução ;

Provocando a revisão das leis no que ellas têm de contrario ao espirito da Constituição, á liberdade de consciencia, á igualdade dos cidadãos, ao emprego facultativo das linguas, á extensão e ao progresso do ensino ;

Esforçando-se por elevar a posição social dos professores e professoras ;

Procurando desenvolver o ensino das meninas ;

Favorecendo o estabelecimento de bibliothecas populares, cursos publicos, escolas para adultos, escolas-modelos, cursos normaes ;

Fazendo e espalhando publicações relativas á educação e á instrucção ;

Organizando reuniões publicas.

TITULO III

DO CONSELHO GERAL

Art. 7.º A *Liga* é administrada por um Conselho geral, que tem sua sêde em Bruxellas.

Art. 8.º O Conselho geral compõe-se de 33 membros. Esse Conselho é renovado integralmente cada anno por uma eleição de escrutinio secreto. Seus membros são reelegiveis.

Art. 9.º A administração do Conselho geral se compõe de sete membros:— um presidente, dois vice-presidentes, um thesoureiro geral, um secretario geral e dois secretarios.

Art. 10. O Conselho geral escolhe os membros da administração, á excepção do presidente, que é eleito em assembléa geral.

Art. 11. O Conselho geral representa a *Liga* e decide todas as questões que interessam á associação. Corresponde-se directamente com todos os membros da *Liga*. Estatue sobre as controversias que possam sobrevir na constituição das commissões locaes, salvo recurso para a assembléa geral. Propõe assumptos de discussão nos circulos locaes. Marca a ordem do dia das assembléas geraes. Apresenta, ao terminar o anno social, o balancete da receita e despeza, depois de o ter submettido ao exame de uma commissão de tres membros. Os tres circulos locaes mais numerosos designam cada um de seus membros, antes do 1º de Setembro. Nomeia commissões especiaes para o estudo de questões importantes. Resolve as difficuldades não previstas pelos estatutos.

TITULO IV

DOS CIRCULOS LOCAES

Art. 12. Os membros da *Liga* que habitam uma mesma localidade podem constituir um circulo local, que será instalado pela administração do Conselho geral.

Art. 13. Cada circulo local é administrado por uma comissão eleita annualmente e composta, no minimo, de tres membros: — um presidente, um thesoureiro e um secretario. A eleição dessa comissão se faz ao terminar o anno social. O Conselho geral é informado, no prazo de oito dias, dos resultados da eleição. A primeira designação dos membros da comissão poderá ser feita pelo Conselho geral.

Art. 14. Os circulos locaes abrem discussões apresentando relatorios ao Conselho geral, e tomam, na sua circumscripção, todas as medidas de execução que podem servir aos interesses do ensino no limite dos principios admittidos pela *Liga*.

Art. 16. Todo o circulo local que conte 100 membros tem o direito de enviar ao Conselho geral um delegado, que tem voto deliberativo.

Art. 17. Todo o circulo local é obrigado a enviar cada anno ao Conselho geral, antes do 1º de Setembro, uma exposição da sua situação e dos seus trabalhos.

TITULO V

DAS ASSEMBLÉAS GERAES

Art. 18. O Conselho geral deve convocar, terminado o anno social, uma assembléa geral dos membros da *Liga*, na qual apresentará o seu relatorio, prestação de contas com o voto da respectiva comissão e se procederá á eleição dos membros do Conselho.

Art. 19. O Conselho convoca assembléas geraes sempre que julgar necessario, designando a cidade em que se realizará a assembléa.

Art. 20. Deverá ser convocada uma assembléa geral, no espaço de quinze dias, cada vez que 100 membros da *Liga* o peçam por escripto, explicando os motivos do pedido.

Art. 21.—Nenhuma resolução se tomará quanto á revisão de estatutos, sem que estejam presentes 200 membros, pelo menos.

Se o numero de socios presentes fôr inferior a 200, a assembléa será marcada para quinze dias depois. A nova convocação indicará o ponto que se pretende rever e realizar-se-ha com qualquer numero.

Pelo que me foi possível ver na Belgica, apesar de estar no poder o partido clerical, esse paiz continúa a ser digno da fama que tem no que respeita ás suas escolas. A organização, os methodos de ensino, os predios, as mobílias não receiam a competencia de qualquer outro paiz.

Embora em uma epocha de decadencia, o ensino tem em Bruxellas muito que ver e admirar. Affirmaram-me que o mesmo não acontece em todo o paiz e que em Bruxellas e algumas cidades importantes, nas quaes domina o liberalismo, se tem sabido resistir ás imposições do poder, para o que se tem tido necessidade, ás vezes, de sophismar ou de não cumprir a lei.

Por vezes me tenho referido neste relatorio á possibilidade de se extinguir entre nós o ministerio da Instrucção Publica, infeliz idéa, que já se tentou pôr em pratica e que, sem pretenções a legislador e na altura das minhas forças, sempre procurei e procuro combater.

Explicando o meu pensamento, entendo dever dizer com franqueza, que, se esse ministerio tiver, porventura, de mentir ao ideal que presidiu á sua criação ; se elle tiver de deixar de ser a realização do pensamento generoso do saudoso Mestre ; se essa parte da grande obra deixada pelo morto immortal, gloria de nossa patria, tiver de ser desvirtuada, nada se perde com o seu anniquilamento.

Sim, se o ministerio da Instrucção Publica tiver de deixar de ser a arca sagrada das esperanças do professorado publico de todos os graus, que acolheu jubiloso e grato o advento de sua criação como o raiar de uma nova aurora, o surgir de uma era de renascimento, recebendo parabens e congratulações de

todos por tão faustoso acontecimento ; se elle tiver de deixar de ser o tribunal sereno da justiça e da fraternidade entre todos os que se dedicam ao cultivo do povo em todas as manifestações do ensino, abandonando o caminho legitimo e recto da verdadeira interpretação das leis e dos dictames da razão, porque, infelizmente, as nossas leis são todas assim, prestando-se a sophismas e interpretações diversas ; se elle tiver de deixar de zelar os grandes interesses do ensino publico — unico objectivo para que foi creado ; se elle tiver de deixar de ser o amparo, a protecção, a égide bemdicta dos direitos do magisterio nacional ; o escudo adamantino, incansavel e indefesso, pugnando pela independencia, pelas garantias e pela elevação do mestre, porque é d'ahi e só d'ahi que póde provir a elevação da escola, e, portanto, do ensino popular, — unica base solida da civilisação patria e unico esteio da fórma republicana ; então que desapareça, que se desmorone, que rúa por terra, porque sobre as suas ruinas, sobre os seus escombros pairará, calmo, o espirito immaculado do seu creador, mais satisfeito por ver destruida completamente a sua obra, do que se tivesse de assistir pezaroso e triste, profundamente triste, ao esphacellar de mais uma das suas doiradas e queridas illusões, ao desvirtuamento criminoso do seu ideal, á transformação radical de suas nobilissimas aspirações patrioticas. A phrase: — a escola é o mestre — não se presta a interpretações : — é um axioma ; é um dogma.

Ora, para que a escola seja a escola na verdadeira accepção desta palavra, para que seja attrahente, para que inspire affeição á creança e não repulsa e antipathia, é indispensavel que o mestre se considere feliz, garantido plenamente nos seus direitos, vendo diante de si honras e accessos que lhe impulsionem as aspirações que todo o homem deve ter para ser digno de existir, e que considere tambem a sua missão a mais patriotica e humanitaria, a sua posição a mais nobre de todas as posições sociaes.

E' necessario que o professor brasileiro de qualquer dos

graus de ensino tenha a plena certeza de que todos os membros do magisterio nacional são iguaes perante a lei e que todos bem merecem da patria, porque os seus serviços são identicos e têm o mesmo valor, e cada um, na sua esphera de acção, na orbita que lhe foi traçada, trabalha igualmente para o conseguimento do mesmo ideal, tendo todos o mesmo élo commum de confraternidade e de solidariedade profissional.

E é para isso, creio eu, que foi creado o ministerio da Instrucção Publica. E' delle que devem partir todas as animações, todos os encorajamentos. As suas decisões devem ser o transumpto fidelissimo do espirito da lei, que, quando, porventura se preste a mais de uma interpretação, deve ser sempre interpretada do modo mais consentaneõ com a razão, com a justiça, ou do modo mais favoravel para com o cidadão que presta os maiores serviços que se podem prestar a um paiz — trabalhar pela educação e civilização do povo.

E' para agir de fôrma que o professorado de qualquer dos graus não tenha nunca razão de lamentar-se, de queixar-se ou de exceder-se, levado pela dôr de uma injustiça, pelo agravo de um direito, pelo desconhecimento de um esforço, que elle foi instituido. E' esse o seu escopo, é esse o seu objectivo, é essa a sua grande e nobre missão n'um paiz adiantado e n'uma sociedade bem constituida. E' assim que eu comprehendo o ministerio da Instrucção Publica.

E' preciso que quando o professor de qualquer grau penetre os humbraes do edificio em que funciona o ministerio da Instrucção Publica, com a segurança de um crente que atravessa o portico do templo de sua fé religiosa, o faça com a certeza de que entra em um estabelecimento que foi preparado para elle, para zelar pelos seus interesses e pelos seus direitos, que é seu, e onde só pôde encontrar a benevolencia affectuosa e a boa vontade de servil-o em todas as suas justas pretensões.

E' necessario que o professor brasileiro possa dizer, como me disse o professor francez, director de uma escola communal,

a que já me referi, quando, pedindo-lhe franqueza, lhe perguntei se os professores francezes estavam satisfeitos com a sua sorte, com a sua profissão e com os proventos que ella lhes proporcionava:— *estamos muito satisfeitos* —, linguagem essa muito outra da que brota espontaneamente, como um grito d'alma, como um lamento instinctivo, rapido, que se não pôde conter, dos labios do professor portuguez. Como deve ter orgulho de sua nacionalidade o cidadão de um paiz, cujos professores publicos primarios têm, tambem espontaneamente, rapidamente, sem a minima hesitação, a linguagem desse professor francez.

E como desejo que o meu paiz figure sempre ao lado das nações mais adiantadas, que todas possuem um ministerio destinado sómente a cuidar da instrucção e do desenvolvimento artistico do povo, a ser a guarda do bem-estar do professor, pelo engrandecimento da escola; faço votos para que se não extinga um dos melhores trabalhos do patriarcha da Republica; para que os que ficaram a velar e a guardar o que elle deixou feito, tenham o talento e as aptidões moraes necessarias para continuar-lhe as tradições de patriotismo e de justiça; para que a creatura saiba corresponder aos intuitos puros, sinceros e devotados do seu creador.

Eis porque desejo manter inabalavel a crença de que essa creação do grande morto será sempre uma das suas mais bellas glorificações.

Não nos esqueçamos de que, como acontecia na Belgica, é no ministerio da Instrucção Publica, como elle deve ser entendido e comprehendido, que se representa, por assim dizer, todo o espirito da reforma liberal, da reforma altamente democratica, feita no ensino por Benjamin Constant.

Explicado o meu pensamento, continuemos:

O primeiro cuidado dos clericaes logo após a sua ascenção, foi extinguir o ministerio da Instrucção Publica, passando os negocios do ensino á pasta do Interior, supprimir muitas escolas normaes e mais de 1.000 escolas primarias. A lei de 1879

foi substituída por outra que concede às communas liberdade completa em materia de ensino, podendo chegar até à supressão da ultima escola. « O Estado, diz o Sr. Pizzurno, não quer cuidar da educação publica, e assim o chefe do Gabinete, Mr. Jacobs, chega a dizer ao Parlamento que « o Estado deve preparar a sua propria destituição em materia de instrucção publica ». A nova lei suprime o ensino das sciencias naturaes e da geometria, mas em troca diz que as communas podem pôr à frente dos programmas o ensino da religião. A lei de 1879 deixava aos paes e aos ministros dos differentes cultos essa tarefa, mas incorporava às disciplinas escolares as noções elementares de sciencias naturaes e de geometria, que não eram exigidas pela antiga lei de 1842. »

De facto, a lei de 1879 estatúe no seu artigo 1º o seguinte : « Haverá em cada communa do reino, ao menos, uma escola primaria, estabelecida em um local conveniente. Salas de asylo e cursos para adultos serão juntos à escola communal em todas as localidades em que o Governo o julgue necessario. Duas ou mais communas podem, em caso de necessidade, ser auctorisadas a se reunirem para fundar ou manter uma escola. »

O art. 4º determina que o ensino religioso fique ao cuidado das familias e dos ministros dos diversos cultos. Um local na escola é posto à disposição dos sacerdotes, para que dêem, antes ou depois das horas de aula, o ensino religioso às creanças de sua communhão, que frequentam a escola.

Vê-se, pois, pelo art. 4º da lei, que os liberaes não faziam guerra ao ensino da religião ; o que apenas não consentiam é que, em obediencia aos dictames da liberdade de consciencia, o ensino religioso fizesse parte do programma escolar ou que continuasse a ser o ponto capital da educação e do ensino.

Mas, vejamos alguns dos artigos da lei de 1879.

Pelo art. 2º, o Governo, depois de ter ouvido o Conselho communal e a deputação permanente, fixa o numero minimo de escolas a manter em cada communa, assim como o numero de

classes e de professores em cada escola; determina as escolas que são exclusivamente destinadas ás creanças de um ou de outro sexo, e aquellas nas quaes as creanças dos dous sexos podem ser admittidas, bem como as que terão cursos nocturnos.

Pelo art. 5º o ensino primario comprehende : — a moral, a leitura, a escripta, os elementos do calculo, o systema legal de pesos e medidas, os elementos de lingua franceza, flamenga ou allemã, segundo as necessidades das localidades, a geographia, a historia da Belgica, os elementos de desenho, o conhecimento das fórmas geometricas, as noções elementares das sciencias naturaes, a gymnastica, o canto e para as meninas os trabalhos de agulha.

Pelo art. 6º os livros destinados ao ensino nas escolas primarias são examinados por um conselho e approvados pelo Governo.

O art. 7º recommenda que o professor não percã occasião alguma de inspirar aos alumnos o amor e o respeito ás instituições nacionaes e ás liberdades publicas. Recommendta tambem aos professores que se abstenham no ensino de todo e qualquer ataque contra as crenças religiosas das familias, cujas creanças lhes são confiadas.

Tratando da vigilancia e inspecção das escolas, a lei declara que a vigilancia das escolas é confiada á auctoridade communal, ás commissões escolares e aos inspectores do Governo.

Pelo art. 14 ha um ou varios inspectores principaes em cada provincia. Esses funcionarios são nomeados e demittidos pelo rei. Elles inspeccionam, ao menos uma vez em dois annos, todas as escolas communaes de seu districto.

O art. 15 estabelece em cada districto ou jurisdicção de inspecção principal, inspectores cantonaes nomeados e demittidos pelo Governo. O numero de inspectores cantonaes e suas circumscripções são determinados pelo Governo, de modo que cada um delles possa visitar, ao menos duas vezes no anno, todas as escolas do seu cantão escolar. O inspector cantonal é collocado

hierarchicamente sob as ordens do inspector principal e tem ordenado fixo, pago pelo thesouro publico.

Pelo art. 17 o Conselho communal póde nomear um director ou um inspector de todas as escolas primarias communaes.

O art. 18 crêa commissões encarregadas da vigilancia das escolas. As circumscripções em que exercem suas attribuições são determinadas por decreto.

Essas commissões podem ser de tres membros no minimo e de sete no maximo.

Independentemente da vigilancia geral das escolas, as commissões escolares têm por missão assegurar-se se, na sua circumscripção, as creanças de 6 a 14 annos frequentam as escolas.

Para isso, as commissões, pelo art. 22, empregarão os meios persuasivos necessarios, reclamarão o auxilio dos patrões e proprietarios de officinas e poderão ter meios de encorajamento postos pelas communas à sua disposição.

O capitulo 1º do titulo 3º trata dos vencimentos dos professores, gratificações addicionaes, não dadas por serviços distinctos, o que nem sempre é facil de verificar-se, mas por tempo de serviço sem que tenha incorrido em pena alguma.

Essas gratificações addicionaes são dadas por 5, 10, 15 e 20 annos de serviço.

As despezas de instrucção primaria estão a cargo das communas. A somma necessaria será collocada annualmente entre as suas despezas obrigatorias. Essas quantias são destinadas à construcção ou manutenção da escola, mobilamento e livros necessarios, vencimentos dos professores e indemnisação para o aluguel das casas para os mesmos professores.

Os fundos votados pelas provincias em favor da instrucção primaria são destinados aos vencimentos ou gratificações aos professores, subsidios para construcção, reparação e mobilamento das casas escolares, bolsas de estudo para os candidatos ao magisterio e despezas com as *conferencias pedagogicas* e concursos.

Uma parte dos fundos votados pela legislatura para a instrução primaria tem por destino especial animar, principalmente nas cidades populosas e nos districtos manufactureiros, o estabelecimento de *crèches* ou a junção ás escolas de salas de asylo, cursos nocturnos, etc.

O titulo 3º trata das escolas normaes do Estado.

Esses são os pontos principaes da lei liberal de 1879.

A lei em vigor, porém, é de 20 de setembro de 1884, e por ella « ha em cada municipio, pelo menos, uma escola communal estabelecida em local conveniente, mas a communa pôde adoptar uma ou varias escolas particulares e nesse caso fica dispensada da obrigação de estabelecer ou manter uma escola communal ».

Duas ou mais communas podem ser auctorisadas pelo rei a juntar-se para fundar ou sustentar uma escola.

A idade escolar é fixada entre 6 e 14 annos.

Não existe na Belgica instrução obrigatoria, sendo certo que por ella muito trabalharam, nada conseguindo, os liberaes.

As creanças, para serem admittidas nas escolas, devem ter a idade estabelecida na lei, ser vaccinadas ou ter tido variola e ser filho ou estar a cargo de pessoa que habite a communa respectiva.

As escolas dependem das communas e é o Conselho communal quem determina, segundo as necessidades, o numero de escolas e de professores, ao contrario do que determinava a lei de 1879 que dava ao Estado a determinação do numero de escolas, classes e professores.

E' o Conselho communal quem faz o regulamento escolar, quem escolhe os methodos de ensino, quem legisla sobre a disciplina da escola, a admissão dos alumnos, os dias e horas de trabalho, as fêrias, os meios de estimulo, premios aos alumnos, etc. E' ao mesmo Conselho que compete tudo o que concerne ao estabelecimento e organização dos jardins infantis e cursos de adultos.

O ensino primario comprehende :— leitura, escripta, calculo, systema legal de pesos e medidas, elementos de lingua franceza, flamenga ou allemã, conforme as necessidades locaes, geographia, historia da Belgica, desenho, canto e gymnastica, noções de agricultura para os meninos e trabalhos de agulha para as meninas. O desenvolvimento deste programma pertence às communas. O ensino da moral e da religião é o principal do programma e é dado no principio e fim das classes, sendo dispensadas as creanças cujos paes o pedirem.

As despezas com o ensino primario estão a cargo das communas ; a provincia concorre com subsidios, quando é necessario.

O Conselho communal é quem nomeia, suspende, põe em disponibilidade ou demitte os professores. Para a demissão, porém, é preciso ser ouvida a deputação permanente, podendo, tanto o Conselho communal, como o professor, appellar para o rei.

E' tambem o Conselho communal quem fixa os vencimentos dos professores, vencimentos que não podem ser inferiores a uma certa quantia annual, sendo que os professores têm direito a casa ou a uma indemnisação para esse fim.

Para ser professor communal é preciso ser belga por nascimento ou por naturalisação e ter o diploma de professor primario, obtido em uma escola normal publica ou sujeita à inspecção do Estado. Quando não houver professores diplomados dessa fórma, proceder-se-ha a concurso.

As escolas primarias particulares, para serem adoptadas pelas communas, têm de satisfazer a certas condições que as igualem, mais ou menos, às escolas communaes, quer pelo lado material, quer pelo do ensino.

A inspecção das escolas municipaes, ou adoptadas como tal, é exercida pelo Estado, mas essa inspecção não pôde estender-se nem à religião nem à moral.

Em cada provincia ha um ou varios *inspectores principaes e inspectores cantonaes*. O inspector cantonal deve visitar, ao menos uma vez por anno, as escolas do cantão ou cantões que

lhes pertencem. Esses inspectores cantonaes *reunem, uma vez por trimestre*, todos os professores de sua jurisdicção em conferencia e nessas conferencias se estudam questões pedagogicas, em que todos tomam parte. A's vezes ha um inspector cantonal para mais de um cantão, quando as escolas são em pequeno numero. Ha, porém, cantões que por serem muito extensos e terem grande numero de escolas, têm dois inspectores cantonaes.

Os *inspectores principaes* presidem, cada um, annualmente a uma conferencia de professores e visitam, ao menos uma vez em cada dois annos, todas as escolas de suas circumscripções. Com as suas observações e as informações obtidas fazem annualmente um relatorio sobre o estado do ensino primario em suas circumscripções, dirigido ao Ministro. As informações serão obtidas dos inspectores cantonaes.

Os inspectores são nomeados, promovidos, postos em disponibilidade ou demittidos por decreto real; podem ser suspensos pelo ministro do Interior e Instrucção publica. Para serem nomeados devem ter um certificado de aptidão á inspecção, obtido pelo exame especial estabelecido pelo decreto real de Agosto de 1882.

Tanto o Estado, como as provincias e as communes, podem estabelecer *escolas normaes*. A organisação das do Estado pertence ao Governo. Um regulamento interno garante aos alumnos normalistas o respeito absoluto á liberdade de consciencia. Poderá, porém, haver nas escolas normaes cursos de moral e de religião.

As escolas normaes fundadas ou mantidas pelas provincias ou communes só podem receber subsidios do Estado se se submeterem á sua inspecção e sob certas condições.

Os institutos de ensino normal na Belgica são de duas especies: — escolas normaes, propriamente ditas, e cursos normaes aggregados aos estabelecimentos de instrucção média dirigidos pelo Estado. Estes cursos denominam-se — *secções normaes*.

As materias obrigatorias de ensino normal são : — preceitos de moral e trato social ; noções elementares das instituições constitucionaes e administrativas do paiz e legislação de instrucção primaria ; pedagogia e methodologia (theorica e pratica) ; lingua materna, leitura (grammatica e orthographia, explicação dos auctores, exercicios de redacção e elocução) ; uma segunda lingua (francez, flamengo ou allemão, segundo as necessidades da localidade) ; arithmetica (theorica e pratica) ; exposição completa do systema metrico ; geographia e particularmente da Belgica ; os principaes factos da historia geral e a historia circumstanciada da Belgica ; noções de agricultura nas escolas de professores e de trabalhos de agulha nas de professoras ; escripta ; desenho ; musica vocal e gymnastica .

MATERIAS FACULTATIVAS — *Para as escolas de rapazes* : — Algebra, até as equações do 1º grau inclusives ; as fórmulas geometricas ; a geometria plana demonstrada e exercicios practicos de agrimensura ; noções elementares de sciencias naturaes : historia natural, physica e chimica ; noções de hygiene ; escripturação mercantil .

Para as escolas de professoras : — As fórmulas geometricas ; noções elementares de sciencias naturaes : historia natural e physica ; noções de hygiene ; escripturação mercantil ; noções de economia domestica, e jardinagem .

Poderá tambem addicionar-se, tanto para um como para outro sexo, o curso de estudos de uma terceira lingua (allemão, inglez, ou flamengo, conforme as localidades). Essa terceira lingua, porém, não será materia de exame .

As escolas têm annexa uma escola de applicação. Poderá haver tambem escolas especiaes de applicação para as senhoras e uma ou duas classes de jardim infantil .

Poderá ainda haver um curso especial destinado a preparar alumnos para o exame de admissão á escola normal .

As condições de admissão, são : — idade de 16 annos completos, conducta irreprehensivel, estar vaccinado ou ter tido

variola, ter boa constituição physica, não ter enfermidade alguma que possa enfraquecer a sua autoridade perante os alumnos, comprometter-se a servir tres annos no ensino, e ser de nacionalidade belga.

A direcção e organização geral das escolas normaes está a cargo do Ministerio do Interior e Instrucção Publica.

Apezar de haver um inspector especial para as escolas normaes, a inspecção pôde ser feita pelos inspectores principaes de ensino primario, sob cuja jurisdicção estão as escolas normaes. Estes inspectores visitam tambem annualmente as escolas de applicação.

Todas as escolas normaes, quer provinciaes, quer communaes ou particulares, para conservarem a approvação do Estado, devem sujeitar-se a um regulamento igual e submetter-se à inspecção do Estado. O inspector tem o direito de ver todos os locaes e todo o mobiliario escolar, assistir às licções, excepto às de religião e moral, interrogar os alumnos, assistir aos exames, interrogar nos mesmos exames, mas sem ter voto. No caso de impedimento do inspector, outro delegado, designado pelo ministro, assiste aos exames finaes dos normalistas. O inspector pôde exigir os programmas e regulamentos, uma lista dos alumnos que seguem os cursos, e cópia das questões e das actas dos exames.

Como se vê desse resumo da lei vigente, ha muita cousa da lei liberal de 1879 que tem sido conservada, mas a liberdade deixada aos municipios tem dado maus resultados, especialmente naquelles em que prepondera o clericalismo, porque trouxe o enfraquecimento quasi completo do ensino racional na quasi totalidade das escolas.

Eis, resumidamente, o — « Regulamento de ordem interior » — para as escolas communaes de Bruxellas :

I. — Do ENSINO : — Nas escolas communaes de Bruxellas o ensino é gratuito para as creanças que habitam a cidade. A' vista deste principio estabelecido, é completamente prohi-

bido a todos os professores e quaesquer empregados dessas escolas receber dos alumnos retribuições ou presentes, sob qual-quer pretexto.

O fim essencial do ensino primario é o desenvolvimento da creança no conjuncto de suas faculdades.

As materias do programma são, portanto, ensinadas de modo a aperfeiçoar essas faculdades e a provocar incessantemente a espontaneidade do pensamento.

Essas materias não podem ser apresentadas pelo professor pela fôrma puramente expositiva ou por simples leituras. Ellas devem ser ensinadas por exercicios intuitivos que ponham constantemente em joga a actividade da creança.

A creança deve ser collocada, tanto quanto possivel, em presença das cousas que fazem o objecto da licção. Ella as observa e analysa, guiada pelo professor. Todas as licções são dadas de maneira a concorrer para o desenvolvimento integral da creança. As noções ensinadas devem ser exactas. Repetições feitas de fôrmas diversas e attrahentes, tornam familiares as materias ensinadas.

O ensino primario comprehende:— moral, leitura, escripta, elementos de calculo, systema legal de pesos e medidas, elementos da lingua franceza e da lingua flamenga, geographia, historia, elementos de desenho e de geometria, economia politica e direito constitucional, noções elementares de sciencias naturaes, gymnastica e canto, accrescentando-se para as escolas de meninas trabalhos usuaes de agulha. O ensino da Moral não constitúe um curso especial dado por uma fôrma didactica; o professor se inspirará para este ensino nas prescrições contidas no capitulo « Educação geral, educação moral, » que serve de introdução ao programma de 20 de Julho de 1880.

Cursos de trabalhos manuaes para os rapazes, e destinados a desenvolver a destreza da mão, podem ser annexos aos cursos primarios.

Pelo art. 3º só se fará uso dos livros approvados de accordo com a lei.

Os exercicios de leitura devem ser feitos com o auxilio de auctores faceis de comprehender, afim de evitar as explicações ociosas.

Os modelos de escripta exprimirão idéas de natureza a formar o coração e o espirito da creança.

A orthographia usual é objecto de cuidados particulares; as creanças são nella exercitadas desde que começam a ler.

Em todas as classes os alumnos são exercitados gradualmente na redacção. Nas classes inferiores estes exercicios são oraes; nas classes médias e superiores, por escripto.

O ensino das mathematicas terá por base a geometria e o calculo mental.

A geometria é ensinada pelo estudo dos corpos geometricos; os alumnos os observam, e o professor lhes faz comprehender os termos; ensina-lhes a noção das grandezas, da sua comparação, da proporção, da symetria, da equivalencia. Os theoremas mais importantes são demonstrados por exercicios intuitivos.

A arithmetica é desprendida das theorias abstractas. Os principios são ensinados por exercicios de observação sobre cousas visiveis.

O systema metrico é ensinado pela experiencia real das medidas. Os alumnos calculam as superficies e os volumes medindo por si mesmos as dimensões e não operando sobre dados imaginarios.

Cada professor tem um registro hebdomadario das licções que dá, e nelle indica summariamente as noções ensinadas, os exercicios que imagina para ensinar, ajuntando, se houver logar, as observações pedagogicas que lhe suggere o ensino. Este registro deve estar constantemente á disposição da Commissão escolar.

Os alumnos do 1º grau roceberão o ensino na sua lingua materna.

II.— Do PESSOAL DOCENTE: — Pelo art. 4º do Regulamento, o director é encarregado da vigilancia do ensino e da disciplina geral da escola. Os professores são collocados sobre a sua auctoridade immediata. As observações que o director tiver de fazer-lhes serão feitas em particular e nunca diante dos alumnos. Um Aviso, approved pela auctoridade competente, será fixado em logar bem visivel, á entrada da escola. Nesse Aviso se informará as horas durante as quaes os paes e parentes dos alumnos podem falar com o director. Este os ouvirá com benevolencia. Se o objecto da visita é importante, o Director communicará o facto, no prazo de 24 horas, á auctoridade immediatamente superior.

Pelo art. 5º, haverá em cada escola, aos cuidados do director, um registro no qual serão transcriptas todas as communicações da Administração relativas ao pessoal docente.

Entre outras obrigações, o director reúne os membros do seu pessoal (art. 6º) ao menos uma vez por mez e examina, de accordo com os professores, as questões que podem interessar ao ensino ou outras questões sobre as quaes a auctoridade escolar deseje ouvir-os. As deliberações serão tomadas em um registro *ad hoc*. Para este effeito o director designará um dos membros do pessoal para occupar o logar de secretario.

Todos os membros do pessoal docente são obrigados a assistir ás reuniões convocadas pelo director e ás conferencias dadas pelos inspectores do Governo.

Pelo art. 7º os professores devem estar na escola um quarto de hora antes de começarem as licções e vigiarão a entrada e sahida dos alumnos.

As portas da escola abrem-se um quarto de hora antes do começo das aulas. Logo que estas começam, fecham-se as portas e nenhum alumno póde ser mais admittido ás aulas, senão com auctorisação do Director.

O pessoal do serviço escolar está collocado sob as ordens immediatas do director.

Se um membro do corpo docente infringir o regulamento ou comprometter por qualquer fôrma a dignidade das suas funções, o director communicará o facto á auctoridade communal.

Durante as horas de classe, é prohibido aos professores occuparem-se de assumpto ou objecto extranho á licção.

Os professores que desejarem dirigir á Administração um pedido relativo ao serviço, fal-o-hão por intermedio do director. Este tomará nota do pedido e remettel-o-ha no prazo de 24 horas, addicionando as suas observações.

O art. 13 estatúe que, a não ser por motivos excepçionaes, um professor não póde ser promovido a um grau superior senão depois de cinco annos de sua nomeação para o grau immediatamente inferior.

Os quadros do pessoal são compostos de 2 primeiros professores, 3 segundos e 4 terceiros para um pessoal commum de 9 professores.

O pessoal docente primario em Bruxellas comprehende : professores de 3^a classe, ditos de 2^a, ditos de 1^a e directores (chefes de escola). Para ser nomeado professor de 3^a classe exige-se diploma da Escola Normal de Bruxellas.

Geralmente, os alumnos diplomados pela Escola Normal passam um anno em uma das escolas primarias antes de serem nomeados professores.

De ha muito que se estabeleceu na Belgica um systema de promoções no professorado, sem prejuizo das gratificações addicionaes de 5, 10, 15 e 20 annos de serviço de que já falei, a que o professor tem sempre direito, qualquer que seja a hierarchia em que estiver collocado. Entre nós errava-se crassamente, e o que é peor é que o professorado tinha de curvar-se ao despotismo governamental na interpretação erronea dada ao pensamento do legislador, procurando-se dar essas gratificações por serviços distinctos, e como era difficil perceber-se onde estava a distincção pelas deficiencias da lei, soffriam, de par com os relapsos e os maus professores, outros que tinham tido uma

vida de sacrificios e de dedicação reconhecida no ensino. D'ahi originou-se uma lucta terrivel entre a administração e o professorado, da qual resultou, como era de prever, o mais completo triumpho para este, mas só depois de um combate sem trêguas e que durou annos. Os factos são recentes, para que haja necessidade de revivel-os.

Na Belgica ha, pois, as gratificações additionaes por tempo de serviço e ha as promoções no professorado.

E' facto que antigamente o professor passava tambem de categoria, isto é, era promovido pelo tempo de serviço, de fórma que tinha a gratificação adicional do tempo e mais o augmento de vencimentos correspondente á categoria a que era promovido.

O professor passava da 3^a categoria á 2^a, á 1^a e ao grau de director por ordem de antiguidade, e á medida que havia vagas ou que se creavam escolas novas. Os resultados foram não existir emulação para o trabalho e por vezes fazer-se injustiças, collocando-se a par de um bom professor um mau, o trabalhador ao lado do ocioso, o habil ao lado do inhabil, o progressista ao lado do rotineiro ; a maioria se habituava ao *dolce far niente*, desalentavam-se os entusiastas, e exceptuados os de boa tempera, quasi todos abandonavam, uma vez diplomados pela Escola Normal, os estudos não só pedagogicos como de toda a especie, visto que bastava para subir a ordem de antiguidade. O logar de director era o mais ambicionado não só pela posição social, como pela pecuniaria, e todas as vezes que havia uma vaga, entravam em concurso para obtel-a, não a competencia e os serviços ao ensino, mas os serviços politicos, o voto eleitoral e os empenhos, que quasi sempre venciam.

Por iniciativa do actual director da Escola Normal, Mr. Sluys, e reconhecido o erro em que se laborava, decidiu-se o seguinte, que deu os melhores resultados :

1.º Que para passar de um grau a outro, era necessario haver permanecido no grau anterior cinco annos, pelo menos ;

2.º Que para cada grau que vagasse, os candidatos deveriam apresentar-se a um exame comparativo ;

3.º Que o grau não se concederia senão àquelle dos candidatos que obtivesse 50 por cento dos pontos em *cada prova* e 75 por cento sobre o total ;

4.º Que, terminados os exames, se ajuntariam, para a classificação, a cada um dos candidatos, 2 pontos por cada anno de serviço no grau ;

5.º Que o Conselho communal escolheria entre os que houvessem reunido as condições precedentes, riscando da lista os que tudo tivessem conseguido, mas que não fossem merecedores da promoção, por sua inconveniente *conducta professional, publica ou particular*.

O exame para o 2º e 1º grau. comprehende :

a) <i>Uma prova escripta</i> , sobre um thema dado, de ordem pedagogica.....	8 pontos
b) <i>Uma prova pratica</i> . O jury se transporta à classe de cada candidato, assiste a duas licções, examina os trabalhos dos alumnos, cadernos, desenhos, exercicios manuaes, etc. ; as collecções didacticas feitas pelo professor, etc.....	10 »
c) O jury examina a folha de serviços de cada candidato : informações do director da escola em que elle trabalha ; informações do inspector, informações do Director Geral das escolas do Municipio. A essas informações se ajunta o merito do candidato sobre um maximum de...	30 »
d) O jury examina o diario de classe do candidato, o caderno em que elle annota <i>dia por dia</i> as licções que se propõe a dar.....	2 »
Total.....	50 pontos

Para ser-se inscripto é preciso metade de cada um desses pontos e os 3/4 sobre o total. Em seguida se addicionam 2

pontos por cada anno de serviço e assim se faz a lista de merecimento.

Para a direcção de escolas primarias tambem ha exames. Quando ha vaga por jubilação, demissão ou morte de um director ou pela creação de uma nova escola, os professores de 1ª classe podem apresentar-se a exame.

O exame comprehende :

1.º Uma prova escripta. Os candidatos são prevenidos com 15 dias de antecedencia que o exame consistirá na *critica* de uma entre varias obras designadas, como por exemplo : *Emilio* de Rosseau, a *Educação* de Spencer, a *Didactica magna* de Comenius, a *Educação do homem* de Froebel, a *Gertrudes* de Pestalozzi, a *Sciencia da educação* de Bain, etc. No dia do exame é formulada a pergunta, que deve ser tratada immediatamente (4 horas de prazo pelo menos) para os candidatos, que não trarão consigo nem livros nem notas. Por exemplo : expõnha-se tal doutrina, segundo Lock, Rosseau, Spencer e apresente-se sua critica..... 10 pontos

2.º Uma prova didactica. O jury passa á classe do candidato e assiste a 2 licções. Examina o diario da classe, os trabalhos dos alumnos, etc. 10 »

3.º Uma prova oral. O jury interroga os candidatos sobre a interpretação da lei escolar, dos regulamentos escolares, do programma, etc. 10 »

4.º Uma prova pratica. Cada um dos candidatos deve passar a uma escola e desempenhar alli as funcções de director. Em seguida dá conta do que tem visto e feito, dando a conhecer sua opinião sobre as reformas que introduziria, caso fosse elle o director..... 10 »

40 pontos

Esta ultima prova tem por fim saber se o candidato tem aptidões reaes para dirigir intelligentemente uma escola.

Os candidatos devem reunir 50 por cento em cada prova particular e 75 % sobre o total.

Em seguida examina-se a sua fé de officio e se fixa o numero de annos de serviço.

A lista dos candidatos que satisfizeram ás provas é apresentada à escolha do Conselho communal, que não é obrigado a escolher na ordem em que vão collocados, e sim segundo a confiança que lhe inspira este ou aquelle, visto que pôde ainda ter duvida sobre qualquer, quanto à sua conducta publica ou particular, etc. Em todo caso não escolherá senão nessa lista.

Se nenhum dos candidatos satisfaz ás provas, não ha nomeação, e no anno seguinte haverá novo exame, em que podem apresentar-se tanto os reprovados como novos candidatos.

O jury de exame para professores do 2º e do 1º grau é constituído pelo : Burgomestre ou o Director Geral da Instrucção Publica, como presidente ; o director ou directora da Escola Normal (conforme o sexo dos candidatos) ; um conselheiro communal, delegado pelo Conselho communal, e dois directores de escola primaria.

O jury de exame para o grau de Director é constituído pelo : Burgomestre ou Director Geral da Instrucção, como presidente ; o director ou directora da Escola Normal (conforme o sexo do candidato) ; o professor de pedagogia da Escola Normal ; 2 inspectores de escola primaria, e 2 directores de escolas primarias.

Eis a tabella dos vencimentos dos professores : — director 4.600 francos ; directora 4.200 ; 1º professor 3.000 ; 2º professor 2.400 ; 3º professor 1.900 ; 1ª professora 2.500 ; 2ª professora 1.900 ; 3ª professora 1.400.

Se compararmos a vida no Rio de Janeiro com a vida na Belgica, onde o natural do paiz vive regularmente com muito menos da terça parte do que o do Rio de Janeiro, nos convenceremos de que são lá mais bem pagos os professorés do que

entre nós. Accresce que os directores têm casa, luz e creados e veja-se que enorme differença ! O mesmo se dá na França, como já tive occasião de dizer no meu relatório sobre o ensino publico nesse paiz.

A administração, diz o art. 13 do regulamento, poderá cada anno dispor de cinco logares de cada um dos graus de 1º e 2º professor e de 1ª e 2ª professora. Esses logares serão conferidos aos membros do pessoal que, tendo cinco annos de grau inferior, obtiverem o numero de pontos exigidos nos exames para esse fim. Os membros do pessoal, que não tiverem obtido 50 % dos pontos nas differentes provas, não poderão apresentar-se a um novo exame senão depois de passados 2 annos.

Diz o art. 14 que este adiantamento e augmento de honorarios não constitúe para o professor um direito independente do seu merito e do seu trabalho.

Para o adiantamento e augmento concorrem as notas fornecidas pelo Director Geral, o director e a Commissão escolar, ou, por outra, tem-se muito em conta o trabalho de professor, a marcha da sua classe, seus estudos especiaes, os diplomas que obteve, as obras de ensino ou de sciencia por elle feitas.

III.— DOS ALUMNOS.— A classificação dos alumnos é feita pelo director com a presença do professor da classe para a qual se dirige o alumno. Nenhum alumno é admittido n'uma classe sem um exame em que se mostre habilitado para seguir as licções.

O director exercerá a mais activa vigilancia sobre todos os alumnos e velará com todo o cuidado para que nenhum esteja ocioso.

No registro de matricula de cada alumno se escreverá o seu numero de ordem, o nome e sobrenome por extenso, a data e logar do seu nascimento, o nome do medico que lhe entregou a certidão de vaccina (se o alumno não é vaccinado, mas teve variola, se fará disso menção na columna das Observações), o nome e profissão dos paes ou tutores, o domicilio destes

últimos e, na columna das Observações, o mais que fôr necessário.

Nos tres primeiros dias de cada mez o director communica ao Director geral da Instrucção Publica o movimento da sua escola durante o mez anterior, indicando o numero de logares disponiveis.

Os alumnos recebem gratuitamente os livros e todo o material necessario para o ensino. As meninas recebem tambem todo o necessario para os trabalhos manuaes. Esses objectos são fornecidos pela cidade, e a ella ficam pertencendo todos os trabalhos feitos pelos alumnos de um e outro sexo.

IV. — DA DURAÇÃO DAS AULAS E DA DISCIPLINA. — A distribuição do trabalho pelos diversos ramos de ensino é regulada por um quadro firmado pelo director, approvado pelo Director Geral de instrucção publica e visado pelo Inspector cantonal. Este quadro está affixado em cada sala de aula. E' expressamente prohibido ao director e aos professores o desviar-se das prescrições nelle contidas.

As horas de aula são affixadas do seguinte modo, havendo, tanto nas aulas de manhã, como de tarde, um recreio de um quarto de hora:

Para as creanças do sexo masculino, das 8 1/2 ás 11 1/2 da manhã e da 1 1/2 ás 3 3/4 horas da tarde.

Para as creanças do sexo feminino, das 8 1/2 ás 11 1/4 da manhã e de 1 1/2 ás 4 horas da tarde.

Nas quintas-feiras as aulas terminam ás 11 1/2 da manhã e não há aulas á tarde.

Os cursos de adultos funcionam do meio-dia á 1 hora e das 7 3/4 ás 9 3/4 da noite para o sexo feminino, e das 8 ás 10 da noite para o sexo masculino.

Todos os dias, á abertura das aulas, o professor faz a chamada dos alumnos, notando os ausentes, a cujos paes dará conhecimento da falta. As faltas não justificadas são punidas, mesmo no caso de justificação considerada como insufficiente.

O asseio e o bom procedimento são obrigatorios para os alumnos. O professor é responsavel por isso e póde recusar a entrada na aula aos alumnos que estão fóra dessas condições, dando disso aviso, por escripto, aos paes e tutores.

O medico designado pela administração visita as escolas publicas de dez em dez dias, pelo menos, e mais, se o fôr ordenado pela administração. Dirige todos os mezes ao Inspector do serviço de hygiene um relatorio sobre o estado sanitario dos alumnos e a salubridade das localidades; esse relatorio é enviado mais amiudadas vezes, se as circumstancias o exigem.

Os alumnos reconhecidamente indispostos ou atacados de molestia contagiosa são reconduzidos à casa de seus paes, e não poderão reentrar para a escola senão depois de ter obtido do medico um attestado de cura completa.

O director exige que cada professor tenha um mappa diario contendo as sete columnas seguintes: — 1ª uma série de numeros de ordem; 2ª os nomes e sobrenomes dos alumnos; 3ª os retardamentos; 4ª as ausencias; 5ª as punições leves; 6ª as punições graves; 7ª observações. O professor consignará no fim de cada mez, na columna das observações, o resumo das indicações diarias da 3ª, da 4ª, da 5ª, e da 6ª columna.

Este registro estará sempre accessivel à auctoridade communal, aos inspectores, aos paes ou tutores dos alumnos e às Comissões escolares.

As recompensas são:— 1ª, os bons pontos. No fim de cada semana, o professor concede ao alumno, por cada materia de ensino, uma quantidade de 0, 1, 2 ou 3 bons pontos, correspondentes à qualificação de *mal*, *soffrivel*, *bom* ou *optimo*. A 2ª, — inscripção no « *Quadro de honra* » —, feita no principio de cada semana, é affixada na classe. Esta inscripção só é concedida ao alumno cuja applicação geral e cuja conducta na semana tenham sido muito boas.

Pelo art. 26 haverá tres exames por anno:— os alumnos dos cinco primeiros annos de estudos que obtiverem nas tres

composições os tres quartos dos pontos concedidos ao conjuncto dos ramos ensinados, afóra a musica e a gymnastica, recebem uma recompensa no fim do anno. Seu numero é illimitado. Esses alumnos serão classificados e seus nomes proclamados segundo o numero total dos pontos que lhes tenham sido concedidos. *Premios especiaes serão concedidos pelo canto e pela gymnastica.*

A distribuição das recompensas e premios é feita pela Commissão escolar.

Os alumnos da divisão superior, 6º anno de estudos, que obtêm nas tres composições as tres quartas partes dos pontos concedidos ao conjuncto dos ramos ensinados, afóra a musica e a gymnastica, recebem tambem no fim do anno um *premio geral*. Seu numero não será anteriormente determinado. Esses alumnos serão classificados e seus nomes proclamados segundo o numero total dos pontos obtidos.

Em seguida ao premio geral, os tres alumnos de maior merecimento de cada classe superior receberão uma caderneta da Caixa Economica. Essas cadernetas serão de 15, 10 e 5 francos. Os alumnos não poderão, sem uma auctorização especial, dispôr da quantia dessas cadernetas antes da sua maioridade.

Pelo art. 29 a entrega dos premios é feita em sessão publica e solemne presidida pela administração ou conselheiros com delegação para esse fim, e com assistencia das comissões escolares.

Uma recompensa especial é concedida aos alumnos que em cada classe mais se distinguirem no ensino dos trabalhos manuaes (trabalhos de madeira e de cartão para os meninos, trabalhos de agulha para as meninas). Esta recompensa tem um character particular e os pontos obtidos por esse ramo de estudos são, todavia, contados para a obtenção do *premio geral*.

Os alumnos de 14 annos de idade que têm frequentado durante um anno, pelo menos, os cursos das escolas communaes

e que têm obtido as tres quartas partes dos pontos no conjunto das composições do ultimo anno de estudos, recebem, ao retirar-se da escola, um — Diploma de Honra — assignado pelo burgo-mestre e pelo Director Geral da Instrucção. A entrega desses diplomas é feita na sessão solemne de que trata o art. 29.

Pelo art. 31, os melhores alumnos da divisão superior (sexto anno de estudos) são admittidos, a titulo de recompensa, ás grandes excursões escolares.

Um regulamento contendo os deveres dos alumnos é distribuido entre os alumnos de 2º e 3º grau. Esse regulamento constitúe a lei da escola, e os professores o explicam frequentemente, a elle se referindo tambem cada vez que têm de punir alguns alumnos pela transgressão de qualquer regra estabelecida.

São prohibidos os castigos corporaes ou quaesquer outros de natureza a tirar o estimulo da creança, a provocar o riso, a zombaria ou o desprezo dos seus condiscipulos. Como medida de ordem, um alumno que perturba ou interrompe a aula persistentemente, pôde soffrer uma expulsão temporaria e ser conduzido á presença do director.

As punições que podem ser infligidas são as seguintes: 1ª, os maus pontos (a conducta é má, se o alumno recebeu 3 maus pontos durante a semana; soffrivel, se recebeu 2; boa, se recebeu um apenas; optima, se não recebeu nenhum); 2ª, a reprehensão, dada pelo director; 3ª, a retirada do seu nome do Quadro de Honra (esta retirada do nome do Quadro de Honra é pronunciada logo que a conducta e a applicação do alumno tornaram-se más durante a semana finda; nos outros casos, a retirada do Quadro é pronunciada pelo Director da escola, de accordo com o professor); 4ª, a remessa do alumno para uma outra escola designada pelo Director Geral de Instrucção.

A exclusão definitiva da escola não pôde ser pronunciada senão pelo Conselho Superior de Instrucção Publica (*Collège*

echevinal, que assim traduzo, assim como *E'chevin*, que traduzo por Director Geral de Instrucção Publica, por me parecerem ser essas as melhores traducções, visto não encontrar em portuguez palavra ou phrase que melhor explique), sob proposta do Director da escola e ouvido o respectivo professor.

Tres maus pontos têm como effeito collocar o alumno sob o regimen da punição, desde o momento em que o 3º ponto lhe foi infligido até o fim da semana seguinte. O regimen da punição consiste nas medidas seguintes:—eliminação do Quadro de Honra ; privação de todo o recreio ; exclusão das excursões escolares ; retenção na escola depois de terminadas as aulas: — durante este tempo a creança occupar-se-ha em qualquer trabalho util.

Um alumno não póde mudar de escola sem auctorização do Director Geral de Instrucção. E' essa uma medida que deveria ser adoptada entre nós, pois os alumnos das nossas escolas não permanecem ás vezes dois mezes seguidos em uma mesma escola.

A instrucção é distribuida igualmente por todos os alumnos.

V.—EXCURSÕES ESCOLARES.— De quinze em quinze dias ha um passeio escolar na cidade ou nos arrabaldes. As excursões têm por fim essencial a observação e o estudo das cousas naturaes ou artificiaes que se não encontram na escola e que são de natureza a fornecer idéas e a desenvolver a intelligencia.

Podem ser organizadas para as classes superiores (3º grau, 2º anno) duas grandes excursões por anno, uma para os meninos e outra para as meninas, a uma localidade designada pelo Director Geral, sob proposta do director da escola e da Commissão escolar. As creanças que a ellas são admittidas o são a titulo de recompensa por seus trabalhos, applicação e boa conducta.

Ha um *registro de propostas* para as excursões e passeios escolares. Os professores escrevem nelle a excursão que pro-

põem para suas classes, indicando a natureza das licções que pretendem dar e o tempo que julgam necessário consagrar-lhes. Estas propostas são submettidas á approvação do director da escola e da Commissão escolar. Antes de toda e qualquer excursão, os alumnos recebem as noções necessarias para que possam comprehender o que hão de ver. Toda a excursão é seguida de exercicios proprios a retel-a na memoria. Na cidade ou no campo, os alumnos marcharão em fila e em passo cadenciado ; o professor não consentirá que os alumnos andem ou marchem indolentemente. Depois da excursão ou passeio, os professores farão uma relação minuciosa, indicando o itinerario, os logares visitados, as licções dadas e os resultados cõlhidos. Estas relações são escriptas n'um registro de formato uniforme para todas as escolas e que no fim do anno são guardadas no archivo da escola para que possam, em qualquer epocha, ser consultadas pelos professores e pelas comissões escolares.

Os professores declararão ao Director da escola quaes os chefes, directores ou proprietarios de estabelecimentos industriaes, manufactureiros, etc., que abriram aos alumnos as portas de suas officinas ou fabricas, bem como os nomes das pessoas que facilitaram as visitas aos estabelecimentos de que têm a direcção. O Director da escola dirigirá a essas pessoas e chefes de estabelecimentos uma carta de agradecimento.

VI. — DAS FÉRIAS E FERIADOS. — Os dias feriados são: — os domingos ; o 1º de Novembro ; o 15 de Novembro (anniversario natalicio do Rei) ; a terça-feira de entrudo, depois do meio-dia ; o da festa da Ascensão ; a segunda-feira de Pentecostes ; a segunda-feira da festa annual de Bruxellas ; os dias 21, 22 e 23 de Julho (festas nacionaes).

As epochas e duração das férias estão fixadas da seguinte maneira :

1ª epocha : — de 25 de Dezembro a 2 de Janeiro inclusive ;

2ª epocha : — a semana santa, a partir da quinta-feira

(inclusive) e toda a semana seguinte até à segunda-feira da Paschoela inclusive ;

3ª epocha :— desde 1º de Agosto até à 2ª segunda-feira do mez de Setembro.

Em caso de morte de um membro do pessoal docente das escolas primarias, os directores podem concordar em dar um feriado de um dia ou de meio-dia, conforme as circumstancias.

No verão, logo que a temperatura de uma sala de aula attingir 29 graus centigrados, o professor será auctorizado pelo director a suspender as licções que poderiam fatigar a attenção das creanças ou a substituil-as por exercicios ou por passeios hygienicos.

Permitti-me, Sr. Inspector, que chame a vossa attenção para este ponto. Na Europa, cujas condições de salubridade não são iguaes às nossas, onde os edificios escolares são vastos, arejados e construidos de accordo com as prescripções hygienicas e onde não se vive, como nós vivemos durante annos inteiros, sob a influencia de epidemias constantes, não se trabalha nas escolas logo que o thermometro attinge 29 graus centigrados ; ao passo que as nossas escolas, estabelecidas em casas como todos conhecem, sem ar e sem luz, às vezes em bairros infectos pela incuria e pelo relaxamento altamente criminoso das auctoridades municipaes e sanitarias, porque desgraçadamente essas auctoridades não são responsabilizadas, o que demonstra ainda o nosso atraso em muita cousa, as escolas funcionam regularmente sob temperatura superior a 30 e às vezes a 35 e 36 graus !

O actual Regimento estabelece que as fêrias comecem a 23 de Dezembro (o que me parece muito tarde, pois já em Dezembro somos muito castigados pelos nossos terriveis verões) e terminem a 1º de Março, isto é, no principio do mez em que somos mais victimados pelas epidemias que nos flagellam, o que é notorio e sabido por todos.

Eu comprehendo bem o embaraço do confeccionador do

Regimento nesse ponto, porque, para attender à hygiene, ver-se-hia obrigado a tornar muito longo o espaço das fêrias, e para diminuir o espaço destas, tinha de menosprezar as inflexiveis exigencias daquella. Mas, se as fêrias dos cursos superiores, pelos inconvenientes apontados, são muitissimo longas e às vezes ha necessidade de prorogal-as, não sei qual a razão de tanto escrupulo, fugindo-se de augmentar mais um pouco as das escolas publicas. A saude e a vida do pessoal docente e dos alumnos dos cursos superiores não valem mais do que a dos outros. Demais, dos males o menor: se as escolas estiverem em casas melhores que as que temos, bem providas do necessario (e é preciso dizer a verdade, isto é, que lhes falta tudo) e com um pessoal apto e entusiasta, o trabalho consciencioso de 8 ou 9 mezes no anno resarcirá o prejuizo de umas fêrias extensas por necessidade absoluta. Dos martyrios e da inconveniencia do trabalho escolar nesta cidade e nas nossas escolas nos mezes de Dezembro e Março eu posso, infelizmente, falar de cadeira. O trabalho nessas condições assume as proporções de um verdadeiro attentado contra a saude, contra a hygiene e contra as funcções intellectuaes do mestre e do discipulo.

Esta é a verdade, e quando se tem à frente da administração um homem como vós, Sr. Inspector, da vossa tempera e da vossa intellectualidade, não ha receio de dizer as verdades, quaesquer que ellas sejam. O vosso espirito esclarecido e justo sabe avaliar todos os motivos e optar sempre pela razão, felizmente para o ensino publico de nossa capital.

Passo adiante. Entre os feriados figura na Belgica o dia das quintas-feiras, depois do meio-dia. Em Portugal, Hespanha, França, Italia e outros paizes, esse dia é todo feriado. Na Belgica só se faz o trabalho da 1^a secção desse dia.

Em compensação, é esse o dia destinado para alguns passeios escolares ou para exercicios gymnasticos organizados pela administração communal.

VII— DAS COMMISSÕES ESCOLARES. — O art. 42 estabelece

junto a cada uma das escolas primarias da cidade uma commissão especial, que toma o nome de « Commissão escolar ».

As commissões têm por missão auxiliar a administração communal a derramar o mais possivel os beneficios da instrucção.

Para esse fim, cada commissão tem por objecto :

1.º— Inspeccionar as aulas e assignalar á administração communal tudo o que possa interessar á execução da lei, ao melhoramento do ensino e á posição dos professores.

2.º— Indagar quaes as creanças que não frequentam a escola primaria ; usar de sua influencia junto dos paes e tutores, induzindo-os a enviar seus filhos e tutelados á escola, obtendo para estes uma frequencia assidua, e entendendo-se para esse fim, se fôr necessario, com as commissões de caridade.

3.º— Velar no sentido de que os cuidados e a disciplina da escola sejam continuados na familia.

Cada commissão escolar é composta, afóra o Presidente, de 5 membros escolhidos pelo Conselho communal. Esses membros são nomeados por 4 annos e renovados por metade de 2 em 2 annos, segundo a ordem indicada pela sorte.

A commissão será escolhida, tanto quanto possivel, entre pessoas que habitam a circumscripção da escola. Uma sala especial, destinada ás deliberações da Commissão, é reservada no estabelecimento.

O Director geral de instrucção publica preside de direito cada commissão escolar ; na sua ausencia pôde ser substituido por um delegado seu. Em caso de empate nas deliberações, o voto do presidente é preponderante. A Commissão escolhe annualmente o seu secretario.

A' administração superior de ensino compete decretar o regulamento interno e de serviço das commissões escolares.

Um delegado da Commissão escolar ou varios dos seus membros podem assistir ás aulas na escola.

Cada commissão dirige á administração communal, antes

do 1º de Agosto, um relatório sobre o estado da escola. Apresenta também seus desejos, opiniões e observações em benefício do ensino primario. Esses relatórios são submettidos ao Conselho communal por occasião do orçamento do ensino primario.

VIII. — DAS ASSEMBLÉAS DOS DIRECTORES DAS ESCOLAS. — Na primeira quinta-feira de cada mez, e mais amiudadas vezes, se necessidades do serviço o exigem, os directores das escolas se reúnem na Camara Municipal, sob a presidencia do Director Geral da Instrucção Publica. A assembléa occupa-se então de todos os assumptos, relativamente ao ensino primario, que lhe são submettidos pelo Director Geral da Instrucção Publica, sendo lavrada uma acta de cada uma dessas reuniões em um registro especial.

A administração superior, sob proposta do Director geral do ensino publico, designa o secretario destas assembléas.

O secretario é o encarregado da redacção das actas.

E' esta uma boa idéa, que deveria ser adoptada entre nós, porque traria innumeradas vantagens. O contacto da administração com os directores das escolas seria de grande proveito, pois aquella ficaria bem a par de todas as necessidades de cada escola e assim também, de commum accordo, se trataria das leis, regulamentos, programmas, enfim de tudo quanto concerne ao ensino.

Isto evitaria queixas, lamentações, imposições de tarefas, programmas e horarios impossiveis e tudo marcharia mais a contento de todos, ganhando com isso o ensino publico. Não sei realmente quando chegará o dia de termos um ensino como a Belgica, ainda mesmo nas epochas de sua decadencia, por estar no poder o partido clerical.

IX. — DO LOCAL E DO MOBILIARIO. — O director da escola vela pela conservação do edificio escolar e do seu material. A escola deve estar sempre em constante estado de asseio e de salubridade, devendo ser limpa e varrida todos os dias. O ar é

frequentemente renovado: mesmo no inverno, as portas e janellas estão abertas no intervallo das aulas e todas as vezes que os alumnos sahem das salas.

Durante o mau tempo os recreios realizam-se em um pateo coberto.

E' prohibido fazer-se da sala da escola uso diverso daquelle para que ella é destinada, sem licença especial da administração. (Aqui até fazem-se eleições e o professor tem a seu cargo, sem um muito obrigado sequer por isso, o preparar a escola para esse fim, e depois o varrel-a e limp-a á sua custa, pois fica immunda.)

Como já disse, ha em cada escola uma sala especialmente destinada ás reuniões da Commissão escolar e ás reuniões dos professores.

Na parte exterior da porta principal de cada aula estão inscriptos o numero de ordem da classe ou aula e o seu grau, assim como o nome do professor.

X. — BIBLIOTHECA ESCOLAR.— Cada uma das escolas primarias tem annexa uma bibliotheca para uso dos professores e dos alumnos. O publico tem nella accesso nos dias e horas marcados pelo Director Geral de instrucção publica. Haverá um catalogo dos livros feito pelo professor encarregado das funcções de bibliothecario.

Nessa bibliotheca nenhuma obra é admittida sem auctorização do Director Geral da Instrucção.

A cidade deixa a guarda e a administração desta bibliotheca aos professores da escola, sob a vigilancia do respectivo director.

Como se vê, o Regulamento, que acabo de dar, resumido e acompanhado de algumas considerações, contém muitas idéas novas. Nelle ha muito sobre que meditar, porque fornece uma boa cópia de ensinamentos.

O actual—« Regulamento dos alumnos »—, publicação da qual obtive um exemplar impresso em 1890, se bem que contenha

muitos dos artigos já apresentados, porque também fazem parte do—« Regulamento de ordem interior »—, contêm algumas outras disposições que convêm assignalar.

Entre outras, notam-se as seguintes :

O alumno deve a mais immediata obediencia ao director, aos professores e aos professores especiaes. Toda a ordem dada deve ser executada ; as reclamações não são admittidas sinão depois que o alumno obedece á ordem dada.

O alumno que tiver de dirigir-se a qualquer membro do pessoal deve tomar uma attitude conveniente, descobrir-se e falar em termos respeitosos.

O alumno que julgar ter qualquer reclamação a fazer ao Director, deve transmittil-a por intermedio do seu professor.

Os paes, tutores ou representantes destes, só podem dirigir-se ao Director, pessoalmente, das 8 ás 9 horas da manhã e de 1 ás 2 horas da tarde, ou por escripto. Neste ultimo caso, a carta deve ser fechada e escripta com toda a polidez.

Como tudo isto é diferente de nós, especialmente nas relações entre os paes, geralmente grosseiros aqui, mesmo quando occupam elevadas posições sociaes, e os professores que, para não verem seus nomes desmoralizados nos *A pedidos* dos jornaes e, por conseguinte, o competente cortejo de informações officiaes, passam momentos bem desagradaveis !

Á sahida diaria da escola, os alumnos retiram-se por turmas, com toda a ordem, sendo obrigados a comportar-se decentemente nas ruas e seguir para suas casas pelo caminho mais curto. O alumno que fôr notado pelo seu mau procedimento nas ruas é passivel de punições applicadas no interior da escola.

Aqui ha pessoas que pensam de modo diverso, entendendo que a auctoridade do professor cessa na porta da escola.

Neste ponto, permitti-me a declaração, pensei sempre como os belgas e assim pratiquei. Isso é facto conhecido de todos os individuos que foram ou são meus alumnos, e das respectivas familias. Para esse fim, sempre tive monitores especiaes in-

cambidos da fiscalisação dos alumnos na rua, desde que, findos os trabalhos, sahem da escola até que entram nas casas de seus paes ou tutores. Em todo o caso, as punições nunca se realizam sem que a ellas precedam acertadas averiguações e provas irrecusaveis do mau procedimento do alumno. Tenho sido até severo nesta questão de disciplina escolar, porque penso e commigo muita gente, que pelo modo de sahirem os alumnos de uma escola, ao terminarem os trabalhos, se pôde avaliar do que valem a escola e o professor. Demais, o publico sempre faz mau juizo da escola ou collegio cujos alumnos se retiram das aulas commettendo toda sorte de tropelias, arriscando-se até a desastres, especialmente nas ruas de muito transito.

E' absolutamente prohibido aos alumnos o fumar nas ruas; os paes são informados das infracções commettidas neste ponto. E' tambem prohibido trazer para a escola brinquedos e outros objectos estranhos ao ensino, excepção feita dos objectos cujos nomes e utilidade desejem os alumnos conhecer ou que tragam para offerecer ao museu escolar.

Todas as disposições relativas á disciplina nas aulas são applicaveis nas excursões escolares. Os alumnos são obrigados a vestir-se decentemente e a comportar-se de modo a conservar a boa reputação da escola.

Nenhum alumno pôde justificar-se de qualquer infracção ao Regulamento, sob pretexto de ignorar as suas disposições.

Tratando da conducta dos alumnos fóra da escola, o *Regulamento dos alumnos* prohibe nas ruas e praças publicas todos os jogos e brinquedos que possam incommodar os transeuntes ou occasionar accidentes, declarando mesmo alguns desses jogos e divertimentos.

Permitte, porém, esses jogos e divertimentos em varias praças, parques, jardins, *boulevards*, avenidas, etc., nos quaes existe bastante espaço sem que incomodem os transeuntes. Cita o Regulamento esses logares, que são muitos em Bruxellas, mesmo no centro da cidade.

Acompanhando as posturas municipaes, que em Bruxellas não são feitas, como entre nós, para se não cumprirem, o Regulamento indica aos alumnos essas posturas, tornando-os responsaveis pela sua infracção. Se dessas posturas transcrevo topicos, é porque isso se ensina nas escolas belgas e faz parte do — « Regulamento dos alumnos » —.

Vejamos algumas dessas prohibições :

E' prohibido estabelecer jogos de azar e de sortes nas ruas, nos caminhos, praças e logares publicos. Os objectos a isso destinados são confiscados.

E' prohibido dar tiros, tanto nas ruas como no interior das casas, quer por armas de fogo, quer por peças de artificio, sob qualquer pretexto, sem a auctorização precisa. As armas de fogo e peças de artificio são confiscadas.

E' prohibido arrancar as pedras do calçamento das ruas, fazer excavações, regos ou vallas no solo da via publica, sem auctorização especial, assim como arrancar, trocar, sujar as taboletas das casas, arrancar, sujar ou cobrir de qualquer fórma os cartazes ou editaes collocados em nome ou com auctorização da administração.

E' prohibido atirar sobre os transeuntes pedras, bolas de neve e outros corpos duros ou immundicies.

E' prohibido marcar a giz ou a carvão, sujar, deteriorar as frentes e os muros das casas ; damnificar ou sujar de qualquer modo os monumentos e objectos que servem de utilidade ou á decoração publica, taes como: estatuas, bustos, jarros, pedestaes, reverberos, relogios, fios electricos, fontes,apparelhos e conductos d'agua, etc. O Codigo Penal estabelece uma multa de 26 a 500 francos e prisão de oito dias a um anno para quem destruir, abater, mutilar ou estragar monumentos, estatuas ou outros objectos que servem á decoração das praças ou edificios publicos.

Parece-me que precisavamos muito imitar tudo isto da Belgica. Entre nós, com os habitos e a educação do povo, faz-se justamente o contrario do que lá se pratica.

O Rio de Janeiro não tem licença de possuir um jardim, uma estatua, uma casa limpa e isenta de figuras indecentes, de palavras e desenhos torpes. Neste ponto somos o povo

mais selvagem, mais destruidor, mais sem educação possível. Agora comprehendendo a razão por que se encontram bonitas praças na Europa e em Bruxellas vê-se magnificos jardins contendo estatuas, nas quaes ninguem ousa tocar, apesar de se conservarem em baixos pedestaes, ao alcance de qualquer creança. Verdade é tambem que lá, além da educação e das punições escolares, dos bons habitos já inveterados, ha policia, cousa esta que nós sómente temos para figurar nas paradas e passeios militares.

E' prohibido, diz ainda «o Regulamento dos alumnos», commetter estragos nas praças e passeios publicos, sujar os bancos, mutilar, sacudir, abalar ou descascar as arvores, arrancar as estacas e tudo quanto serve para a conservação das plantas. O Codigo Penal pune com uma multa de 26 a 500 francos e prisão de 1 a 3 mezes os infractores e até a quem mal-dosamente tiver cortado ou devastado com os pés as plantas rasteiras.

E' prohibido escalar os cercados e cercas dos jardins ou *boulevards* e estragar plantações, trincheiras ou cancellas e postes que nelles se acharem. O Codigo estabelece penas para o caso.

E' expressamente prohibido tocar a campainha, o tympano ou bater á porta de qualquer casa sem necessidade.

E' expressamente prohibido atirar ou depositar sobre a via publica immundicies, residuos de comidas, cacos de louça, copos quebrados e geralmente todos os objectos de natureza a embaraçar a circulação ou a occasionar exhalações nocivas.

E' expressamente prohibido urinar nas ruas e n'outros locaes, que não nos mictorios para esse fim estabelecidos.

E' prohibido atirar qualquer objecto nos canaes, rios, tanques, fontes. Nesta prohibição são particularmente comprehendidos os residuos de comidas, os cacos de louça, os copos quebrados e os animaes, mortos ou vivos.

E' prohibido lavar nos canaes, nos tanques e fontes da cidade, pannos ou outros objectos que possam alterar a agua.

E' prohibido banhar-se nos canaes, rios, tanques e geralmente em todos os sitios expostos ás vistas do publico.

E' prohibido agarrar, matar ou destruir, expor á venda, vender, comprar e transportar passaros insectivoros, assim como os seus ovos ou os seus ninhos.

Os actos de crueldade ou mau tratamento para com os animaes são punidos pela lei.

E' prohibido attentar contra a honra ou a consideração das pessoas, sob pena de uma multa de 26 a 1.000 francos e prisão de oito dias a um anno.

As infracções ás disposições precedentes, para as quaes a lei não marca pena especial, serão punidas com uma multa de 1 a 25 francos e prisão de um a sete dias, separada ou cumulativamente, segundo as circumstancias e a gravidade da falta.

Os paes e os tutores são responsaveis pelas infracções commettidas por seus filhos e tutelados menores.

Ha ainda grande numero de prohibições que me abstenho de transcrever.

Este ensino nas escolas, esta transcripção das posturas municipaes no regulamento, de que é dado um exemplar a cada alumno, as explicações dos professores no mesmo sentido, as punições escolares ás creanças que as infringirem, depois de conhecerem o mal que podem fazer, a imposição das multas aos paes e tutores, são de uma efficacia extraordinaria e utilissima.

A creança adquire bons habitos de asseio, de ordem, de benevolencia para com o proximo e para com os animaes, perde ou modifica os maus instinctos, se os tem, os habitos de destruição diminuem ou anniquilam-se e o resultado, sobre ser magnifico na educação da creança, torna-se o maior dos beneficios para a cidade, pela conservação dos seus jardins e monumentos, asseio dos predios e limpeza das ruas, etc., etc.

Isto é eminentemente pratico, eminentemente educativo.

Um povo assim educado terá um paiz com cidades e monumentos dignos do seu cultivo intellectual e moral; um povo assim é um povo civilizado.

E para chegar a um bom grau de civilização, para que um povo possa ter orgulho de si mesmo, quer seja uma potencia respeitavel pela força, quer, embora pequeno e humilde, seja respeitavel unicamente pelo grau de seu adiantamento e civilização, é preciso que se fórme pela escola, que na escola

aprenda tudo quanto concorre para esse adiantamento e esse progresso. E' esse o segredo da importancia universal da Belgica e da Suissa.

A base da educação popular nessas nações é a escola primaria; é a escola primaria que tem feito esses povos eminentemente honestos, dignos, trabalhadores, patriotas, circundados do respeito das grandes potencias europeas, admirados por todo o mundo.

As escolas da cidade de Bruxellas constam de: — jardins infantis, escolas primarias, escolas primarias superiores, escolas de adultos, curso superior de adultos, escolas de *menagère*, escolas profissionaes, escolas industriaes, cursos de desenho, cursos de canto e escolas normaes.

Além dessas, ha o Pensionato communal para meninas; a escola profissional de alfaiates; a escola nacional de relojoaria, electricidade e mechanica; a escola profissional de typographia (5 annos de estudos), e outras.

JARDINS INFANTIS

Os jardins infantis de Bruxellas são em numero de 11, além do que está annexo à escola primaria superior de meninas da rua du Miroir.

Essas 12 escolas infantis são as que estão propriamente no centro da cidade. Se a essas ajuntarmos as que estão nos *faubourgs*, o numero se elevará a 32, comprehendendo nessa classificação não só os jardins infantis, mas tambem as escolas *gardiennes* e as *crèches*.

E' assim que o *faubourg* SAINT-JOSSE-TEN-NOOD possui 3 jardins de infancia; o de ETTERBEEK, 1 jardim de infancia com escola *gardienne* e 1 escola somente *gardienne*; SAINT-GILLES-LEZ-BRUXELLES, 3 escolas *gardiennes* e 1 jardim infantil; CUREGHEM, 1 escola *gardienne*; MOLENBEEK-SAINT-

JEAN, 1 jardim infantil e 3 escolas *gardiennes*, das quaes uma com *crèche*; KÖKELBERG, 1 jardim infantil; LAEKEN, 2 jardins infantis e 3 escolas *gardiennes*.

Todos esses *faubourgs* possuem escolas primarias, médias, para ambos os sexos no mesmo edificio ou em edificios diversos, alguns possuem escolas primarias superiores, profissionaes, estabelecimentos de ensino superior, etc.

Não tratarei neste relatorio das escolas de qualquer especie dos *faubourgs*. Limitar-me-hei a tratar das que estão no centro da cidade, que são verdadeiramente as escolas de Bruxellas, de accordo com a divisão administrativa.

Seus fins e organização. — As bases que presidiram á creação dos asylos infantis na capital belga e que vêm appensas ao seu programma, tiradas de um relatorio do Director geral de instrucção, Mr. Buls, são as seguintes, que convém que conheçamos, pois que não temos nenhum, falta gravissima no ensino nacional brasileiro:

Uma boa organização de jardins infantis é de uma importancia capital para uma cidade que contém uma população operaria consideravel.

O jardim infantil é o fundamento da escola primaria; sem elle, a educação popular não tem base, está viciada no seu principio.

Quando uma escola primaria não é precedida de jardim infantil, ella não recebe, quasi sempre, senão uma população de creanças doentias, debilitadas, grosseiras, educadas nas estalagens e casas de má reputação, já viciadas pela vagabundagem das ruas. (Como isto nos serve perfeitamente!)

O jardim infantil deve prover á insufficiencia material e intellectual dos paes, incapazes de dirigir o primeiro desenvolvimento physico e moral das creanças. Elle deve vir em auxilio das familias muito numerosas, e este auxilio lhes será mais efficaz que os magros soccorros concedidos pela caixa de beneficencia.

Mas, para que o jardim infantil preencha eficazmente este destino, é preciso que seja organizado segundo o methodo de Fröbel, isto é, que seja o logar onde se cultiva as forças, a intelligencia e o senso moral, por um methodo racional, fundado na observação das faculdades da creança.

O jardim infantil tem, portanto, de desempenhar o papel de mãe. Não é propriamente uma escola: nelle não se ensina, desenvolve-se a intelligencia das creanças, excitando-lhes as faculdades creadoras e fornecendo-lhes impressões que não receberam no meio ôco e grosseiro de que sahem.

Por uma série graduada de jogos, de exercicios, de occupações e de conversações moraes e instructivas, são as creanças levadas a saber ver, a bem entender, a adquirir noções correctas, a achar interesse em tudo que as cerca; são levadas a observar, a exprimir-se com clareza, a desenvolver suas faculdades inventivas e creadoras, chega-se a inculcar-se-lhes a necessidade da ordem e da limpeza, o gosto do trabalho e o amor do bem, triplice base de toda a educação esthetica e moral.

As cousas de que se occupam no jardim infantil não devem, pois, ser escolhidas vista do seu valor como á conhecimentos, porém á vista dos meios que fornecem para levar as creanças á observação, a pensar e a exprimir suas idéas.

E' necessario tiral-as do torpôr intellectual que produz a ignorancia, evitando, entretanto, com cuidado, excital-as por meios artificiaes; não é fazendo cocegas a uma creança que se consegue fazel-a rir. A alegria, como a curiosidade, devé resultar da expansão natural do ser, contente da vida e attrahido pela novidade das cousas exteriores.

A jardineira deve esforçar-se por combater o egoismo natural da creança, dando-lhe occasião de ser boa e amavel para com os companheiros; ella transformará, ao mesmo tempo, os modos brutaes que as mais das vezes a creança adquire em casa ou na rua, em modos affaveis e delicados.

O local deve ser disposto de tal modo que durante a boa

estação a maior parte do dia possa ser passada em pleno ar ; visto que o que é necessario assegurar, antes de tudo, á creança, é uma saude robusta que a torne apta para resistir ás influencias deletereas, ás quaes é por demais submettida na casa dos paes.

A esta primeira condição é necessario accrescentar uma limpeza meticolosa, exigir rigorosamente dos paes que a roupa das creanças seja, pelo menos, mudada duas vezes por semana.

Todas as manhãs, a primeira hora deve ser consagrada aos cuidados do asseio e, á tarde, não voltarão as creanças para a casa paterna, senão depois que as professoras tenham verificado se as roupas estão em bom estado e o corpo perfeitamente limpo ; as jardineiras serão ajudadas nesses cuidados pelas creadas, e um lavatorio, convenientemente disposto, deverá ser annexo a cada jardim infantil.

Para que o jardim infantil forneça á escola primaria creanças bem preparadas, é necessario que as jardineiras estejam bem compenetradas do espirito do methodo de Frœbel, e não estabeleçam um compromisso hybrido entre o jardim infantil e a escola propriamente dita. A applicação intelligente deste methodo exige um certo cultivo intellectual ; não será, pois, demasiado exigir destas que estejam munidas de diplomas de professora e que tenham seguido com bom resultado um curso normal do methodo Frœbel.

Os jardins não devem conter muitas creanças ; é preferivel disseminal-os por toda a cidade, afim de que não seja preciso caminhar muito para lá chegar.

Eis aqui a enumeração das peças que deve conter um jardim infantil :

- 1.ª — Tres salas, podendo conter cada uma 50 alumnos ;
- 2.ª — Um pateo coberto ;
- 3.ª — Um pateo de recreio ;
- 4.ª — Um jardim com canteiros para as creanças ;
- 5.ª — Uma sala com lavatorios ;

6.^a — Latrinas e mictorios ;

7.^a — Uma saleta para guardar o material dos jogos e brinquedos ;

8.^a — Uma sala para as jardineiras, que servirá tambem de sala de reunião do Conselho escolar ;

9.^a — Uma carteira para a jardineira em chefe (directora);

10.^a — Um aposento para o porteiro.

Além das mesas e bancos-carteiras necessarios, deverá haver local apropriado para que descancem as creanças que tenham somno. As salas serão adornadas com quadros e outros objectos tendentes a alegrar a vista das creanças, objectos esses escolhidos pelo Conselho escolar.

E' necessario que a curiosidade da creança pobre seja excitada pela vista de objectos novos, que possuirá o jardim infantil para alegral-as, como a curiosidade das creanças ricas é excitada pelos mil objectos que vê no proprio lar domestico.

Entretanto, as creanças devem ser incitadas a por si mesmas occuparem-se no adorno da sala ; seus pequenos trabalhos serão pregados á parede ; deste modo aprenderão que sem trabalho nada se consegue e que á força de trabalho é que se conseguem os gozos.

As creanças da divisão superior deverão limpar por si mesmas a sua sala, seus bancos e mesas ; guardarão diariamente seus objectos no armario, afim de adquirirem habitos de ordem e asseio.

O regimen do jardim infantil deve ser humano, porém não effeminado ; é necessario que as creanças se habituem a contar só consigo mesmo, a supportar as inconveniencias e falta de destreza proprias, a limpar o que sujaram, a servirem-se ; em todas as cousas devem ser conduzidas por maneiras doces, mas firmes.

Os alumnos da divisão superior trabalharão o mais possível para os da divisão inferior, afim de terem o sentimento da

solidariedade e da fraternidade, que devem unir todos os homens. Assim terão o prazer de se tornarem uteis, tão apreciado pelas creanças; gozarão da felicidade de desvelarem-se pelos mais fracos, sentimento que é a base da grande lei da caridade e do amor, à qual attribue-se a superioridade da nossa sociedade moderna sobre a civilização antiga.

EXTRACTO DO REGULAMENTO

Os jardins de infancia têm por objecto desenvolver de um modo harmonico as faculdades moraes e intellectuaes das creanças e suas forças physicas. Este resultado é obtido pelo methodo Fröbel.

Os paes que desejam matricular seus filhos têm de satisfazer ao seguinte :

1.º Declarar o nome e a idade da creança, o domicilio e a profissão dos paes ;

2.º Apresentar uma certidão de vaccina.

A frequencia é gratuita para todas as creanças de 3 a 6 annos, moradoras no districto e cujos paes o pedirem.

As creanças que almoçam no jardim infantil devem trazer uma pequena cesta com a comida e um copo de metal.

Os jardins infantis estão abertos das 8 horas da manhã às 4 da tarde.

As creanças podem sahir das 11 1/2 à 1 1/2 hora da tarde.

As que ficam serão postas sob a vigilancia das assistentes e creadas de serviço.

Os alumnos serão recebidos a qualquer hora que se apresentem. Aquelles que os paes não vierem buscar à hora da terminação dos trabalhos escolares, serão guardados por uma professora ou confiados a uma pessoa que os conduza à casa. Não serão mais admittidas no jardim infantil as creanças cujos paes, depois de advertidos, reincidirem no costume de não vir ou mandar buscar-as ao terminarem as aulas, ouvidas as auctoridades.

Para os jardins infantis ha inspectoras que por elles velam conforme a lei e as instrucções do governo, velando tambem pela execução do programma official.

A inspectora reúne o pessoal docente em conferencia e em epochas determinadas pela auctoridade superior. A ella compete a confeccão do *Horario*, que será affixado nas salas de aula dos jardins.

As jardineiras em chefe são subordinadas à Inspectoria, cujas instrucções seguirão.

Cada anno a Inspectoria apresenta ao Director Geral um relatorio sobre a marcha e pessoal docente do jardim ou jardins sob sua jurisdicção.

A jardineira em chefe é a encarregada da fiscalisação geral, velando pela maior ordem e asseio do estabelecimento. Compete-lhe o ensino de uma das classes. Tem sob sua guarda e fará a escripturação dos seguintes livros:

1.º Registro de ordem, no qual serão transcriptas as communicações enviadas pelas auctoridades superiores;

2.º Registro do qual conste:— os nomes, por extenso, das creanças, a data e logar do nascimento, o nome do medico que deu a certidão de vaccina, o nome e profissão dos paes ou tutores, o domicilio destes, e, finalmente, uma columna de observações;

3.º Um livro de ponto, no qual todo o corpo docente assigna o acto de presença. O ponto é fechado pela jardineira em chefe à hora da entrada;

4.º Um livro de inventario do material da escola;

5.º Um livro de casa, no qual a jardineira em chefe escreve a quantidade e o preço dos fornecimentos recebidos.

Nos tres primeiros dias de cada mez a jardineira em chefe communica ao Director geral do ensino o movimento da sua escola no mez precedente, indicando o numero de logares disponiveis, e bem assim envia um boletim mencionando a conducta e ausencias do pessoal docente.

Annualmente, no mez de Agosto, envia um relatorio sobre a sua gestão, a frequencia dos alumnos e os factos que julgar dignos de menção. No 1.º de Julho de cada anno indica os concertos ou mudanças que na escola se devem fazer durante as férias.

A jardineira em chefe não pôde ausentar-se sem licença e será a primeira a entrar e a ultima a sair todos os dias do estabelecimento. Em caso de urgencia, pôde dispensar por um dia alguns dos membros do seu pessoal, communicando immediatamente o facto.

O pessoal do jardim infantil compõe-se de:— uma jardineira em chefe, jardineiras, assistentes e creadas para os serviços, que devem estar sempre no seu posto 15 minutos antes de abrirem-se as aulas.

E' interdicto ao pessoal:— ausentar-se sem auctorisação, occupar-se em qualquer trabalho extranho ao seu mister,

fazer repetir outros cantos e distribuir objectos que não sejam do programma, receber presentes dos paes.

As jardineiras devem verificar quatro vezes por dia o grau de calor e escrevel-o nas listas thermometricas. Tirarão depois a média uma vez por semana e entregal-a-hão á jardineira em chefe, que a passará á inspecção de hygiene.

A's creadas de servir compete:—respeitar e obedecer á jardineira em chefe e a todas as outras; encarregar-se com as assistentes de todos os cuidados materiaes, bem como do asseio do estabelecimento e dos alumnos, prestando-se a todas as necessidades que sobrevenham, etc.

Quanto aos cuidados dispensados ás creanças, o Regulamento estatúe que ellas devem apresentar-se lavadas e penteadas e possuirem um lenço; mudarem de roupa, ao menos, duas vezes por semana.

Cada dia, ao começarem as aulas, os lenços são revistados. As creadas terão cuidado em que as creanças tenham os sapatos limpos, recommendando-lhes a limpeza do corpo, os cabellos á escovinha para os meninos e bem penteados nas meninas. As creanças que estiverem desasseiadas serão lavadas pelas creadas. O bom tracto das creanças será objecto de constantes cuidados. Um quarto de hora antes da sahida as creanças são revistadas, para que voltem á casa de seus paes perfeitamente limpas e arranjadas.

Se após avisos repetidos da Directora, os paes continuarem a manter as creanças em estado de desasseio, a mesma Directora póde pedir providencias ás auctoridades. Se após essas providencias, o facto continuar, a auctoridade superior fará que seja expulsa a creança.

E' distribuido todos os dias ás creanças, que não vão á casa para almoçar, uma sopa substancial e á discreção, ao meio-dia. Os outros alimentos que as creanças trouxerem tambem lhes serão dados. Tudo isso é feito sob a vigilancia das assistentes.

E' prohibido todo o castigo corporal. As creanças serão reprehendidas com brandura. Os unicos castigos são: separação da creança de junto das outras, sob a vigilancia da professora; privação dos exercicios.

O mesmo regulamento fixa as obrigações dos Conselhos escolares, de que já tratei.

ESCOLAS PRIMARIAS

As escolas centraes primarias de Bruxellas são em numero de 24, sendo 12 de cada sexo. Se a essas adicionarmos as dos *faubourgs*, em numero de 83 (42 do sexo masculino e 41 do feminino), teremos ao todo para Bruxellas e seus arredores 107 escolas primarias. Se ainda adicionarmos a esse numero as 32 escolas infantis, 16 mēdias e profissionaes, isto sem contar as escolas normaes, estabelecimentos de ensino superior para os dois sexos separadamente, cursos de educação para meninas, etc., veremos que Bruxellas com seus arredores possui nada menos de 155 escolas. Ora, considerando que Bruxellas com seus *faubourgs* conta apenas 400.000 habitantes, vê-se que essa capital de um pequeno paiz europeu, como é a Belgica, está em muito melhores condições que a capital do Brazil, possuindo 120 escolas para perto de um milhão de habitantes.

Convém notar ainda, que todas essas escolas, a julgar pelas centraes, não são organizadas como as nossas, onde um professor, auxiliado por um adjuncto, lecciona as disciplinas mais heterogeneas, muitas das quaes exigem aptidões e vocações especiaes. Confesso que não vi em parte alguma escolas como as que temos, porque tudo queremos conseguir sem olhar os meios de que dispomos.

O resultado será sempre um amalgama, uma cousa que poderá ter todas as denominações, menos a de—ensino publico.

Para que tenhamos ensino, é necessario que tenhamos casas e pessoal, aquellas expressamente construidas, vastas, alegres, arejadas, este em grande numero e competentemente habilitado. Não ha pessoa alguma no mundo que nasça com aptidão para tudo.

Exigir de um professor que seja ao mesmo tempo bom mestre de sciencias e de artes, que seja bom grammatico, bom

geographo, bom arithmetico, historiador, calligrapho, desenhista, musico, cantor, gymnasta, agronomo, disciplinador, escripturario e mais outras tantas cousas como estas, é exigir um impossivel, qualquer que seja a quantia que lhe dêem por vencimento.

Isto é um encyclopedismo que não existe em ninguem, e, ainda quando existisse, o individuo que ensinasse todas essas disciplinas ao mesmo tempo, teria vida para muito poucos annos, se é que resistisse aos primeiros doze mezes de um trabalho dessa ordem.

A' propria natureza repugnam essas cousas e por isso ella deu a cada individuo um certo numero de aptidões ou uma certa e determinada vocação. Um homem só não pôde, ainda que o queira, ensinar tanta cousa. Por um esforço heroico fallaria por alguns dias, mas impossivel lhe seria sustentar esse esforço durante mezes e annos. A natureza exigiria, por sua vez, contas desse desperdicio de força e de mentalidade e elle seria victimado indefectivamente, se ousasse resistir.

Não, não vale luctar contra o que não é natural. Já é tempo de termos um ensino sério, como temos uma administração de instrucção competente e justa.

Para o conseguirmos, porém, é preciso dinheiro que, assim como é o nervo da guerra, o é do ensino popular e, portanto, do adiantamento e da civilização de um povo.

Resignemo-nos com esta triste e fatal preocupação dos nossos estadistas e financeiros de contrabalançarem os orçamentos só cortando, para as economias do Estado, nas insignificantes despesas do ensino popular.

Resignemo-nos, mas protestemos sempre. Não queiramos, porém, o que não podemos querer, isto é, ter ensino publico, preparar a solidificação de uma republica pelo cultivo intellectual do povo, sem dinheiro.

A verba da instrucção publica que em outros paizes é sagrada, que, custe o que custar, é sempre augmentada, menos

na Belgica, quando está no poder o partido clerical, a verba da instrucção, que na França é a que absorve as rendas depois da do exercito (e os francezes orgulham-se por esse facto), é justamente entre nós a que soffre maiores mutilações, é sempre a unica verba que acham grande. Foi assim no tempo do imperio, e creio que já o está sendo com a republica, por desgraça do Brazil.

Mas, se assim o querem os nossos legisladores, se elles entendem que é a unica digna de estudo acurado para os côrtes, contentemo-nos em invejar nesse ponto os paizes adiantados, mas não queiramos imital-os sem dispôr dos mesmos recursos, tentando o impossivel, ou, pelo menos, o que não é nem natural nem logico.

Estas considerações não me pareceram descabidas neste momento, Sr. Inspector. Desculpal-as-heis tendo em attenção o meu devotamento á causa do ensino.

As escolas publicas primarias da Belgica recebem gratuitamente alumnos dos 6 aos 14 annos de idade. A média da frequencia de alumnos de cada escola publica primaria de Bruxellas é de 400 a 500. Ha, porém, escolas em que esse numero attinge a mais de 900, assim como as ha de 250 a 300 alumnos. Em geral cada professor não lecciona a mais de 30 e no maximo a 40 alumnos.

Este ultimo caso não é commum, antes constitúe uma verdadeira excepção, só motivada por causas muito importantes.

Todos os professores de uma escola primaria são diplomados e cada secção da escola, dirigida por um professor, quasi sempre auxiliado por um adjuncto, funciona em uma sala á parte. Ha, pois, escolas que, além do director, têm 10 ou 12 professores, além dos adjunctos, isto sem contar os professores especiaes de musica, desenho, gymnastica e algumas outras disciplinas do programma.

As condições de admissão para as escolas primarias são as mesmas que para os jardins de infancia.

ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

As escolas primarias superiores são propriamente escolas complementares. E' nellas que se completam os estudos primarios, e a matricula em taes escolas é voluntaria.

Recebem alumnos de 13 a 16 annos de idade e as condições de matricula são as mesmas do jardim infantil e da escola primaria. A escola primaria superior fecha o edificio começado no jardim infantil e construido na escola primaria. Isto dá-se em Bruxellas, visto que em outras cidades belgas os alumnos passam da escola primaria à escola *média* ou de ensino secundario.

A escola primaria, pois, em Bruxellas comprehende tres graus: — infantil, elementar e superior.

ESCOLA PRIMARIA SUPERIOR PARA RAPAZES — *Boulevard du Hainaut*, 98.— O programma comprehende: — moral, lingua franceza, lingua flamenga, allemão, escripta, arithmetica e systema metrico, geometria pratica e demonstrada, algebra, planos e nivelamentos, desenho, geographia, historia, economia social, direito constitucional, sciencias naturaes, hygiene, escripturação mercantil, gymnastica, natação, trabalho manual e musica.

A escola está dividida em 9 annos de estudos, côm um maximo de 30 alumnos por classe. A secção superior (tres annos de estudos) prepara para as carreiras commerciaes, industriaes, administrativas, para certas escolas especiaes, etc.

Os alumnos são admittidos desde a idade de 6 annos na secção primaria propriamente dita e com 13 annos na secção superior, e podem, se os paes o quizerem, almoçar na escola, sob a vigilancia dos professores, pagando 20 francos por trimestre.

A frequencia gratuita da secção superior póde ser concedida aos alumnos de merito que habitem Bruxellas e cujos paes se achem em situação de fortuna que lhes não permita pagar.

ESCOLA PRIMARIA SUPERIOR PARA MENINAS, COM JARDIM INFANTIL, *Rue du Miroir*, 106.— O ensino comprehende: moral, lingua franceza, flamenga e allemão, escripta, arithmetica e systema metrico, geometria pratica desenho, geographia, historia, noções praticas de economia domestica, de sciencias naturaes e de hygiene, trabalhos de agulha, escripturação mercantil, gymnastica e musica.

O curso é dividido em 8 annos de estudos, com um numero limitado de alumnos em cada classe. O minimo da idade de admissão é de 6 annos.

Um jardim infantil, organizado segundo as bases do programma official de 15 de Setembro de 1880, e composto de duas classes, está annexo ao estabelecimento.

Neste jardim infantil as creanças são admittidas desde tres annos de idade.

Os pagamentos estão fixados da seguinte fórma:— 20 francos por trimestre para as duas classes superiores; 15 francos por trimestre para as classes da escola primaria propriamente dita (6 annos de estudo) e 3 francos por mez para o jardim infantil. Uma redução de 20 % é concedida em favor das irmãs das alumnas da escola.

ESCOLAS DE ADULTOS

Os cursos de adultos estão abertos desde o meiado de Setembro até 3 dias antes da Paschoa. Funcionam ás terças, quartas e sextas-feiras de cada semana, sendo para homens, em todas as escolas publicas primarias do sexo masculino, das 8 ás 10 horas da noite, e para senhoras em todas as escolas publicas primarias do sexo feminino, do meio-dia á 1 hora da tarde e das 7 ³/₄ ás 9 ³/₄ da noite.

Os cursos são divididos em 3 categorias: secção elementar, secção média ou complementar, e cursos especiaes de aperfeiçoamento.

O programma da secção elementar comprehende: leitura, escripta, orthographia, calculo intuitivo mental, operações sobre numeros inteiros e systema metrico.

O programma da secção média comprehende: — lingua materna, arithmetica e calculo, fórmãs geometricas, historia, geographia, direito constitucional e economia social, moral e hygiene, economia domestica (para as senhoras).

Os cursos de aperfeiçoamento são cursos especiaes destinados às pessoas que, possuindo uma instrucção primaria completa, desejam desenvolver seus conhecimentos em um ou mais ramos de ensino, à sua escolha. Esses cursos comprehendem:—lingua franceza, flamenga, allemã, ingleza e italiana, escripturação mercantil e direito commercial, trabalhos manuaes (para as senhoras).

Para as secções elementar e média ou complementar haverá classes especiaes para alumnos de menos de 16 annos de idade e para aquelles que tenham ultrapassado essa idade.

Nos cursos ou escolas de adultos são admittidos gratuitamente todos os habitantes de Bruxellas que tenham, pelo menos, 14 annos de idade.

As condições de admissão são a inscripção de domicilio e a certidão de vaccina.

Entretanto, por medida especial, os empregados e trabalhadores de um estabelecimento commercial ou industrial situado no territorio da cidade, poderão gozar das vantagens concedidas aos habitantes da cidade, com auctorisação do Director Geral de Instrucção publica.

A inscripção far-se-ha todos os dias na propria escola, à hora da abertura dos trabalhos dos cursos.

Ha em Bruxellas tambem para os adultos

CURSOS ESPECIAES DE GYMNASICA

que funcionam 3 vezes por semana, à noite e aos domingos de manhã, nas escolas n. 10 (rua de Rollebeek); n. 12 (rua do

Canal); e n. 13 (place Anneessens). As inscripções são feitas nas escolas em que existem esses cursos e à hora em que elles funcçãoam.

CURSO SUPERIOR DE ADULTOS

Estes cursos são destinados aos moços que têm frequentado com aproveitamento a divisão superior de uma escola primaria e que querem seguir seus estudos e adquirir noções de linguas estrangeiras.

Este curso comprehende: 1.º O curso superior propriamente dito. Alli ensina-se as linguas franceza, flamenga, allemã e ingleza, as mathematicas, a mechanica, a physica, a chimica, a hygiene, a historia, a geographia, a economia politica, o direito constitucional e o commercio. 2.º Um curso preparatorio, comprehendendo 2 annos de estudos. A idade de admissão é fixada em 14 annos.

Os cursos são gratuitos e nenhum alumno é recebido sem prestar exame de admissão. Aquelles que seguem os cursos com aproveitamento recebem um certificado de capacidade. Estes certificados dão aos alumnos o direito de escolher os cursos em que desejam aperfeiçoar-se. Demais, a administração communal tel-os-ha em conta, quando tiver de conferir empregos.

As inscripções são feitas dirigindo-se os candidatos ao director das 8 às 9 horas da manhã e de 1 às 2 horas da tarde, ou à noite, na abertura dos trabalhos dos cursos.

Os cursos superiores de adultos estão abertos desde o mez de Setembro até à Paschoa, funcçãoando das 7 $\frac{1}{2}$ às 10 $\frac{1}{4}$ da noite, na escola n. 1, rue Terarken.

ESCOLAS DE MEIO TEMPO

ou antes, secções de meio tempo. São dois cursos que funcçãoam, um para o sexo masculino na escola n. 10, rua de

Rollebeck, 32; e outro para o sexo feminino na escola n. 15, rua Haute, 107.

O trabalho nesses cursos é das 8 às 11 horas da manhã, ou de 1 às 4 da tarde. Estes cursos especiaes são organisados para as creanças que não podem estar na aula mais que algumas poucas horas no dia.

São convenientes especialmente para os alumnos do Conservatorio e as condições de admissão são as mesmas das escolas primarias.

ESCOLA MENAGÈRE

Esta escola, que funciona na rua Locquenghien n. 2, é destinada a iniciar as meninas na direcção de uma casa, dando-lhes as noções de economia domestica essenciaes.

Ella comprehende cursos praticos de cozinha, lavagem e engommagem, de fazer e concertar roupas, cursos theoreticos de hygiene e economia domestica.

Os cursos duram tres mezes e meio: funcionam desde a primeira segunda-feira de Setembro até 24 de Dezembro, de 3 de Janeiro até à quinta-feira antes da Paschoa e da segunda-feira depois da Paschoa até 31 de Julho.

A frequencia é gratuita, exigindo-se apenas que os candidatos à matricula tenham 14 annos de idade, ter terminado seus estudos primarios e residir ou ter domicilio em Bruxellas.

Ha um curso nocturno tambem de *menagère*, que funciona duas vezes por semana: nas segundas-feiras, das 5 às 7 horas e nas quintas-feiras, das 6 às 8 horas da noite.

Nestes cursos nocturnos ensina-se:— cozinha pratica com theoria summaria de hygiene e de economia domestica, engommagem, costura, concertos e confecção de roupas simples.

ESCOLAS PROFISSIONAES

SEXO FEMININO

São tres as escolas profissionaes que na cidade de Bruxellas existem para o sexo feminino: rue du Marais, 94; rue du Poinçon, 26, e place de la Chapelle, 3. Esta ultima é tambem de *menagère*.

Na da rua Marais o ensino comprehende cursos geraes obrigatorios para todas as alumnas e cursos geraes para aprendizagem dos diversos officios em que se exerce a industria das mulheres.

Os cursos geraes comprehendem: as linguas franceza e flamenha, arithmetica, escripturação mercantil, historia, geographia, noções de historia natural, physica e chimica, noções de educação, hygiene e economia domestica, escripta, desenho, canto e gymnastica. Os cursos profissionaes comprehendem:

1.º O commercio:— arithmetica applicada, redacção commercial, escripturação mercantil, direito commercial, linguas ingleza e allemã;

2.º Roupas e confecções;

3.º Roupa branca;

4.º Desenho industrial: rendas, bordados, etc.;

5.º Flôres artificiaes;

6.º Pintura sobre porcellana, faiança, vidro e leques.

Não são admittidas alumnas que tenham menos de 12 annos de idade e que não possúam os conhecimentos do ensino primario.

Diplomas e certificados de capacidade são da los ás alumnas de todos os cursos profissionaes approvadas nos exames para isso estabelecidos.

O preço da pensão é de 120 francos por anno. O Conselho da Administração pôde conferir bolsas eguaes ao preço da pensão, meias bolsas e quartos de bolsa.

Para a frequencia destas escolas não só as administrações communaes de Bruxellas, como dos seus *faubourgs*, podem conceder bolsas.

Na escola profissional da rue du Poinçon, os cursos se dividem em geraes e profissionaes.

Os geraes comprehendem: o francez, o flamengo, arithmetica, geographia, historia, noções de sciencias naturaes e geometria, hygiene, economia domestica, gymnastica, canto, escripta e leitura.

Os profissionaes comprehendem: o commercio, o desenho, especialmente nas suas applicações ás profissões ensinadas, a costura, as linguas ingleza e allemã, a confecção, roupa branca, bordados sobre seda, a ouro, etc.

As condições de admissão são: idade de 12 annos, certidão de vaccina, exame de admissão, por onde se prove que tem o completo conhecimento dos ramos de instrucção primaria e a retribuição mensal de 7 francos.

Póde-se obter para estes cursos bolsas de estudo.

Na escola profissional e de *menagère* da place de la Chapelle, o ensino comprehende:

A — Os cursos profissionaes:

1º, confecções e roupa branca;

2º, lavagem e engommagem;

3º, commercio.

B — Os trabalhos de casa: um curso de cozinha.

C — Os cursos geraes: programma das escolas primarias e superiores.

Não são admittidas nesta escola senão meninas de 12 annos de idade, pelo menos, depois de prestarem o exame de admissão, no qual mostrem conhecer bem todas as materias do ensino primario elementar. A pensão é de 15 francos por trimestre.

Poderão ser admittidas alumnas que possúam pensão da communa (bolsa).

SEXO MASCULINO

São duas as escolas profissionaes que para o sexo masculino existem em Bruxellas, sem contar as dos arrabaldes.

Na *escola professional de alfaiates*, no Palais du Midi (Passage du Travail, 7, 9 e 11), os cursos comprehendem tres annos de estudos, no fim dos quaes o alumno, tendo já attingido aos 17 ou 18 annos de idade, deve estar em estado de fazer a sua peça, como se diz na technologia do officio.

Os cursos de lettras e sciencias desta escola comprehendem: francez, arithmetica, contabilidade, geographia, historia e desenho.

Independentemente dos cursos ordinarios, ha conferencias feitas pelos membros da Commissão sobre todos os pontos que os alumnos tenham interesse em conhecer e que sejam concernentes ao seu officio.

Os cursos começam no verão às 7 horas e vão até ao meio-dia, com um recreio de meia hora, que será dado às 9 da manhã, seguindo-se as aulas de 1 1/2 da tarde às 8, com recreio de meia hora às 4 1/2 da tarde. No inverno, os cursos começam às 8 horas da manhã.

A frequencia da escola é gratuita para os alumnos que possuirem uma certidão de pobreza. Os outros pagam 50 francos de matricula e mais 12 francos por anno ou 3 francos por trimestre.

As condições de admissão são: ter 14 annos completos de idade; certidão passada pelo Director do ultimo estabelecimento escolar frequentado pelo alumno; certidão de moralidade e boa conducta, passada pelo commissario de policia; submeter-se a um exame de admissão.

Todo o alumno novamente admittido passará por uma prova de ensino durante um mez; se a Commissão julgar que elle não mostra vocação ou aptidão para o officio, os paes são convidados a retiral-o. A entrada dos 50 francos não será recebida senão depois desta prova.

No fim de seis mezes de aprendizagem, os alumnos que se distinguirem terão um premio de 1 franco por semana durante o primeiro anno de estudos, 2 francos por semana durante o segundo e 3 durante o terceiro anno.

Estas quantias são collocadas na caixa economica, em nome da escola, e os alumnos não as podem reclamar senão no fim do terceiro anno de aprendizagem.

Se elles abandonam a escola antes desse tempo, as sommas depositadas ficam pertencendo ao estabelecimento.

Na *escola professional de typographia*, que funciona no Palais du Midi, o curso professional está dividido em cinco annos de estudos.

O alumno sahido dessa escola é um artista completo e habilitadissimo para todos os misteres da sua profissão.

O ensino de lettras e sciencias é tambem de cinco annos, dos quaes os dois primeiros são destinados ao ensino primario.

Nesses dois annos estuda-se lingua franceza (substantivo, artigo, adjectivo, pronome, analyses, leitura de trechos escolhidos, verbos); arithmetica (as quatro operações); historia e geographia (principaes factos da historia da Belgica e geographia da Belgica).

O programma do 3º anno trata da lingua franceza (participios, difficuldades que podem offerecer na composição, adverbio, preposição, conjuncção, interjeição); arithmetica (fracções decimaes, systema metrico, systema monetario); historia e geographia (noções de historia geral e geographia da Europa).

O programma do 4º e 5º anno trata da lingua franceza (noções sobre grandes escriptores, leituras, palavras invariaveis, palavras compostas, pontuação, narrações pelos alumnos); arithmetica (propriedades dos numeros, potencias, raizes, regra de tres); historia e geographia (historia antiga, noções sobre os belgas illustres, geographia geral).

A escola é accessivel a todos os aprendizes de compositor e impressor que tenham 14 annos de idade, pelo menos, e habitem

a agglomeração bruxellense, ao serviço de patrões adherentes á Associação da escola professional de typographia.

Devem saber ler e escrever correctamente, conhecer as quatro operações arithmeticas e os elementos essenciaes de instrucção primaria.

Para a matricula é necessario: certidão de nascimento, attestado assignado pelo pae, mãe ou tutor e por seu patrão acquiescendo á sua entrada para a escola ; exame de admissão .

No caso de não ser approved no primeiro exame de admissão, póde apresentar-se ao seguinte exame ; se neste ultimo fôr reprovado, póde não ser mais admittido.

O material da escola é posto á disposição dos alumnos gratuitamente. Os livros, objectos e ferramentas de uso serão comprados ou trazidos por elles.

O director da escola póde organizar uma *Caixa*, á qual os alumnos poderão pagar periodicamente, por uma cotisação regular, o preço desses objectos.

Os cursos funcionam todas as noites, das 8 ás 9 $\frac{1}{2}$ horas. Póde haver tambem cursos aos domingos de manhã.

ESCOLA NACIONAL DE RELOJOARIA, ELECTRICIDADE E MACHINAS

Esta escola funciona no Palais du Midi (Passage du Travail, 7, 9, 11).

A escola nacional de relojoaria, electricidade e machinas, fundada em Bruxellas, com o concurso do Estado, da Provincia, da Cidade e da Obra das escolas professionaes, tem por fim dar aos rapazes os meios de adquirir os conhecimentos theoreticos e praticos necessarios em todos os ramos de relojoaria, assim como nas applicações da mechanica aos instrumentos de precisão e á electricidade.

A escola é exclusivamente professional, portanto extranha

a todo o commercio, mas a Commissão administrativa está auctorizada a vender os objectos fabricados pelos alumnos.

A duração dos estudos é de 4 annos, começando cada anno escolar em 1º de Agosto e terminando em 1º de Julho.

O ensino comprehende cursos praticos e theoreticos, estrictamente obrigatorios.

O ensino pratico comprehende: ensino preparatorio e trabalhos preliminares communs a todos os ramos da mechanica de precisão;

Fabricação de ferramentas ;

Fabricação completa de relógios, pendulas, reguladores ;

Reparação, repassagem e regulação de todas as peças a todas as temperaturas ;

Reparação e transformação de todas as peças de relojoaria antigas e modernas ;

Instalação de relógios electricos ;

Chronometria ;

Telegraphia ;

Telephonia ;

Relojoaria e signaes electricos ;

Fabricação de instrumentos de precisão, de mechanica e de electricidade ;

Fabricação de apparatus de demonstração destinados ao museu da escola.

O ensino theoretico comprehende: mathematicas, noções de physica, chimica, cosmographia e mechanica, desenhos linear e mechanico, elementos de contabilidade, francez e noções de economia industrial.

No fim do curso os alumnos recebem um diploma.

Aos alumnos distinctos concedem-se pensões (bolsas) de viagem para que o alumno aperfeiçoe-se no estrangeiro, visitando escolas profissionaes.

O commissionado apresentará à Commissão administrativa um relatorio annual das suas visitas.

As condições de admissão são: 14 annos de idade completos, prestar exame de admissão segundo o programma das escolas primarias. A pensão a pagar no estabelecimento é de 250 francos pagos por trimestre.

A Commissão administrativa poderá conceder bolsas e meias bolsas.

Os paes ou tutores devem, por contracto, acquiescer ao regulamento da escola, e são pessoalmente responsaveis pelos prejuizos e estragos causados pelos alumnos nos moveis, livros, ferramentas, etc., que lhes são confiados. Para este effeito, ao subscreverem o contracto, cada alumno depositará a quantia de 62 francos.

No caso de despedida ou sahida do alumno por qualquer causa antes do termo do contracto, esta somma pertencerá de direito á escola, salvo os casos excepçoes, a juizo da Commissão administrativa.

Se ao fim de tres mezes notar-se que o alumno não tem vocação ou aptidões, avisa-se o pae ou tutor; a prova para isso, entretanto, poderá ser prorogada.

As punições serão infligidas pelo director ou professores, de conformidade com o regulamento, a que todos os alumnos se submettem.

PENSIONATO COMMUNAL

Este pensionato, para meninas, sustentado pela municipalidade, funciona na rue des Visitandines n. 22.

As alumnas são admittidas desde a idade de 8 annos.

Frequentam a escola primaria superior e depois a secção normal, cujos cursos são organizados de modo a constituir, para as moças que não se destinam ao magisterio, um instituto de ensino médio do grau superior.

O preço da pensão é de 600 francos, sendo o pagamento feito por trimestres, adiantadamente.

Faz-se uma redução de 50 por cento para a irmã de qualquer alumna, e igual abatimento para as que se lhe seguirem.

ESCOLA INDUSTRIAL

Esta escola funciona no Palais du Midi e o seu ensino é destinado aos contramestres e operarios.

Comprehende: arithmetica e elementos de algebra; geometria no ponto de vista industrial, agrimensura e nivelamento; geometria descriptiva no ponto de vista de suas applicações á perspectiva, etc.; desenho linear applicado á industria e construcções civis; elementos de construcção civil; physica elementar applicada; electricidade; mechanica elementar; motores a vapor, agua e gaz; chimica elementar e suas principaes applicações industriaes; noções elementares de economia e legislação industriaes; noções de contabilidade; noções de hygiene sob o ponto de vista industrial.

Ha na escola uma bibliotheca escolar e technologica aberta ao publico, gabinete de physica, collecções de mineralogia, e um laboratorio de chimica.

A escola admite duas categorias de alumnos:— regulares e livres.

Os primeiros são os que frequentam regularmente todos os cursos, afim de obter um diploma, sujeitando-se a exames; os segundos são os que assistem ás licções apresentando bilhete de admissão.

Para ser admittido é preciso ter, pelo menos, 14 annos de idade, saber ler e escrever correntemente e conhecer as quatro operações fundamentaes da arithmetica.

As pensões são: para todos os cursos da tarde (150 licções), 40 francos; para os cursos de desenho de machinas (250 licções), 50 francos; para os cursos de desenho de casas

(40 licções), 12 francos; para um só curso, 30 centimos por licção.

Aos pobres a municipalidade pôde dar *bolsas* para este estabelecimento.

CURSOS GRATUITOS DE CANTO

PARA HOMENS.—As licções dão-se nas escolas communaes ns. 1, 5, 7 e 10, ás terças e quintas-feiras, ás 8 $\frac{1}{2}$ da noite.

PARA SENHORAS.—As licções dão-se na escola n. 10, ás segundas e quintas-feiras de cada semana, das 8 ás 9 horas da noite.

CURSO GRATUITO DE DESENHO INDUSTRIAL

Funciona na escola primaria n. 3, nos domingos, das 9 ás 11 $\frac{1}{2}$ da manhã e é especialmente destinado aos operarios.

Um curso de desenho profissional (côrte de roupas, etc.) para senhoras, funciona aos domingos, de 9 $\frac{1}{2}$ horas ao meio-dia, na mesma escola.

Ambos estes cursos são exclusivamente destinados a pessoas que habitam em Bruxellas.

CURSOS PUBLICOS PARA OS DOIS SEXOS

Funcionam todas as noites, do principio de Outubro até à Paschoa, na — *Universidade livre*.— São os seguintes :

Segundas-feiras	— ás 8	horas	— Historia nacional ;
Terças-feiras	— » »	»	— Historia das lettras ;
Sextas-feiras	— » 7 $\frac{1}{2}$	»	— Direito administrativo ;
»	— » 8 $\frac{1}{2}$	»	— Hygiene ;
Sabbados	— » 8	»	— Economia politica.

Os seguintes funcionam no — *Palais du Midi* — (Escola industrial) :

Quartas-feiras	— ás 8	horas	— Physica ;
Quintas-feiras	— » »	»	— Chimica.

Para todos estes cursos a entrada é livre.

ESCOLAS NORMAES COMMUNAES

A que é destinada a professores funciona no boulevard du Hainaut, 98.

A que é destinada a professoras funciona na rue des Visi-tandines, 22.

Os pedidos para exames de admissão são dirigidos ao director da escola, e a epocha desses exames é annunciada previamente pela imprensa.

O candidato deve ter 16 annos de idade no minimo e 25 no maximo, ser de uma conducta irreprehensivel, ter sido vaccinado ou ter tido variola, ter uma boa constituição, estar isento de toda a enfermidade que possa enfraquecer a auctoridade que um professor deve infundir a seus alumnos.

As escolas normaes comprehendem tres annos de estudos. Um diploma de professor ou professora é dado aos alumnos que depois do terceiro anno de estudos obtêm approvação no exame prestado ante um jury nomeado pelo governo.

Chamo a vossa attenção, Sr. Inspector, para o magnifico e bem organizado programma dos estudos das escolas belgas, pois que é preparado de accordo com as exigencias da moderna pedagogia. Oxalá que não nos faltassem os meios indispensaveis para organizar assim as nossas escolas.

Programma do ensino dado nas escolas primarias communaes e nas escolas de applicação annexas ás escolas normaes.

Apresentando o programma do ensino a dar-se nas escolas primarias communaes e de applicação annexas ás escolas normaes, o — «Guia official dos professores» — diz o seguinte, relativamente á

EDUCAÇÃO EM GERAL — EDUCAÇÃO MORAL

A educação physica, a educação intellectual e a educação moral dos alumnos são o objecto da solitudine constante do

peçoal ensinante, que applicar-se-ha especialmente em fazer conhecer, amar e praticar os deveres moraes, velará cuidadosamente para que as creanças se habituem a observar em todas as circumstancias os usos e regras da decencia, não negligenciando nenhuma occasião de inspirar aos alumnos o amor e o respeito das instituições nacionaes e das liberdades publicas.

A educação moral é a obra a mais nobre, a mais importante da missão do peçoal ensinante, que se consagrará inteiramente e empregará todos os recursos da intelligencia e do coração por tornar facil aos alumnos a pratica de seus deveres para comsigo mesmo, para com seus paes e superiores, para com seus semelhantes e para com a patria.

E' principalmente pelo regimen da escola que o professor trabalhará na cultura moral. A dignidade de que se revestirá nos seus actos e na sua linguagem, seu respeito pela justiça, sua affeição sincera pela infancia, lhe permittirão estabelecer sábia disciplina e lhe assegurarão a obediencia, o respeito e o amor de seus alumnos. Colocado assim nas condições de um bom pae de familia, applicar-se-ha a dar ensinamentos em que se manifestem, como nos do lar domestico, a simplicidade, a bondade e a virtude.

Aproveitará todos os cursos da escola, os recreios, os jogos, os passeios, os mil incidentes da vida escolar, para esclarecer a consciencia dos alumnos, para fortificar as boas qualidades e destruir as más, para exercitar e cultivar as disposições para o bem.

Applicar-se-ha a inspirar o respeito á verdade e á justiça, o espirito de caridade e tolerancia, o amor do trabalho e da economia.

Procurará as occasiões de tornar seus alumnos sensiveis ao que é bello na natureza, nas artes, na vida moral e tirará deste modo proveito na influencia que a cultura esthetica exerce sobre a educação do coração.

O caracter proprio da escola primaria oppõe-se a que se faça

um curso de moral didactica conforme um plano anteriormente traçado. O que é preciso á creança é o bom exemplo do pessoal, o bom exemplo dos condiscipulos, é o ensino moral em acção, é a lição espontanea que resulta agora de uma leitura, logo depois de um espectáculo da natureza, hoje de um trecho de historia, amanhã de um apologo.

Pertence ao pessoal o escolher os factos, os exemplos no livro de leitura, nos manuaes e mesmo fóra delles e de os dispôr de modo a apresentar, sob uma fórma concreta e attrahente, os principaes deveres moraes da creança.

Os pequenos trechos de poesia, escolhidos com discernimento, offerecem preciosos recursos : fazem amar a natureza e desarraigam os maus sentimentos, fortificando o patriotismo.

O pessoal augmentará a impressão salutar que produz um conto, formulando em preceito o ensino resultante do facto. Se elle sabe dar vida ás suas explicações, se elle sabe, por um modo affectuoso e sympathico, fazel-as penetrar até ao intimo d'alma, as maximas de honra e de virtude que as resumem, se gravarão facilmente na memoria, e as creanças as recordarão, quando se encontrarem um dia em face dos deveres da vida.

Se a escola primaria não se presta a um ensino didactico da moral, não seria demasiado animar o pessoal a dar explicações familiares sobre os preceitos deduzidos dos factos, sobre as applicações praticas ás quaes elles conduzem, sobre as razões que os justificam, — « quando estas são facilmente accessiveis ás jovens intelligencias. » — O que é preciso evitar, é a exposição da moral scientifica, abstracta, porque são dissertações longas, monotonas e estereis.

Um regulamento marcando os deveres dos alumnos é distribuido no 2º e 3º grau, como já anteriormente vimos. Isso constitúe a lei da escola; os professores o explicam frequentemente e a elle voltam cada vez que têm necessidade de punir uma transgressão á regra estabelecida (art. 32 do Regulamento).

O professor applicar-se-ha constantemente em dar aos seus alumnos costumes de delicadeza e boa educação. Deve corrigir os maus habitos, os costumes grosseiros, ensinando-os a ser polidos ; dar-lhes-ha praticamente noções de educação; procurará o meio de tornal-os correctos, amenisando-lhes os costumes e combatendo, no caso necessario, as más influencias do meio.

Applicar-se-ha tambem em reprimir o instincto de destruição que caracteriza, infelizmente, as creanças ; habitual-as-ha a respeitar a propriedade publica e particular.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

O fim essencial do ensino primario é o desenvolvimento da creança no conjuncto de suas faculdades.

As materias do programma são, portanto, ensinadas de modo a aperfeiçoar estas faculdades e a provocar incessantemente a espontaneidade do pensamento.

Estas materias não podem ser apresentadas sob fôrma puramente expositiva ou por simples leitura. Ellas devem penetrar com o auxilio de exercicios intuitivos que ponham constantemente em jogo a actividade da creança.

A creança é collocada, tanto quanto possivel, em presença das cousas ou da representação fiel dos objectos que fôrman o assumpto da licção. Ella os observa e os analisa, guiada pelo pessoal.

Todas as licções são dadas de tal modo que concorrem para o desenvolvimento integral da creança. As noções ensinadas devem ser exactas. Repetições feitas sob fôrmas diversas e attraentes tornam familiares as materias ensinadas (art. 2 do Regulamento communal de ordem interior).

Para que certas partes do programma sirvam realmente á cultura intellectual dos alumnos, é necessario fazer com elles excursões: visitar os museus, fazer herborisações, etc.

Fica entendido que não é necessario uma excursão especial para cada ponto do programma; o professor organiza estes passeios de modo que cada um delles tenha por objecto uma série de noções tão completas quanto possivel. Por exemplo, uma herborisação deve ser ao mesmo tempo uma excursão geographica, mineralogica, etc.

Do mesmo modo, o professor não deve consagrar metade de um dia á visita das collecções do Museu de historia natural; aproveitará essa excursão para visitar o Museu de pintura, no ponto de vista das licções de historia e de geographia que deu e terá de dar posteriormente.

As excursões fazem-se para cada classe separadamente; fóra do que diz respeito ás excursões hygienicas, de que tratamos na educação physica, é expressamente prohibido aos directores de escolas o auctorizar differentes professores a reunirem suas classes para um passeio em commum.

Existe, em cada escola, um registro de proposições para as excursões e passeios escolares. Os professores ahi escrevem as excursões que propõem para a sua classe, indicando a natureza das licções que querem dar e o tempo que lhes querem consagrar. Estas proposições são submittidas á approvação do director.

Antes de toda a excursão, os alumnos recebem noções que podem encarreiral-os á comprehensão das cousas que vão ver. Toda a excursão é seguida de exercicios proprios a conserval-a na memoria (art. 37 do Regulamento de ordem interior).

As excursões durante o inverno não se fazem senão quando os alumnos estão sufficientemente agasalhados.

EDUCAÇÃO PHYSICA

O asseio e o bom procedimento são obrigatorios para os alumnos. O professor é responsavel por isso; elle pôde negar a entrada na aula aos alumnos fóra destas condições.

Neste caso avisará por escripto aos paes (art. 23 do Regulamento).

Os professores devem habituar os seus alumnos, quando estes ouvem as licções, a ter o corpo direito, a cabeça levantada, o peito saliente, as costas apoiadas sobre o encosto da cadeira ou banco, as mãos em posição conveniente. Está provado que muitas vezes os professores fazem com que os alumnos ouçam as licções de braços cruzados.

Esta posição, reconhecida unanimemente má, deve ser absolutamente condemnada.

Os alumnos serão collocados, o mais possivel, em bancos apropriados á sua altura. Os que têm a vista ou os ouvidos fracos devem ser collocados na primeira linha perto do quadro das demonstrações

As salas de aula serão, tanto quanto possivel, arejadas; durante os recreios as janellas estarão constantemente abertas. A direcção velará muito por isso.

E' necessario que os alumnos, após cada licção, executem alguns exercicios gymnasticos: flexões e extensões das pernas, dos braços, da cabeça, do tronco, principalmente as flexões e extensões da cabeça e do tronco para trás.

Nos jardins de recreio, quando o espaço o permittir, é recommendado organizar jogos gymnasticos, exigindo movimentos assás energicos e variados:— corridas, saltos, etc.

Nas escolas onde o recreio é demasiadamente pequeno, para que estes jogos possam executar-se convenientemente, os professores farão com os alumnos movimentos militares:— marchas, corridas, saltos, flexões e extensões de diversos membros.

De 15 em 15 dias, uma tarde será consagrada a um passeio hygienico e recreativo; os alumnos de cada classe irão ao campo, onde, em logar conveniente, o professor organizará jogos gymnasticos. Existem nos arrabaldes de Bruxellas differentes logares, taes como o bosque da Cambre, a planicie

de Vleurgat, o *plateau* de Koekelberg, o parque de Laeken, o parque de S. Gilles, etc., que convêm perfeitamente.

Para cada uma dessas excursões, o professor formará um programma especial comprehendendo toda a série de jogos que as creanças costumam usar para divertimento, tendo em conta a idade e o sexo dos alumnos. Estes poderão levar os brinquedos que possuem.

Na cidade ou no campo, os alumnos marcharão em fôrma e com o passo cadenciado ; o professor não deve tolerar uma marcha indolente.

A excursão da metade de um dia por quinzena, pôde ser substituída por uma excursão mensal de um dia inteiro, se a escola está muito longe dos logares para isso apropriados. Neste caso, os alumnos levarão consigo comida para o almoço.

Estas excursões são independentes das que são necessarias para garantir o ensino racional do programma das sciencias, de historia, de geographia, etc.

O programma que ides apreciar mais uma vez, Sr. Inspector, porque sei perfeitamente que já o conheceis pelos vossos estudos de gabinete, é extenso. Elle pôde, porém, proporcionar aos meus distinctos collegas alguns ensinamentos, e fornecer talvez, no futuro, para as nossas escolas, alguma cousa de util e proveitoso. Eu achei-o tão bom, que não hesito em pensar que transcrevel-o resumidamente, é prestar um serviço.

Nesse programma o ensino é todo intuitivo e a base em que se apoia é o passeio ou a excursão escolar que na Belgica faz-se amiudadamente. Infelizmente, estamos longe de poder imitar os belgas nesse, como em outros pontos, porque nos faltam todos os elementos.

Eis o programma :

Lingua materna

OS SEIS ANOS DE ESTUDOS

Pronunciação, elocução, recitação

1. No principio de cada anno de estudos, o professor terá o cuidado de examinar seus alumnos no ponto de vista da pronunciação; tomará nota dos defeitos e vicios que commette (pronunciação incorrecta de certas consoantes ou vogaes, gaguez, cicio, etc.) e se esforçará por corrigil-os dando-lhes por si mesmo o exemplo de uma pronunciação pura, exigindo dos alumnos em todas as licções oraes phrases completas pronunciadas sem precipitação e com a expressão que pede o sentido.

2. As licções de leitura serão organizadas de modo a constituir um curso regular e methodico de pronunciação; para este fim, o professor fará decompôr as palavras, a partir do primeiro anno de estudos em seus elementos phoneticos, sons e articulações (sem solettração) e as fará pronunciar clara e distinctamente, dando-lhes o seu verdadeiro valor.

3. Em todas as licções, o professor fará os exercicios necessarios para extirpar o accento local, as locuções viciosas, os termos grosseiros, os flandricismos, os belgicisms, que muitas creanças aprendem em casa e na rua.

4. Procurará impedir a formação do que se denomina o —« tom de escola»—, maneira de falar arrastado e cantando; se os alumnos já têm esse defeito, fal-o-ha desaparecer exercitando-os a falar naturalmente e com expressão.

5. Os exercicios simultaneos de pronunciação, recitação e leitura são auctorizados com a condição de serem organizados de modo a não perturbar as classes vizinhas, o que se obtem obrigando os alumnos a falar a meia voz. Evitar-se-ha cuidadosamente o tornar monotonos os exercicios simultaneos e de fazer nascer o — «tom de escola».

6. Para os exercicios eventuaes de pronunciação, de recitação, de leitura, o professor habituará os alumnos a falar e ler com voz alta e intelligivel desde a classe inferior; o mais frequentemente possivel, se o local e a mobilia o permittem, fará collocar os alumnos de pé durante a leitura e a recitação; estes exercicios ganham em ser feitos no pateo coberto ou no

recreio, porque se pôde distanciar gradualmente os ouvintes do leitor e exercitar assim os alumnos a se exprimirem dando à voz a maior força, clareza e nitidez possiveis.

(Na Belgica ordena-se isto que se vê: que os alumnos estejam de pé durante a leitura, a recitação, e naturalmente durante licções identicas, ao passo que aqui já houve um Inspector Geral que, receioso de que os professores ficassem indolentes, preferia que o fossem os alumnos, ordenando por isso que estes estivessem sempre sentados durante todas as licções e o professor de pé. E isto elle o ordenava em todas as visitas que fazia às escolas e nos regulamentos que elaborava!)

7. Todas as licções oraes, qualquer que seja o ramo ensinado, devem ser ao mesmo tempo licções de pronunciação e de elocução. O professor exigirá sempre phrases completas; corrigirá immediatamente as incorrecções de linguagem e fará repetir correctamente a palavra mal pronunciada, a phrase mal construida.

A rubrica — Licções de intuição e de linguagem — não figura senão no primeiro grau; mas deve ser entendido que nas outras classes todas as noções ensinadas devem ser baseadas sobre a intuição sensivel e constituir exercicios de boa linguagem. Seu fim principal é ensinar os alumnos a pensar por si mesmos e a exprimir correctamente seus pensamentos.

8. Os trechos a recitar de memoria serão previamente explicados e lidos com expressão. Nas classes inferiores, o sentido do trecho será explicado por meio de uma conversação familiar.

O professor fará em seguida recitar, phrase por phrase, no tom desejado, por todos os alumnos simultaneamente e após individualmente. Nas classes médias e superiores, os trechos serão tirados do livro da leitura ou transcriptos no quadro negro, explicados e lidos.

A recitação deve ser feita com expressão.

ESCRIPTA

1. O typo de escripta belga é o unico que se ensina em todas as classes. Os professores applicam os principios indicados no methodo Dierckx, caderno n. 1.

Os alumnos do primeiro grau aprendem as fórmulas e as proporções das lettras, escrevendo em um caderno n. 3 ou em um caderno commum de dupla linha.

As letras, as palavras e as phrases servindo de modelo, são escriptas no quadro negro pelo professor.

Nas classes do 2º anno do 3º grau, um caderno n. 2 é entregue a cada alumno para servir de modelo.

2. Nas aulas do 1º grau, os exercicios de escripta são intimamente combinados com os de leitura e orthographia. A leitura é ensinada ahi primeiro pelos caracteres manuscriptos. Entretanto, licções especiaes de escripta são inscriptas no horario, porque é necessario fazer exercicios especiaes graduados, afim de familiarisar os alumnos com as fórmãs graphicas e habitual-os a traçar correctamente as sobreditas fórmãs.

Nas classes médias e superiores se procurará principalmente reformar as escriptas viciosas.

3. Todas as licções para as quaes se lança mão da escripta: — dictados, redacções, transcripções de enunciados e resoluções de problemas, cartas geographicas, resumos de historia, de sciencias, etc., — devem ser consideradas como licções de escripta.

O professor exigirá que todos os trabalhos dos alumnos sejam escriptos com cuidado, e de conformidade com os principios do methodo; velará em que os alumnos peguem bem na penna e conservem uma posição hygienica.

Durante as licções de calculo, o professor velará pela execução correctã dos algarismos.

4. O caderno chamado de «— borrão» — é rigorosamente prohibido. Os alumnos só têm um caderno, de que o professor fará numerar as paginas e no qual elles escrevem directamente e por ordem de datas, todos os exercicios de escripta: — dictados (minuta e correcção), exercicios grammaticaes, redacções, resumos, cartas geographicas, etc.

Não se faz excepção a esta regra para o desenho, os trabalhos manuaes e os primeiros elementos de escripta, que podem ensinar-se com o auxilio de um caderno especial.

5. Os cadernos e os trabalhos dos alumnos são de propriedade dos mesmos alumnos; elles devem conserval-os durante todo o anno escolar.

6. Os alumnos não podem escrever a *ronde* antes que esta letra lhes seja ensinada methodicamente. O professor deve vigiar para que não façam caracteres de phantasia.

1º ANNO DE ESTUDOS — Exercicios preliminares:

a) Posição do corpo, modo de segurar o giz, o lapis, a caneta, posição do caderno.

b) Exercícios de desenho, preparativos para a escripta. Traços direitos e curvos; elementos das letras; mechanica da escripta corrente (1º, a giz; 2º, a lapis; 3º, a penna).

c) Estudo progressivo das minusculas, dos algarismos e de algumas maiusculas. Analyse de cada fôrma, traçado dos elementos, depois do conjuncto; applicação: palavras e phrases.

N. B.— O ensino do §— c— é parallelo ao ensino da leitura.

2º ANNO DE ESTUDOS:

a) Revisão das minusculas e dos algarismos.

b) Estudo progressivo das maiusculas: analyse das fôrmas, classificação; traçado dos elementos, e após das letras; applicação: palavras e phrases.

N. B.— Este ensino é parallelo ao da escripta.

3º ANNO DE ESTUDOS:

Como no 2º anno. Escripta sobre uma linha.

4º ANNO DE ESTUDOS— 1º, como no 3º anno; 2º, applicação: notas, memorias, facturas, recibos, cartas de commercio.

a) Explicação simples destes documentos.

b) Transcripção de modelos.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1 e 2. Como no 4º anno.

3º, escripta de *ronde*, applicação aos trabalhos, etc.

N. B.— Exercitar os alumnos a escreverem em papel não pautado.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1, 2 e 3. Como no 5º anno.

4º, *ronde*, bastardo, romana e italica, exercicios especiaes, applicação aos deveres e ao traçado de planos e de cartas.

5º, applicação: saques, bilhetes à ordem. Alguns exercicios de escripturação mercantil.

a) Explicação simples.

b) Transcripção de modelos.

N. B.— Exercitar os alumnos em escrever em papel não pautado.

LEITURA

1. O ensino da leitura elementar deve ser graduado pela decomposição das palavras em syllabas e das syllabas em sons e articulações.

A solettração não pôde ser empregada para ensinar a ler : deve-se seguir o methodo chamado por emissão de sons.

Os sons e as articulações simples representados por diferentes letras não são decompostos.

Exemplo: Lingua franceza: *ch, ph, th, gn, ai, ei, au, on, un*, etc. Lingua flamenga: *ui, ou, oe, sch, ij*, etc.

2. Os exercicios simultaneos de leitura são auctorizados no § 5º do programma de pronunciação.

3. Nos exercicios de leitura deve-se combater o accentto local e os defeitos de pronunciação. Desde a classe inferior, se habituará os alumnos a ler com expressão.

4. Os alumnos serão exercitados em reproduzir livremente e de viva voz o pedaço escolhido.

5. O professor incitará os alumnos a ler no lar domestico quer trechos do livro de leitura, quer de livros da bibliotheca da escola ou de uma bibliotheca publica. Elle os guiará na escolha das obras, fazendo-os dar conta na aula da leitura feita no lar paterno.

6. O tempo que se pôde consagrar na escola á leitura em alta voz sendo insufficiente para exercitar efficazmente as creanças, o professor velará para que os alumnos leiam em voz alta no lar paterno, todos os dias, pelo menos, durante 10 minutos.

7. O leitor deve estar de pé, em posição firme e commoda, o peito saliente, a cabeça alta, o livro a 30 centimetros dos olhos, levantando a voz tanto quanto possivel, articulando distinctamente todas as syllabas e tendo em vista a pureza da pronunciação.

1º ANNO DE ESTUDOS — 1.º Exercicios graduados de leitura elementar ; começar por palavras de facil comprehensão e sem solettração.

a) Exercicios no quadro negro, em caracteres manuscriptos.

b) Leitura no livro (caracteres moldados).

2.º Leitura explicada e expressiva de pequenas phrases : fazer observar o tom, a ligação e a pronunciação.

2º ANNO DE ESTUDOS — Exercicios graduados de leitura elementar : as difficuldades mais frequentes. — Começar por

palavras e phrases, explicar o sentido ; fazer observar o tom, a ligação e a pronunção.

3º ANNO DE ESTUDOS — Leitura expressiva de trechos previamente explicados.

4º ANNO DE ESTUDOS — (Ver o programma do 3º anno).

5º ANNO DE ESTUDOS — (Ver o programma do 3º anno). Chamar a attenção, no momento da explicação das palavras, sobre os synonymos e amphibologias.

6º ANNO DE ESTUDOS — (Ver o programma do 5º anno).

ORTHOGRAPHIA

1. A orthographia se adquire pela observação directa das palavras, sua pronunção e sua transcripção correcta. O professor attrahirá especialmente a attenção para as fórmulas orthographicas que apresentam difficuldades.

2. O professor verificará constantemente a orthographia de seus alumnos e fará exercicios especiaes para corrigir as faltas mais frequentes.

3. O dictado é com a leitura a base do ensino da orthographia. Os assumptos das licções de leitura serão examinados sob o ponto de vista da orthographia: solettração de palavras difficeis, notações especiaes sobre a orthographia de certas palavras, etc.

4. Os dictados serão graduados conforme os casos a fazer examinar e applicar. O professor começará por ler em voz alta o texto do dictado, explicando-o.

Depois do dictado, os alumnos terão o tempo necessario para rever seu trabalho.

A correccão se fará, a partir do 2º anno, por solettração e inscripção no quadro preto. Os erros serão sublinhados e cada alumno deverá em seguida corrigir o seu trabalho e copial-o correctamente.

5. Todos os exercicios feitos na escola ou domicilio: redacções, enunciados e soluções de problemas, cartas geographicas, resumos de licções, etc., devem ser considerados como applicações orthographicas; o professor terá o cuidado de sublinhar e de fazer corrigir pelo alumno todos os erros.

1º ANNO DE ESTUDOS — Após cada lição de leitura, dictado de palavras e phrases estudadas ou de outras formadas dos mesmos elementos. Correção por decomposição phonetica e não por solettração. Transcripção do trecho correcto.

2º ANNO DE ESTUDOS — Como no 1º anno. Correção por solettração.

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. — Exame da lição de leitura no ponto de vista orthographico. Solettração, de memoria, de palavras escolhidas. 2. — Dictados de pequenos trechos de leitura, préviamente explicados. 3. — Dictados graduados. Explicação prévia do texto no ponto de vista das idéas, do sentido das palavras, da orthographia. 4. — Reprodução, por escripto e de memoria, de trechos préviamente recitados. 5. — Exercícios sobre a derivação das palavras. Formação das familias de palavras: radical, terminação, explicação do sentido, orthographia, transcripção dessas palavras. Composição de phrases contendo essas palavras.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1, 2, 3 e 4. Como no 3º anno. 5. — Palavras compostas. Prefixos. Suffixos.

Casos mais facéis. Formar séries de palavras tendo o mesmo prefixo; outras tendo a mesma raiz; explicar o sentido dellas; fazer transcrever os exemplos; fazer compôr phrases contendo essas palavras. 6. — A pontuação. O ponto, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação. Nas lições de leitura, estes signaes são explicados. Nos dictados, redacções, etc., os alumnos serão exercitados no seu emprego.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1 a 5, como 4º anno. 6. — Homonymos. Significação e orthographia.

Formar uma lista de homonymos mais usados. Fazer transcrevel-os e formar phrases que os contenham. 7. — Pontuação. Como no 4º anno, e mais: — os dois pontos, as aspas. Exercitar os alumnos em pontuar os dictados e as redacções.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1 a 7, como no 5º anno. 7 bis. — Pontuação. A virgula, o ponto e virgula, a risca de união, o parenthesis, o paragrapho. Exercitar os alumnos em pontuar os dictados e as redacções.

NOÇÕES GRAMMATICAES E ORTHOGRAPHIA RELATIVA

1. A grammatica é ensinada na escola primaria principalmente com o fim de fazer conhecer a orthographia relativa. Ella é, portanto, reduzida ás noções indispensaveis. A *sciencia grammatical* propriamente dita não é do dominio do ensino primario.

2. O ensino deste ramo terá um caracter essencialmente pratico. Poucas definições e regras; as que forem julgadas uteis serão formuladas o mais simplesmente possivel.

3. As noções de grammatica não serão ensinadas dogmaticamente. Será precedendo exemplos escolhidos, os quaes se fará observar attentamente, que se deduzirá a regra. (*Partir do particular para o geral.*) Numerosas applicações se farão em seguida sob a fórma de *dictados*, de *exercicios grammaticaes* apropriados, de *composições de phrases*, etc., etc.

4. Os exercicios de *analyse grammatical* far-se-hão principalmente de viva voz; elles têm por fim firmar os conhecimentos grammaticaes e applical-os. E' perder tempo fazel-os escrever minuciosamente: é preferivel empregar signaes graphicos convencionaes para indicar a natureza das palavras, o genero, o numero, a funcção, etc.

5. A *analyse logica* é um exercicio que pôde ser util, se fôr feito simplesmente e de um modo reflectido. As phrases a decompôr serão escolhidas com discernimento; devem exprimir idéas uteis e cheias de interesse e não banalidades; a explicação do sentido precederá sempre o exercicio da *analyse*. A terminologia será reduzida aos elementos seguintes:— phrase, proposição principal, proposição secundaria, sujeito, verbo, attributo, complemento directo, complemento indirecto, complemento determinativo. O verbo chamado attributivo por certos grammaticos não será decomposto. (Por exemplo, não se deve transformar:— *eu canto* — em — *eu sou cantante*.)

1º ANNO DE ESTUDOS — 1. Idéa do *nome*; do masculino e do feminino; do singular e do plural. Nome proprio e nome commum.

2. Idéa do qualificativo; masculino e feminino; singular e plural; regra geral para a formação do feminino.

3. Idéa do verbo; exercicios de conjugação oral, em proposições completas — affirmativas, negativas e interroga-

tivas, tanto sob a fôrma negativa como sob a fôrma affirmativa — tres tempos principaes : presente, passado e futuro dos verbos frequentemente empregados, sem distincção entre os regulares e irregulares.

N. B.— Para o conhecimento deste programma : numerosos exercicios de applicação e de invenção. (Fazer compôr proposições e phrases muito simples. Estas noções devem ser ensinadas de um modo exclusivamente pratico.)

2º ANNO DE ESTUDOS — 1. O nome. (*a*) Revisão do programma do 1º anno de estudos. (*b*) Formação do plural dos nomes.

2. *O, a, os, as* são artigos (sem outra explicação).

3. O adjectivo qualificativo. (*a*) Revisão do programma do 1º anno de estudos. (*b*) Formação do plural dos adjectivos qualificativos e formação do feminino dos mesmos.

4. O verbo. (*a*) Revisão do programma do 1º anno de estudos. (*b*) Os mesmos exercicios de conjugação, mas por escripto ; os exercicios de conjugação oral em tempo imperfeito e mais que perfeito do indicativo.

5. Idéa do pronome. (Substituição do nome pelo pronome e reciprocamente — exceptuando, entretanto, os pronomes relativos. Isto só se refere ao pronome em geral ; não é permittido occupar-se com as especies de pronomes.)

N. B. — Para todo este programma : numerosos exercicios de applicação e de invenção. (Fazer compôr proposições e phrases simples.) Essas noções devem ser ensinadas de um modo exclusivamente pratico.

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão dos programmas anteriores.

2. Distincção das partes seguintes da proposição :— sujeito, verbo.

3. Substantivo. Revisão : formação do plural dos nomes.

4. O artigo. — Elisão.

5. Adjectivo qualificativo. 1.º Formação do feminino. (*a*) Revisão do programma anterior. 2.º Formação do plural. Revisão do programma anterior. 3.º Concordancia do adjectivo. (Regra geral.)

6. Idéa do adjectivo determinativo em geral.

7. O verbo. Sujeito. Pessoas do verbo. Conjugações oraes e escriptas, mas principalmente de viva voz e em phrases completas. — Affirmativas, negativas e interrogativas, tanto sob

a fôrma negativa como sob a fôrma affirmativa. — Verbos auxiliares e regulares e irregulares frequentemente empregados, nos tempos seguintes: (a) os tempos do modo indicativo. (b) o condicional presente, o passado e o modo imperativo. Regra geral de concordancia do verbo com o sujeito.

8. Chamar a attenção para a orthographia do participio passado sem auxiliar e com elle; assimilar-o ao adjectivo.

9. Reconhecêr as palavras invariaveis (sem especificar a parte do discurso á qual ellas pertencem).

10. Applicações — Explicação grammatical, sob a indicação das idéas, de trechos de leitura prèviamente estudados. Analyses muito simples, e sómente de viva voz, das partes da proposição e do discurso estudado. Exercicios grammaticaes graduados, apresentando noções interessantes e uteis. Exercicios de invenção.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão dos programmas anteriores.

2. Attributo do sujeito.

3. Pontuação. Emprego do ponto, dos pontos de interrogação e exclamação. Habituár as creanças a pontuar os dictados nos casos mais simples.

4. O nome (a) Revisão: Nomes communs e proprios. Formação do plural dos nomes terminados em *s*, etc. (b) Nomes compostos.

5. O artigo (a) Revisão. A elisão. (b) Noção nova: a contracção.

6. O adjectivo qualificativo. Formação do plural dos adjectivos: 1.º Revisão dos programmas anteriores. 2.º Dos adjectivos terminados em *al*. Formação do feminino dos adjectivos: Revisão. Regra de concordancia do adjectivo qualificando varios nomes.

7. O pronome. Regras de concordancia.

8. O verbo. (a) Revisão dos programmas anteriores. (b) O complemento directo. O complemento indirecto. Conjugações oraes e escriptas, mas principalmente de viva voz e em phrases completas — affirmativas, negativas e interrogativas, tanto sob a fôrma negativa como affirmativa, — verbos auxiliares, regulares e irregulares frequentemente empregados, verbos reflexivos, pronominaes e impessoaes. Idéa dos *Modos*: indicativo, condicional, imperativo, infinitivo.

9. O participio passado. Concordancia. (a) Sem auxiliar. (b) Com auxiliar.

10. As palavras invariáveis. Reconhecê-las simplesmente sem especificar a sua natureza.

11. Aplicações. Explicação grammatical de trechos de leitura previamente estudados em relação às idéas. Analyse muito simples e de viva voz das partes da proposição e das partes do discurso estudadas. Exercícios grammaticaes estudados, apresentando noções interessantes e uteis.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1. A proposição:— sujeito, verbo, attributo, complemento directo e indirecto. Decomposição das phrases em proposições; conjunções que servem para unil-as. Analyse grammatical e logica, principalmente de viva voz, em seus elementos essenciaes.

2. Pontuação. (a) Revisão: emprego do ponto, do ponto de interrogação e exclamação. (b) Emprego dos dois pontos, das aspas. (Habituar os alumnos a pontuar os dictados nos casos mais simples.)

3. O nome. (a) Revisão: formação do plural dos nomes communs. (b) O plural dos nomes proprios e dos compostos. Exemplos faceis.

4. Artigo. (Revisão.) Elisão e contracção.

5 e 6. O adjectivo. O pronome. Revisão.

7. O verbo. (a) Revisão dos programmas anteriores. (b) Conjugações oraes e escriptas, mas principalmente de viva voz e em phrases completas — affirmativas, negativas e interrogativas, tanto sob a fórma negativa como affirmativa, — verbos auxiliares, regulares e irregulares os mais usados, em todos os tempos. Idéa dos modos. — Exercícios praticos oraes e escriptos, principalmente oraes e em phrases completas, sobre o emprego do subjunctivo. Exercícios praticos oraes sobre a concordancia dos tempos. Attender á orthographia dos verbos: (c) concordancia do verbo com o seu sujeito.

8. O participio passado. (a) Revisão. Regras geraes sobre a concordancia do participio empregado sem auxiliar e com auxiliar. (b) Caso de um participio seguido de um infinitivo sem dar lugar á enunciação de uma regra especial.

9. Reconhecer as palavras invariáveis. Ensinar-se-ha occasionalmente, pela leitura, os dictados e as redacções, o que pôde haver de mais importante sobre a orthographia ou o emprego de certas palavras invariáveis.

10. Applicação.— Explicação grammatical de trechos de leitura previamente estudados sob o ponto de vista das idéas. Dictados. (Pela maior parte seguidos do texto.) Exercícios de invenção.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. A proposição. Decomposição das phrases : proposição principal, secundaria ; conjunções que as unem ; analyse grammatical, syntatica e logica, principalmente de viva voz em seus elementos essenciaes.

2. Pontuação. (a) Revisão dos programmas precedentes. (b) Emprego da virgula, do ponto e virgula, das riscas, do parenthesis, do paragrapho. (Acostumar os alumnos a pontuar os dictados e redacções.)

3. O nome. (a) Complemento terminativo. (b) Formação do plural dos nomes communs, dos nomes proprios, dos nomes compostos.

4, 5 e 6. O artigo, o adjectivo e o pronome. Revisão dos programmas anteriores.

7. O verbo. (a) Revisão: sujeitos, pessoas ; complemento directo e indirecto. (b) Conjugações, oraes e escriptas, em phrases completas de verbos regulares e irregulares. Idéa dos modos. Exercicios praticos sobre a concordancia dos tempos. Attender à orthographia de certos verbos. Exercicios oraes escriptos. Emprego raciocinado do subjunctivo. Exercicios praticos, oraes e escriptos. Concordancia do verbo com o seu sujeito: casos principaes. Emprego dos auxiliares. Exercicios.

8. Diferença entre o participio presente e o adjectivo verbal.

9. O participio passado. Concordancia.

10. Reconhecer as palavras invariaveis, distinguir as especies.

11. Ensinar-se-ha o que ha de mais importante sobre a orthographia ou o emprego de certos adjectivos determinativos ; de certos pronomes, e de certas palavras invariaveis.

12. Applicações. Explicação grammatical de trechos de leitura previamente estudados sob o ponto de vista das idéas. Dictados. Exercicios de invenção.

REDACÇÃO

1. Na escola primaria, a redacção tem por fim ensinar aos alumnos a reflectir, a classificar suas idéas, a exprimil-as clara e correctamente por escripto.

Ella não póde ter por fim a composição litteraria, que não é para esta ordem de ensino.

2. Os assumptos de redacção serão sempre ao alcance dos alumnos: deve-se exercitar os alumnos em enunciar suas

idéas e sentimentos. Evitar-se-ha com cuidado os assumptos que podem illudir a sua imaginação e os que os obrigariam a pensar em banalidades. As noções adquiridas nas diversas licções, principalmente na geographia, sciencias naturaes, historia, as idéas e os sentimentos produzidos pelos passeios e excursões escolares, os incidentes da vida de familia ou escolar, os acontecimentos do dia, as historias lidas e ouvidas, a descripção de objectos usuaes, de quadros, de estampas, etc., taes são as principaes fontes onde o professor tirará os assumptos de redacção.

3. O assumpto será primeiro tratado oralmente. O professor esforçar-se-ha por provocar a reflexão espontanea, a expressão pessoal. Chamará a attenção para as idéas principaes e accessorias, sua connexão, a maneira de as exprimir.

Nas classes inferiores, só se póde exigir proposições simples. Gradualmente, se chegará a tratar de assumptos mais extensos. Após a descripção oral, os pontos principaes a tratar serão inscriptos em fórmula de summario e copiados pelos alumnos, que farão o trabalho escripto tomando-o por objecto.

Nas classes superiores, os alumnos serão exercitados em fazer por si mesmos o plano da sua composição.

4. A correcção dos trabalhos de redacção é feita pelo professor, que indicará por signaes convencionaes os erros de orthographia, de construcção, os esquecimentos, as idéas erroneas, etc. O alumno fará depois uma primeira correcção do seu trabalho ; este será revisto pelo professor, corrigido definitivamente e transcripto. E' conveniente algumas vezes que essas correcções sejam feitas perante toda a classe.

1º ANNO DE ESTUDOS — Exercicios oraes (licções de intuição e de linguagem).

2º ANNO DE ESTUDOS — 1. Fazer formular oralmente primeiro, e depois por escripto, proposições simples, phrases pequenas, sobre factos tratados nas outras licções, especialmente nas de intuição e linguagem.

2. Reprodução, por escripto, de algumas dessas phrases.

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. Como no segundo anno.

2. Cartas familiares, pequenas descrições, comparações, narrações sobre factos explicados.

3. Reprodução, por escripto, de um conto dictado pelo professor.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1, 2 e 3. Como no 3º anno.

4. Redigir o que leu ou ouviu nas licções e na leitura.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1, 2, 3 e 4, como no 5º anno.

5. Narração de passeios e excursões escolares.

6º ANNO DE ESTUDOS — Como no 5º anno.

SEGUNDA LINGUA (FLAMENGO)

Deixo de dar este programma, por ser identico ao anterior.

CALCULO

1. As noções fundamentaes do calculo são ensinadas de um modo intuitivo e pratico.

Nas classes do 1º grau, os alumnos aprendem a calcular por meio de objectos communs. O uso do bolario e dos arithmometros é auctorizado. Entretanto, estes apparatus não são impostos: pôde-se passar sem elles; são substituidos vantajosamente pelos dedos ou objectos communs de facil manejo: pausinhos, figuras desenhadas no quadro negro, sobre papel, etc.

2. Todo o exercicio intuitivo é seguido de numerosas applicações de calculo mental e escripto: o fim a attingir é o de ensinar a calcular rapidamente de memoria e a resolver sem hesitação e com presteza as operações.

3. As quatro operações fundamentaes são ensinadas desde o 1º grau. Segue-se uma marcha synthetica e analytica: cada numero novo é comparado aos precedentemente estudados, depois de decompostos em seus elementos (addição e subtracção) e em seus factores (multiplicação e divisão).

4. Os vinte primeiros numeros, sendo a base de toda a numeração, são objecto de exercicios repetidos de calculo intuitivo, mental e escripto. Faz-se depois calcular por dezenas, mais tarde por centenas, etc., considerando estes grupos como unidades. Os numeros compostos de diferentes ordens de unidades são decompostos nos calculos, de modo a tornar a trazer todas as operações aos calculos fundamentaes sobre os dez primeiros numeros.

5. No segundo anno de estudos, a multiplicação, com suas applicações á divisão, é estudada de um modo especial : começa-se por analysar cada producto, decompondo-o em seus factores. (Exemplo : $36 = 18 \times 2 = 9 \times 4 = 12 \times 3 = 6 \times 6 \dots$) A decomposição faz-se primeiro intuitivamente com o auxilio de pausinhos, de cubos, etc., symmetricamente grupados.

Repetições de calculo mental são feitas, até que os alumnos conservem perfeitamente na memoria as associações de numeros que constituem a taboa de multiplicação.

6. Nas aulas do 2º e do 3º grau as novas noções são primeiro tratadas intuitivamente, por meio de exemplos variados : representações materiaes, processos graphicos, etc.

7. O calculo mental, que é a base do conhecimento dos numeros, deve ser objecto de cuidados especiaes em todas as classes ; os alumnos são exercitados em calcular de memoria e por processos rapidos ; estes calculos são racionados e não executados machinalmente. Póde-se empregar no calculo mental a notação por algarismos para representar os numeros, mas com a condição de fazer calculos sobre os numeros e não sobre os algarismos.

8. Na resolução por escripto de problemas de applicação faz-se effectuar, tanto quanto possivel, as operações pelos processos do calculo mental ou do calculo rapido.

9. A partir do 5º anno, os diversos calculos da resolução dos problemas são primeiro indicados ; depois faz-se simplificar a expressão pela applicação de caracteres de divisibilidade.

10. Os problemas devem ser escolhidos no dominio da vida pratica ; as combinações muito complexas, as hypotheses irrealizaveis serão evitadas, porque não têm outro resultado senão desorientar os alumnos.

A resolução dos problemas não póde fazer-se pela applicação das regras enunciadas : deve ser reflectida. Applicar-se-ha, em geral, o methodo da redução á unidade.

O professor fórma séries graduadas para cada systema de problemas. E' recommendado o formar quadros synopticos apresentando séries de problemas do mesmo genero. Exemplo :

CAPITAL	TAXA	TEMPO	JUROS
12.500	3 %	9 mezes	?
?	4 %	15 mezes	500
8.000	?	25 mezes	750
10.000	3 %	?	1.200

11. As noções theoricas de arithmetica são reduzidas aos conhecimentos indispensaveis. Ellas não podem ser expostas *ex-professo*: devem sahir de exemplos escolhidos. As definições não são dadas senão quando as noções a definir são conhecidas. Os principios theoricos e as operações são raciocinados, mas não demonstrados pelo methodo deductivo.

1º ANNO DE ESTUDOS — CALCULO INTUITIVO, MENTAL E ESCRITO. — 1. Numeração e operações fundamentaes combinadas (adição, subtração, multiplicação e divisão) na ordem progressiva seguinte: (a) numeros de 1 a 10; (b) numeros de 1 a 20.

2. Intuição, formação, denominação e representação, por escripto, dos numeros de 20 a 100.

3. Numeros pares e impares.

4. Os algarismos romanos para os numeros de I a XII.

5. Formação, denominação, representação intuitiva escripta das fracções: — um meio, um quarto, um terço, um decimo.

6. Pequenos problemas relativos às necessidades da vida.

7. Leitura nos relógios, das horas, das meias horas e dos quartos de hora.

2º ANNO DE ESTUDOS — CALCULO INTUITIVO MENTAL E ESCRITO. — 1. Numeração e operações fundamentaes combinadas (adição, subtração, multiplicação e divisão) na ordem progressiva seguinte: (a) Revisão: numeros de 1 a 20; (b) numeros de 20 a 100.

2. Os numeros romanos de I a C. Leitura de numeros representados por algarismos romanos.

3. Estudo especial da taboada de multiplicação e suas applicações á divisão dos numeros de 20 a 100 por quantidades não maiores de 10.

4. Conhecimento das dezenas e centenas. Exercicios oraes: as quatro operações fundamentaes sobre essas grandezas.

5. Conhecimento das fracções cujo denominador não passe de 10: formação, denominação e representação.

6. Pequenos problemas relativos às necessidades da vida. Leitura no relógio, das horas e dos minutos.

3º ANNO DE ESTUDOS — A. NUMERAÇÃO. (a) Revisão: os numeros de 1 a 100; as dezenas e as centenas; as fracções de denominador menor que 10. (b) Numeração falada e escripta dos numeros inteiros até 1.000.000 exclusivamente. Numeração

falada e escripta dos numeros decimaes até millesimos inclusivamente. Formação, denominação e representação das fracções ordinarias de denominador menor que 20. (c) os algarismos romanos de I a M. Leitura de numeros representados por algarismos romanos.

B. CALCULO INTUITIVO E MENTAL.— As quatro operações fundamentaes. Indicação, por exemplos familiares, do fim e dos usos de cada operação. Primeira série. Numeros formados : (a) de dezenas e unidades ; (b) de unidades e decimos ; (c) de decimos e centesimos.

1.º Adição. 2.º Subtracção. 3.º Multiplicação: (a) por um numero não contendo unidades simples ; (b) por 10 ; (c) por um numero exacto de dezenas ; (d) por um numero formado de dezenas e de unidades ; (e) por 100.— Caso de multiplicação por 5, 9 e 11.— 4.º Divisão : (a) por um numero não contendo senão unidades simples ; (b) por 10 ; (c) por 100. Fracções ordinarias. O denominador não passando de 20. Transformação de numeros inteiros e fraccionarios em expressões fraccionarias equivalentes, e reciprocamente. Adição e subtracção de fracções, tendo o mesmo denominador. Multiplicação e divisão de fracções por um numero inteiro menor que 10.

C. CALCULO ESCRIPTO.— *N. B.*— Não trabalhar sobre numeros muito grandes.

Conhecimento pratico e raciocinado das quatro operações fundamentaes sobre numeros inteiros ; da adição e da subtracção dos numeros decimaes ; da multiplicação e da divisão dos numeros decimaes por um inteiro. Fracções ordinarias. Transformações e operações fundamentaes nos limites indicados acima para o calculo mental.

D. APPLICAÇÕES DO CALCULO MENTAL E ESCRIPTO, — sendo logo estudado na ordem progressiva do curso.— Numerosos problemas tirados da vida commum, das profissões, da agricultura, etc. Exercicios de invenção ou pequenos problemas compostos pelos alumnos.

4º ANNO DE ESTUDOS— NUMERAÇÃO. — 1. Numeração falada e escripta dos numeros inteiros.

2. Idem dos decimaes.

3. Formação, denominação e representação das fracções ordinarias cujo denominador não seja maior que 20.

CALCULO INTUITIVO E MENTAL. — 1. As 4 operações fundamentaes. Indicação, por exemplos familiares, do fim e usos de cada operação. (a) Revisão dos programmas anteriores. (b) Segunda série. Numeros formados (a) de centenas, de dezenas

e de unidades ; (b) numeros decimaes não contendo unidades de ordem inferior aos millesimos. Adição. Subtracção. Multiplicação: (a) por um numero não contendo senão unidades simples ; (b) por 10, 100, 1000 ; (c) por um numero exacto de dezenas ; (d) por um numero formado de dezenas e de unidades. Casos de multiplicação por 15, 19, 25, 50, 99. Divisão : (a) por um numero de unidades simples ; (b) por 10, 100, 1000 ; (c) por um numero formado de dezenas e unidades.

2. Fracções ordinarias. (O denominador não passando de 20.) Revisão dos programmas anteriores.

CALCULO ESCRIPTO. — Revisão dos programmas anteriores.

APPLICAÇÕES DO CALCULO MENTAL E DO CALCULO ESCRIPTO : principiar logo na ordem progressiva do curso. (a) Revisão dos programmas anteriores. (b) Algumas questões facéis sobre juros simples.

5º ANNO DE ESTUDOS — CALCULO MENTAL. — 1. Numerosos exercicios sobre as quatro operações fundamentaes applicadas aos inteiros e aos decimaes. Principaes processos de calculo rapido.

2. *Fracções ordinarias*. Transformação de uma fracção em outra fracção equivalente. Reducção de duas ou mais fracções ao mesmo denominador. Adição e subtracção. Multiplicação e divisão. (a) De uma fracção por um inteiro e reciprocamente. (b) De uma fracção por outra. Applicações.

ARITHMETICA. 1. As quatro operações fundamentaes, com as provas sobre inteiros e decimaes. Achar o quociente de dois numeros inteiros de menos de 0,1 — de 0,01 — 0,001 pouco mais ou menos.

2. Caracteres de divisibilidade por 2 e 5 ; por 4 e 25 ; por 9 e 3.

3. *Fracções ordinarias*. Numeração. Simplificação de fracções à expressão mais simples. Operações fundamentaes. Conversão das fracções ordinarias em decimaes. 4. Problemas. Methodo de redução à unidade applicado às questões sobre os objectos seguintes: (a) Regra de tres. (b) Juros simples. (c) lucros e perdas avaliados em porcentagem. (d) Desconto. (e) Resolução de numerosos problemas sobre objectos da vida commum, relativamente aos officios, economia domestica e rural, etc., effectuando mentalmente todas as operações facéis. Exercicios de invenção ou problemas compostos pelos alumnos.

6º ANNO DE ESTUDOS — CALCULO MENTAL. — Revisão dos programmas anteriores. Multiplicação e divisão de uma fracção

por um numero fraccionario e reciprocamente de dois numeros fraccionarios. Applicações.

ARITHMETICA.— 1. Exposição racionada da numeração dos inteiros e decimaes.

2. Theoria muito elementar das quatro operações fundamentaes sobre inteiros e decimaes.

3. Caracteres de divisibilidade. Revisão dos programmas anteriores. Divisibilidade por 11. Prova dos nove da multiplicação e divisão.

4. Definição do numero primo e dos numeros primos entre si. Applicções á divisão por 6, 12, 15, 18, 21... 35... do principio seguinte (sem demonstração):— se um numero é divisivel por dois ou mais numeros primos entre si, é divisivel por seu producto. Decomposição de um numero em factores primos (sem demonstração). Achar o maximo commum divisor de dois ou mais numeros.

5. Fracções ordinarias. Revisão. Origem e definição. Propriedades fundamentaes.

6. Problemas. Regra de tres; juros simples; lucro e perda avaliados por porcentagem; desconto; proporções e regra de sociedade. Resolução de numerosos problemas sobre assumptos da vida usual: officios, economia domestica e rural, etc., effectuando mentalmente a maior parte das operações. Exercicios de invenção ou problemas compostos pelos alumnos.

SYSTEMA METRICO

1. O ensino do systema metrico deve ser essencialmente intuitivo e pratico.

2. O professor mostra aos alumnos as medidas, as moedas, os pesos. Cada uma destas medidas é objecto de exercicios de intuição e de analyse:— os alumnos observam as fórmãs, as partes, as dimensões, as materias, as inscrições que ali se acham.

3. Não se dirige sómente á vista para fornecer noções fundamentaes do programma, mas tambem ao sentido muscular:— os alumnos são exercitados em indicar as distancias separando as mãos uma da outra, ou distanciando-se de um ponto fixo, sopesam os pesos, pesam-os na balança, apreciam o peso de diversos objectos sopesando-os,—verificando depois pelo pensamento e com os pesos; medem a lenha pelo stereo.

4. Para as medidas itinerarias e agrarias o professor aproveitará as excursões ao campo:— os alumnos medem a distancia

que separa os limites hectometricos e os limites kilometricos por meio da cadeia de agrimensur ou de uma corda de um decametro de comprimento; contam o numero de passos necessarios para percorrer a extensão de um decametro, um hectometro e o tempo necessario para percorrer um kilometro, uma legua; observam as barras indicadoras, das quaes lêm e explicam as inscrições; quando empregam a Carta Militar, calculam a distancia por meio da escala, etc.

Sobre o terreno os alumnos marcam, com estacas, as superficies de um are, de um hectare, etc.; são exercitados em apreciar pela vista a superficie de um campo dado, depois verificam, medindo o campo com a corrente metrica e calculando a área, etc.

5. O professor faz construir medidas - typos para os alumnos: um metro, um decametro (por meio de um cordel); um decimetro subdividido em centimetros (traçado graphico no caderno, tira de papel forte); um decimetro quadrado subdividido em centimetros quadrados (papel forte); um metro quadrado; um decametro quadrado (fazel-os traçar com o giz no soalho da classe, do pateo coberto, ou fazel-os marcar no recreio, plantando estacas ou estendendo cordeis, etc.); um decimetro cubico (papel forte, terra de modelação, bastonetes); o metro cubico será figurado por meio de tiras de pão e de reguas ou de metros de dobrar); o kilometro é formado com o auxilio de areia secca dentro de pequenos saccos, etc.

6. A medida da área das figuras planas, a do volume dos solidos, da capacidade dos recipientes, etc., não são noções puramente theoreticas, e sim exercicios praticos: os alumnos medem as dimensões das figuras planas traçadas no quadro, as das superficies dos solidos da collecção da escola, as dos limites da classe (soalho, muros, etc.), do pateo coberto, do recreio, etc., e determinam as áreas por calculos; determinam tambem por medidas effectivas o volume dos solidos geometricos, o da sala da aula; a capacidade de diversos recipientes é determinada por medidas reaes com o auxilio de areia ou de agua.

7. Exercitam-se os alumnos a determinar o menor numero possivel de medidas effectivas ou de moedas a empregar para medir quantidades dadas ou formar quantias determinadas.

8. Os problemas de applicação e dados theoreticos são precedidos de problemas e dados praticos. Assim, antes de fazer calcular o preço da pintura de uma aula qualquer, cuja fórmula e dimensões são indicadas, faz-se determinar o preço da pintura da classe, do mesmo modo antes de fazer calcular, conforme dados numericos, a producção de um campo, faz-se medir um

verdadeiro campo e achar sua produção real ; procede-se de modo analogo para a cubagem de um montão de areia ou de pedrinhas, de barrote ou uma viga, de um fosso, de um aterro ou de uma valla, etc.

Os problemas theoreticos devem ser examinados com cuidado antes de propostos aos alumnos:— é conveniente verificar que não contenham nenhuma condição impossivel de realizar, explicação inexacta ou em contradicção com os factos reaes.

9. Os professores fazem representar os nomes das medidas pelas abreviações adoptadas.

1º ANNO DE ESTUDOS — *N. B.*— Nenhum numero póde passar de 20.

1. Medida de comprimento.— Fazer medir diversas extensões com o metro ; divisões do metro : decimetro e centimetro ; fazer medir diversas extensões com o auxilio do metro, do decimetro e do centimetro. Traçado de rectas de comprimento marcado, divisão dessas rectas em decímetros e centímetros ; conversão de unidades lineares em unidades superiores ou inferiores.

2. Medidas de superficie.— Dar uma idéa do comprimento do metro, do decimetro e do centimetro quadrado, sem falar da relação entre essas medidas.

3. Medidas de volume.— Dar uma idéa do volume do decimetro e do centimetro cubico, sem falar das suas relações.

4. Medidas de capacidade.— Mostrar o litro, o decilitro, o meio litro ; fazer apreciar a capacidade de diversos recipientes e verificar por meio de medições (agua, areia, etc.)

5. Pesos.— O kilogrammo e o meio kilogrammo ; mostrar a balança ; fazer sopesar e verificar pelos pesos.

6. Moedas.— Mostrar as moedas seguintes: 1, 2, 5 e 10 centimos ; fazer conhecer seu valor ; pagamentos ficticios effectuados pelos alumnos com diversas moedas.

2º ANNO DE ESTUDOS — *N. B.*— Nenhum numero que passe de 100.

1. Medidas de comprimento.— Revisão : o metro, o decimetro, o centimetro, o decametro (corrente de agrimensor), o hectometro. Fazer medir diversas extensões com o metro e seus sub-multiplos até o centimetro e de seus multiplos até o hectometro ; relações entre esses comprimentos ; conversão de unidades lineares em unidades de ordem inferior ou superior. Traçado de rectas de um comprimento marcado ; divisão destas rectas em decametros, metros, decímetros, centímetros.

2. Medidas de superficie.— Revisão do metro, do decimetro e do centimetro quadrado. Desenhar no quadro negro, no chão, etc., um quadrado tendo um metro quadrado de superficie; dividil-o em centimetros quadrados. Relação entre o decimetro e o metro quadrado, entre o centimetro e o decimetro quadrado.

3. Medidas de volume.— Revisão do decimetro cubico em centimetro cubico. Dar uma idéa do volume do metro cubico.

4. Medidas de capacidade.— Revisão: o litro, o meio litro, o decilitro. Dar uma idéa do decalitra, hectolitro, centilitro e de suas metades. O dobro das medidas estudadas. Fazer apreciar a capacidade de diversos recipientes e verificall-as com a medição (agua, areia, etc.)

5. Pesos.— Revisão: o kilogrammo, o meio kilogrammo. Os pesos seguintes: decagrammo, meio decagrammo, o hectogrammo, meio hectogrammo. Fazer sopesar e verificar com a balança.

6. Moedas.— Revisão: as peças de moeda de 1, 2, 5 e 10 centimos. Mostrar as peças de prata, fazendo verificar o valor. Pagamentos ficticios effectuados pelos alumnos com differentes moedas.

3º ANNO DE ESTUDOS — *N. B.* — Nenhum numero que atinja a um milhão.

1. Medidas de comprimento.— O metro, seus multiplos e sub-multiplos. Uso das medidas de comprimento; medidas effectivas, limite kilometrico; legua metrica. Um comprimento sendo expresso por uma unidade, comparar com outra unidade.

2. Medidas de superficie.— O metro, o decimetro, o centimetro quadrado. Uma superficie sendo expressa oralmente, com o auxilio de uma unidade, a relação com uma outra unidade. Aplicação exclusivamente oral á área do rectangulo e á do quadrado, do parallelogrammo. *Medidas agrarias.* O *are*, seu multiplo e seu sub-multiplo. Relação entre o metro quadrado e as medidas agrarias.

3. Medidas de volume.— O metro cubico, o decimetro e o centimetro cubico. Mostrar a relação entre essas medidas. Um volume sendo expresso oralmente com o auxilio de uma unidade, achar, comparar oralmente com uma outra unidade.

4. Medidas de capacidade.— O litro, seus multiplos e sub-multiplos. Medidas effectivas. Relação entre as medidas de volume e de capacidade.

5. Pesos.— O grammo, seus multiplos. Pesos effectivos. Pesos de um litro, de um centimetro cubico, de um metro cubico de agua.

6. Moedas.— Revisão. As moedas legaes em cobre, em nickel, em prata. As peças de ouro. Pesos de moedas de cobre, de bronze, de prata.

7. Numerosos exercicios de applicação sobre cada especie de medida. Elles consistem principalmente em avaliações verificadas por medição. Problemas da vida commum.

4º ANNO DE ESTUDOS —1. Medidas de comprimento. Revisão dos programmas precedentes. Numerosos exercicios e problemas.

2. Medidas de superficie e medidas agrarias.— Revisão dos programmas anteriores. Escrever e enunciar um numero exprimindo uma superficie. Applicação à área dos parallelogrammos (quadrado, rectangulo, lozango), do triangulo, do trapesio. Exercicios de avaliação, medições ; problemas.

3. Medidas de volume.— Revisão do programma anterior. Escrever e enunciar um numero que exprima um volume. Applicação do volume do parallelepipedo e do cubo. O *stere*. Fazer medir lenha por meio de um *stere*. Relação entre o *stere* e o metro cubico. Numerosos exercicios de avaliação ; medições ; problemas.

4. Medidas de capacidade.— Revisão dos programmas precedentes. Numerosas applicações: avaliações, exercicios de medição e problemas.

5. Pesos.— Revisão dos programmas anteriores. A balança. Numerosas applicações : pesagens e problemas.

6. Moedas.— Revisão dos programmas anteriores. Numerosas applicações : pagamentos e problemas. Pesos das moedas de ouro. Bilhetes de banco.

7. Notas ou memorial de operarios, facturas simples.

5º ANNO DE ESTUDOS —1. Revisão geral do systema metrico sob a fórmula de exercicios de intuição, de medições, de avaliações, de problemas.

2. Applicação das medidas de superficie ao calculo das áreas. A'rea do polygono.

3. Applicação das medidas de volume ao calculo do volume do prisma, da pyramide. (Revisão : o volume do cubo, do parallelepipedo). Numerosos exercicios de avaliação e de verificação pelos calculos e as medições.

4. Relação entre os pesos e medidas de volume e de capacidade.

6º ANNO DE ESTUDOS —1. O systema metrico ; sua origem e vantagens. O meridiano terrestre. O metro, base de todo o

systema. Como se formam as outras unidades com o auxilio do metro. Como se formam os nomes dos multiplos e sub-multiplos decimaes das unidades principaes. Valor dos multiplos e sub-multiplos decimaes comparados á unidade principal.

2. Revisão geral do systema metrico : quadro synoptico. Signaes abreviativos. Notações numeradas. Valor em metros da milha maritima (1' do equador ou 1.855 metros).

3. Applicação das medidas de superficie ao calculo das áreas. Revisão dos programmas anteriores. A área do circulo.

4. Applicação das medidas de volume ao calculo dos volumes. Revisão dos programmas anteriores. O volume do cylindro, do cone e da esphera.

5. Tonel e quintal metrico. Relação entre os pesos e as medidas de volume e de capacidade. Noção dos pesos especificos : fazer sopesar e pesar alguns corpos do mesmo volume, mas de natureza differente ; corpos do mesmo peso sob volumes differentes. Pesos especificos dos metaes communs, de algumas outras materias. Problemas de applicação.

6. Noção do titulo das moedas de prata e ouro. Indicação do valor em moeda belga : — do florim neerlandez, do marco allemão, de sholling, da libra esterlina, do dólлар, do rublo. Problemas de applicação.

MODELOS GEOMETRICOS

1. As fórmulas geometricas são ensinadas especialmente com o fim de exercitar os sentidos e a intelligencia e de fornecer aos alumnos noções praticas e uteis.

O professor procede, por consequencia, fazendo observar, analysar e comparar as fórmulas geometricas, materialmente representadas em madeira, em cartão ou com auxilio de bastonetes, etc. A observação não pôde fazer-se unicamente pela vista, que, pelo effeito da perspectiva, não fornece senão noções inexactas sobre as fórmulas, as dimensões, as distancias ; os alumnos percebem as fórmulas, as dimensões, as direcções, etc., pelo toque e o sentido muscular, que rectificam as impressões da vista. Elles devem, pois, manejar e construir as fórmulas pelos processos collidos no methodo Froebel (modelação, bastonetes, dobradura, cóрте, cartongem, desenho).

2. Os alumnos são exercitados em procurar os objectos communs nos quaes cada fórmula estudada se apresenta exactamente mais ou menos modificada. Exemplos : Cylindro

(lapis, caneta, rolo de papel, caixas, tubos de gaz, vidros de lampeão, etc.) E' util formar, com o concurso dos alumnos, em cada classe, a collecção dos modelos pertencentes ao programma dessa classe.

3. As applicações dos modelos geometricos nos officios são indicadas tão completamente quanto possivel.

4. O caracter do ensino dos modelos geometricos deve ser essencialmente intuitivo e pratico: as definições difficeis e as demonstraões scientificas não são dadas. Entretanto, os alumnos são exercitados em descrever de viva voz as figuras estudadas, primeiro que tudo em presença dos modelos e apoz de memoria. Essas descripções são exercicios de educação especialmente recommendados, porque dão precisão ao pensamento e á linguagem.

5. As figuras geometricas servem para ensinar as fórmulas ou as propriedades das que devem ser traçadas correctamente no quadro negro, por meio de instrumentos. E' observando e construindo figuras exactas, combinando-as, superpondo-as, examinando suas relações, que os alumnos acharão por si mesmos toda a geometria elementar, sem que ella seja questão de definições, de theoremas, de corollarios, etc. A superposição de figuras correctamente construidas é o modo de demonstração por excellencia no ensino primario. Ella se faz em todas as classes com o auxilio do processo de *corte* ensinado no programma de trabalhos manuaes.

6. Os dictados geometricos se fazem em todas as classes, uma vez por semana. Os alumnos traçam as figuras dictadas sobre os quadros negros que circumdam a sala. Naquellas que não possuem ainda estes utensis de ensino, elles os traçam sobre a carteira (a giz) na ardosia ou no papel (a lapis).

(Na escola-modelo annexa á Escola Normal de Bruxellas assisti a este exercicio. Enquanto um alumno, sob a direcção do professor, fazia no grande quadro negro que está ao lado do mesmo, a figura geometrica dictada, alguns outros, sem que olhassem para elle, traçavam igual figura em identicos quadros negros que havia ao longo das paredes da sala da aula.

Os outros alumnos, para os quaes não havia logar nos quadros pretos muraes, traçavam a mesma figura dictada, nas ardozias, todos ao mesmo tempo. A um signal dado, os alumnos em geral mostravam o que tinham feito: os dos quadros

negros muraes, afastando-se, para que fosse visto o seu trabalho, os outros levantando as ardosias com a frente das mesmas para o professor. Olhando para o quadro negro, que estava junto á mesa do professor, verificavam se o trabalho estava bem feito como o que ahi se achava. O professor então fazia salientar os defeitos deste ou daquelle e corrigia-os.

Exercicio identico foi feito sobre calculos importantissimos, dictados de phrases, etc. Achei bom o systema, porque poupa tempo e trabalho e o ensino assim se faz simultaneamente com muita perfeição.

As linhas, angulos e figuras são desenhados em todas as posições. O dictado geometrico se faz tambem da maneira seguinte, de accordo com o programma:

1.º O professor imagina e traça exactamente e de antemão uma figura geometrica relativa ás noções ensinadas ;

2.º Elle dicta lentamente cada condição de construcção desta figura : posição que deve occupar cada ponto ou cada linha, direcção das linhas, sua extensão, abertura, direcção, grandeza dos angulos, etc. ;

3.º Os alumnos traçam as figuras dictadas a mão levantada e depressa ;

4.º O trabalho terminado, elles verificam a figura por meio do esquadro Weyel. (O esquadro de Weyel é um esquadro triangular em madeira, do qual os dois lados do angulo recto são divididos em decímetros, centímetros e millímetros. O meio é ôco e fôrma um transferidor. O instrumento substitúe vantajosamente uma régua, um esquadro, um duplo decimetro e um transferidor.) O professor examina rapidamente o trabalho, com o auxilio da figura, correctamente cortada em uma folha de papel forte: é sufficiente estender este molde sobre o traçado dos alumnos.

1º ANNO DE ESTUDOS— 1. A esphera, o cylindro, o cubo. Intuição, comparação; noções: superficie plana e superficie curva. Objectos communs apresentando essas fôrmas.

2.º O cubo e o prisma (parallelepipedo rectangulo). Intuição, comparação. Superficie plana, arestas, cume. Construcção destes corpos. (Ver o programma de trabalhos manuaes.)

3.º Analyse do cubo. Numero de faces, sua igualdade ;

numero de arestas, sua igualdade ; numero de cumes. Objectos communs apresentando a fôrma cubica. Construcção. (Ver trabalhos manuaes.)

4. Fôrmas geometricas que derivam do cubo. O quadrado : intuição, analyse ; a linha direita ; as faces e linhas parallelas. (Ver desenho e trabalhos manuaes.) Dictados geometricos.

5. Analyse do prisma (parallelepipedo rectangulo). Numero de arestas, de faces e de cumes ; desigualdade das faces e das arestas. Objectos communs apresentando esta fôrma. (Ver trabalhos manuaes.)

6. Fôrmas geometricas que derivam do prisma. O rectangulo. Comparação entre o quadrado e o rectangulo. Dictados geometricos. Construcção. (Ver trabalhos manuaes e desenho.)

7. Diagonaes do quadrado e do rectangulo. Dictados geometricos.

8. A direcção vertical (o fio a prumo), a direcção horizontal (o nivel d'agua immovel), a direcção obliqua. Direcção das rectas, dos planos. Fazer determinar a direcção das linhas e das superficies que se encontram na classe, nos objectos, etc.

9. Medidas das linhas rectas. (Ver systema metrico.) Sua divisão em 2, 4, 8, 3 e 6 partes iguaes. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

2º ANNO DE ESTUDOS — 1. O cubo. Analyse. Desenvolvimento e construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

2. O prisma (parallelepipedo (esta palavra difficil não deve ser empregada no 1º grau) rectangulo. Analyse.) Comparação com o cubo. Desenvolvimento. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

3. O quadrado e o rectangulo. Intuição. Comparação. Mediana, diagonaes. Dictados geometricos. Construcções. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

4. Linhas rectas, faces e linhas parallelas, perpendiculares, verticaes, horizontaes e obliquas. Objectos communs. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

5. O angulo recto, o angulo agudo, o angulo obtuso. Intuição. Comparação. Os angulos nos objectos communs. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

6. O triangulo. Triangulo a 3 e a 2 lados iguaes, a 3 desiguaes, triangulo rectangulo, triangulo de angulos agudos, de angulos obtusos. Intuição. Analyse. Comparação. Objectos communs que tenham essas fôrmas. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

7. Medidas de linhas rectas. Ver Systema metrico. Sua divisão em 2, 4, 8, 3, 6, 9, 5, 10 partes iguaes.

8. O cylindro. Intuição. Analyse. Superficie curva; bases. Comparação com os outros solidos. Objectos communs de fôrma cylindrica. Construcção destes corpos. (Ver trabalhos manuaes.)

9. O circulo. Centro, raio, circumferencia, diametro. Intuição e analyse; objectos de fôrma circular. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

10. A esphera. Centro, raio, diametro, hemispherios. Intuição, analyse, comparação, objectos esphericos. Construcção. (Ver trabalhos manuaes.)

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. O cubo e o parallelepipedo rectangulo. Analyse, comparação, desenvolvimento, construcção desses modelos. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

2. Os angulos (recto, agudo, obtuso); a bissetriz; divisão em 2, 4, 3 e 6 partes iguaes. Posição respectiva dos angulos: 2 angulos adjacentes; angulos oppostos pelo vertice. Intuição. Comparação. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

3. O circulo e a circumferencia. Centro, raio, diametro, arco, corda. Divisão da circumferencia em 2, 4, 8, 3, 9, 5, 10 partes iguaes. Noção do grau. O transferidor. Dictados geometricos sobre a construcção de angulos de grandeza dada. Construcção e emprego do transferidor. Apreciação dos angulos e verificação pelo transferidor. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

4. Rectas e planos paralelos; rectas e planos perpendiculares. Intuição. Objectos de arestas e faces paralelas. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

5. A'rea do quadrado e do rectangulo. Decomposição dessas figuras em unidades de superficie. Applicações numerosas. Medir a superficie dos muros, do soalho e do tecto da aula. Construir um quadrado duplo e um quadrado da metade de um quadrado dado. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

6. O prisma recto. Intuição. Analyse. Comparação com os outros solidos. Objectos communs de fôrma prismatica. Diferentes especies de prismas. Desenvolvimento e construcção deste modelo. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

7. As diversas especies de triangulos. Analyse. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

8. Os quadrilateros. Os parallelogrammos: especies. O trapessio e o losango: intuição, analyse, comparação. Objectos communs dessa fôrma. Dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

9. A'rea do parallelogrammo. Applicações numerosas.

10. O cylindro. Intuição. Analyse. Comparação com outros solidos. Objectos communs de fôrma cylindrica. Desenvolvimento e construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes).

11. A esphera. Centro, raio, diametro; hemispherio, grande circulo; pequeno circulo; zona.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão das materias do programma do 3º anno. Applicações novas, desenvolvimento e construcção (cubo, paralelepipedo, rectangulo, prismas, cylindro, esphera e fôrmas derivadas).

2. Os angulos e o circulo. Medir os angulos. Angulos complementares e supplementares. Angulo concentrico. Sector. Exercicios de construcção e calculo. Dictados geometricos.

3. Volume do cubo e do paralelepipedo rectangulo. Decomposição destes solidos em unidades de volume. Applicações numerosas. Medir o volume da aula, de diversas caixas, etc.

4. A'rea das figuras planas. Parallelogrammo (quadrado, rectangulo, lozango); triangulo, trapezio. Applicações numerosas. Construcção de figuras demonstrativas. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

5. Os polygonos irregulares e regulares. Polygonos de 3 lados (triangulo), de 4 lados (quadrilatero), de 5 lados (pentagono), de 6 lados (hexagono), de 7 lados (heptagono), de 8 lados (octogono), de 9 lados (enneagono), de 10 lados (decagono), dictados geometricos. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

6. Cylindro. Intuição. Analyse, desenvolvimento. Construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

7. A esphera. Intuição. Analyse. Centro. Raio. Diametro. Grande circulo. Hemispherio. Pequeno circulo. Zona. Eixo de uma esphera. A direcção das linhas e dos planos sobre uma esphera representando a terra. (Ver geographia.)

5º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão das noções fundamentaes do grau precedente. Intuição, analyse, comparação com outras fôrmas. Base, cume, altura, superficie lateral, superficie total dos solidos geometricos.

2. A pyramide. Intuição. Analyse, comparação. Angulo diedro. Angulo triedro. Angulo polyedro. Pyramide triangular, quadrangular, pentagonal, etc. Objectos de fôrma pyramidal. Dictados geometricos. Desenvolvimento, construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes).

3. A pyramide truncada. Intuição. Analyse. Comparação com outros solidos. Objectos tendo esta fôrma. Dictado geo-

metrico. Desenvolvimento e construcção. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

4. Medidas das áreas. Revisão dos programmas do grau anterior. Medida da área dos polygonos regulares e irregulares. Medida da superficie dos solidos geometricos: cubo, prismas, pyramides, troncos de pyramides. Aplicações numerosas.

5. Os polygonos semelhantes. Exemplos de figuras iguaes. (Planos de casas, de cidades, de cartas geographicas, estatuas, etc.) Reducção de figuras geometricas em uma proporção dada. Dictados geometricos: polygonos a reduzir.

6. (Sómente para os meninos.) Exercicios facéis de agrimensura. Emprego da corrente, das estacas e do esquadro de agrimensor.

7. (Sómente para os meninos). Medição: 1º, com o metro; 2º, com o esquadro, de alguns planos facéis. (Recreio da escola, figuras das quaes os cumes são marcados no chão por estacas.)

8. Construcção e medição de angulos com o transferidor. Exercicios numerosos.

9. Medidas de volume dos corpos. Cubo, prismas, pyramides.

N. B. — Construir um prisma triangular dividido em tres pyramides equivalentes. (Ver trabalhos manuaes.)

10. A esphera. Revisão do programma do 4º anno; plano tangente, plano seccante à esphera.

11. O circulo. Revisão do programma do 4º anno; tangente, seccante, segmento. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão das noções dos graus anteriores. Analyse e comparação dos solidos geometricos: cubo, prismas, pyramides, tronco de pyramide, cylindro, esphera. Analyse e comparação das figuras planas que derivam desses solidos: linhas rectas, curvas, linhas e planos parallelas, perpendiculares; polygonos, triangulos, quadrilateros, parallelogrammos, quadrado, rectangulo, losango, trapezio, polygonos regulares e irregulares, circulo, circumferencia, etc.

2. O cone e o tronco de cone. Intuição, analyse, comparação com a pyramide. Objectos de fórmula conica. Desenvolvimento. Construcção do cone. (Ver desenho e trabalhos manuaes.)

3. Formação dos corpos redondos pela revolução de figuras planas, volvendo sobre um eixo. A esphera gyrada por um

meio circulo, o cylindro por um rectangulo, o cone por um triangulo, o tronco de cone por um trapezio, etc. Construcção. (Ver trabalhos manuaes.)

4. O circulo e a circumferencia. Determinação experimental da relação da circumferencia com o diametro: fazer traçar com o giz no chão do pateo coberto ou no recreio circumferencias de 1, 2... metros de raio, e comparar o comprimento destas circumferencias com o do diametro; exercicios analogos no quadro negro e no caderno. Medida da circumferencia. Divisão da circumferencia em graus. Medida dos arcos e dos angulos. Emprego do transferidor.

5. Medida das áreas. Rectangulo, quadrado, parallelogrammo, triangulo, trapezio, polygono irregular, circulo. Medida da superficie dos solidos geometricos: cubo, prisma, pyramide, tronco de pyramide, cylindro, cone, tronco do cone, esphera. Applicções numerosas. Dictados geometricos de figuras planas de todas as fórmãs, das quaes se medirá a área.

6. Medida de volume dos corpos. Cubo, parallelepipedo, prisma, cylindro, pyramide, cone, esphera. Applicções numerosas.

7. (Para os meninos somente.) Exercicios faceis de agri- mensura. (Ver 5º anno.) Exercicios de medição de planos. (Ver 5º anno.) Exercicios de nivelamento. O nivel d'agua: uso do nivel nos officios.

GEOGRAPHIA

1. As primeiras noções desta sciencia adquirem-se pela observação directa do logar natal e seus arredores.

E' Bruxellas e seus arrabaldes que constituem para os alumnos da capital da Belgica o verdadeiro ponto de partida, a verdadeira base dos seus estudos geographicos. Deste modo, o programma de geographia geral e nacional baseia-se inteiramente sobre o da geographia local.

2. Quando o assumpto não póde ser demonstrado pela natureza, é necessario, ao menos, represental-o por meio de gravuras, de pinturas, de photographias, de cartas, de planos, globos, relevos, etc.

O programma indica certos quadros — que possui o Museu de Bellas-Artes — e que podem auxiliar o alumno a obter certas noções geographicas.

3. O professor desenvolve o espirito de seus alumnos por frequentes exercicios de comparação. Tudo sendo relativo, um

numero ou um facto não têm valor senão pela comparação. Eis porque é necessario habituar as creanças a reproduzir por diagrammas a extensão dos rios, a altura das montanhas, a superficie e a população dos paizes, etc., tomando como unidade noções conhecidas por todos os alumnos.

4. Depois de ter observado os factos geographicos, depois de os ter adquirido, é necessario conserval-os na memoria. O melhor meio para fixar as noções geographicas na memoria, é fazer desenhar cartas representando as noções ensinadas.

Estas cartas devem ser simples *croquis* traçados logo no caderno ou no quadro negro.

Nas divisões superiores, ellas podem ser preparadas em casa.

Esses *croquis* permitem e facilitam as repetições frequentes, rapidas, geraes e variadas.

5. A leitura das cartas, isto é, a faculdade de saber analysal-as e comprehendel-as, é uma sciencia que se adquire depressa e fructuosamente por uma pratica constante. As creanças não irão, pois, em viagem ou em excursão sem estar munidas de sua carta ou plano.

6. A geographia, tendo por objecto a descripção da Terra, o programma especifica uma série de licções descriptivas que fazem conhecer o globo terrestre no que elle possui de verdadeiramente interessante.

Para evitar que os professores não tratem de minuciosidades superfluas e de uma nomenclatura secca e esteril, os principaes pontos de cada categoria foram annotados no programma. Os nomes proprios são os unicos que os alumnos têm necessidade de conhecer.

Na classe superior, os professores tratam especialmente dos productos naturaes e industriaes do paiz e de suas relações com os outros paizes do mundo.

7. A parte cosmographica do programma deve ser tratada sobriamente. Provoçar-se-ha dos alumnos observações pessoais sobre os phenomenos celestes, que lhes serão explicados tão simplesmente quanto possivel, reproduzindo-os os alumnos experimentalmente.

O programma indica apenas o que se deve aprender do 3º anno em diante. Não trata do 1º nem do 2º anno.

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. Orientação. Os pontos cardeaes e collateraes determinados pelas posições do Sol. A rosa dos ventos a desenhar. Orientação da aula. Nella estender cordeis na direcção N.-S., E.-O.

2. O plano da aula e da escola. Exercitar a ler esses planos. Fazer caminhar na aula e na escola seguindo certos itinerarios ; fazer indicar em seguida estes no plano, e reciprocamente. Fazer traçar muito simplesmente a planta da aula (recinto, portas, estrado, quadro, lugar dos bancos-carreiras, etc.) Escala da planta. Orientação verdadeira e convencional das plantas.

A PLANTA DE BRUXELLAS. Partindo da escola, determinar a situação das principaes arterias, praças publicas, etc. Leitura de uma planta de Bruxellas simplificada, indicando a collocação da escola, as ruas proximas, os *boulevards* do perimetro, os *boulevards* interiores, a collocação dos arrabaldes.

3. BRUXELLAS E SEUS ARRABALDES. O SENNA. 1º — Fazer observar directamente sobre o terreno a sua nascente e a sua foz em Bruxellas : o leito, a corrente, a nascente, a foz, as margens direita e esquerda, um affluente, um confluente, uma embocadura, as sinuosidades ; a acção das aguas correntes sobre as margens, os depositos de areia, de argilla, etc. Subir um riacho até á sua nascente. Origem das aguas na sua nascente ; chuva, infiltração, aguas subterraneas, etc. Tornar estes factos sensiveis, fazendo-os observar após grande chuva. 2º — Estudo sobre a carta e traçado dos *croquis* : nascente do Senna, curso, direcção, affluentes principaes, localidades, banhados, embocadura.

4. As terras. Fórmãs : 1º, da Belgica com seus limites geographicos ; 2º, da Terra ; 3º, distribuição das terras e das aguas.

O antigo e o novo continente. As partes do mundo, os oceanos.

5. As aguas. Estudo sobre alguns rios, como se fez com o Senna. O mar :— reservatorio commum das aguas terrestres, evaporação, formação das nuvens, chuvas, formação de nascentes. *Croquis* representando cursos d'agua. Os canaes de Bruxellas. Estudo sobre o terreno : calha superior e inferior, represa, subida e descida de um navio ; canal de grande secção e de pequena secção ; bacias e caes de Bruxellas. Pela observação directa, determinar a utilidade commercial dos canaes de Bruxellas. Estudo sobre a carta e traçado de *croquis* ; direcção, pontos extremos, localidades não servidas, utilidade de alguns canaes da cidade.

6. A esphera geographica. Eixo. Polos. O meridiano de Bruxellas. O equador. Os hemispherios. N.-S. E.-O.

7. Estudo sobre o globo terrestre e sobre um planispherio. Bruxellas na esphera. O antipoda.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1. Orientação. Sol e bussola. Orientação convencional das plantas e das cartas. Fôrma da terra. Provas.

2. A planta de Bruxellas. No momento de cada excursão, indicar previamente o itinerario na planta ; seguir o itinerario marcado. A escala. Medida das distancias.

3. Bruxellas e a Belgica. Os grandes caminhos que partem de Bruxellas ; examinar na carta ; situação, em relação a Bruxellas, de algumas das principaes cidades belgas. Traçar um *croquis*, medindo a distancia de Bruxellas a essas cidades. Caminhos de ferro que circumdam Bruxellas. Estudos e traçados. Viagens imaginarias, seguindo o — « Guia official dos caminhos de ferro ».

4. As terras. A Belgica. Fôrma geral. Superficie e população comparadas. Limites geographicos com outros paizes. A Belgica está na Europa. O globo terrestre. Limites geographicos dos continentes, das partes do mundo, dos oceanos. Áreas comparadas. Pontos extremos N., S., E., O., dos continentes e partes do mundo. Fôrmas e direcções das principaes peninsulas. Isthmos. Ilhas principaes.

5. As aguas. Bruxellas e seus arredores. O Senna e seus afluentes, os canaes. (Repetição do programma anterior.) A Belgica. A costa belga do Mar do Norte. Extensão, aspecto, beira-mar, marè, dunas, diques, portos, pesca : vistas e *croquis*. O Mar do Norte : *croquis* de conjuncto. O mesmo processo com outros rios. Os canaes. Estudo de alguns. O globo terrestre. Os oceanos e seus limites ; communições principaes entre elles.

6. Uma série de viagens a traçar na esphera e no planispherio para fixar alguns pontos principaes e familiarisar os alumnos com a nomenclatura. Expedição de Vasco da Gama, de Christovão Colombo, de Magalhães. Contar os episodios interessantes, dar as minuciosidades pittorescas sobre os paizes percorridos e os costumes dos seus habitantes.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1. Orientação. Sol, bussola. A Terra. Fôrmas, dimensões. Medida das distancias sobre a esphera. Movimento de rotação. Exercicios de latitude e longitude sobre a esphera.

2. A planta de Bruxellas. Como no 4º anno.

3. Bruxellas e seus arrabaldes. Estudo do relevo. (Excursão.) Exercicios prévios para fazer comprehender a representação do relevo pelas curvas e pelas côres. Leitura de um *croquis* de Bruxellas.

4. Relevo do sólo. A baixa, a média e a alta Belgica; limites destas regiões; seu aspecto. O globo terrestre. Estudo sobre a esphera, planispherio e cartas especiaes. Fôrma do relevo. Montanhas. Direcção das cadeias principaes. Platôs e planicies mais importantes.

5. As aguas. Bruxellas e seus arrabaldes. Bacias, cursos d'agua, canaes. O globo terrestre. Origem dos rios e lagos. Seu papel na natureza. Principaes rios e lagos. Desenho dos seus cursos, direcções, cidades, banhados, etc. Configuração das costas e dos mares. Fazer comparar as fôrmas das costas das diversas partes do mundo. Observar a fôrma dos mares, golphos, etc., as communicações entre elles, situação de alguns portos importantes.

6. A Belgica. Províncias e suas capitaes. Os caminhos de ferro. Principaes vias. Viagens imaginarias com o *Guia das estradas de ferro*.

7. Estados da Europa, seus limites e capitaes. Numerosas viagens na esphera e nas cartas.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. Orientação. Sol. Bussola. Estrella polar. A Terra. (Revisão.) Fôrma. Dimensões. Medida das distancias sobre a esphera geographica. Movimento de rotação. Latitude e longitude. Movimento de revolução annual. Provas e consequencias. Obliquidade do eixo. Estações. A lua. Fôrma. Distancia. Phases. Constituição physica. Os eclipses do sol e da lua.

2. A planta de Bruxellas. Como no 4º anno.

3. Bruxellas e arredores. No momento do passeio e das excursões (botanica, industria, etc.), estudar préviamente o itinerario sobre a carta militar.

4. Relevo do sólo. Belgica. A região das planicies. Seu aspecto. A região montanhosa. Seu aspecto. O globo terrestre. Cadeias de montanhas, vulcões, planicies e platôs principaes.

5. As aguas. O Mar do Norte. Vagas, correntes, marés. Noções succintas. O globo terrestre. Os rios, lagos, mares, estreitos e portos. O oceano. O Gulf-Stream.

6. O clima. Vento dominante, chuva. Temperatura. Influencia da altitude. Influencia do Gulf-Stream. O globo terrestre. Os ventos e sua formação. Os climas, as zonas.

7. Commercio e industria. Minas e pedreiras. Regiões e centros principaes de exploração. Industrias mineralogicas. Regiões e centros de exploração principaes (vidraria, laminação, etc.)

O globo terrestre e a carta da Europa. Relações commerciaes da Belgica com os principaes paizes. Importação e exportação.

As regiões agricolas; seu aspecto e produções principaes; as principaes industrias. As produções animaes da Belgica: animaes domesticos e selvagens (destes, caça e pesca); Revisão, por provincia, das materias dos programmas do 5º e 6º annos.

O programma indica tambem quaes as montanhas, rios, lagos, mares, estreitos e portos da Europa, Asia, Africa e America que devem ser estudados. Indica mais os quadros dos museus de Bruxellas que, nos passeios escolares, convém mostrar aos alumnos, sob o ponto de vista da geographia.

HISTORIA

INSTRUCÇÕES GERAES

1. A historia propriamente dita não é ensinada senão no 3º grau.

Para a estudar utilmente, é preciso uma certa madureza de espirito, que as creanças não podem possuir. O conjuncto dos exercicios de toda a natureza das quatro classes inferiores dá aos alumnos um sã discernimento, tornando-os aptos para julgar os factos, condição necessaria para que possam abordar com proveito o estudo elementar da historia.

2. Este ramo deve ser ensinado especialmente no sentido de preparar os alumnos a cumprir mais tarde com intelligencia a funcção de cidadão. Não se sobrecarregará sua memoria com as minuciosidades sem valor da vida dos soberanos, as intrigas da cõrte, as usurpações e outros factos deste genero, que não deram brilho algum sobre a historia propriamente. O professor esboça, em uma linguagem simples, mas viva, o que constitúe a historia natural da sociedade. Ella relata unicamente os factos que nos auxiliam a comprehender como a nação se engrandeceu e organizou; esclarece-nos sobre nossos deveres para com a patria e a humanidade e nos traça o verdadeiro caminho do progresso.

Para cada periodo historico do programma, se dá uma exposição summaria do governo, dos costumes, dos preconceitos, dos usos populares, das castas sociaes, dos seus privilegios, da organização do trabalho, do estudo da industria, do commercio, das artes, das sciencias. As diversas epochas são comparadas com as precedentes e com a actual. Essas comparações dão aos

alumnos uma idéa da transformação progressiva da sociedade através dos seculos.

3. Para fazer nascer nos alumnos a idéa da realidade na historia, principia-se pela marcha regressiva. Faz-se procurar os factos de sua propria historia, da de sua familia; remonta-se à historia da revolução de 1830; faz-se conhecer as principaes fontes da historia; o que honve na industria, medalhas, moedas, monumentos, manuscritos, livros, etc.

Estabelecida esta base, começa-se o curso da historia na ordem chronologica. O professor lerá de tempos a tempos aos alumnos narrações de testemunhas oculares: elle as achará no livro de Eug. Van Bommel, intitulado — « Historia da Belgica, tirada textualmente das narrações dos escriptores contemporaneos ».

4. Afim de fixar os factos no tempo em que se deram, o curso começa por uma exposição chronologica rapida de nossa historia, desde a conquista romana até aos nossos dias. Os diversos periodos são indicados na ordem de sua successão. E' no quadro, traçado nitidamente primeiro, que os alumnos inscrevem os factos à proporção e à medida que são expostos.

5. A intuição sensível no ensino da historia não é possível senão pela exhibição de documentos, gravuras, estampas, quadros, monumentos, etc. Bruxellas se acha em excellentes condições a esse respeito. A Camara Municipal, o Museu Communal, o Museu antigo, o Museu moderno, o Museu de antiguidades e de armaduras (Palacio do Cincoentenario), o Palacio da Academia, a Camara dos Deputados e o Senado possuem numerosos quadros representando scenas historicas. No programma estão indicados, para cada periodo, os monumentos e os quadros que a elle se referem. Os professores conduzem seus alumnos a esses museus e os fazem ver e analysar, se não todos os quadros indicados, pelo menos os principaes. A licção dada diante destas obras é mais efficaz, deixa mais profundas lembranças do que a simples narração feita na aula, sem nada que recorde e lembre à vista os factos do passado e que auxilie o espirito a comprehendel-os. Estas visitas aos museus, monumentos, etc. exercem, demais, uma feliz influencia sobre o desenvolvimento do sentimento do bello.

6. A' historia geral do paiz, o professor liga os principaes factos da historia de Bruxellas. O interesse das creanças augmenta, logo que se lhes conta os factos passados na sua cidade natal e que se lhes mostra os monumentos relativos a esses factos, indicando-se-lhes o logar exacto em que elles se deram.

7. O professor abster-se-ha de fazer decorar a lição de historia. Os alumnos tomam notas, redigem resumos ou transcrevem os que o professor julga util d r-lhes. As repetições são exercicios de elocução e não de recitação.

PROGRAMMA

O ensino da historia é dado, pois, apenas no 5º e 6º annos, os mais adiantados. Os do 6º anno repetem os pontos de historia dados no 5º com desenvolvimento maior, antes de estudarem outros pontos. Para as meninas o ensino limitar-se-ha ao 6º anno, passando rapidamente em revista os factos da historia geral. Só se insistirá sobre os pontos relativos á historia de Bruxellas.

5º ANNO DE ESTUDOS — A Belgica antiga e seus habitantes ; aspecto do solo ; usos e costumes. Conquista da Belgica pelos romanos. Invasão dos francos. Os reis ociosos, os maires do palacio. Carlos Magno. O regimen feudal. As cruzadas. A duqueza de Brabant. Ascensão ao poder da casa de Bourgogne. Maria de Bourgogne. Carlos V. A dominação austriaca. José II ; a revolução brabantonne. A Belgica sob o regimen francez (a Revolução franceza, causas e resultados). O reino dos Paizes-Baixos ; revolução de 1830 ; carta do reino dos Paizes-Baixos. A Belgica independente ; Leopoldo I e Leopoldo II.

6º ANNO DE ESTUDOS — O periodo prehistorico na Belgica. Aspecto do paiz ; habitantes das cavernas, armas, ferramentas, etc. ; Visitar a galeria prehistorica do Museu de Historia Natural. Dominação romana ; influencia sobre os costumes, a lingua, etc. Introduçção do christianismo na Belgica : influencia sobre os costumes, as idéas, etc. ; os mosteiros. Os Carolingianos. Invasão dos sarracenos. (Origem do Mahometismo.) Carlos Magno. Suas conquistas. Limites do seu imperio. Suas instituições. O ensino sob Carlos Magno. Divisão do imperio de Carlos Magno. Historia de Bruxellas até ao seculo XIII. As communas. Origem, franquezas e privilegios, corporações, poder das communas. Curta noticia sobre os principes que favoreceram o desenvolvimento das communas. Historia de Bruxellas nos seculos XIII e XIV. Luctas das communas flamengas contra o rei de França. Carta geral da Belgica no seculo XIV. A arte antiga na Belgica. Os pintores ; monu-

mentos civis e religiosos dos seculos XIV e XV ; os esculptores, os musicos, os litteratos, etc. Carlos, o Temerario. Grandes acontecimentos da revolução do seculo XVI. Alberto e Isabel. As lettras, as sciencias, as artes nos seculos XVI e XVII. Historia de Bruxellas. Bombardeamento de Bruxellas em 1695. Progressos da Belgica desde 1830 : commercio, industria, ensino, artes, sciencias, lettras, etc. Desenvolvimento da cidade de Bruxellas desde 1830.

O programma cita em seguida os monumentos que existem em Bruxellas e que devem ser vistos pelos alumnos como auxiliar ao estudo da historia. Entre esses monumentos acham-se : — praças, torres, igrejas, estatuas, a Camara Municipal, castellos, columnas, quarteiros historicos, etc.

Depois cita os quadros historicos, que devem ser vistos pelos alumnos e explicados pelos professores. Esses quadros acham-se no : — Palacio das academias, Museus reaes de pintura (antigo e moderno), Camara Municipal, Museu Communal, Museu de antiguidades, Senado e na Camara dos Deputados.

NOÇÕES DE DIREITO CONSTITUCIONAL

Para os rapazes somente

Esse ensino é dado apenas no ultimo anno do curso.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. As auctoridades communaes e as auctoridades provinciaes ; suas principaes attribuições. Visitar a Camara Municipal e a Sala do Conselho provincial. Divisão administrativa e judiciaria. 2. Liberdades e direitos que a Constituição garante aos belgas. 3. Exposição summaria da organização e attribuições dos tres grandes poderes do Estado: as Camaras legislativas, o Rei e seus Ministros, o Poder judiciario. — *N. B.* — Visitar a Camara dos Deputados, e Senado, o Palacio da Justiça. 4. Noções muito summarias sobre o imposto directo e indirecto. Dos eleitores. Condições que é preciso reunir para ser : eleitor geral, eleitor provincial e eleitor communal. 5. Uma palavra sobre o fim e a organização da instrucção publica.

NOÇÕES DE ECONOMIA SOCIAL

Sómente para os rapazes

Este ensino é dado apenas no ultimo anno do curso.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. As necessidades do homem. A sociedade e suas vantagens. A propriedade. O capital. A economia e as caixas economicas. 2. O trabalho. Divisão do trabalho. Poder de associação. As machinas. 3. O cambio. O preço das cousas e o salario variando na razão da offerta e da procura. 4. Sociedades de previdencia. Mutualidade. Sociedades cooperativas.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

Sómente para as meninas

Este ensino é dado nos dois ultimos annos do curso.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1. Condições que deve reunir uma habitação para ser saudavel. Ventilação ; calor ; luz ; asseio. Conselhos praticos.

2. O mobiliario, sua conservação.

3. Tracto da roupa branca, dos leitos e das vestimentas. Lavagem da roupa. Conselhos praticos.

4. *Toilette* das pessoas jovens.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. Revisão do programma do 5º anno.

2. Conselhos praticos relativos á alimentação ; qualidades dos alimentos ; sua conservação : pão, batatas, carnes, peixes, ovos, manteiga, banhas, legumes, fructas.

3. Instrucções geraes e praticas sobre as preparações culinarias.

4. Bateria de cozinha : materia de que é feita, asseio.

5. Bebidas : agua, leite, café, chocolate, chá, cervejas.

6. Receitas e despezas da familia.

7. Conselhos praticos sobre a maneira de educar as creanças (cuidados physicos e moraes).

NOÇÕES ELEMENTARES DE SCIENCIAS NATURAES

1. Na escola primaria não se ensina sciencias naturaes propriamente ditas, mas colhe-se nos dominios destas as noções de mais facil comprehensão para as creanças. Estas noções são ensinadas com o fim de habituar as creanças a observar, comparar e reflectir, julgar e sobretudo exprimir correctamente seus pensamentos.

2. As licções sobre estas materias devem ser dadas em presença dos proprios objectos ou, na sua falta, por meio de boas estampas. E' preciso não sómente mostrar os objectos, como tambem, desde que é possivel, collocal-os nas mãos dos alumnos, afim de que os examinem e tenham assim uma idéa mais exacta da sua fórma e das suas propriedades. Frequentemente as creanças procuram sómente conhecer o nome das cousas; é preciso, porém, que conheçam factos e não palavras.

3. O professor deve dirigir os alumnos nas suas observações: não fará exposição das propriedades e dos caracteres apparentes dos objectos; procederá antes por interrogações, de modo a provocar nos alumnos a observação e a reflexão pessoaes.

4. O ensino das sciencias physicas e naturaes deve ser visto como a continuação dos exercicios de intuição e de linguagem do primeiro grau.

As primeiras noções destas sciencias, ensinadas pelo methodo de observação e por meio de experiencias simples e claras, exercitam os sentidos, desenvolvem as faculdades intellectuaes e o sentimento esthetico, fornecem habitos de observação attenta, de analyse exacta, de fecunda curiosidade e enriquecem o espirito de noções simples e claras sobre os phenomenos e os seres da natureza; ensinam, emfim, os alumnos a pensar por si mesmos.

Estas licções, se o professor sabe conservar-se nos limites primarios da sciencia — são as melhores para dar ao espirito todo o seu desenvolvimento, para provocar a iniciativa e a espontaneidade.

Para conseguir o que acima fica dito, é preciso que o professor ensine os alumnos a observar os objectos que estudam, comparal-os entre si, — aproveitar as relações geraes que os unem e consequentemente a generalisar, a saber tirar de experiencias muito simples as conclusões mais uteis, a exercitar, por sua vez, a reflexão, o julgamento e o raciocinio; — é preciso, sobretudo, que evite o abuso dos termos technicos, esse terrivel

escôlho que se encontra no estudo elementar das sciencias naturaes. Recommenda-se ao professorado que se inspire no excellent methodo elementar adoptado pelos vulgarisadores contemporaneos nas suas obras classicas, que mostram clara e nitidamente o caminho a seguir no ensino das sciencias na escola primaria. (PAUL BERT: O primeiro anno scientifico; GASTON BONNIER: Licções de cousas, animaes, vegetaes, pedras e terrenos, elementos de sciencias physicas e naturaes; J. MACÉ: Historia de um bocado de pão; TISSANDIER: As recreações scientificas, etc.) Não se trata de seguir estas obras litteralmente, mas de as consultar no ponto de vista methodologico, e nunca esquecer que na escola primaria não se pôde tratar as sciencias pelos methodos de ensino médio ou superior. As sciencias não são alli introduzidas senão a titulo de instrumento de aperfeiçoamento intellectual e moral.

6. Para todas as noções que se ensinam, os professores excitam seus alumnos a fazerem collecções pessoaes, guardando a ordem e a conservação. Os professores fazem, com o concurso das creanças, collecções-typos, propriedade commum da classe. Todas as inscripções são escriptas em francez e flamengo.

7. O programma, que em seguida vem, é o *maximum* que cada um se esforça por ensinar. O do primeiro grau não é mais que uma indicação de assumptos de observação e de conversações familiares, que o professor se esforçará por tornar interessantes.

Quanto ao programma de sciencias naturaes, que não pertence senão ao 2^o e 3^o grau, não pôde, em caso algum, ser considerado como um programma de noções que as creanças devem aprender; elle não pôde ser senão um programma de exercicios intellectuaes e nenhuma das materias que por elle são ensinadas pôde ser tratada, se os alumnos são incapazes, por falta de preparação, para as comprehender.

« Tomar de cada sciencia os factos dominantes, fundamentaes, diz Paul Bert, expol-os minuciosamente para que se mostrem bem clara e nitidamente ao espirito da creança e se fixem solidamente na memoria, abandonando os factos secundarios, taes são as regras principaes que se devem impôr. »

1^o ANNO DE ESTUDOS—I. O corpo (homem e animaes). Partes visiveis. Fazer descrever pelos alumnos as partes visiveis do corpo; repetir as descripções tratando de uma série

de animaes. Os movimentos que se fazem com as diversas partes descriptas, etc. Liga a estas lições, conselhos hygienicos, os cuidados do asseio, etc.

1. Cabeça, pescoço, tronco, membros. Os mesmos nomes se dão ás partes analogas nos animaes. (Exemplos sobre uma série de animaes : cão, gato, cavallo, boi, carneiro, cabra, gallo, gallinha, etc.) Animaes aos quaes falta uma ou varias dessas partes. (Exemplos: rã e peixe, verme, etc.)

2. Cabeça. Distincção das partes: craneo, cabelleira, cara. A fronte, as duas fontes, as duas faces, o queixo, os dois olhos, as duas orelhas, o nariz (as duas narinas), a bocca (os dois labios). Palpebras, pestanas, sobrancelhas, barba.— Nomes da bocca em certos animaes (cão, gato, passaro, etc.; a guella, o focinho, o bico, etc.) Partes da bocca: dois labios, duas mandibulas, tres especies de dentes (8 incisivos, 4 caninos, 20 molares). Os dentes em certos animaes: cão, gato, boi, coelho, peixe, etc.

3. Pescoço: garganta, nuca.

4. Tronco : peito e ventre ; costas e nadegas ; lados direito e esquerdo, os quadris, as espaduas.

5. Membros : Dois superiores : braço direito e braço esquerdo ; dois inferiores : perna direita e perna esquerda. Nos animaes : membros anteriores e posteriores ; patas, azas, barbatanas. (Assim aos que têm mais de quatro membros : moscas, aranhas, etc.) Membros superiores: braço, antebraço (cotovello e punho), mão : palma, costas, dedos, nomes dos dedos. Membros inferiores: côxa, perna (joelho), pé (planta, calcanhar, costas do pé, tornozelo, artelhos).

II. As vestimentas. Descrevel-as. A materia de que ellas são feitas. Os operarios que as fazem. Utilidade das vestimentas. Cuidados para a sua conservação. Civilidade. Os chapéos. Os sapatos. As roupas brancas, as toalhas e lençóes. As vestimentas de homens e de mulheres.

III. A familia. Os paes. Deveres das creanças para com seus paes.

IV. A casa. As partes da casa. Os habitantes. Os moveis A ordem e o asseio.

V. A comida. Porque nos nutrimos. O almoço, o jantar, a merenda, a ceia. Os alimentos solidos e liquidos. O açougueiro, o peixeiro, o padeiro, o salchicheiro, o pastelleiro, o quitandeiro, o botequineiro, o taverneiro, o leiteiro, etc. O que elles vendem. Conselhos hygienicos sobre a alimentação. Civilidade. Como se deve comer.

VI. Plantas alimenticias. A unir ao § V.

VII. Algumas plantas de ornamentação, taes como a roseira, o lilaz, boninas, margaridas, amores-perfeitos, etc.

VIII. Os animaes. Fazer descrever os animaes domesticos. Os serviços que elles nos prestam. Alguns outros animaes, taes como o rato, o camondongo, o pardal, o canario, a minhoca, a mosca, o besouro, o arenque, a agulha, a arraia, o marisco, rã, etc.

IX. A escola. As pessoas. Os deveres das creanças para com o director e o professor. A aula: partes da aula (paredes, o tecto, o soalho, janellas, portas, etc.) Os moveis da aula (banco-carteira, quadro, estrado, etc.) Os objectos classicos: papel, caderno, lapis, penna, caneta, livro, etc. Por que a creança deve aprender esses deveres como escolar: attenção, obediencia, etc.

X. A orientação pela posição do sol: norte, sul, este, oeste. Observação no pateo da escola. Marcar as direcções, na aula, por meio de cordeis estendidos de uma parede a outra. Leitura da planta da aula. Viagens sobre esta planta.

XI. Da casa da escola. A rua. A praça publica. As casas. As lojas. Os armazens. Os officios.

2º ANNO DE ESTUDOS — Nas excursões, fazer observar, tanto quanto possivel, a direcção que se segue (exercicios praticos de orientação). Attrahir tambem a attenção em todos os passeios sobre os factos da geographia local: cidade, arredores, villas, grandes estradas, accidentes do solo, culturas, planicies, valles, cursos de agua, canaes, etc., etc. (Nenhuma definição, nada, senão exercicios intuitivos.)

(As escolas de Bruxellas têm férias durante os mezes de Julho e Agosto. O programma de Noções elementares de sciencias naturaes, designa para cada mez do anno escolar, a comecar do 2º anno de estudos, o que se deve ensinar aos alumnos, não sendo admissivel aos professores ultrapassar os limites do ensino ahi determinados.)

SETEMBRO — Exercicios de orientação pela observação da posição do sol. (Ver X, 1º anno.) Leitura da planta da-aula e da escola. O outomno. O tempo proprio dessa estação; levantar e deitar do sol; extensão do dia e da noite. Um passeio nos campos: a madeira, a floresta; as arvores, seu aspecto; a aveleira e seus fructos; um ramalhete de flôres do outomno. As andorinhas reunem-se; sua partida; para onde se dirigem. A colheita das batatas.

OUTUBRO — O outomno. Um passeio nos campos. A faia e seus fructos. O carvalho e as bolotas. A quéda das folhas.

O pomar ; os fructos. A caça ; animaes selvagens constituindo a caça : lebre, coelho selvagem, o cabrito montez, perdiz, faisão, codorniz.

NOVEMBRO — Um passeio nos campos. A lavoura: a charrua e outras ferramentas proprias desse trabalho. As sementeiras. A illuminação : velas, lampadas, etc.; sebo, cêra, oleo, gaz ; a luz electrica, o phosphoro (madeira, enxofre). O vento, a chuva, o nevoeiro. — O moinho de vento.

DEZEMBRO — O inverno. O tempo proprio dessa estação. O dia mais curto. O frio, a neve, o gelo. A provisão de lenha para o inverno: madeira, oleo, a braza, o fogão, a pá, o atiçador, chaminé.— Frieira, defluxos. Se fôr possível, um passeio n'um dia de gelo: o aspecto dos campos, das arvores ; os ribeiros e lagos gelados ; os patins e os trenós.

JANEIRO — O anno novo ; saudações e cumprimentos ; as amendoas ; laranjas, castanhas, etc.— As vestimentas de inverno : as pellucias, cobertores, lã, algodão, lençóes, flannels ; — linho, o fuso de dobar, agulha, alfinete, coser, fazer *tricot* ; o alfaiate.— Os mezes do anno ; os dias da semana ; as estações.

FEVEREIRO — A extensão do mez ; os annos bissextos. As partes do corpo, homens e animaes. (Ver o 1º anno.) Os sentidos. Os alimentos: as comidas e as bebidas ; as refeições ; os utensis da casa. Hygiene e civilidade : como se deve comer. Se fôr possível, um passeio ao campo : as cotovias começam a apparecer ; as aveleiras em flôr.

MARÇO — Um passeio:— ver construir uma casa ; idéa da planta da casa (recordar a planta da aula e da escola) ; o aterro, o pedreiro, os tijolos e ladrilhos, as pedras, as telhas, a cal, a argamassa, o ferro, o zinco, o chumbo. O tempo proprio dessa estação ; o dia igual à noite ; o refolhar das arvores ; as primeiras flôres (boninas, violetas, etc.)

ABRIL — A primavera.— Passeio no campo. O despertar da natureza ; os dias augmentam-se ; o Sol, fonte de calor e de vida. A vegetação: — grão, raiz, haste, folhas, flôres, fructos. As arvores fructiferas em plena floração. Os passaros ; volta das andorinhas ; migração, ninhos, ovos. O gallinheiro.

MAIO — Um passeio à roça.— Um ramalhete de flôres primaveraes. Passaros e insectos (cotovias, tentilhão, corvo, lagartas, borboletas, besouros, etc.) — A agua: fonte, riacho, rio ; o Senna, o canal, a represa — Os peixes, a pesca.

JUNHO — O verão.— Extensão dos dias. Um passeio à roça: aspecto dos campos e dos bosques. As abelhas. Um ramo de plantas floridas. O morangueiro e seus fructos. Visita à quinta,

o estabulo, a cocheira, o curral dos porcos, o aprisco das ovelhas, o leite, a manteiga, o queijo. Trabalho dos campos.

JULHO — Um passeio á roça. — A colheita do feno. Os campos de cevada, de lupulo, de aveia, de beterrabas, etc. As hortas e o hortelão. A cerejeira e seus fructos. A proxima colheita. Recommendar aos alumnos que observem durante as fêrias como se faz a colheita.

3º ANNO DE ESTUDOS — *Physica*. — 1. Gravidade. A quêda dos corpos. Vertical. Prumo. O nivel. Horizontal.

2. O calor. D'onde provêm o calor. Acção do calor sobre o estado dos corpos; experiencias simples de evaporação, ebullicão, fusão, condensação, congelação. Dilatação, consequencias praticas. Thermometro (observação quotidiana). Dissolução.

3. A agua. Seus estados physicos. A agua na natureza. Explicação simples da formação da neve, da chuva; infiltração da agua no solo; aguas subterraneas; nascentes; cursos d'agua; mar. (Ver *Geographia*.) A agua como força motriz: o moinho de agua.

4. O ar. Provas da sua existencia. O vento. O ar como força motriz: moinhos de vento, navios de vela.

PEDRAS E TERRENOS — 1. Observar e comparar a areia, a argilla, o silex, pedra de cantaria dos arrabaldes de Bruxellas. Fazer colleccionar.

2. Fazer observar as camadas da terra em uma valla: a camada de terra vegetal, de barro, silex, saibro, areia e argilla, etc., que ahi se encontra. Chamar a attenção sobre a superposição das camadas. Os fosseis que se encontram.

N. B. — São simples exercicios de observação, que se fazem directamente sobre o terreno, sem o emprego de termos scientificos.

3. Os metaes usuaes simples. Ferro, chumbo, cobre, zinco, estanho (caracteres physicos, communs).

INDUSTRIAS (sómente para os meninos) — 1. Fabricação dos tijolos.

2. Construcção de uma casa. (Fazer observar os materiaes empregados, as ferramentas.) Para as meninas: materias textis a observar e distinguir no estado bruto, no estado de linha e em tecidos: linho, canhamo e lã.

HOMENS E ANIMAES — O esqueleto: — descripção muito sumaria; fazer observar a posição e a fórma geral dos ossos principaes, o jogo das articulações. — *N. B.* — Não empregar termos da nomenclatura scientifica; dizer: osso do braço, em lugar de

humerus, osso da côxa em lugar de femur, etc. Hygiene. Cuidados com a limpeza. Por meio de comparações entre typos bem caracterisados, dar aos alumnos uma noção simples e clara dos grupos seguintes:— 1.º Vertebrados e invertebrados; 2.º Mamíferos, passaros, reptis, batraccios, peixes; 3.º Mamíferos: bimanos, quadrumanos, carniceiros, roedores; 4.º Passaros: trepadores, palmipedes, pernilongos. Historia pittoresca e familiar dos animaes estudados.

VEGETAES.— A vida da planta. Fazer observar as partes de um grão grosso (ervilha, feijão): involucro, germen, folhas nutritivas. Fazer os germinar e fazer observar pelos alumnos o desenvolvimento das diversas partes: raiz, haste, folhas. Cultivar na aula algumas plantas em vasos e fazer observar os seguintes orgãos: raiz, haste, ramos, ramusculos, botões, folhas, fructos, flôres, grãos. Fazer analysar muito summariamente e comparar entre si os typos dos tres grupos seguintes: Rainunculaceas. Algumas plantas communs deste grupo; suas propriedades venenosas. Cruciferas. Plantas cultivadas deste grupo: repollo, colozza, nalo, cenoura, etc. Leguminosas. (Pampionaceas.) Plantas cultivadas deste grupo: ervilha, feijão, favas.

Aprender a conhecer as arvores seguintes: olmeiro, platano, castanheiro, carvalho, faia, choupo, salgueiro.— *N. B.*— Para analyse, escolher plantas selvagens ou cultivadas muito communs e bem caracterisadas. A analyse não exige nenhum nome scientifico; faz-se observar os involucros da flôr (envolucro exterior, calix; involucro interior, corolla), o numero de partes, os estames, o ovario, os ovulos, — as folhas simples ou compostas; as folhas completas, as folhas dentadas, as folhas cortadas. Mostrar as propriedades e usos das plantas estudadas. Fazer desenhos de fórmãs caracteristicas, especialmente das folhas. Fazer collocar no hervario amostras das plantas encontradas nas herborisações. No momento da herborisação chamar a attenção para o trabalho dos campos e das culturas.

4º ANNO DE ESTUDOS — *Physica.* — Revisão do programma do 3º anno.

1. As alavancas. Principaes ferramentas, alavancas (cambrestante, guindaste, roldana, tesouras, carrinhos de jardineiro).

2. O calor. Observação do thermometro; corpos bons e maus conductores do calor; applicação (vestimentas, etc.)

3. A agua. Explicação muito simples da neblina, da neve,

da geada. Observação occasional e explicação muito simples dos phenomenos meteorologicos. (Vento, chuva, trovoadas.)

4. Iman. Propriedades da agulha magnetica. (Ver a geographia).

PEDRAS E TERRENOS — Revisão do programma do 3º anno.

1. As pedras calcareas (giz, pedras de corte, marmore); comparal-as ao silex e à cantaria (acção de um acido, resistencia ao ser cortada). Chamar a attenção sobre os rastros dos fosseis que se acham nos calcareas, para dar-lhes uma idéa da origem desses rochedos (não nomear os fosseis).

2. Visitar uma pedreira de cantaria nos arredores. Chamar a attenção sobre a superposição das camadas e sobre os fosseis. Fazer colleccionar amostras.

3. Metaes usuaes: — aço, latão, brônze, ouro, prata (caracteres physicos, usuaes).

INDUSTRIAS — 1. Fabricação da cal.

Para os meninos:

2. Construção de uma casa; as pedras de corte, os marmores e as cantarias, o cimento.

Para as meninas:

3. Materias textis a observar e a distinguir no estado bruto, no estado de linha e no tecido: seda e algodão.

HOMEM E ANIMAES — 1. Revisão do programma do 3º anno.

2. Os musculos: suas funcções, fazer encontrar as alavancas dos diversos membros.

N. B. — Não dar nenhum nome especial, nem nenhuma descripção dos diversos musculos; é sufficiente pôr em evidencia sua funcção geral.

3. A nutrição. Apparelho digestivo (homem, ruminante). Expôr os phenomenos sob a fôrma familiar da historia de um pedaço de pão.

Hygiene. Limpeza, alimentação, exercicios corporaes, descanso. Por meio de comparação entre typos bem caracterisados, dar aos alumnos uma noção simples e clara dos grupos seguintes:

Mamiferos: — insectivoros, cetaceos, pachidermes, ruminantes;

Passaros: — pardal, gallinaceos, pombos, rapaces.

Historia pittoresca e familiar dos passaros estudados.

VEGETAES — 1. A vida da planta. Fazer germinar dos grãos de trigo e de um grão de feijão. Fazer observar as phases do desenvolvimento da planta.

2. A planta se nutre. Tornar este facto evidente por meio de experiencias simples. Fazer analysar summariamente e

comparar entre si typos bem caracterisados dos grupos seguintes :

1.º Rosaceas.—Plantas cultivadas deste grupo:— roseira, morangueiros, cerejeiras, pereiras, ameixeiras, etc.

2.º Solaneas.—Plantas cultivadas:— batata; plantas venenosas: herva moura preta, idem amarga; o fumo, perigos do seu uso.

3.º Liliaceas.—Plantas cultivadas:— açucena, o alho, a cebola, alho *poro*, cebolinha. Comparar esses typos com os do programma do 3º anno. Reconhecer a fórma geral, a casca, as folhas, etc., as arvores seguintes :

1.º As do programma do 3º anno.

2.º A aveleira, videira, carpe.

N. B.— Nessas analyses e comparações limitar-se ao que é essencial; empregar os termos seguintes: calice, sepala, corolla e petala, estames, pollen, pistilo, ovario. (Ver o — *N. B.*— do fim do programma do 3º anno.)

5º ANNO DE ESTUDOS — *Physica*. — Revisão dos programas anteriores.

1. Peso e densidade dos corpos. Sua medida. O centro de gravidade: experiencias.

2. O calor. Escalas thermometricas centigradas e Reaumur.

3. O ar, a agua, o vapor, considerados como forças motrizes. Roda hydraulica, moinho de vento, jogo do pistão de uma machina a vapor. Observação occasional e explicação simples dos phenomenos meteorologicos (vento, neblina, chuva, nuvem, neve, chuva de pedra, orvalho, etc.)

4. A pressão atmospherica. Provas: o barometro, sua construcção, observação quotidiana da pressão; a bomba aspirante, o syphão.

5. Magnetismo. Bussola.

Pedras e terrenos. Revisão do programma do 4º anno.

1. Schisto (ardosia); pedras: lithographicas, pedra de cal; enxofre, sal de cozinha, petroleo.

2. Fazer observar nos arrabaldes de Bruxellas as camadas de rochas superpostas, sem fosseis (sem os nomear); os depositos de areia, o limo do Senna, a acção das aguas sobre as rochas.

3. Visitar, se fôr possível, uma pedreira.

Industrias.— 1. Estudar duas industrias, a escolher: imprensa, lithographia, cortume, cervejaria, porcellanas (fabrico), moleiro. Fabricação do pão.

Para os meninos sómente:— 2. Madeiras empregadas na construcção das casas, dos moveis. Trabalho do lenhador, do serrador. Distinguir o carvalho, a faia, o pinho, a tilia, o carpe, olmeiro, choupo, nogueira.

N. B.— Este estudo, totalmente pratico, deve ser reunido ao trabalho manual. Homem e animaes. Revisão do programma do 4º anno.

1. O ar. Sua composição. O oxigenio e o azoto, o acido carbonico; suas propriedades principaes. (Fazer observar estes gazes por meio de algumas experiencias muito simples.

2. A respiração. (Homem, peixe.)

3. A circulação do sangue.

4. A secreção. Expôr muito succintamente estes phenomenos, sem entrar em minuciosidades, sob a fórma familiar da « Historia de um bocado de pão ».

Hygiene.— Asseio, alimentação, calor e frio, exercicios corporaes, repouso, ar.

Animaes.— 1. Revisão do programma do 4º anno.

2. Comparar um reptil a um passaro e a um mamifero. Alguns typos de reptis: lagarto, cobra, vibora (serpentes), tartaruga, etc.

3. Comparar uma rã a um reptil. Metamorphose da rã. O sapo.

4. Comparar um peixe a um reptil, a um mamifero (notavelmente a baleia), a um passaro. Esqueleto do peixe. Alguns peixes do mar e de agua doce.

5. Fazer observar um insecto, uma aranha, um crustaceo, um verme, um molusco. Analyse muito summaria: caracteres exteriores. Comparação. Escolher os typos mais communs.

Os VEGETAES.— 1. A vida da planta. Fazer na aula experiencias de germinação, para que os alumnos tomem nota deste phenomeno e de suas condições (ar, humidade, calor).

2. A planta se nutre; provas.

3. A planta respira; provas.

Analyse summaria e comparação de typos bem caracterizados dos grupos seguintes:

1. Os dos programmas do 3º e 4º annos.

2. Grupos novos: 1.º Labiadas.— Algumas plantas communs deste grupo. Suas propriedades medicinaes. Tomilho, hortelã, salva, etc.;

2.º Compostas.— Plantas alimenticias: chicorea, taraxaco (dente de leão), cercefi (barba de bode), escorcioneira, alface, etc.;

3.º Umbelliferas.— Plantas cultivadas deste grupo: cenoura,

pastinaca, salsa, aipo, cerefolio (hortaliça), etc. Propriedades venenosas da cicuta ;

4.º Gramineas.— Plantas cultivadas deste grupo: frumento, centeio, aveia, cevada, etc.

Aprender a reconhecer as arvores seguintes :

1. As dos programmas do 3º e 4º annos.

2. O castanheiro, freixo, tilia, érable, abeto, pinheiro, sabugueiro, nogueira.

Ver o —*N. B.*— do fim do programma do 3º e 4º annos.

6º ANNO DE ESTUDOS — *Physica*. — Revisão dos programmas anteriores.

1. Algumas propriedades geraes dos corpos: porosidade, divisibilidade, elasticidade: experiencias e applicações.

2. Equilibrio dos liquidos. Vasos communicantes. Nivel. Chafariz. Poços artesianos: Jactos d'agua: estabelecer experimentalmente o principio de Archimedes. Applicações.

3. A luz. Fonte. Velocidade. Reflexão e espelhos. Refracção. Experiencias muito simples. Lentes e oculos; decomposição e recomposição da luz.

4. Som. Causa, velocidade, echo.

5. Magnetismo. A agulha imantada; explicação da direcção.

6. Electricidade. Phenomenos produzidos pelo attrito de certos corpos; attracção e repulsão; bons e maus conductores; poder das pontas; para-raios; explicação simples do relampago e do raio; precauções a tomar.

PEDRAS E TERRENOS — 1. O solo e o sub-solo dos arredores de Bruxellas: — terra vegetal, terra barrenta, sillex, camada pedregosa, de areia, de argilla, de pedra lioz, fosseis (sem os especificar), provas da formação dessas camadas pela acção das aguas marinhas e das aguas doces; excavações do valle do Senna. Os poços artesianos. Camadas que elles atravessam.

2. Producções mineraes principaes da Belgica. Estudar os specimens, fazer colleccional-os; fazer a carta das producções (ver *Geographia*). Turba. Carvão de pedra. Argillas diversas, pedras calcareas, schistos (ardosias), pedra lithographica, pedras para calcamentos, pedra para estuque, pedra lioz, mineraes de ferro, chumbo, zinco, cobre, etc.

INDUSTRIAS — Minas e pedreiras do paiz. Industrias minerallurgicas (ver *Geographia*). Dar uma idéa de algumas das principaes industrias por meio de figuras e descrições; se fôr possivel, visitar uma usina, uma fabrica de laminação, uma

fabrica de vidros, uma fabrica de papel, etc. Fazer colleccionar amostras.

HOMENS E ANIMAES — Revisão do programma do 5º anno.

1. Os orgãos dos sentidos. (Como sentimos e como nos movemos.)

Hygiene. — Asseio, alimentação, ar, luz, exercicios intellectuaes, corporaes, repouso, hygiene dos sentidos.

1. Revisão geral dos mamiferos, estudo mais especial das raças humanas, dos animaes domesticos do nosso paiz (ver programma de Geographia), insectivoros uteis, pequenos carnivoros e outros mamiferos naturaes do paiz.

2. Revisão dos passaros. Insistir sobre os passaros insectivoros naturaes do paiz (lei que os protege), sobre as aves do gallinheiro e sobre os rapaces diurnos e nocturnos naturaes do paiz. A caça. Migrações. Ninhos. Evolução dos ovos. (Quadro Deyrolle.)

3. Reptis. Revisão geral. Insistir sobre os naturaes do paiz.

4. Peixes. Revisão geral. Insistir sobre os que são mais communs no nosso mercado (peixes de agua doce e peixes do mar). A pesca.

5. Invertebrados. Revisão. Os principaes insectos nocivos á agricultura; meios de presêrvar delles as plantas. Historia das abelhas, das vespas, dos besouros, das formigas. Esponja, coral, como se formam as ilhas madreporicas. Noções muito succintas.

OS VEGETAES — A vida da planta. A fecundação. Papel dos insectos. Como a planta se reproduz, e como se nutre.

Analyse muito summaria e comparação de typos bem caracterisados dos grupos seguintes :

1. Os dos programmas do 3º, 4º e 5º annos.

2. Cupuliferas ou Cupuladas. Faia, carvalho, castanheiro, aveleira, etc. Coniferas. Pinheiro, larix, abeto. Urticarias. Urtiga. Encostar a este grupo o canhamo, o lupulo. Plantas sem flôres. Cogumelos, fetos, musgos, lichens.

3. Fazer conhecer as plantas uteis seguintes, que não entram em nenhum dos grupos estudados; melão, pepino, beldroega, groselheira, murta, morrião, beterraba, espinafre, azeda, trigo mourisco, espargo, vinha.

4. Chamar a attenção sobre as plantas venenosas dos arredores; rainunculaceas, a cicuta, digitalis, euphorbio, colchico, brionnia, as solaneas, etc. Ensinar a reconhecer as principaes arvores florestaes e as arvores fructiferas.

Ver o—N. B — no fim do programma do 3º e 4º annos.

DESENHO

1. O desenho é ensinado para exercitar a ver exactamente e tornar a mão flexível, para cultivar o gosto dos alumnos e inicial-os na escripta da fôrma, que encontra suas applicações em todas as profissões.

2. Não se deve deixar que os alumnos desenhem sómente pelas estampas; progressivamente elles são exercitados em desenhar do natural. Colloca-se sob as suas vistas o proprio original e não o papel que o representa; os alumnos desenham uma porta ou uma janella que encontram na propria aula, uma casa, tendo por modelo a propria casa, afim de se acostumar a bem observar os corpos e as apparencias e a reproduzil-as tal qual as veem.

3. O professor chama a attenção dos alumnos para as incorrecções dos seus ensaios, fal-os emendar, afim de fazel-os adquirir vista exacta, mão segura, o conhecimento das verdadeiras relações e uma prompta experiencia do jogo da perspectiva.

4. Todos os alumnos fazem o possivel por poder desenhar. Esse gosto não se perde, desde que se o não faça desaparecer por um methodo que reprime em vez de desenvolver seu espirito de iniciativa e sua espontaneidade. Em todas as classes os professores animam os alumnos a desenhar livremente os objectos que veem ou as figuras que imaginam. Esses exercicios, sempre facultativos, longe de fatigar as creanças, as recreiam. Esses desenhos, agilmente executados e feitos por iniciativa propria, são examinados na aula e colleccionados. Os professores poderão nelles descobrir as disposições dos alumnos e aproveitá-las para o seu ensino.

5. O desenho propriamente dito deve fazer-se exclusivamente à mão livre. As construcções graphicas com o auxilio de instrumentos: regua, compasso, esquadro, etc., pertencem ao ensino das fôrmas geometricas e dos trabalhos manuaes, onde são constante e necessariamente applicadas. As figuras geometricas fundamentaes: linhas de direcções e extensões diversas, figuras planas, etc., são traçadas à mão levantada sob a fôrma de dictados geometricos. (Ver o programma das fôrmas geometricas.)

6. Nas aulas de primeiro grau, os exercicios de desenho são nitidamente combinados com os trabalhos manuaes com o auxilio de pausinhos e encaixes, de papel de dobradura e recorte: os alumnos representam por traços as fôrmas concretas

que elles têm primeiro que tudo figurado por meio desses materiaes. Essas fórmãs são figuras geometricas, fórmãs estheticas (combinações formando figuras symetricas, ornamentos, etc.) ou fórmãs de objectos communs. (Ver o programma de trabalhos manuaes.)

Cada professor estabelece para sua aula uma série de modelos em relevo, que os alumnos desenham á vista ; o professor velará muito particularmente pela exactidão das proporções.

7. No segundo grau, as diversas fórmãs executadas em cartão (ver trabalhos manuaes) servem de modelos para o desenho á mão livre. A isso junta-se séries graduadas de objectos observados notavelmente nas licções de sciencias naturaes : folhas, flôres, fructos, etc. Ensina-se os alumnos a fazer a analyse graphica desses modelos ; cada figura está comprimida em um envelope geometral ; as direcções das linhas estão exactamente determinadas no preliminar. Esses desenhos se fazem em diversas proporções (augmento e reducção do modelo).

8. Na escola dos ornamentos de qualquer modelo, o professor deverá estabelecer uma gradação tão perfeita quanto possivel e desviar as figuras que muito deixam a desejar sob o ponto de vista do gosto. Os tons são marcados por meio de riscos.

9. Nos primeiros graus, a vista é exercitada especialmente em distinguir e a mão em representar as fórmãs planas e as que representam um fraco relevo. No terceiro grau, logo que os alumnos têm adquirido uma certa habilidade no traçado, são praticamente iniciados na perspectiva. Este ensino não comporta nenhum desenvolvimento theorico e abstracto. Por meio de algumas figuras recortadas em cartões (*) (ver o programma : 5º e 6º anno), os alumnos observam os phenomenos e exercitam-se em represental-os pelo desenho ; elles devem desenhar os objectos taes quaes os veem.

(*) Fazer recortar em um cartão um quadrado de cerca de 0^m.15 de lado. Cortar no interior parallelamente ás extremidades, um segundo quadrado de 10 centimetros de lado ; collocar o segundo quadrado de maneira que elle possa rodar no quadro sobre um eixo que está no meio.

O quadrado movel no quadro pôde ser collocado horizontal, vertical ou obliquamente. Se se colloca este pequeno aparelho diante da vista, o quadro sendo vertical e perpendicular ao raio visual, vê-se muito facilmente, observando o quadrado movel, as modificações de fórma devidas á perspectiva. Procede-se igualmente com um quadro quadrado (é assim que está no original) no qual gyra um circulo ou uma outra figura. Estes exercicios dão á creança o sentimento da perspectiva, ensinando-a a — ver — com exactidão e preparando-a para analysar e desenhar as figuras a tres dimensões.

10. Todos os exercicios de desenho propriamente dito são executados em um caderno paginado ; a data é indicada sobre cada trabalho. O professor tem cuidado de fazer conservar os trabalhos, mesmo os mais incorrectos e os mais insignificantes, afim de que se possa avaliar do progresso dos alumnos e dos resultados obtidos. Nas classes do primeiro grau, os professores podem escolher cadernos ligeiramente debuxados a pontinhos ou cadernos não debuxados a pontinhos. O mais cedo possivel e obrigatoriamente, a partir do segundo grau, o desenho se faz sobre papel sem debuxo algum.

11. O professor tem cuidado em fazer collocar, primeiro que tudo, os pontos extremos, fazer traçar ligeiramente e sem hesitação as horizontaes da esquerda para a direita, as verticaes de cima para baixo. As divisões das linhas devem fazer-se pela simples vista ; o alumno verifica com o auxilio de um cordel ou de uma tira de papel.

12. Para o desenho de memoria, é preciso :

a) Traçar um desenho no quadro negro, fazel-o examinar, apagal-o e fazel-o reproduzir ;

b) Traçar uma parte de ornamento symetrico, fazel-o desenhar completamente ;

c) Fazer compor figuras com o auxilio de dados elementos ;

13. O programma indica as direcções geraes ; elle deixa ao professorado a mais ampla iniciativa quanto á sua execução, á escolha dos exercicios graduados, etc. Em cada aula o professor expõe de um modo constante e sempre o mesmo as séries de exercicios que tem de fazer executar por seus alumnos.

DESENHO A' MÃO LIVRE SEM AUXILIO DE INSTRUMENTOS

1º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado de linhas rectas em varios sentidos : a giz no quadro negro, na ardosia e a lapis no papel. Divisão das rectas em 2, 4, 8 . . . partes iguaes.

2. Traçado do quadrado. Divisão pelas diagonaes e pelas medianas.

3. Traçado do rectangulo. Divisão pelas diagonaes e pelas medianas.

4. Desenho do natural das figuras que derivam do quadrado e do rectangulo e representação por papeis dobrados, pausinhos, etc. (Ver trabalhos manuaes.)

5. Desenho do natural de objectos derivados destas fórmãs e apresentando um fraco relevo, envelope, cartas, quadro, janella, porta, escada de mão, etc.

6. Perfis de objectos communs tirados do natural ou de memoria : garrafa, copo, castiçal, candelabro, lampada, bico de gaz, etc.

7. Desenho de memoria e de imaginação. Deixar que os alumnos desenhem livremente as figuras que imaginarem.

2º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado e divisão de rectas em todas as direcções (divisão em 2, 4, 8, 3, 6, 9, 5, 10 partes iguaes).

2. Traçado em uma ordem progressiva das figuras planas do programma de fórmás geometricas. A circumferencia traçada em um quadrado subdividido.

3. Applicações a ornamentos.

4. Desenho das fórmás representadas por papeis dobrados, pausinhos, etc. (Ver trabalhos manuaes.)

5. Desenho de natural de objectos communs em relevo : esquadro, porta, janella, quadro de demonstração, etc.

6. Desenho de memoria e de imaginação. Deixar que os alumnos desenhem livremente as figuras que imaginarem.

3º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado de figuras planas e desenvolvimento dos solidos do programma das fórmás geometricas (rectas e curvas).

2. Construcção de um duplo quadrado e de um quadrado metade de um quadrado dado.

3. Applicações a ornamentos.

4. Desenho do natural de objectos communs apresentando em relevo : mostrador de relógio, folhas de arvores e de plantas estudadas, etc. (*)

5. Perfis de objectos do natural ou de memoria.

6. Desenho de memoria e de imaginação.

4º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado das figuras planas e desenvolvimento dos solidos do programma, das fórmás geometricas (rectas e curvas).

2. Applicações a ornamentos. Figuras formadas de circumferencias e de partes de circumferencias tangentes e seccantes.

3. Desenho dictado.

(*) Far-se-ha recolher pelos alumnos, durante as excursões á roça : folhas e fragmentos de plantas apresentando um caracter esthetico ; esses são os modelos que elles analysarão no ponto de vista da fórma e que reproduzirão pelo desenho.

4. Desenho do natural de objectos communs de fraco relevo.
5. Perfis de objectos do natural ou de memoria. Os alumnos serão exercitados em fazer *croquis* relativos ás materias encerradas.
6. Desenho de memoria e de imaginação.

5º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado de figuras planas e desenvolvimento dos solidos do programma de fórmãs geometricas (rectas e curvas).

2. (Para as meninas.) Traçado da ellipse, da oval, da espiral.

3. Desenho de fórmãs ornamentaes tiradas da flora: folhas, flôres, fructas (do natural ou do relevo).

4. Desenho dictado.

5. Desenho de perspectiva. Exercicios preparatorios: 1.º Fazer collocar o quadro (de que já se tratou) verticalmente ante a vista dos alumnos e perpendicularmente ao raio visual, primeiramente sobre a direita do horizonte, ao meio, à esquerda, à direita, e em seguida, abaixo e acima desta linha; em cada uma dessas novas posições, fazer collocar o quadrado movel em diversas direcções: horizontaes, verticaes, obliquas, etc. Fazer comparar o contorno visivel do quadrado movel ao contorno interior do quadro: esta comparação faz claramente sobresahir as modificações de fórmãs produzidas pela perspectiva;

2.º Fazer desenhar o quadro e o quadrado movel tal qual são vistos nas diversas posições. Fazer marcar por um pontuado de linhas occultas as linhas contornantes, traçar a linha de horizonte.

Fazer analysar um cubo visto em perspectiva em diversas posições. Empregar um cubo representado por arestas (pausinhos e encaixes). Fazer observar, como nos exercicios anteriores, os desvios produzidos pela perspectiva. Fazer marcar a linha de horizonte. Fazer pontuar as linhas contornantes.

Fazer desenhar o cubo em diversas posições, marcando-lhe todas as arestas. Fazer desenhar do natural um cubo, um parallelepipedo. Fazer marcar por um pontuado as arestas invisiveis e as linhas contornantes. Desenhar do natural uma série de objectos derivados destas fórmãs ou que podem nellas ser comprehendidos: — caixa, armario, banquinho, mesa rectangular, cadeira, etc. A escolha depende do mobiliario que se achar na escola e dos objectos de que disponham o professor e os alumnos. O professor os collocará em ordem progressiva.

6. Desenho de memoria e de imaginação.—*N. B.*— Os alumnos estarão munidos do um caderno e de um lapis e se habituarão a fazer *croquis* durante as excursões.

7. Nas escolas de meninas se tratará especialmente, como applicações, das combinações de rectas e curvas, que formam desenhos uteis nos trabalhos de agulha (folhas, festões, palmas, flôres) e no côrte de vestimentas.

6º ANNO DE ESTUDOS — 1. Traçado das figuras planas e desenvolvidamente dos solidos do programma de fôrmas geometricas.

2. Desenhos de fôrmas tomadas à flora:— folhas, flôres, fructos, palmas de ornato, folhagens simples, etc.

3. Desenho dictado.

4. Desenho de memoria e de imaginação.

5. Desenho de perspectiva. Exercicios analogos aos do 5º anno, com quadros em cartão nos quaes gyra um circulo. Analyse e desenho de perspectiva de um prisma, de um cylindro, de uma pyramide, de um cone, de uma esphera. Analyse e desenho de uma série graduada de objectos com tres dimensões apresentando superficies planas ou curvas. Marcar a sombra com traços cruzados.—*N. B.*— *Croquis* (ver 5º anno).

6. Nas escolas de meninas tratar-se-ha especialmente, como applicação, das combinações de rectas e curvas que formam desenhos uteis nos trabalhos de agulha (folhas, festões, palmas de ornatos, flôres) e no côrte das vestimentas.

MUSICA (CANTO POR AUDIÇÃO E SOLFEJO)

1º ANNO DE ESTUDOS — Ensinar, por audição, cantos com palavras, a uma voz, bem rithmados, simples de harmonia e de melodia, não ultrapassando a extensão média das vozes infantis.—*N. B.*— O professorado attenderá aos seguintes pontos :

- a) Fará comprehender o sentido das palavras ;
- b) Exigirá uma boa pronuncia ;
- c) Observará a justeza da entonação ;
- d) Exercitará as creanças no rithmo musical, fazendo-as marcar compasso ;
- e) Fará observar as *nuances* ;
- f) Velará pela respiração e pela posição das creanças ;
- g) Prohibirá absolutamente que ellas forcem a voz, que gritem.

2º ANNO DE ESTUDOS — 1. Como no 1º anno. 2. Primeiros exercicios de entoação. — Os cinco primeiros minutos de cada licção serão consagrados ao estudo, por audição, de um dos exercicios seguintes :

- a) Formulas Dessirier nos tons de *dó* maior ;
- b) Dictados oraes por meio destas fórmulas ;
- c) Escalas maiores de *dó*.

3º ANNO DE ESTUDOS — **A. Pratica.** — 1. Exercicios de entoação por meio das fórmulas Dessirier. Revisão. O tom e a escala de *dó* maior. Noção nova : os tons e as escalas de *sol* maior. Dictados oraes por meio das fórmulas estudadas.

2. Solfejo. Conhecimento das notas. Exercicios muito faceis de leitura e entoação nos compassos de $2/4$ e $4/4$, não empregando senão a semi-breve e a minima, com as pausas equivalentes e marcando o compasso.

3. Ensinar, por audição, cantos francezes e flamengos, a uma voz. (Ver o — *N. B.* — do 1º anno.)

B. Theoria. — Pauta musical ; linhas supplementares (uma unica linha acima e uma unica abaixo). Clave de *sol*. Figura das notas : semi-breve e minima. Pausas correspondentes. Signaes do compasso em $4/4$ e $2/4$.

4º ANNO DE ESTUDOS — **A. Pratica.** — 1. Exercicios de entoação por meio das fórmulas Dessirier. Revisão do programma do 3º anno. Tons e escalas de — *ré* — e — *fá* — maiores ; dictados oraes.

2. Exercicios de leitura e de entoação (solfejo) marcando o compasso. A seminima e a colcheia, pausas equivalentes ; o ponto depois da minima, a ligação ; o compasso ternario.

3. Licções muito faceis a duas vozes.

4. Pequenos canticos a duas vozes com palavras francezas e flamengas.

5. Còros francezes e flamengos a uma e duas vozes.

B. Theoria. — 1. Revisão : Pauta musical, linhas supplementares, clave de *sol*, figuras das notas e pausas correspondentes.

2. Divisão em tons e semi-tons da escala maior applicada ao tom typo de *dó*.

3. Augmento da duração dos sons por meio do ponto e da ligação.

4. As alterações : — o sustenido, o bemol, o bequadro.

5º ANNO DE ESTUDOS — **A. Pratica.** — 1. Exercicios de entoação por meio das fórmulas Dessirier. Revisão do pro-

gramma do 4º anno. *Lá e mi* menores; *lá e si* maiores, *si e ré* menores, escalas maiores e menores. Dictados oraes e escriptos. (Estes ultimos devem ser muito curtos e elementares desde o principio.)

2. Exercicios de solfejo nos compassos binario, ternario e quaternario, empregando o ponto depois da seminima e a ligação. Licções a duas vozes. Revisão da semi-breve, da minima, da seminima, da colcheia e pausas equivalentes, do ponto depois da semi-breve.

3. Canticos a duas e tres vozes, com palavras francezas e flamengas. Coros.

B. Theoria.— 1. Constituição da escala menor.

2. Explicação summaria dos intervallos comprehendidos na escala maior. Escalas relativas menores.

3. Tonalidade maior com compassos em que entram sustenidos e bemóes.

4. Compassos a tempos binarios.

5. O ponto depois da seminima. A ligação.

6º ANNO DE ESTUDOS — **A. Pratica.**— 1. Exercicios de entoação como nos outros annos. Revisão do programma do 5º anno. Os outros tons e escalas maiores e menores. Dictados oraes e rithmicos. Dictados escriptos, curtos e elementares.

2. Exercicios de solfejo a uma voz. A semi-colcheia e a sua pausa. A syncope e outras figuras, compasso a 3/8 e 6/8.

3. Licções a duas e tres vozes. Coros.

B. Theoria.— Revisão do programma do 5º anno. Escalas maiores e menores. Escalas chromaticas. Intervallos comprehendidos nas escalas menores. Compassos ternarios. Explicações das principaes expressões e abreviações mais usadas para indicar o movimento e as *nuances* do trecho.

TRABALHOS MANUAES

(MENINOS)

1. Os trabalhos manuaes são considerados como meios de desenvolvimento e de aperfeiçoamento physico, intellectual e moral das creanças. Os trabalhos manuaes não podem, portanto, visar á preparação directa para officios especiaes.

O methodo deve tender: 1º, a desenvolver a habilidade em geral, a agilidade, a destreza da mão, a promptidão e segurança dos movimentos, qualidades de alta importancia, que acham sua

applicação nas diversas circumstancias da vida e em todas as profissões ; 2º, a desenvolver o gosto e o amor do trabalho ; 3º, a dar habitos de ordem e correcção, elementos essenciaes de todo o progresso ; 4º, a desenvolver as faculdades da attenção e da percepção (cultura do sentido da vista, do sentido muscular, do tacto) ; 5º, a fornecer a intuição mais completa e mais profunda das noções das fôrmas geometricas, de calculo e do systema metrico ; 6º, a tornar os alumnos perseverantes pela applicação ao trabalho e pela necessidade de não produzir senão trabalhos completos e correctos ; 7º, a cultivar o sentimento do bello pela harmonia das fôrmas e das côres dos objectos confeccionados.

2. Os trabalhos manuaes são inteiramente ligados ás fôrmas geometricas e ao desenho, dos quaes elles são o complemento. Quando os alumnos trabalham segundo os modelos, elles são exercitados prèviamente em analysal-os e em traçal-os pelos processos do desenho linear.

3. A partir do segundo grau, os alumnos inscrevem em um caderno especial a materia de cada exercicio e traçam o *croquis* dos modelos.

4. As ferramentas são analysadas ; seu manejoamento correcto é indicado pelo professor, que vêla attentamente pela attitude e pelos movimentos dos alumnos durante o trabalho. Os exercicios se fazem de maneira a obter um desenvolvimento harmonico do corpo.

5. Os alumnos são exercitados em tirar da materia prima o partido o mais economico. A distribuição do papel, do cartão, da madeira se fará de maneira a produzir o minimo de sobejos. Os sobejos serão empregados tanto quanto possivel.

6. As ferramentas devem ser cuidadosamente limpas e postas em ordem, segundo cada licção.

7. Os objectos a confeccionar devem corresponder ás seguintes condições: 1º, ser uteis á instrucção dos alumnos (construcção de fôrmas geometricas, estheticas, etc.), ou ter uma utilidade mais geral (objectos classicos, ditos de casa, etc.) ; 2º, ser completos e executados por um só alumno, sem o concurso directo do *mestre* (grypho propositalmente esta palavra, pois que se trata mesmo de mestre de officio, mestre especial e não do professor) ou a collaboração de outros alumnos. Esses objectos são conservados na escola.

8. A analyse e o traçado dos modelos e das ferramentas, a indicação dos processos de execução são objecto de licções collectivas, dirigidas a todos os alumnos da classe. A execução tem um character mais individual, o mesmo modelo não deve, pois, ser confeccionado necessariamente ao mesmo tempo por

todos os alumnos; os trabalhos são distribuidos segundo o grau de adiantamento e habilidade de cada um. O mestre encarregado do ensino de trabalhos em madeira (3º grau) divide sua classe, se é muito numerosa, em grupos homogeneos de 15 a 20 alumnos.

Os directores de escolas tomam as medidas necessarias para occupar os alumnos que estão livres durante o trabalho de um grupo.

9. Os exercicios fröbelianos e certos exercicios de cartanagem podem executar-se, a rigor, sobre o banco - carteira *commun*.

O trabalho de madeira exige uma officina comprehendendo bancos de carpinteria e ferramenta especial.

Nas escolas em que não existe ainda esta officina, os alumnos do 3º grau continuam a fazer applicações geometricas sob a fórma de exercicios de desenho linear e de exercicios de córte e collagem de papel e de cartão.

Nas classes em que faltam as ferramentas e as materias primas, o tempo destinado no horario para o trabalho manual é empregado em exercicios de desenho.

1º ANNO DE ESTUDOS — Modelação fröbeliana. — Construir as fórmas analysadas: esphera, cubo, cylindro, prisma. Construcção de objectos tendo fórmas derivadas das anteriores: Sphera: bolas, pêra, maçã, noz, etc.; Cylindro: vela, garrafa, bolota, tinteiro, etc.; Cubo: dados para jogar, caixas, etc.; e outras fórmas variadas e de imaginação.

Bastonetes (pausinhos) e *encaixes*. Construcção de fórmas planas: quadrado, rectangulo. Fórmas usuaes derivadas: escada de mão, forquilha, ancinho, cancella, ponte, janella, etc.

Construcção de fórmas de solidos: cubos, prismas. Fórmas de objectos *commun*s derivados destes solidos: mesa, cadeira, banco, casa, gaiola, etc. Fórmas diversas, figuras symmetricas, etc.

Pliage (dobradura de papel). Fórmas geometricas, segundo o programma. Applicação: — objectos usuaes.

Recorte a tesoura (*decoupage aux ciseaux*). Fórmas geometricas segundo o programma. Fórmas de objectos *commun*s.

2º ANNO DE ESTUDOS — Modelação fröbeliana. — Como no primeiro anno.

Bastonetes. Como no primeiro anno, com a extensão indicada no programma de fórmas geometricas.

Pliage (dobradura de papel). Como no primeiro anno. Recorte a tesoura. Como no 1º anno. Recorte do desenvolvimento do cubo, do prisma. Applicação das fôrmas derivadas (bacias, etc).

3º ANNO DE ESTUDOS — Modelação fröebeliana. Como no 1º anno.

Cartonagem. Trabalhos a tesoura, depois a faca para dobrar e a esquadro. Collagem a gomma de polvilho. Exercícios preliminares: posição do papel, do esquadro, da faca; attitude do corpo e movimentos para traçar e cortar em linha recta e em angulo recto. Traçar e cortar em ordem progressiva de difficuldades as figuras geometricas do programma. As figuras planas: decimetro dividido, etiqueta, cartas. As fôrmas de objectos derivados. As fôrmas dos solidos. As fôrmas derivadas desses solidos (bacias, caixas, etc.) Combinação e collagem das peças cortadas. Ornar esses objectos collando as figuras cortadas em papel de côr. Harmonisar as fôrmas e os tons.

4º ANNO DE ESTUDOS — Traçar e cortar as figuras geometricas do programma: as figuras planas, ou fôrmas de objectos communs derivados (cadernos, esquadros, transferidores, tapetes de lampeão, etc.) As fôrmas dos solidos. As fôrmas de objectos communs derivados desses solidos (caixa com dobradiça, caixa com tampa, com compartimentos, estojos, etc.)

Combinação e collagem de peças cortadas. Ornar esses objectos collando nelles figuras cortadas em papel de côr. Harmonisar as fôrmas e os tons.

5º ANNO DE ESTUDOS — Cartonagem.— Applicação do programma do 4º anno.

Trabalho de madeira. Exercícios graduados, segundo uma série de modelos de objectos communs.

6º ANNO DE ESTUDOS — Cartonagem.— Applicação do programma anterior.

Trabalho de madeira. Exercícios graduados, segundo uma série de modelos de objectos communs. As combinações simples. Exercícios graduados: combinação em forma de — T — direito com dente e encaixe na madeira. Combinação em cruz a meia madeira; confecção de objectos com peças combinadas.

TRABALHOS MANUAES

MENINAS

1. O ensino dos trabalhos manuaes deve ser apresentado sob uma fórma pratica, racional e cheia de interesse; é preciso induzir as meninas a gostarem dos trabalhos de agulha. Evitar-se-ha, portanto, dar-lhes muitas theorias.

2. Cada ponto do programma será estudado conscienciosamente pela professora e fará o objecto de uma lição especial. Quanto ao tempo que se deve consagrar á applicação de cada cousa ensinada, pertence á professora saber quantos exercicios são precisos para que seja sufficiente a destreza manual.

3. Tratando-se de moldes, deve-se preferir as medidas relativas ás puramente metricas; assim, em vez de dizer: tal medida é de tantos centimetros de comprimento e tantos centimetros de largura, prefira dizer: para obter tal abertura ou tal costura, é preciso tomar $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{6}$ ou $\frac{1}{3}$ de tal ou tal parte conhecida.

4. Não se deve esquecer que se não deve mandar que as alumnas façam senão a parte essencialmente mechanica dos trabalhos, porque se desgostariam e nada conseguiriam produzir que fosse util. E', portanto, indispensavel que as alumnas sejam associadas a todas as operações de um trabalho.

5. Quando um elemento é ensinado, é preciso procurar descobrir a applicação a um objecto pratico, util e conhecido das creanças.

6. A posição das alumnas e sua maneira de olhar a obra trabalhando, farão o objecto da attenção constante da professora.

METHODOLOGIA ESPECIAL

Objectos de intuição necessarios á professora:

Noções de *tricot* — (a) Agulhas grossas de madeira. (b) Lans vistosas e em relação com as agulhas.

Noções de *ponto de marca* — (a) Caixilhos de talagarça. (b) Agulha de cirzir. (c) Lã vistosa (ou talagarça grossa).

Noções de costura — (a) Caixilho de ourela. (b) Agulha grossa. (c) Lans vistosas.

a) Execução do ponto pela professora.

b) As alumnas examinam o trabalho feito pela professora à proporção e à medida que elle se faz.

c) Execução do trabalho successivamente por uma ou varias alumnas.

d) Trabalho ao mesmo tempo, dirigido pela professora.

e) Aplicações mais ou menos multiplas, conforme a necessidade.

CÓRTE E CONFECÇÃO DE VESTUARIO

a) Collocar sob a vista das alumnas os objectos que se quer que confeccionem.

b) Exames das differentes partes. (Annotações no quadro negro e nos caderninhos).

c) Tomar medidas. (Este ponto essencial se faz depois de boas explicações: tal medida parte de tal ponto e acaba em tal outro; não pôde ser admittido o *pouco mais ou menos*).

d) Confeccão, depois do côrte por modelo.

e) Côrte do vestuario. (Antes de deixar cortar, a professora examinará a collocação dos modelos sobre a fazenda no ponto de vista da economia e da regularidade).

f) Combinação das differentes partes.

g) Primeira prova.

h) Prova definitiva.

i) Confeccão.

j) Maneira de dobrar e separar os vestuarios promptos.

1º ANNO DE ESTUDOS — Tricot: — Estudos da malha em uma ligã. Confeccão de mangas. Combinação de agulhas para a confeccão de meias de senhora e de homem. Fabrico da ligã. Maneira de concertar as malhas arrebetadas pelo direito e pelo avesso. Lados: duas malhas à direita e duas à esquerda. Maneira de assentar as malhas. Diminuições e augmentos.

Costura — Continuação dos exercicios do jardim infantil sobre papel forte quadriculado.

2º ANNO DE ESTUDOS — Conversações familiares sobre os objectos e as materias empregadas.

Tricot — Tricot em redondo a quatro agulhas. Punhos. Confeccão de um par de punhos: estudo das proporções relativas; armar ou montar e tricot. Costura — Exercicios:— ponto adiante, ao lado, atrás e posponto.

3º ANNO DE ESTUDOS — Conversação sobre as diferentes materias empregadas.

Tricot. — Estudo e confecção de meias de senhora.

Costura. — Exercícios sobre panno grosso: revisão dos pontos aprendidos no anno anterior (ponto adiante, de lado, atraz, posponto).

Marca. — Pontos em diversos sentidos; alphabeto e algarismos.

4º ANNO DE ESTUDOS — As alumnas têm um caderninho quadriculado para tomar notas e para *croquis*. Conversação familiar sobre pannos de linho e de algodão; trama e cadeia.

Tricot. — Luvras sem dedos.

Costura. — Costura simples e dupla; applicações; costura ingleza, bainha, debrum; cirzidura ou sobrecostura; ourela; cirzidura sobre ourela, cirzidura sobre bainha dobrada. Confecção de obras de costuras simples e facéis: toalhas, lenços, guardanapos. Desenho e córte de modelos de avental simples e com mangas, de corpinhos de creança. Córte e confecção dos vestuarios ensinados no § 3º. Remendos.

Marca. — Revisão: alphabeto e algarismos.

Crochet. — Primeiros exercicios. Este ensino não se dará senão ás alumnas que conheçam perfeitamente os trabalhos uteis.

5º ANNO DE ESTUDOS — As alumnas têm um caderninho (o do 4º anno de estudos) para notas e *croquis*. Conversações sobre as materias e objectos empregados.

Tricot. — Revisão. Meias de homem. Luvras sem dedo. Noção nova: saias.

Costura. — Pospontos e pregas. Reparações, concertos de vestuarios. Remendos. Cirzidura de meias de senhora. Córte e confecção da camisa de senhora e da camisa de menina, vestido-avental ou com pregas para creança e blusa de operario.

Marca. — Alphabeto e algarismos.

Crochet. — Para as alumnas que conheçam perfeitamente os trabalhos uteis.

6º ANNO DE ESTUDOS — As alumnas têm um caderninho (o do 4º anno) para notas e *croquis*. Conversações sobre os principaes pannos: as materias de que são feitos e sobretudo as qualidades que devem reunir. Medições a empregar. Calculos a fazer antes da compra.

Tricot. — Revisão. Meias de senhora. Noção nova: collete.
Costura. — Casear. Reparação dos vestuários. Remendos.
Concertos de meias de senhora. Cirzir em malha sobre linho.
Desenho e córte dos modelos dos objectos mencionados no
§ 3º. Córte e confecção das vestimentas mais faceis: corpinhos
de vestido, jaqueta e calças para meninos, vestidinhos à Prin-
ceza, camisola-jaqueta, camisas para meninos.

6º ANNO DE ESTUDOS — Marca sobre linho. Revisão: alpha-
beto e algarismos.

Crochet e obras de recreio, — ensinadas sómente às alum-
nas que conhecem perfeitamente os trabalhos uteis.

GYMNASTICA

Deste programma darei apenas um ligeirissimo resumo,
visto que elle é muito extenso e minucioso.

Começa o programma pela — « Classificação dos movimentos
e das posições fundamentaes: — posição inicial, movimentos da
cabeça, do tronco, comprehendendo hombros e peito (e neste os
movimentos de inspiração e expiração), movimentos dos braços,
mãos, dedos, pernas e pés. Os movimentos inspiratorios devem
ser lentos e profundos, sendo feitos com a bocca fechada. Os
exercicios de inspiração e expiração não se fazem isolada-
mente; fazem-se simultaneamente com exercicios do tronco e
dos membros.

LISTA DOS APPARELHOS QUE DEVEM SERVIR PARA O ENSINO DA GYMNASTICA NÓS JARDINS INFANTIS

1. A trave de equilibrio. — A trave de equilibrio é ar-
redondada, tendo sómente a face superior plana. Esta face mede
15 centimetros de largura. A altura total do apparelho (trave
e supportes) mede 30 centimetros.

2. A barra de suspensão. — A barra de suspensão é collo-
cada horisontalmente a 35 centimetros da parede. Deve ser
preparada em relação com as mãos da creança, de fôrma a
tornar facil o seu accesso.

Tanto as escolas infantis, como as do primeiro e do segundo
grau, quer de um, quer de outro sexo, devem possuir todas
um « — medidor-balança — » para os pesos e as medições.

LISTA DOS APPARELHOS QUE DEVEM SERVIR PARA O ENSINO DA
GYMNASTICA EM UMA ESCOLA PRIMARIA DE MENINOS

50 varas de madeira de 1^m20, 1^m30, 1^m35 de comprimento e de 0^m02 e 0^m025 de diametro;

40 pares de maças de madeira, de base plana e facil manejo, pesando 1 kilog. o par e medindo 0^m40 de alto;

25 pares de maças de madeira, de base plana e facil manejo, pesando 1 1/2 kilog. o par e medindo 0^m45 de alto;

25 pares de maças de madeira, de base plana e facil manejo, pesando 2 kilog. o par e medindo 0^m50 de alto;

40 pares de halteres, n. 1, pesando 1 kilog., os dois.

25 » » n. 2, » 2 » »

25 » » n. 3, » 3 » »

40 barras com espheras, pesando 2 »

20 » » » 3 »

20 » » » 3 1/2 »

Porta-maças em numero sufficiente.

Porta-halteres » »

Porta-varas » »

Porta-barras com espheras em numero sufficiente.

2 grandes bolas com argolas para os jogos.

1 corda de tracção de 7 metros de comprimento.

2 escalas orthopedicas tendo as seguintes dimensões: comprimento, 3 metros; largura, 0^m25; sobresalencia dos punhos, 0^m25; largura total do aparelho, 0^m55.

1 cabrestante a 4 alavancas munidas de escadas dispostas como as escadas duplas.

3 mastros de 5 metros de comprimento para equilibrios.

4 marcadores com cordas para saltos.

2 saltadores de 0^m80 de comprimento sobre 0^m60 de largura, com reguas transversaes.

1 trampolim de 1^m65 de comprimento sobre 0^m43 de largura.

2 cordas trançadas, medindo 1 metro quadrado de superficie por 0^m08 de espessura.

2 grandes cordas trançadas de 1^m50 por 1 metro.

8 varas verticaes, fixas, ou moveis, á vontade, de 0^m04 a 0^m045 de diametro.

4 cordas lisas de 0^m022 de diametro.

3 escadas podendo servir á vontade, obliquas ou verticaes, de 0^m45 de largura.

1 taboa de assalto de 4^m50 de comprimento e de 0^m40 de largura, munida em cada uma das extremidades de 2 ganchos

redondos que permitem pendural-as nas varas das escadas ou na barra fixa.

2 escadas horizontaes de 4^m50 de comprimento e de uma largura de 0^m40 e 0^m45, collocadas cada uma sobre duas pequenas escadas verticaes graduadas, afim de poderem ser tiradas ou montadas à vontade, com 0^m15 de intervallo, depois 1 metro do solo até 2^m20. Os montantes da escada não terão encaixe para a prisão das phalanges.

3 consolos moveis para applicar as escadas verticaes para os saltos em profundidade.

3 pares de barras parallelas.

3 pares de argolas ou de escadas gêmeas.

2 carneiros de dimensões differentes.

1 cavallo.

1 homme ou viga sueca. (O programma descreve este apparelho e o modo de fazer delle uso.)

3 barras fixas (apparelhos facultativos).

Para as escolas de meninas ha os mesmos apparelhos e em igual numero, accrescentando-se cordas para saltar, em numero de 40 curtas e 12 compridas.

O programma trata minuciosamente do seguinte:

Nos jardins infantis (alumnos de 4 a 6 annos) os jogos livres e com pequenos apparelhos, exercicios de ordem, corridas e saltos, exercicios com varas, barra de suspensão e trave de equilibrio.

Nos jardins infantis, as licções de gymnastica comprehendem pelo menos meia hora de manhã e meia hora depois do meio-dia; este tempo não será supprimido nos recreios. Cada vez que o tempo o permitta, as corridas, os jogos e movimentos livres se farão em pleno ar.

Os exercicios com apparelhos são introduzidos em cada licção desde a classe elementar. A' medida que a creança adianta-se em idade vai occupando um logar mais e mais importante.

N. B.— Este programma não constitúe senão um minimum de conhecimentos. A força e a aptidão dos alumnos guiarão as professoras para os desenvolvimentos que devem dar ao ensino.

O programma trata em seguida dos exercicios simples e com todos os aparelhos já citados nas escolas primarias de um e outro sexo.

Segue-se a lista dos aparelhos que devem servir para o ensino da gymnastica em uma escola média de rapazes (de 12 a 14 annos de idade).

Do grau superior das escolas médias para rapazes (de 14 a 18 annos de idade) diz o programma:

A partir da idade de 14 annos, a creança entra na sua segunda adolescencia e a necessidade de exercitar suas faculdades physicas deve augmentar. O tempo consagrado aos exercicios de gymnastica deve ser mais consideravel aqui que no grau anterior.

Os exercicios com aparelhos serão executados com uma intensidade e correção cada vez maiores. Seria ocioso dar-lhes um limite exacto.

O professor se baseará especialmente sobre a força e a aptidão dos seus alumnos. Em regra geral, deter-se-há menos nas cousas facéis para tratar mais depressa dos exercicios que exigem o desenvolvimento de destreza e de força.

Todos os aparelhos podem ser utilizados na sua medida mais larga, sob a condição, entretanto, de que o trabalho seja criteriosamente graduado e que traga o desenvolvimento harmonico do individuo.

Do grau superior das escolas médias para meninas (14 a 18 annos de idade) diz o programma:

Para as meninas na idade da escola média, ter-se-ha em muita conta a evolução physiologica a que ellas são sujeitas.

Neste momento, a educação physica não póde sempre seguir uma progressão constante. E' necessario muita prudencia e muito tacto para combater essa especie de inacção ou prostração physica de que as meninas, na sua maior parte, sentem-se invadidas.

As aulas sendo cada vez menos numerosas, a *mestra* de gymnastica poderá especialisar seu ensino variando-o, segundo as aptidões e disposições individuaes.

Applicar-se-ha sobretudo aos exercicios que tornam flexivel o tronco e os que alargam a caixa thoraxica e fortificam os peitoraes. Seguir-se-ha a execução graciosa e correcta dos exercicios. Emfim, ella se esforçará mais que nunca, em dar á licção de gymnastica a variedade e o prazer, unicas cousas que a podem tornar attrahente para as meninas desta idade.

NATAÇÃO

A natação é obrigatoria, assim como os outros ramos da gymnastica, para as creanças dos dois sexos do 2º e do 3º grau.

Os alumnos de cada aula serão conduzidos 2 vezes por semana, durante a boa estação, de Maio a Setembro, a um estabelecimento de natação em pleno ar ou coberto. Estas licções poderão mesmo ser continuadas no inverno nos locaes convenientemente aquecidos e mediante todas as precauções necessarias.

O fundo dos tanques de natação será feito com um pequeno declive e de modo que as creanças possam sempre ter nelle pé, excepto na parte reservada aos mergulhos.

A agua será mantida o mais possivel em uma temperatura constante de 20 a 22 graus centigrados.

Todas as prescripções de hygiene serão observadas. Após a primeira licção de cada anno, os alumnos serão examinados por um medico que determinará quaes aquelles que podem continuar a receber licções sem perigo e os que devem ser objecto de cuidados particulares.

A duração de um banho não passará de um quarto de hora para os alumnos que não sabem nadar e de meia hora para os que sabem.

As licções serão vigiadas pelo professor ou professora e dadas por um ou varios mestres nadadores.

Evitar-se-ha com o maior cuidado forçar os alumnos que mostrarem repugnancia pela agua.

A natação não será o intuito immediato das primeiras lições. Os alumnos se familiarisarão primeiro que tudo com a agua; serão ensinados a conservar a cabeça debaixo d'agua, a sustentar-se nella e a mover-se. Jogos e justas (torneios) serão organizados para este effeito no banheiro.

Os movimentos preparatorios de natação poderão ser ensinados no gymnasio, mas deverão ser repetidos no proprio banheiro sobre cavalletes, cuja taboa superior será collocada 10 centimetros abaixo da superficie da agua e que serão estabelecidos de modo que varios alumnos, uma dezena mesmo, se é possível, possam alli trabalhar conjunctamente.

Olhar-se-ha com a maior attenção para os movimentos das pernas e não se permittirá que os alumnos nadem enquanto esses movimentos não forem perfeitamente executados.

Quando todos os movimentos estão bem sabidos, os alumnos poderão fazer livres experiencias de natação. Em caso de necessidade estarão munidos de boias e serão exercitados á corda pelos mestres nadadores. Os alumnos poderão tambem exercitar-se por grupos de 3, dois d'entre elles sustentando o terceiro, cada um por sua vez.

Desde que os alumnos saibam nadar, se lhes ensinarão as diversas maneiras de nadar, bem como o modo de vir salvar os que se afogam.

HORARIO GERAL

As horas das aulas estão assim fixadas:

Meninos.— Das 8 $\frac{1}{2}$ ás 11 $\frac{1}{2}$ horas da manhã e de 1 $\frac{1}{2}$ ás 3 $\frac{3}{4}$ da tarde.

Meninas.— Das 8 $\frac{1}{2}$ ás 11 $\frac{1}{4}$ horas da manhã (ás quintas-feiras os cursos cessam ás 11 $\frac{1}{2}$) e de 1 $\frac{1}{2}$ ás 4 horas da tarde.

Haverá um quarto de hora de recreio pela manhã e um quarto de hora depois do meio-dia.

ESCOLAS DE

RESUMO

1º anno	2º anno	3º anno	4º anno	5º anno	6º anno	
						A — Educação
						LINGUA MATERNA
12	10	7 1/2	7	6	7	Lingua franceza: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º annos Lingua flamenga: 1º e 2º annos (classes flam.)
						SEGUNDA LINGUA
3	5	4 1/2	4 1/2	3 1/2	4 1/2	Lingua franceza: 1º e 2º annos (classes flam.) Lingua flamenga: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º annos
15	15	12	11 1/2	9 1/2	11 1/2	
						B — Educação
5	5	4 3/4	4 3/4	4 1/4	4 1/2
0	0	3/4	1	3	3 1/2
0	0	1 1/2	2	2	2
5	5	7	7 3/4	9 1/4	10	
						C — Educação
2	2	2 1/2	3 3/4	2 1/2	4 1/4
						D — Educação
7 1/4	7 1/4	7 3/4	7 3/4	8 1/4	7 3/4

(1) Os cursos de canto são dados fóra das horas de classe, a partir do 4º anno

(2) Se a população da classe exige a divisão dos alumnos em duas secções, cada

(3) No 6º anno de estudos, os cursos de trabalhos manuaes são dados fóra das de alumnos, se a população da classe exige a divisão.

MENINOS

litteraria

	1o anno	2o anno	3o anno	4o anno	5o anno	6o anno
{ Escripção	1 1/2	1	1	1	1 1/2	1 1/2
{ Leitura e recitação	8	6 1/2	2 1/2	2	1 1/2	1 1/2
{ Orthographia e grammatica	—	3	3	3	3	3
{ Exercicios de intuição e de linguagem	2 1/2	2 1/2	—	—	—	—
{ Redacção	—	—	1	1	1	2
{ Exercicios de linguagem	3	2 1/2	1	1	1	1
{ Redacção	—	—	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2
{ Leitura	—	2 1/2	1 1/2	1 1/2	1	1 1/2
{ Orthographia e grammatica	—	—	1 1/2	1 1/2	1	1 1/2

scientificã

{ Calculo mental	3 1/2	3 1/2	1	1	2 1/2	2 1/2
{ Calculo escripto	—	—	2 1/4	2 1/4	2 1/4	2 1/2
{ Systema metr.co	1	1	1	1	1	1
{ Fórmãs geometricas	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2
{ Geographia	—	—	3/4	1	1 1/2	1 1/2
{ Historia	—	—	—	—	1 1/2	1 1/2
{ Economia social e direito constitucional	—	—	—	—	—	1 1/2
Sciencias naturaes	—	—	1 1/2	2	2	2

esthetica

{ Desenho { Desenho geometrico (dictados, etc.)	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2
{ Desenho { Desenho a mão livre	1	1	1 1/2	1 3/4	1 3/4	1 1/2
{ Canto por audição e solfejo	1 1/2	1 1/2	1 1/2	(1) 1 1/2	2 1/4	2 1/4

manual e physica

{ Trabalho manual	1 1/2	1 1/2	2	2	(2) 2 1/2	(3) 2
{ Gymnastica e jogos	3	3	3	3	3	3
{ Recreios	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4
TOTAL	20 1/4	20 1/4	20 1/4	30 3/4	31 1/2	33 1/2

de estudos.
 uma dellas receberá então 1 1/4 de lição por semana.
 horas de classe; ha 4 horas de curso por semana, isto é, 2 horas por cada secção

ESCOLAS DE

RESUMO

1º anno	2º anno	3º anno	4º anno	5º anno	6º anno	
						A — Educação
						LINGUA MATERNA
11	10	7 1/2	7	6	6	Lingua franceza: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º annos. Lingua flamenga: 1º e 2º annos (classes flam.)
						SEGUNDA LINGUA
3	4	4 1/2	4 1/2	3 1/2	3	Lingua franceza: 1º e 2º annos (classes flam.) Lingua flamenga: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º annos.
14	14	12	11 1/2	9 1/2	9	
						B — Educação
5	5	4 3/4	4 3/4	4 1/4	4 1/2
0	0	3/4	1	3 1/2	3 1/2
0	0	1 1/2	2	2	1 1/2
5	5	7	7 3/4	9 3/4	9 1/2	
						C — Educação
1 1/2	1 1/2	1 1/2	2 3/4	3 1/2	3 3/4
						D — Educação
8 3/4	8 3/4	8 3/4	8 3/4	8 3/4	9 1/4

(1) Os cursos de canto são dados fóra das horas de classe, a partir do 4º anno

MENINAS

litteraria

	1º anno	2º anno	3º anno	4º anno	5º anno	6º anno
{ Escripta	1 1/2	1	1	1	1 1/2	1 1/2
{ Leitura e recitação	7 1/2	6 1/2	2 1/2	2	1 1/2	1 1/2
{ Orthographia e grammatica	2	2 1/2	3	3	3	2 1/2
{ Exercícios de intuição e de linguagem	—	—	—	—	—	—
{ Redacção	—	—	1	1	1	1 1/2
{ Exercícios de linguagem	3	2	1	1	1 1/2	1 1/2
{ Redacção	—	—	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2
{ Leitura	—	2	1 1/2	1 1/2	1	1
{ Orthographia e grammatica	—	—	1 1/2	1 1/2	1	1

scientificã

{ Calculo mental	3 1/2	3 1/2	1	1	2 1/2	1 1/2
{ Calculo escripto	—	—	2 1/4	2 1/4	2 1/4	2 1/2
{ Systema metrico	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2	1 1/2
{ Fórmãs geometricas	—	—	—	—	—	—
{ Geographia	—	—	3/4	1	1 1/2	1 1/2
{ Historia	—	—	—	—	1 1/2	1
{ Economia domestica	—	—	—	—	1 1/2	1
Sciencias naturaes	—	—	1 1/2	2	2	1 1/2

esthetica

{ Desenho { Desenho geometrico (dictados, etc.)	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2
{ Desenho { Desenho a mão livre	1/2	1/2	1/2	3/4	3/4	1
{ Canto por audição e solfejo	1/2	1/2	1/2	(1) 1 1/2	2 1/4	2 1/4

manual e physica

{ Trabalho manual	3	3	3	3	3	3 1/2
{ Gymnastica e jogos	3	3	3	3	3	3
{ Recreios	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4	2 3/4

TOTAL 20 1/4 20 1/4 20 1/4 30 3/4 31 1/2 31 1/2

de estudos.

Eis alguns traços historicos sobre a introduccão do ensino de

TRABALHOS MANUAES

na Belgica.

Os seus primeiros ensaios foram feitos em 1879 na Escola-Modelo, encarregando-se da direcção de um curso com creanças de 9 a 10 annos de idade, o Sr. van-Kalken. O curso comprehendia exercicios de picar, pregar, trançar papel, de accordo com o methodo fröbeliano, e ampliando-os com trabalhos em cartão e madeira:—cortar, cravar, collar, etc. Desde o principio do curso tratou-se de construir pequenos objectos:—caixas, quadros, corta-papeis, estojos, etc., fazendo-se uso de pequenos instrumentos, como:—a serra, o martello, o furador, etc.

Esta primeira experiencia deu os melhores e mais auspiciosos resultados e convenceram a todos de que tal ensino desenvolve no mais alto grau a intelligencia, a habilidade manual, tornando agradavel e attrahente a escola. Esse ensino fez-se fóra das horas das aulas e apesar de não ser obrigatorio não faltava alumno algum a elle, nem mesmo nos domingos.

A' vista da espontaneidade e gosto com que a elle concorriam os alumnos, foi esse ensino então installado facultativamente na mesma Escola-Modelo pelo respectivo director, Mr. Sluys, encarregando-se de dirigil-o o mesmo Sr. van-Kalken, professor de allemão desse estabelecimento.

O professor van-Kalken foi enviado pelo ministro da Instrucção Publica, van-Humbéek, em 1882, a Leipzig, afim de seguir alli os cursos de Clauson-Kaas. De volta, apresentou um magnifico relatorio, mostrando-se decidido apostolo desse ensino, apresentando suas vantagens e concluindo com estas palavras de A. Hermann Pergameni: « O estudo do trabalho manual não é sómente util aos que

mais tarde deverão viver desse trabalho; é de um interesse geral, pois contribúe para equilibrar o trabalho intellectual e completa com grande felicidade a obra da gymnastica. Finalmente, familiarisa os meninos com os diversos dominios da actividade humana e póde converter-se em fonte preciosa de distracções e de prazer.»

O mesmo ministro liberal commissionou em 1883 van-Kalken e Mr. Sluys para que seguissem em Nãas (Suecia) o curso de M. Salomon, o que feito e visitados em varias cidades suecas alguns estabelecimentos nos quaes se professava o trabalho manual, Mr. Sluys apresentou um relatorio no qual expoz e analysou detidamente o systema de Nãas, occupando-se do que vira tambem sobre o assumpto na Noruega, Allemanha e França. Esse relatorio de Mr. Sluys é reputado como um dos melhores estudos feitos sobre o trabalho manual sueco: contribuiu poderosamente para tornar conhecido o systema Salomon e mereceu as honras de ser traduzido em inglez em New-York. As conclusões desse relatorio são as seguintes:

1.º O trabalho manual deve fazer parte do programma das escolas primarias para assegurar a cultura integral e harmonica de todas as faculdades do menino, para o desenvolvimento progressivo e methodico da habilidade manual ou da aptidão technica que, na organização actual, não é objecto de exercicios especiaes.

2.º O ensino dos trabalhos manuaes deve basear-se nos mesmos principios geraes que o ensino dos outros ramos do programma; tem, com effeito, por fim, a cultura formal do discipulo e não o apprendizado de determinadas profissões.

3.º O programma do ensino de trabalhos manuaes deve comprehender:

A.—Primeiro grau da escola primaria (alumnos de 6 a 8 annos). Trabalhos pelo methodo Fröbel, 3 horas por semana.

B. — Segundo grau da escola primaria (alunos de 8 a 10 annos). Os mesmos trabalhos e mais especialmente a modelação e o trabalho de papel e de cartão, 3 horas por semana.

C. — Terceiro grau da escola primaria. Escola primaria superior e Curso preparatorio dos estudos normaes (alunos de 10 a 14 e a 16 annos). Trabalho em madeira segundo o methodo do Sr. Otto Salomon, 3 a 6 horas por semana.

D. — Escolas normaes. Iniciação theorica e pratica dos normalistas nas materias dos programmas **A**, **B** e **C**.

4.º O ensino dos trabalhos manuaes deve estar intimamente ligado ao das fórmulas geometricas e do debuxo.

5.º Para assegurar um bom ensino do trabalho manual nas escolas normaes, se organizará um curso temporario (para preparar professores).

6.º O programma, tal qual está formulado acima, poderia ser applicado immediatamente á secção normal de Bruxellas e á escola primaria superior annexa.

Em 1884 as eleições entregam o poder aos clericos e uma das primeiras escolas supprimidas foi a Escola Normal e Modelo de Bruxellas. Um mez depois, em Outubro, o Conselho communal sustenta nella, em todas as suas partes, o programma de 1881 e aggrega o trabalho manual com o caracter obrigatorio, de accordo com o programma de Mr. Sluys: no 1º anno, exercicios fröbelianos, trabalhos em cartão e em madeira; no 2º, madeira, e no 3º, madeira e modelação. Ensinam-se tambem a pedagogia e methodologia do trabalho manual e os alumnos do 3º anno praticam-n'o na Escola de Applicação.

Em 1885 o Conselho communal de Bruxellas estabelece um curso de 1 anno para os normalistas que trabalham 4 horas por semana. Para os trabalhos em cartão e madeira segue-se o systema Salomon. Mr. Sluys ensina a pedagogia e methodologia do trabalho manual. Schuermans (professor da Escola Normal) incumbem-se dos trabalhos em madeira e Calozet dos exercicios Fröbel e trabalhos em cartão, applicando a

estes o methodo de Leonard y Kumer, de Dresde, modificado posteriormente pelo proprio Calozet. Uns 20 alumnos seguem este curso e obtêm diploma.

Um outro curso se organiza em St. Gilles, que é seguido por uns 15 alumnos normalistas e entre estes Swevelt, que tres annos depois publica uma série de modelos de madeira e um livro intitulado — « O trabalho de madeira na Escola Normal e na Escola primaria » — inspirado nos principios de Salomon.

Crearam-se ainda cursos temporarios em Bruxellas para os normalistas, desde 1886 até hoje. Todo o corpo docente de Bruxellas possui habilitações actualmente para esse ensino.

Desde 1884 fez-se propaganda activa sobre esse ensino, quer em conferencias publicas iniciadas por Mr. Sluys, quer em artigos na imprensa pedagogica.

Em 1887 o Dr. Mallar pronunciou no parlamento um magnifico discurso em favor do ensino do trabalho manual, e o Ministro do Interior, sob a influencia da propaganda geral, organiza um curso na Escola Normal de Nivelles. Van-Kalken encarrega-se da parte pedagogica e methodologica, Van Swevelt dos trabalhos de madeira, Calozet dos de cartão e Stepman dos de modelação. Finalmente, elle passa a fazer parte dos estudos das escolas communaes, de accordo com o programma já citado. Nos graus inferiores fazem-se os trabalhos de Fröbel, do 3º ao 6º os trabalhos de cartão, incorporando-se a estes, a partir do 5º grau, os de madeira.

Para os trabalhos de papel, o intelligente e laborioso professor Boogaerts encontrou o meio de, tendo por base os principios mathematicos, fazer-se um numero incalculavel de exercicios e construir mil objectos differentes, que não sómente desenvolvem a habilidade manual do alumno, como tambem a sua imaginação, contribuem para a cultura esthetica e são um auxiliar poderoso para o estudo da geometria.

E' necessario ver a collecção já feita pelo mesmo Sr. Boogaerts, que é admiravel. As estrellas, as combinações, e

objectos feitos com papel branco apresentam o aspecto de construcções em gesso, sendo de um bello effeito as combinações a côres.

A série de exercicios de Boogaerts se desenvolve methodicamente e o auctor tem quasi terminado um livro em que expõe seu methodo, com as illustrações necessarias. (Desse methodo trouxe eu 2 exemplares, um para meu uso, e outro que offereci ao *Pedagogium*.) O trabalho do Sr. Boogaerts foi acceito com as maiores sympathias entre os professores bruxellenses que assistem pontualmente e em quasi toda a sua totalidade, às conferencias e licções praticas por elle dadas espontanea e gratuitamente.

Havia presenciado já varias licções dadas por elle aos meninos das escolas primarias e presenciei por ultimo uma das licções que elle dá ao pessoal docente, diz o Sr. Pablo Pizzurno, de cujo trabalho colhi estes apontamentos historicos sobre o trabalho manual na Belgica. Confesso, diz esse professor, que me senti impressionado ao vel-o rodeado de 100 professores de ambos os sexos, que seguiam com a maior attenção as explicações do seu collega e passando duas e mais horas cada um, pregando, cortando, trançando papel, só com o fim de adquirir a habilidade sufficiente para introduzir tão uteis exercicios em suas escolas, e sem que nada a isso os obrigasse.

E' um raro exemplo, que tanto honra aos professores publicos de Bruxellas, continúa o Sr. Pizzurno, como ao digno professor Boogaerts, o qual, depois de trabalhar todo o dia sem descanso e com a saude enfraquecida, não falta uma só noite às suas conferencias completamente gratuitas.

Digamos agora algumas palavras sobre

O METHODO DE JEAN BOOGAERTS

ou *Exercicios methodicos de trabalhos manuaes por meio da dobradura e encurvadura (PLIAGE) do papel, sem fer-*

ramentas nem instrumentos, adaptados ao ensino nas escolas primarias, obra adoptada pelo Governo para as bibliothecas cantonaes de professores e para as bibliothecas das Escolas Normaes, publicada em 1890.

Tendo eu visto praticar este methodo em uma das escolas que visitei em Bruxellas, assistindo a uma aula talvez de 50 alumnos dirigidos por um professor distinctissimo e que fôra discipulo aproveitado do Sr. Boogaerts, discipulo que muito honra ao mestre e que se compenetrara intima e conscienciosamente das excellencias desse novissimo methodo, ainda pouco conhecido em toda a Europa e completamente desconhecido no Brazil, tratei de fazer aquisição de exemplares, para melhor conhecê-lo.

Indagando onde o encontraria à venda, disseram-me que só em casa do proprio auctor. Para lá me dirigi, infelizmente em hora em que não pude encontrar o Sr. Boogaerts, então leccionando na escola em que tem exercicio.

O Sr. Boogaerts mora fóra de Bruxellas, em Etterbeek, Chaussée Saint-Pierre n. 12. Ahi consegui obter exemplares da obra, que tem por epigraphe o seguinte trecho:

« A primeira sciencia da escola primaria é a sciencia do trabalho:— ella arma a creança na lucta pela vida e concorre directamente para o bem-estar do povo e para a prosperidade nacional. »

Precedem à obra os seguintes trechos, extrahidos da — « Revista pedagogica belga »—, de 15 de Março de 1889 e escriptos por Mr. Sluys:

« Mr. Boogaerts, professor na escola n. 9, creou um methodo de trabalhos manuaes extremamente interessante.....

Elle reduz a despeza da materia prima à sua mais simples expressão, e quanto às ferramentas especiaes, são supprimidas. Elle não emprega como materia prima senão papel, que faz dobrar e cortar seguindo certas regras. As dobraduras são feitas à mão e as figuras se desprendem pelos rasgões, seguindo as dobras. Os instrumentos de geometria, régua, esquadro,

compasso, transferidor, não são também necessários para as construcções variadas ao infinito, que têm sido imaginadas pelo auctor.

As dobraduras, reguladas segundo uma lei determinada, permitem construir, com uma rigorosa exactidão, a maior parte das figuras planas, figuras de solidos e innumeraveis combinações que apresentam bellas decorações e applicações muito interessantes e estheticas para uma multidão de profissões nas quaes a arte exalta a industria.

A obra de Mr. Boogaerts se caracteriza pela riqueza e pela belleza das combinações, assim como pela simplicidade dos meios empregados para as obter. Ella corresponde em todos os pontos ás exigencias do ensino, tal como deve ser comprehendido; com effeito, estas séries graduadas de exercicios fazem que as creanças adquiram uma grande aptidão manual, exercitando a vista pela apreciação das fórmias e das côres, desenvolvendo e apurando o gosto, e provocam também constantemente a iniciativa dos alumnos. Desde que estes sabem como, por simples dobraduras, se constrúe uma determinada figura, acham por si mesmos applicações numerosas que exercitam o seu engenho.

Mr. Boogaerts consagrou um trabalho consideravel á creação destas séries de exercicios. Inspira-o um grande devotamento pelas creanças cuja educação lhe tem sido confiada.

Tendo penetrado todos os segredos do methodo Frœbel, mestre por sua vez, imaginou, ficando sempre fiel aos principios do grande pedagogo, trabalhos novos, que trazem o cunho da originalidade. Toda a geometria é applicada nos trabalhos em papel. Esta sciencia penetra no espirito das creanças por exercicios dos dedos e da vista e as prepara admiravelmente, pelo verdadeiro caminho do desenvolvimento psychico (do concreto para o abstracto), para a concepção das verdades do dominio das mathematicas. Demais, o sentimento da arte fica satisfeito e se apura nesta série de pequenos trabalhos, sem contar que as applicações industriaes fazem comprehender ás creanças os principios fundamentaes dos principaes officios baseados na fórmula e na côr.

A conferencia e a licção de Mr. Boogaerts produziram sobre os alumnos da Escola Normal uma grande impressão. Elles puderam ver ahí também quanto as questões pedagogicas são fecundas em revelações interessantes para os que as sabem perscrutar com methodo, quanto são numerosas as fórmias que se pôde dar ao ensino para tornal-o attrahente, pratico, variado, e que satisfações intimas e reconfortantes experimentam

aquelles que, depois de terem trabalhado obstinada e tenazmente pelo progresso pedagogico, vêm, emfim, surgir de suas meditações e de suas experiencias e tentativas, séries de exercicios que, applicados com intelligencia, augmentam consideravelmente a acção educativa da escola. »

O editor da obra assim se exprime em um breve prefacio :

« O methodo Boogaerts continúa no ensino primario o programma educativo começado nos jardins infantis pelo methodo Frœbel.

Tanto n'um como n'outro, a geometria fôrma a base da evolução de todo o trabalho pedagogico, e os exercicios de applicação que nelles se firmam, revestem sempre a fôrma attrahente dos jogos de construcção e de combinação.

Mas o methodo Boogaerts se eleva ao nivel do programma dos estudos primarios e medios, e as noções de geometria, guardando sempre sua fôrma concreta e intuitiva, se tornam nelle mais precisas, mais scientificas e abrangem todos os pontos do programma.

Emquanto que nos estudos actuaes, a geometria linear e a geometria constructiva não têm senão um fim puramente educativo e que entre as noções geometricas bebidas na escola primaria e as applicadas na officina falta o ponto de correlação, que faria que as segundas se pudessem apoiar sobre as primeiras, no presente methodo, cada nova noção que se ensina, recebe immediatamente sua justificação, sua razão de ser, em uma série de applicações fornecidas pelas proprias profissões manuaes. A creança faz conhecimento, não precisamente com o officio que seguirá mais tarde, mas com um conjuncto de profissões, cuja technica, bellezas especiaes, problemas que provocam, e dependem do dominio intellectual, são da alçada de todo o homem de intelligencia e de gosto.

Por isso mesmo que a applicação segue sempre immediatamente a noção, temos uma garantia das qualidades praticas dos meios empregados.

Aqui, a creança crêa constantemente; e ao fim de cada criação, ao lado da excitação physica e intellectual que provoca o trabalho dos dedos e do espirito, encontra no prazer da descoberta a animação para novos esforços.

A construcção da fôrma inicial, sempre extremamente simples, é feita com alegria; a noção scientifica, que se obtem naturalmente e sob o trabalho da observação directa dos sentidos, é nitida e precisa, as combinações ás quaes ella se presta são de uma riqueza, de uma correcção, de uma variedade que todos

os jogos de mosaico, de construcção, de conjuncto reunidos não podem igualar.

Estas construcções geometricas, onde se encontra condensado o genio da constructura, que se eleva até á esthetica mais pura e mais rica, apresentam para o alumno de nossas escolas um fundo consideravel de sciencia pratica, uma fonte de idéas novas, de creações, de progresso, e constituem para os outros uma iniciação poderosa á apreciação do bello sob qualquer fórma que elle se apresente.

Ellas mostram a todos e sobretudo ás populações das cidades quanto são nobres e grandes, quanto são perfectiveis e fecundas em descobertas as profissões manuaes, tão humildes á primeira vista e que não são frequentemente desdenhadas senão por quem não está na altura de comprehender nem as suas bellezas, nem os seus recursos.

A primeira sciencia na escola primaria é a sciencia do trabalho; ella arma a creança na lucta pela vida e concorre directamente para o bem-estar do povo e para a prosperidade nacional.

O methodo Boogaerts, tão vasto nos seus fins, é de uma simplicidade extrema nos seus meios. Ensina, primeiro que tudo, a geometria linear, a construcção dos polygonos, solidos e secções de solidos, e as combinações de todos os elementos geometricos, taes como se encontram na maior parte dos productos industriaes; e, em seguida, a par dessas noções uteis no mais alto grau, offerece uma série de construcções das quaes o lado agradavel é feito para contentar á creança e aos jovens de ambos os sexos, provocando nelles a iniciativa do pensamento e o desenvolvimento do sentimento da esthetica. Quanto ao material empregado, elle reduz-se á simples folha de papel; régua, esquadro, transferidor, canivete ou tesoura são completamente abandonados. Os professores, em primeiro lugar, poderão apreciar as facilidades que consegue a eliminção de toda a ferramenta.

O trabalho que o auctor offerece hoje a seus collegas é — ESSENCIALMENTE NOVO. Elle tanto contém ensinamentos para o professor como para os alumnos, e o pae de familia que se occupa de seus filhos, ao voltarem da escola, o joven artifice que busca no estudo o aperfeiçoamento de sua profissão, e o homem curioso, assim como o que procura prazeres intellectuaes, acharão ali materia de grande satisfação.

Mas é ás creanças de nossas escolas que elle se destina em primeiro lugar. Concebido no espirito do methodo Fröbel, como se disse acima, mas com uma extensão relativa ao pro-

gramma da escola primaria e à idade dos alumnos, este methodo contribuirá para introduzir nas escolas um ensino solido, pelo esforço combinado do espirito e dos sentidos, e esclarecido pela pura luz da observação directa. Elle terá por dom fazer desabrochar nas creanças o gozo sereno do trabalho proprio e tornar a atmospherá da aula— alegre, clara e feita de actividade e de prazer. »

VANTAGENS DO METHODO BOOGAERTS SOB O PONTO DE VISTA
DO ENSINO

O methodo Boogaerts é um curso seguido e methodico da geometria sob a fórma attrahente de jogos de construcção e de combinação.

As applicações ás noções geometricas constituem um rico conjuncto de trabalhos manuaes.

Sua pratica póde ser immediata, visto que, embora a extensão do programma seguido, não necessita emprego de nenhum material.

Não é necessario nem régua, nem esquadro, nem transferidor, nem compasso, faca, escova, colla. Necessita-se sómente de uma folha de papel e, para certos trabalhos, o auxilio do cartão encerado.

O perigo dos instrumentos de aço não existe: a classe póde ser numerosa.

A preparação das licções é facil e rapida. Cada construcção começa e acaba em uma licção. Os modelos feitos são correctos, variados e de grande riqueza decorativa.

Elles formam a base de um methodo de desenho do natural tanto melhor que a creança conhece perfeitamente o modelo, visto que por si mesma o constrúe e que as difficuldades são apresentadas desde os elementos mais simples até aos mais complicados. Essas considerações importantes recommendam muito ao pessoal das escolas industriaes, das de adultos, dos cursos de desenho, etc., o tomarem conhecimento deste novo trabalho.

A noção ensinada na escola sob o aspecto attrahente do jogo é levada e repetida no lar domestico; grandes e pequenos se interessam, porque é bello, é curioso, porque nada custa e não causa incommodo algum.

E' talvez a primeira occasião que o poder educativo da escola poderá fazer sentir sua acção bemfazeja, com uma tal intensidade, fóra do recinto escolar.

O trabalho é a causa suggestiva das virtudes civicas e moraes. Inspirar o gosto do trabalho — « por meios simples e ao alcance das creanças »—, tal é o fim do livro, tal é o de todo o homem que pertence a uma escola.

O livro do Sr. Boogaerts abre por uma pagina de gravuras representando o modo de se dobrar e cortar o papel para a confecção dos trabalhos, e por uma explicação escripta sobre o mesmo assumpto.

O ensino de trabalhos manuaes pelo methodo Boogaerts começa pelo cubo, pois que, como o diz o auctor, — « o cubo é o ponto inicial do ensino da geometria e a base do nosso methodo ».

O methodo trata dos seguintes trabalhos : — 1º, construcção do cubo (os seis rectangulos) e applicações; 2º, construcção do cubo (com um rectangulo de papel); construcção de parallelepipedo rectangulo; 3º, construcção do cubo (com dous rectangulos); 4º, construcção do cubo (com um quadrado) e applicação; idem com dous quadrados; construcção e analyse do cubo; o quadrado, sua construcção; construcção de um quadrado que seja o dobro do quadrado dado; idem que seja o quadruplo; idem que seja a metade; o quadrado com bordas imbricadas; o quadrado estrellado; idem duplo, analyse do quadrado, divisão do mesmo; divisão do quadrado em nove quadrados e de uma linha em tres partes iguaes; construir um quadrado tendo $\frac{1}{9}$, $\frac{2}{9}$ e $\frac{4}{9}$ de um quadrado dado; idem valendo $\frac{5}{9}$ de um quadrado dado; idem valendo 5 vezes um quadrado dado; idem 5 vezes menos que um quadrado dado; idem 2 vezes mais; idem 10 vezes menos; demonstração instructiva do quadrado da hypotenusa; dois quadrados, sendo dados, achar um equivalente, etc., etc.

O rectangulo; a caixa de collecções, caixa que fecha hermeticamente; a caixa de confeitos; o cinzeiro em lozango; a escrivaninha; a tigela; a fructeira; o porta-flôres, etc.; o triangulo; o triangulo equilateral (triseccção do angulo

recto); construir um triangulo equilateral, sendo dada a altura; idem sendo dada a base; o maior triangulo possivel em um quadrado; a bissectriz; applicações do triangulo equilateral; a pyramide; o hexagono; idem imbricado; idem estrellado; o lozango; construir o maior lozango n'um quadrado; a caixa de alfinetes; o octogono; construcção dos polygonos; o pentagono e o decagono; o heptagono e o enneagono, os angulos dos polygonos; polygonos estrellados; lista dos primeiros polygonos simples e estrellados com o modo de formação e de abertura dos seus angulos; a área dos polygonos; relação entre o diametro e a circumferencia; os trabalhos plasticos; a pyramide triangular (secção do cubo); a pyramide uma vez truncada; idem duas vezes; o cubo visto pelo seu angulo; a pyramide com angulo triedro cavado; o cubo com angulo triedro cavado; o annel e o quadrado triangulares; fôrmas secundarias da pyramide; pyramide trapezoidal; idem de base obtusangular; a pyramide sobre prisma; pyramide complementar; trabalhos compostos de pyramides, pyramides de faces equilateraes, pentagonal, quadrangular e triangular; o tetraedro regular, hexaedro de faces triangulares, octaedro regular; decaedro de faces equilateraes; rhomboedro, icosaedro; tronco de pyramide, pyramide prismatica, fôrmas derivadas do icosaedro; cesta hexagonal; idem para guardar pequenos objectos; a jardineira; pyramides derivadas do octogono; os prismas, celhasinhas e caixas; reconstituicção do cubo; estrellas em relevo; trabalhos de faixas estreitas (tiras de papel); os franzidos (encerespados, pregas, etc.)

O livro tem 784 gravuras representando os trabalhos que podem ser feitos, tudo acompanhado das explicações necessarias para dobrar, cortar o papel e fazer as combinações, objectos, etc.

Penso ter dito o sufficiente para que se faça uma idéa do que é o novissimo methodo de trabalhos manuaes em papel, methodo do qual é auctor o professor Jean Boogaerts.

E visto que acabo de tratar de um methodo de ensino, aproveito a oportunidade para apresentar-vos o

METHODO ANALYTICO E SYNTHETICO DE LEITURA E
ORTHOGRAPHIA DE MR. SLUYS

director da Escola Normal de Bruxellas, obra adoptada pelo Conselho de aperfeiçoamento e pela mesma cidade. Desse trabalho, dividido em duas partes:— Livro do alumno—e —Livro do mestre,—o auctor me obsequiou com um exemplar da 2ª parte. Remetti o exemplar, que me foi dado, ao *Pedagogium*.

O Livro do alumno—é preparado do seguinte modo, conforme o que se encontra no seu Summario: N. 1—Vogaes e consoantes simples; palavras de orthographia regular. N. 2—Letras apresentando varios sons ou varias articulações differentes: *e, c, q, qu, h, g, gu, gn, s, ss, h, th, rh, ph*, apostrophe *l, j*. N. 3—Os diphtongos, os *ll* molhados, as consoantes compostas, os falsos diphtongos. N. 4—As vogaes nasaes. N. 5—Leitura expressiva.

O Livro do mestre—trata do methodo analytic e synthetic e das cinco partes do primeiro grau primario. Com este livro na nossa frente, façamos uma ligeira descripção do methodo:

A 1ª licção começa pela palavra—*papa*—que é depois decomposta nas duas syllabas que a formam: *pa... pa*, depois nas letras: *p... a... p... a*, e finalmente as letras em redondo e em manuscripto, para que o alumno comece a distinguir o typo manuscripto do typo redondo, assim: *a, p, a, p*.

A 2ª licção é um exercicio identico com a palavra *pipe*; no fim desta licção o alumno repete a palavra tambem aprendida na 1ª licção, o que se dá constantemente em todas as licções que se seguem, no fim das quaes o alumno recorda

sempre as palavras aprendidas em todas as licções anteriores. A 5^a, a 6^a, a 7^a, a 8^a etc., até á 36^a licção são no mesmo sentido.

Da 9^a licção em diante começam por apparecer pequenas phrases formadas com palavras já aprendidas. Na 4^a licção apparece o *e*; na 5^a as letras *o* e *u*; na 6^a o *t*; na 7^a o *e*; na 10^a o *f*; na 11^a o *s*; na 12^a o *ch*; na 13^a o *b*; na 14^a o *d*; na 15^a o *g*; na 16^a o *v*; na 17^a o *z*; na 18^a o *f*; na 19^a o *l*. Na 20^a licção ha um exercicio de pequenas phrases em que entram, além das vogaes necessarias, as letras *p, t, c, b, d, g, f, s, ch, v, z, j, l*. A 22^a licção é com palavras em que entra a letra *m* e a 23^a — palavras que têm as syllabas *ma, ta, sa*.

Na 24^a licção entra o *n*; na 26^a o *r* e na 34^a a letra *o*. A 36^a licção, que é a ultima da primeira parte, tem um exercicio só de letras e diphtongos, finalizando com todo o alphabeto maiusculo em caracteres typographicos.

Na segunda parte, a 1^a licção começa pela palavra *Bec* e suas decomposições *B...ec*, e *e* = *é*, as syllabas *ec, ep, et, ef, es, el, er*, seguindo-se exercicios de palavras. A 2^a licção consta de um exercicio de phrases; a 3^a tambem subordinadas ás syllabas *ette*; a 4^a, exercicios de phrases; a 5^a idem com *et* = *é*; a 6^a phrases, a 7^a idem subordinadas a *elle, erre, esse*; a 8^a phrases; a 9^a idem subordinadas a *l, la l'*; a 10^a phrases; a 11^a idem subordinadas a *je j'*; a 12^a idem subordinadas a *il, elle*; a 13^a phrases; a 14^a idem subordinadas ás affirmativas *il est, il n'est pas*; a 15^a idem subordinadas ás interrogativas *est-il, est-elle, a-t-il, a-t-elle?*; a 16^a palavras em que entrem as letras *gn*; a 18^a em que entrem as letras *q=c, qu=c*; a 20^a em que entram *g=j*; a 22^a *gu=g*, e assim por diante. A 26^a licção trata de phrases subordinadas a *ce, cel, cette*; a 27^a a *ici, lá, ceci, cela, c'est*; a 28^a phrases em que entre a letra *s=z*; a 30^a *ss=s*, seguindo-se nas outras licções o *h* mudo, o *ph=f*, o *k=c=q*, terminando a 2^a parte com uma recapitulação de vogaes e consoantes.

Na terceira parte, da 1^a à 9^a lição, trata de diphtongos, seguindo-se lições tratando de dois *u* e *u* molhados. Após apparecem lições e exercicios de consoantes compostas. Da 53^a lição em diante, começam alguns exercicios de grammatica: exercicios de palavras representando nomes e verbos.

A quarta parte—começa pelas vogaes nasaes, apresentando a palavra *lundi* e decompondo-a *l...un...di un*, mostrando em seguida outras palavras de vogaes nasaes como *parfum*: *um=un*, etc. Na 3^a lição vêm exercicios de substantivos e especificação dos generos; na 4^a a forma feminina dos qualificativos; na 5^a o final masculino mudo de certos qualificativos; na 10^a o adjectivo possessivo; na 15^a o pronome por pequenas phrases; na 16^a o singular e o plural dos nomes. Segue-se o tempo presente do modo indicativo dos verbos *ser* (ou estar) e *ter* (ou haver) por pequenas phrases. Na 19^a lição ha um exercicio de palavras no singular, que o alumno passará depois para o plural; na 20^a um exercicio em contrario, seguindo-se outras lições iguaes. A 26^a lição trata da preposição, seguindo-se finaes de nomes, de adverbios, de participios presentes; a 38^a trata de prefixos; a 47^a exercicios de verbos por meio de pequenas phrases, seguindo-se outras lições no mesmo genero. Apparecem depois os nomes dos numeros, os dos dias da semana, os dos mezes, das estações, etc., por exercicios de phrases. A 64^a lição é destinada à *trema*, a seguinte ao — *w* — e depois exercicios de phrases sobre outras difficuldades da lingua, como passados dos verbos, etc. Da 80^a lição em diante apparecem exercicios de phrases verdadeiramente instructivas sobre o corpo humano, a bocca, a lingua, os dentes, olhos, orelhas, nariz, pescoço, tronco, braços e mãos, pernas e pés, vestimentas, a familia, a casa, os moveis, a refeição, a primavera, verão, outomno e inverno, terminando com esta ultima estação o livro na lição 95^a da 4^a parte.

Eis resumidamente o methodo analytic e synthetico de leitura e orthographia de Mr. Sluys.

Tratando-se de um methodo organizado por um homem da estatura intellectual e da competencia professional de Mr. Sluys, cuja influencia no moderno ensino belga tem sido immensa, parece-me util transcrever grande parte do prefacio do seu methodo, pois nelle se encontram as suas opiniões sobre o ensino da leitura e da orthographia, as bases, segundo penso, de toda a educação intellectual.

Prefiro ser censurado por avolumar este relatorio a deixar de apresentar ao meu governo a opinião de um verdadeiro professor moderno e que exerce a mais alta, incontestavel e justificada influencia sobre o ensino publico de um dos mais adiantados paizes da Europa contemporanea, no assumpto de que se trata. Demais, julgo que não são entre nós bastante conhecidos o nome e os trabalhos pedagogicos de tão eminente professor. Ouçamol-o pois :

« IMPORTANCIA DE UM BOM METHODO DE LEITURA — Póde-se aprender a ler por todos os methodos e mesmo sem methodo, diz-se, e cita-se, apoiando esta asserção, experiencias individuaes e a opinião de J. J. Rousseau (*Emile* ou de l'Education), que exclama : « Faz-se uma grande questão na procura dos melhores methodos de aprender a ler ; inventam-se carteiras typographicas, cartas, faz-se da alcova de um menino uma officina de imprensa. Locke quer que elle aprenda a ler com *dados*. Não é esta uma boa invenção ? Que tristeza ! Um meio mais certo para tudo isto, e que sempre esquecemos, é o desejo de aprender. Dai á creança este desejo, abandonai vossas *carteiras* e *dados* : todo o methodo lhe será util. »

(A carteira typographica que empregava-se ainda na escola communal n. 3, em Bruxellas, em 1864, foi inventada por Damas em 1726, e descripta na sua *Bibliothèque des enfants*, publicada em 1783.)

Subscrevemos voluntariamente este principio de Rousseau : « dai á creança o desejo de aprender a ler » e com elle condemnamos os processos ficticios: dados, cartas, carteiras typographicas, que complicam inutilmente o ensino da leitura. Nós reconhecemos que todo o methodo será bom para *Emile*, no dia em que elle tiver desejo de aprender, e pelos seus 12 annos, seu mentor imaginará um meio encantador de inspirar-lhe esse

desejo. Mas o facto não é sómente de educar *Emile*, que é filho de um gentilhomen, tem um mentor, que não se occupa de outra cousa senão do seu discipulo, mesmo durante o periodo da educação negativa, quando o melhor meio de ganhar tempo é perder. *Emile* não saberá nada até 12 annos e terá todo o tempo depois para aprender a ler. A educação moderna não pôde accomodar-se a este regimen; ella tem outras exigencias, principalmente no que é concernente á instrucção dos filhos do povo, que os paes retiram da escola aos 12 annos e mesmo antes dessa idade, para entregal-os aos trabalhos agricolas ou industriaes. E' preciso que saibam ler e ler bem antes de deixar a escola primaria, senão ficam perdidos para a instrucção, entram fatalmente na triste familia dos analphabetos, para a qual a vida, estreitamente limitada ás necessidades materiaes, torna-se sombria, e não chegam mesmo a ter a consciencia de uma emancipação intellectual e moral possivel. Não podemos, pois, seguir Rousseau ao pé da lettra. Inspiremos á creança o desejo de aprender a ler, tirando a essa aprendizagem o que ha de arido, mas ensinemos a leitura de modo que seja definitivamente adquirida desde o segundo grau da escola primaria. Ora isso não é possivel senão quando um methodo é baseado nas leis do desenvolvimento physico das creanças e na propria essencia do mechanismo da leitura.

O methodo deve ainda ser adaptado ás condições do ensino; ensinar a ler a um grupo numeroso de alumnos é mais difficil que ensinar a ler a um só alumno. E' sómente conformando-se ás leis geraes da evolução mental das creanças que se pôde chegar na escola a resultados satisfactorios nesta materia, como em qualquer outra. Se bem que a leitura não seja senão um «conhecimento instrumental ou uma ferramenta intellectual», sua aquisição pratica deve concorrer para o desenvolvimento normal mesmo da intelligencia. Uma creança que aprendeu a ler por processos illogicos, embora saiba ler bem, pagou muito caro este saber pratico; ella perdeu muito tempo; uma direcção irracional ficou impressa no seu espirito, e della conservarà sempre os signaes. E' o caso para o ensino da leitura por este methodo estúpido, que consiste em torturar a creança fazendo-a aprender primeiro as lettras do alphabeto, depois a solettração das syllabas: *ba, be, bi, bo, bu, fa... xa, xo... plu, vlou, etc.*, que não tem nenhuma significação e que habitúa a creança a ler sem comprehender, e a associar a idéa da leitura ao sentimento penoso do aborrecimento.

Quantas lagrimas custou o primeiro ensino da leitura por methodos deste genero! Quantas creanças foram perdidas para

a vida intellectual em consequencia de iguaes processos que, desde o principio da vida escolar, lhes inspiraram o aborrecimento ao estudo!

LER COMPREHENDENDO.— A base em que se deve firmar o ensino da leitura elementar é que é necessario *ler comprehendendo*. Ler mechanicamente, isto é, traduzir por meio de sons os signaes graphicos sem apanhar o sentido das palavras e das phrases, não é ler, exactamente como — «saber de còr não é saber».— A leitura é um instrumento de conhecimentos que não se deve manejar senão para tomar a idéa e apropriar-se della, comprehender e reflectir.

A ordem natural é evidentemente esta: — *pensar, falar, ler*. Ensinar a ler mechanicamente sem se preoccupar si a creança pensa quando está lendo — é o que acontece inevitavelmente quando se lhe faz ler grupos syllabicos sem sentido ou palavras para ella incomprehensíveis, — é visar a ordem natural sem proveito para a leitura e dar ao espirito um habito funesto, o de ler sem pensar.

Ninguém esqueça, quando ensina a ler, a influencia benéfica da excitação agradável! O que se aprende alegremente se aprende bem e nunca mais se esquece. O aborrecimento é o inimigo da educação; inspira o desgosto do estudo e deprime os caracteres. Que o joven professor não esqueça, mesmo quando ensina a leitura elementar ás creancinhas, estas judiciosas palavras de Montaigne: «Onde está o proveito sem distracção?» E' para tirar, tanto quanto possível, á primeira aprendizagem da leitura seu character arido, que banimos os grupos syllabicos sem significação e que adoptamos o methodo analyticosynthetico, que toma por ponto de partida a *palavra conhecida* para chegar a fazer conhecer a *letra desconhecida*.

Não é sufficiente, para chegar a esse ponto, seguir uma marcha rigorosamente logica, é preciso, ainda, que as difficuldades da primeira aprendizagem da leitura sejam dissimuladas por uma especie de *mis-en-scene* que incuta agradávelmente este conhecimento, tão pouco attraente no seu natural.

Apresentando ás creanças palavras-typos, contendo as letras que se propõe a ensinar-se-lhes, deve-se ter cuidado em bem estabelecer a significação destas palavras. As explicações verbaes não são ahí sufficientes. E' por *intuição* que é preciso proceder.

Mostrar-se-ha os objectos que estas palavras representam *in natura*, si possível fôr; no caso contrario, por meio de modelos ou gravuras. Em muitos casos, o professor, si sabe

desenhar, fará rapidamente no quadro negro um *croquis* da cousa significada; esta será o objecto de uma conversação prévia entre o professor e os alumnos. Esta licção de cousas fixará a significação da palavra no espirito das creanças, e si fôr bem conduzida, será para a licção de leitura — « esta excitação agradável » —, que faz vencer todas as difficuldades.

A ESCRIPTA E A LEITURA. — A escripta necessariamente precedeu à leitura. Só se lê o que está escripto. Foi necessario inventar signaes de escripta antes de os ler. Ora, como todo o methodo deve seguir a lei do desenvolvimento historico, que é o da evolução mental individual — a creança, passando pelas phases que a humanidade percorreu, — convem começar o ensino pela escripta e não pela leitura.

O que deve aprender a creança para saber ler? Ella pensa, fala: é necessario que chegue a distinguir os elementos das palavras, os sons (vogaes) e as articulações (consoantes); que aprenda a representar tudo por signaes graphics convencionaes e, em ultima analyse, a ler as palavras escriptas. Tal é a marcha logica. Si fosse necessario crear a escripta, não se poderia proceder de outro modo: seria necessario procurar primeiramente nas palavras da lingua os elementos phoneticos e imaginar um systema de signaes graphics para os representar. « A fusão ou melhor a juxtaposição desses dois systemas de exercicios é justificada, diz Bernard Perez, psicologicamente pela analogia entre a palavra escripta e a palavra falada, e physiologicamente, segundo C. Vogt, pelo facto de que a linguagem e os movimentos necessitados pelo acto de escrever, parecem ter o mesmo centro cerebral. »

Quando a arte pedagogica ainda na sua infancia era exercida por mestre-escolas pouco ao corrente das questões de methodo, aprendia-se a ler primeiro. O alumno não começava a escrever senão quando sabia ler. A união entre a escripta e a leitura não existia, como tambem não existia entre o pensamento e a leitura, porque ensinava-se a ler começando pelos nomes das letras e por syllabas que não tinham significação alguma: *ba, be, bi, bo*, etc. Muitas creanças não aprendiam mesmo nunca a escrever: deixavam a escola antes de chegar ao estudo deste ramo. Ainda se encontram pessoas edosas que lêem o impresso, mas que não sabem escrever.

Nas boas escolas, este systema desapareceu. A escripta ensina-se, senão antes da leitura, pelo menos ao mesmo tempo. Em quasi todo o logar, as letras manuscriptas andam a passo com os caracteres typographicos. As primeiras fazem-se com

demonstrações no quadro negro pelo professor, escrevendo os alumnos a letra na ardosia ou no papel. O primeiro livro de certos methodos é mesmo em caracteres manuscriptos. Entretanto, não é isto necessario. Quando os alumnos forem iniciados em algumas lições na leitura e na escripta, não é muito difficil fazel-os conhecer as fórmas typographicas. O desejo que elles sentem, desde que venceram as primeiras difficuldades da leitura, de ler em um livro impresso, é já um movel poderoso que faz do estudo dos caracteres impressos um trabalho facil e attrahente.

Que o professor desenhe, no quadro negro, á vista das creanças, perto das letras manuscriptas conhecidas, as figuras correspondentes da typographia, começando pela *italica*, que parece-se muito com o manuscripto, para passar para a *romana*, e os alumnos sem difficuldade guardarão essas fórmas novas. Chega-se a este fim mais rapidamente e com mais certeza ainda, fazendo desenhar pelos alumnos os caracteres typographicos. E' um bom exercicio de fazer traçar na ardosia ou no papel os caracteres impressos ao mesmo tempo que se os ensina. Os alumnos aprenderão primeiramente a escrevel-os correctamente sob suas fórmas manuscriptas. Desenal-os sob a sua fórma typographica, é o melhor meio de fazel-os observar em todas as minudencias, é fazer intervir dois sentidos em vez de um, a vista e o sentido muscular, é, emfim, exercital-os utilmente no desenho á vista.

A escripta é incontestavelmente o antecedente da leitura. Ora, a escripta no fundo não é senão desenho livre e as fórmas das letras manuscriptas reduzem-se a alguns elementos fundamentaes.

A ordem do — facil para o difficil, — ou do — simples para o complexo —, não é, entretanto, o mesmo para a escripta e a leitura. Si se ensina a ler pelo methodo analytico decompondo-se as palavras normaes, é necessario fazer-se preceder a primeira lição de leitura de alguns exercicios de desenho e de escripta para familiarisar-se os alumnos com o traçado dos elementos da escripta. As primeiras lições serão, pois, de desenho e de escripta preparatoria para a leitura.

Os alumnos serão exercitados em traçar á vista no quadro negro, na ardosia e no papel (primeiro a lapis) linhas rectas, curvas, ovaes, espiral, fórma annellada, etc. Desde que tenham adquirido uma certa facilidade em manejar o lapis, poder-se-ha principiar o ensino da leitura sem se ter mais de preoccupar com a classificão das letras conforme a sua fórma. Poder-se-ha então organizar o ensino da leitura baseando-se unica-

mente na pronuncia dos elementos das palavras. E' inutil dizer-se que, á medida que as novas letras são ensinadas, os alumnos são exercitados na analyse das fôrmas manuscriptas e a traçal-as correctamente; em outros termos, licções especiaes de escripta não devem ser abandonadas. Si o ensino elementar da leitura vai conjunctamente com o da escripta, esses ramos exigem exercicios especiaes de aperfeiçoamento.

A LEITURA E A ORTHOGRAPHIA. — O ensino da leitura deve tambem ser intimamente ligado ao da orthographia. Si o alphabeto fosse racional, cada som distincto da lingua seria representado por um signal especial que teria sempre o mesmo valor phonetico e o ensino da orthographia seria muito simples; bastaria bem conhecer o alphabeto e ser exercitado na decomposição das palavras em seus elementos vocaes, para poder escrevel-as. Escrever as palavras como são pronunciadas e lel-as como são escriptas, tal seria o unico principio fundamental da orthographia e da leitura. Infelizmente, isso não é assim; a orthographia franceza é particularmente difficil, por causa das irregularidades e anomalias do alphabeto.

(O auctor cita alguma dessas irregularidades e anomalias, que julgo desnecessario transcrever, e continúa):

E' preciso cuidar da orthographia no primeiro ensino da leitura. Si se deixar a orthographia em segundo plano, os alumnos, ainda que sabendo ler correntemente, se distinguem por uma orthographia extremamente defeituosa, que é muito difficil de corrigir mais tarde. Póde-se affirmar, com os resultados fornecidos pela experiencia, que é principalmente ao ensino da leitura na familia e nas classes inferiores da escola que se deve a boa ou má orthographia dos alumnos quando chegam ás classes superiores.

Um bom methodo deve unir intimamente o ensino da orthographia ao da leitura elementar. Não é necessario passar a novos elementos antes de se estar certo de que os alumnos sabem não sómente ler as palavras formadas com os elementos conhecidos, mas escrevel-as correctamente, quer de memoria, quer por dictados.

A série de palavras do methodo de leitura deve, portanto, ser graduada tambem seguindo as difficuldades orthographicas. A primeira série comprehenderá evidentemente as palavras que se poderiam denominar *phonographicas*, porque se escrevem regularmente como se pronunciam. Introduzir-se-hiam gradualmente irregularidades, começando pelas mais geraes e as

mais simples. E' realmente para desejar que uma reforma orthographica venha um dia dar á linguagem escripta uma maior simplicidade, e permittir assim aos educadores consagrar a exercicios mais uteis á intelligencia das creanças o tempo enorme que devem perder a ensinar-lhes esta orthographia tão complexa, cujo estudo é arido, desagradavel e sem proveito para a intelligencia.

DA SOLETRAÇÃO E DA EMISSÃO DE SONS.— As letras do alphabeto estão classificadas n'uma ordem convencional, que não corresponde á ordem natural dos elementos da palavra. E' por continuação da ignorancia da phonetica que auctores têm publicado syllabarios seguindo a ordem alphabetica. O — *A, B, C,* — como primeiro livro de leitura, pertence ao periodo barbaro da pedagogia.

Os nomes que se dão ás letras não estão mais em relação exacta com sua verdadeira pronunciação nas palavras. Os antigos nomes das consoantes: *bè, cé, dé, effe, gè, ache, ji, ka, elle, emme, enne, pè, què, erre, esse, tè, vè,* etc., têm falta de unidade e contêm elementos estranhos ás articulações que essas consoantes devem representar.

O processo da—emissão de sons—era já recommendado por Valentim Ickelsamer, contemporaneo de Luther; no fim do 18º seculo, Gedicke publicou um methodo sem solettração; Stephan, em 1803, publicou seu *Lautmethode* que se propagou rapidamente na Allemanha; na França, contemporaneos de Delaunay, no 18º seculo, ensinavam as consoantes sem apoiá-las sobre uma vogal; este auctor fala, com effeito, do ridiculo de algumas pessoas que obrigam seus alumnos a sibilos de garganta ou espantosas contorções de bocca para os ensinar a solettrar ou a ler. Nos Paizes Baixos, o *Klankmethode* esteve applicado em certas escolas durante o periodo de 1815 a 1830, e professores formados na Hollanda o ensinaram na Belgica. Elle foi introduzido na escola communal n. 3, em Bruxellas, desde 1864, por M. Motmans, que o applicava já havia dez annos na escola média communal. M. Braun recommendava esse processo quando ensinava pedagogia na escola normal de Nivelles. M. Bouman, director da escola normal de Amsterdam, nos escrevia em 1887: « Lembro-me da maneira por que recebi em 1828 o primeiro ensino da leitura—sem solettração—pelo methodo de M. Rykens, professor em Groninghe. »

O primeiro ensaio da leitura sem solettração, por emissão dos sons naturaes, data de 1794: foi feito por J. H. Nieuwald,

pastor em Warza, em Frize. Durante os dez primeiros annos deste seculo fizeram-se esforços na Neerlandia para propagar o *Klankmethode*, ensinado em 1808 por Prinsen na escola normal de Haarlem e por Rykens nas provincias do Norte. De 1830 a 1840 a solettração foi definitivamente vencida nos Paizes Baixos .

OS ELEMENTOS DA PALAVRA.— Para ensinar methodicamente a leitura, é necessario conhecer os elementos que constituem a palavra. Vamos examinal-os, resumidamente, segundo — *Os orgãos da palavra*—, pelo Dr. Meyer (Biblioth. scientifique).

A respiração é o acto fundamental da palavra. A corrente de expiração, tornada sonora no larynge ou modificada nas cavidades buccal e nasal, faz brotar os sons, as resonancias e os ruidos, que são os elementos da palavra articulada. A inspição é produzida por uma contracção do diaphragma que, abaixando-se, augmenta a cavidade thoraxica e move-a, por sucção, como o pistão de uma bomba: o ar exterior penetra nos pulmões, cuja massa elastica dilata-se.

O diaphragma, contrahindo-se, faz pressão sobre a massa intestinal, que reage sobre o abdomen, cujas paredes se dilatam; no momento da dilatação do diaphragma, a pressão exterior do ar sobre o abdomen recalca as paredes sobre os intestinos que, por seu turno, comprimindo o diaphragma de baixo acima, o fazem tornar a subir, o que traz a contracção dos pulmões e expellem a mistura gazosa que elles contém. E' assim que se estabelece a corrente que sahe, a corrente de expiração, especialmente utilizada para produzir os sons.

Podemos voluntariamente augmentar ou diminuir em certos limites a inspição e a expiração, ou modificar-lhes o rythmo. E' o que fazemos quando queremos chamar em alta voz, sustentar um som cantando, ou pronunciar rapidamente longas phrases. Temos necessidade de uma forte corrente de ar para soltar e d'elle fazemos provisão per uma forte inspição. Nesse caso, actividades musculares intervêm para augmentar a capacidade da caixa thoraxica pelo levantamento das costellas.

O acto da respiração, desempenhando um papel importante na producção da voz, a gymnastica especial dos pulmões é muito util para a desenvolver. Certas creanças falam difficilmente por causa de defeitos no acto respiratorio. Os surdos-mudos, aos quaes se ensina a palavra articulada, devem aprender primeiro a dirigir sua respiração. Em geral, ser senhor do acto respiratorio, saber modifical-o conforme as necessidades

da palavra, é uma condição indispensavel para falar e ler bem. E' conveniente ensinar ás creanças a respirar, como se faz necessariamente com os surdos-mudos, como têm necessidade de fazer os oradores, os actores e os artistas lyricos.

Eis alguns exercicios de gymnastica dos pulmões muito recommendaveis:

a) Inspirar profunda, lenta e regularmente pelo nariz ; expirar da mesma fôrma lentamente ;

b) Mesmo exercicio elevando os braços lateralmente ;

c) Mesmo exercicio pela bocca ;

d) Inspirar profundamente pela bocca, expirar pelo nariz ;

e) Exercicio inverso ;

f) Inspirações profundas por jactos ;

g) Expirações fortes e bruscas (acção de apagar uma vela por um sopro brusco).

A gymnastica livre, especialmente as marchas, os saltos, as corridas, fortifica os pulmões e tem, por conseguinte, uma acção salutar sobre a phonação.

E' no laringe que se encontra o aparelho gerador do som. A trachea-arteria, tubo rigido, serve-lhe de tubo de chamada do ar, de porta-vento ; o pharinge, que está acima do laringe e vai-se alargando, é o tubo de sahida da corrente vocal. O aparelho vocal é um systema de linguetas (laminas elasticas que vibram pela acção de uma corrente de ar), membranosas constituidas por duas laminas elasticas, que deixam entre si uma fenda estreita: o ar, passando pela abertura, faz vibrar pelo attrito as bordas que limitam esta fenda e que se denominam —cordas vocaes.

Os sons produzidos no laringe constituem a —voz,— que se não deve confundir com a —palavra. Póde haver voz sem haver palavra articulada, como quando se vocalisa ; póde-se emittir a palavra articulada sem voz como quando se cochicha. Ordinariamente a palavra é um mixto de voz e de articulação.

Quando as vibrações sonoras são irregulares ou ficam sob um certo *minimum*, o ouvido tem a impressão de um—ruído.

As articulações são *ruidos* produzidos na bocca pelos movimentos dos labios ou da lingua ou pelo attrito da corrente de ar na cavidade buccal.

Os sons do laringe são modificados pelo grau de abertura da glotte, da bocca, da abertura ou occlusão da cavidade nasal, (a abobada palatina tem por funcção separar a cavidade nasal da cavidade buccal), da posição dos dentes, da lingua. A bocca e a cavidade nasal constituem caixas de resonancia, que modificam os sons vocaes.

Os sons propriamente ditos constituem as vogaes, que são ou vogaes puras, ou vogaes nasaes ou diphtongos.

As —vogaes puras — formam-se pela passagem da corrente vocal pela bocca, onde tem logar a resonancia, a abobada palatina levantada e isolando a cavidade nasal.

As —nasaladas — são sons pronunciados com a abobada palatina abaixada, de modo que a corrente vocal se desprende em parte pela cavidade nasal e em parte pela bocca. A resonancia buccal dá o —*tom* — da vogal nasal, a resonancia nasal dá o —*timbre*.

As — consoantes — têm por elementos fundamentaes ruidos determinados voluntariamente nas vias respiratorias pela corrente de ar: os ruidos não têm por si mesmos nenhuma sonoridade, mas a corrente pôde ser sonora.

ORDEM NO ENSINO DOS ELEMENTOS. — Depois de ensinar os processos do ensino que se devem seguir quanto ás vogaes, consoantes, diphtongos, etc., o auctor continúa :

O professor, guiado por uma classificação natural dos elementos da linguagem, fará bem, após ter examinado os seus alumnos, em ver quaes os seus defeitos de pronuncia, de modo a estar constantemente no ensino attento á correcção da linguagem.

ORDEM A SEGUIR NO ENSINO DA LEITURA ELEMENTAR. — O ensino da leitura deve ser, para ter uma verdadeira efficacia, organizado da seguinte maneira :

1.º Quando as creanças entram para a escola primaria, aos seis annos de idade, o professor começa por examinal-as attentamente, notando-lhes os defeitos de pronuncia. No correr do ensino da leitura, terá cuidado particular nas que pronunciam mal certas vogaes ou consoantes, assim como nas que gaguejam ou têm outros defeitos.

2.º O ensino da leitura deve ser un curso de pronuncia correcta. Por esse e outros motivos já expostos, as vogaes e as consoantes devem ser pronunciadas puramente como se apresentam nas palavras. Os nomes das lettras não serão ensinados: faz-se simplesmente emittir os sons que ellas representam.

3.º Os primeiros dias (uma ou duas semanas) são consagrados a numerosos exercicios de desenho à mão levantada como preparatorios da escripta:

a) Attitude do corpo para escrever (o auctor descreve essa attitude);

b) traçado de linhas rectas : da esquerda para a direita e de cima para baixo ;

c) traçado de linhas obliquas ;

d) traçado de curvas semelhantes às que entram nos elementos das letras — *i, u, n, m, v, w*, etc. ;

e) traçado da linha oval, elemento da letra *o* ;

f) traçado dos elementos das letras *j, g, b, f*, etc.

g) traçado das linhas onduladas, elementos do *z* e *s* ;

h) traçado rapido, ligeiro e continuo das linhas espiraes e outras, para habituar ao mechanismo da escripta corrente.

Procurar-se-ha o programma de exercicios preliminares mais completamente desenvolvido no methodo de escripta belga de M. Dierckx.

Esses traçados se fazem sem que se ensine os nomes das letras. São unicamente exercicios graphicos, que precedem o ensino da leitura pela escripta.

4.º Desde que os alumnos sabem manejar o lapis com certa facilidade, ensina-se os exercicios de leitura pela analyse das palavras normaes.

A escolha de uma palavra normal está submettida ás seguintes condições:

a) Expressir uma noção intuitiva ;

b) Ser, tanto quanto possivel, de uma syllaba ;

c) Não comprehender, tanto quanto possivel, senão um elemento phonetico desconhecido.

5.º Analyse oral da palavra normal :

a) Decomposição em syllabas ;

b) Decomposição de cada syllaba em seus elementos phoneticos.

6.º A palavra é escripta pelo professor em grandes caracteres no quadro negro.

Emquanto o professor escreve, os alumnos seguem com a mão direita, e empunhando o lapis, os movimentos que se faz traçando as letras ; em outros termos, elles traçam no ar as mesmas fórmulas graphicas.

A' primeira vista, este exercicio parece sem importancia ou até ridiculo e altamente desprezivel para aquelles cujo ideal é uma classe de alumnos immoveis como estatuas. Elle é, entretanto, excellente, porque conduz directamente ao fim que se deseja e que é chamar a attenção das creanças para as fórmulas das letras e ensinal-as a reproduzil-as. Seguindo assim os movimentos do professor que escreve, o alumno observa com dois sentidos, a vista e o sentido muscular, todos os elementos de cada letra e adquire uma certa facilidade em reproduzir

esses elementos. Com effeito, a creança conhece melhor o que observou com dois sentidos que o que observou com um só; em segundo lugar, desde que um movimento qualquer foi executado uma vez, o organismo o reproduz mais facilmente: é a lei do habito, que transforma pouco a pouco os movimentos voluntarios em movimentos reflexos.

7.º A palavra escripta no quadro negro é analysada: o professor faz reconhecer e pronunciar os elementos já conhecidos.

8.º O professor faz analysar a fôrma da lettra e após a faz escrever um certo numero de vezes.

9.º Depois deste exercicio de escripta, o professor escreve no quadro negro uma série de palavras formadas de elementos conhecidos e as faz ler. E' um exercicio de synthese: os alumnos combinam as articulações e os sons que reconhecem nas palavras escriptas.

10.º Finalmente, essas palavras são dictadas aos alumnos. E' um duplo exercicio de analyse e de synthese: os alumnos analysam primeiro mentalmente as palavras dictadas, depois escrevem successivamente os elementos.

Não se passa a um novo elemento de leitura sem que se esteja seguro de que os alumnos sabem reproduzir correctamente sob a fôrma de dictado as palavras estudadas.

Tal é, em resumo, a marcha que aconselhamos para o ensino elementar da leitura.

Ella colloca em um feixe solido ramos que, por sua essencia, são inteiramente unidos: — a palavra, a leitura, a escripta, a orthographia, e que se enfraquecem separando. A associação do pensamento, da palavra pronunciada e da palavra escripta, constitúe realmente o conhecimento da lingua. Estabelecendo esta associação desde o principio do ensino, dá-se ao estudo da lingua materna a sua verdadeira base.

LEITURA SIMULTANEA. — Em certas escolas, a leitura simultanea é desconhecida, ou antes tem sido prohibida. Os alumnos não lêem nunca senão individualmente. Ora, a leitura não se adquire senão pelo exercicio, e a *quantidade* é aqui tão importante como a *qualidade*.

Em uma classe de 40 alumnos, durante uma lição de leitura de meia hora, cada alumno não pôde ler individualmente senão 45 segundos. Ora, segundo o quadro do emprego do tempo, em Bruxellas, ha por semana, no primeiro anno de estudos, 15 lições de meia-hora consagradas á leitura, escripta e orthographia. Para a leitura propriamente dita, não ha, pois, senão

5 vezes 30 minutos de exercicio, ou 3 minutos, no maximo, por alumno. E' absolutamente insufficiente. A leitura simultanea impõe-se. Ella permite augmentar em grande proporção os exercicios da leitura em alta voz. Consagrando 10 minutos por licção em fazer ler simultaneamente, obtem-se de cada alumno, sem augmento de tempo, uma somma de exercicios quinze vezes mais consideravel. Essa não é a unica vantagem do processo: os alumnos timidos, que não ousam ler individualmente, ganham coragem si se faz ler simultaneamente toda a classe; demais, o professor habil consegue dar o—*tom*—justo e corrigir o accento local pela leitura collectiva.

Os inconvenientes que se tem assignalado para condemnar os exercicios de leitura simultanea não existem senão quando esse processo é mal applicado. Diz-se que, lendo conjunctamente em alta voz, os alumnos aprendem a ler e a falar cantando: isto não é verdade, senão quando o professor transforma a licção de leitura em um monotono exercicio de canto. Pretende-se tambem que os alumnos preguiçosos aproveitam a leitura simultanea para nada fazer; mas que fazem elles durante as licções de leitura individual? A verdade é que professores inhabeis ou rotineiros nada fazem de bom com os melhores processos.

LEITURA EM ALTA VOZ NO DOMICILIO. — Quanto á leitura em alta voz no domicilio, é de uma grande importancia sob dois pontos de vista: por mais que se faça, não se póde, na propria escola, consagrar um tempo sufficiente á leitura em alta voz. O professor, si quer chegar a bom resultado, deve obter dos alumnos que leiam todos os dias no lar paterno, em alta voz, para exercitar os orgãos vocaes e progredir na leitura. Creio ser util reproduzir aqui uma circular, que a *Commissão da Escola Modelo* dirigiu aos paes e que contem excellentes conselhos.

CIRCULAR AOS PAES DOS ALUMNOS RELATIVA Á LEITURA EM
VOZ ALTA

(Art. 6º do Regulamento)

8 de Agosto de 1887.

Senhor. — Entre os exercicios necessarios da escola primaria figura a *leitura em voz alta*. Este exercicio não é somente

destinado a ensinar a ler e a falar bem: — é eminentemente hygienico, porque fortifica os pulmões, reforça a voz, habituando-a à firmeza da linguagem, e concorre para tornar claro o pensamento.

Resultados tão importantes não podem ser obtidos senão quando o exercicio é de uma duração e frequencia sufficientes. E' preciso que o alumno o pratique ao menos uma vez por dia, podendo-se fixar em um quarto de hora a sua necessaria duração.

Praticar assim não é possível nas escolas. Para uma classe de 34 alumnos seriam precisas oito horas e meia de leitura por dia; todo o dia escolar não seria sufficiente. Deve-se, pois, fazer ler cada alumno durante um ou dois minutos, uma ou duas vezes por semana, ou fazer leituras simultaneas. Em todo o caso, o exercicio perde uma grande parte do seu valor. Demais, isso obriga cada alumno a ouvir sem resultado a leitura dos outros, o que traz o aborrecimento e a fadiga, esses terriveis escolhos do ensino primario, que desejamos evitar a todo o custo.

Nestas circumstancias, cremos poder fazer um appello ao auxilio dos paes.

O que é impraticavel na aula, seria, pelo contrario, muito facil na familia, onde o trabalho de um quarto de hora parece não poder trazer nenhum incommodo, nem encontrar nenhum obstaculo sério.

E' eminentemente util que o pae se associe ao trabalho do professor: isso será tanto melhor quanto vos fará conhecer rapidamente o fructo dos vossos esforços e fará que o professor conheça seguramente quanto o pae do seu alumno sabe apreciar o ensino.

Pedimos, pois, á vossa solicitude que vosso filho faça todos os dias no lar da familia uma leitura em voz alta.

Eis aqui as regras que tomamos a liberdade de vos recomendar:

1.º E' preciso que o exercicio seja feito *cada dia* invariavelmente, sem excepção. A creança deve aprender que o que constitue a *lei* é inevitavel: regra essencial de toda a educação;

2.º E' sufficiente que o exercicio dure um quarto de hora. A lei deve encerrar em si mesma o que a torne facil e isenta de dureza. Demais, a attenção e os pulmões devem ser dirigidos: todo o exercicio tem a sua justa medida;

3.º O leitor deve conservar-se de pé, em uma posição firme e commoda, o peito para a frente, a cabeça alta, uma mão pendente, emquanto que a outra sustenta o livro;

4.º O leitor deve elevar a voz tanto quanto fôr possível, e progressivamente articular distinctamente todas as syllabas com a maior pureza de pronunciação;

5.º E' util que a leitura seja feita em um grande aposento ou em pleno ar. A pessoa que ouve deve-se afastar até uma distancia conveniente e exigir que a voz seja bastante ampla para que a ouça distinctamente;

6.º A presença de outras pessoas, mesmo conversando, é util. A creança aprende a não ser nem distrahida, nem intimidada, assim como a dominar o sussurro;

7.º O quarto de hora de leitura não deve ser interrompido, sob pena de não ser mais um exercicio sufficiente para os pulmões. Entretanto, é preciso admittir pausas, si a creança é fraca. Nesse caso, será conveniente consultar um medico;

8.º A leitura, no ponto de vista intellectual, é sufficientemente praticada na aula. Os paes não se esquecerão de que o exercicio por elles dirigido tem, sobretudo, por fim a hygiene dos pulmões, o desenvolvimento da voz. A attenção deve, pois, recahir tanto sobre a elocução, quanto sobre o sentido do livro;

9.º A pessoa que inspecciona deve ser sóbria de observações. E' sufficiente que vele pela posição do corpo e amplidão da voz e que faça observar a pontuação.

10.º Para as aulas preparatorias, o professor indicará o livro ou o exercicio a ler. Para os alumnos que lêem correntemente, o professor não indicará o livro que deve ler, senão no caso em que o pae o deseje.

O Presidente, *P. Tempels*. — Os secretarios, *Ch. Buls* e *E. Reisse*.

Para dar maior valor aos exercicios de leitura em voz alta, continúa M. Sluys, aconselhamos os professores a tomar a licção o mais frequentemente no pateo ou em pleno ar, collocando o alumno que deve ler a uma distancia cada vez maior d'aquelles que o ouvem. Força-se assim o leitor a augmentar a voz.

Geralmente, os alumnos falam na aula muito baixo e timidamente. Esses defeitos são rapidamente corrigidos por este meio.

Na Belgica, especialmente, nunca serão demais os cuidados para corrigir a pronuncia dos alumnos nos exercicios, pois que, em geral, é muito defeituosa, tanto na parte flamenga como na parte wallona do paiz, e tanto em Bruxellas como nas provincias.

Na França, ha uns quinze annos, graças á influencia de M. Legouvé, a — *arte de ler* — é praticada em um grande numero de escolas, depois ter sido completamente descurada por todos. Recommendamos para isso a excellente obra que este auctor publicou sob esse titulo e na qual a utilidade desta *arte*, suas vantagens e maneira de a cultivar, são expostas por mão de mestre.

A. SLUYS.

Se entre nós o professorado se reunisse e pelos motivos que determinaram a circular acima, e que tambem aqui existem, remetteste identica circular annualmente aos paes e tutores dos alumnos das escolas publicas, tal facto seria origem das maiores censuras Os prèlos gemeriam ao peso dos *a pedidos* nos jornaes de maior circulação, com as mais graves accusações ao magisterio nacional, attribuindo-lhe uma série de defeitos e vicios, dos quaes os menores seriam a negligencia, a ociosidade, a incompetencia, etc.

Questão de educação social, questão do meio a que se não subtraem nem mesmo os que occupam as mais altas posições. Tenho até a firme convicção de que estes seriam os peiores, os mais encarniçados no desprestigio do professor e da escola publica !

Choveriam as queixas e as representações ás auctoridades do ensino, ao governo, ao parlamento e ao chefe do Estado !
Uma conflagração !

Um outro livro, do qual me foi offerecido um exemplar pelo seu auctor, Mr. Sluys, e que remetti para o *Pedagogium*, é o — *Tratado elementar de Cosmographia, para uso das escolas normaes e das escolas primarias, redigido segundo o programma do Governo.*

Remetti tambem para o mesmo estabelecimento de ensino um folheto intitulado —*Hygiene escolar*—. Esse folheto contem — « instrucções summarias sobre os primeiros symptomas das molestias transmissiveis, formuladas para uso do pessoal docente das escolas communaes pelo Serviço de Hygiene da cidade. » A obra traz a seguinte epigrapha em latim e francez : *Principiis obsta — Combattez le mal dès le principe.*

A primeira pagina traz a seguinte circular :

« *Aos senhores directores e professores da cidade de Bruxellas :*

A transmissão das molestias contagiosas, sendo frequente nas escolas, e não podendo sempre os medicos-inspectores mandar a tempo para a casa de seus paes as creanças, cuja presença é um perigo para os seus condiscipulos, é indispensavel que os directores e professores estejam habilitados a conhecer, desde o principio, a existencia destas affecções.

A' vista disto, o pessoal medico do Serviço de Hygiene da cidade, apresentou ao Director da Instrucção Publica as paginas seguintes, indicando, sob a fórma a mais succinta, os primeiros symptomas pelos quaes se pôde reconhecer cada uma das molestias de que se trata.

O Director da Instrucção Publica deliberou a impressão e distribuição destas paginas aos membros do pessoal docente. »

Para facilitar a exposição dos symptomas, as affecções transmissiveis são divididas em :

A — Molestias internas com febre inicial ;

B — Molestias internas, nas quaes a febre é pouco reconhecivel no principio ;

C — Molestias sem febre ;

D — Molestias externas ou tendo sua sêde na superficie do corpo.

A primeira categoria comprehende: a variola, a escarlatina, a grippe.

A segunda categoria comprehende: a febre typhoide, o sarampo, o croupe, a angina e as catapóras.

A terceira categoria comprehende: a coqueluche, as ophtalmias catharraes e granulosas, e bem assim a epilepsia, as convulsões, os ataques de nervos e a choréa, transmissiveis unicamente por medo ou imitação.

A quarta categoria comprehende: a sarna e a tinha (nas suas diversas especies).

Tendo eu feito encommenda em um estabelecimento photographico de Bruxellas de algumas photographias da Escola Normal, cuja remessa me prometteram enviar para Pariz e não tendo essa remessa sido feita até o dia 1^o de Junho, a época proxima da minha partida para o Rio, dirigi daquella cidade uma carta ao director da Escola Normal da capital belga pedindo-lhe que, entendendo-se com o proprietario do referido estabelecimento photographico, a quem por elle mesmo eu tinha sido apresentado, se interessasse pela remessa, para o Rio, dessas photographias, acompanhadas do competente preço, para que eu lhe remetteste a quantia; bem como que me mandasse algumas outras photographias e esclarecimentos, de que eu necessitava. Recebi, tempos depois, nesta capital, a seguinte carta e documentos, de que vos apresento, Sr. Inspector, a traducção litteral, persuadido de que pôde ser util, em qualquer época, á administração do ensino publico em nosso paiz.

O original da carta e todos os demais documentos seguiram o mesmo destino que tudo quanto pude obter na Belgica, relativamente ao ensino.

Eis a traducção da carta e dos documentos :

« Bruxellas, em 17 de Junho de 1891.

Ao Sr. Luiz A. dos Reis, professor no Rio de Janeiro.

Senhor.— Tenho a honra de vos communicar que, conforme o vosso desejo, expresso em vossa carta de 1 de Junho

de 1891, dei ordem a M. Alexandre, photographo, rua Haute, em Bruxellas, de vos expedir as photographias da Escola Normal e das escolas de Bruxellas (*).

Em consequencia do vosso pedido, tenho a honra de vos enviar os desenhos e orçamento de uma mobilia e de um material didactico completos, necessarios para uma escola moderna de 700 alumnos.

Esta mobilia e este material didactico são feitos conforme as exigencias da moderna sciencia pedagogica. Sabeis que, ha muito tempo, a Escola Modelo de Bruxellas é uma escola de experimentação pedagogica, e que é della que partiu, no paiz, o movimento reformador em materia de educação que transformou completamente a escola popular.

A experiencia que temos adquirido nos permite fixar as condições materiaes do ensino, segundo os dados positivos da hygiene e da pedagogia moderna.

O alto posto que occupa a Belgica no ponto de vista industrial, a aptidão manual dos seus operarios, a intelligencia dos seus engenheiros, a barateza e a excellencia das suas materias primas, permitem-nos fornecer a mobilia e o material didactico em excellentes condições de construcção, de solidez e de preço que não temem qualquer concorrência.

Apresento-vos por consequencia esses desenhos, e me colloco á vossa inteira disposição para, caso seja preciso, fazer fornecer-vos, ou ao vosso Governo, bem como a toda a administração publica ou particular, que assignalardes, mobílias e materiaes escolares pelos preços indicados nesses orçamentos.

Pessoalmente eu me encarrego, a titulo gracioso, de examinar com o mais escrupuloso cuidado e minuciosamente a execução de toda a encommenda desse genero.

(*) Es as photographias não foram remetidas, ou se o foram, não chegaram ainda ás minhas mãos.

Si desejares accrescentar a esse orçamento certas partes de mobilia não previstas, eu vos farei fornecer tambem nas melhores condições de execução e barateza.

Este orçamento exprime o valor englobado de uma encomenda para uma escola de 700 alumnos.

Para uma escola de menor numero de alumnos a redução será proporcional.

Accetai, Sr. Reis, com as minhas saudações, os protestos de minha mais distincta consideração.

(Assignado) *A. Sluys*, Director da Escola Normal de Bruxellas.

P. S. Junto aqui a carta indicando as condições do fornecimento. Vou enviar-vos os desenhos e o orçamento. »

A carta, firmada pelo Sr. Léon Favresse (38, rue Jourdan, Bruxellas), que traz o timbre da Escola Normal de professores da mesma cidade, rubricado pelo respectivo director, Mr. Sluys (98, boulevard du Hainaut, Bruxellas), e que traduzo tambem, é do teor seguinte :

« As listas a esta juntas comprehendem a mobilia, o material didactico e as provisões classicas necessarias para a installação de um estabelecimento de ensino primario de 700 alumnos.

O custo total de uma semelhante installação, executada com materiaes todos de primeira escolha, com o maior cuidado e segundo os mais recentes aperfeiçoamentos empregados neste importante ramo de industria especial, será de 70.000 francos. Nesta quantia estão comprehendidas as despezas de embalagem, as despezas de transporte até Anvers, a entrada no paquete em Anvers e as despezas do seguro. Haverá, pois, a maior o preço do frete até ao porto de desembarque, somma que não poderei avaliar actualmente.

A somma de 70.000 francos se subdivide do seguinte modo:

A.	Mobilia.....	40.000
B.	Apparelhos e utensilios do gymnasio	5.000
C. a J.	Material didactico.....	16.000
	Provisões classicas.....	9.000
	Total.....	70.000 frs.

A execução deste fornecimento será effectuada e tudo posto no paquete em Anvers no espaço de tres mezes da data da recepção da ordem em Bruxellas. Ella será pagavel, metade na occasião da remessa da encommenda, e o resto sob apresentação de conhecimento em um dos bancos de Bruxellas, onde os fundos serão depositados.

N. B. A estes documentos está junto um desenho de cada um dos differentes moveis recentemente adoptados pela cidade de Bruxellas para suas escolas.

(Assignado) *L. Favresse*, chefe do serviço do material escolar da cidade de Bruxellas.

Mobilia e material didactico necessario para a installação de uma escola primaria de 700 alumnos

A.— MOBILIA

- 350 bancos-carteiras para dois logares com assentos isolados — ultimo modelo adoptado pela cidade de Bruxellas.
- 18 grandes triplices quadros moveis.
- 18 porta-giz.
- 350 metros de corrente com quadros para collocar ao redor das aulas.
- 18 armarios com vidraça, contendo cada um quatro prateleiras.
- 18 mesas-carteiras moveis, de alturas e inclinações variaveis, para professores.
- 18 estrados de tres metros de comprimento, 1.50 de largura e 0.17 de altura para collocar diante das mesas moveis.

- 18 escabellos.
- 50 portas guarda-chuvas.
- 50 cadeiras para as aulas, salas de reunião e gabinete do director.
- 4 armarios-bibliothecas e dois para collecções.
- 1 *bureau-ministre* com poltrona para o director.
- 2 mesas para as salas de reunião.

B.— APPARELHOS PARA O GYMNASIO

- 50 varas de madeira (madeira boa).
- 50 » » de 1.20, 1.30 e 1.35 de comprimento.
- 25 pares de maçãs (*mils*) de madeira, de 1 1/2 kilogramma o par.
- 25 pares de maçãs (*mils*) de madeira, de 2 kilogrammas o par.
- 20 pares de maçãs (*mils*) de madeira, de 2 1/2 kilogrammas o par.
- 40 pares de halteres n. 1.
- 25 » » n. 2.
- 25 » » n. 3.
- 24 halteres pesando 6 kilogrammas cada um.
- 12 » » 8 » »
- 4 » » 10 » »
- 40 barras com esferas pesando 2 kilogrammas.
- 20 » » » 3 »
- 20 » » » 3 1/2 »
- 20 » » » 4 »

Porta-maçãs, porta-halteres, porta-barras com esferas e porta-varas.

- 2 grossas bolas com argola movel.
- 1 corda de tracção.
- 2 escadas orthopedicas.
- 1 passo de gigante.
- 3 mastros horizontaes.
- 2 pares de marcadores com cordas.
- 2 saltadores.
- 1 trampolim.
- 4 coxins para amortecer as quedas.
- 8 perchas verticaes.
- 4 cordas lisas.
- 3 escadas, podendo fazer-se á vontade obliquas ou verticaes.
- 1 prancha de assalto.

- 2 escadas horizontaes com alturas variaveis.
- 3 consolos moveis para applicar-se às escadas verticaes para os saltos de profundidade.
- 3 pares de barras parallelas com alturas e desvios variaveis.
- 3 pares de argolas com escadas gemeas.
- 1 cavallo.
- 2 carneiros.
- 1 *bomme* ou trave sueca.
- 1 portico para a installação das escadas, das cordas e das perchas.

C.— MATERIAL DIDACTICO

Geographia

- 6 esferas geographicas mudas de 0.66 de diametro, ardo- siadas para permittir a escripta a giz, moveis sobre eixo inclinado; continentes em negro, oceanos em azul, meridiano e paralelo em excavado.
- 3 colleções de oito cartas geographicas das diversas partes do mundo (texto em hespanhol).
- 3 colleções de quadros muraes de geographia pittoresca.
- 40 bussolas.
- 6 agulhas imantadas montadas.
- 4 esferas celestes de 0.33 de diametro.
- 2 machinas geocyclicas: movimentos de revolução e de rotação da terra; movimentos da lua.
- 2 esferas falantes (texto em portuguez).
- 2 colleções de bustos das raças humanas.

D.— FÓRMAS GEOMETRICAS

- 6 colleções de solidos geometricos decomponiveis, de madeira.
- 18 grandes compassos de madeira.
- 18 grandes esquadros de madeira subdivididos.
- 18 grandes T articulados.
- 18 grandes transferidores de madeira.
- 18 fios a prumo.
- 18 niveis de pedreiro.
- 1 esquadro de agrimensor, octogono, cobre, com frestas e janellas, modelo forte e comprehendendo a caixa.

- 1 graphometro em cobre com pinnulas, bussola com suspensão, movimento ao centro, etc., com caixa.
- 1 nivel de agua se desmontando, posto em caixa com recipiente para conter a agua, com tripode.
- 1 mira com balisas.
- 20 estacas ou balisas.
- 1 cadeia de agrimensor com fichas.
- 1 trempe com prancheta e rolo para estender o papel, alidade com pinnulas em cobre, bussola declinatoria com caixa, compasso de estação, fio a prumo, parafuso de estacar e joelheira em cobre.
- 40 esquadros de madeira.
- 40 transferidores de madeira.

E.— SYSTEMA METRICO

(Todos os nomes serão em lingua portugueza)

6 collecções completas de pesos e medidas, comprehendendo :

- a* — Medidas em estanho para os liquidos.
- b* — Medidas em ferro para as materias seccas.
- c* — Balança Roberval.
- d* — Pesos de cobre formando todos o peso de 1 kilogramma.
- e* — Pesos de ferro de:— 1 kilogramma, 2,5 e 10 kilogrammas.
- f* — Um metro de madeira, fórma de regua, subdividido.
- g* — Uma balança de prato sobre pés.
- h* — Um decimetro cubico de madeira, decomposto e adaptado a uma caixa de zinco tendo uma torneira.
- i* — Um metro quadrado de madeira, subdividido em decímetros por meio de cordas.
- j* — Um stereo de madeira desmontando-se.
- k* — Balança de equilibrio.

F.— CALCULO INTUITIVO

- 4 arithmómetros multiplicadores e arithmoscopos.
- 40 » para os alumnos.
- 4 bolarios contadores com bolas de côres diversas.
- 40 » » » » » » para os alumnos.
- 4 mostradores de relógio com agulhas moveis.

G. — SCIENCIAS

4 esqueletos humanos, com articulações moveis por meio de tarracha em cobre, comprehendidos os esteios para os suspender.

1 collecção comprehendendo 722 typos com relação á zoologia, á botanica e á geologia (hespanhol).

2 collecções de quadros technolicos.

1 collecção de instrumentos de physica e de mechanica para experiencias, de accordo com o programma.

1 apparelho photographico completo com productos para o desenvolvimento das placas e accessorios diversos para este uso.

H. — MUSICA

2 harmoniuns.

I. — DESENHO

2 collecções de modelos em gesso, graduadas, comprehendendo cada uma 70 modelos.

PROVISÕES CLASSICAS PARA USO

Lista das quantidades approximativas necessarias para um anno

- 20.000 cadernos de papel branco, pautado, de 24 folhas, filigranadas com o nome do paiz ou da cidade.
- 25 grosas de lapis de numeros sortidos.
- 100 kilos de giz branco e de côres.
- 100 caixas de pennas sortidas.
- 1000 cadernos para sciencias, com 72 folhas (filigranadas).
- 1000 cadernos de musica.
- 25 caixas de borracha.
- 10 resmas de papel para desenho.
- 20 » » » branco. } filigranado com o nome
- 20 » » » pautado } do paiz ou da cidade.
- 20 grosas de canetas.
- 20 resmas de papel pardo para capas de cadernos, livros e emballagem.

100 doses de tinta em pó (1 dose por litro).

5 resmas de papel mata-borrão.

350 tinteiros de porcellana para os bancos-carteiras.

A estes documentos acompanha um impresso contendo as — « Condições a observar na construcção das escolas » — (programma) : situação, orientação, *minimum* de salas, aposentos, etc., necessarios para uma escola de 700 alumnos, dimensões das salas de aulas, aposentos e locaes diversos, disposição das aulas, condições de construcção, luz natural, luz artificial, aquecimento e ventilação, gabinete do director, mictorios e latrinas, emprego do programma.

Um outro folheto, do qual remetti um exemplar ao *Pedagogium*, é o que trata da organização das Caixas economicas escolares em Bruxellas e do seu movimento desde o anno de 1868, data da organização, até 1887.

Entre os livros e objectos que offereci ao *Pedagogium* figura a obra publicada pela *Liga Belga do Ensino* e intitulada — « Congresso internacional do ensino, relatorios preliminares » — impressa no anno de 1880, em Bruxellas.

E' uma obra importantissima, da qual me foi offerecido um exemplar por Mr. Sluys, e que vós, Sr. Inspector Geral, conheceis perfeitamente, visto que vejo ahi o vosso nome, assim como os dos Srs. ex-senador Manoel Francisco Correia, Barão de Melgaço, Barão Homem de Mello, Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira e Dr. Barbosa Rodrigues, como representantes do Brazil nesse Congresso e membros da Commissão geral, da qual foi presidente honorario o ministro da Instrucção Publica, Mr. P. Van Humbéek.

Assignalo aqui alguns dos principaes capitulos de que trata o volume e que mais podem interessar aos meus collegas do ma-

gisterio, que, conhecendo assim os pontos de que elle se occupa, podem, por isso, desejar lel-o.

Questões de ensino primario:

« Qual o fim que deve pretender o legislador elaborando o programma do ensino primario ? »

« O fim é o de fazer adquirir determinados conhecimentos ou cultivar de um modo integral as faculdades physicas, intellectuaes e moraes ? »

« Que deve fazer a escola primaria no ponto de vista da educação politica do povo ? »

« Quaes são os legitimos limites da liberdade do ensino ? »

« Como devem ser organizados os museus escolares ? »

« O ensino das meninas exige um regimen e um programma especiaes ? »

« Até que idade a escola póde ser mixta ? Nas escolas mixtas é preciso que os sexos estejam confundidos no mesmo banco ? »

« Qual deve ser o regimen das escolas normaes ? » Quaes são as vantagens dos internatos ? Quaes as dos externatos ? Qual deve ser a idade de admissão ? Quantos devem ser os annos de estudos ? »

« Qual deve ser o programma dos estudos normaes ? »

« As escolas officiaes devem ser gratuitas, mesmo quando o pae é abastado ? »

« Por que meios convém animar o pessoal docente do ensino primario ? » Que vantagens apresentam as viagens dos professores ? Quaes as medidas para favorecel-as ? »

« O systema Fröbel tem dado logar a criticas fundadas ? Quaes são os desenvolvimentos e as adaptações de que é elle susceptivel ? »

« E' preciso fazer delle um ensino normal especial para as professoras dos jardins infantis ? Convirá applicar no ensino primario os principios de Fröbel ? Quaes os meios para conseguil-o ? »

« A experiencia tem feito descobrir inconvenientes que se devem evitar no emprego dos methodos intuitivos ? » O que é o methodo intuitivo ? » Quaes são as sciencias de observação a ensinar ? »

« Qual é a importancia da geometria e do desenho no ensino primario ? »

« Quaes são os exercicios que, na escola primaria, podem ser empregados para desenvolver a actividade, a espontaneidade e o raciocinio nos alumnos ? »

« Por que especie de exercicios se deve cultivar a memoria no ensino primario ? »

« Até onde devem ir no ensino primario as theorias grammaticaes ? » Em que idade a creança é capaz de comprehender a sciencia lexicologica ? » Por que se pôde substituir as theorias ? » Appreciar a importancia da grammatica comparando-a a outras materias.

« Até onde e por que methodos é preciso ensinar a historia nas escolas primarias ? »

« Quaes são para a escola primaria os melhores systemas disciplinares e de emulação ? »

« Qual é o melhor systema de punições ? » São precisos concursos, classificações dos alumnos ? Premios ? »

« Quantas horas os alumnos devem passar cada dia na escola ? » Os trabalhos isolados devem ser feitos na escola ou na familia ? » São precisos recreios na escola ? Qual deve ser a duração de cada licção ? »

« Como devem ser praticadas as excursões escolares ? »

Sobre o ensino médio ha tambem questões importantes, taes como :

« Qual é o melhor systema para a formação de professores de ensino médio ? »

« Quaes devem ser o regimen de educação e o programma das escolas médias de meninas ? »

Entre as questões subsidiarias ha algumas importantes, como estas :

« Como se introduzirá, si se deve fazel-o, no programma um curso de direito constitucional elementar ? » E como um curso de economia politica elementar ? »

Além de questões identicas sobre ensino superior, o livro trata de questões importantes sobre escolas profissionaes. Sobre este ponto, ha theses como as seguintes :

« Qual é a melhor organização para as escolas industriaes ? »

« Como é preciso ensinar e praticar a gymnastica ? »

« Deve-se combinar o ensino profissional com o geral ? »

Tratando de escola de adultos, entre outras muitas, as seguintes :

« Como devem ser organizadas as escolas de adultos ? »

« Como devem ser organizados os museus populares ? »

« Quaes são as condições de successo dos cursos publicos e conferencias populares? »

« Que condições devem reunir as publicações populares, taes como: os jornaes, os livros, os almanaks, a estamperia? »

« Como devem ser organizadas as bibliothecas populares? »

« Quaes são as vantagens e a melhor organização da caixa economica escolar? »

Tratando de hygiene escolar:

« Quaes são as principaes condições hygienicas a observar na construcção das casas para escola? Desenvolver esta questão mais especialmente sobre os seguintes pontos: luz, cubagem de ar, pateos, gymnasios e outras dependencias, latrinas, lavatorios e mictorios, ventilação, etc. ».

Entre os que trataram desta questão, figura o Sr. Felix Narjoux, a quem já me referi no meu relatorio sobre a França.

« Qual é o melhor mobilamento escolar hygienico? »

« Como deve ser organizado o serviço medico escolar? »

« Quaes são as medidas praticas a prescrever nos jardins infantis e escolas primarias no ponto de vista da medicação preventiva e da alimentação? ».

Como estas ha muitas outras questões, que são nesse livro tratadas por eminentes professores. Ha nelle algumas gravuras representando plantas e fachadas de edificios, de bancos-carteiras, etc., assim como modelos de mappas de escripturação escolar, etc., etc.

O livro *A Escola Modelo*, do qual tambem fiz aquisição de um exemplar, foi publicado em 1880 pela *Liga do Ensino* e é seu auctor Mr. A. Sluys. E' digno de leitura, pois trata entre outros dos seguintes pontos: Estatutos da Liga; Introducção; Discurso de inauguração da Escola-Modelo; Descripção dessa escola; Regulamento dos alumnos; Idem dos professores; Circular sobre a leitura; Instrucções geraes aos professores; Programmas dos cursos; Relatorios diversos (escripta belga, aula flamenga, excursões escolares, etc.); Quadro da distri-

buição hebdomadaria das licções; Questionarios; Modelos dos boletins hebdomadarios e trimestraes; o Canto da bandeira (lettra e musica); Planta e fachada da escola, e do banco-carteira adoptado.

Entre esses capitulos salientam-se, pela sua importancia:

O que trata das instrucções geraes aos professores, verdadeiro guia cheio de ensinamentos e que trata dos seguintes pontos: 1º, o cultivo das faculdades; 2º, o programma dos estudos; 3º, as materias do programma; e depois o que trata das excursões escolares, pois que, além das regras estabelecidas para essas excursões, lê-se nelle a descripção minuciosa e interessantissima de varias excursões, a partir do 1º anno de estudos (alumnos de 7 annos) até ao 6º anno de estudos (alumnos de 13 a 14 annos de idade).

O que ahi se vê são os relatorios sobre essas excursões, feitos pelos professores e outros pelos proprios alumnos. A 1ª excursão é uma visita ao jardim zoologico; a 2ª, a umas ruinas; a 3ª, ao museu de pintura, ás fundições, e assim por diante: excursões geologicas, technologicas, visita à Praça dos Martyres, a varias fabricas, a Anvers (porto de mar), a fabricas de cerveja, ao Observatorio, aos Archivos de Bruxellas, um passeio em Bruxellas, o canal, excursão à borda do mar (esta é uma excursão lindissima e digna da maior attenção), excursão a Villers, etc., etc.

Não transcrevo algumas destas excursões para não alongar ainda mais este relatorio, que já vai bastante extenso. Chamo, porém, para este e os outros livros, já citados, a attenção dos competentes.

Os dados estatisticos do relatorio de 1890, apresentados ao Conselho communal, mostram os algarismos seguintes :

(E' de notar que este relatorio cuida sómente da cidade e não dos seus arrabaldes, pois cada um destes constitúe uma communa

com a sua respectiva administração completamente separada. Trata-se, pois, sómente da cidade, que também constitúe uma communa)

Pelo relatório se vê que a população média das escolas primarias, no anno de 1889 a 1890, foi de 10.565 alumnos, tendo as matriculas se elevado ao numero de 12.622, o que é um numero bastante alto para uma população total de 170.000 habitantes e extraordinario, si o compararmos ao da população total de nossa capital e ao da sua respectiva população escolar.

A média da frequencia nos cursos de adultos, na mesma época, foi de 2781 alumnos.

Na Escola Industrial as matriculas foram de 553 alumnos.

A população da Escola Normal do sexo feminino foi de 290 alumnas, assim distribuidas: secção normal, 81; curso preparatorio, 43; escola de applicação, 130; jardins infantis, 36. O pensionato dessa escola contou, nesse anno, 46 pensionistas, das quaes 21 normalistas e 25 alumnas dos cursos preparatorio e primario. Quanto aos exames finaes do curso superior, sobre 18 alumnas, 15 obtiveram o diploma.

Para o anno de 1891, sobre 52 moças que se apresentaram aos exames de admissão, sómente 41 foram approvadas e admittidas na Escola Normal.

A população da Escola Normal do sexo masculino foi de 279 alumnos, assim distribuidos: secção normal 46; secção primaria superior, 69; escola de applicação, 164. Os exames finaes deram os melhores resultados, pois os 13 alumnos, que a elles se apresentaram, foram todos approvados e receberam o diploma de professores.

Outros cursos publicos, taes como: de desenho e córte, de canto, historia, sciencias naturaes, hygiene, etc., foram muito concorridos.

CAIXAS ECONOMICAS ESCOLARES

O total dos depositos feitos nas Caixas economicas escolares, durante o anno de 1889, foi de 111.067 francos, abandonada a fracção.

Para esse total concorreram os meninos com 48.274; as meninas com 58.338; os cursos de adultos do sexo masculino com 2031 e os cursos de adultos do sexo feminino com 2422, sempre desprezadas as fracções.

Por noticias fidedignas, que me chegaram ultimamente da Belgica, relativas ao ensino, tive conhecimento de que em Bruxellas se reunira um Congresso do Trabalho Manual e bem assim que na mesma cidade um Congresso de professores publicos primarios adoptou, por grande maioria, uma proposta para a suppressão das Caixas economicas escolares.

O relatorio, a que já me referi, assignala tambem o facto de se terem matriculado nos jardins infantis 2341 creanças, de estar demonstrada a insufficiencia do numero desses estabelecimentos, razão pela qual não foi admittido a esse ensino um numero crescido de creanças, cujos paes solicitaram matriculas.

Tratava-se então da fundação de mais estabelecimentos desse genero.

Os resultados obtidos nos jardins eram, sob todos os pontos de vista, os mais satisfactorios.

Os trabalhos manuaes, cujo ensino estava generalizado a todas as escolas do sexo masculino, davam, como têm continuado a dar, os melhores resultados.

Ensino médio do primeiro grau.— A instrucção média do 1º grau é dada no Atheneu Real, cujo numero de alumnos inscriptos em 31 de dezembro de 1889, era de 686.

Os resultados obtidos no fim de 1889, collocaram o Atheneu no primeiro lugar entre os atheneus e collegios do paiz.

Ensino médio do segundo grau.— Esse ensino é dado nos seguintes estabelecimentos :

Escolas médias para rapazes :

Escola média — A — impasse du Parc,		
contendo em dezembro de 1889.....	324	alunos.
Escola média — B — rue du Peuplier.	276	»
	<hr/>	
	600	»

Escola média do Estado e Curso de educação para raparigas :

A população escolar, no anno escolar de 1889-1890, foi de 886 alumnas, sendo 93 do curso superior, 217 da secção média ; 319 da secção preparatoria e 257 de classes maternas e jardins infantis.

Bolsas de estudos.— Durante o anno escolar de 1889 a 1890 :

A secção média da escola A	teve 21	bolsas e 4	meias bolsas.
» » » B	» 19	» e 0	» »
» preparatoria » A	» 10	» e 6	» »
» » » B	» 10	» e 0	» »
	<hr/>		
	60	» 10	» »

Colônias escolares.— Foram organizadas em cinco localidades e com o concurso do Circulo—*O Progresso*—, generosa associação que concorreu com o necessario para a educação de 75 rapariguinhas das mais pobres e necessitadas, que estavam nas escolas. O resultado foi que

Na colonia escolar de Felenne	ficaram	23	alunos.
» » » Falmignoul	»	25	»
» » » Ethe	»	50	»
» » » Hargimont	»	15	»
» » » Nieuport-Bains	»	75	»
» » — Ambulante	»	15	»

Cursos de economia domestica.— Estes cursos continuam a dar excellentes resultados.

Curso manual.— O methodo Bogaerts foi ensinado pelo proprio auctor aos alumnos do 3º anno de estudos. Esse mesmo ensino foi dado com successo pelos alumnos normalistas nas classes da Escola de Applicaçào.

O mesmo relatorio fornece-nos ainda os seguintes dados muito curiosos e cheios de interesse:

ENSINO PROFISSIONAL

ESCOLA PROFISSIONAL.—A— RUE DES MARAIS E ESCOLA PROFISSIONAL E MENAGÈRE, PLACE DE LA CHAPELLE

O numero de alumnos era, em principios de 1890, na rua Marais, de 360, dos quaes 240 pagantes e 120 gratuitos, isto è, que possuíam *bolsa*. Estes possuidores de bolsas eram das seguintes diversas communas: Bruxelles, 62; Schaerbeck, 10; Ixelles, 9; Saint-Gilles, 1; Laken, 8; Etteberk, 3.

Esta escola celebrou o 25º anniversario de sua fundaçào, tendo motivos valiosos para se felicitar pelos resultados obtidos.

A populaçào da Escola da Place de la Chapelle era de 56 alumnos no anno escolar de 1889-90.

Programma.— O programma de estudos, tanto para os cursos geraes como para os profissionaes e os trabalhos *du menage*, foi applicado tal qual o estatuiu a Commissào apòs a creaçào da escola.

Cozinha.— O curso de cozinha foi como no anno anterior. Todas as jovens alumnas, por grupos de oito, fizeram a cozinha durante seis dias consecutivos, em tres épochas do anno. As alumnas do 2º anno de estudos fizeram a preparaçào de 18 novos *menus*. Cada licção de economia domestica foi seguida de trabalhos praticos executados por todas as alumnas, divididas em grupos.

Curso de confecção, 1º anno — As alumnas confeccionaram as seguintes peças de roupa e vestimentas: guardanapos, aventaes, camisas, *bonets*, babadores, calças para creanças, fronhas, camisas e calças de senhora, corpinhos simples para creanças,

idem para senhoras, aventaes e vestidos para creanças, saias, *matinées*, costumes para meninos, etc.

As alumnas do 2º anno fizeram vestimentas, taes como: *matinées*, colletes de flanela para homens e rapazes, colletes para senhoras, vestidos, paletós e *peignoirs* para senhoras, camisas, collarinhos e punhos para homens.

Observação.— Todas as peças de roupa branca foram cosidas à mão.

Curso de lavanderia — Este curso foi pouco frequentado ; apezar de uma propaganda muito activa, foi muito difficil a aquisição de alumnas. A maior parte dos paes davam preferencia aos cursos de confecção, já porque a aprendizagem da profissão de lavadeira exige muito esforço physico, já porque esta profissão não é exercida geralmente senão pelas mulheres da classe pobre.

Pessoal — O pessoal comprehende actualmente (1890) uma directora, duas professoras encarregadas dos cursos geraes, uma mestra de costura (ou confecção) e uma mestra de lavanderia.

Na previsão da formação de um novo curso de costura (confecção), a Commissão terá de nomear uma segunda mestra para o novo curso.

ESCOLA PROFISSIONAL —B— RUE DU POINÇON

Foi frequentada por 338 alumnas, das quaes 213 pagantes, 107 possuidoras de *bolsa*, e 18 de meias bolsas.

Dessas alumnas, 75 seguiram os tres cursos de commercio, 175 os tres cursos de costura, 64 os dois cursos de roupa branca, 18 o curso de bordados e 6 o de desenho.

Nesta escola o curso de costura exige para o novo anno uma nova classe de terceiro anno.

Excursões — As excursões são muito do gosto das alumnas e constituem um excellente estimulo, sendo dadas como recompensas.

ESCOLA MENAGÈRE, RUE LOCQUENHIEN

A abertura desta escola realizou-se a 9 de Setembro de 1889, graças á generosa intervenção de dadivoso cidadão.

Durante o 1º semestre do anno, 31 alumnas seguiram o curso.

Durante o 2º semestre do anno, 21 alumnas seguiram o curso.

O programma da escola comprehende cursos theoreticos de hygiene e de economia domestica, cursos praticos de lavanderia e engommado, de cozinha, de côrte, de confecção e de concertos de roupa.

Hygiene e economia domestica — Os pontos do programma que se referem à alimentação (propriedades nutritivas, falsificações) e aos cuidados necessarios aos doentes, têm particularmente interessado às alumnas.

Nos cursos praticos, as alumnas trabalham por grupos, repartidos em tres salas.

Lavagem e engommado — Para habituar as futuras donas de casa a terem methodo e ordem nas suas occupações, a distribuição do trabalho foi combinada de modo que as lavagens se fazem às segundas e terças-feiras de manhã; as operações seguintes:— enxaguadura, anilamento, amidonagem, as terças, depois do meio dia, e às quartas. O engommado tem logar às quintas, sextas-feiras e sabbados. Desta fôrma, como em uma familia de operarios, em que a dona da casa tem ordem e methodo, a roupa branca é lavada, engommada e, si é necessario, concertada no sabbado à tarde.

Todas as alumnas que têm frequentado a escola durante seis mezes sabem engommar toda a roupa branca propria de uma casa de familia, até mesmo collarinhos, punhos, camisas de homem, cortinas e *tuyauté*.

Cozinha — Todas as alumnas cozinham duas vezes por semana.

Ellas são exercitadas:— 1º, em fazer as compras nos mercados e nos fornecedores; 2º, em dirigir uma casa de familia e occupar-se da contabilidade; 3º, em fazer a cozinha operaria, a cozinha para os doentes e a cozinha burgueza; 4º, em preparar uma série de sobremesas pouco dispendiosas; 5º, em pôr de conserva legumes e fructas.

Além disso, as jovens donas de casa conservam com o maior cuidado a louça, a cozinha e todos os objectos e moveis nella contidos e preparam todos os dias a sopa que vai para as creancinhas do jardim infantil n. 4.

Côrte, confecção e concertos.— Todas as licções são dadas pelo methodo simultaneo. As alumnas fazem, primeiro que tudo, uma repetição dos elementos de costura; em seguida são exercitadas em toda a especie de concerto de roupas, estudando

depois a confecção dos objectos seguintes : fronhas, camisas de creança, babadouros, calças, *bonnets*, aventaes e vestidos de creanças, camisas e calças de senhoras, saias, corpinhos, vestidos muito simples para meninas e blusas para operarios.

Depois do estudo de cada vestimenta, deixa-se alguns dias ás alumnas para que se possam occupar com o concerto das suas proprias vestimentas.

Em resumo, ainda ha pouco aberta, esta escola já tem dado os melhores resultados a todos os respeitos.

ESCOLA PROFISSIONAL DE ALFAIATES

Esta escola continua a servir de modelo para a criação de estabelecimentos semelhantes em outras cidades.

E' assim que a administração communal da cidade de Binche e a da de Louvain pediram informações sobre a sua organização e funcionamento.

A pedido dos paes dos alumnos alfaiates, para que estes possam frequentar os cursos nocturnos de adultos durante a estação de inverno, foi decidido que o curso desta escola terminasse ás 7 horas, em vez das 8 da noite.

A exposição annual, organizada por occasião da distribuição dos premios, permittiu apreciar os progressos reaes feitos por esta escola, assim como a excellencia de ensino que nella se dá.

A instrucção professional dos alumnos tem sido completada pelo estudo da machina de coser, cujo uso é hoje indispensavel a todo o bom operario. O curso de córte, recentemente organizado, teem dado já excellentes resultados. O estudo ainda mais aprofundado do córte, que se fará no proximo anno, completará este ensino, tão util quão precioso.

Durante o anno de 1889-1890 os cursos foram seguidos por 32 alumnos, e 3 diplomas foram dados, após exames finaes.

ESCOLA PROFISSIONAL DE TYPOGRAPHIA

Os cursos desta escola foram regularmente seguidos por 65 alumnos.

Graças á intervenção pecuniaria dos poderes publicos nas despezas de installação e manutenção da escola de typographia, pôde-se dizer, desde hoje, que sua existencia está garantida.

O pessoal compõe-se de um director e de 6 professores.

A associação que mantém esta escola conta 35 membros patrões e 35 membros operarios e é dirigida por um conselho administrativo.

Ainda sobre o *ensino profissional elementar* na Belgica o Sr. J. Leroux, em um relatorio apresentado em 1886 ao ministro do Commercio e da Industria, em França, transcreve os seguintes trechos do relatorio apresentado poucos mezes antes ao maire de Rouen, por Mr. Lècaudé, director da escola de aprendizagem desta cidade :

O ensino profissional é comprehendido e applicado na Belgica de um modo muito differente do que é usado em França.

Emquanto que para subtrahir a infancia ás influencias, muitas vezes desagradaveis e penosas, que traz quasi sempre a primeira estada na officina de industria particular, procuramos resolver o problema da aprendizagem pela annexação da officina á escola, a Belgica pretende chegar aos mesmos resultados, entregando o aprendiz ao patrão e completando sua instrucção technica pela escola.

Para esse fim creou um systema de ensino gratuito que comprehende: escolas de adultos, escolas industriaes e profissionaes, cujo programma comporta, além de cursos geraes, cursos que se referem mais particularmente á industria especial localisada na communa ou na cidade em que essas escolas estão situadas: cursos de desenho, de modelação, de esculptura, etc.

Os jovens operarios e aprendizes trabalham durante o dia nas officinas communs de industria particular, e á noite vêm seguir os cursos que funcionam, em geral, das 7 horas ás 9 $\frac{1}{2}$; parece que estes cursos, são muito frequentados.

O programma é geralmente dividido em tres annos, no fim dos quaes é dado um diploma, após o conveniente exame, aos alumnos approvados. Este diploma é muito apreciado pelos chefes de industria, que acolhem com grande alegria os jovens que o possuem.

Estas escolas são creadas tanto pelas cidades e communas como por syndicatos e associações, que, a este respeito, têm a mais completa liberdade; quando essas escolas pretendem obter subsidios do Estado, não têm mais que apresentar o seu programma e provar que tem dado resultados. Desta maneira, toda a latitude é deixada á iniciativa das communas, das cidades e mesmo dos individuos; o Estado os auxilia e nisto consiste a sua missão.

Do testemunho de Mr. Rombaut, inspector do ensino profissional, resulta que este ensino, que custa ao Thesouro belga perto de 300.000 francos por anno, produziu excellentes resultados.

E' tambem opinião de Mr. Rombaut que a questão da introduccão da aprendizagem na escola não é ainda chamada a ser estudada nem resolvida tão promptamente na Belgica; ella exigiria despezas consideraveis tanto para a installação material das officinas como pelos vencimentos que se teria de pagar aos mestres especiaes que conviria addir ás escolas. Demais, as especialidades muito localisadas neste paiz se prestam melhor que em outros ao systema de ensino adoptado e cujos resultados têm sido julgados como muito satisfactorios.

Na escola de aprendizagem de Tournai, os alumnos vão 6 horas por dia trabalhar em uma usina perto do local em que ella está situada. E' em virtude de uma convenção passada pelo chefe dessa usina que os alumnos vão nella para se exercitar no trabalho.

Os trabalhos em ferro e madeira expostos pela escola de Tournai em Anvers, figuram entre os mais interessantes. Mas Mr. Lecaude, auctor do relatorio do qual tomamos estas informações, procura em vão descobrir o methodo que deverá presidir á execução desses trabalhos.

Em compensação, as numerosas collecções de *croquis* e de desenhos expostos pelas differentes escolas belgas se distinguem em geral por um methodo bem graduado; mas a execução deixa frequentemente muito a desejar, quer sob o ponto de vista da pureza do traço, quer quanto á nitidez do desenho.

As escolas industriaes de ensino medio são muito numerosas na Belgica; não ha centro industrial de alguma importancia que as não possua. Desde 1865 existem nesse paiz perto de 60 escolas de aprendizagem, repartidas pelas communas e dando o ensino a perto de 1500 alumnos.

A organização geral dessas escolas e os programmas são feitos com o maior cuidado e segundo as necessidades especiaes de cada localidade.

E' assim que a Escola de Ostende possúe um curso de carpinteria naval, cuja utilidade é evidente em um porto de mar; que Verviers, centro importante de fabricação de pãños, tem aberto um curso pratico de fição e de tecidos, etc.»

Além disso, a Belgica possúe estabelecimentos de ensino technico superior, como a Escola Polytechnica de Bruxellas; a Escola de Artes e Manufacturas e de Minas de Liège; a de Engenharia Civil, de Artes e de Manufacturas de Gand; as

Escolas especiaes de Artes e Manufacturas; de Engenharia Civil e de Minas de Louvain; o Instituto Agronomico de Louvain; a Escola especial de Industria e de Minas du Hainaut, e o Instituto Agricola de Gembloux.

A ESCOLA - MODELO

Não podendo demorar-me em Bruxellas, pelas razões já expendidas, tratei de ver o que havia de melhor e mais adiantado no ensino. Não poderia escolher melhor estabelecimento para visitar e julgar do adiantamento da Belgica que a Escola-Modelo, iniciadora de todas as reformas e melhoramentos introduzidos ultimamente no ensino. E' della que tem partido o exemplo para a formação da maior parte das escolas bruxellenses.

A Escola-Modelo funciona em uma parte do edificio da Escola Normal de professores e, si bem que tenha um director especial, está comtudo sob a direcção geral do chefe de todo o estabelecimento, o Sr. A. Sluys.

Nestas condições, sendo, como é, uma dependencia ou uma parte integrante da Escola Normal e sob a direcção geral do mesmo chefe, é influenciada pelas mesmas idéas, o mesmo pensamento pedagogico e methodo de ensino. As diferenças são sómente nos programmas, que na Escola Normal se adaptam a espiritos já cultivados e aqui a creanças. Os normalistas que alli se vão exercitar obedecem ao influxo das licções recebidas pelos mesmos systemas e methodos que vão empregar na pratica. D'ahi tambem a influencia da Escola-Modelo sobre a maior parte das escolas de Bruxellas, cujos professores, na sua mór parte, ahi fizeram o seu aprendizado e ahi praticaram na escola annexa.

As salas de aula da Escola-Modelo estão situadas de fôrma que vão todas dar a um grande pateo coberto de vidro. Este pateo é rodeado por uma vasta galeria que está no andar superior, onde se encontram magnificas collecções, e que dá

para a sala de trabalho do director geral do estabelecimento. Além deste pateo coberto de vidro, ha dois outros grandes pateos descobertos, um dos quaes é plantado. Immediato a este ha um outro pateo em que está o gymnasio.

A Escola-Modelo foi preparada para conter 400 alumnos e possui 12 salas para aulas. Cada uma dessas salas tem 8^m,70 de comprimento, 6^m,40 de largura e 5^m,40 de altura. O grande pateo coberto, em que os alumnos se reúnem para recreio, nos dias de chuva, mede 400 metros quadrados, isto é, um metro quadrado para cada alumno, na hypothese de que a escola tenha matriculado então o numero completo de alumnos para que foi preparada, e que todos estejam presentes. Dos outros pateos, um tem 598 e outro 574 metros quadrados de superficie.

A Escola-Modelo foi creada em 1875 pela Liga do Ensino, para introdução do ensino intuitivo. Animar o alumno a que veja, analyse, compare e julgue, que exprima franca e livremente as suas idéas e impressões, sem que o professor imponha as suas opiniões, mas discutindo, conversando, raciocinando com o discipulo, era o fim que se tinha em vista e é o que se tem praticado nesse estabelecimento.

Conhecida a tendencia que toda a creança tem para fazer descobertas e a alegria que experimenta quando faz alguma, o professor proporciona sempre, com todo o geito e se fôr possível sem que o discipulo perceba, occasiões em que elle tenha de passar por essa agradabilissima sensação. O professor procura corrigir os defeitos, os erros de apreciação, convencendo o alumno da falta em que cahiu, do caminho tortuoso dos seus raciocinios, etc.

E para que o ensino intuitivo seja uma realidade e não unicamente um effeito de programma, a Escola possui collecções completas de objectos dos tres reinos da natureza, quadros, aparelhos geographicos, assim como para o ensino da historia, da geometria, da physica e chimica, etc. Para as sciencias naturaes possui um bom museu de animaes embalsamados, herba-

rios, mineraes, sendo que para estes ultimos têm contribuido os proprios professores e alumnos, já adquirindo os objectos por compra, já colleccionando-os nas excursões e passeios escolares. Dos objectos ou animaes de que se não pôde obter o original, ha quadros que os representam de todas as fórmias.

As excursões e passeios escolares são muito amiudados e nesses passeios os alumnos dirigem-se com seus professores á roça, aos arrabaldes, ás povoações mais proximas, ás fabricas, aos museos, ás praças, jardins de plantas ou zoologicos, etc. Cada classe faz excursões pelo menos duas vezes por mez, sendo innumeradas as que até hoje têm feito os alumnos dessa escola, desde que ella existe.

Até eu tive a fortuna de fazer uma pequena excursão pela cidade em companhia de Mr. Sluys, que, obedecendo aos seus habitos de bom educador, instinctivamente foi me levando a pé a varios pontos da cidade, após a minha demorada visita á Escola-Modelo, e explicando-me os monumentos das praças, mostrando-me os edificios notaveis, os passeios, os jardins, as estatuas, de cada uma das quaes contou-me a historia e os feitos dos que alli estavam por ellas representados, etc., etc. Uma lição proveitosissima e que tenho realmente pena de não poder ver repetida e ampliada.

Esses passeios são de uma importancia extraordinaria para o ensino. Uma boa digressão vale mais que meio cento de extensas explicações e outras tantas leituras. Isto não se discute mais, é uma verdade sabida por todos. Para a explicação de um facto historico, a vista do monumento que o representa perante os posteros, as ruinas do local em que elle se realizou, ou na falta absoluta desses elementos, a sua representação em um bom quadro, produzem impressões inextinguiveis, ou pelo menos, muito duradouras. E si se trata de um paiz ou de uma cidade cujos principaes factos historicos estão visivelmente representados por estatuas, edificios ou outros monumentos, como deve ser facil e productivo o ensino popular pelas excur-

sões e pelos passeios escolares, quando o discipulo é guiado por um professor habil! . . .

No estudo da geographia não são menos valiosas as excursões. Que melhor meio de se ensinar o que é um rio, uma montanha, uma collina, um ribeiro, um porto, um pharol, uma doca, uma ilha, um archipelago, um cabo, um ferro-carril, um tunnel, que o proprio exame visual do objecto real e tangivel? E quer se trate da educação intellectual, quer da moral, o resultado é sempre grande, incomparavel. A visita aos campos cultivados, ás fabricas, ás estações telegraphicas ou telephonicas, aos hospitaes, á casa de um aldeão, etc. despertam o amor pelo trabalho, o respeito á propriedade, a admiração pela sciencia, o espirito de philantropia e caridade. Desenvolve-se o sentimento esthetico tambem pela contemplação das obras da natureza, sempre grandiosas e bellas, como pela contemplação das obras d'arte nos monumentos, edificios, etc.

São magnificas as collecções mineralogicas e zoologicas, bem como as do gabinete de physica e chimica. Ahi se encontra animaes dissecados, esqueletos em grande profusão, reproduções em cartão de todos os orgãos do corpo humano e dos animaes, de plantas, mappas geographicos em profusão, globos, apparatus para a demonstração dos movimentos dos astros, estampas, desenhos, gravuras, photographias, etc.

Entre as photographias eu tive occasião de ver algumas representando o director, professores e alumnos em excursões escolares. Em uma das photographias vi um grupo escolar tendo á frente o director, Mr. Sluys, em uma mina, 640 metros abaixo do nivel da terra. Outra photographia representava o mesmo grupo á sahida da mina que havia visitado. Na primeira o director descia para o interior da mina com os alumnos dentro de um grande cesto.

Uma outra representava, se bem me recordo, a visita de um grupo de alumnos a um estaleiro onde se construia um navio. O director estava sentado sobre enorme e grosso páu e expli-

cava aos alumnos alguns dos trabalhos sobre a construcção do barco.

Disse-me o director que são pouco mais ou menos em numero de 30 as excursões e passeios escolares annuaes. Os alumnos trazem em uma marmita a comida, assim como o copo necessario para beber agua. O Estado fornece passagem gratuita nas locomotivas, si a viagem é longa. Para isso, o director requisita com antecedencia, o numero de bilhetes necessarios.

A minha visita a essa escola foi dividida em duas secções, como tambem o exigiam os trabalhos escolares. Tendo entrado ás 9 horas da manhã, retirei-me ao meio-dia para de novo voltar depois de 1 hora, conservando-me na escola até quasi a terminação dos trabalhos. Assisti, pois, a todas as aulas do dia.

Nas aulas de desenho não se faz uzo do mais simples instrumento: nem compasso, nem régua, ou outro qualquer. O desenho é feito *d'après nature*. O logar destinado para cada alumno é sempre o mesmo. Em uma das salas cujas mesas de trabalho estão collocadas em circulo, o modelo estava no centro e cada alumno desenhava-o segundo a posição em que o via. O modelo que então se desenhava, era um grande castello de madeira. O resultado seria que, quando todos os alumnos declarassem prompto o seu trabalho, ter-se-hia aquelle castello em todas as posições: de frente, de lado, pela parte posterior, etc., representando cada desenho de cada alumno uma das muitas faces pela qual se pôde ver um edificio desse genero.

Em uma outra aula desenhava-se um guarda-chuva e um chapéo, objectos estes collocados em posição natural a um canto da sala. Nesta sala os bancos-carteiras dos alumnos não estavam collocados em circulo, mas de frente para o objecto.

Em uma dessas salas vi grande numero de desenhos feitos por alumnos, assim como os objectos que servem de modelos e que estavam guardados em um armario com portas de vidro: vasos, jarrões, passaros, animaes domesticos, caixas, etc., etc., muitos delles offertados pelos professores á escola.

As classes inferiores recebem as primeiras lições de desenho: linhas rectas, curvas e mais preliminares, dos professores que leccionam a instrucção primaria. Logo que estão adiantados, passam então os alumnos para as classes dessa disciplina regidas por professores especiaes.

Ha uma sala na qual está a bibliotheca escolar, uma grande collecção de mappas e onde estão archivados, perfeitamente coordenados, os relatorios dos passeios escolares. Alli fui obsequiado com um exemplar da « Planta escolar de Bruxellas e seus arrabaldes » (escala de 1 por 10.000), publicada pelo Instituto Nacional de Geographia. Nessa planta estão todas as ruas, boulevards, avenidas, etc., de Bruxellas e seus arrabaldes, sendo marcados com um pequeno quadrado de tinta vermelha nos logares competentes de cada rua, praça, boulevard ou avenida, com uma pequena variante nos quadradinhos vermelhos, todos os jardins infantis, escolas primarias, médias, profissionais e normaes, atheneus, cursos de educação superior, etc. Nesse mappa tambem se encontram perfeitamente representados os canaes, parques, jardins, monumentos publicos, limites communaes, caminhos de ferro, etc., tudo acompanhado de uma legenda contendo os nomes dos estabelecimentos de ensino.

Disse-me o director que cada alumno possui um mappa igual, que lhe serve de guia nas excursões e passeios.

Do exemplar dessa planta, que me foi offerecido, fiz offerta ao *Pedagogium*.

Assisti a uma aula de trabalhos manuaes em papel e papelão, dirigida por um professor. Os alumnos fizeram caixas e outros pequenos objectos á minha vista. O systema adoptado é o de Boogaerts, cujas excellentes qualidades e vantagens comecei a ver alli gabadas, despertando-se-me desde então a attenção para esse methodo que é usado em todas ou quasi todas as escolas de Bruxellas.

O facto de haver uma aula de trabalhos manuaes em papel ou papelão, não quer dizer que se deva excluir as aulas de tra-

balhos manuaes em madeira, e tanto assim que nessa mesma escola existem ambas.

A aula de trabalhos de madeira (carpinteiro e torneiro) é frequentada não só por alumnos de 7, 8 e mais annos de idade, como tambem pelos normalistas, os quaes trabalham como todos os outros. Tambem ha uma aula de modelação em terra-cotta e gesso, dirigida pelo mesmo habilissimo mestre da de carpinteria. Nesta aula vi alumnos bastante adiantados.

Perguntando ao director onde estava a officina de ferreiro e serralheiro, disse-me que não havia, que elle é adversario desses trabalhos, superiores, na sua opinião, à força physica das creanças. Que esse trabalho era muito grosseiro para ser praticado em tenra idade e que sobre trabalhos manuaes lhe parecia bastante o que ali se fazia.

Tambem é contrario aos batalhões escolares, que não existem em Bruxellas, capital de um paiz que não deseja os fóros de nação bellicosa. As despezas com esses batalhões são enormes, segundo elle pensa, relativamente ás poucas vantagens que, por ventura, possam produzir.

E' preciso que se trabalhe por extinguir os exercitos e não por despertar na creança o amor à farda, plantando-lhe n'alma o germen da guerra, palavra que deveria ser banida dos dictionarios ou que nelles deve figurar apenas como triste recordação de um passado barbaro.

Sobre o assumpto fez varias considerações que me abstenho de reproduzir, visto que têm valiosas razões de apoio para as suas idéas, tanto os que combatem a criação dos batalhões escolares como os que sustentam a necessidade de sua existencia. No que diz respeito ás guerras, estou de accordo. Seria conveniente e humanitario que ellas desaparecessem para sempre. O que resta saber é si, não tendo precedido um sério accordo internacional, convém descurar a defesa da patria e a educação do cidadão nesse ponto, tornando-o apto para qualquer emergencia.

E' de notar que Mr. Sluys é liberal em politica e quanto ás suas crenças philosophicas, filia-se ao positivismo, do qual é fervoroso adepto. No ensino é adepto do ensino pratico e intuitivo, e ainda nesse ponto naturalista e realista. Taes são as suas opiniões e crenças, que expande com toda a franqueza, por toda a parte, em voz alta e clara, com a coragem e desassombro das convicções sinceras e inabalaveis.

Mr. Sluys é tambem inimigo acerrimo dos castigos corporaes. Devo dizer a verdade : pareceu-me que não havia bastante disciplina na sua escola, talvez mesmo pela exagerada moderação das punições. — « Nem penas, nem recompensas » —, eis o que quer o director da Escola Normal, ponto sobre o qual manifestou-me tambem largamente o seu parecer, baseado em argumentos muito bonitos. Essa questão é outra como a dos balthões escolares, em que, de parte a parte, ha solidas razões e valiosos argumentos.

Senão, vejamos : Quanto aos castigos corporaes não resta duvida que, além de profundamente odiosos, são perigosos e pôdem trazer, após si, uma série de consequencias funestissimas. Toda a difficuldade com que luctam os professores é substituil-os por outros de bons resultados praticos e immediatos, especialmente quando se trata de alumnos quasi perdidos, de máus instinctos e pessimos habitos de educação, como se encontram aos milhares na capital do Brazil, mais que em qualquer outro ponto do mesmo paiz, pela heterogeneidade da população e pela abundancia dos cortiços e estalagens, verdadeiros focos de infecção physica e moral.

E' especialmente desses antros de perdição e de immoralidade, fontes asquerosas de todas as epidemias que devastam quotidianamente a cidade, angariando-lhe a mais triste e vergonhosa celebridade perante o estrangeiro, que sahem todos ou quasi todos os facinoras, os capoeiras, os gatunos, os assassinos, futuros habitantes das cadeias e das galês. Esses são os principaes viveiros de todos os vicios e todos os crimes e é real-

mente difficil para o professor brasileiro a sua missão de educar, se toma a sério a sua profissão, como o deve fazer, melhorar os sentimentos, os costumes, extirpar os máus habitos de creanças assim preparadas, sem que tenha em suas mãos meios poderosos e energicos.

Não se trata de fazer com que a escola seja — « o templo do silencio, o pelotão da disciplina, onde nada pôde mover-se, o carcere em que os meninos não se atrevem a mostrar que são viventes pelo temor de serem castigados pelo mestre » — ; deseja-se, pelo contrario, que a escola seja — « um meio cheio de actividade, de livre expansão, onde os risos e os jogos substitúam a fêrula antiga e as velhas clausuras » —, como o escreve o douto professor ; mas deseja-se tambem que o professor tenha poderosos meios coercitivos, meios de acção para que a escola, seja a *escola*, o logar onde se formam, a par de cerebros instruidos, almas e corações.

Não ha nada que se pareça mais com um medico ou com um cirurgião do que um professor que sabe ser professor. Si um trata do corpo, o outro trata do espirito. E' mesmo difficil averiguar quem é que tem maiores responsabilidades, tal é a união entre a physiologia e a psychologia humanas. Os vicios, os máus sentimentos, os máus habitos, são as doenças da alma. São infinitas como as molestias da corpo, isto é, do — *eu* — physico as do — *eu* — moral, e si, n'uns casos, tratando-se do corpo, é preciso que o medico seja energico até parecer cruel, n'outros, tratando-se da educação do sentimento, é preciso tambem ser sensato, mas energico.

E a escola mentirá á sua missão educativa e civilisadora si não puder desarraigar os máus habitos e sentimentos de muitos dos alumnos que a frequentam ; si não tiver recursos para destruir muitas vezes o que paes incapazes e indignos, ou máus parentes e pessimas companhias ensinam ás creanças ou deixam que aprendam pelo desleixo, pela incuria, pela incompetencia ou por perniciosos exemplos que, não raro, são os primeiros a

fornecer ; é preciso que a escola tenha recursos para regenerar essas almas e que encontre para continuar a obra, si não puder conseguil-a totalmente, as casas ou asylos correccionaes, feitos pelo molde da *Officina de S. José*, da cidade do Porto, a que já me referi no meu relatorio sobre o ensino publico em Portugal.

E nós, brazileiros, temos necessidade imprescindivel e inadiavel da criação desses asylos, tanto como da dos asylos infantis, — continuação do lar paterno, traço de união entre a escola primaria e a familia. E si esses asylos infantis pudessem ser organisados de modo que se abrissem ás 7 horas da manhã e se fechassem ás 7 da noite, seria isso preferivel, porque conservariam durante o dia inteiro fóra do cortiço e da estalagem, recolhidos das ruas, tantos pequeninos que tão grande cópia de ruins qualidades adquirem no meio em que começam a desenvolver-se até que attingam a idade para a matricula na escola primaria. Nos proprios domingos e dias feriados, em vez de respirar o ambiente da estalagem, respirariam o da escola, onde não haveria aulas, mas divertimentos apropriados á sua idade e compleição. Tal medida attingiria as proporções de uma esmola em nome da moralidade da futura geração, da hygiene, da humanidade. E o que se dá na capital brazileira, dá-se tambem, e mesmo em peiores condições, em outras cidades populosas nas quaes ha até bairros conhecidos como antros em que habitam verdadeiras fêras de fórmula humana. Paris e Londres estão nesse numero ; todos sabem disso.

E' pois, urgente e mais do que urgente, a criação e funcionamento de asylos infantis, casas de asylo e asylos ou officinas correccionaes.

A outra questão é a da suppressão das penas e recompensas, theoria muito bonita, mas de poucos resultados. O systema de tudo fazer-se sem interesse é muito bello, muito theorico, mas pouco pratico. Esta questão attinge mesmo á altura de uma questão philosophica, e lembro-me de ter lido algures, ha

bastantes annos, um bello trabalho intitulado — *O interesse* —, no qual o auctor provava com as razões mais poderosas e invenciveis que nada se move na terra sem que a esse movimento presida o interesse, que é a mola real da humanidade. Geralmente, os proprios desinteressados, os proprios homens cheios de abnegação, têm um interesse a haver como resultado de suas boas obras : não só a satisfação da consciencia, mas, o que é mais certo, os elogios dos outros quando os appellidam por toda a parte de abnegados e desinteressados.

Ora, estes elogios com esta satisfação da consciencia são, nesse caso, o interesse buscado, mas quantos são os homens que se contentam com isso? Quem é que cumpre os seus deveres por amor do proprio dever? Quem é que, cumprindo-o, não tem em vista o ser distinguido, citado, exaltado, quando mais não seja, por isso mesmo? Quem é que, cumprindo-o, não busca salientar-se entre os seus *pares*, conquistar uma promoção, subir, elevar-se no conceito dos seus concidadãos, merecer alguma cousa que o recomende á admiração ou ao respeito dos outros? Quem é que, cumpridor dos seus deveres, não se revolta ao ver-se preterido por outros que abandonam, por sua vez, o cumprimento do dever e que sobem, não pela porta larga e franca, aberta a golpes de trabalho, de talento, de estudo ou pelo merito proprio, mas pelos escaninhos tortuosos do empenho, do patronato, do nome de familia, do dinheiro, da adulação, etc.? Eu sou inimigo dos privilegios odiosos, mas não posso comprehender que o merito e o talento fiquem desconhecidos, ou passem na turbamulta sem serem vistos, desconhecidos, intangiveis. Não posso comprehender que se não destaque e saliente o merecimento, qualquer que seja o individuo em que elle se encontre, em todas as posições, em todas as profissões, em todas as infinitas manifestações do engenho humano. Tenho mesmo visto que, quasi sempre, os que mais adeptos se mostram da doutrina do desinteresse, são os que mais apresentam os premios, os galardões que

mereceram, os que mais ostentam os titulos nobiliarchicos que conquistaram pelo seu trabalho, e até, não raro, sem trabalho algum.

No dia em que nas exposições industriaes, manufactureiras ou de qualquer especie, desapparecerem as recompensas, os premios, essas exposições não terão concurrentes, ninguem quererá ter o trabalho de inventar, de melhorar, de aperfeiçoar as cousas existentes e a sociedade humana vegetará na indolencia e na apathia, indifferente ao progredimento, porque o trabalho não merece recompensa alguma, e tanto vale quem muito trabalha e estuda, como quem nada faz.

O que esperar de um individuo sem aspirações justas e louvaveis, sem ambições nobilissimas, qualquer que seja a sua profissão, o seu modo de vida? O que esperar de um marinho ou de um soldado na peleja, si este não tiver por mira a sua promoção, os elogios, que não são outra cousa senão a *recompensa*? Elle contentar-se-ha, vendo que todo o seu denodo e bravura são olhados com indifferença, só com os elogios de sua consciencia? Quem é que não trabalha por um futuro mais risonho, por um elogio, por uma recompensa qualquer, ainda que não seja senão o reconhecimento dos seus concidadãos, manifestado por qualquer fórma? E esses pequenos objectos materiaes, que se dão como premios, não são simples representações da gratidão ou do reconhecimento do merito? Quem é que se esforça, quem é que trabalha, paciente e perseverantemente, satisfeito e feliz, atado a um poste, consciente de que não será outra cousa senão aquillo mesmo que é presentemente? Tirem ao esforço a recompensa, tirem ao merito o meio de se salientar, provocando a admiração e por sua vez despertando o estimulo alheio para que se eleve tambem, e o esforço e o merito deixarão de existir, salvo quando a humanidade, deixando de ser constituida por homens, passar a ser constituida por... anjos.

Não, as recompensas hão de sempre existir, como hão de sempre existir, por desgraça da humanidade, as cadeias e as

galês para as punições dos relapsos e dos criminosos. E si as cadeias existem para as punições, si se não arrasam as prisões, por que se hão de extinguir as recompensas, os premios? E si o esforço não fôr animado, não desaparecerá para dar logar à ociosidade e esta não é a eterna mãe de todos os vicios, não é a que mais concorre para o povoamento das cadeias?

No Brazil, com o advento da Republica, extinguiram-se as condecorações e os titulos, sendo que a França conserva a Legião de Honra, os distinctivos de varios graus da Academia, os da Instrucção Publica e creio que, ha alguns poucos annos, creou-se uma ordem destinada a galardoar serviços prestados á agricultura. No Brazil, o resultado foi que, na impossibilidade de obter condecorações, todos querem ter honras militares, e a este gosto particular não se eximiram os proprios que mais combateram os distinctivos honorificos. E como não era possivel haver honras militares, oriundas do exercito, para todos, foi immenso, extraordinario o numero dos que quizeram ser officiaes da guarda nacional. Alguns que não puderam ser officiaes da guarda nacional e outros que não se contentaram com isso, procuraram ser ou parecer ricos. D'ahi a febre de ouro que houve e que ainda está latente no animo dos que não puderam até agora conseguil-o. Em todo o caso, sempre o interesse, sempre o desejo de se salientar entre os seus concidadãos.

A humanidade foi, é e será sempre a mesma, com todas as suas grandes qualidades e com todos os seus grandes defeitos. Poder-se-ha corrigil-a um pouco, modificar-lhe certas tendencias, certos erros e defeitos; transformal-a radicalmente, não creio que seja possivel. Todas as theorias deste genero hão de ruir por terra, destroçadas e anniquiladas.

Demais, o proprio Regulamento dos alumnos da Escola Modelo nos seus arts. 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21, trata de punições e premios por meio de bons e

maus pontos. O art. 15 diz que o regimen das punições consiste nas medidas seguintes :

1º « O nome do alumno é riscado do Quadro dos alumnos. » Que quadro é este ? Será o Quadro de Honra ? Creio que sim, pois que não pode ser o quadro que contém o nome de todos os alumnos da aula, visto que o alumno não é eliminado, e tanto que o § 2º declara que o alumno nessas condições « durante os recreios faz parte de um pelotão especial submettido a exercicios especiaes determinados pelo director ».

O § 3º declara que—« o professor pôde prohibil-o de tomar parte nas excursões de sua classe » — Em outros artigos auctoriza o professor a — « prohibir a frequencia do alumno á aula » — dadas certas faltas graves — « sendo que até pôde o alumno ser eliminado da escola » —.

Tudo isto não serão penas ? E que Quadro é esse de que se trata ? Será o Quadro de Honra ? Si é, existem recompensas como existem penas pelos artigos apontados.

Tratando-se de penas e recompensas, é justo dizer que um dos pedagogistas modernos mais notaveis que se oppõe a estas ultimas, para cuja extincção fez mesmo uma tenaz propaganda, é o Sr. Dr. F. A. Berra, de Montevidéo.

Diz esse pedagogista em carta (Setembro de 1883), dirigida ao fallecido e notavel educador brasileiro, de saudosa memoria, Barão de Macahubas, que consultou sobre a vantagem e desvantagem dos premios aos proprios alumnos de todas as classes, inferiores e superiores, da — ESCOLA ELBIO FERNANDEZ —, os quaes, com toda a franqueza, se manifestaram contra, o que é para admirar em creanças, si é que não traziam, o que é provavel, a licção estudada, para corresponderem aos desejos do professor, o qual, por sua vez, bem poderia querer tambem ser agradavel ao notavel pedagogista.

Na classe superior, os alumnos (a idade delles não é citada) já eram um pouco pedagogistas e tinham conhecimento da natureza humana, mesmo sem ter a pratica da vida, que só se

adquire com largos annos de existencia. Consultados, disseram, o que prova um desenvolvimento intellectual e moral bastante precoce, que:

« Os premios são inconvenientes, porque nos acostumam a não fazer nada de bom, sem o interesse em alguma recompensa. Tornam egoistas os individuos. »

Outro disse: « Que se fazia bem em supprimir os premios, porque, não podendo um ganhar tantos como os outros, nascia a inveja entre os condiscipulos, e d'ahi a origem de odios. »

Outro disse, referindo-se aos premios annuaes, que: « Não podem os examinadores conhecer exactamente quem merece ser premiado e quem não merece, visto que não raramente os que menos sabem são os mais audazes e conseguem ser mais favorecidos, e que esta injustiça desalenta aos verdadeiros applicados. »

Isto ha de sempre acontecer. E' mal para o qual não creio que haja remedio.

Outro, finalmente, disse: « Tambem penso que os premios annuaes devem ser supprimidos. O melhor seria que o publico julgasse nossos exames: e como não conhece a conducta que observamos na escola durante o anno, se poderia tirar dos livros de notas um resumo das que cada alumno mereceu e publical-o. Os que se têm conduzido bem, ganhariam uma boa opinião, e os que se têm conduzido mal seriam censurados pelo auditorio. »

O resultado destas consultas aos proprios alumnos, como se vê, muito perspicazes e muito intelligentes, como supponho que só se encontram entre argentinos e montevidéanos, povos de origem hespanhola, de tradições especialissimas, foi que moveu o Sr. Berra a propor a eliminação dos premios annuaes.

Nessa mesma escola era costume, conforme affirma o Sr. Berra na sua carta, haver no fim do anno um leilão de objectos uteis, que os alumnos arrematavam pagando com cedulas que tinham o valor de dinheiro e que eram os premios

accumulados e conquistados pelo talento, pela applicação e pelo bom procedimento. Não diz o Sr. Berra si esses leilões foram extinctos. E' provavel que sim. Entretanto, são reconhecidas as vantagens desses leilões, que habitúam a creança a adquirir o que deseja com o fructo do seu trabalho, habituando-a ao mesmo tempo a dar valor ao objecto que compra com o dinheiro ganho pelo esforço proprio. Esses leilões e esses premios valorisados são uma boa licção de vida pratica, visto que quem trabalha ganha dinheiro para a sua subsistencia e para adquirir os objectos que aprecia. Abolidos esses leilões, fica abolido um bom meio de ensino, tão instructivo quanto agradável e pratico.

As razões em que se firmam esses alumnos que rejeitam premios não são muito solidas, lá para que digamos, visto que, si por um lado, rejeitam premios materiaes (medalhas, livros, etc.), que não lhes causam prazer algum, porque já são uns meninos philosophos, por outro lado estimam a — « boa opinião publica » —, no fim do anno, o que não deixa de ser uma recompensa, um premio.

Ha mesmo alguns que desejam que se faça — « um resumo das notas que cada alumno mereceu durante o anno e que se publique esse resumo » —. Esses alumnos, apezar das vistas largas e da grande dóse de philosophia de que são dotados, não repararam que para os alumnos estudiosos possuidores de boas notas, a publicação dos seus nomes com essas notas é uma recompensa mais valiosa do que uma pequena medalha ou um livro ; mais visivel, pois que um grande publico fica tendo conhecimento do seu merito, e que para os que têm más notas, essa publicação é a maior punição que se lhes poderia infligir, porque é uma punição publica, da qual deve resultar não pequeno vexame. Além disso, esses alumnos, que não querem premios, nem recompensas annuaes, não reparam que a inveja pôde apparecer mais por esse systema que pelo outro, porque, ao passo que amplia o triumpho e a gloria de uns, amplia

tambem o vexame de outros, aos quaes se passa publicamente um diploma de ineptos, de estupidos ou de preguiçosos. Demais, a publicação é um premio material tambem, que substitúe perfeita e até vantajosamente o livro ou a medalha:— o jornal guarda-se para mostrar em qualquer tempo aos parentes e aos amigos.

A propria exclusão dos nomes dos alumnos não distinctos na lista publicada dos premiados, é uma punição tanto maior quanto sahe do recinto escolar para o conhecimento de todos os parentes e amigos da casa paterna do excluido.

Tambem não reparou o alumno que assim julga, o *pensador* de menos de tres lustros, que o publico não pôde ser juiz de exames, que as provas de aptidão não podem deixar de ser julgadas por commissões examinadoras e que, si estas se extinguissem para que o publico julgasse as aptidões dos escolares, seria preciso andar constantemente a provocar plebiscitos pela imprensa para julgar do adiantamento intellectual e moral de cada alumno, o que seria, penso eu, bastante difficil; e não viu que, assim como se pôde fazer um resumo de notas para publicar e serem julgadas por um publico, que tambem não acompanhou de perto o alumno durante o anno escolar, pôde-se fazer o mesmo resumo para uma commissão examinadora, da qual faça parte o professor do examinando, indispensavel em toda a mesa examinadora bem constituida, competindo a este fornecer dados e apontamentos para um bom juizo.

Quanto ao inconveniente de «— ganharem alguns alumnos mais premios do que outros, nascendo d'ahi a inveja e a odiosidade entre condiscipulos»—, é justo acreditar-se que, quando um professor tem o criterio preciso para o cargo que desempenha, tal não se pôde dar. O professor pôde desarraigal ou, pelo menos, transformar o sentimento de inveja que, porventura, comece de surgir, em estimulo, provando ao alumno que, si augmentar o seu esforço e applicação, conseguirá igual numero de premios, provocando até no discipulo invejoso a

admiração pelo merito do companheiro e enraizando nesse pequenino coração cheio de despeito, a convicção de que pôde conseguir nivelar-se ao condiscipulo galardoado, bastando para isso simplesmente — *querer*.

E' preciso tambem que o alumno se compenetre de que a natureza deu a cada homem um certo numero de aptidões e não deu a nenhum todas as aptidões, que qualquer pôde ser notavel na esphera que lhe foi traçada pela natureza, na aptidão ou aptidões que esta lhe outorgou, na profissão que por sua vocação ou por necessidade seguiu, pois todas as profissões são dignas e nobres.

O illustre pedagogista diz que, à vista das razões expostas por esses alumnos, não vacillou em propor a suppressão dos premios. O que é certo é que outros, à vista das razões expendidas, vacillariam mais do que nunca, porque realmente não pôde haver outras mais fracas e mais combativeis.

O que parece extraordinario (verdade é que se trata de meninos da Republica Oriental, e si se tratasse de Argentinos seria o mesmo, porque esses dois povos do Prata parecem-se muito na intellectualidade precoce e nos modos um pouquinho exagerados por que vêm as cousas) é a — *unanimidade* — no modo de pensar de todas as creanças de um collegio, consultadas sobre o ponto.

Ao contrario do Dr. Berra, que acha singular que só os paes de familia não recebessem com satisfação o seu projecto de abolição dos premios, outro qualquer acharia muito natural o modo de pensar desses paes, que não têm a dóse de philosophia com que lhes nasceram os filhos, apesar de mais avantajados na idade e na experiencia da vida.

E' que, diz o illustre pedagogista: — « elles fazem do premio de seus filhos objecto de sua propria vaidade » —. Ainda nesse ponto haverá quem pensê que elles fazem o que é justo, isto é, têm orgulho da applicação e dos talentos dos filhos; têm satisfação em vel-os premiados com premios que podem mostrar e não

simplesmente affirmar por palavras, que nem todos acreditam ; porque sabem que muitos desses premios foram conquistados com o auxilio delles, paes desvelados e carinhosos, no lar domestico, onde os ensinaram a elevarem-se pelo trabalho.

E censura-os o grande pedagogista, dizendo que é penoso que se tenha necessidade de educar a paes que assim tão mal cumprem os seus deveres. Para outros não haveria censura mais injusta ! Censurar um pae porque tem satisfação em ver o filho ganhar um premio, censurar um pae porque não pensa como o Dr. Berra, censurar um pae porque tem um filho que não se contenta só com os applausos da consciencia e ama os objectos que são a demonstração palpavel do seu merito e que farão com que ninguém esqueça em tempo algum que elle foi distincto, é uma crueldade ; tanto mais que as penas e recompensas não deixam de existir, como se prova com os bons e maus pontos, as suspensões da aula, as privações do recreio, etc.

O que se deve dizer á creança é que o premio tem um valor moral, que se não deve ver nelle a importancia material, mas a alta significação moral que representa.

Eu lembro-me bem de ter visto tratada esta questão com grande calor e entusiasmo nos nossos jornaes e nos arraiaes pedagogicos, logo que ella surgiu, e mesmo tratada com o calor e applausos com que sempre entre nós se recebem as idéas novas sob a primeira impressão ; tanto entusiasmo quasi como o que causou o methodo Hudson, de saudosa memoria, tanto o methodo como o auctor, pois dormem ambos o somno eterno, felizmente para o methodo ; mas vejo tambem que, apezar de suas philosophias todas, continuou a haver premios em todos os collegios publicos e particulares, quer do meu paiz, quer dos europeus e americanos, diplomas, quadros de Honra inaugurados com solemnidade, etc.

Vejo tambem que um dos paizes do mundo onde não se fazem festas publicas de distribuição de premios (não seria mau sobre o caso ler aquella esplendida obra de De Amicis, o

— *Coração* —, factos da vida de um collegial —, hoje adoptada em nossas escolas publicas), onde o Governo não tem uma verba destinada para esse fim, é o meu. Mas isto não admira! Acredito mesmo que, si alguém fosse falar em tal cousa, si alguém propuzesse uma verba destinada á compra de premios annuaes e para dar uma certa solemnidade á sua distribuição, seria ridicularisado, e da propria imprensa destacar-se-hiam aguerridos combatentes contra o proponente. Dir-se-hia, por exemplo, que seria mais conveniente que tal dinheiro fosse empregado no calçamento de uma rua ou em qualquer outro mister de *maior importancia*.

(Até á época em que foi escripto este relatorio, nunca se fez uma festa de distribuição de premios aos alumnos das escolas publicas desta Capital, ou porque o Governo nunca se dignou concorrer com as quantias necessarias para a compra desses premios, ou porque as administrações do ensino publico não quizeram ou não se lembraram jámais de solicitar do Governo o auxilio necessario.

Ao encerrarem-se, porém, os trabalhos lectivos das escolas publicas desta Capital no anno proximo passado, cada um dos districtos escolares fez uma festa publica de distribuição de premios aos alumnos que se haviam distinguido, sob a presidencia do respectivo inspector escolar districtal. Esses premios, que consistiram em bons livros, luxuosamente encadernados, foram fornecidos pelo Governo, a instantes solicitações da actual inspeçtoria geral.

O que se fez então foi apenas um ensaio, visto que em alguns districtos a festa acarretou grandes dispendios ao professorado, o que não é justo, pois o Governo limitou-se a fornecer os premios, não destinando uma verba para outras despesas imprescindiveis.

Em todo o caso, como ensaio, não podia ser melhor, nem mais auspicioso, e eu imagino a lucta que teve de sustentar, as difficuldades que teve de vencer a actual administração para

conseguir esses premios e a realização dessas festas, tão recomendadas pelos pedagogistas modernos e tão usadas nos paizes em que a escola primaria merece os desvelos e as solitudes dos governos que não regateam o dinheiro, quando se trata do ensino popular. Oxalá que essas festas continuem a realizar-se e que á actual administração ou ás que se lhe succederem, jámais negue o Governo os auxilios para isso indispensaveis.)

Mas estas considerações iriam muito longe e eu sómente quiz provar que sobre a questão de penas e recompensas ha argumentos, de parte a parte, muito valiosos. Não pretendo mesmo discutir a questão ; mas, quando ouvi dos labios do director da Escola Normal Belga esta phrase simples, concisa, absoluta, dogmatica:— Aqui não ha penas, nem recompensas —, comecei a encarar seriamente a questão, a estudal-a, a ver si era possivel haver uma sociedade (e a escola é sempre a miniatura de uma sociedade) onde se pudesse passar sem isso.

Eis os motivos por que escrevi estas linhas, que não sei si vos agradarão, Sr. Inspector, e que tiveram só o fim, que já vos assignalei, sem mesmo dizer a minha opinião, que é a de um professor primario e que desapareceria, fulminada pelos competentes nesses altos assumptos de psychologia e moral.

E tanto não bastam as simples censuras ou os simples elogios para castigar ou animar que, quando pela segunda vez, no mesmo dia, entrei na *Escola Modelo* para assistir a algumas aulas da tarde, vi no pateo coberto uma grande turma de alumnos, talvez uns 20, *de pé*, formados e firmes, sob a inspecção de um professor. Logo que o director appareceu, o professor contou-lhe as faltas por elles commettidas e pelas quaes estavam sendo castigados, alli assim, talvez mais de uma hora, naquella posição. Ora, supponho que se tratava de uma pena, um castigo e não de uma simples censura. Pareceu-me mesmo que o director não ficara satisfeito, porque aquillo não estava muito de accordo com as theorias que me apresentara algumas horas antes e das quaes é fervoroso adepto.

Outro facto que notei é que os alumnos no recreio gozam da mais completa liberdade e que um dos seus brinquedos preferidos é andarem sobre altas pernas de pau. O brinquedo não deixa de ser perigoso, quando não ha muita vigilancia e ha grande agglomeração de creanças, como nessa escola.

Assisti a uma magnifica licção de historia natural, dada por um joven e habilissimo professor. A licção versou sobre ser-pentes e outros animaes da mesma familia. O professor mostrava o animal, fazendo-o passar de mão em mão dos alumnos. Uma boa explicação com os objectos á vista, verdadeiro ensino intuitivo.

Assisti tambem a uma excellente aula de musica por um novo methodo, que substitue as notas por algarismos. E' o que chamam *musica modal*. O professor escrevia no quadro negro algarismos representando o valor das notas e os alumnos solfejavam admiravelmente. Depois, o professor, apresentando as mãos aos alumnos, fazia movimentos com os dedos, movimentos que os alumnos imitavam, e, como conheciam praticamente as notas por algarismos, os dedos, substituindo os algarimos escriptos, serviam de notas musicaes. Desta fórma, os alumnos cantaram com uma admiravel afinação e esplendida certeza, pedaços conhecidissimos do *Fausto*, do *Boccacio* e de outras operas e operetas, sendo os versos dessas operas e operetas substituidos por outros apropriados. Gostei immensamente do systema, que é digno de ser estudado entre nós. Deste methodo de musica ha em Bruxellas um curso dirigido por Mr. Benoni Lagye, curso que tem sido frequentado por muitos professores publicos.

Pelo distincto professor que tão brilhantemente dirigia a aula de *musica modal*, assim como pelo director da Escola Normal, me foram recommendadas as seguintes obras musicaes, pelo methodo modal, que se vendem em Paris, e das quaes não fiz aquisição, por um deploravel esquecimento.

A cada um dos titulos das obras acompanha o respectivo preço por exemplar:

OBRAS MUSICAES

Methodo modal

1.º L' instituteur musicien — Cours préparatoire.	0,75 fr.
2.º L'instituteur et l'élève musiciens — Cours élémentaire.....	1,25 »
3.º Choix de chants faciles — Amédeé Bouiillis..	1,00 »
4.º L'élève musicien. Cours élémentaire.....	0,40 »
5.º L'instituteur musicien. Cours moyen	

Estas obras são publicadas pela Associação Galinista e encontram-se em casa de Mr. Alexandre Augé, secretario da Associação Galinista, rue des Bons Enfants, 32 — Paris.

O gymnasio da Escola-Modelo é provido de todos os aparelhos. O solo é preparado convenientemente para que, no caso de queda, os alumnos não se magoem muito. Tem aparelhos completos, e assisti, além de varios exercicios, de saltos, etc., a alguns jogos gymnasticos, tudo sob a direcção de um professor especial. Tambem assisti á execução de magnificos exercicios sem aparelhos, alguns dos quaes de corpo livre, muito conhecidos entre nós, e até já por mim ensinados na escola a meu cargo.

Fui ver depois, acompanhado de Mr. Sluys, a escola de natção. E' um vasto salão rectangular com galerias em redor e nestas bancos e cadeiras. O salão é fechado, para que não entre ar, visto que os exercicios de natção são feitos com agua tepida. Não é difficil apanhar-se uma constipação ao sahir daquella atmospherá quente. Acredito que sobre esse ponto são tomadas as necessarias precauções. De uma das extremidades do salão, onde ha um local apropriado, atiram-se á agua, que tem, talvez, tres metros de profundidade, os que estão aprendendo a nadar.

O preço cobrado pelo proprietario do estabelecimento é de 15 centimos (60 réis) por pessoa.

Os alumnos da Escola-Modelo e os proprios normalistas vão ahi fazer exercicios de natação sob a direcção de um mestre especial. O mestre era o mesmo que eu vira ensinando trabalhos manuaes em madeira e gesso. O vestuario é uma simples calça de banho. Vi a nadarem regularmente alguns discipulos da escola e entre elles um menino que promettia vir a ser um bom nadador, pois sendo a primeira vez que alli vinha, mostrava optimas disposições.

A *Escola-Modelo*, si bem que nella venham exercitar-se os futuros professores (alumnos normalistas), possui para cada classe um professor. Neste ponto o director discorda do que está admittido em França, em que os professores das aulas são os proprios normalistas e os alumnos a victima das experiencias dos que estão praticando. Estou perfeitamente de accordo com o illustre educador, pois as creanças matriculadas na escola annexa á Escola Normal não são casos anatomicos para experiencias e estudos, como os cadaveres nas escolas medicas. Isto para o Sr. Sluys é um attentado, e eu penso tambem assim.

As classes inferiores da Escola-Modelo tem 150 alumnos de 6 a 13 annos de idade. As classes superiores 100 alumnos de 13 a 16 annos de idade.

A Escola Normal tem 3 classes de 50 alumnos cada uma. Esses alumnos são de 16 a 19 annos de idade.

Tinha, pois, o estabelecimento, quando o visitei, o numero total de 400 alumnos e dispunha de um grande pessoal technico e de serviço.

Mas por que a Escola Normal com todas as suas dependencias não se occupa de ensino religioso, não sendo por isso nem anti-religiosa, nem anti-catholica, e como disse Mr. Tempels, presidente da commissão fundadora, ao inaugural-a: —« ella responde a um fim essencialmente pedagogico, garante a plenitude da independencia e da responsabilidade do pae de

familia sobre as opiniões que deseja inspirar a seus filhos, e quando se fala de Deus, pôde fazer-se com elevação, sem ferir a consciencia de ninguem, pois que a atmospherá de uma escola é religiosa para todos quando está impregnada de bons fins, e de honradez » — ; foi uma das primeiras supprimidas pelos clericaes ao assumirem o poder em 1884. O povo bruxellense, porém, sustentou-a e um mez depois o Conselho communal tomou-a a seu cargo, velando até hoje pela sua conservação e funcionamento.

Em questões de religião, Mr. Sluys é mesmo do maior escrupulo, não querendo forçar a consciencia de pessoa alguma e respeitando todas as crenças. E tanto é escrupuloso, que, conforme m'o declarou, não tem seus filhos baptizados; quando elles forem homens, seguirão o que mais lhes convier, de accordo com os dictames da sua razão, e da sua consciencia. Esse facto caracteriza o homem e a sua influencia pedagogica pelo cargo que exerce e pelo seu valor intellectual e moral.

Chamo a vossa attenção, Sr. Inspector, para um trabalho desse illustre professor, e do qual remetto para o *Pedagogium* o exemplar que me foi offerecido. Intitula-se *L' instruction intégrale à l'Orphelinat Prévost*.

Penso ter escripto o sufficiente para se avaliar o que é a *Escola-Modelo* de Bruxellas.

ESCOLA COMMUNAL N. 3

A escola communal n. 3, que funciona no predio n. 26 da rua Nouveau Marché aux Grains, occupa um verdadeiro palacio, construido expressamente para escola com todas as regras pedagogicas e hygienicas.

E' um edificio admiravel e o seu asseio irreprehensivel, meticoloso. Nas suas grandes salas, immensos corredores e vastos pateos de recreio, não se encontra o menor pedaço de papel pelo chão, não ha um traço de lapis ou de giz pelas paredes.

Chega-se a duvidar, pelo asseio que alli se encontra, que aquillo seja uma escola frequentada por tão grande numero de creanças.

Uma parte do predio é occupada pela escola do sexo masculino e outra pela do feminino. A escola do sexo masculino occupa o pavimento terreo e o primeiro andar ; a do sexo feminino occupa a outra metade da casa e mais o 2º andar, porque os logares que lhe são reservados tambem no pavimento terreo, são muito menores.

O edificio está dividido de tal fórma que o mesmo numero de salas, aposentos e pateos que existem na escola de um sexo, existem na de outro.

A primeira impressão agradavel que se sente ao penetrar o largo portão principal e antes de subir ao 1º andar por uma luxuosa escada, é a que nos fornece o pateo de gymnastica para uso dos alumnos do sexo masculino, visto que ha outro pateo igual na parte do edificio occupada pela escola de meninas.

O pateo de gymnastica para os meninos é vasto e alegre. E' coberto e nelle se nota tambem o maximo asseio, sendo o solo preparado de fórma que os alumnos não se magoem no caso de quedas. Demais, ha tambem colchões para o mesmo mister. E' importantissima a collecção de apparatus que, methodicamente collocados nos seus logares, ahi se encontram em um estado de conservação e limpeza admiraveis: — barras, trapezios, cordas lisas e de nós, escadas de todos os feitios, quer de madeira, quer de corda, grande collecção, para todas as edades, de *mils* (maças), halteres, barras esphericas, apparatus para saltar, varas, parallelas, balanços, argolas, cavallos, etc., etc.

Na parte do edificio destinada á escola do sexo masculino, ha 11 salas para aula, além do vestibulo da entrada, habitação, em separado, do director e sua familia, gymnasio, área coberta para recreio, uma grande área descoberta tambem para recreio, aposentos do porteiro, grande sala para a reunião dos

professores, quartos para chapéus, latrinas e mictorios, etc., tudo preparado com verdadeiro luxo.

Ao redor do pateo descoberto encontram-se no 1º andar, quatro longos corredores que dão acesso às salas de aula e outros aposentos.

O director offereceu-me a planta do 1º andar do edificio, feita por um professor, assim como a planta da sala de uma aula, desenhada tambem pelo respectivo professor, o mesmo auctor da planta do 1º andar.

Ao longo das paredes de todos os corredores e de todas as salas e aposentos corre uma grade de ferro curvado, caprichosamente trabalhada e collocada entre o soalho e a parede. Perguntando qual o fim a que se destinava aquella grade que dispertou a minha attenção porque rodeava todos os corredores e salas, disseram-me que por alli passavam os tubos de agua quente destinada a aquecer essas salas e corredores nos dias invernosos.

A mobilia de toda a escola é boa, solida, moderna, asseiadissima. Os gabinetes de physica, chimica e historia natural são bem providos e igualmente a bibliotheca escolar. O gabinete do director é uma vasta sala bem mobiliada e nella estão todos os livros de matricula e mais papeis concernentes à escripturação escolar, que é complicadissima e trabalhosa.

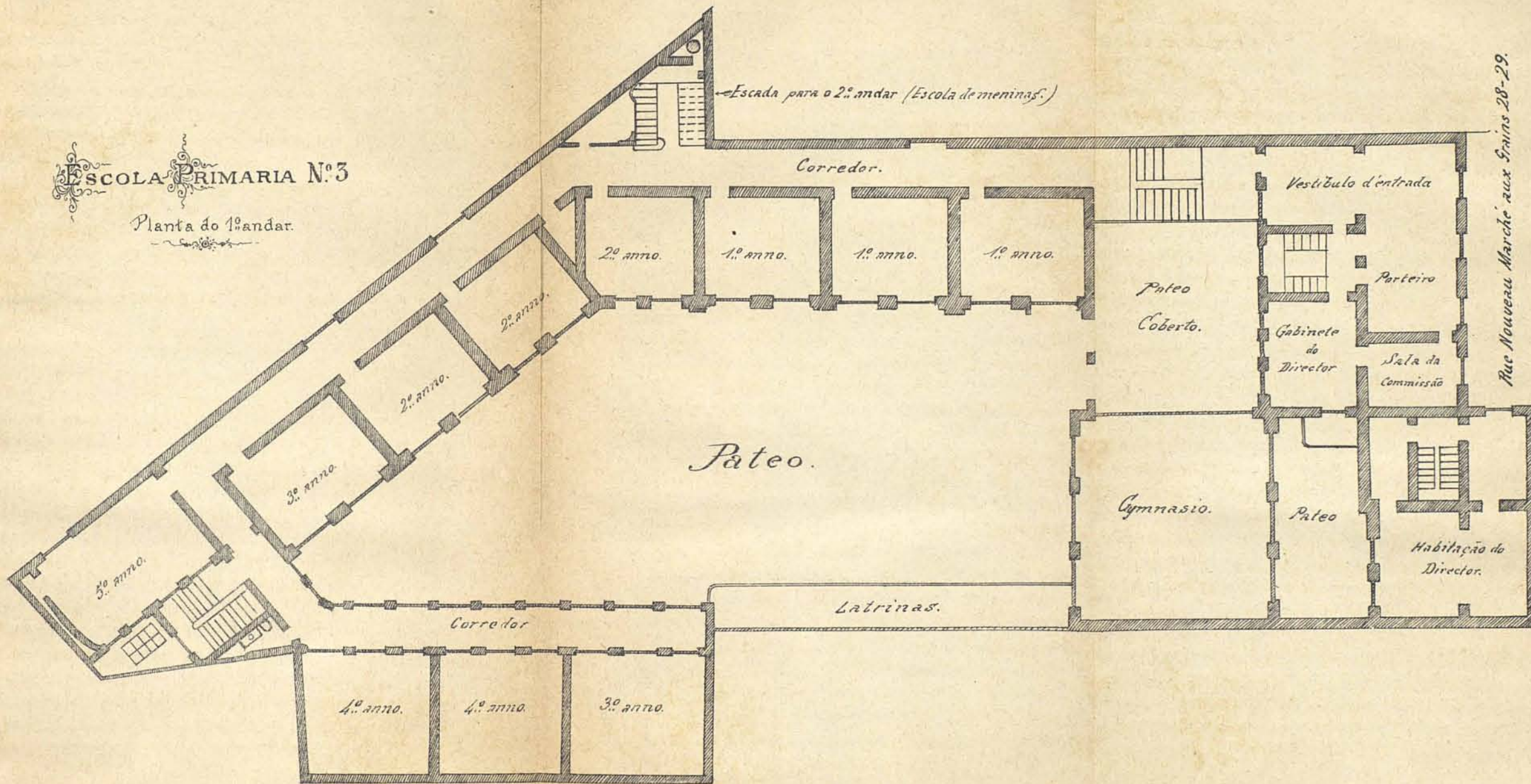
Essa escripturação geral está toda a cargo do director, que é quem a faz de accordo com os apontamentos e boletins fornecidos pelos professores das varias classes. Ha boletins diarios, semanaes, mensaes, trimensaes, semestraes e annuaes, de procedimento, de aproveitamento, de hygiene, falta e frequencia dos professores, molestias dos mesmos, etc.

D'ahi se expedem outros boletins para as auctoridades sobre varios assumptos que se prendem ao ensino, á hygiene e á economia da escola.

Nesse mesmo gabinete, em armarios adequados, estão guardadas colleções de trabalhos de escripta, desenho, geographia, dictados, excursões, etc., dos alumnos.

ESCOLA PRIMARIA Nº 3

Planta do 1º andar.



De varios papeis concernentes à escripturação escolar tambem consegui modelos.

Assisti a varias aulas e entre ellas á de desenho. A sala em que funciona esta aula é grande, ostenta boas collecções de modelos e tinha ornada de bons quadros, gessos e figuras todas as paredes. Entre os desenhos, muitos feitos pelos alumnos á minha vista e representando um chapéo e um sacco de apanhar borboletas, objectos esses collocados como um tropheu em uma das paredes da aula e desenhados pelos alumnos conforme a posição que cada um occupava em relação a esses objectos, foram por mim remettidos para o *Pedagogium*, assim como cadernos de deveres escolares e desenhos tirados a autocopista. Esses trabalhos são todos dignos de serem vistos.

Assisti a uma magnifica aula de geographia e ás aulas de grammatica e de arithmetica.

Tambem assisti á aula de trabalhos manuaes sobre papelão pelo systema do Sr. Boogaerts, que encontrou um habil discipulo no distincto professor que dirigia esta aula. Os alumnos eram em grande numero e trabalhavam admiravelmente. Foram-me offerecidos uns 15 pequenos objectos feitos nessa aula e na minha presença.

A Escola Communal n. 3, de Bruxellas, é dirigida pelo notavel professor J. H. De Wemel, homem distinctissimo que me mostrou com o maior cavalheirismo o estabelecimento que com tanta proficiencia dirige, prestando-me todas as informações que desejei.

E' uma das escolas mais frequentadas da cidade e tem, além dos professores das varias classes em que está dividido o ensino, alguns professores especiaes e os empregados subalternos necessarios para o serviço.

Ha nella a melhor ordem e regularidade nos trabalhos e muita disciplina.

E', emfim, uma escola que honra a capital belga e não creio que haja outra em parte alguma que lhe seja superior.

JARDIM INFANTIL N. 5

Esta escola funciona na rue des Fleuristes e é dirigida por Mlle. Dewachter. Occupa um magnifico predio construido tambem de accordo com as prescrições pedagogicas e hygienicas. O asseio é nelle, como em todas as escolas belgas, irreprehensivel. O methodo de Fröbel é o adoptado. As salas são muito claras e arejadas e ha no edificio um pateo para rudimentares exercicios gymnasticos.

No dia em que o visitei, esses exercicios, que constaram de marchas e contramarchas com canticos, foram feitos em uma sala, por ter chovido e estar no pateo descoberto, o terreno bastante humido.

Em um jardim, ha varios canteiros que são cultivados pelos alumnos e para esse fim elles possuem todo o material necessario em ponto pequeno : enxadas, pás, regadores, ancinhos, etc. O inverno rigoroso tinha destruido as plantações dos pequeninos agricultores que esperavam, anciosos, a volta da primavera para recommencarem os trabalhos.

Pobres trabalhadores que no alvorecer da vida começavam já a ver quanto a natureza é cruel na Europa para os que se dedicam á lavoura, para os que precisam arrancar á terra, com grande esforço e inauditos sacrificios, o necessario á existencia, ganhando em alguns mezes apenas o sustento de um anno inteiro !

Alli naquelles cantinhos de terra, naquelles canteiros sem um arbusto, que os mirrhara o gelo e os frios terriveis do inverno, mas ainda abrigados pelas azas protectoras da escola, sob a meiga vigilancia de carinhosas professoras, ao influxo caricioso do olhar dulcissimo de desveladas preceptoras que os amparavam e cuidavam ; alli, começavam a ter o exemplo do que seria o futuro de muitos que ainda ahi estavam, quando fossem obrigados a luctar pela vida, supportando tão barbaras contrariedades, vendo desfeitos muitas vezes pelas ventanias e pelas

neves de uma noite os trabalhos de tantos dias, trabalhos que lhes proporcionára tantos sonhos, tantas esperanças !...

A escola tem 400 alumnos de ambos os sexos e de idade de 3 a 6 annos. Tem, além da directora e do pessoal subalterno de serviço, 13 professoras.

O ensino está dividido em 3 classes. A 1^a classe tem alumnos de 3 a 4 annos de idade ; a 2^a de 4 a 5 ; a 3^a, a superior, de 5 a 6.

Esta escola foi fundada em 1883 e construido especialmente para esse fim o edificio que contém 7 salas de aula, além do gabinete da directora, pateos, salas para varios misteres, etc.

A directora reside no edificio com sua familia em aposentos separados da parte destinada propriamente às aulas.

Cada classe tem 100 alumnos que trabalham alternadamente, isto é, 50 estão na aula, enquanto 50 estão no recreio. O tempo de duração de cada aula é muito curto, attendendo-se assim à idade das creanças.

A escola funciona das 8 horas da manhã às 11 1/2 e de 1 às 4 da tarde.

Dessa escola pude trazer alguns trabalhos de alumnos e entre esses quatro objectos de contas, dois de papelão e papeis concernentes à escripturação e hygiene, que me foram offerecidos.

JARDIM INFANTIL N. 7

No mesmo gosto do jardim infantil n. 5, e talvez em ponto menor, mas em edificio, como esse, elegante e limpo, construido especialmente para escola, como todas as escolas de Bruxellas, funciona o *jardim infantil* n. 7 na rue de la Roue (Impasse des Allemands). E' bastante frequentado e nelle são empregados os mesmos methodos de ensino.

MUSEU PEDAGOGICO

O Museu Pedagogico de Bruxellas occupa uma parte (lado do sul) do palacio em que se realizou a ultima exposição uni-

versal, no *Parc du Cinquantenaire*. As outras divisões do edificio estão tambem occupadas por museus de pintura, escultura, antiguidades, etc.

A parte destinada ao Museu pedagogico, que ahi funciona ha pouco tempo, é vasto e dá ensejo a que se destaquem perfeitamente as suas magnificas e valiosissimas collecções, por offerecer a grande vantagem de tudo ter collocado em um só pavimento, alegre, arejado, e cheio de luz pela abundancia de janellas.

O Museu Pedagogico de Bruxellas torna-se, por esses motivos, superior ao de Pariz, que já vos descrevi e que é cheio de escadas, cubiculos e escaninhos que muito destoam da opulencia que em tudo ou quasi tudo se nota na capital franceza.

Não me deterei a descrever-vos o Museu de Bruxellas, mesmo porque tive a promessa de que me seriam enviados apontamentos e publicações, que, logo que me cheguem ás mãos, vos remetterei.

A bibliotheca é importantissima, os gabinetes de physica, chimica e historia natural são dignos de demorada visita e sobre geographia não creio que haja museu algum que ostente uma tão numerosa e valiosa colleção. E' extraordinario o numero dos seus mappas sobre todos os assumptos geographicos, dispostos de modo a serem facilmente examinados por um systema que permite descel-os e enrolal-os admiravelmente. Disse o conservador do Museu que o systema applicado á subida e descida dos mappas, ahi usado, era novo completamente.

Ahi tive grande prazer em folhear a nossa *Revista pedagogica*, que me foi mostrada com o intuito de se me fazer uma agradavel surpresa.

São riquissimas as colleções de trabalhos manuaes, em madeira, da Escola de Nääs, na Suecia, de madeira e ferro das escolas da França, da Belgica, do Japão e de outros paizes, bem como a importante colleção de trabalhos manuaes em papel e em

cartão feita pelo proprio auctor do methodo Boogaerts. Esta collecção, que occupa uma immensa *vitrine*, contendo cada um dos seus innumerables objectos em dois, tres, quatro e mais tamanhos, é apresentada com orgulho pela direcção do estabelecimento a todos os visitantes e especialmente aos estrangeiros.

Até á época da minha visita não houvera ainda tempo de collocar bem todas as grandes e multiplas collecções, e não estavam ainda promptos os laboratorios destinados ás experiencias de physica, chimica, etc.

Disse-me o conservador do museu que este tambem funcionára em um predio que não se prestava aos fins a que se destina um estabelecimento desse genero e que com grande custo se tinha, emfim, conseguido installal-o alli, pelo que a sua direcção estava satisfeitissima. Dei-lhe os meus sinceros parabens pela victoria alcançada e espero, anciosamente, o dia em que identicos parabens possa dar á administração do nosso *Pedagogium* por conseguir uma casa mais apropriada ao seu funcionamento, si antes não apparecer um ministro bastante retrogrado que o mande fechar, o que não será caso de admiração no Brazil.

Em todas as salas do Museu Pedagogico de Bruxellas ha guardas que velam pela conservação das collecções e para que nenhum dos visitantes toque nos objectos expostos.

E' director geral e encarregado da direcção scientifica e pedagogica desse estabelecimento, Mr. Germain, sendo o logar de conservador occupado por Mr. Victor Hamesse.

O Museu Pedagogico da Belgica é, no seu genero, um estabelecimento modelo.

Entendo dever affirmar convictamente um facto que nos honra: o nosso Museu Pedagogico não é inferior a nenhum dos quatro que visitei, antes é superior a muitos delles, e si lhe não faltarem os recursos e continuar a progredir, será em pouco tempo um digno rival dos melhores museus desse genero da Europa. Esta é a verdade.

Mr. Felix Narjoux, eminente architecto de Pariz, em uma brilhante conferencia, que realizou nessa cidade a 6 de Fevereiro de 1877, sobre o thema — As escolas publicas na Europa — affirma as seguintes proposições, que aqui apresento, porque vêm perfeitamente a proposito das condições actuaes do nosso paiz :

« Para uma sociedade em via de transformação, a instrucção do povo tem uma importancia immensa, extraordinaria ; é preciso que antes de passar por uma modificação social qualquer, um povo saiba pensar e raciocinar ; é preciso que elle veja para onde vai, que comprehenda o que quer e que possúa os recursos proprios a lhe assegurarem a conservação dos bens intellectuaes e moraes que quer conquistar.

« O momento não é mais aquelle em que a necessidade de crear escolas carece ser demonstrada ; esta necessidade é hoje comprehendida por todos, mais até, talvez, pelos ricos e instruidos que pelos pobres e ignorantes. Está reconhecido que instruindo-se um operario se concorre para tornal-o mais habil e mais feliz e já ninguém pensa actualmente que será impossivel achar um operario ou um creado no dia em que todo o mundo saiba ler e escrever.

« Em uma sociedade cujo principio de governo repousa sobre o suffragio universal, não é permittido a nenhum cidadão o não saber ler e escrever, tornando-se assim incapaz de ter uma opinião propria.

« A instrucção não pôde mais ser considerada como um favor, é preciso consideral-a como um direito, que pertence a todos, direito esse do qual nenhuma pessoa se pôde eximir. »

E ao terminar a sua magnifica conferencia, que versou sobre a necessidade do accrescimo de escolas primarias na França para a mais ampla diffusão do ensino popular, sobre construcção de predios, fazendo um retrospecto do que nesse sentido ha em varios paizes europeus, continúa :

« Nada mais tenho que dizer senão algumas palavras sobre a fórma exterior dada ás escolas. Admittimos em França que a fachada de uma escola deve ser simples e modesta ; quanto a nós, tambem partilhâmos por muito tempo essa maneira de ver. »

Entende o conferente que não é só para os theatros e palacios que se deve reservar a riqueza das fórmas architectonicas :

« — uma escola tem tambem direito a alguma attenção, a alguma consideração : é inutil, senão desagradavel e doloroso, dar-lhe a apparencia de uma prisão ou de uma fabrica ; será preferivel que tenha uma fachada de bellas proporções, de aspecto agradavel e convenientemente ornamentada.

« Quereríamos nesta occasião poder mostrar-vos as fachadas de qualquer das escolas da Allemanha, da Suissa, da Belgica e da Inglaterra e mostrar-vos quantos cuidados, quanto zelo e quanto luxo nossos vizinhos dão aos seus edificios escolares. Em um recente congresso de professores, um professor primario suiso dizia, talvez com um pouco de emphase, mas, em todo o caso, com uma grande dóse de sinceridade: « A escola é o palacio do povo, e nenhum soberano merece mais que elle ter um palacio rico e sumptuoso. E' preciso dar á escola toda a solitudine e todo o esplendor que exige qualquer palacio, e não sómente reservar o luxo das fórmas, o conforto das installações para os logares de prazer ou para as residencias dos principes ; em uma escola concebida e dirigida como o deveriam ser todas, o professor não tem sómente por objectivo a instrucção das creanças confiadas aos seus cuidados, elle deve visar mais alto e inculcar aos seus discipulos certos bons principios de que elles guardarão perpetuamente a lembrança e que serão o guia de toda a sua vida.»

« Mas as palavras, as licções serão insufficientes para attingir este duplo resultado. E' preciso que as impressões exteriores venham em auxilio do trabalho intellectual ; ora, nenhuma impressão é tão poderosa, nenhuma impressão é mais duradoura que a que é produzida pelo meio em que cada um de nós é collocado. Para a creança, o meio é a escola ; é nella que ella passa os seus mais verdes annos, época na qual as impressões são fortes e vivas. E' preciso tambem que ella de um modo nitido e seguro possa distinguir a casa da escola da propria habitação, que a possa differenciar das construcções que está habituada a ver constantemente e nas quaes ella vive ou vivem os seus. A escola deve ser para a creança um logar á parte, um objecto, um edificio, um monumento que lhe fale aos sentidos. Nenhuma intelligencia escapa á influencia do meio em que se acha ; a intelligencia da creança, mais docil, mais flexivel e maleavel, é mais sensivel que a do homem feito, e si as licções do mestre são a base da instrucção, as impressões são a base da educação.

« A creança terá pela escola uma consideração, um respeito que dará mais peso, mais sancção ás licções que receber. Assim como nós outros não podemos escapar á impressão que nos causa o aspecto dos grandes claustros, das grandes basilicas, dos conventos, das mesquitas ou dos magestosos templos, é preciso transportar para a vida civil, para delle se tirar o partido conveniente, esse sentimento de que outros têm tambem sabido tirar proveito para a idéa religiosa.

« De tudo o que temos dito, a conclusão é facil. Sabe-se de que é que carecem as nossas escolas e aquillo que devemos imitar nos outros: é lá que está o objectivo, é lá que está o progresso. Podem fazer-nos uma objecção, é a da despeza que resultará da construcção de novas escolas e do melhoramento das escolas actuaes.

« Sabemos, porém, o que vale esta objecção em presença dos recursos de que dispõe a França e da mesma fórma por que citámos ao principiar esta phrase de Jules Simon:— « O povo que tem melhores escolas, é o primeiro povo; si o não é hoje, sel-o-ha amanhã »—, com elle terminaremos dizendo: «— Si um pae de familia fizesse construir palacios e monumentos e viesse dizer depois: « Eu não posso dar mestres aos meus filhos, porque me falta o dinheiro », como julgariamos este procedimento e esta moral?

« Quando um paiz construiu a nova *Opera*, não tem o direito de dizer que não lhe resta mais dinheiro para as suas escolas.»

UMA NOTA SOBRE ESTATISTICA ESCOLAR

Aos dados estatísticos sobre o ensino publico primario, de que tratam as paginas 158, 159 e 160 deste livro; devem ser accrescentados os seguintes colhidos em documentos officiaes do Ministerio da Instrucção Publica de França, e que se referem ao estado do ensino publico primario desse paiz, actualmente.

As despezas com o ensino publico primario duplicaram nos ultimos 20 annos, de fórma que no corrente anno de 1892 elevam-se a 126 milhões de francos.

O numero de alumnos matriculados subiu de 3.836,000 a 4.406,000, havendo, pois, um accrescimo, na população escolar, de 570.000 alumnos.

O numero de rapazes analphabetos tem diminuido muito e decresce diariamente. Actualmente 90 % sabem ler.

Façamos agora um pequeno confronto entre o ensino publico primario de algumas capitaes europeas e a nossa, que é a do maior e mais povoado paiz da America, depois dos Estados-Unidos do Norte. Incluamos mesmo nesse confronto, não só Lisboa, como ainda a propria cidade do Porto, que não tem as honras de ser uma capital, e tiremos d'ahi o estimulo de que precisamos para cuidar seriamente do ensino popular.

Si Lisboa, para 220,000 almas, tem 60 escolas publicas; si o Porto, para 90,000 tem 26 escolas; si Bruxellas, para muito menos de 400,000 (incluindo nestas as dos seus arrabaldes) tem 155 escolas; e si Pariz, para 2.000.000, tem 600 escolas' entre asylos infantis, escolas maternas e primarias, sem contar os cursos nocturnos para ambos os sexos separadamente e que funcionam em todas as escolas publicas, além de grande numero de cursos particulares, nós, com uma população que se calcula, no minimo, em 800,000 almas actualmente, pelo accrescimo extraordinario de população nos tres ultimos annos, si fizermos um pequeno estudo comparativo entre essas e a nossa cidade, só teremos motivos para nos entristecermos.

Si a isso adicionarmos que não possuímos nenhuma escola maternal e nenhum asylo infantil, sendo este o fundamento da escola primaria, como se deduz das considerações expostas na pagina 407 deste livro, só agora tendo conseguido apenas 6 escolas primarias superiores (escolas do 2º grau), das quaes só funcionam 3 e destas 3 apenas 1 para o sexo masculino, não possuindo tambem nenhuma escola profissional; não ha realmente motivos para que sejamos muito orgulhosos do nosso ensino publico primario com as 120 escolas mantidas pelo Estado.

Do confronto se deduz facilmente que qualquer dessas cidades nos está, nesse ponto, muito superior.

E manda o verdadeiro patriotismo que se diga francamente a verdade, porque é do seu conhecimento, é da sua singeleza

que devem brotar as inspirações para o trabalho, a luz que deve illuminar a estrada que devemos seguir para que saíamos, quanto antes, desta triste posição.

Com o presente relatorio sobre o ensino publico primario na Belgica, Sr. Inspector Geral, termino a exposição fiel e minuciosa de tudo quanto no desempenho da honrosa e árdua commissão que me foi confiada pelo governo da Republica e com especialidade pelo immortal primeiro ministro da Instrucção Publica no Brazil, Dr. Benjamin Constant, vi nos quatro paizes em cujas capitaes estive: — Portugal, Hespanha, França e Belgica.

Tendo embarcado nesta capital com destino á Europa, para d'ahi seguir para a America, no desempenho de uma commissão que devêra durar dois annos, a 30 de Dezembro de 1890 e tendo regressado, aqui desembarcando a 22 de Junho do corrente anno de 1891, não cheguei a estar seis mezes fóra do Brazil.

Si desse espaço de tempo se descontar o necessario para as viagens, os dias em que nada pude fazer por causa das grandes chuvas e da inclemencia da estação, os feriados, os exigidos para a minha installação em qualquer das cidades, para procurar legações, consulados, auctoridades de ensino, sem auxilio algum senão o que prestam aos viajantes os guias impressos, mas quasi sempre errados e incompletos nos assumptos da minha commissão, etc., etc., penso ter aproveitado bem o tempo que me ficou.

Resta-me a esperança de que algum dia, fazendo-se justiça ao meu esforço e ao amor com que sempre me dediquei ao serviço publico em minha patria, eu possa concluir os meus estudos, com tanto afan e zelo encetados. sobre o ensino popular nos principaes paizes da Europa e nas principaes cidades da America do Norte, como o exigiam as instrucções que me foram dadas, sem que o receio da falta de verba ou de accumu-

lação, por erronea interpretação do Estatuto constitucional, me force a regressar antes de terminal-os.

Em todo o caso, um galardão já eu tenho e delle me ufano : —é o voto de louvor espontaneo e unanime do Conselho Director da Instrucção Publica desta Capital, voto com o qual se dignou honrar-me o mesmo Conselho, logo após o meu regresso, e que, inserto na acta da respectiva sessão em que foi votado, delle tive conhecimento por um officio, que me enviastes, sorprehendendo-me agradavelmente.

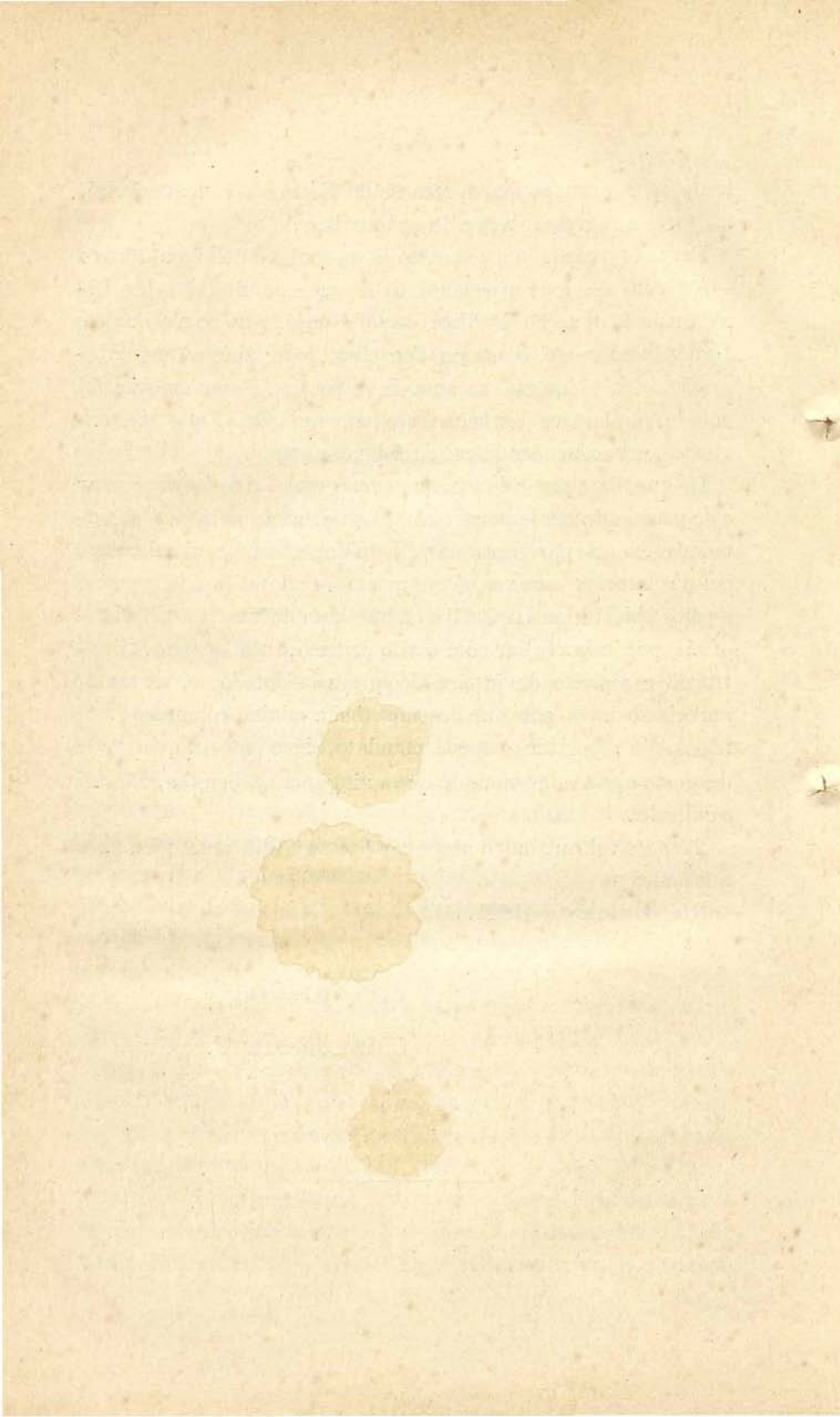
Do que fiz, apesar do inverno europeu que tive de supportar e do pouco que me demorei em cada paiz, nas condições desalentadoras em que por vezes me vi e de que vos dei conhecimento, pelos relatorios que vos entreguei, minuciosos e fidelissimos, e pelos objectos que remetti e trouxe com destino ao *Pedagogium*, podereis avaliar com o alto criterio, intelligencia, illustração e espirito de justiça de que sois dotado, e, portanto, apreciar o modo por que desempenhei a minha commissão. Si não pude concluir o meu mandato, bem sabeis que desse desgosto que a mim, mais do que a ninguem acabrunha, não fui o culpado.

E' possivel que outro qualquer fizesse muito mais ; eu fiz o que pude.

Rio, Outubro de 1891.

O PROFESSOR,

Luiz Augusto dos Reis.



**RELAÇÃO dos livros e objectos vindos de
PORTUGAL, HESPAÑA, FRANÇA e
BELGICA, offerecidos ao PEDAGOGIUM
pelo professor Luiz A. dos Reis.**

PORTUGAL (*)

LISBOA E PORTO

1 Planta da Escola Central n. 1.....	1 quad.
2 Alçado da mesma escola.....	1 »
3 Grupo do batalhão escolar de Lisboa.....	1 »
4 Fachada da <i>Escola Modelo</i> e planta da mesma.	1 »
5 A <i>Escola Frœbel</i> e a planta da mesma.....	1 »
6 Revista <i>Frœbel</i> , de Lisboa.....	1 vol.
7 Methodo de leitura do professor Alfredo Julio de Brito.....	1 »
8 Relatorio do Director da Escola Rodrigues Sampaio (1885).....	1 »
9 Programmas das classes das escolas centraes de Lisboa.....	2 »
10 Regulamento da <i>Escola Maria Pia</i>	1 »
11 Cantos e côros infantis adoptados em algumas escolas de Lisboa.....	1 »
12 Methodo de leitura e escripta de Branco Rodri- gues, approvado pelo governo.....	(coll.)
13 Collecção de trabalhos da Escola Frœbel, de Lisboa.....	»

(*) O numero de ordem de cada um dos objectos desta lista é o mesmo do CATALOGO organizado no *Pedagogium* e publicado em o numero 15, 3º tomo (Dezembro de 1891), da *Revista Pedagogica*.

14 Reg. dos Jardins de Infancia de Lisboa.....	1	vol.
15 Manual de Technologia para uso da Escola Rodrigues Sampaio, por Pinto Ferreira.....	1	»
16 Estatistica da Instr. Primaria de 1885 a 1886.	1	»
17 Idem de 1886 a 1887.....	1	»
18 Idem de 1887 a 1888.....	1	»
19 Idem (Appendice ao Diario do Governo) de 1888 a 1889.....	1	»
20 Elementos para um relatorio (5 broch.).....	5	»
21 Regulamento geral do Serviço de Instr. do Municipio de Lisboa.....	1	»
22 Bases de Orthographia Portugueza, por Gonçalves Vianna e Vasconcellos Abreu.....	3	»
23 Relatorio do Pelouro da Instr. do anno de 1882	2	»
24 Legislação de Instr. Primaria, impresso em 1889	1	»
25 Catalogos e Indices da Sociedade de Geographia, 1889.....	3	»
26 Indices e Catalogos (A Bibliotheca).....	3	»
27 Catalogo das publicações da Academia.....	1	»
28 Breve noticia sobre a typographia da Academia.	1	»
29 A <i>Escola Rodrigues Sampaio</i>	1	»
30 Programma das classes das escolas de Lisboa..	1	»
31 Boletins do serviço da Instrução.....	27	»
32 Noções de chorographia de Portugal, por E. A. Bettencourt.....	1	»
33 Idem por C. de F.....	2	»
34 Regulamento da <i>Escola Maria Pia</i>	2	»
35 Idem da <i>Escola Marquez de Pombal</i> (Porto).	2	»
36 Idem das escolas municipaes do Porto.....	1	»
37 Idem da escola—Officinas de S. José (Porto)..	1	»
38 Idem da Escola Normal do sexo masculino do Porto.....	1	»
39 Conjugações dos verbos — Escolas Municipaes de Lisboa.....	4	»
40 Exercicios de Arith. e leitura de manuscrito, por A. M. de Almeida (T).....	2	»
41 Resumo de Arith. e Syst.met. por J.Q. Lopes.	2	»
42 Compendio de Historia Sagrada, do mesmo auctor	2	»
43 Compendio de Historia Patria, pelo mesmo....	2	»
44 Compendio de Geometria, pela mesmo.....	1	»
45 Grammatica elementar da lingua portugueza, pelo mesmo.....	1	»
46 Arte de Contar, por Augusto José da Cunha...	2	»
47 Arithmetica pratica, pelo mesmo.....	1	»

48	1º Livro da Escola, por J. A. A. Simões Raposo.	1	vol.
49	2º Livro da Escola, pelo mesmo.....	1	»
50	3º Livro da Escola, pelo mesmo.....	1	»
51	Syllabarios de Simões Raposo (1ª e 2ª parte)..	4	»
52	Exercicios preparatorios de Composição, por Claudino Dias.....	2	»
53	Rudimentos de Grammatica Portugueza, pelo mesmo auctor.....	2	»
54	Portuguezes illustres, por Pinheiro Chagas....	1	»
55	Lusiadas, de Camões.....	1	»
56	Historia Sagrada, Mimo à Infancia, por E. A. Monteverde.....	1	»
57	Novo livro de leitura, por João Diniz.....	1	»
58	Leitura Corrente, por Adolpho Coelho.....	2	»
59	Deveres dos filhos, por João de Deus.....	2	»
60	Selecta Nacional, por Caldas Aulete.....	3	»
61	Grammatica elementar da lingua portugueza, por A. B. Santos Martins.....	3	»
62	Livros de historia (1ª e 2ª parte) por V. Salgado	4	»
63	Noções praticas de Arithmetica e Systema me- trico, por S. M. Freitas.....	1	»
64	Geographia geral (bibliotheca do Povo).....	2	»
65	Alphabeto Natural (bibliotheca do Povo).....	1	»
66	Novo resumo da Historia de Portugal, por A. A. Mascarenhas.....	2	»
67	Rudimentos de Physica, por J. C. C. Saa- vedra.....	1	»
68	Idem de Chimica, pelo mesmo.....	1	»
69	Manual dos direitos e deveres, por C. de Figuei- redo.....	2	»
70	Rudimentos de Moral, por A. B. dos Santos Martins.....	1	»
71	Alphabeto Natural, pelo Abbade de Arcozello.	2	»
72	Historia dos methodos de ensino da lingua por- tugueza, pelo mesmo.....	1	»
73	Methodos e pedagogistas encartados, pelo mesmo	1	»
74	Exercicios graduaes de escripta, por Freitas e Rodrigues.....	2	»
75	Desenho linear, por T. da Motta.....	1	»
76	Idem, por J. M. Abreu.....	1	»
77	Desenho Geometrico, por A. Ferreira de Jesus	1	»
78	Historia de Portugal, por C. de Figueiredo....	1	»
79	Resumo da Historia moderna de Portugal, pelo Dr. M. Veiga.....	1	»

80	Verbos da lingua portugueza, por A. A. T. Mascarenhas.....	1	vol.
81	Cartilha Nacional, por Caldas Aulete.....	1	»
82	Cartilha Maternal, por João de Deus.....	1	»
83	Arithmetica, por A. Silva Dias.....	1	»
84	A's mães e às filhas, por Caíel (contos).....	1	»
85	Leituras populares, moraes e instructivas, por Brito Aranha.....	1	»
86	Leituras escolares, por Varella e Barreto....	1	»
87	Sciencia para as escolas, por Vidigal Salgado.	1	»
88	Systema metrico da infancia, por F. M. H. S. Pereira.....	1	»
89	Novo epitome da Historia de Portugal, por A. J. Viale.....	1	»
90	Quadros da Historia de Portugal, por I. F. Silveira da Motta.....	1	»
91	Elementos de moral, por J. M. da Cunha Seixas.....	1	»
92	Grammatica portugueza, por Epiphanio Dias.	1	»
93	Grammatica Nacional, por Caldas Aulete....	1	»
94	Selecta das escolas, por Simão Lopes.....	1	»
95	Catalogo de quasi todas as palavras que se escrevem com consoantes dobradas, etc. por A. F. de Jesus.....	1	»
96	Selecta portugueza, por Felippe Leite e Moreira de Sá.....	2	»
97	Leituras para escola primaria, edição da livraria Ferreira, de Lisboa.....	2	»
98	Rudimentos de Moral, por Pedro A. Monteiro.	2	»
99	Cartilha maternal (1ª parte) por João de Deus.	1	»
100	Taboadas das classes elementares.....	4	»
101	Doutrina christã.....	1	»
102	Noções elementares de Geometria, segundo o programma.....	2	»
103	Programma das escolas officiaes do Porto...	1	»
104	Estatutos da Officina de S. José, do Porto...	1	»
105	Compendio de Arithmetica e Systema metrico, por Travassos Lopes.....	1	»
106	Um lote de modelos impressos para escripturação escolar.....	1	»
107	Uma colleção de quadros muraes cartonados para estudo do methodo do abbade de Arcozellos — 18 quadros e exposição do mesmo methodo, em manuscripto, pelo auctor....	19	quads.

OBJECTOS REMETTIDOS PELA ESCOLA RODRIGUES SAMPAIO, DE LISBOA

Exercicios das officinas de obras de ferro

108	Um pedaço de ferro encaçado n'uma extremidade.....	1	vol.
109	Exercicios para a construcção de um parafuso	1	»
110	Idem, idem.....	1	»
111	Idem, idem.....	1	»
112	Bico quadrado em varão.....	1	»
113	Parafuso de 16 m/m de cabeça sextavada e competente porca.....	1	»
114	Parafuso de 13 m/m de cabeça sextavada....	1	»
115	Escopro de aço fundido.....	1	»
116	Buril de aço fundido.....	1	»
117	Pedaço de varão, tendo n'uma extremidade um prisma hexagonal e na outra um prisma quadrangular.....	1	»

Figuras de chapas de ferro

118	Circulo.....	1	»
119	Quadrado.....	1	»
120	Pentagono.....	1	»
121	Hexagono.....	1	»
122	Octogono.....	1	»

Peças polidas de ferro e de aço

123	Pedaço de varão de ferro torneado.....	1	»
124	Riscador de aço fundido.....	1	»
125	Prisma octogonal com 37 m/m de face a face..	1	»
126	Prisma octogonal com 30 m/m.....	1	»
127	Prisma quadrangular de 39 m/m.....	1	»
128	Prisma octogonal de 31 m/m.....	1	»
129	Torcido de vergalhão.....	1	»
130	Parafuso de 16 m/m de cabeça sextavada....	1	»
131	Parafuso de 13 m/m com a cabeça e porca quadrada.....	1	»
132	Cruzeta de vergalhão de 37 m/m e varão de 22	1	»
133	Cruzeta de vergalhão de 30 m/m immaltada..	1	»
134	Mandril de tornear porcas de 16 m/m.....	1	»
135	Palma de ferro forjado.....	1	»

135	▲ Idem; idem.....	1	vol.
136	Cubo de ferro forjado.....	1	»
137	Planos de ferro fundido vedados.....	1	»
138	Ligação de prismas octogonaes com respiga rectangular.....	1	»
139	Punção redondo de aço fundido.....	1	»
140	Esquadro de ferro (angulo de 45°).....	1	»
140	▲ Esquadro de ferro.....	1	»
141	Esquadro de prumo, de ferro.....	1	»
142	Escantilhão para porcas de 16 a 19 m/m (forja)		
143	Pyramide conica truncada.....	1	»
144	Escantilhão para acertar à lima porcas de 19 m/m.....	1	»
145	Setta de ferro com a lingua de aço.....	1	»
146	Parallelepipedo de ferro fundido.....	1	»
147	Punção redondo de aço fundido.....	1	»
148	Roda de engrenagem torneada e escantilada..	1	»
149	Graminho com a base de ferro fundido e a haste de aço.....	1	»
150	Porca quadrada de 13 m/m.....	1	»
151	Idem, idem.....	1	»
152	Aza para punho de limas.....	1	»

Ligação de chapa de ferro

153	Tubo de cravação embutido e rebordo de um lado.....	1	»
154	De junta cintada e cravação à face.....	1	»
155	De junta sobreposta.....	1	»
156	Direito de chapa virada em esquadria.....	1	»
157	Em esquadria por meio de cantoneira.....	1	»
158	Em esquadria com o canto curvo.....	1	»
159	Em esquadria com o canto em aresta.....	1	»
160	Balde de ferro batido e pintado.....	1	»

Exercicios da officina de obras de madeira

161	Exercicio preliminar da serração em linha recta	1	»
162	Idem, idem em linha curva.....	1	»
163	Idem, idem, idem.....	1	»
164	Idem, idem de furações.....	1	»
165	Idem, idem de aparelho de madeira.....	1	»
166 a 185	Ligação de madeira (20 exemplares).	20	»

Objectos de uso commun e utilidade permanente

186	Escarrador.....	1	vol.
187	Banco.....	1	»
188	Cantoneira.....	1	»
189	Limpa-ardosias.....	1	»
190	Grampo (ferramenta).....	1	»

Exercicios preliminares de torno de madeira

191 a 194	Exercicios de torno (4 exemplares)..	4	»
-----------	--	---	---

Ferramentas feitas ao torno

195	Cabo.....	1	»
196	Parafuso.....	1	»
197	Maço.....	1	»

Objectos de uso commun feitos ao torno

198	Maçaneta..	1	»
199	Argola.....	1	»
200	Moldura para espelho.....	1	»

H E S P A N H A

201	Planta do Museu Pedagogico de Madrid...	1	quad.
202	Catalogo do mesmo Museu.....	1	vol.
203	Regulamento e catalogo da bibliotheca circulante do mesmo Museu.....	1	»
204	Documentos para a historia do mesmo Museu	1	»
205	▲ 2ª colonia escolar, publicação do mesmo Museu.....	1	»
206	Os pedagogos do Renascimento, publicação do mesmo Museu.....	1	»
207	El Colegio de Sordo-Mudos e Ciegos de Madrid.....	1	»
208	Regulamento do mesmo Collegio dos Surdos Mudos de Madrid.....	1	»
208	▲ Collecção de tres trabalhos de alumnos do Collegio dos Surdos-Mudos e Cegos de Madrid.....	3	»

FRANÇA

209	Methodo Regimbeau, adoptado.....	1	vol.
210	La Citologie, methodo de leitura por H. A. Dupont.....	1	»
211	Methodo de leitura por E. Toussaint.....	12	quads.
212	Methodo de leitura por L. C. Michel.....	20	»
213	Methodo de leitura por Sarradon (adoptado)..	18	»
214	Quadros de leitura (methodo) por varios professores.....	20	»
215	Os termos geographicos, por Felix Hement...	1	vol.
216	Trabalho manual por E. Faivre.....	1	»
217	Escolas primarias e salas de asylo (construcção e installação), por Felix Narjoux.....	1	»
218	A instrucção primaria nos Estados-Unidos, por Paul Passy.....	1	»
219	La future ménagère, por Mlle. Ernestine Wirth.....	1	»
220	Manual de gymnastica (1 ^a parte).....	1	»
221	Manual de gymnastica (2 ^a parte).....	1	»
222	Manual de instrucção militar para uso das escolas (adoptado).....	1	»
223	Ensino militar para uso dos batalhões escolares.	1	»
224	Manual do Instructor (adoptado).....	1	»
225	Um <i>Guide-chant</i> , de Picard, — pequeno harmonium com pedal e caixa de madeira forte, acompanhado das instrucções para seu uso.....	1	caixa
226	Catalogo de pianos e orgãos da casa E. Derwingle.....	1	vol.
227	Catalogo de obras e documentos, publicado pelo Museu Pedagogico de Paris (3 grandes volumes).....	3	»
228	Publicação do Ministerio da Instrucção Publica. — <i>Material de sciencias physicas e naturaes e ensino agricola</i>	1	»
229	Idem — <i>Material de sciencias physicas e naturaes</i>	1	»
230	Regulamento para as escolas publicas (1889) em vigor.....	1	»
231	Dois cadernos de <i>Deveres escolares</i> da Escola da rua Ampère.....	2	»
232	Doze desenhos feitos (d'après nature) por alumnos da mesma escola.....	12	quads.

233	Photographia (grupo de alumnos, directora e professoras) da Escola Maternal da rua Ampère.....	1 quad.
234	Uma caixa — <i>Methodo intuitivo francez</i> —, por Mme. Monternault, adoptado na mesma escola.....	1 caixa
235	Uma caixa — <i>Petites plaquettes metriques</i> — da mesma auctora, adoptado na mesma escola.....	1 »
236	Uma caixa com uma grande collecção de trabalhos manuaes de alumnos da mesma escola.....	1 coll.
237	Photographia (grupo do director e professores) da escola da rua Thandou.....	1 quad.
238	Seis desenhos (d'après nature) por alumnos da mesma escola.....	6 quads.
239	Nove cadernos de deveres escolares por alumnos da mesma escola.....	9 vol.
240 a 244	Trabalhos manuaes em madeira por alumnos da mesma.....	5 »
245	Dezeseis trabalhos de desenho (cópias por alumnos da Escola Infantil do Boulevard de Malesherbe).....	16 quads.
246	Vinte e sete lindos trabalhos de trançado em papel por alumnos da mesma escola.....	27 »
247	Cinco trabalhos elementares do mesmo genero por alumnos da mesma escola.....	5 »
248	Quatro exemplares de flôres de lã, trabalho dos alumnos da mesma escola.....	4 »
249	Photographia (grupo) da mesma escola.....	1 quad.
250	Dez cadernos de deveres escolares da Escola Infantil da rua <i>Tanger</i>	10 »
251	Dez desenhos de alumnos da mesma escola....	10 »
252	Quinze trabalhos de alumnos da mesma escola (trançado).....	15 vol.
253 a 262	Trabalhos de gesso pelos alumnos da escola da rua Tournefort.....	10 »
263	Dois cadernos de deveres escolares de alumnos da mesma escola.....	2 »
264	Uma photographia da mesma escola (grupo de alumnos).....	1 quad.
265	Uma photographia do <i>atelier</i> da Escola do Boulevard Mont-Parnase.....	1 »
266	Um caderno de deveres escolares da Escola da rua do General Foy.....	1 vol.

267	Tres desenhos de alumnos da mesma escola...	3 quads.
268	Tres trabalhos em madeira de alumnos da mesma escola.....	3 vol.
269	Um exemplar da <i>Marselheza</i> , adoptado nas escolas francezas.....	1 »
270	Collecção de 23 trabalhos em ferro, feitos por alumnos da Escola da rua Tournefort....	23 »
271	Collecção de 32 trabalhos de carpinteria feitos por alumnos da escola da rua Tournefort..	32 vol.
272	Collecção de 14 trabalhos de torno (madeira) por alumnos da escola da rua Tournefort.	14 »
273	Uma caixinha de madeira por alumnos da mesma escola.....	1 »
274	Um cofre, idem.....	1 »
275	Um quadro de madeira, idem.....	1 »
276	Uma colher de páu, idem.....	1 »
277	Uma pequena estante de madeira, idem.....	1 »
278	Um calice de madeira, idem.....	1 »
279	Uma columna de madeira, idem.....	1 »
280	Um cabo de rebote, idem.....	1 »
281	Duas facas para papel, de madeira, idem.....	2 »
282	Uma maçaneta de madeira, idem.....	1 »
283	Uma outra maçaneta de madeira, idem.....	1 »
284	Um jarro de madeira, idem.....	1 »
285	Um pequeno jarro, de madeira, idem.....	1 »
286	Um porta-joias, de madeira, idem.....	1 »
287	Um porta-papeis, de madeira, idem.....	1 »
288	Collecção de 14 desenhos feitos por alumnos da escola da rua Tanger.....	14 quads.
289	Collecção de 10 cadernos (deveres escolares) por alumnos da mesma escola.....	10 vol.
290	Collecção de 8 quadros (premios) adoptados na mesma escola.....	8 quads.
291	Collecção de 12 quadrinhos (premios semanaes) idem.....	12 »
292	Um Hymno francez.....	1 vol.
293	Uma canção franceza.....	1 »
294	Uma estampa—A Republica—cópia da estatua que se encontra em todas as escolas francezas.....	1 quad.
295	Quatro photographias, grupos de alumnos da escola da rua Tanger.....	4 »
296	Doze trabalhos em madeira, feitos por alumnos da escola da rua Tanger.....	12 vol.

297	Uma photographia da escola communal de Montreuil —s— Bois.....	1 quad.
298	Collecção de 8 photographias da escola communal para o sexo feminino da rua Tanger	8 quads.
299	Uma photographia, grupo da directora e professoras da mesma escola.....	1 quad.
299	▲ Prospecto da Escola Municipal <i>Diderot</i> , 4 exemplares.....	4 vol.
300	Collecção de 6 cadernos (deveres escolares) da escola do sexo feminino da rua Tanger...	6 »
301	Collecção de 4 trabalhos de costura da mesma escola.....	4 »
302	Collecção de 3 trabalhos de <i>marca</i> da mesma escola.....	3 »
303	Duas photographias do <i>atelier</i> da Escola da rua Tournefort.....	2 quads.
304	Uma photographia (grupo de alumnos da mesma escola) com o antigo director, Mr. Laubier.....	1 »
305	Collecção de 11 trabalhos (bordado sobre papel) por alumnos da escola maternal de rapazes do boulevard Malesherbes.....	11 vol.
306	Dois cadernos (deveres escolares) da escola maternal da rua Ampère.....	2 »
307	Collecção de 10 desenhos de alumnos da escola da rua Thandou.....	10 quads.
308	Extracto do Regulamento da Associação Escolar de Soccorros Mutuos.....	1 vol.
309	Modelo impresso da Inspeção medica (boletim) nos estabelecimentos escolares communaes.	1 »
310	Collecção de 8 trabalhos em madeira pelos alumnos da escola da rua Tanger.....	8 »
310	▲ Caderno especial de deveres mensaes (modelo impresso).....	1 »

BELGICA

311	Collecção de 17 cadernos de geographia da Belgica (<i>Geographie elementair edes écoles</i>)	17 »
312	Methodo de trabalhos manuaes, completo (systema Boogaerts), methodo moderno.....	1 »

313	Congrès international de l'enseignement (Bruxelles, 1880) Rapports preliminaires, publicação da Sociedade <i>Liga do Ensino</i> , 1 grosso volume.....	1 vol.
314	Organisation de l'Epargne dans les écoles primaires.....	1 »
315	Hygiene escolar—Instrucções aos professores.	1 »
316	Organisação dos jardins infantis em Bruxellas.	1 »
317	Regulamento das escolas de Bruxellas.....	1 »
318	Regulamento dos alumnos e meios de instrucção para o povo.....	1 »
319	Regulamento e programma dos cursos de adultos.....	1 »
320	Tratado de cosmographia, por A. Sluys.....	1 »
321	Methodo de leitura, escripta e orthographia, por A. Sluys.....	1 »
322	Catalogo especial da Administração de Bruxellas na Exposição Universal de Anvers, em 1885.....	1 »
323	Quadro mural com os objectos necessarios para uma escola.....	1 quad.
324	Lista (manuscripto) do Mobiliario e material necessario para uma escola de 700 alumnos e cartas e papeis explicativos sobre o preço do material escolar, acompanhando a lista acima citada.....	1 vol.
325	Plano escolar de Bruxellas e arredores (mappa)	1 quad.
326	A <i>Escola-Modelo</i> — publicação da Liga do Ensino.....	1 vol.
327	Collecção de 8 trabalhos sobre cartão pelo systema Boogaerts, da escola n. 3.....	8 »
328	Collecção de 15 trabalhos feitos por alumnos da escola n. 3, da rua Nouveau Marché aux Grains.....	15 »
329	Quatro trabalhos de contas do Jardim Infantil n. 5, da rue des Fleuristes.....	4 »
330	Dois trabalhos em papelão, por alumnos da mesma escola.....	2 »
331	Collecção de 22 desenhos (5º anno) dos alumnos da escola n. 3.....	22 quads.
332	Planta do 1º andar da mesma escola.....	1 »
333	Um Caderno de <i>Deveres</i> escolares da mesma escola.....	1 vol.
334	Planta de uma sala de aula da mesma escola.	1 quad.

- | | | | |
|-----|--|----|-------|
| 335 | Collecção de 35 desenhos a auto-copista, da mesma escola..... | 35 | vol. |
| 336 | L'instruction integrale a l'Orphelinat Prevost por Alexis Sluys, director da Escola Normal de Bruxellas..... | 1 | » |
| 337 | Les jardins d'enfants d'Anvers, por A. Sluys. | 1 | » |
| 338 | Noticia sobre os trabalhos manuaes pelo systema Boogaerts..... | 1 | » |
| 339 | Modelos impressos de escripturação escolar... | 1 | coll. |
| 340 | Idem sobre hygiene escolar (collecção)..... | 1 | » |
-

INDICE

PARTE PRIMEIRA — PORTUGAL E HESPAÑA

LISBOA

	PAGS.
INTRODUÇÃO.....	
Impressão produzida pelas escolas de Lisboa e Porto, pelo corpo docente, dificuldades com que vivem os professores portuguezes. A entrega do ensino primario brasileiro ás municipalidades, etc.....	9
A competencia e a dedicação ao ensino nos professores portuguezes. O ensino em Portugal entregue ás municipalidades e sob a direcção geral do Ministerio da Instrucção Publica.....	41
Divisão e numero das escolas publicas de Lisboa. Carta de lei de 2 de Maio de 1882, reorganizando o ensino.....	12
Divisão do ensino primario em dois graus. Materias do programma do ensino elementar e do complementar.....	13
<i>Obrigatoriedade do ensino.</i> Artigos da lei sobre esse assumpto.....	14
Duração dos exercicios escolares, especies de escolas primarias, escolas centraes em logares populosos, como é feito o ensino complementar e como são regidas as escolas primarias.....	15
Cursos nocturnos, dominicaes e temporarios, commissões promotoras de ensino, modo do provimento das cadeiras.....	16
Capacidade legal para o ensino elementar e para o complementar, vitaliciedade, vencimentos, gratificação <i>pro labore</i> e penas disciplinares dos professores.....	17
Exames de instrucção primaria, sua <i>obligatoriedade</i> para os alumnos das escolas particulares e das creanças que recebem o ensino na casa paterna ; o que é exigido para a matricula nas escolas complementares ; direitos para a matricula nos lyceus.....	18

O ensino normal com separação dos sexos, pensão que ganham os normalistas internos.....	18
A escola primaria annexa, inspectores escolares, pratica de cinco annos de serviço n'uma escola publica primaria e habilitações de professor, exigidas para o cargo de inspector escolar districtal.....	19
Conferencias pedagogicas, gratificações aos professores que comparecem, duração e objecto das conferencias, concursos para os livros didacticos, premios aos professores e aos alumnos.....	19
Asylos de educação, obrigações das juntas parochiaes.....	20
Lei de 11 de Julho de 1880, augmento de 25 % nos ordenados dos professores, de seis em seis annos : prazo para os recursos de multas, sub-inspectores districtaes, auxilios á iniciativa particular, premios.....	20
Medalha de ouro para os benemeritos da instrucção.....	21
Portaria de 27 de Julho de 1882 fixando as férias e feriados; considerações sobre esse assumpto, etc.....	21
O numero de cursos nocturnos gratuitos em Portugal, em 1866.....	22
O numero de escolas funcionando em edificios proprios, em 1879.....	22
EXTRACTO do Regulamento para as escolas centraes de Lisboa:	
Como é dividido o ensino, classes e cursos.....	23
Duração dos cursos, a classe infantil, conferencias dos directores de escolas com o inspector districtal, a escripturação escolar.....	24
As categorias dos professores das escolas centraes e o ensino que compete a cada categoria. Discriminação dos sexos na regencia das escolas. Responsabilidades dos professores.....	25
Deveres e prohibições impostas aos professores. Habitação do professor na escola, imposta como obrigação.....	26
Como é feito o pagamento dos professores e mais pessoal das escolas centraes ; o Conselho escolar, museus e excursões escolares, o asseio a que são obrigados os alumnos ; faltas não justificadas dos alumnos, premios e exposições escolares.....	27
A festa escolar da distribuição de premios e a exposição annual dos trabalhos escolares.....	28
PROGRAMMA de cada uma das classes das escolas centraes de Lisboa :	
Programma de leitura..... (para as tres classes).....	29
» » escripta..... (» »).....	31
» » arithmetica e systema metrico (» »).....	33
» » moral e doutrina christã.... (» »).....	37
» » desenho linear..... (» »).....	38
» » grammatica (» »).....	39
» » lavoies..... (» »).....	43
» » chorographia..... (» a 3ª »).....	44

Programma de elementos da historia de Portugal..... (para a 3ª classe).....	44
» » gymnastica (ensino por professores especiaes).....	45
» <i>para o ensino de instrucção primaria complementar :</i>	
» de leitura, calligraphia e arithmetica..... (para os dois sexos).....	46
» » geometria..... (» » »).....	47
» » grammatica e exercicios de lingua portugueza. (» » »).....	49
» » systema legal de pesos e medidas..... (» » »).....	50
» » chronologia e geographia. (» » »).....	51
» » historia de Portugal e desenho linear..... (» » »).....	52
» » desenho á simples vista e desenho geometrico.. (» » »).....	53
» » moral e historia sagrada. (» » »).....	53
» » noções elementares de hygiene..... (» » »).....	54
» » noções elementares de agricultura..... (para o sexo masculino).....	55
» » gymnastica..... (» » »).....	56
» » canto coral..... (para os dois sexos).....	56
» » direitos e deveres do cidadão..... (para o sexo masculino).....	57
» » deveres de mãe de familia. (para o sexo feminino).....	58
» » prendas proprias do sexo. (» » »).....	59
» » escripturação..... (para os dois sexos).....	59
» » economia rural, industrial ou commercial..... (para o sexo masculino).....	59
» » rudimentos de physica e chimica..... (para os dois sexos).....	60
» » historia natural (botanica e zoologia)..... (para o sexo masculino).....	62
» » historia natural (minera- logia e geologia).... (» » »).....	63
» » economia domestica..... (para o sexo feminino).....	63
» » desenho de ornato applicado ás obras do sexo. (» » »).....	64

LISTA dos livros adoptados nas escolas publicas de Lisboa :

Livros de leitura.....	64
» » grammatica, arithmetica e systema metrico.....	65

	Pags.
Livros de geometria, desenho linear, moral e religião, historia e geographia e lições de cousas.....	66
» » calligraphia e composição.....	67
Descripção do systema de fornecimento do material ás escolas.....	67
Apreciação sobre os livros adoptados.....	67
ESCOLA MUNICIPAL CENTRAL N. 1 (Descripção da escola, o pessoal, e muitas outras informações obtidas em demorada visita).....	69
BATALHÕES ESCOLARES.....	71
A bibliotheca da escola central n. 1 e bibliothecas populares de Lisboa.	71
ESCOLA CENTRAL N. 2 (Descripção e informações).....	72
ESCOLA CENTRAL N. 5 (» »).....	72
ESCOLA MARIA PIA (» »).....	73
Os fins a que se destina a Escola Maria Pia, suas vantagens.....	74
Os estudos da Escola Maria Pia e os seus cursos.....	75
Quadro da distribuição annual das disciplinas na Escola Maria Pia....	76
ESCOLA CENTRAL N. 6 (Descripção e informações uteis).....	77
ESCOLA CENTRAL N. 19 (» » »).....	78
ESCOLA PAROCHIAL... (» » »).....	79
ESCOLA RODRIGUES SAMPAIO E MUSEU PEDAGOGICO.....	81
Os fins a que se destina a Escola Rodrigues Sampaio, seus cursos, programmas, etc.....	83
PROGRAMMA das officinas de trabalhos manuaes da Escola Rodrigues Sampaio:	
Officina para trabalhos de ferro (curso de tres annos).....	84
» » » » madeira (» » »).....	86
Offerta de trabalhos de alumnos dessa escola ao <i>Pedagogium</i>	88
ESCOLA FRÖBEL (Descripção, idade da matricula, divisão do ensino e outras informações uteis).....	88
Alguns artigos do Regulamento dos jardins infantis de Lisboa.....	90
Continuação da descripção da visita á Escola Fröbel.....	91
ESCOLA MODELO MIXTA. Fins e descripção dessa escola.....	92
Mobilia escolar adoptada, modificações feitas nessa mobilia.....	93
ESCOLA PRIMARIA na freguezia de S. Pedro de Maximinos, em Braga....	95
BATALHÕES ESCOLARES, uniformes e armas adoptadas.....	96
Escolas normaes em Lisboa.....	96
Lyceus de ensino superior para ambos os sexos separadamente. Visita do auctor a outros estabelecimentos importantes.....	97
A CASA PIA, importante estabelecimento de educação em Belém.	97
Considerações finaes.....	97

PORTO

	PAGS.
INTRODUÇÃO. Nota sobre a extincção do Ministerio da Instrucção. Os methodos empregados no ensino da leitura.....	99
Descripção resumida dos methodos de leitura dos professores Alfredo Julio de Brito e Simões Raposo.....	100
Os methodos de João de Deus e do Abbade de Arcozello.....	101
Prospecto do Abbade de Arcozello sobre o seu methodo.....	103
Regulamento das Escolas municipaes do Porto.....	106
Como está dividido o ensino nas escolas, o Conselho escolar, uniformi- dade nos livros, a escripturação e a inspecção escolar, habilitações exigidas para o logar de inspector escolar.....	107
PROGRAMMA para as escolas officaes do Porto:	
1ª Classe — lingua materna, escripta e calligraphia.....	108
» » — arithmetica.....	109
2ª » — lingua materna e grammatica.....	109
» » — arithmetica, escripta, calligraphia, orthographia e desenho.....	110
3ª » — lingua materna, grammatica, orthographia, calligra- phia, licções educativas.....	111
» » — arithmetica e desenho linear.....	112
4ª » — lingua materna, grammatica, arithmetica e historia patria.....	112
» » — geographia e chorographia, moral e gymnastica.....	113
» » — trabalhos de agulha e doutrina christã.....	114
OFFICINA DE S. JOSÉ (seus fins, descripção do estabelecimento).....	114
Condições de admissão na officina de S. José.....	115
A dotação, administração, resultados colhidos e pessoal da officina....	116
Designação dos estudos da officina de S. José.....	117
Continuação da descripção da visita á officina de S. José.....	118
ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL mantida por uma associação particular, de- scripção da escola, impressão causada e informações obtidas.....	120
ESCOLA PAROCHIAL MUNICIPAL DE S. ILDEFONSO (Descripção da visita e informações obtidas).....	122
ESCOLA PAROCHIAL DE CEDOFEITA (Descripção e informações).....	123
ESCOLA NORMAL DO PORTO (para o sexo masculino).....	124
Descripção do edificio, impressão causada no visitante, considerações..	125
Pessoal administrativo e docente, penas disciplinares.....	126
Exercicios praticos dos alumnos na escola annexa, escripturação escolar.	127
O jardim botânico da Escola Normal do Porto.....	128

	PAGS.
As visitas ao jardim botanico da Escola Normal, os trabalhos de analyse chimica e de microscopia, etc.....	129
ESCOLA ANNEXA (O ensino nessa escola, o seu director, a Caixa Economica escolar).....	130
Como se divide o ensino na Escola annexa, a matricula, os <i>passaios escolares</i> e outras informações uteis.....	131
O numero de escolas elementares, complementares e normaes, mantidas pela Camara Municipal do Porto.....	132
O imposto destinado ao ensino primario.....	132
Considerações finaes. Resumo dos trabalhos. A Academia Real das Sciencias. A Sociedade de Geographia; o Museu geologico e anthropologico; Bibliothecas; a Universidade de Coimbra; Demonstrações de apreço e sympathia; a Imprensa portugueza; a Associação dos Professores de Lisboa, etc., etc.....	132

HESPAÑHA

MADRID

INTRODUÇÃO. Dificuldades em encontrar a legação brasileira. As férias da semana santa.....	137
Entrevistas do auctor com o Inspector de Instrução Publica. Promessas desse Inspector não cumpridas.....	138
JARDIM INFANTIL (Descripção da escola, o pessoal, systema de ensino, idade da matricula e outras informações).....	138
O ASYLO DEL PARDO (Descripção do edificio, a escola do asylo, a capella, o modo por que é elle custeado, etc).....	141
COLLEGIO DE SURDOS-MUDOS E CEGOS (Impressões de uma visita demorada, o edificio, o adiantamento e os trabalhos admiraveis dos alumnos, etc.).....	142
ESCOLA PRIMARIA MODELO. Seus tres graus de ensino primario, material, salas de aula e pessoal.....	143
MUSEU PEDAGOGICO. Descripção, um bom banco escolar, as suas colleções, livros offerecidos pelo director e remettidos ao <i>Pedagogium</i>	144

PARTE SEGUNDA — FRANÇA

PARIS

	PAGS.
INTRODUÇÃO.....	149
As razões do regresso do auctor. Impossibilidade de ficar na Europa á espera da solução de um requerimento, falta de recursos. De como o auctor procurou corresponder aos desejos da Inspectoria Geral de Instrucção.....	150
Como se dividem as escolas de Paris e quaes os seus fins.....	154
O ensino primario custeado pelas municipalidades sob a direcção geral do Ministerio da Instrucção. As <i>bolsas</i> , <i>meias-bolsas</i> e <i>quartos de bolsa</i> , as horas do funcionamento das escolas.....	156
A instrucção primaria em Paris depois de 1871. Considerações sobre o assumpto. Incremento dado nos ultimos annos ao ensino da geographia e á instrucção popular em geral.....	157
Dados estatisticos sobre o ensino primario em França depois de 1871...	158
O numero de alumnos das escolas normaes de França em 1888 e considerações do auctor sobre esse facto.....	159
O numero de escolas communaes em Paris, ou antes, de predios escolares em que funcionam varias escolas.....	160
Os edificios, deveres dos directores, o asseio, a média dos professores, salas de desenho, pateos de gymnastica, etc., das escolas de Paris.....	161
A questão do asseio e dos predios escolares, ornamentação das salas de aula, etc., considerações.....	162
O movimento das escolas nos paizes europeus. Desgostos do auctor por ter sido coagido a regressar. A média dos professores em cada escola de Paris.....	164
Hygiene escolar em Paris. O que aqui já se pretendeu fazer nesse sentido.....	164
Caixas medicas.....	165
Cursos de enfermeiro nas escolas de Paris.....	166
As cantinas escolares.....	166
Caixas escolares (recompensas aos alumnos pobres).....	167
LEGISLAÇÃO :	
Lei de 16 de Junho de 1881 sobre gratuidade absoluta do ensino, impostos para a sustentação do ensino primario.....	167

	Pags.
Lei de 28 de Março de 1882 (ensino primario obrigatorio, materias de ensino, a instrucção religiosa, Commissão municipal escolar)....	168
Certificado de estudos primarios, obrigações dos paes e tutores, etc.....	169
Penas impostas aos directores de escolas particulares e aos paes ou tutores sobre as faltas das creanças ás escolas.....	170
Dispensas de frequencia escolar ás creanças empregadas na industria ou por outro motivo valioso.....	171
Exame das creanças que recebem a instrucção na familia, o jury de exame.....	172
A Caixa das escolas.....	172
RESUMO da lei de 30 de Outubro de 1886 :	
Estabelecimentos de ensino primario. Condições exigidas para director ou adjunto em uma escola publica e para que os estrangeiros possam leccionar em escolas particulares.....	173
Condições exigidas para que um estrangeiro possa dirigir collegio particular, discriminação dos sexos dos professores das escolas publicas. Caso unico em que senhoras podem, sómente como adjunctas, leccionar nas escolas do sexo masculino. Edade legal exigida para professores e professoras.....	174
Edade exigida para director de escola elementar ou primaria superior, classes de aprendizes e de adultos, inspecção do ensino publico e particular.....	175
Habilitações exigidas para o cargo de inspector primario districtal ; considerações sobre esse ponto importante ; o que se faz no Brazil	176
O que a lei exige para o estabelecimento de escolas publicas.....	177
Despezas obrigatorias das communas relativamente ao ensino. Pessoal leigo. Divisão dos professores em <i>praticantes e titulares</i> . Condições exigidas para <i>titular</i> . Os directores são titulares. O tempo gasto na Escola Normal contado como praticante. Os adjunctos..	178
Profissões interdictas aos professores. Penas aos titulares e praticantes, appellações, remoções e demissões dos directores de escolas primarias superiores.....	179
A interdicção temporaria e absoluta, recompensas aos funcionarios do ensino publico primario, determinações sobre escolas particulares	180
Penas de multa e prisão aos directores de escolas particulares.....	181
Penas para os directores e professores particulares immoraes. Conselhos de ensino primario ; o pessoal desses Conselhos.....	182
Reuniões do Conselho de ensino primario. As commissões escolares, pessoal e outras informações sobre as commissões escolares.....	183
Reuniões da Commissão municipal escolar.Appellação das suas decisões	184
ESCOLAS MATERNAES. Organisação, vigilancia e inspecção pelo decreto de 2 de Agosto de 1881. Edade da matricula.....	184

O ensino nas escolas maternas ; quem as póde dirigir. Edade exigida para directora e sub-directora, assim como para os mesmos cargos quando essas escolas são annexas a um curso normal. A inspecção das escolas maternas desempenhada por senhoras. Edade, pratica e habilitações exigidas para esse fim.....	185
O exame de aptidão para a inspecção de escolas maternas. Comissões de senhoras patrocinadoras e obrigações dessas comissões. A inspecção das escolas maternas particulares.....	186
Secções em que são divididas as creanças das escolas maternas publicas e como são administrados os primeiros principios de educação moral, os conhecimentos sobre objectos usuaes e os exercicios de linguagem.....	186
Como é dado nas escolas maternas o ensino do desenho, da leitura e escripta, do calculo, da historia natural, da geographia e recitação.....	187
Como é dado nas escolas maternas o ensino de exercicios manuaes, canto e exercicios gymnasticos, duração das licções ou exercicios, o material exigido nessas escolas, condições da matricula, férias ás professoras, reprehensões ás creanças.....	188
Visitas semanaes do medico ás escolas maternas, como são nomeadas as directoras e escolhidas as professoras.....	189
Aviso de 2 de Agosto de 1881 relativo ás escolas maternas publicas. Tempo em que funcionam, escripturação escolar.....	189
Proibições impostas ás directoras e sub-directoras, salubridade e limpeza, os regulamentos dessas escolas, o decreto marcando os vencimentos das directoras e sub-directoras ; o decreto que reorganisa a <i>Escola Pape-Carpentier</i> destinada a formar professoras para as escolas maternas e data do Aviso que trata da organização pedagogica dessas escolas.....	190
Objecto da escola maternal.....	191
Segundo methodo (escolas maternas)......	192
Plano e divisão do curso.....	193
O livro <i>Écoles primaires</i> de F. Narjoux. Informações que nelle se podem colher sobre construcção e installação de escolas.....	193
ESCOLAS INFANTIS. O que são, suas vantagens. Como devem ser estabelecidas e dirigidas. Recommendações de Paul Bert.....	194
ESCOLAS PRIMARIAS. Condições da matricula. Duração das aulas.....	197
ESCOLAS de — meio tempo — annexas ás escolas primarias. Horas em que funcionam. Recreios.....	197
Asseio e salubridade, prohibição de representações theatraes e livros não auctorizados, systema de punições, como é dividido o ensino e a duração dos estudos na escola primaria.....	198

Os cadernos de deveres escolares, o triplice objectivo do ensino, condições a que deve satisfazer a divisão dos exercicios na escola primaria.....	190
Como devem ser divididas as 30 horas de classe por semana na escola primaria.....	200
Quando devem ser feitos os exercicios gymnasticos e os dos batalhões escolares.....	201

PROGRAMMA resumido dos 3 cursos da escola primaria :

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL — *Curso elementar* (7 a 9 annos) :

Leitura, escripta, lingua franceza.....	201
Historia, geographia, instrucção civica, calculo arithmetico.....	202
Geometria, desenho, sciencias naturaes, agricultura e canto.....	203

Curso médio (9 a 11 annos) :

Leitura, escripta, lingua franceza.....	203
Historia, geographia, instrucção civica, calculo, geometria, desenho.....	204
Sciencias naturaes, agricultura e canto.....	205

Curso superior (11 a 13 annos) :

Leitura, escripta, lingua franceza.....	205
Historia, geographia, instrucção civica, calculo arithmetico, geometria.....	206
Desenho de ornamento, sciencias physicas e naturaes.....	207
Agricultura e canto.....	208

EDUCAÇÃO MORAL — *Curso elementar* (7 a 9 annos).....

<i>Curso médio</i> (9 a 11 annos).....	209
<i>Curso superior</i> (11 a 13 annos).....	211

EDUCAÇÃO PHYSICA — *Curso elementar* (7 a 9 annos) :

Cuidados de hygiene e limpeza, gymnastica, exercicios militares, trabalhos manuaes para os meninos, trabalhos manuaes para as meninas.....	212
--	-----

Curso médio (9 a 11 annos) :

Hygiene e limpeza, gymnastica, exercicios militares e trabalhos manuaes para os meninos, trabalhos manuaes para as meninas.....	212
---	-----

Curso superior (11 a 13 annos) :

Hygiene e limpeza, gymnastica, exercicios militares, trabalhos manuaes para os meninos, trabalhos manuaes para as meninas.....	213
--	-----

	PAGS.
Opinião dos Srs. Brouard e G. Defondon sobre a educação intellectual na escola primaria.....	214
Idem sobre a educação physica e o methodo empregado nas escolas francezas.....	215
CONSELHOS e direcções officiaes dados aos professores francezes para a execução dos programmas :	
Leitura corrente com explicação das palavras (curso elementar)	216
» » » » » » (» medio....)	217
Escripta — Primeiros elementos..... (» elementar)	217
Lingua franceza — Ensino grammatical..... (» »)	218
» » » » (» medio....)	218
Historia — Principios e processos geraes..... (» elementar)	219
» » » » (» medio....)	219
» » » » (» superior..)	220
Geographia..... (» elementar)	221
» (» medio....)	221
Calculo e systema metrico..... (» elementar)	221
» » » (» medio....)	222
Geometria e desenho..... (» elementar)	222
» » (» medio....)	222
» » (» superior..)	223
Copia integral do regulamento para as escolas publicas de Paris.....	223
Indicações para o emprego do tempo durante uma semana, tabella..... (Curso elementar)	227
Indicações para o emprego do tempo durante uma semana, tabella..... (» medio....)	227
Indicações para o emprego do tempo durante uma semana, tabella..... (» superior..)	228
ESCOLAS primarias superiores :	
O que é necessario para a sua fundação e manutenção.....	228
Titulo e organisação do estabelecimento. Quando se denomina <i>curso complementar</i> e quando <i>escola primaria superior</i>	229
Duração dos estudos e numero de classes, quer nos cursos complementares, quer nas escolas primarias superiores. Quando é que a escola primaria superior se chama de <i>pleno exercicio</i>	229
Direcção. O que é exigido para a direcção.....	229
Pessoal docente. Condições exigidas nos professores, etc.....	230
Condições de admissão e numero de alumnos.....	230
Local. Diferença de localisação entre o <i>curso complementar</i> e a <i>escola primaria superior</i> . Como devem estar providas.....	230
Extensão e limites do ensino nos cursos complementares e nas escolas primarias superiores.....	231

Divisão e emprego do tempo. O ensino de desenho, canto, linguas vivas, gymnastica, trabalhos manuaes, etc., confiados a professores especiaes.....	232
Admissão ás escolas primarias superiores. Obrigação do exame....	232
Exames finais. A certidão de estudos primarios superiores.....	233

PROGRAMMA dos cursos complementares :

<i>Educação physica</i> e preparação para o apprendizado profissional (Gymnastica, exercicios militares, trabalhos manuaes para um e outro sexo) ..	233
<i>Educação intellectual</i> (Leitura, lingua franceza, historia).....	233
» » (geographia, instrucção civica, arithmetica, geometria, agrimensura, sciencias physicas, sciencias naturaes, agricultura, desenho, canto, linguas vivas).....	234
<i>Educação moral</i> (Caracter do ensino, meios, a Familia, a Sociedade, a Patria).....	234

PROGRAMMA das escolas primarias superiores:

<i>Educação physica</i> (Gymnastica).....	235
Exercicios militares, trabalhos manuaes para um e outro sexo.....	236
<i>Educação intellectual</i> . Leitura, escripta, lingua franceza, historia.	236
Geographia, instrucção civica arithmetica, geometria, agrimensura, algebra, sciencias physicas.....	237
Chimica, elementos de sciencias naturaes, geologia, hygiene.....	238
Agricultura, desenho, canto, linguas vivas.....	239
<i>Educação moral</i> . Preliminares, moral pratica.....	239
O trabalho manual nas escolas primarias. Suas vantagens.....	240
O trabalho manual nas escolas de Paris. Um inspector especial desse ensino	241
Escolas profissionaes. Principios que presidiram á sua organização em França.....	241
Noticia do decreto de 17 de março de 1888 sobre as escolas manuaes de apprendizagem.....	242
Circular de 30 de junho de 1888 dando ás escolas profissionaes o mesmo <i>Programma e Legislação</i> das escolas primarias superiores.....	243
O que estatúe a lei de 11 de dezembro de 1880 sobre as escolas manuaes de apprendizagem officiaes ou não officiaes.....	243
O que determina o decreto de 17 de março de 1888 sobre escolas de apprendizagem, primarias superiores ou complementares que tenham cursos ou classes profissionaes.....	243
O que determina o decreto de 28 de julho de 1888 sobre essas escolas....	244

	PÁGS.
Disposições especiaes para as escolas ou classes industriaes (tabella I do emprego do tempo).....	245
Disposições especiaes para as escolas ou classes commerciaes (tabella II do emprego do tempo).....	245
Considerações sobre o ensino e o emprego do tempo, o pessoal docente, etc., nessas escolas.....	246
Considerações do auctor sobre o trabalho manual nas escolas de Paris e sobre as escolas profissionaes.....	247
Continuação do mesmo assumpto. O que entre nós já se tem feito.....	249
Alguns dados estatísticos sobre o ensino profissional em varios paizes da Europa.....	249
Considerações sobre o que temos actualmente e o que devemos fazer sobre trabalho manual e ensino profissional.....	250
As escolas primarias superiores mais notaveis de Paris.....	251
Commissão de vigilancia de que fazem parte senhoras, para escolas do sexo feminino.....	251
Cursos nocturnos (para adultos e aprendizes) que funcionam nas escolas primarias de ensino primario, canto, desenho, modelação, especiaes de desenho para o sexo feminino, escola de bellas-artes e industrias, etc.....	251
Escolas profissionaes notaveis.....	252
Escolas profissionaes para o sexo feminino, idade de admissão, duração dos cursos, etc.....	253
Cursos commerciaes, grau elementar e superior, programmas, diplomas, etc.....	254
Bolsas (Modo de ser de sua concessão).....	254
Condições para concorrer á obtenção de uma bolsa, as provas do concurso, etc.....	256
Escolas normaes primarias. Seus fins, fundação, manutenção, duração do curso, etc.....	257
A escola primaria annexa, o programma e direcção das escolas normaes primarias.....	258
Condições de admissão e férias nas escolas normaes primarias.....	259
Os uniformes e a vigilancia quanto á correspondencia dos alumnos internos de um ou de outro sexo das escolas normaes primarias.....	260
Escolas normaes primarias superiores (O ensino, condições e exames de admissão).....	260
RECOMPENSAS HONORIFICAS AOS PROFESSORES publicos primarios.....	261
Diplomas de capacidade profissional.....	262
Passeios escolares.....	263
Nomeações de professores. Como eram feitas desde 1789 até 1871 e como são actualmente.....	264
Exame das creanças que recebem a instrucção na familia.....	267
Banhos quentes e de natção.....	269

	PAGS.
Convenção franco-suiça.....	271
Livros adoptados.....	272
METHODOS :	
<i>La Citologie</i> , methodo de leitura por H. A. Dupont, (descripção resumida do methodo).....	273
Methodo de Toussaint (descripção resumida do methodo).....	274
Noticia de um outro livro do mesmo auctor.....	275
Methodo de Neel.....	275
Methodo de Sarrandon (descripção resumida do methodo).....	276
Methodo Michel (« « « »).....	277
Methodo Regimbeau (escripta e orthographia).....	279
Syllabario Regimbeau e noticia de outras obras didacticas do mesmo auctor.....	280
Quadros de leitura por varios professores (descripção resumida do methodo e noticia de outras obras didacticas dos mesmos auctores)	281
Methodo intuitivo de M ^{me} Monternault (descripção resumida do methodo).....	284
Outro methodo de M ^{me} Monternault (« « »)	285
ESCOLA COMMUNAL DA RUA TANGER N. 41 :	
<i>Escola do sexo masculino.</i> —Descripção do edificio e da mobilia, vantagens e vencimentos do director, numero de alumnos, bibliothecas escolares circulantes, salas de aula, pessoal docente, officinas, e outras informações.....	286
BATALHÕES ESCOLARES. As grandes paradas e formaturas desses batalhões	290
<i>Escola do sexo feminino.</i> —Descripção e informações obtidas na visita..	291
<i>Curso complementar.</i> —Descripção e informações obtidas na visita. Uma lição de geographia do Brazil.....	292
<i>Curso de menagère.</i> — Interessantes informações obtidas em demorada visita. Uma cozinha escolar. O — menu — de um almoço feito por meninas. A directora e seu marido condecorados.....	293
<i>Asylo infantil.</i> —Descripção e informações obtidas na visita. O grande adiantamento dos alumnos.....	294
ESCOLA DIDEROT (escola de aprendizagem) :	
Descripção e informações obtidas na visita. Admissão, exames, etc.....	295
O character dos estudos, o objectivo e duração da aprendizagem na Escola Diderot.....	297
Varias informações e programma do ensino na Escola Diderot.....	298
ESCOLA COMMUNAL DA RUA AMPÈRE N. 18 :	
<i>Escola do sexo masculino.</i> —Descripção e informações obtidas na visita. A aula de desenho, a divisão da bibliotheca escolar circulante,	

um methodo calligraphico, a caixa medica, um curso de enfermeiro. As saudações dos alumnos aos visitantes, ao director, professores, etc.....	300
<i>Escola infantil.</i> — Descrição e informações obtidas na visita. Uma lição de cousas.....	303
ESCOLA MATERNAL DO BOULEVARD MALHESHERBES :	
Descrição e informações obtidas na visita.....	304
ESCOLA COMMUNAL DA RUA DO GENERAL FOY :	
Descrição da visita e informações sobre a escola.....	305
ESCOLA COMMUNAL DA RUA THANDOU N. 3 :	
Descrição e informações obtidas na visita. Uma boa lição de gymnastica e uma boa lição de desenho. Os exercicios publicos dos batalhões escolares.....	307
Stand communal :	
Descrição e informações obtidas na visita. Gymnastica, tiro ao alvo, etc.....	309
ESCOLA COMMUNAL DA RUA TOURNEFORT (Escola Salicis) :	
Importantes informações.....	310
Programma, classificação dos alumnos e organização do trabalho na mesma escola.....	316
Os cursos professados, as classes e o numero de horas dos cursos da mesma escola.....	320
Methodo seguido no ensino do trabalho manual na mesma escola.....	320
ESCOLA COMMUNAL DO BOULEVARD DU MONT-PARNASE.....	322
MUSEU PEDAGOGICO :	
Descrição do edificio. Informações obtidas.....	322
Instrucções que regulam os emprestimos de livros da bibliotheca circulante do Museu pedagogico.....	325
As mais preciosas colleções do Museu Pedagogico.....	327
BIBLIOTHECA MUNICIPAL E DE ARTE INDUSTRIAL.....	330
Considerações finais.....	330

PARTE TERCEIRA — BELGICA

BRUXELLAS

	PAGS.
INTRODUÇÃO.....	333
Semelhanças entre as escolas belgas e francezas. Superioridade das primeiras em varios pontos.....	333
Noticia sobre o começo dos trabalhos do auctor na Belgica. Auxilios prestados.....	334
A lista das escolas a visitar, fornecida pelo Inspector Geral da Instrucção em Bruxellas. O director da Escola Normal.....	335
Considerações sobre o ensino. A lucta dos partidos politicos belgas....	336
Historico do movimento pedagogico na Belgica, desde 1830.....	338
Alguns artigos dos Estatutos da <i>Liga do Ensino</i>	366
O que ha que ver e admirar no ensino belga, mesmo nas épochas de sua decadencia.....	369
Considerações do auctor sobre a possibilidade de extinguir-se no Brazil o Ministerio da Instrucção Publica.....	369
Continuação do historico do movimento pedagogico na Belgica desde 1830 e confronto de alguns artigos das leis principaes do ensino nesse paiz.....	372
Alguns topicos principaes da lei dos liberaes belgas, de 1879 :	
O que determina o art. 1º, a quem se deve entregar o ensino religioso, e o que determina o art. 2º.....	373
As materias do programma de ensino primario, os livros didacticos. Respeito a todas as crenças religiosas, a inspecção escolar.....	374
O inspector geral das escolas, commissões de vigilancia, commissões escolares, vencimentos e gratificações addicionaes dos professores, a quem competem as despezas do ensino publico primario.....	375
Alguns topicos principaes da lei clerical de 20 de Setembro de 1884, actualmente em vigor :	
Obrigatoriedade do estabelecimento de escolas publicas pelas communas. Podem ser adoptadas para tal fim escolas particulares, a idade escolar. Não é obrigatorio o ensino na Belgica. Condições para a matricula. Obrigações dos Conselhos communaes.....	376
As materias do programma e as despezas do ensino primario. Obrigações dos Conselhos communaes quanto ás nomeações, vencimentos, suspensões e demissões dos professores. Condições	

exigidas para o professorado. A inspecção das escolas, menos sobre religião e moral. Inspectores <i>principaes</i> e <i>cantonaes</i>	377
Reuniões trimestraes dos professores, presididas pelos inspectores <i>cantonaes</i> ; idem annuaes presididas pelos inspectores <i>principaes</i> . Os inspectores nomeados por decreto real. A organização das Escolas Normaes pertencendo ao Estado. Cursos de religião nas escolas normaes, havendo para os normalistas plena liberdade de consciencia. Distincção entre escolas e <i>cursos</i> ou <i>secções</i> normaes.....	378
As materias obrigatorias e as facultativas nas escolas normaes, tanto para as de um como para as de outro sexo. Cursos <i>addicionaes</i> , curso de preparatorios, escola de applicação, condições de admissão.....	379
A organização das escolas normaes entregue ao Ministerio da Instrucção. O que é preciso para que as escolas normaes particulares tenham a approvação do Estado, e outras informações.....	380
RESUMO do <i>Regulamento de ordem interior</i> , actualmente em vigor nas escolas belgas:	
I.— <i>Do ensino</i> :	
E' gratuito. Proibições aos professores. Como deve ser dado o ensino e as materias que comprehende.....	380
Quaes os livros de que se fará uso. Como devem ser feitos os exercicios de leitura, de escripta, de orthographia, de redacção, de geometria, de arithmetica, de systema metrico, o registro das licções, etc..	382
II.— <i>Do pessoal docente</i> :	
Os directores e os professores. O registro estabelecido no art. 5º, reuniões mensaes do corpo docente de cada escola, sob a presidencia dos directores. Abertura da porta da escola.....	383
Algumas disposições legaes sobre os professores, promoções dos professores. Tempo de pratica exigido para as promoções. Quadros do pessoal de cada escola. Considerações.....	384
Exames para as promoções dos professores.....	386
Exames para a promoção a director, quando ha vagas.....	387
O jury de exames para a promoção dos professores e para o cargo de director.....	388
Tabella dos vencimentos dos professores e directores, conforme o seu grau. Comparação com os dos professores da Capital do Brazil..	388
O que estatuem os arts. 13 e 14 da lei sobre vantagens aos professores..	389
III.— <i>Dos alumnos</i> :	
A classificação, o registro de matricula, etc.....	389

IV.— *Da duração das aulas e da disciplina:*

O horario. Horas em que começam e terminam as aulas. A chamada dos alumnos.....	390
Asseio e procedimento dos alumnos. O medico da escola e os seus deveres. Os alumnos doentes ou indispostos, o mappa diario, as recompensas dos alumnos. Os tres exames de cada alumno por anno.....	391
Premios especiaes de canto e gymnastica. Como é feita a distribuição. Os premios especiaes de trabalhos manuaes. O premio <i>geral</i>	392
O <i>Diploma de Honra</i> , as excursões como premio. O regulamento dos deveres dos alumnos. Proibição dos castigos corporaes. As punições admittidas, a exclusão definitiva.....	393
O <i>regimen da punição</i> . Proibição ao alumno de mudar de escola sem auctorização do director de instrucção, etc.....	394

V.— *Excursões escolares:*

Excursões quinzenalmente. Quaes os seus fins. Organização das excursões e o <i>registro de propstas</i> para as mesmas. Preparativos para as excursões, etc.....	394
--	-----

VI.— *Das férias e feriados:*

Considerações sobre as férias das escolas publicas na Capital Federal..	395
---	-----

VII.— *Das commissões escolares:*

Sua organização e seus fins.....	397
----------------------------------	-----

VIII.— *Das assembléas dos directores das escolas:*

Vantagens que se poderiam obter com iguaes assembléas dos nossos professores	399
--	-----

IX.— *Do local e do mobiliario:*

O asseio e o arejamento das salas escolares. Proibições. Inscricção na porta principal de cada sala de aula nas escolas belgas...	400
---	-----

X.— *Bibliotheca escolar:*

Para uso dos professores, dos alumnos e do publico, sendo para o publico em dias e horas determinados, etc.....	400
---	-----

Algumas disposições importantes do *Regulamento dos alumnos:*

Obediencia do alumno ao director e professores, as reclamações. As horas e os modos pelos quaes os paes e tutores podem dirigir-se aos directores. Como se faz no Brazil. Como se retiram os alumnos diariamente das aulas. Como entre nós muita gente pensa a esse respeito. Considerações sobre este ponto de disciplina escolar.....	401
Proibições impostas aos alumnos.....	402

	PAGS.
Proibições impostas aos alumnos, de accordo com as posturas municipaes, posturas que são ensinadas ás creanças das escolas belgas e fazem parte do <i>Regulamento dos alumnos</i> . Os nossos habitos de educação.....	403
Continuação das proibições de accordo com as posturas municipaes...	404
Vantagens de ser o ensino das posturas acompanhado das punições ás infracções, introduzido nas nossas escolas, etc.....	405
As varias especies em que se dividem as escolas de Bruxellas.....	406
JARDINS INFANTIS :	
O seu numero em Bruxellas e o dos arrabaldes.....	406
Fins e organização dos jardins infantis. Sem o jardim infantil a escola primaria não dá resultados. O jardim infantil é o fundamento da escola primaria, a base da educação popular.....	407
O que é preciso para que o jardim infantil preencha a sua função. Esforços a empregar pela jardineira, disposições do local.....	408
Condições essenciaes, o que deve ser exigido das jardineiras, enumeração das peças que deve conter um jardim infantil.....	409
Continuação dos fins e organização do jardim infantil.....	410
Extracto do Regulamento dos jardins infantis.....	411
ESCOLAS PRIMARIAS :	
O seu numero em Bruxellas. Confronto com o que temos e considerações sobre este assumpto.....	414
A idade exigida para a matricula, a frequencia, condições de admissão. Todos os professores são diplomados nas escolas belgas, professores especiaes, etc.....	416
ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES :	
A idade de admissão e as condições de matriculas. As escolas <i>médias</i> ou de ensino secundario existentes em outras cidades belgas. Os tres graus de ensino primario em Bruxellas.....	417
<i>Escola primaria superior para rapazes.</i> — O seu programma, quantos annos de estudos, maximo de alumnos por classe. As carreiras para as quaes se prepara o alumno na classe superior. Idade de admissão. Qual o pagamento exigido dos que almoçam na escola. Caso em que se dá a gratuidade de frequencia no curso superior.....	417
<i>Escola primaria superior para meninas, com jardim infantil.</i> O programma, quantos annos de estudos. Idade das creanças para o jardim infantil, os pagamentos e casos em que ha nelles reduções	418
ESCOLAS DE ADULTOS :	
Onde e quando funccionam. Categorias dos cursos de adultos. O programma, condições de admissão, etc.....	418

	Pags.
CURSOS ESPECIAES DE GYMNASICA PARA ADULTOS :	
Onde e quando funcceionam, etc.....	419
CURSOS SUPERIORES DE ADULTOS :	
Seus fins e programma, vantagens, modo de inscripção, logar e hora em que funcceionam, etc.....	420
ESCOLAS DE MEIO TEMPO :	
Onde e quando funcceionam, seus fins, etc.....	420
ESCOLA MÈNAGÈRE :	
Onde e quando funciona. Que cursos comprehende, duração dos cursos, gratuidade de frequencia. Edade e condições da matricula	421
CURSO NOCTURNO DE MÈNAGÈRE :	
O seu ensino, etc.....	421
ESCOLAS PROFISSIONAES:	
<i>Sexo feminino.</i> Numero destas escolas em Bruxellas, materias dos cursos da da <i>ruc du Marais</i> , vantagens, preço da pensão, etc...	422
A escola profissional para o sexo feminino da <i>ruc de Poignon</i> . Divisão dos seus cursos e as materias que comprehendem, condições de admissão, etc.....	423
A escola profissional e de <i>menagère</i> da <i>place de la Chapelle</i> . Divisão dos cursos e materias do programma de cada um, preço da pensão, etc.....	423
<i>Sexo masculino.</i> Numero destas escolas em Bruxellas. A escola profissional de alfaiates, seus cursos, materias que comprehendem e horas em que funcceionam. Conferencias. Gratuidade da frequencia só para os pobres. Preço da pensão. Condições de admissão, premios pecuniarios semanaes destinados á Caixa Economica, etc.....	424
A escola profissional de typographia. Divisão do curso profissional e do ensino de letras e sciencias, materias do programma, edade e condições de admissão, a que horas funcceionam os cursos. Cursos aos domingos, etc.....	425
Escola nacional de relojoaria, electricidade e machinas. Seus fins, duração dos estudos, materias dos programmas dos cursos practicos e theoreticos. Diplomas. Pensões (bolsas) para o estrangeiro aos alumnos distinctos. Condições de admissão Deposito em dinheiro, feito pelos paes na occasião da matricula, etc.....	426
Pensionato communal para meninas. Seus fins, edade de admissão, preço da pensão, etc.....	428
Escola industrial. Seus fins e materias do programma, categorias de alumnos, condições de admissão e preço das pensões, gratuidade aos pobres que tiverem <i>bolsas</i> (pensão).....	429

	PAGS.
<i>Cursos gratuitos de canto</i> para homens e para senhoras. Dias, horas e logares em que funcionam.....	430
<i>Curso gratuito de desenho industrial.</i> Onde funciona, seus fins. Curso de desenho profissional no mesmo local; dias e horas em que funciona.....	430
<i>Cursos publicos para os dois sexos.</i> Dias, horas e local onde funcionam, etc.....	430
<i>Escolas normaes communaes.</i> Onde funciona a do sexo masculino e onde a do feminino. Condições para a matricula. Quantos annos de estudos, diplomas, etc.....	431
Programma do ensino dado nas escolas primarias e escolas annexas ás escolas normaes. Conselhos dados pelo <i>Guia official dos professores</i> , sobre :	
EDUCAÇÃO EM GERAL — <i>Educação moral</i> :	
Conselhos dos professores sobre a educação physica, intellectual e moral. A educação moral considerada como a obra mais importante do professorado. Como deve ser feita a cultura moral do alumno. Meios de que o professor deve usar.....	431
<i>Educação intellectual</i> :	
Seus fins. Como deve ser leccionado o programma. Ensino intuitivo (excursões, herborisações, etc.).....	434
Como devem ser feitas as excursões. Museus e outros logares que devem ser visitados.....	435
<i>Educação physica</i> :	
Como deve ser dada. Passeios hygienicos e recreativos.....	435
Razões pelas quaes se julgou util dar aqui o programma das escolas belgas..	437
PROGRAMMA. Os 6 annos de estudos :	
<i>Lingua materna.</i> Pronuniação, elocução, recitação. O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	
O que entre nós já exigiu nas escolas publicas um inspector geral.....	439
<i>Escripta.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	
» 1º anno de estudos. Exercicios preliminares.....	440
» 2º, 3º, 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	441
<i>Leitura.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino. O 1º e 2º anno de estudos.....	
» O 3º, 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	442
<i>Orthographia.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	
» O 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	444

	Pags.
<i>Noções grammaticaes e orthographia relativa.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	445
<i>Noções de grammatica.</i> O 1º anno de estudos.....	446
» » O 2º e o 3º anno de estudos.....	446
» » O 4º anno de estudos.....	447
» » O 5º anno de estudos.....	448
» » O 6º anno de estudos.....	449
<i>Redacção.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	449
» O 1º, 2º e 3º anno de estudos.....	450
» O 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	451
<i>Segunda lingua</i> (flamenga). Não é dado este programma, por ser identico ao anterior.....	451
<i>Calculo.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	451
» O 1º e 2º anno de estudos. Calculo intuitivo, mental e escripto.....	453
» O 3º anno de estudos. Numeração.....	453
» O 4º anno de estudos. Numeração.....	454
» O 5º e 6º anno de estudos. Calculo mental.....	455
<i>Systema metrico.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	456
» O 1º e 2º anno de estudos.....	458
» O 3º anno de estudos.....	459
» O 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	460
<i>Modelos geometricos.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino..	461
Exercicios sobre esta e outras disciplinas, vistos pelo auctor	462
<i>Modelos geometricos.</i> O 1º anno de estudos.....	463
» » O 2º » »	464
» » O 3º » »	465
» » O 4º, 5º » »	466
» » O 6º » »	467
<i>Geographia.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	468
» O 3º anno de estudos.....	469
» O 4º e 5º anno de estudos.....	471
» O 6º anno de estudos.....	472
<i>Historia.</i> Instrucções geraes. O modo pelo qual deve ser dado este ensino	473
» O 5º e 6º anno de estudos, unicos em que è leccionada...	475
<i>Noções de direito constitucional.</i> (Para os rapazes sómente) :	
» » » O 6º anno, unico em que é dado este ensino.....	476

<i>Noções de economia social.</i> (Sómente para os rapazes) :		
»	»	O 6º anno, unico em que é dado este ensino.....*
		477
» » <i>domestica.</i> (Sómente para as meninas) :		
»	»	O 5º e 6º anno, unicos em que é dado este ensino.....
		477
<i>Noções elementares de sciencias naturaes.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino. E' um dos programmas mais dignos de attenção.....		478
O 1º anno de estudos.....		479
O 2º » »		481
O 3º » »		483
O 4º » »		484
O 5º » »		486
O 6º » »		488
<i>Desenho.</i> O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....		490
Desenho á mão livre, sem auxilio de instrumentos :		
O 1º anno de estudos.....		492
O 2º, 3º e 4º anno de estudos.....		493
O 5º anno de estudos.....		494
O 6º anno de estudos.....		495
<i>Musica.</i> (Canto por audição e solfejo) :		
»	O 1º anno de estudos.....	495
»	O 2º, 3º, 4º e 5º anno de estudos.....	496
»	O 6º anno de estudos.....	497
<i>Trabalhos manuaes</i> (para os meninos). O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....		497
»	» O 1º e o 2º anno de estudos.....	499
»	» O 3º, 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	500
»	» (para as meninas). O modo pelo qual deve ser dado este ensino. Methodologia especial...	501
»	» Côte e confecção de vestuarios 1º e 2º anno de estudos.....	502
	O 3º, 4º, 5º e 6º anno de estudos.....	503
<i>Gymnastica.</i> Ligeiro resumo.....		504
»	Lista dos aparelhos que devem servir para o ensino da gymnastica nos jardins infantis.....	504
»	Lista dos aparelhos que devem servir para o ensino da gymnastica em uma escola primaria de meninos	505

	Pags.
<i>Gymnastica</i> . Algumas disposições do programma sobre a gymnastica nos jardins infantis.....	506
» Algumas disposições do programma sobre a gymnastica nas escolas primarias, no grau superior das escolas médias para rapazes e das mesmas escolas para meninas.....	507
<i>Natação</i> . Ensino obrigatorio para ambos os sexos no 2º e 3º grau. O modo pelo qual deve ser dado este ensino.....	508
HORARIO GERAL.— Horas de aula e de recreio, tanto para um como para outro sexo.....	509
» » Horario minucioso para as escolas de meninos (tabella).....	510 e 511
» » Horario minucioso para as escolas de meninas (tabella).....	512 e 513
Alguns traços historicos sobre a introduccão do ensino de trabalhos manuaes na Belgica.....	514
Qual deve ser a base e o programma no ensino dos trabalhos manuaes segundo as conclusões do relatorio de uma commissão de professores belgas, incumbida de seguir em Nãäts (Suecia) o curso do Sr. Salomon.....	515
Continuacão dos traços historicos sobre a introduccão do ensino de trabalhos manuaes na Belgica.....	516
O methodo do Sr. Boogaerts (trabalhos manuaes).....	517
Visita a uma classe de trabalhos manuaes pelo systema Boogaerts, Como o auctor obteve exemplares desse methodo. Trechos de um artigo da <i>Revista Pedagogica Belga</i> sobre o mesmo methodo....	519
O prefacio do editor do methodo Boogaerts.....	521
Vantagens do methodo Boogaerts sob o ponto de vista do ensino.....	523
Descripção da materia contida no livro do Sr. Boogaerts, a base do methodo e os trabalhos que por elle se fazem.....	524
Methodo analytico e synthetico de leitura e orthographia de Mr. Sluys e descripção resumida desse methodo.....	526
Opinião do eminente professor Sluys sobre os importantes assumptos pedagogicos seguintes :	
Importancia de um bom methodo de leitura.....	529
Ler comprehendendo.....	531
A escripta e a leitura.....	532
A leitura e a orthographia.....	534
Da solettração e da emissão de sons. Classificação convencional. O <i>a-b-c</i> pertencendo ao periodo barbaro da pedagogia, falta de unidade nos nomes das consoantes, o processo da <i>emissão dos sons</i> contemporaneo de Luthero, methodo sem solettração no 18º seculo, o <i>Lautmethode</i> , o <i>Klankmethode</i> , Nieuwald, primeiro auctor, em 1794, da leitura sem solettração, etc.....	535

	PAGS.
Os elementos da palavra (inspiração e expiração).....	536
Exercícios de gymnastica dos pulmões. O que constitúe a —voz— e o que constitúe— a <i>palavra</i> —, etc.....	537
O que são as vogaes puras, as vogaes nasaladas e as consoantes.....	538
Ordem no ensino dos elementos.....	538
Ordem a seguir no ensino da leitura elemental.....	538
Leitura simultanea.....	540
Leitura em alta voz no domicilio.....	541
Circular aos paes dos alumnos relativa á leitura em voz alta.....	541
Considerações sobre a possibilidade de enviar-se aos paes dos alumnos das nossas escolas publicas identica circular.....	544
Tratado de Cosmographia de Mr. Sluys.....	544
Hygiene escolar (folheto distribuido aos professores contendo instrucções summarias sobre os primeiros symptomas de molestias transmissiveis. Divisão dessas molestias em quatro categorias)..	545
Carta do director da Escola Normal de Bruxellas ao auctor.....	546
Carta do Sr. Léon Favresse, de Bruxellas, ao auctor, sobre o custo total do material necessario para uma escola de 700 alumnos.....	548
Lista da mobiliá e material didactico necessario para uma escola de 700 alumnos que Mr. Favresse se propõe a fornecer :	
A — Mobilia.....	549
B — Apparelhos para o gymnasio.....	550
C — Material didactico (Geographia).....	551
D — Fórmias geometricas.....	551
E — Systema metrico.....	552
F — Calculo intuitivo.....	55 ²
G — Sciencias.....	553
H — Musica.....	553
I — Desenho.....	553
Provisões classicas para uso. Lista das quantidades approximativas necessarias para 1 anno.....	553
Acquisição de uns folhetos sobre— <i>Condições a observar na construcção das escolas</i> ,—e sobre— <i>Caixas economicas escolares em Bruxellas</i> ..	554
Acquisição da importante obra — <i>Congresso internacional do ensino</i> —, publicada pela <i>Liga do Ensino</i>	554
Questões pedagogicas de que trata o livro — <i>Congresso internacional do ensino</i>	555
Acquisição do livro — <i>A Escola Modelo</i> — publicado pela <i>Liga do Ensino</i> . Assumptos pedagogicos importantes de que elle trata.....	557
Dados estatisticos colhidos no relatorio apresentado ao Conselho Communal em 1890 sobre a média da frequência nas escolas primarias, cursos de adultos, escola industrial, escola normal, resultados de exames finaes, etc.....	558

Caixas economicas escolares (depositos feitos). Resolução tomada a esse respeito em um Congresso de professores publicos de Bruxellas..	560
Outros dados estatisticos colhidos no relatorio apresentado ao Conselho Communal em 1890 sobre o ensino médio do 1º e do 2º grau para ambos os sexos, bolsas de estudos, colonias escolares, cursos de economia domestica e cursos manuaes.....	560
ENSINO PROFISSIONAL.— Apontamentos estatisticos, programmas, pessoal, etc., colhidos no mesmo relatorio de 1890, sobre :	
Escola profissional — A — da rue des Marais e Escola profissional e de <i>menagère</i> da place de la Chapelle.....	562
Escola profissional — B —, rue du Poinçon e Escola de <i>menagère</i> rue Locquenghien.....	563
Escola profissional de alfaiates.....	565
Escola profissional de typographia.....	565
Trechos do relatorio de Mr. J. Leroux apresentado ao governo francez sobre o ensino profissional elementar na Belgica.....	566
A ESCOLA MODELO de Bruxellas :	
Importancia da Escola-Modelo, sua influencia, onde funciona, situação das salas de aula, etc.....	568
O numero de alumnos que comporta, numero das salas de aula e suas dimensões, pátéos e suas dimensões, data da sua criação pela <i>Liga do Ensino</i> , os seus fins e as suas collecções de ensino,.....	569
As excursões escolares dos alumnos, uma excursão do auctor com Mr. Sluys, importancia das excursões e passeios escolares.....	570
O numero annual de excursões e passeios escolares dos alumnos, Dupla visita a essa escola. As salas e as aulas de desenho, Como é dado o ensino de desenho.....	572
A bibliotheca escolar, o archivo, a <i>Planta escolar de Bruxellas</i> , uma aula de trabalhos manuaes pelo methodo Boogaerts.....	573
As aulas de trabalhos manuaes (carpinteria e torno), Opiniões de Mr. Sluys sobre os trabalhos manuaes em ferro, Opiniões do mesmo professor sobre os batalhões escolares e considerações do auctor a este respeito,.....	574
Opiniões, não só sobre o ensino, como politicas e philosophicas, de Mr. Sluys. Opiniões do mesmo illustre professor sobre castigos corporaes e sobre penas e recompensas. Considerações do auctor.	575
Necessidade absoluta da criação, entre nós, de casas ou asylos correcionaes e asylos infantis.....	577
A questão das penas e recompensas. Considerações do auctor sobre este importante ponto de pedagogia moderna.....	577
Continuação da discussão sobre o mesmo assumpto, acompanhando o Regulamento da Escola-Modelo de Bruxellas.....	580

Continuação do mesmo assumpto e discussão das razões apresentadas contra os premios pelo notavel pedagogista F. A. Berra, de Montevideó.....	581
A distribuição de premios no fim do anno lectivo de 1891, aos alumnos das escolas publicas desta capital.....	587
Um castigo applicado a alguns alumnos de mau procedimento e que foi visto pelo auctor.....	588
A plena liberdade no recreio dos alumnos. Um brinquedo infantil perigoso. Uma lição de historia natural. Uma aula de musica por um novo methodo, denominado — <i>musica modal</i> —. Em que consiste esse methodo.....	589
Obras musicaes do methodo modal, onde podem ser adquiridas e seu preço. O gymnasio da Escola-Modelo. Uma lição de gymnastica sem apparatus. A escola de natação. Como está preparada.....	590
Uma lição de natação. Novas informações sobre a Escola-Modelo. O ensino religioso abolido nessa escola.....	591
Supressão da Escola-Modelo pelo Governo belga e sua sustentação pela municipalidade de Bruxellas. Os escrupulos de Mr. Sluys em questões de religião. Um trabalho importante desse professor...	592
ESCOLA COMMUNAL N. 3 :	
Onde funciona. Descrição do edificio.....	592
A impressão que deixa ao visitante. O pateo de gymnastica, o numero de salas de aula e de outros misteres.....	593
A planta do 1º andar, a mobilia, a escripturação e as collecções de trabalhos escolares.....	594
A sala e a aula de desenho. Aulas de geographia, grammatica e arithmetica. A aula de trabalhos manuaes pelo methodo Boogaerts. O director da escola, os professores, etc.....	595
JARDIM INFANTIL N. 5 :	
Onde funciona e sua directora. O edificio. Methodo adoptado. Trabalhos de horticultura e jardinagem dos alumnos. Terriveis consequencias de um inverno rigoroso. Um exemplo para os pobres e pequeninos agricultores.....	596
Numero e idade dos alumnos, o pessoal docente e subalterno. Divisão do ensino em classes. Numero das classes e idades correspondentes. Fundação da escola e seu numero de salas e outras dependencias, habitação da directora. Numero de alumnos em cada classe e o seu trabalho alternado, horas lectivas, etc.....	597
JARDIM INFANTIL N. 7 :	
Onde funciona, o edificio, frequencia e methodo empregado.....	597

	PAGS.
MUSEU PEDAGOGICO]:	
Onde funciona o Museu Pedagogico.....	597
Superioridade, em alguns pontos, sobre o de Paris, a bibliotheca, os gabinetes de physica, chimica e historia natural, a collecção geographica. Um novo systema de porta-mappas. A nossa <i>Revista Pedagogica</i> . As collecções de trabalhos manuaes vindas de varios paizes.....	598
A collecção de trabalhos manuaes pelo methodo Boogaerts. Informaçõs dadas pelo conservador do Museu. Os nomes do director e do conservador. Comparação entre esse e outros museus pedagogicos europeus e o nosso <i>Pedagogium</i>	599
Alguns trechos de uma importante conferencia de Mr. Felix Narjoux sobre o thema— As escolas publicas na Europa —, que o auctor achou muito a proposito das condições actuaes do Brazil, sobre o ensino popular e especialmente sobre construcção e reparação de edificios escolares.....	600
Uma nota sobre estatistica escolar.— Dados estatisticos a accrescentar ás paginas 158, 159 e 160 deste livro. As despezas da França com o ensino primario e o accrescimento da população escolar.....	602
Continuação do mesmo assumpto. Diminuição admiravel no numero de analfabetos em França. Um confronto entre o nosso ensino primario e o de algumas capitaes e cidades da Europa, relativamente á população. O cônhecimento da verdade ordenado pelo verdadeiro patriotismo.....	603
CONCLUSÃO. A data da partida para a Europa por dois annos e a da volta do auctor. Descontos a fazer no tempo em que esteve fóra da patria. Esperanças que ainda nutre.....	604
O voto de louvor do Conselho Director da Instrucção Publica, desgostos por não ter sido concluida a commissão. Apresentação dos trabalhos feitos para que sejam julgados pela Inspectoria Geral de Instrucção Publica.....	605
RELAÇÃO dos livros e objectos vindos de Portugal, Hespanha, França e Belgica, offerecidos ao <i>Pedagogium</i> peles professores Luiz dos Reis:	
Portugal (Lisboa e Porto).....	607
Hespanha (Madrid).....	613
França (Paris).....	614
Belgica (Bruxellas).....	617

INDICE DAS GRAVURAS

LISBOA

	PAGS.
I. —Escola municipal central n. 1 (Fachada principal e fachadas lateraes).....	70
II. —Planta da Escola municipal central n. 1.....	70
III. —Escola Infantil pelo systema Froebel, estabelecida no Passeio da Estrella.....	88
IV. —Planta da Escola Infantil pelo systema Fröbel, estabelecida no Jardim da Estrella.....	89
V. —Escola Modelo Mixta, em edificação na Avenida da Liberdade (Fachada principal).....	92
VI. —Planta da Escola Modelo Mixta, em edificação na Avenida da Liberdade.....	93

BRUXELLAS

VII. —Fachada da Escola Modelo.....	568
VIII. —Planta da Escola Modelo.....	569
IX. —Planta do 1º andar da Escola primaria n. 3 (escola do sexo masculino).....	594



